



Contributo para a História do Humanismo  
em Portugal

**Poesia, Epistolografia e Oratória  
de Jerónimo Cardoso**

Tomo II  
Notas, Anexo e Índices Remissivos

Telmo Corujo dos Reis

Funchal  
2006

Notas ao  
Libellus de Terraemotu  
De Vario Amore Ecloga  
De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio

### Página 5

1- De Rui Gonçalves da Câmara, que por esta carta nuncupatória sabemos ter sido aluno de Jerónimo Cardoso, diz Cristóvão Alão de Morais, na sua *Pedatura Lusitana (Nobiliário das Famílias de Portugal)*, Vol. 1, Tomo 3, publicado por Alexandre António Pereira de Miranda Vasconcellos et alii, Porto, Livraria Fernando Machado, 1945, p. 284: «*Ruy Gls. da Camera F.º deste Manoel da Camera n. 5 Foi tambem 5.º Capitão da Ilha de S. Miguel e 1.º Conde de Villa-franca na mesma Ilha por merce delRei Felipe 2.º. Casou com D. Isabel de Gusmão filha de D. Fran.º Coutinho 3.º Conde de Redondo [...]*».

Em nota o genealogista refere que o título de Conde lhe foi atribuído no ano de 1583 e corrige o nome da esposa de Rui Gonçalves da Câmara, dizendo que se chamava Joana.

2- Manuel da Câmara, segundo Cristóvão Alão de Morais, era filho de Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão Donatário da Ilha de São Miguel, e era bisneto de um outro Rui Gonçalves da Câmara, filho segundo de João Gonçalves Zarco, Capitão Donatário do Funchal, natural de Matosinhos e descobridor, juntamente com Tristão Vaz, da Ilha da Madeira. Era, portanto, um trineto de Zarco.

Dele diz Cristóvão Alão de Morais, *op. cit.*, p. 284: «*Manoel da Camera f.º 2.º deste foi tambem 4.º Capitão da Ilha de São Miguel: foi captivo no Cabo de Guê no ano de 1545 custou seu resgate mais de 20 U cruzados. Casou com D. Joanna de Mendoça filha de Jorge de Mello Monteiro mór delRei D. João o 3.º [...]*».

Acrescenta o genealogista, em nota, que «*morreo no ano de 1578 a 13 de Março sendo de 74 a.*».

3- Ilustram a prática referida por Cardoso, entre muitos, os sobejamente conhecidos casos de Catulo e de Horácio. O primeiro dedicou os seus *Carmina* ao historiador C. Cornélio Nepos (*Carmina*, 1); o segundo dedicou as *Odes* a Mecenas, aristocrata, amigo e colaborador de Octávio, futuro imperador Augusto (*Carmina siue Odae*, 1, 1).

### Página 6

1- As palavras «*Iussuque tuo emissos*» parecem indicar que Rui Gonçalves da Câmara encorajou a publicação do presente livro. Quanto a um eventual apoio financeiro, pelo contexto da carta e, sobretudo, pelo seu final, ele ter-se-á ficado a dever à generosidade de seu pai, Manuel da Câmara.

2- Rui Gonçalves da Câmara foi, assim, aluno de Jerónimo Cardoso. Sobre a presente metáfora, que podemos designar como «*milícia do saber*», cf. *infra*, Ep. 49, p. 177.

3- Isto é, a 26 de Janeiro de 1531.

### Página 7

1- Ao referir-se a Manuel da Câmara como «*Maecenati meo atque patrono*», Jerónimo Cardoso faz uma clara alusão ao apoio dele recebido, tanto moral como financeiro. Semelhantes circunstâncias dão a entender ter sido ele o patrocinador da edição deste livro.

2- Ou seja, a 31 de Dezembro de 1547.

### Página 8

1- Este hino, bem como o poema que abre os *Elegiarum Libri II* (El. 1, 1, «*Ad Dium Ioannem Baptistam*»), são os únicos textos de carácter sagrado conservados na obra de Jerónimo Cardoso. Não é improvável que a eles se refira em duas das suas cartas (Ep. 12 e Ep. 60), ambas endereçadas a Martinho Coelho.

Na primeira, remetida junto com uns «*hymnos quosdam*», Cardoso tece várias considerações acerca das dificuldades que este género de poesia lhe coloca e do modo como os seus contemporâneos a acolhiam. Na segunda, posterior, compraz-se em explicar o entusiasmo com que Martinho Coelho os acolheu, justificando-o com a amizade que os unia e revelando, perto do final, que ele fora em tempos seu aluno.

2- Jerónimo Cardoso (como de resto outros humanistas do seu tempo) faz acompanhar os nomes dos santos cristãos do título de *Diuus* (ou *Diua*). Tal uso vocabular prende-se mais a uma tentativa de emprestar aos textos uma pátina literária antiga do que a quaisquer concepções religiosas heterodoxas de natureza pagã ou politeísta, pelo que foi largamente usado, por grande número de autores, durante o período da Renascença, a par com o uso tradicional ortodoxo de *sanctus* e de *Deus*. Esta prática não foi sequer exclusiva dos textos humanísticos em língua latina, atente-se, por exemplo, no caso de Luís de Camões: «Aqui, só verdadeiros, gloriosos/ Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,/ Júpiter, Juno, fomos fabulosos, Fingidos de mortal e cego engano» (*Os Lusíadas*, 10-82).

Efectivamente, o substantivo ou adjectivo *diius*, na sua etimologia e significado, de maneira nenhuma corresponde a *sanctus*, adjectivo verbal que parte do verbo *sancio* e significa «sancionado», «tornado sagrado» ou «consagrado». Assim sendo, *diius* como atributo só poderá ser aplicado ao próprio Cristo, ao passo que *sanctus*, de bom uso, deverá qualificar todas aquelas pessoas que após a sua morte foram canonizadas pela Igreja. Veja-se, a este propósito, Américo da Costa Ramalho, *Estudos Camonianos*, p. 18.

Para outros exemplos desta prática em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Virginei coetus diuum per templa frequentes» (*Lib.* 2, 255, p. 18); «post festum Lucia diua tuum» (*Mon.* 7, 28, p. 227); «Hoc fore promittit tibi Lucia diua» (*Mon.* 7, 41, p. 227); «Ad Diuum Ioannem Baptistam» (*El.* 1, 1, título, p. 252) e «Quod non exores diue beate Deum» (*El.* 1, 1, 32, p. 254).

Diga-se ainda que o uso deste adjectivo como substituto de *sanctus* corresponde, nos textos do Renascimento, a uma diferenciação vocabular quando se trata de fazer referência ao próprio Deus, o qual se vê distinguido pelo título com que a Antiguidade Latina homenageava Júpiter, divindade suprema do panteão romano: *Optimus Maximus* (cf. *infra*: «Deum uocarunt Maximum», *Lib.* 2, 7, p. 8). Sobre este assunto, v. *infra*, *Lib.* 18, p. 68, n. 3.

3- Pela extraordinária participação de Maria no mistério da Encarnação do Verbo Divino, que fazia dela a mãe do «Filho de Deus» (não tanto pela sua actuação nos Evangelhos, que é diminuta), cedo lhe foi atribuído um lugar de relevo na devoção das populações do Mediterrâneo e do Médio-Oriente, entre as quais o ancestral culto da Virgem Mãe e de Cibele, a Grande Mãe, havia predisposto o sentimento religioso para o culto de uma divindade matriarcal, por contraposição à divindade marcada e exclusivamente patriarcal dos Judeus, vindo tal a culminar no dogma da Mãe de Deus (Θεοτόκος), proclamado no Concílio de Éfeso de 431, a que Jerónimo Cardoso aqui faz alusão.

4- Paráfrase da saudação angélica, cf. Lc. 1, 28: «Et ingressus ad eam dixit: “Aue gratia plena, Dominus tecum”».

5- A presente afirmação decorre da descida de Cristo aos Infernos, cuja principal fonte, no N. T., é a descrição, em I Pet. 3, 18-20, de Cristo a pregar aos espíritos na prisão: «Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados [...] foi vivificado no espírito, no qual foi também pregar aos espíritos em prisão, a saber, aos que foram incrédulos outrora [...]». Originalmente uma referência à morte de Cristo, esta descida aos infernos foi posteriormente interpretada como o resgate das almas dos fiéis do Antigo Testamento daquilo a que a Teologia Católica ocidental veio a chamar «limbo patrum».

Entre alguns Padres da Igreja, a descida de Cristo aos Infernos é um sinal do seu triunfo sobre os poderes da Morte.

#### Página 9

1- Para a Igreja Católica, considera-se um dogma de fé o ter Deus preservado Maria da mácula do «pecado original» logo desde a sua concepção no seio de sua mãe. Não obstante a definição dogmática da Imaculada Conceição ter ocorrido apenas em meados do Séc. XIX, Jerónimo Cardoso refere-se-lhe muito claramente neste ponto.

2- Cardoso apresenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 253 r.º, um adágio que sintetiza bem o conteúdo destes versos: «Tria mala. Tres males ha y no mundo, .s. ho fogo, & ho mar, & a molher». Veja-se, a respeito desta sentença, na realidade um monástico de Menandro, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1379, p. 628.

#### Página 10

1- Em consequência de ter comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, Adão, o «genitor[...] primus», vê-se expulso do paraíso e «depois de ter expulsado o homem, Deus colocou diante dos jardins do Éden os querubins e uma espada de fogo, que se movia de um lado para o outro de modo a impedir o caminho para a árvore da vida» (Gen. 3, 24).

2- Com recurso a uma metalepse, figura próxima da metonímia, Cardoso refere o *sinál* em vez do objecto significado, neste caso o plectro, simples varinha de marfim, usada para fazer vibrar as cordas da lira, em lugar da poesia. Para outros casos, v. *infra*: «Quis quaeso imposuit male grata silentia plectro/ Quo Geticam poteras aequiparare chelyn» (El. 1, 5-6, p. 277) e «Thamiris ne canora/ Demodiciue chelyn Getici aut modulamina plectri/ Fas erit expetere» (Sil. 12, 22-24, p. 401).

3- Refere-se Jerónimo Cardoso ao rapto de Prosérpina, deusa romana dos Infernos, identificada com a Perséfone dos Gregos. Filha de Zeus e de Deméter (a Ceres romana), Perséfone foi vista certa vez por seu tio Hades (ou Plutão), deus dos Infernos, que logo se apaixonou por ela. Durante uma ausência de Deméter e com a conivência do pai da jovem, Hades aproveitou um instante em que Perséfone apanhava flores em companhia das Ninfas, na planície de Ena, na Sicília. Quando a jovem colhia um narciso (ou um lírio), o chão abriu-se sob os seus pés, o deus apareceu e levou-a para as profundezas da terra. Ao regressar, Deméter não encontra a sua filha e dá início a uma longa busca, que a levou a percorrer todo o mundo conhecido.

Para uma outra alusão ao rapto de Prosérpina, v. *infra*: «Cederet et patruo rapta puella suo» (El. 2, 7, 52, p. 328). Nova alusão a esta divindade, *infra*: «Hunc Venus et flavae Cereris pulcherrima proles» (El. 2, 6, 37, p. 325).

#### Página 11

1- Fruto dos amores contranaturais de Pasífae, esposa de Minos e de um touro enviado por Posídon a este rei, o Minotauro apresentava, como se sabe, corpo de homem e cabeça de touro.

2- Trata-se de Gérion, filho de Crisaor e de Calíroo, cujo corpo monstruoso apresentava três cabeças e era triplo até às ancas.

3- Recorre Jerónimo Cardoso a uma metonímia, em que se toma o efeito pela causa, para aludir a Cérbero, o cão monstruoso que guardava o Reino dos Mortos e tinha três cabeças, uma serpente no lugar da cauda e, ao longo do dorso, uma fila de cabeças de serpente.

Para uma outra alusão a este monstro na poesia de Cardoso, v. *infra*: «Ad tu plectra moue resonanti pectine Paeon,/ Flexura inferni maerentia regna tyranni/ Ter geminumque atri custodem carceris» (Sil. 2, 23-25, p. 368).

4- Medusa, a Górgona por excelência, tinha a cabeça implantada de serpentes de grandes presas, mãos de bronze e asas de ouro. A sua aterradora cabeleira era o resultado de uma punição de Atena, fosse porque Górgona, inicialmente uma bela jovem que se ufanava da beleza dos seus cabelos, tivera a ousadia de se lhe comparar, fosse pelo sacrilégio cometido ao unir-se a Posídon num templo da deusa.

5- Os *Spartoi* (em gr., Σπαρτοί, os «homens semeados») nasceram já armados dos dentes de um dragão. Quando os companheiros de Cadmo foram, na sua maioria, dizimados pelo dragão que guardava a fonte de Ares, o herói foi em seu auxílio e eliminou o monstro; depois, a conselho de Atena, semeou os seus dentes e deles nasceram os *Spartoi*, que eram aguerridos e ameaçadores, pelo que logo se mataram uns aos outros, sobrevivendo apenas cinco: Équion; Udeo; Ctónio; Hiperenor e Peloro, antepassados dos Tebanos.

6- Os Gigantes, nascidos da Terra (Geia) e do sangue que manou de Úrano, seu marido, após a sua mutilação, foram concebidos com o propósito de vingar os Titãs, que Zeus enclausurara no Tártaro. O seu enorme corpo, dotado de uma força invencível, apresentava espessa cabeleira, barba hirsuta e, em lugar das pernas, corpos de serpente. Para uma outra referência a estas criaturas, v. *infra*: «Insuper anguipedes caelum inuasisse Gigantes» (El. 1, 14, 33, p. 278).

7- Na realidade, logo após o seu nascimento, os Gigantes atiraram contra o céu enormes árvores em chamas e grandes penedos. Acabaram no entanto por ser derrotados pelos deuses, em

particular por Zeus e Atena, armados com a égide e o raio, bem como pelas setas de Hércules, dado que, sendo de origem divina, só podiam ser mortos pela acção simultânea de um deus e um mortal.

8- Recorrendo a uma metonímia comum, Cardoso alude tanto ao Oráculo de Apolo em Delfos (cf. Ovídio: «mittitur ad tripodas», *Fast.*, 3, 855) como às profecias dele emanadas (cf. Estácio: «salue, prisca fides tripodum», *Theb.*, 1, 509, e ainda Valério Flaco, 1, 544 e Séneca, *Med.*, 785), que exerceram no mundo grego uma influência extraordinária e de cujos testemunhos está repleta a literatura pagã. A trípole profética, na realidade um banco com três pés (em gr. τρίπους), estava instalada no Templo de Apolo e sobre ela sentava-se a Pítia, para, em transe, proferir os oráculos.

9- Ou seja, as nove Musas, que não eram propriamente «filhas do Hélicon», como o patronímico empregado por Cardoso parece indicar, mas antes, consoante as tradições, de Zeus e de Mnemósine, de Úrano e de Geia (o Céu e a Terra), ou ainda de Harmonia. Viviam nas encostas do Hélicon, monte da Beócia, entoando os seus cantos sob a direcção de Apolo, em redor da fonte de Hipocrene.

10- Com apenas duas ocorrências na prosa de Jerónimo Cardoso (*Lib.* 18, p. 42 e *Ep.* 11, p. 97) este epíteto ritual, que designa, em latim, a deusa Atena, surge recorrentemente na sua poesia, por vezes sob a forma do adjectivo *Palladius*, «de Palas» (cf. *infra*, *El.* 1, 12, 19, p. 273; *El.* 2, 20, 1, p. 352; *El.* 2, 25, 1, p. 357; etc.).

Uma lenda tardia fazia de Palas uma figura distinta da deusa, uma jovem filha do deus Tritão (em gr. Τρίτων, o génio do rio e do lago Tritão, na Tripolitana), junto da qual Atena teria sido criada e a quem acidentalmente matou, tendo fabricado, em sua homenagem, a estátua Paládio.

11- Filha de Zeus e de Métis, a deusa Atena veio a nascer da cabeça de seu pai, porque, quando Métis estava com as dores do parto, Úrano e Geia revelaram a Zeus que, se ela tivesse primeiro uma menina, havia depois de ter um rapaz que o destronaria. O deus engoliu, por isso, a menina e, no momento de a dar à luz, pediu a Hefesto que lhe abrisse a cabeça, dela emergindo Atena, já completamente armada, que logo soltou um aterrador grito de guerra.

Para uma outra alusão ao nascimento desta deusa na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Quare ades o summi Iouis edita uertice Pallas» (*Sil.* 10, 4, p. 392).

12- Encerram estes versos um jogo de palavras, pelo qual o ablativo «febre» (de *febris*, *is*), que, com «cladique», forma o complemento circunstancial de meio, é, pela figura da paronomásia, mentalmente associado a *Februarius*, «Fevereiro», mês que toma o nome das festas de purificação, ditas *februa*, que nele tinham lugar.

Justifica a presente interpretação o adjectivo possessivo «tuae», não explicável de outro modo, e o facto de o sismo ter ocorrido a 26 de Janeiro, ou seja, sete dias antes das Calendas de Fevereiro.

13- Isto é, uma quinta-feira, a que os Romanos, como se sabe, davam o nome de *dies Iouis*, «dia de Júpiter».

14- A locução «dies [...] atra», de uso comum entre os Romanos, designava um dia nefasto, em que era necessário abster-se de qualquer empresa militar ou religiosa, e applicava-se inicialmente ao dia a seguir ao dos Idos (a 14 ou 16, conforme o mês), tendo-se estendido, depois, aos dias que se seguiam às Calendas e às Nonas (a 2 e a 6 ou 8). No caso presente, deve ter sido tomada do seguinte passo de Ovídio, cuja influência é notória: «lux quoque natalis, ne quid nisi triste uideres, / turpis et inductis nubibus atra fuit: / haec est, in fastis cui dat grauis Allia nomen» (*Ibis*, 217-219).

A origem desta tradição atribua-se ao facto de o exército romano ter sido completamente derrotado depois de oferecer sacrificios nesses dias, e em particular na batalha de Ália, que Cardoso recorda neste verso (cf. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1631, p. 739).

Para uma outra ocorrência desta expressão em Jerónimo Cardoso, v. *infra*. «Illinc in quanta uersemur nocte, simulque / Quam sit nostra dies nubila, et atra uidet» (*Ap.* 3, 23-24, pp. 10-11).

15- Referência a duas constelações próximas, visíveis desde o Hemisfério Norte, a segunda das quais, que conhecemos vulgarmente designada pelo epíteto de Ursa Maior, recebeu, ao longo dos tempos e consoante os povos, vários nomes, devido ao desenho formado pelas sete estrelas mais brilhantes: «plaustrum» e «temo», em latim; «o Arado» e «a Barca», em português; «le Chariot», em francês e «Charles Wain» em inglês, cf. Guilherme de Almeida, *op. cit.*, pp. 145-147 e 161.

O atributo «fessus» («fátigado») justifica-se em função da tardia hora da noite em que o sismo ocorreu. Por outro lado, estas duas constelações surgem associadas em Ovídio: «flexerat obliquo plaustrum temone Bootes», (*Met.*, 10, 447).

## Página 12

1- Assim chamado por Jerónimo Cardoso (*Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 248-v.<sup>o</sup>), este antigo engenho de guerra, que Vitrúvio descreve e a que dá o nome de «testudo arietaria», «arietaria machina» e ainda «machina testudo» (10, 13, 6 e 7) servia para os sitiados se aproximarem das muralhas a salvo dos projecteis lançados desde o alto e para as perfurarem.

César refere-se-lhe várias vezes, nos *B. G.*: «perfecerunt relictisque diebus turrets ad altitudinem ualli, falces testudinesque» (5, 42, 4); «hostes [...] turrets testudinesque agere et scalis uallum ascendere coeperunt» (5, 43, 3) e «institutas turrets, testudines munitionesque hostium admirantur» (5, 52, 2).

2- Personificação do vazio primordial, anterior à ordenação dos elementos constitutivos do Universo, o Caos surge-nos aqui como o reino das sombras do Mundo Inferior, o Inferno e, por conseguinte, a morada dos mortos.

3- As «almas dos mortos», segundo a crença romana, ou simplesmente «os mortos», assim designados por antífrase, dado que *Manes* era uma antiga palavra latina que significava «os Benevolentes». Eram objecto de culto, sendo-lhes consagradas duas festas anuais, as *rosaria* (ou *uiolaria*) e as *parentalia*, celebradas de 18 a 21 de Fevereiro.

Para outras alusões nos escritos de Cardoso, v. *infra*: «Et subitos imis Manes exire sepulchris» (*Lib.* 2, 267, p. 19); «Manesque ac Tartara, ipsum denique umbrarum regem, [...] ad lacrimas et misericordiam prouocauit» (*Lib.* 18, p. 52); «uerum (ni fallor) amore/ Hoc me prosequeris Manesque sequere sub imos» (*Sil.* 6, 32-33, p. 381) e «Manesque tui iam labe coquuntur/ Inuidiae» (*Sil.* 10, 47-48, p. 393).

4- Neste caso, o Sol (ou Hélios), filho do Titã Hipérion e da Titânide Tia e irmão da Lua (Selene) e de Aurora (Eos). O nome «Titãs» designa concretamente os seis filhos de Urano e de Geia, geração divina primitiva, à qual sucedeu a dos Olímpicos e aplica-se ao Sol pelo facto de este ser filho de dois Titãs.

Em Jerónimo Cardoso, o nome «Titã» surge sempre como designação poética do Sol, cf. *infra*: «An zephyri totum quatientes flatibus orbem/ Supposuere cauis cum primum terga cauernis/ Quas aperit Titan, quoties flagrantibus orbem/ Succendit loris, finditque caloribus agros» (*Lib.* 2, 102-105, p. 13); «Et Titana suo defectum lumine terris/ Nocturna in media traxisse crepuscula luce» (*Lib.* 2, 265-266, p. 19); «Sidera nunc radiis Titan Ledaeta tenebat/ At nunc Erigones uirginis ora premit» (*El.* 1, 21, 23-24, pp. 291-292); «Aut cum Nemaeos Titan conscenderit armos/ Arentem aut Meroem uel Garamanta petam» (*El.* 2, 5, 23-24, p. 322); «Cornua tunc tauri supereminet ardua Titan/ Qui uexit magnum per freta lata Iouem» (*El.* 2, 7, 25-26, p. 327); «Ad Cardosorum cras sunt certamina Ludum/ Cum medium Titan iam superabit iter» (*El.* 2, 25, 3-4, p. 357); «Bis tetigit piscem Titan duodena recurrens/ Astra, Cleonaei bis pressit terga leonis» (*Sil.* 1, 1-2, p. 365); «Sic liceat donec Titan sua lumina reddat/ Perpetuo tibi ponte frui» (*Sil.* 6, 80-81, p. 382) e «Namque suos ueluti commendant optima quaeque/ Artifices opera, ut caelum, mare, terra Tonantem/ Flamiger et Titan, Titanis et aemula Phoebe» (*Sil.* 14, 20-22, p. 405).

5- Efeito igualmente registado por Plínio-o-Antigo: «Varie itaque quatitur, et mira eduntur opera, [...] alibi auerso fluminum cursu» (*N. H.*, 2, § 193).

6- Sendo o mais velho de entre os Titãs, geração nascida de Urano e de Geia, o Oceano personificava a água que rodeava toda a Terra, a Norte e a Sul, a Este e a Oeste, depois, porém, à medida que os conhecimentos geográficos se foram desenvolvendo, o seu nome acabou por se circunscrever ao Atlântico. De Tétis, sua esposa e irmã, gerou o Oceano todos os rios, riachos, fontes e demais cursos de água.

Para uma outra referência a este Titã, v. *infra*: «Illinc digrediens spectabis ab aere terras/ Quas ambit Nereus Oceanusque pater» (*El.* 2, 16, 9-10, p. 345).

7- Equivalentes latinos dos Sátiros gregos, os Faunos apresentavam-se fisicamente com dupla natureza, meios-homens e meios-bodes, providos de chifres, de cascos e cauda.

Sendo génios dos campos e dos bosques, não resulta clara a intenção das palavras de Cardoso, pois os Faunos não estão, de modo algum, associados ao mar, embora a procissão dos Lupercos, celebrada em sua honra, na qual jovens seminus corriam atrás de mulheres e as flagelavam, seja evocativa dos grupos de jovens banhistas que se divertiam correndo escassamente vestidos pelas praias (cf. *Sil.* 6, 38-39, p. 381: «Quando erit ut uitreis uobiscum immixtus in undis/ Mergar, et aureolis petulans obliucter arenis?»).

Para outras referências a estes génios nos textos de Cardoso e seus correspondentes, v. *infra*: «tametsi inter agrestes Musas aetatem agamus, inter Satyros etiam et Faunos monticolasque Syllanos» (*Ep.* 54, p. 189, carta de Inácio de Moraes) e «Quin etiam celeres agrestia numina Fauni/ Natali plausere tuo» (*Sil.* 15, 51-52, p. 408).

8- Para estas palavras, Jerónimo Cardoso parece ter-se inspirado no passo de Lucano em que, ante a demora de um espectro, que hesita em penetrar no seu cadáver para revelar os acontecimentos que hão-de suceder, Ericto, poderosa feiticeira da Tessália, responsável pelo encantamento, verbera, pelas fendas recentemente abertas na superfície da terra, a seguinte ameaça: «tibi, pessime mundi/ arbiter, inmittam ruptis Titana cauernis,/ et subito feriere die» (6, 742-744).

### Página 13

1- Hoje Lago Trasimeno ou Lago di Perugia, na Etrúria, as suas margens foram palco de uma terrível derrota sofrida pelos Romanos às mãos do exército de Aníbal, constituído por tropas africanas, ibéricas e célticas, em 217 a. C., no dealbar da Segunda Guerra Púnica (218-201 a. C.). O exército consular de C. Flâmínio, surpreendido por uma emboscada num estreito desfiladeiro nas colinas a Norte do lago, foi completamente dizimado, tendo perecido cerca de quinze mil homens, além do próprio cônsul, e sendo feitos prisioneiros cerca de seis mil. Sobre este assunto, v. Tito Lívio (22, § 4 e seg.).

2- sobre o terrível cataclismo do ano 17 d. C., que Plínio-o-Antigo refere de passagem (*N. H.*, 2, § 200), fornecem alguns detalhes Estrabão (12, 579) e Tácito (*Ann.*, 2, 47), explicando este último como foi terrivelmente mortífero por ter ocorrido durante a noite. A sua violência foi tal que fez abater montanhas inteiras, levantando-as onde antes havia planícies, embora não tenha, como hiperbolicamente diz Cardoso, feito desaparecer as cidades, o Historiador refere apenas que muitos dos seus habitantes, postos em fuga, foram engolidos pelas fendas do solo. Particularmente afectada foi Sardes, a ponto de receber uma indemnização de dez milhões de sestércios e ficar isenta de impostos por cinco anos. Isentas ficaram também as cidades de Magnésia, Temnos, Filadélfia, Egas, Apólonis, Mostena, Hierocesareia, Mirina, Cime e Tmolo.

3- Nascido a 16 de Novembro de 42 a. C., Filho de Tibério Cláudio Nero e de Lúvia Drusila, que foi mulher, em segundas núpcias, de Octaviano, Tibério, cujo nome completo, depois de ter sido adoptado pelo Imperador, passou a ser Tibério Júlio César Augusto, sucedeu-lhe no principado por sua morte, ocorrida a 19 de Agosto d. C.. Tendo governado Roma e o Império de forma prudente e conscienciosa, mas nunca popular, veio a morrer a 16 de Março de 37 d. C., depois de ter vivido retirado, durante cerca de uma década, na ilha de Capri.

4- Como fonte das duas referências históricas que preenchem os vv. 85-95, Jerónimo Cardoso recorreu a Plínio-o-Antigo, que escreve: «maximus terrae memoria mortalium extitit motus Tiberii Caesaris principatu, XII urbibus Asiae una nocte prostratis; creberrimus Punico bello intra eundem annum septies ac quinquages nuntiatus Romam, quo quidem anno ad Trasimenum lacum dimicantes maximum motum neque Poeni sensere nec Romani» (*N. H.*, 2, § 200). Como se pode constatar, Cardoso limitou-se a elaborar e a metrificar as informações proporcionadas pelo Naturalista.

5- A primeira explicação para o sismo, avançada por Cardoso, sob a forma de *interrogatio* (ἔρωτημα), vv. 99-101, coincide com a primeira apresentada por Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 2, § 191), fonte deste passo do *De Terraemotu*: «Babyloniorum placita et motus terrae hiatusque, qua cetera omnia, siderum ui existimant fieri, sed illorum trium, quibus fulmina adsignant, fieri autem meantium cum sole aut congruentium et maxime circa quadrata mundi».

Segundo a teoria babilónica, de carácter puramente astrológico, que o Naturalista se limita a apresentar sem, sobre ela, emitir qualquer juízo de valor, a influência planetária, dependente dos

«aspectos» dos astros, explicava os tremores de terra, bem como outros fenômenos geológicos e atmosféricos.

6- A teoria do ar subterrâneo, segunda explicação avançada para o fenômeno, vv. 102-109, coincide com a segunda apresentada por Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 2, § 192), novamente tomado como fonte: «Et haec quidem arbitrio cuiusque existimanda relinquatur: uentos in causa esse non dubium reor. Neque enim umquam intremiscunt terrae nisi sopito mari caeloque adeo tranquillo, ut uolatu auium non pendeant, subtracto omni spiritu qui uehit, nec umquam nisi post uentos, condito scilicet in uenas et caua eius occulta flatu. Neque aliud est in terra tremor quam in nube tonitruum, nec hiatus aliud quam cum fulmen erumpit incluso spiritu luctante et ad libertatem exire nitente».

Remonta a Aristóteles (*Meteor.*, 2, 8, 366 a 4 seg.) a explicação tradicional dos tremores de terra por causa do ar subterrâneo, que Plínio-o-Antigo equaciona (2, §§ 192-195), tal como Séneca (*Q. N.*, 4, 12, 1, a ela se referindo ainda, de passagem, em *Ep.*, 91, § 12).

#### Página 14

1- Parece remontar a um verso da *Niobe* de Ésquilo (fr. 161, 1) o tópico da absoluta inflexibilidade da morte, que se não deixa comprar por presente algum: «Μόνος θεῶν γὰρ θάνατος οὐ δῶρων ἐρῆ» («entre os deuses a morte é a única que não gosta de presentes»), verso esse que Ésquilo recitará, durante a competição com Eurípidés, em *As Rãs* de Aristófanes (v. 1392), e que vem depois a desembocar no provérbio medieval: «Mors non curat munera» («A morte não se preocupa com presentes»), cf. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 603, p. 290.

Tal motivo, apenas esboçado neste passo, voltará a surgir, já completamente desenvolvido, na obra de Cardoso, em palavras da própria Morte: «Non ego diuitiis capior, nitidisue lapillis,/ Quos ab Erythraeis eruit Indus aquis./ Nec pretiosa meos expugnant munera sensus,/ Nec precibus flector, blanditiisque capior» (*Ap.* 1, 39-42).

2- Diluído eco de Virgílio, a presente apóstrofe evoca as palavras com que Eneias lamenta o destino de Polidoro, filho de Príamo, por este confiado, com grandes riquezas, a Poliméstor, rei da Trácia, que o matou para se apossar dos ricos despojos: «Quid non mortalia pectora cogis,/ Auri sacra fames?», «A que não obrigas o coração humano, ó execranda fome do ouro?» (*Aen.*, 3, 56-57). Note-se que, em Cardoso, temos «auri cupidine».

Entre os Antigos, citam-na Quintiliano (*Inst.*, 9, 2, 10; 9, 3, 25), Porfírio (a Horácio *Epod.*, 7, 20), Prisciano (433, 9 k) e Macróbio (*Sat.*, 5, 16, 7).

Por vezes *fames* dá lugar a *sitis*, como em Prudêncio (στρεφ., 14, 102 e *Hamart.*, 396) e em Horácio (*Epod.*, 1, 18, 23, onde se lê «argenti sitis»). São Colombano (*C.*, 3, 31-32) e Alcuíno (*Ep.* 35 [PL 100, 192 b]), por sua vez, substituem *fames*, tal como Cardoso, por *cupido*. Veja-se a este respeito Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1810, pp. 819-820.

3- Sendo um epíteto ritual de Hades, um dos deuses que, após a derrota dos Titãs, repartiram entre si o poder do Universo e a quem coube o mundo subterrâneo, os Infernos ou o Tártaro, o nome de Plutão (Πλούτων, «o Possuidor de riquezas», em alusão aos recursos inesgotáveis que provêm do solo, tanto do cultivo da terra quanto das suas entranhas), é apropriadamente empregue por Cardoso neste lugar. O verso, que alude ao esforço a que os homens se entregam na ânsia de enriquecer, tanto pode ser interpretado em sentido estrito (dado que descem às profundezas da terra em busca de minérios preciosos) quanto, com maior probabilidade (cf. nota seg.), metafórico, porque, na sua insensatez, arrostam frequentemente perigos de morte.

4- Rio dos Infernos, o Flegetonte unia-se ao Cocito, formando, com ele, o Aqueronte. No lugar em que confluíam havia, segundo a tradição, uma grande cascata. Como o seu nome se relacionava com o verbo que significa «queimar» (φλέγω), acreditava-se que se tratava de um rio de fogo, sendo, por isso, também chamado Piriflegetonte, «o Flegetonte de fogo».

A presente *interrogatio* (concretamente os vv. 127-128) parece ter sido decalcada sobre o seguinte passo de Horácio: «Quid iuuat immensum te argenti pondus et auri/ furtim defossa timidum deponere terra?» (*Sermones*, 1, 1, 41-42).

#### Página 15

1- Seguindo por vezes muito de perto a sua fonte, Jerónimo Cardoso transforma em presságios da calamidade vários sinais que Plínio-o-Antigo afirma precederem e acompanharem os tremores de terra em geral.

Assim, e no caso presente, o Naturalista explica que: «Est et in caelo signum praeceditque, motu futuro aut interdiu aut paulo post occasum sereno, tenuis ceu linea nube in longum porrecta spatium» (*N. H.*, 2, § 166). Note-se a extrema proximidade existente entre as palavras finais de Plínio-o-Antigo e o verso 162.

2- Elaboração cardosiana das palavras com que Plínio-o-Antigo descreve, logo de seguida, as alterações das águas dos poços durante os sismos: «Est et in puteis turbidior aqua nec sine odoris taedio [...]» (*N. H.*, 2, § 197).

3- Plínio-o-Antigo não inclui este fenómeno no rol dos sinais que precedem e acompanham os tremores de terra. Por outro lado, o facto de Garcia de Resende a ele se referir, ao dizer: «Gretas, buracos fazia/ ha terra e se abrio/ agua e area sahia/ que a enxufre fedia», esclarecendo que «isto em Almeirim se vio» («Miscellanea», est. 299), levanta a possibilidade de os vv. 167-169 resultarem da observação directa do autor.

### Página 16

1- De novo colhe Jerónimo Cardoso em Plínio-o-Antigo a matéria que elabora nestes versos, transformando mais uma vez em presságio sibilino o que a sua fonte apresenta como fenómeno natural: «Praecedit uero comitaturque terribilis sonus, alias murmuri similis, alias mugitibus aut clamori humano armorumue pulsantium fragori [...]» (*N. H.*, 2, § 193).

2- É ainda Plínio-o-Antigo a fonte do presente passo, ao afirmar: «Quin et uolucres non inpauidae sedent» (*N. H.*, 2, § 196). Note-se como Cardoso dá às informações, proporcionadas de um modo objectivo pelo Naturalista, um tom sombrio e misterioso, que se adensa significativamente nos vv. 178-179.

3- Sobre a natureza ominosa do pio destas aves nocturnas, veja-se, por exemplo: Virgílio (*Aen.*, 4, 457-465); Ovídio (*Ib.*, 215-224; *Met.*, 5, 119-123; 15, 787-793); Séneca (*Herc. Fur.*, 686-688) e Lucano (5, 395-396). Uma abordagem menos supersticiosa deste tema surge em Plínio-o-Antigo: «Bubo, funebris et maxime abominatus publicis praecipue auspiciis, deserta incolit nec tantum desolata sed dira etiam et inaccessa, noctis monstrum, nec cantum aliquo uocalis, sed gemitu» (*N. H.*, 10, § 34).

4- Em termos comparáveis descreve Virgílio, por palavras de Mopso, o luto de que a própria natureza se cobriu pela morte do pastor Dáfnis: «Non ulli pastos illis egere diebus/ frigida, Daphni, boues ad flumina; nulla neque amnem/ libauit quadrupes, nec graminis attigit herbam/ Daphni, tuum Poenos etiam ingemuisse leones/ interitum montesque feri siluaeque locuntur» (*Ecl.*, 5, 24-28).

### Página 17

1- Depara-se-nos, no presente verso, uma curiosa combinação entre a teoria aristotélica do vento subterrâneo, que já encontramos, abordada por Cardoso, sob a forma de uma *interrogatio*, nos vv. 102-109, e o conhecido episódio de Éolo, senhor dos ventos, descrito por Homero na *Od.* (10, 1-76) e resumidamente tratado por Ovídio (*Met.*, 14, 223-232). Tal não é contudo uma criação original, dado estar presente já em Virgílio: «[...] Aeoliam uenit. Hic uasto rex Aeolus antro/ Luctantes uentos tempestatesque sonoras/ Imperio premit ac uinclis et carcere frenat» (*Aen.*, 1, 52-54, seguindo-se uma justificação mitológica da teoria aristotélica, vv. 55-63) e em Ovídio: «Protinus Aeoliis Aquilonem claudit in antris/ et quaecumque fugant inductas flamina nubes/ emittitque Notum [...]» (*Met.*, 1, 262-264). Na versão homérica, os ventos surgem enclausurados num odre, não em cavernas (cf. *infra*: «Vtre uel inclusos austros tumidasque procellas», *El.* 1, 14, 35, p. 278).

Para outras abordagens semelhantes deste mito em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «At uos Aeolus conclusi carcere fratres,/ Donec perueniat meus hic quo destina ire,/ Sistite saeuitiam solitam solitumque furorem,/ Vmbrosis iuuet paulum requiescere in antris,/ Sic uobis laxas penitus permittat habenas/ Aeolus, et clausos non opprimat aerea compes» (*Sil.* 6, 64-69, p. 382) e «Ast ubi uisa maris facies placidissima, et undae/ Pacem habuere, Notosque suis rex Aeolus antris/ Abdidit» (*Sil.* 16, 39-41, p. 412).

2- Ou seja, os ventos do quadrante Sul. A seu respeito, v. *infra*, **Lib. 2**, 326, p. 21, n. 1.

3- Também em Plínio-o-Antigo encontramos referência, posto que breve, aos efeitos marítimos dos tremores de terra: «Nauigantes quoque sentiunt non dubia coniectura, sine flatu intumescente fluctu subito aut quatiante ictu; intremunt uero et in nauibus postes aque quam in aedificiis crepituque praenuntiant» (*N. H.*, 2, § 196).

Ainda que efectivamente percebidos, dado que Garcia de Resende a eles se refere, quando diz que: «Tambee se sentio no mar, / sem vento mares se alçaram/ navios foram tocar/ no fundo com quilhas dar/ como perdidos andaram» («Miscellanea», est. 302), a articulação paralela dos textos do Naturalista e de Cardoso (este amplamente desenvolvido ao longo de 18 vv., consequência lógica de ser a Lisboa de Quinhentos uma cidade eminentemente marítima), denuncia ser aquela a sua fonte.

### Página 18

1- Em vários autores da Antiguidade, como Ovídio (*Met.*, 7, 32; 8, 120; 9, 613; *Trist.*, 1, 8, 43; 3, 11, 3), Séneca (*Herc. Oet.*, 146), os tigres surgem como símbolo de extrema ferocidade. Em Virgílio, Dido acusa Eneias, dizendo-lhe: «Hyrcaenaeque admorunt ubera tigres» (*Aen.*, 4, 367). A Hircânia, região da Ásia perto do mar Cáspio (a actual Mazandaran), era conhecida por ser um inóspito habitat destes animais (cf. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 132, p. 60).

Em Jerónimo Cardoso, por outro lado, tal imagem ocorre com certa frequência (cf. *infra*: «Vnde fit, ut Orpheum, et Amphionem rupes, et scopulos, leones, ac tigres cantu et carmine demulsisse finxerit antiquitas» e, citando Horácio, «Siluestres homines sacer, interpresque deorum/ Caedibus, et uictu foedo deterruit Orpheus./ Dictus ob hoc lenire tigres rapidosque leones», **Lib. 18**, p. 45; «Tigride uel quamuis saeuior ipse fores», **El. 1**, 21, 12, p. 291; «Sit licet scopulis rabida uel tigride natus», **Sil. 13**, 22, p. 403).

Sobre o tigre como termo de comparação para uma extrema rapidez, v. *infra*, **El. 2**, 6, 11, p. 324 e n. 2.

2- Na escala da dureza dos materiais o diamante ocupa, como se sabe, o lugar cimeiro (grau 10 na escala de Mohs), cedendo-lhe todos os metais, por mais duros que sejam, noção esta que se encontra presente na etimologia do seu nome, em lat. *adamas* (do gr. ἀδάμας, «invencível»), realidade que Cardoso parece ignorar, não obstante considerar, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 4- v.º: «o diamante pedra duríssima». Para além disto, a comparação entre um carácter duro, inflexível e inexorável e um diamante encontra-se já em Ovídio (*Met.*, 9, 615; *A. A.*, 1, 659 e *Trist.*, 4, 8, 45), Marcial (7, 99) e em Papínio Estácio (*Silu.*, 1, 2, 69). Em Jerónimo Cardoso, para além do presente caso, tal comparação voltará a surgir no seguinte passo: «uel inuidus uel plusquam adamantinus censerer» (**Ep. 20.**, p. 115).

3- Relativamente ao uso de *diuus*, no latim dos humanistas, como atributo dos santos cristãos, v. *supra*, **Lib. 2**, título, p. 8, n. 2.

### Página 19

1- Perfume dispendioso (em gr. ἀμωμον), que os Antigos preparavam a partir de uma planta exótica aromática, do género *Amomum*, da antiga família das Amomáceas (*Cissus Vitiginea*, Linn.). Referem-se-lhe, entre outros, Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 12, 13, 28, § 48; 16, 32, 59, § 135) e Virgílio, ao dizer: «Assyrium uulgo nascetur amomum» (*Ecl.*, 3, 89 e 4, 25).

2- Deus itálico muito antigo, posteriormente identificado com Cronos, Saturno teria vindo da Grécia para a Itália quando Zeus o destronou e precipitou do Olimpo. Tendo-se instalado no Capitólio, onde Jano o acolheu, aí fundou uma cidadela chamada Saturnia, que havia de ser um dia a cidade de Roma. Foi Saturno que ensinou aos homens o cultivo da terra e lhes deu as primeiras leis.

3- Sob o mítico reinado de Saturno, numa época muito recuada, a Humanidade terá vivido um período de grande e intensa felicidade, conhecido como Idade de Ouro (*Aurea Saecula*), findo o qual entrou numa espiral de declínio e perversão imparáveis. A tal período se referem amiúde as fontes clássicas, como, por exemplo: Virgílio (*Ecl.*, 4, 6-9; *Aen.*, 6, 792 e *segg.*); Tácito (*Or.*, 12, 13); Símaco

(*Or.*, 3, 332, 2 Seeck); Ovídio (*A. A.*, 2, 277 e segg.); Calpúrnio Sículo (*Ecl.*, 7, 42) e Séneca (*Ep.*, 115, 13; *Clem.*, 2, 13), entre muitos outros. Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 771, pp. 362-363.

Para outras referências à Idade do Ouro nos escritos de Cardoso, v. *infra*: «Vt redeant ortu saecula fulua tuo» (*Mōn.* 7, 94, p. 229); «Aurea saecula facis, fuerant quae ferrea nuper./ Et nigra quae fuerant, candida saecula facis» (*El.* 1, 12, 21-22, p. 273) e «siquidem talem miserandus amicum/ Amisi,[...] Aurea Saturni qualem nec saecula tulere./ Innocuos ubi fama uiros uixisset recenset» (*Sil.* 4, 19-22, p. 374).

### Página 20

1- Ou seja, pelas águas do dilúvio. Neste equivalente clássico da narração bíblica (*Gen.*, 6-8), Deucalião, filho de Prometeu e de Clímene (ou Celeno), e sua mulher, Pirra, foram os únicos sobreviventes do dilúvio com que Zeus determinou aniquilar a viciosa raça humana da Idade do Bronze. Salvaram-se por terem construído, a conselho de Prometeu, uma «arca», na qual se refugiaram durante os nove dias e nove noites de inundação, acabando por aportar às montanhas da Tessália, onde lhes foi concedida por Hermes, a mando de Zeus, a realização de um desejo: pediram companheiros, que obtiveram, atirando por cima dos ombros pedras, os «ossos» da Terra, a Mãe Universal.

Para uma outra alusão a esta figura e ao dilúvio na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Vnde Promethides mergentibus undique colles/ Fluctibus auxiliium rebus sortisque poposcit» (*Sil.* 15, 65-66, p. 409).

2- Ou seja, no reino dos Infernos, que o rio Estige, filho do Oceano e de Tétis, rodeia com os seus meandros. Durante a Gigantomaquia, o Estige, com os seus filhos (Zelo, Nice, Grato e Bia), combateu ao lado dos deuses e contribuiu para lhes assegurar a vitória, facto em virtude do qual Zeus o fez garante dos juramentos solenes pronunciados pelos deuses (cf. *infra*: «Annuit et Stygia firmavit dicta palude», *Sil.* 15, 93, p. 410, onde é o próprio Júpiter a jurar sobre a água do Estige). Cardoso refere-se-lhe ainda nos seguintes passos: «Cur Stygios isto fundis ab ore sonos?» (*Inst.* 2, 4, p. 244); «quare ocuis edam/ [...] Carmina lanificas quamuis passura sorores./ Et Stygios aditura lacus» (*Sil.* 6, 16-19, p. 380); «Paona qui Stygiis iuuenem reuocabit ab undis./ Extinctumque dolis periuraeque arte nouercae» (*Sil.* 10, 112-113, p. 395) e «Seu Mitylenaeae modulos imittere puellae./ Quos si fata darent Stygiis remearet ab umbris/ Ipsa suis inuita licet praeponeret» (*Sil.* 15, 107-109, p. 410).

3- Cardoso explicitamente refere o «praesens [...] annus» (o «ano presente», o «ano actual»), acaso um indício textual de que o poema teve a sua primeira redacção ainda no ano de 1531?

4- Sobre as fontes clássicas desta exortação de Jerónimo Cardoso, v. *infra*, *Ap.* 3, 16, p. 10, n. 3.

### Página 21

1- Deus do vento, procedente do quadrante Sul, húmido e quente, que em lat. recebe o nome de *Auster*. Para outras alusões ao Noto nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*: «Et dubitat quae causa ferat, cessantibus Austris./ Cur freta tam densis agitentur tota procellis» (*Lib.* 2, 208-209, p. 17) e *infra*: «leuior sit ille Noto» (*Ap.* 1, 60, p. 5); «Et Boreae rabiem saeuitiamque Noti» (*Inst.* 1, 4, p. 243); «contemne minas Aquilonis et Austris» (*Inst.* 1, 13, p. 243); «Qui Boreas rabiem rideat atque Noti» (*Inst.* 4, 12, p. 246); «Vtre uel inclusos Austros tumidasque procellas» (*El.* 1, 14, 35, p. 278); «sic ille procellas/ Despiciat, madidumque Notum Boreamque frementem/ Rideat» (*Sil.* 6, 81-83, p. 382); «An pons bis deno amplexus ab arcu/ Pertulit hibernos austris agitantibus imbres» (*Sil.* 9, 69-70, p. 391); «Ast ubi uisa maris facies placidissima, et undae/ Pacem habuere, Notosque suis rex Aeolus antris/ Abdidit» (*Sil.* 16, 39-41, p. 412).

### Página 22

1- Refere-se Cardoso metonimicamente à maledicência. *Stricto sensu* trata-se de um monstro terrível, a Hidra de Lerna, filha de Tífon e Equidna, criada por Hera para pôr Hércules à prova. De hálito extremamente mortífero, possuía corpo de serpente e várias cabeças, cujo número ia de cinco ou seis até cem e que, assim que eram cortadas, logo renasciam. Hércules combateu-a com setas inflamadas e foi-a decapitando, tarefa em que foi ajudado por seu sobrinho Iolau, que ia cauterizando as feridas com carvões em brasa, para que não tornassem a nascer. A cabeça do meio, por ser imortal, foi

cortada e enterrada sob um grande rochedo. Por outro lado, o sangue que escorreu das suas feridas era um veneno poderoso.

Cardoso menciona-a, ainda, duas outras vezes (cf. *infra*, «quasi Hydrae capita renasci et repullulare cerneres», **Lib.** 18, p. 64, e «pressumque caeabit ut Hydrum», **Sil.** 7, 27, p. 384).

2- O Tártaro, situando-se abaixo dos próprios Infernos (destes distando o espaço que medeia entre o céu e a terra), é a região mais profunda do mundo, o alicerce do Universo. Embora inicialmente tivesse servido para os deuses das sucessivas gerações lá encerrarem os seus inimigos (como os primeiros filhos de Úrano, os ciclopes Arges, Estero e Brontes, e, depois, os Titãs), acabou por se confundir com o Hades, passando a ser simplesmente o lugar de suplício dos grandes criminosos. No Tártaro, sempre temido pelos Olímpicos, ameaçava Zeus encerrar quem quer que se lhe opusesse.

Outra referência em Cardoso: «Orpheus [...] Manesque ac Tartara [...] ad lacrimas et misericordiam prouocauit» (**Lib.** 18, p. 52).

### Página 23

1- Ou «de Timbra». O deus Apolo surge assim designado pelo templo que lhe era consagrado e pelo culto de que era objecto em Timbra (em gr. Θύμβρη), cidade da Tróade. O presente epíteto encontra-se, por exemplo, em Virgílio: «da propriam, Thymbraee, domum; da moenia fessis» (*Aen.*, 3, 85); «ferit ense grauem Thymbraeus Osirim» (*Aen.*, 12, 458) e «si modo, quem perhibes, pater est Thymbraeus Apollo» (*Geor.*, 4, 323).

2- Enumeração de ἀδύνατα, segundo o modelo definido por Horácio, na abertura da sua *A. P.* (vv. 1-13). Outros exemplos deste recurso encontram-se em Virgílio (*Ecl.*, 1, 59-63; 8, 27-28 e 53-56).

Em Jerónimo Cardoso, para além do presente caso, exemplos deste recurso ocorrem ainda nos seguintes passos, *infra*: «Quis, rogo, quis nigros cygnis interserat albis/ Coruos? aut blandae philomelae?/ Aut quis contactum Musis porrigine porcum/ Adiungat, mentis bene sanae?» (**Lib.** 8, 11-14, p. 25); «fas est maerere puellae/ Interitu, coruo fuerit cum rarior albo:/ Alite et Assyrio, uel nigro denique cygno:/ Nam rarum haud minus in doctissima femina: quam si/ De media glacie uiolas, mediisque pruinis/ Purpureas rosulas, uel candida lilia cernas/ De niuibus nasci, aut de subere rosida mala» (**Mon.** 8, 37-43, p. 231); «Nam potius credam Siculos sub gurgite saeuos/ Adlatrare tuo corpore Scylla canes./ Et simul armatam flamma crepitante Chimaeram./ Bellerophontea succubuisse manu:/ In super anguipedes caelum inuasisse Gigantes,/ Fecundamque tuis, tristis Echidna malis./ Vtre uel inclusos austros tumidasque procellas./ Semiferosque etiam, tergeminosque uiros./ Aut te uipereis redimitam crinibus olim./ Vertisse in lapides torua Medusa uiros./ Immemorem nostri quam te carissime dicam./ Oblitumue mei nominis esse putem» (**El.** 1, 14, 29-40, p. 278); «Haec nisi contingam: frustra conabor, ut ille/ Qui numerum Aegeae noscere gestit aquae,/ Vel cupit Oceani iaceant quot litore conchae/ Discere: uel uites nosse Timole tuas» (**El.** 1, 23, 19-22, p. 296) e «Quod potius rapido frondescet in aequore uitis,/ Proferet atque loui quercus amica piper./ Ilex thura dabit delphines in arua meabunt,/ Diliget infirmum mitis ouile lupo, / Frigore canescent segetes, aestate pruinae,/ Quam cadat ex animo nomen et ore tuum» (**El.** 1, 24, 69-74, p. 301).

3- Numa metonímia recorrente na literatura latina, o patronímico *Maeonides* (em gr. Μαίονίδης, «o Meónio») ou, neste caso, «o vate da Meónia») designa poeticamente Homero, dado que a região da Meónia (Lídia), situada na Ásia Menor, era considerada a pátria do grande poeta. Cf., por exemplo, Ovídio (*Am.*, 1, 15, 9; 3, 9, 25) e especialmente Marcial, em contexto próximo do presente: «Ennius est lectus saluo tibi, Roma, Marone/ et sua riserunt saecula Maeoniden,/ rara coronato plausere theatra Menandro,/ norat Nasonem sola Corinna suum» (5, 10, 7-10).

Em Cardoso, por outro lado, encontramos várias vezes o adjectivo *Maeonius* («Meónio» ou «da Meónia») empregue com sentido idêntico, cf. *infra*: «Maeoniam posset quae decuisse lyram» (**Ins.**, 4, 30, p. 247 e **El.** 1, 10, 30, p. 270); «Nec si Maeoniam uincere posse facem» (**El.** 1, 24, 62, p. 301); «Maeoniumque senem laetas ductare choreas» (**Sil.** 4, 78, p. 376) e «Carmina Maeoniae haud assurgere digna Camenae» (**Sil.** 9, 49, p. 390).

4- Isto é, a inveja, ou melhor, a maledicência que dela surge, expressa com recurso a uma metáfora que se encontra já em Horácio: «hic nigrae sucus lolliginis, haec est/ aerugo mera» (*Sermones*, 1, 4, 100-101). Jerónimo Cardoso, por outro lado, regista esta expressão nos seguintes termos: «Lolliginis succus. ho sumo da lula que he a enveja, porque este peyxe deyta tinta como siba» (*Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 113-r.º).

#### Página 24

1- Relativamente ao contexto obsceno deste verso, cf. *infra*, **Lib.**, 6, 5-6, p. 24.

2- Crítico extremamente severo dos poemas homéricos, motivo que lhe valeu o cognome de Homeromastix (em gr. Ὁμηρομάστιξ, «o Flagelo de Homero»), Zoilo terá desenvolvido a sua actividade em Alexandria em tempos de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a. C.). A história divulgada por Vitruvius (7-8 praef.), fonte da breve notícia de Sebastião Stockhamer (*Dictionarium Aliud de Propriis Nominibus*, fl. G VI-v.º), explica-nos como o seu nome se tornou sinónimo de «crítico vesgo» ou «detractor», assim surgindo já em Ovídio: «Ingenium magni liuor detractat Homeri:/ Quisquis es, ex illo, Zoile, nomen habes» (*Rem. Am.*, 365-366). Marcial, por sua vez, fá-lo destinatário de numerosos epigramas (2, 16; 19; 42; 58; 3, 29; 82, etc.), alguns de conteúdo obsceno.

3- Como divindades da beleza, as Cárites (em gr. Χάριτες, em lat. *Gratae*), Eufrosina, Talia e Aglaia, três irmãs, filhas de Zeus e Eurínome, tinham por função espalhar alegria na natureza, no coração dos homens e, até, no dos próprios deuses. Habitavam no Olimpo, em companhia das Musas, com quem faziam por vezes coros. Participavam ainda no séquito de Apolo e eram também companheiras de Atena, de Afrodite, de Eros e Dioniso.

Jerónimo Cardoso refere-se-lhes várias vezes, quer nas cartas (cf., *infra*, **Ep.** 37, p. 151) quer, sobretudo, na sua poesia (v. «Índices Remissivos»).

4- Relativamente ao conteúdo obsceno do presente dístico, bem como de **Lib.** 4, 25, p. 24, cf. Marcial: «Os male causidicis et dicis olere poetis./ Sed fellatori, Zoile, peius olet» (11, 30) fonte provável de Pedro Sanches.

#### Página 25

1- Esta mesma expressão surge em Virgílio, em palavras do pastor Tírsis: «inuidia rumpantur ut ilia Codro» (*Ecl.*, 7, 26).

2- Exemplo de ἀδύνατα. Para uma referência ao modelo horaciano e outros exemplos, cf. *supra*, **Lib.** 4, 6-7, p. 23, n. 2.

#### Página 26

1- A água da Castália, fonte do santuário de Delfos, na Beócia, era, como se sabe, utilizada em abluições susceptíveis de induzir a Pítia em transe mediúnico, pelo que se considerava que possuía a faculdade de despertar dotes poéticos em quem quer que dela bebesse.

O seu nome surge repetidamente na poesia de Cardoso (nunca na prosa) e, por vezes, tanto alude a Apolo, chamado «o deus da Castália» (cf. *infra*: «Castaliaeque deum latebris telluris opertum», **Sil.** 15, 3, p. 407) como às Musas, designadas pelo patronímico *Castalides*, «filhas da Castália» (cf. *infra*: «Castalidum sacer huc aduenit ecce chorus», **Mon.** 7, 44, p. 227; «nunc hederis nunc lauro cingite crines/ Castalides uestros, tantoque occurrite uati», **Sil.** 2, 17-18, p. 368 e «num siluas inter amoenas/ Castalidum, placidosque chorus uersaris», **Sil.** 11, 3-4, p. 398), divindades a quem esta fonte era consagrada, como ainda à poesia que as suas frescas águas inspiravam (para além do caso presente, v. *infra*: «lamque suos haustus Castalis unda negat», **El.** 1, 13, 30, p. 276; «Cur non Castalios effundis ut ante liquores», **El.** 1, 14, 3, p. 277; «Me duce Castalio tinxisti labra licore», **Sil.** 1, 6, p. 365 e «Siccavitque tuos (tantum sitis arsit in illo)/ Castali nympa», **Sil.** 4, 30-31, p. 374). Para uma outra alusão a esta nascente, feita em termos diversos, v. *infra*: «Nec si uirgineas Helicon mihi pandat alumnae [...]/ Phemonoeque lacus reseret bis terque pudicos» (**Sil.** 2, 97-99, p. 371).

2- Alusão a Apolo, deus que recebe o epíteto de «Délios» por ter, segundo a tradição, nascido na ilha de Delos. O adjectivo *Delius*, empregue nesta acepção, encontra-se em Ovídio (*Met.*, 1, 454; 5, 329; 6, 250) e em Tibulo (3, 4, 79; 3, 6, 8). Jerónimo Cardoso, por outro lado, emprega-o também algumas vezes, sempre em contexto poético (v. *infra*: **Sil.** 2, 107, p. 371; **Sil.** 6, 4, p. 380 e **Sil.** 10, 103, p. 395).

3- Jerónimo Cardoso emprega indiferentemente os nomes de *Pieris* (normalmente no plural, *Pierides*) e *Musa* (ou *Musae*), o que de resto é corrente na poesia latina.

Inicialmente figuras independentes, as Piérides eram, segundo a lenda, nove jovens naturais de Piéria, na Trácia, que ousaram rivalizar com as Musas na arte do canto. Subiram por isso ao Hélicon e desafiaram-nas para um concurso, de que acabaram por sair derrotadas. Como castigo da sua ousadia, foram metamorfoseadas em pássaros (cf. Ovídio, *Met.*, 5, 669-676), mas dado que tinham os mesmos nomes que as Musas (segundo Pausânias, 9, 29, 4), vieram a confundir-se com estas.

4- Trata-se não de Heitor mas de Eneias e o poema *Aen.*, porque o pronome que designa o seu criador, *ille* (Virgílio), não permite identificá-lo com Homero (*hic*), autor da *Odisseia*, extensa narrativa dos erros de Ulisses.

#### Página 27

1- De Jerónimo de Castro sabemos apenas, pela presente dedicatória, que na altura da impressão do *Libellus*, pelos anos de 1547 (cf. *Lib. A*, p. 7)- 1550, era aluno de Jerónimo Cardoso. Na restante produção de Cardoso não existe nenhum outro texto que lhe seja endereçado nem da sua autoria.

HISLAMPÁ não o refere.

2- Sobre este antigo sinal crítico, o óbelo, utilizado para assinalar os erros nos manuscritos, v. *infra*, Ep. 4, p. 83, n. 5.

3- Ou seja, os críticos demasiado severos. Inicialmente o nome *Aristarchei* designava os filólogos, discípulos do célebre gramático e crítico Aristarco de Samotrácia, que muito se notabilizaram em Alexandria e, depois, em Roma (cf., por exemplo, Varrão, *De Lingua Latina*, 8, 63 Mull: «Relinquitur de casibus, in quo Aristarchei suos contendunt neruos»). Sobre Aristarco de Samotrácia, v. *infra*, Ep. 3, p. 81.

#### Página 28

1- O plural *Sileni* designa genericamente os sátiros envelhecidos, génios das florestas, encarregues de proteger as colheitas, em particular as das vinhas, cf. Catulo, 64, 252, e Plínio-o-Antigo, *N. H.*, 35, 10, 36, 110. Sobre Sileno, antigo preceptor de Dioniso, v. *infra*, *Lib.* 11, 87, p. 32 e n. 1.

2- O antropónimo «Dórilas» (do gr. Δορύλας) não se encontra atestado em Virgílio. Surge, porém, como nome de um pastor, em T. Calpúrnio Sículo, numa fala de Ástaco: «I procul, o Doryla, riuumque reclude canali/ Et sine iam dudum sitientes irriget hortos» (*Ecl.*, 2, 95-96). Ocorre igualmente em Ovídio (*Met.*, 5, 129-130), como nome de um rico proprietário, morto no contexto da luta travada entre Perseu e Fineu pela posse da mão de Andrómeda, e ainda em *Met.*, 12, 380.

3- Em Virgílio, Mopso (do gr. Μόψος), nomeado em *Ecl.*, 5, 1; 10, é o pastor que canta, ao desafio com Menalcas, a apoteose de Dáfnis, a sua recepção no Olimpo e o culto tributado pelos pastores à nova divindade, e surge ainda, no desesperado canto de Dámon, o amante preterido, como o pastor rival, a quem foi atribuída a mão de Nisa (*Ecl.*, 8, 26; 30). Em T. Calpúrnio Sículo, por outro lado, é igualmente referido um pastor de nome Mopso (*Ecl.*, 3, 9; 26; 32; etc. e 6, 85).

4- Este mesmo apelo surge, em Virgílio, nas palavras que Melibeu atribui ao pastor Dáfnis: «Et, siquid cessare potes, requiesce sub umbra» (*Ecl.*, 7, 10). O objectivo dos dois pastores virgilianos era assistir a uma competição poética entre Córdon e Tírsis, ao passo que, em Cardoso, são os próprios Dórilas e Mopso que a vão travar. O motivo da gruta, por sua vez, encontra-se em Virgílio, nas palavras que Mopso dirige a Menalcas: «Siue antro potius succedimus» (*Ecl.*, 5, 5).

5- Ténue sugestão de Virgílio, que escreve: «Sollicitos Galli dicamus amores,/ Dum tenera attondent simae uirgulta capellae» (*Ecl.*, 10, 6-7).

Quanto ao carro do Sol, lembremos a conhecida imagem de Hélio, um jovem de grande beleza, na força da idade, com a cabeça rodeada de raios formando uma cabeleira dourada, a percorrer o céu todos os dias, partindo do país dos Indianos até chegar ao Oceano, no seu carro tirado por quatro cavalos: Pírois; Eoo; Éton e Flégon.

**Página 29**

1- Tem larga representação entre os autores antigos, tanto gregos como latinos, o motivo proverbial que encontramos neste verso. Demonstrando a sua antiguidade, Hesíodo escreve: νήπιος ὅς τὰ ἔτοιμα λιπῶν ἀνέτοιμα διώκει, «tolo é quem abandona as coisas seguras para seguir as inseguras» (fr. 61, Merkelbach- West). Entre os latinos, temos Plauto: «Certa mittimus dum incerta petimus» (*Ps.*, 685) e ainda Salústio (*Cat.*, 20, 2; *Iug.*, 83, 1); Séneca (*Suas.*, 1, 10; *Breu. Vit.*, 9, 1); São Jerónimo (*Ep.* 29, 7), entre outros. a ilustrar o mesmo motivo temos, em Esopo, a fábula do cão que perde o seu naco de carne quando, ao passar por um regato, vê o seu reflexo e, julgando tratar-se de outro cão, tenta tirar-lhe a carne (137 Hansrath, com a correspondente latina em Fedro, 1, 4, 1). Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1731, p. 783.

2- Também em Virgílio (*Ecl.*, 3, 2) pertence a um pastor chamado Égon (do gr. Αἴγων) o rebanho que Dametas leva a apascentar: «Non, uero Aegonis; nuper mihi tradidit Aegon» (note-se a semelhança do vocabulário). Um outro pastor com o mesmo nome é incluído por Menalcas entre os que hão-de participar nas libações oferecidas a Dáfniis: «Cantabunt mihi Damoetas et Lyctius Aegon» (*Ecl.*, 5, 72, Égon de Licto, ou seja, de Creta).

Do mesmo modo, em T. Calpúrnio Sículo depara-se-nos um pastor chamado Égon, o qual é referido uma única vez (*Ecl.*, 6, 83).

3- Semelhante justificação é apresentada, em Virgílio, por um pastor também chamado Mopso: «Tu maior; tibi me est aequum parere, Menalca» (*Ecl.*, 5, 4).

4- Filho de Eagro e da Musa Calíope, Trácio de origem, Orfeu personifica, como é do conhecimento geral, o poder da música e da poesia sobre a natureza selvagem e as inexoráveis leis da morte. Orfeu conseguia, mercê do seu canto, atrair animais e árvores, acalmar os homens mais rudes e até tempestades e pôde mesmo descer aos Infernos e encantar, com a sua lira, monstros e divindades, na tentativa fracassada de trazer de novo à vida a amada Eurídice, como se pode ler em Virgílio (*Geor.*, 4, 453 e segg.) e em Ovídio (*Met.*, 10, 8 e segg.; 11, 1 e segg.).

Para outras referências a Orfeu, v. *infra*: *Lib.* 18, p. 45; p. 52; p. 53; *El.* 1, 24, 15, p. 299 e *Sil.* 3, 13, p. 372.

5- O nome deste pastor (que em lat. terá a forma *Lycorbas, ae*), não está atestado em Virgílio nem em Calpúrnio Sículo e, o que é mais, nenhum dos dicionários consultados o regista, pelo que ou se trata de uma criação de Jerónimo Cardoso, ou simplesmente de uma falha tipográfica. A ser esse o caso, a forma correcta tanto pode ser «Licortas» (*Lycortas, ae*), nome do chefe da liga Acaia depois da morte de Filopémen e pai de Políbio, como, com maior probabilidade, «Licotas» (*Lycotas, ae*), nome de um pastor em T. Calpúrnio Sículo (*Ecl.*, 6, 26; 7, 4 e 55).

6- Em termos comparáveis refere Virgílio o efeito exercido sobre os animais, tanto domésticos como selvagens, e até sobre os rios pelo canto dos pastores Dámon e Alfesibeu: «Immemor herbarum quos est mirata iuuenca/ Certantes, quorum stupefactae carmine lynces/ Et mutata suos requierunt flumina cursus» (*Ecl.*, 8, 2-4).

7- O codesso, planta muito comum em Portugal, e o salgueiro (ou chorão, assim chamado pelos seus longos ramos e folhas pendentes) surgem igualmente associados num verso que Virgílio coloca na boca de Melibeu: «non, me pascente, capellae./ Florentem cytisum et salices carpetis amaras» (*Ecl.*, 1, 78).

**Página 30**

1- O composto *monticola, ae*, «habitante da montanha», é extremamente raro, estando atestado, tanto quanto sabemos, unicamente num passo de Ovídio: «sunt mihi semidei, sunt rustica numina, Nymphae/ Faunisque Satyrique et monticolae Siluani» (*Met.*, 1, 192-193). Não obstante a sua raridade, Cardoso regista-o: «Monticola, ae. Ho homem, ou molher que mora no monte» (*Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 131-v.º), e emprega-o neste passo, associando-o, como Ovídio, a divindades silvestres.

Encontrá-lo-emos, ainda uma vez, numa carta de Inácio de Moraes, em passo claramente evocativo das palavras de Ovídio: «inter Satyros etiam et Faunos monticolasque Siluanos» (Ep. 54, p. 189). Sobre os Faunos, génios dos campos e dos bosques, cf. *supra*, Lib. 2, 75, p. 12, n. 7.

2- Os Sátiros (ou Silenos, cf. *supra*, Lib. 11, título, p. 28) apresentavam forma híbrida: humana da cintura para cima, equídea ou caprina da cintura para baixo. Tinham cascos e chifres, uma cauda farta, semelhante à dos cavalos, e um membro viril de proporções agigantadas e sempre erecto. Estes génios da natureza integravam o cortejo de Dioniso, no qual dançavam e bebiam, ou então entregavam-se à perseguição das Ménades e das Ninfas.

3- Divindades secundárias, as Driades eram as Ninfas protectoras dos bosques, do arvoredo e da vegetação (o seu nome, em gr. Δρυάδες, deriva de δρῦς, «carvalho»). A vida de uma Driade estava intimamente ligada à da árvore que protegia: nascia com ela, partilhava das vicissitudes da sua sorte e com ela morria.

Para outras referências a estas divindades, presentes em textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *infra*: «Iam iuga praetereo geniali consita uitae,/ Quae quondam Dryades incoluisse ferunt» (El. 2, 12, 5-6, p. 336, poema de Pedro Sanches) e «hilaesque uicissim/ Exquirunt Dryades puerilia carmina, dulces/ Inductura tibi puer o placidissime somnos» (Sil. 15, 54-56, p. 408).

4- Patronímico feminino de *Silenus* (em gr. Σιληνός ou Σειληνός), o nome «Silénide», «filha de Sileno» (como o próprio Mopso refere, ao dizer: «Et te Sileno iactas genitore creatam», cf. *infra*, v. 86), não se encontra atestado em nenhum autor clássico, devendo, por conseguinte, tratar-se de um neologismo de Cardoso, formado com o sufixo *-is* (*Silenis*, *idis*), à semelhança de palavras do tipo *Nereis*, *idis*, «Nereide», ou seja «filha de Nereu». Sobre Sileno, cf. *infra*, Lib. 11, 86, p. 32.

5- Também Méris, pastor virgiliano, em diálogo com Lícidas, constata: «Nunc oblita mihi tot carmina» (Ecl., 9, 53), alegando para tal não o sofrimento de amor, como Mopso, mas a acção do tempo: «Omnia fert aetas, animum quoque» (Ecl., 9, 51).

6- Tal como as Driades, também as Napeias são Ninfas, divindades secundárias, encarregues da protecção dos bosques e dos vales. O seu nome, *Napaeae*, forma substantivada do adjectivo *napaeus* (em gr. ναπαίος), deriva de ναπή, «vale coberto de bosques».

7- De início uma divindade romana encarregue da protecção dos bosques (*siluae*), Silvano confundia-se normalmente com Fauno, antigo deus de Roma que velava, em particular, pelos pastores e seus rebanhos, como o próprio Cardoso dá a entender ao referir, de modo explícito, as «pro gregibus sollemnia sacra» (v. 40), acabando por se identificar, tal como Fauno, com o arcádico Pã. Dotado do vigor de um jovem, Silvano apresentava-se como um velho que habitava normalmente nos bosques sagrados.

8- A esta mesma comparação recorre Jerónimo Cardoso, numa das suas elegias, para descrever o sofrimento que ele próprio experimenta na sua paixão por Sílvia (cf. *infra*: «Nunc medios hominum coetus sine mente per erro,/ Ceruus ut iniecta cuspide lustrat agros», El. 2, 7, 81-82, p. 329).

9- Resulta curioso o facto de Mopso afirmar que, por causa da sua paixão, perdeu por completo o gosto pela caça, quando esse mesmo desporto é aconselhado por Ovídio, em termos muito próximos aos presentes, como lenitivo para um tal sofrimento: «Vel tu uenandi studium cole: saepe recessit/ Turpiter a Phoebi uicta sorore Venus;/ Nunc leporem pronum catulo sectare sagaci;/ Nunc tua frondosis retia tende iugis;/ Aut pavidos terre uaria formidine ceruos;/ Aut cadat aduersa cuspide fossus aper;/ Nocte fatigatum somnus, non cura puellae/ Excipit et pingui membra quiete leuat» (*Remedia Amoris*, 199-206).

### Página 31

1- O nome deste pastor, Lícidas (do gr. Λυκίδας), está representado tanto em Virgílio como em Calpúrnio Sículo. Na obra do Mantuano é, primeiramente, por palavras de Tírsis, um belo pastor (Ecl., 7, 67), depois dialoga com Méris (Ecl., 9). Em T. Calpúrnio Sículo, por outro lado, Lícidas conversa com Iolas (Ecl., 3), a quem se queixa da sua amada Fílis e da rivalidade de Mopso (Cardoso,

pelo contrário, apresenta-o como seu aliado), noutra composição, canta ao desafio com Astilo, sob o arbítrio de Mnasilo (*Ecl.*, 6).

2- Em semelhantes circunstâncias (não colhendo flores, mas frutos) encontrou o pastor virgiliano Dámon a bela Nisa, por quem se apaixonou em não correspondido amor: «*Saepibus in nostris paruum te roscida mala/ (Dux ego uester eram) uidi cum matre legentem*» (*Ecl.*, 7, 38-39).

3- Para o presente passo, Cardoso parece ter combinado forma e matéria proporcionadas por Virgílio em diferentes lugares. Assim, a forma encontra-se nos versos entoados por Córídon, enquanto canta ao desafio com Tírsis: «*Populus Alcidae gratissima, uitis Iaccho,/ Formosae myrtus Veneri, sua laura Phoebos:/ Phyllis amat corylos; illas dum Phyllis amabit,/ Nec myrtus uincet corylos, nec laurea Phoebi*» (*Ecl.*, 7, 61-64), a matéria, por outro lado, encontramos-la nas *Georgica*, quando se descreve os efeitos avassaladores do amor sobre os homens e os animais, alguns dos quais mencionados por Cardoso, como touros, ursos, cavalos e leões (*Geor.*, 3, 242-265).

Podemos considerar este passo um eco, ainda que diluído, da amarga constatação de Córídon, o infeliz apaixonado de Aléxis: «*Torua Icaena lupum sequitur, lupus ipse capellam,/ Florentem cytissum sequitur lasciuia capella,/ Te Corydon, o Alexi! trahit sua quemque uoluptas*» (*Ecl.*, 2, 63-65).

4- O nome «Iolco» não se encontra atestado em Virgílio nem em T. Calpúrnio Sículo. Jerónimo Cardoso pode, porém, tê-lo encontrado em Sérvio, num comentário a Virgílio, *Ecl.*, 4, 34 em que são mencionados os Iolcos (*Iolchi*, em gr. Ἰωλκοί) habitantes de Iolcos (*Iolchus*, em gr. Ἰωλκός), nome de uma cidade e porto da Magnésia, região oriental da Tessália, no Golfo Pelágico, de onde se dizia que Jasão tinha partido na expedição com os argonautas.

Por outro lado, a menção da barba como indicador de uma idade avançada (contrariamente ao caso presente) encontra-se em Virgílio, quando Tíro explica a Melibeu o motivo que o levou a Roma: «*Libertas, quae sera tamen respexit inertem,/ Candidior postquam tondenti barba cadebat*» (*Ecl.*, 1, 28-29).

5- Personificação da juventude, Hebe, (em gr. Ἥβη), filha de Zeus e de Hera, irmã, por conseguinte, de Ares e de Itília, apresenta-se como uma jovem servidora dos deuses, desempenhando o papel de escansão, antes do rapto de Ganimedes, preparando o banho de seu irmão Ares, ajudando sua mãe a desatrelar o carro e dançando, ao som da lira de Apolo, em companhia de outras jovens, como as Musas e as Horas. Na sequência da apoteose de Hércules e da sua reconciliação com Hera, Hebe desposou o herói, simbolizando assim o seu acesso à eterna juventude dos deuses. Jerónimo Cardoso atribui, neste passo, a Hebe características que são próprias de Flora, a potência da natureza que preside a tudo o que floresce.

## Página 32

1- Filho de Pã ou de Hermes e de uma Nífa, ou ainda do sangue vertido por Úrano aquando da sua mutilação por Cronos, Sileno fora, em tempos, mestre de Dioniso, a quem criara. Habitava na Arcádia e era detentor de grande saber, que não revelava aos mortais a não ser à força (cf. Virgílio, *Ecl.*, 6, 13-26). Apresentava-se como um velho feio, de nariz adunco, lábios grossos, chifres curtos, olhar bovino e ventre barrigudo, montado no dorso de um burro sobre o qual, em virtude da pesada embriaguez, dificilmente se conseguia equilibrar.

Sobre os Silenos, nome genérico dos Sátiros envelhecidos, cf. *supra*, **Lib.** 11, Título, p. 28, n. 1. Para uma referência a esta figura num outro ponto da obra de Cardoso, v. *infra*: «*Donec longaeuo nouit didicitque Sileno/ Aduenisse diem*» (*Sil.* 15, 73-74, p. 409).

2- Ou seja, Dioniso (Baco). Inicialmente o nome Iaco (*Iacchus*, em gr. Ἰακχος) designava o deus que conduzia misticamente o cortejo dos iniciados nos mistérios de Elêusis: estes proferiam o grito ritual «Iacche», que foi tomado por um vocativo, a partir do qual se criou uma divindade autónoma, cuja filiação varia, segundo as tradições, e que era figurado como um adolescente a guiar a procissão de Elêusis empunhando um archote. Devido, porém, à semelhança existente entre os nomes «Iaco» e «Baco», as duas figuras acabaram por se identificar, pelo que «Iaco» surge como nome poético de Baco, por exemplo, em Virgílio (*Ecl.*, 6, 15; 7, 61 e *Geor.*, 1, 166).

3- Também Virgílio, ao cantar os infelizes amores do poeta Galo, seu amigo, por Licóris, escreve: «Et formosus oues ad flumina paut Adonis» (*Ecl.*, 10, 18), sendo muito provavelmente a fonte deste passo de Cardoso.

4- Filha de Júpiter e de Neera, Egle (do gr. Αἴγλη, «brilho») era, como diz Cardoso, uma Náíade, ou seja, uma Ninfa das águas. Virgílio refere-a num passo, tomado como fonte por Cardoso, em que se afirma a beleza da Ninfa: «Addit se sociam timidisque superuenit Aegle,/ Aegle, Naiadum pulcherrima» (*Ecl.*, 6, 20-21). Numa partida que denuncia o seu carácter alegre e divertido, Egle aparece a besuntar o rosto de Sileno com amoras maduras, enquanto dois jovens pastores, Crómis e Mnasilo, o amarravam, na esperança de o fazer cantar.

5- Isto é, a Sileno. Jerónimo Cardoso emprega *parens* com o valor de *pater*, aludindo assim ao velho Sátiro. A sua união com Egle, sugerida em Virgílio, infere-se, por um lado, do carácter folgazão da Ninfa, revelado na partida das amoras, por outro, das intenções lascivas de Sileno, quando a seu respeito diz: «Huic aliud mercedis erit» (*Ecl.*, 6, 26).

6- Ninfas do elemento líquido, as Náíades encarnam a divindade das fontes ou cursos de água a que estão associadas e que protegem, são mortais, não obstante a prodigiosa longevidade que alcançam. Atribuía-se-lhes o poder da cura, que se alcançava bebendo ou banhando-se na água das nascentes a elas consagradas.

7- Semelhante acusação inspira-se novamente em Virgílio, nas duras palavras com que Dido lança em rosto de Eneias todo o seu despeito de mulher abandonada: «Nec tibi diua parens, generis nec Dardanus auctor./ Perfide, sed duris genuit te cautibus horrens/ Caucasus Hyrcanaeque admorunt ubera tigres» (*Aen.*, 4, 365-367). É interessante notar que, em Virgílio, Dido principia com elas o seu discurso (vv. 365-387), em Cardoso, Mopso usa-as para o encerrar. Voltaremos a encontrar um eco desta acusação, dirigido, desta feita, contra as Musas, num poema endereçado a Inácio de Morais (*El.* 1, 28, 21-22).

Por outro lado, quando Eneias desce aos Infernos, é a reacção do espectro de Dido que é posta em paralelo com a rigidez da pedra, denotando dureza e imobilidade: «Illa solo fixos oculos auersa tenebat./ Nec magis incepto uultum sermone mouetur/ Quam si dura silex aut stet Marpesia cautes» (*Aen.*, 6, 469-471).

8- Semelhante destino se propõe Dámon, o pastor virgiliano que Nisa rejeitou para se unir a Mopso: «Praeceptis aerei specula de montis in undas/ Defendar; extremum hoc munus morientis habeto» (*Ecl.*, 8, 60-61).

9- Outro nome colhido em fonte virgiliana: chamava-se Galateia (do gr. Γαλάτεια) a pastora com quem Títilo manteve uma relação infeliz, antes de encontrar a estabilidade ao lado de Amarilis (*Ecl.*, 1, 31-35). O seu nome torna a surgir no canto do pastor Dametas (3, 64; 72), referindo-se a uma pastora de costumes livres, e, mais tarde ainda, em palavras primeiro de Córidon (7, 37), depois de Méris (9, 39), sendo agora uma Nereide amada por Polifemo.

10- Tanto quanto sabemos, este nome não se encontra atestado em fontes clássicas com a ortografia que Jerónimo Cardoso apresenta. É possível, no entanto, que tivesse em mente *Sybaris* (do gr. Σύβαρις), topónimo feminino, graficamente muito próximo, nome de uma conhecida cidade da Magna Grécia, situada no Golfo de Tarento, famosa pelo luxo e devassidão dos seus habitantes, nome que, pelo menos num caso, em Horácio, se encontra atestado como antropónimo masculino: «Lydia, dic, per omnis/ Te deos oro, Sybarin cur properes amando/ Perdere» (*C.*, 1, 8, 2).

11- Não sendo virgiliano, o nome Anfimedonte (do gr. Ἀμφιμέδων) encontra-se atestado unicamente na obra de Ovídio, onde designa um Líbio tombado no contexto da luta travada entre Fineu, irmão de Cefeu e tio de Andrómeda, e Perseu, pelo direito de desposar a rapariga (*Met.*, 5, 75).

12- Atestado em diversos autores, mas não em Virgílio, o nome Filémon (do gr. Φιλήμων) designa várias personagens. Jerónimo Cardoso deve tê-lo conhecido através de Ovídio, que conta a história de Filémon e Báucis, dois anciãos piedosos, muito pobres, que não recusaram hospitalidade a Júpiter e a Mercúrio, quando estes se lhes apresentaram como simples viajantes (*Met.*, 8, 618-724),

relato esse de que Jerónimo Cardoso mostra ter conhecimento (cf. *infra*: «Ipsam fama Iouem subiisse Philemonis, atque/ Baucidis infirmos exiguosque lares», *El.* 2, 10, 43-44, p. 334).

Como castigo pela impiedade de todos quantos lhes não deram guarida, os deuses enviaram um dilúvio que atingiu toda a região, ficando de pé apenas a cabana dos anciãos, que foi transformada num templo. Estes, ao ser-lhes revelada a verdade, pediram que lhes fosse permitido acabar os seus dias juntos, pelo que foram transformados em duas árvores que cresciam diante do templo que fora outrora a sua morada.

### Página 33

1- A imagem do Sol poente, que com o alongar das sombras anuncia o final de um dia, põe termo a duas écloas de Virgílio: «Maioresque cadunt altis de montibus umbrae» e *Et sol crescentes decedens duplicat umbras* (*Ecl.*, 1, 83 e 2, 67). No caso presente, rememoração manifesta de Virgílio, tal imagem encontra-se realçada pelo jogo antitético *opacat/ lucet*, decorrente da contraposição do motivo do Sol poente ao do surgimento da Estrela da Tarde.

2- Virgiliano por excelência, o nome Títilo (do gr. Τίτυλος) encontra-se já, como nome de pastor, em Teócrito (3, 2 e segg.). Na obra do Mantuano, chama-se Títilo o pastor que dialoga com Melibeu na *Écloga 1*, o qual, atendendo ao conteúdo autobiográfico desses versos, se pode inclusivamente identificar com o Poeta (o mesmo acontecendo em *Ecl.*, 4, 4 e 8, 55). Noutros lugares é simplesmente o nome de um guardador de rebanhos, pelo que veio a ser tomado como sinónimo de «pastor» (*Ecl.*, 3, 20; 96; 5, 12; 9, 23-24), tal como sucede no caso presente, em que Dórilas chama Títilo a Mopso.

Também se encontra este nome em T. Calpúrnio Sículo, sendo, nuns passos, um pastor, servo de Iolas (*Ecl.*, 3, 19; 74 e 97), noutros, uma personificação de Virgílio (*Ecl.*, 4, 62; 64; 161 e 163).

3- O motivo do recolher do gado miúdo aos estábulos, ditado pelo surgimento de Véspero (Estrela da Tarde, ou seja, o planeta Vénus), com que Jerónimo Cardoso encerra o presente poema, resulta da combinação do fecho de duas écloas virgilianas: «Cogere donec oues stabulis numerumque referri/ Iussit et inuito processit Vesper Olympo» (atente-se nas palavras finais) e «Ite domum saturae uenit Hesperus ite capellae» (*Ecl.*, 6, 85-86 e 10, 77).

Para um outro aproveitamento do primeiro passo citado, v. *infra*: «Iam pronus in aequora Phoebus/ Ibat, et in summo Vesper surgebat Olympo» (*Sil.* 16, 96-97, p. 414).

### Página 34

1- A matéria deste poema (a disputa, ao sabor alexandrino, entre Vénus e Cupido, a vantagem inicial deste, o auxílio de Perístera e consequente derrota do deus do amor, a sua ira, a metamorfose da Ninfa e a sua adopção por Vénus) encontra-se exposta, em termos muito semelhantes, na obra dos *Mytographi Vaticani* (1, 175; 2, 33), sendo igualmente do conhecimento de Lactâncio, controversista cristão, fontes deste poema de Cardoso.

2- Eros, filho de Afrodite e de Hermes e deus do amor, recebe aqui, por extensão metonímica o nome de Idálio (do gr. Ἰδάλιος), dado que assim se chamava um monte e cidade da ilha de Chipre, célebres na Antiguidade, pelo culto aí prestado a sua mãe. Este deus apresentava-se sob a inocente forma de um menino alado (cf. *infra*, v. 3), armado de arco e aljava e de olhos vendados (cf. *infra*, *Mon.* 3, 30 e 37), não obstante o temor que os seus cruéis golpes inspiravam tanto em deuses como em mortais.

Para outra referência a este lugar na poesia de Cardoso, v. *infra*: «Cypris et Idaliis unxit pulcherrima succis/ Aligeros prohibens procul hinc abscedere natos» (*Sil.* 12, 11-12, p. 402).

3- Refere-se Cardoso à deusa Afrodite (ou Vénus), com recurso ao conhecido epíteto de «Citereia», ou seja «de Citera», nome de uma ilha do mar Egeu, que se ufanava de ser a pátria da deusa, nascida da espuma que cobria as águas do mar aquando da mutilação de Úrano, e na qual esta era objecto de um culto fervoroso.

4- Em grego um substantivo comum (περιστέρα, «pomba»), o nome desta Ninfa desde logo a associa à deusa do amor, dado ser esta a sua ave preferida: a deusa era representada montando um carro tirado por um casal de pombas.

5- Outro conhecido epíteto de Afrodite, assim designada pela famosa estátua de Praxíteles que, rejeitada pelos habitantes de Cós, a quem inicialmente se destinava, veio a ser adquirida pelos de Cnido, cidade dórica da Cária, como refere Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 36, § 20). Considerada a mais bela estátua do mundo, aplicava a técnica do *contrapposto* ao nu feminino, podendo ser igualmente admirada de todos os lados. Note-se como Cardoso, numa prática comum entre os humanistas, evita mencionar directamente o nome da deusa, preferindo utilizar os seus diversos epítetos.

### Página 35

1- Sobre esta Márcia, belíssima jovem por que se perdeu de amores o consultor Jorge Lopes, antigo aluno de Jerónimo Cardoso, e sobre os poemas que este lhe dedicou, v. *infra*, *El.* 1, 18, p. 286, n. 1.

2- Célebre pintor grego, Apeles de Cós viveu na segunda metade do séc. IV a. C., na corte de Alexandre Magno e, após a sua morte, na de Ptolomeu. Notável tanto na arte do retrato como na alegoria, de que terá sido um dos primeiros cultores, alcançou uma fama tal que o seu nome se tornou sinónimo de «pintor de talento». Todas as suas obras se perderam.

Para outras ocorrências em Cardoso, v. *infra*, *Lib.* 18, p. 69; *Ep. A.*, p. 74; *Ep.* 27, p. 130 (bis) e *El.* 1, 22, 9, p. 294.

3- Sobre as Náiades, v. *supra*, *Lib.* 11, 92, p. 32.

4- Depara-se-nos neste verso, objecto de uma curiosa inversão, uma imagem de Marcial, formulada a respeito de uma certa Letina que, já encanecida, costumava tingir os seus cabelos a quem o Poeta adverte, com palavras tornadas proverbiais (cf. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 226, p. 105): «Non omnes fallis; scit te Proserpina canum:/ Personam capiti detrahet illa tuo» (3, 43, 3-4). Letina apresenta um rosto desfigurado pela idade, Márcia é jovem e bela; aquela procura enganar, esta é objecto de um engano; à primeira arrancará Prosérpina (a morte) uma beleza fingida, à segunda a água uma beleza real.

### Página 36

1- O nome de Faros (do gr. Φάρος, hoje Faro), ilha situada perto de Alexandria, no Egipto, onde Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a. C.) mandou construir o famoso Farol, celebrada maravilha do mundo antigo, abrange metonimicamente o território do Egipto, como sucede em Papínio Estácio: «Nunc regina Phari numenque Orientalis anhelis» (*Silu.*, 3, 2, 102) e em Lucano «petimus Pharon aruaque Lagi» (8, 443). Cardoso desterra assim a tristeza para a Líbia (África Setentrional) e para o Egipto, terras remotas, povoadas de infieis.

2- Ou seja, de Fescénia, nome de uma pequena cidade da Etrúria, situada nas margens do Tibre, próxima de *Falerii*, famosa pelos diálogos em verso, de conteúdo grosseiro, licencioso e injurioso, ditos por ocasião das colheitas, dos casamentos e dos triunfos dos generais vitoriosos, apontados já pelos Antigos (cf. Horácio: «Fescennina per hunc inuenta licentia morem/ Versibus alternis opprobria rustica fudit» *Ep.*, 2, 1, 145-146), como um dos elementos intervenientes na génese da comédia latina.

3- Ou seja, a Baco (ou Dioniso). Como epíteto desta divindade, o nome «Lieu» (do gr. Λυαῖος, «o que tira os cuidados») alude aos efeitos relaxantes e desinibidores do vinho.

Para outras referências a esta divindade feitas com recurso ao mesmo epíteto, v. *infra*: «Non epulae recreant non dulcia dona Lyaei» (*El.* 2, 7, 67, p. 329); «Excipe purus amor quae dat tibi munera laetus,/ Nam sua flaua Ceres recipit, sua dona Lyaeus» (*Sil.* 2, 87-88, p. 370).

4- O assunto da presente composição: a história de Estáfilo, o pastor etólio que, ao indagar um dia o motivo por que uma das suas cabras regressava sempre mais tarde e mais contente, encontrou uns frutos desconhecidos, os quais depois levou ao seu rei Eneu, que se lembrou de os espremer, inventando assim o vinho, encontra-se detalhadamente exposto num escólio de M. Valério Probo (Pseudo) (*Comm. in Georg.*, 1, 9), fonte das informações utilizadas por Jerónimo Cardoso a partir do v. 29.

5- Procne, filha de Pandíon, rei de Atenas, e irmã de Filomela, veio a ser dada em casamento a Tereu, aliado de seu pai, de quem gerou um filho. Tereu, porém, enamorou-se por Filomela, violou-a e, para que esta nada pudesse dizer, cortou-lhe a língua. Os factos vieram, no entanto, a ser do conhecimento de Procne, que puniu Tereu cozinhando e servindo-lhe o seu filho. Quando, sabendo do seu crime, Tereu se preparava para o vingar matando-as, as duas irmãs, tendo invocado o auxílio dos deuses, viram-se transformadas em aves: Procne em rouxinol e Filomela em andorinha (ou, segundo os autores romanos, o contrário). A história era do conhecimento de Cardoso provavelmente através do relato de Ovídio (*Met.*, 6, 426-675).

Para uma outra alusão a estas duas irmãs, v. *infra*: «Victa suis tenuit cantu meliore querelas/  
Infelix Prognés bis uitiata soror» (El. 1, 9, 11-12, p. 267).

6- Alusão ao conhecido episódio (relatado novamente por Ovídio, *Met.*, 8, 183-235) da fuga de Dédalo e Ícaro do Labirinto de Creta, que aquele construíra e onde tinham sido ambos aprisionados por ordem de Minos, que assim punia a traição de ter Dédalo sugerido a Ariadne o expediente do fio, que permitiu a Teseu sair do Labirinto, depois de eliminar o Minotauro. Unindo penas com cera de abelha, Dédalo fabricou asas, com que conseguiu fugir para Cumas, o seu filho, porém, tendo voado, contra as suas indicações, demasiado perto do Sol, veio a precipitar-se nas águas do que, depois, veio a chamar-se Mar Icário, próximo da ilha de Samos.

Sobre a queda de Ícaro, v. *infra*, Lib. 18, p. 53; *Ins.*, 4, 7-8, p. 246; El. 1, 10, 7-8, p. 269; sobre as qualidades de Dédalo como artista, v. *infra*, El. 2, 7, 39-40, p. 328; sobre a sua fuga, v. *infra*, Sil. 7, 12-13, p. 384.

7- Referência aos amores monstruosos de Pasífae, filha de Hélio e Perseide e mulher de Minos. Quando este pediu aos deuses um sinal que confirmasse o seu direito ao trono de Creta, prometeu a Posídon que, se fizesse sair do mar um touro, logo o sacrificaria, promessa que não cumpriu. O deus, então, embraveceu o touro e, depois, inspirou em Pasífae uma paixão desenfreada pelo animal. Esta, para concretizar tal união, recorreu a Dédalo, artista ateniense, simultaneamente escultor, arquitecto e inventor de engenhos, exilado em Creta pela morte de seu sobrinho Talo, o qual construiu uma vaca oca tão perfeita, que conseguiu iludir o touro. Desta monstruosa união nasceu o Minotauro, criatura híbrida, misto de homem e de touro.

### Página 37

1- Particularmente conhecido pelo excelente vinho que nele se produzia, o Tmolo (ou Timolo, do gr. Τιμῶλος), montanha da Lídia, referido, entre outros, por Virgílio (*Geor.*, 1, 56) e Ovídio (*Met.*, 2, 217) e hoje chamado Kisilja Mousa Dagh, tinha as suas encostas cobertas de extensos vinhedos (cf. *infra*, El. 1, 23, 22, p. 296 e El. 1, 24, 44, p. 300). Nele se produzia igualmente mel e açafrão.

Das suas vertentes brotava o Pactolo (em gr. Πακτωλός), hoje dito Sarabat, rio de auríferas areias, a cuja riqueza Cardoso faz alusão (cf. *infra*, El. 2, 5, 58, p. 323) e que já Sílio Itálico punha em paralelo com os dois maiores rios que atravessam Portugal, ao dizer: «Hinc certant, Pactole, tibi Duriusque Tagusque» (1, 234), tal como faz Cardoso (v. *infra*, El. 1, 29, 42-43, p. 311 e Sil. 2, 50-51, p. 369).

2- Situado na fértil região da Campânia, o Mássico (*Massicus*, hoje dito Monte Masso ou Massico), célebre pela excelente produção vinícola, vem mencionado em Virgílio, sob a forma de um adjectivo, num passo que Cardoso devia ter em mente ao compor os presentes versos: «uertunt felicia Baccho/ Massica qui rastris» (sc. *iuga* ou *arbusta*, *Aen.*, 7, 725-726).

Ao seu afamado vinho (dito *Massicum uinum*, *Massicus umor* ou simplesmente *Massicum*) se referem, entre outros, Horácio (*C.*, 1, 1, 19; 2, 7, 27, *Sat.*, 2, 4, 51) e Virgílio (*Geor.*, 2, 143 e 3, 526).

3- Nome de uma província da Grécia Central, a Etólia (em gr. Αἰτωλία) estava situada a Sul da Tessália, entre Locros e Acarnânia, perto da embocadura do rio Aqueloo, e toma o seu nome de Etolo, filho de Endímion e de uma Ninfa, o qual aí reinou depois do exílio a que se viu obrigado pelo assassinio de Ápis, no Peloponeso.

4- Como substantivo comum, o nome deste pastor, Estáfilo (do gr. Στάφυλος), personagem que integra o ciclo de Dioniso, significa «o cacho» (cf. *infra*, v. 70).

5- Em M. Valério Probo (*Comm. in Georg.*, 1, 9) lê-se simplesmente «Aetolus pastor Staphylus».

6- Como substantivo comum, o nome deste rei mítico da Etólia, Eneu (do gr. οἶνος), significa «vinho» (cf. *infra*, v. 69).

7- Cálidon (em gr. Καλυδών), região e cidade muito antiga da Etólia, a Norte do golfo de Corinto, hoje chamada Kurt-aga, estava situada nas margens do rio Eveno. Recebeu o nome de Cálidon, herói epónimo seu fundador, filho de Etoio (v. *supra*, v. 27, n. 3) e de Prónoe e serviu de cenário ao famoso episódio conhecido pelo nome de «Caça de Cálidon», protagonizado por Meleagro, filho de Eneu. Jerónimo Cardoso refere-se-lhe em *Sil.* 2, 70-71, p. 370.

8- Ao longo dos vv. 33-36 é notória a influência de M. Valério Probo, cujo texto Jerónimo Cardoso segue muito de perto: «cum Oenei capellas in pabulum deduceret, notauit unam praecipue secedentem a grege, laetiozem <que> ceteris recipientem se serius in praesepia» (*Comm. in Georg.*, 1, 9).

### Página 38

1- Adensando o mistério que envolve o estranho comportamento da cabra, Jerónimo Cardoso desdobra em vários versos (vv. 36-44) o que M. Valério Probo resumira em poucas palavras: «Cuius rei ut causam cognosceret, secutus est eam clam» (*Comm. in Georg.*, 1, 9).

2- Seguindo Cardoso, com grande proximidade, as palavras de M. Valério Probo na descrição do achamento das uvas (vv. 45-46), logo delas se afasta, para retratar o espanto, primeiro de Estáfilo, depois de Eneu, ante o novo fruto (vv. 47-52), algo que de todo está ausente da sua fonte: «et in remota stirpe animaduertit uam edentem, pomum iis temporibus incognitum, et sustulit regique pertulit Oeneo», o mesmo acontecendo com a descrição do processo de fabrico do vinho (vv. 53-56), que o escoliasta resume a um simples complemento: «expresso humore» (*Comm. in Georg.*, 1, 9).

3- Atendendo à sua forma baixa e larga, a pátera (de *pateo*, «estar aberto»), um tipo de vaso de bordos dilatados (Jerónimo Cardoso, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 163- r.º, define-a como «A taça»), usada especialmente nos sacrifícios para derramar vinho sobre as aras ou a cabeça das vítimas, parece particularmente adequada ao uso que dela faz Eneu, prenunciando assim a sua utilização futura.

4- Literalmente, «favos de mel de Crecópia», ou seja, da cidadela de Atenas, assim chamada por ter sido Cécrops (em gr. Κέκροψ) o seu fundador e o mais antigo rei da Ática, que aí chegou vindo de Sais, no Egipto. O melhor mel da região, porém, provinha do Himeto (em gr. Ύμηττός), montanha situada próximo de Atenas. A sua qualidade tornou-se proverbial, sendo referido, entre outros, por Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 11, § 32); Cícero (*Fin.*, 2, 34, § 112); Horácio (*C.*, 2, 6, 14); Ovídio (*A. A.*, 2, 423) e Marcial (7, 88, 8).

Em Jerónimo Cardoso, o nome do Himeto ocorre algumas vezes, v. *infra*, «apiculae Hymettiae» (*Ep.* 3, p. 82); «mella/ [...] Hymetti» (*El.* 1, 15, 48, p. 282); «quod Hymetos olet» (*El.* 2, 5, 52, p. 323) e «quicquid Hymetti, / Incola [...] carpsertit» (*Sil.* 14, 2, p. 405), sendo ainda referido por Pedro Sanches: «Retia tendentem de summo uertice Hymetti» (*El.* 2, 12, 33, p. 337).

5- De novo se aproxima Cardoso da sua fonte, dela aproveitando inclusivamente algo da sintaxe e do vocabulário: «cum eum uetustate cognosceret mitescere» (M. Valério Probo, *Comm. in Georg.*, 1, 9).

6- Desenvolve Cardoso em dois dísticos (vv. 59-62) os dados seguidamente fornecidos por M. Valério Probo: «qui [...] Libero patri posuit excepto a se hospitio» (*Comm. in Georg.*, 1, 9) ρεπετινδο-σε εστε προχεςσο, χομ μοστρασ δε μαιορ ου μειορ χριατίδαδε, νοσ διοσ παρεσ δε δροστιχοσ συβσεθυεντες. Τεμοσ ασσιμ, πορ υμ λαδο, οσ'. 63-66, θεε ιντερπρεταμ ασ σεγυιν τεσ παλάρασ· εΧυισ ρει χυλτιμ χυμ δεμονοστραρετ Λιβερ[ι] πορ ουτρο λαδο, οσ'. 67-70, θεε σε γυειμ μαισ φιελμεντε ασ παλάρασ φιναισ δο εσΧφλιο· ευτ περπετεια ιννευτορυμ εσσετ γλορια, χουστπιτιτ υτ αβ Οενεο οἶνος appelaretur uinum a Staphylo uua σταφυλή» (M. Valério Probo, *Comm. in Georg.*, 1, 9).

Página 40

1- Reitor da Universidade de Lisboa em 1536, Jorge Fernandes, segundo elementos recolhidos por A. Moreira de Sá nos volumes do *Auctarium Chartularium Universitatis Portugalesis* (*op. cit.*, p. 256), era já bacharel e conselheiro de Estudo em 1506 (termo datado de 18 de Outubro). Opôs-se à cadeira de véspera de Leis a 12 de Junho de 1507 e, dias depois, a 26 desse mês, à cadeira de Leis, à hora de terça. A 22 de Maio de 1516 surge como doutor, sendo designado como lente de prima de Leis num termo de 2 de Junho desse ano. Confirma-o um outro termo de 18 de Julho de 1517 que o diz doutor *in utroque*. Opoente a Estatuta e Cânones a 16 de Abril de 1518, um termo de 22 de Maio seguinte regista a sua eleição para a catedrilha de Sexto de Cânones e, a 29 desse mês, surge como opoente à cadeira de véspera de Cânones. No ano de 1519, a 18 de Outubro, figura como lente deputado sendo eleito, a 10 de Novembro, para a cadeira de terça de Cânones, que lhe foi atribuída. Tendo concorrido à cadeira de prima de Cânones a 1 de Junho de 1521, opôs-se à de véspera de Leis a 16 de Agosto, sendo eleito, a 15 de Novembro seguinte, para essa cadeira. Um termo de 18 de Outubro de 1523 refere-o novamente como lente deputado e um outro, de 4 de Agosto de 1526, como síndico do Estudo. Prosseguindo a sua ascensão na carreira, surge como Vice-Reitor do Estudo a 20 e 21 de Novembro (ou Dezembro) de 1530, sendo eleito para este cargo a 10 de Julho de 1535. Uma nomeação régia, entretanto, faz dele desembargador dos agravos da Corte e da Casa do Cível, «E para coroar a sua carreira académica, a 10 de Novembro de 1535 foi eleito reitor da Universidade de Lisboa» (*idem*, *ibidem*, p. 257).

Terá sido certamente Jorge Fernandes, na qualidade de reitor da Universidade, que dirigiu a Jerónimo Cardoso o convite para que fizesse, nesse ano de 1536, a lição de abertura solene do ano lectivo pronunciando a *Oratio pro Rostris*. No ambiente tenso que então se respirava na Universidade, Cardoso encontrou nesta figura um sólido esteio e tal será, com toda a probabilidade, a razão de lhe ter dedicado o trabalho que a seu convite redigiu e pronunciou. De resto, referindo-se a Jorge Fernandes em vários passos da sua obra, Jerónimo Cardoso consagra-lhe sempre palavras elogiosas: assim faz, por exemplo no início e no termo da sua *Oratio* (*v. infra*, *Lib.* 18, pp. 41 e 70-71) bem como no extenso poema que consagrou aos docentes da Universidade de Lisboa e que viria a ser incluído, em posição de destaque, no *Siluarum Liber Vnus* (*v. infra*, *Sil.* 10, 9-36, pp. 392-393). Nem Barbosa Machado nem HISLAMPÁ se referem a Jorge Fernandes.

2- Segundo A. Moreira de Sá (*ibidem*, p. 257), Jorge Fernandes foi eleito Reitor da Universidade de Lisboa a 10 de Novembro de 1535, cabendo-lhe a difícil tarefa de, por determinação de D. João III, ante a oposição da Universidade, da edilidade de Lisboa e da Igreja, assegurar a transferência da Universidade para Coimbra.

3- Isto é, a 1 de Outubro. Sobre a data da abertura solene do ano lectivo na Universidade portuguesa, cf. *infra*, *Lib.* 18, título, p. 41.

4- Tendo escapado ao destino dos seus irmãos massacrados por Hércules, Nestor, rei de Pilos no Peloponeso, filho de Neleu e de Clóris, uma das Nióbides, viveu, por mercê de Apolo (que assim procurou redimir-se da morte de seus tios e tias) mais de três gerações, atingindo uma idade extremamente provecata. Nos poemas homéricos é o modelo de ancião sensato, corajoso em combate e bom conselheiro. Participou em inúmeras aventuras (como a luta dos Lápidas contra os Centauros e a caça de Cálidon) e, na Guerra de Tróia, desempenhou, como conselheiro, um papel fundamental, sendo um dos poucos heróis a ter, após a queda de Tróia, um feliz regresso.

A sua figura surge, com alguma frequência, em Cardoso, referido pelo nome próprio, pelo patronímico («filho de Neleu») ou, metonimicamente, pelo nome de Pilos, seja como modelo de sensatez (como no caso presente, bem como em *EI.* 2, 3, 15, p. 317, «Nestore quis Pylio non laudatore superbit»), e em *Sil.* 6, 100-101, p. 383, «quae Pylio regi [...] Elicuisse queant risum») seja como exemplo de uma feliz longevidade (como sucede em *Mon.* 7, 90, p. 229, «Promittunt Pylios et sine nube dies»; em *EI.* 2, 12, 79, p. 339, «ille precor uiuat longaeui Nestoris annos», palavras de Pedro Sanches; em *EI.* 2, 27, 39-40, p. 359, astra/ Vt senior Pylio Nestore clara petas»; em *Sil.* 2, 10-12, p. 368, «quantasque [...] Pylioque seni, Euboicaeque sibyllae/ Nascenti pepigere moras»; em *Sil.* 3, 35-36, p. 373, «Me utrique precari/ [...] Nelidae et saecula regis»; em *Sil.* 4, 3, p. 374, «O dilecte mihi Pylia dignissime uita» e em *Sil.* 15, 114-115, p. 410, «Pyliae stadium percurrere senectae./ Felix»).

5- Legislador e poeta ateniense, a quem se deve a fundação da democracia, Sólon de Salamina, que nasceu no seio da aristocracia e viajou muito dedicando-se ao comércio, terá vivido entre os sécs. VII e VI a. C. Da sua produção poética, indissociável da sua carreira política, restam

fragmentos de elegias e de iambos (num total de cerca de 300 versos), um dos quais (o fragm. 22 Diehl, v. 7) é citado por Cardoso em **Ep.** 66, p. 213.

Como estadista, segundo M. H. Rocha Pereira («SÓLON» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 17, pp. 514-515), Sólon deixou marca indelével na organização do Estado Ateniense, a que presidiu como arconte pelos anos de 594-593 a. C. Suavisando o rigor das leis orais de Drácon, das quais permaneceram apenas as relativas ao homicídio, Sólon promulgou as primeiras leis escritas (como Cardoso recorda em, **Lib.** 18, p. 66), que ficaram expostas na ágora de Atenas, no Pórtico Real e, mais tarde, no Pritaneu, gravadas em prismas rotativos. Aboliu a escravatura por dívidas, fomentou o comércio e a indústria, reformou os pesos, as medidas e a própria moeda. Redefiniu a organização da sociedade, dividindo-a, com base na riqueza, em quatro classes, a que foram adscritas diferentes responsabilidades políticas. Com a criação dos tribunais da Helieia, permitiu que todos, homens, mulheres e crianças, escravos ou livres, tivessem acesso à justiça. A sua figura permaneceu, para a posteridade, como modelo de estadista íntegro e sensato.

#### Página 41

1- Ou seja, a 1 de Outubro. Na Universidade portuguesa, em inícios do séc. XVI, segundo A. Costa Ramalho («ORAÇÕES LATINAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 21, pp. 844-845) a abertura solene das aulas tinha lugar a 18 de Outubro, dia de S. Lucas, sendo então pronunciado o discurso inaugural. Assim aconteceu em 18 de Outubro de 1504, quando D. Pedro de Meneses, Conde de Alcoutim, pronunciou a sua *Oratio*. Mais tarde, tal abertura foi antecipada para o dia 1 de Outubro, sendo então inaugurado o ano lectivo em geral, segundo se depreende das palavras do próprio Cardoso (**Ep.** 11, p. 97). Neste dia foram pronunciadas as orações conservadas de André de Resende (1534) e de Jerónimo Cardoso (1536), tendo tal data sido mantida após a transferência da Universidade para Coimbra, em 1537.

2- Orador ateniense filo-macedónico, Ésquines (c. 390 a. C. a c. 314 a. C.) tomou parte nos tratados de paz celebrados com Filipe II da Macedónia e opôs-se à política desenvolvida por Demóstenes. Criado em condições humildes, Ésquines trabalhara como actor trágico e ocupara lugares menores no aparelho de Estado (foi escriba e secretário da Bulé ou Conselho dos 500). Participou, com Demóstenes, na embaixada de 346 a. C., que resultou na paz de Filocrates, entre Atenas e a Macedónia, a cuja expansão Ésquines se mostrou favorável, pelo que foi acusado de traição por Demóstenes e Timarco, acusação de que foi declarado inocente em 343 a. C. Mais tarde, em 339, proporcionou a Filipe um pretexto para entrar na Grécia Central, o que, após a vitória de Queroneia, em 338, se traduziu na hegemonia da Macedónia sobre a região (e sobre Atenas). As relações entre Ésquines e Demóstenes agravaram-se nos anos seguintes (de 336 a 330 a. C.), acabando por levar o primeiro ao exílio em Rodas, onde se dedicou ao ensino da Retórica. Restam-nos três discursos da sua autoria: *Contra Timarco*, *Sobre a Embaixada Infiel* e *Contra Ctesifonte*.

3- O episódio, relatado por Cícero (*De Or.*, 3, § 213), fonte provável das informações de Cardoso, e referido ainda por Valério Máximo (8, 10, § 1), Quintiliano (*Inst.*, 11, 3, § 6) e Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 7, § 110) terá ocorrido após o exílio de Ésquines em Rodas e demonstra a importância por este atribuída à acção oratória (fisionomia, gestos, atitudes), isto é, à *elocutio*. Ésquines terá declamado, a pedido dos habitantes de Rodas, o seu discurso *Contra Ctesifonte* e, no dia seguinte, declamou a *Oração da Coroa*, pronunciado por Demóstenes em defesa do mesmo Ctesifonte, o qual foi acolhido com sinais de uma tão grande admiração, que Ésquines terá comentado: «Quanto [...] magis miraremini, si audissetis ipsum!» (Cícero, *De Or.*, 3, § 213).

4- Na célebre *Oração da Coroa*, pronunciada em 330 a. C., Demóstenes (384-322 a. C.) defende Ctesifonte das acusações contra ele formuladas por Ésquines, seu rival, fazendo a apologia de toda a sua actuação política. Ctesifonte propusera que fosse novamente atribuída a Demóstenes a coroa de ouro das Grandes Dionísias, pela reconstrução, em parte a expensas próprias, das muralhas do Pireu, pela gestão do fundo do *Theoricon* e por outros benefícios em geral, proposta que Ésquines impugnara como ilegal em 336 a. C., com o seu discurso *Contra Ctesifonte*. O processo veio a culminar numa retumbante vitória de Demóstenes, em consequência da qual Ésquines se viu obrigado a partir para o exílio.

#### Página 42

1- Sobre este epíteto ritual da deusa Atena, v. *supra*, **Lib.** 2, 36, p. 11.

2- As portas do templo de Jano, em Roma, permaneciam abertas em tempo de guerra, sendo fechadas apenas se a paz reinasse nos domínios romanos. Atribuía-se esse facto a um prodígio, ocorrido quando, após o rapto das Sabinas, Tito Tácio e os Sabinos atacaram a cidade. Tarpeia, filha do guarda do Capitólio, franqueou-lhes as portas da cidadela e estes estavam a ponto de cercar os defensores quando Jano fez brotar uma nascente de água quente que assustou os assaltantes e os pôs em debandada. Em memória de tal milagre, determinaram deixar as portas do templo sempre abertas em tempo de guerra, para que o deus pudesse vir em auxílio dos Romanos. O imperador Augusto ufanava-se de ter fechado o templo de Jano por três vezes, quando, desde a fundação de Roma, tal ocorrera apenas em duas ocasiões. Sobre esta divindade e a sua representação física, v. *infra*, Ep. 62, p. 206.

3- Cf. *infra*, Lib. 18, p. 69 e n. 1. Sobre a expressão paralela «fores aperire» e o seu sentido, v. *infra*, Ep. 4, p. 83, n. 6.

### Página 43

1-

2- Segundo informação de Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 7, § 192), alguns («alii»), entre os quais aponta Cn. Gélio, historiador do séc. I a. C., autor de uns *Annales*, atribuíam a invenção da escrita egípcia a Mercúrio ou Hermes. Este deus, no período greco-romano, por conduzir as almas dos mortos aos Infernos (função pela qual tinha o nome de *Psicopompo*, isto é, o «Acompanhante das Almas»), veio a identificar-se com Anúbis, o deus com cabeça de chacal que guiava as almas no mundo do além, presidia ao reino dos mortos e velava pelos túmulos, o qual passou a ser representado com o caduceu, atributo de Hermes (imagem que surge, por exemplo, em Apuleio: «hic horrendus ille [...] atollens canis ceruices arduas, Anubis, laeua caduceum gerens», *Met.*, 11, 11).

Os Antigos Egípcios, porém, acreditavam que a escrita hieroglífica tinha primeiramente sido inventada por Thoth, o deus com cabeça de íbis, e que, a partir dela, se tinham desenvolvido primeiro a escrita hierática e, muito mais tarde, a demótica.

3- Não é possível identificar esta figura com o herói homérico seu homónimo, filho de Aurora e de Titono, embora este fosse, de acordo com algumas tradições, oriundo de Tebas, no Egipto. Plínio-o-Antigo, porém, em cuja informação Cardoso se baseia, aludindo a um certo Anticlides, antiquário ateniense do início do séc. III a. C., escreve: «Anticlides in Aegypto inuenisse quendam nomine Menen tradit tradit, X'V' annorum ante Phoronea, antiquissimum Graeciae regem, idque monumentis adprobare conatur» (*N. H.*, 7, § 193). O nome da personagem referida é, no entanto, incerto, variando consoante a tradição manuscrita. Cardoso procura, como se pode constatar, conciliar as diferentes teorias apresentadas pelo Naturalista.

4- No capítulo em que aborda a introdução do alfabeto em Roma, Tácito escreve: «Primi per figuras animalium Aegyptii sensus mentis effingebant - ea antiquissima monumenta memoriae humanae impressa saxis cernuntur -, et litterarum semet inventores perhibent» (*Ann.*, 11, 14, 1), palavras em que Jerónimo Cardoso se baseia para a presente afirmação.

5- Filho de Zeus e de Europa, tendo por irmãos Minos e Sarpédon, Radamanto foi, com estes, adoptado por Astérion, rei de Creta. Tinha fama de grande sabedoria e prudência, atribuindo-se-lhe a organização do código cretense, pelo que, após a morte, se dizia ter sido chamado aos Infernos, para, com seu irmão Minos e Éaco, um outro filho de Zeus, presidir ao julgamento dos mortos.

Não conhecemos, porém, autor algum que lhe atribua a invenção do alfabeto. A origem da informação de Cardoso pode estar numa interpretação equívoca de um passo de Plínio-o-Antigo, que, imediatamente antes de se ocupar da invenção do alfabeto, escreve: «eadem [Ceres] prima leges dedit, ut alii putauerent, Rhadamanthus» (*N. H.*, 7, § 191), para, logo de seguida, dizer: «Litteras semper arbitror Assyrias fuisse» (*N. H.*, 7, § 192).

6-

7- Herói homérico, filho de Náuplio e de Clímene, Palamedes participou nos preparativos da Guerra de Tróia, integrando duas embaixadas que procuraram solucionar a questão sem recurso às armas. O seu empenho e dedicação à causa de Menelau vieram a custar-lhe a vida, dado que Palamedes desmascarou o embuste de Ulisses, que se fizera passar por louco, para se eximir ao dever de participar

na expedição. O astuto filho de Laertes conseguiu, no entanto, vingar-se, causando-lhe a morte. O seu fim tornou-se proverbial, ficando como símbolo da morte injusta resultante de intrigas mesquinhas de gente malévola. Entre outros inventos, atribuiu-se a Palamedes a criação de um ou mais caracteres do alfabeto (em particular a letra Y, que Palamedes inventara ao observar o voo dos grous) e a ordenação das letras do alfabeto grego, introduzidas por Cadmo.

8- Poeta lírico grego, nascido em Ceos, em 556 a. C., Simónides veio a ser considerado o cantor nacional da Grécia, ao celebrar, a pedido de várias cidades, os heróis das Guerras Medo-Persas, sendo particularmente famoso o seu canto em honra dos heróis das Termópilas (fragm. 26 Page). Autor de ditirambos e epinícios, Simónides percorreu o mundo grego como chefe de coros, viveu na corte dos Pisístratos em Atenas e, na Sicília, conseguiu reconciliar os tiranos de Siracusa e de Agrigento, cidade em que veio a falecer em 468 a. C. A sua poesia, de uma moralidade austera, reflecte sobre a instabilidade da sorte e a fragilidade do ser humano.

9- Com efeito, Heródoto, em *Histórias*, 5, 58, escreve: «Καὶ τὰς βύβλους διφθέρας καλέουσι, ἀπὸ τοῦ παλαιοῦ οἱ Ἴωνες, ὅτι κοτὴ ἐν σπᾶνι βύβλων ἐχρέωντο διφθέρησι αἰγέησι τε καὶ οἰέησι· ἐτι δὲ καὶ τὸ κατ' ἐμὲ πολλοὶ τῶν βαρβάρων ἐς τοιαύτας διφθέρας γράφουσι», ou seja, «C'est de même d'après l'ancien usage que les Ioniens appellent les livres de biblos *diphères*, parce que jadis, vu la rareté des livres de biblos, ils employaient de peaux (*διφθέραι*), peaux de chèvres ou de moutons; encore de mon temps, beaucoup des Barbares écrivent sur cette sorte de peaux» (Herodote, *Histoires- livre V- Therpsichore*, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1989<sup>4</sup>, p. 103).

10- Filho de Agenor e de Telefaassa e irmão de Cílix e de Europa, Cadmo foi, após o rapto desta, incumbido por seu pai de a procurar, juntamente com o seu irmão, sendo intimados a não mais aparecer diante dele se a não trouxessem. Cadmo partiu assim, em companhia de sua mãe, da região de Tiro, onde reinava Agenor, vindo a instalar-se na Trácia, quando se deu conta de que a busca era infrutífera. Mais tarde, morta Telefaassa, um oráculo determina que cesse de procurar a sua irmã e funde uma cidade: Cadmeia, a cidadela da futura Tebas, na Beócia. Vários autores, como Heródoto (*Histórias*, 5, 58), Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 7, § 192), Tácito (*Annales*, 11, 14, § 2) e Higino Mitógrafo (*Fabulae*, 277, § 2) atribuem a Cadmo, ou aos Fenícios que com ele vieram, a introdução do alfabeto na Grécia.

Sobre Cadmo e o episódio dos *Spartoi*, os «homens semeados», v. *supra*, **Lib. 2**, 30, p. 11.

#### Página 44

1- Parece ser Plínio-o-Antigo a principal fonte das informações utilizadas por Cardoso neste passo, ao escrever: «Litteras semper arbitrator Assyrias fuisse, sed alii apud Aegyptios a Mercurio, ut Gellius, alii apud Syros repertas uolunt, utrique in Graeciam attulisse e Phoenice Cadmum sedecim numero, quibus Troiano bello Palameden adiecisse quattuor hac figura ΗΥΦΧ, totidem post eum Simoniden melicum ΨΞΩΘ, quarum omnium uis in nostris recognoscitur» (*N. H.*, 7, § 192). As informações colhidas do Naturalista são porém complementadas, em tom conciliatório, com outras procedentes de Tácito e de Heródoto, como acima apontámos.

2- Beroso, um astrónomo que terá vivido em tempos de Alexandre Magno, foi sacerdote e intérprete de Belo, primeiro rei dos Assírios e pai de Nino, por vezes identificado com o deus Baal. Deixou escrita uma colecção de Βαβυλωνιακά, apontamentos de erudição e de astrologia, dedicados a Antíoco I Soter (324-261 a. C.). Vitrúvio (9, 6) atribui-lhe a fundação de uma escola de astronomia em Cós. Sobre a homenagem que os cidadãos de Atenas lhe prestaram, erigindo-lhe uma estátua a expensas públicas, v. *infra*, p. 56, n. 5.

3- Critodemo, em gr. Κριτόδημος (e não «Tricodemo», como, por lapso tipográfico, se lê na edição de 1550), terá sido um outro astrónomo da época helenística. Tanto Beroso como Critodemo parecem nada ter que ver com a introdução do alfabeto na região do Lácio. O seu nome, porém, aparece referido em Plínio-o-Antigo, num passo que, sendo mal interpretado, pode ter dado origem à presente afirmação: «E diuerso Epigenes apud Babylonios D'C'C'X'X' annorum obseruationes siderum coctilibus laterculis inscriptas docet [...]; qui minimum, Berosus et Critodemus, C'C'C'X'X'. Ex quo apparet aeternus litterarum usus. In Latium eas attulerunt Pelasgi» (*N. H.*, 7, § 193).

4- Carmenta, uma Ninfa, mãe de Evandro, veio com o seu filho da Arcádia quando este buscou exílio no Ocidente. O nome de Carmenta (derivado de *carmen*, «canto mágico») ter-lhe-ia sido dado em Roma, por ela possuir o dom da profecia, antes chamava-se Nicóstrata ou, segundo outras versões, Témis, Timandra ou Telpusa. Tendo alcançado uma idade muito avançada, veio a falecer com 110 anos e foi sepultada por seu filho no sopé do Capitólio, nas imediações da Porta Carmental, assim chamada em sua memória. Contrariamente a Jerónimo Cardoso, tanto Tito Lívio (1, 7, § 8) como Tácito (*Ann.*, 11, 14, 3) e Higino Mitógrafo (*F.*, 277, § 2) atribuem a introdução do alfabeto no Lácio não a Carmenta mas a seu filho.

5- Oriundo da Arcádia, da cidade de Palânco, Evandro, filho de Carmenta (Timandra) e de Équemmo, teria sido obrigado a exilar-se por ter morto o seu pai para proteger a mãe. Tendo sido bem acolhido por Fauno, rei dos Aborígenes, instalou-se no Palatino, onde fundou a povoação de Palanteu (no local onde mais tarde Rómulo viria a fundar Roma). Evandro governou com justiça, ensinando aos rudes habitantes da região, entre outras coisas, as artes, até então desconhecidas, da música e, sobretudo, da escrita (como referem Tito Lívio, 1, 7, § 8; Tácito, *Ann.*, 11, 14, 3 e Higino Mitógrafo, *F.*, 277, § 2).

6- Segue Jerónimo Cardoso, com bastante proximidade, os dados fornecidos por Tito Lívio, sua fonte no presente passo (como o próprio refere): «Euander tum ea profugus ex Peloponneso auctoritate magis quam imperio regebat loca, uenerabilis uir miraculo litterarum, rei nouae inter rudes artium homines, uenerabilior diuinitate credita Carmentae matris, quam fatiloquam ante Sibyllae in Italiam aduentum miratae eae gentes fuerant» (1, 7, § 8). As mesmas informações surgem, ainda que de forma muito condensada, em Higino Mitógrafo, *F.*, 277, § 2.

7- A Síbila de Cumas veio a ser a mais importante vidente que existiu no território de Itália. Em Roma, no Capitólio, eram guardados os chamados Livros Sibílinos, colecção de oráculos que se perdeu num incêndio em 83 a. C., vindo a ser substituída por uma outra que Augusto mandou guardar no templo de Apolo, no Palatino. Esta segunda colecção continuou a ser consultada até ao fim do séc. IV, altura em que Estilicão, comandante dos exércitos de Honório, deu ordem para que fosse destruída.

#### Página 45

1- Literalmente, «aquela poesia da extrema doçura do mel». O antigo motivo do mel, como sinal indicador de grande eloquência, que surge, pela primeira vez em Homero (*Il.*, 1, 247-249), aparece repetidas vezes em Jerónimo Cardoso, tanto na prosa como na poesia.

Para além do presente exemplo, v. *infra*: «eloquentiam [...] melleam esse» (**Lib.** 18, p. ); «illam mellitissimam [...] orationem» (**Ep.** 4, p. 83); «melle dulcior fluebat oratio» (**Ep.** 40, p. 159); «Mellitissimam mihi uoluptatem» (**Ep.** 45, p. 169); «melle dulcior [...] oratio» (**Ep.** 52, p. 183, carta de Inácio de Moraes); «litteris quouis melle dulcioribus» (**Ep.** 56, p. 192); «Sidet enim labris mellea Suada tuis» (**Mon.** 7, 84, p. 229); «Colloquioque nouem fruur et dulcore dearum:/ Qui posset Siculos aequiparare fauos» (**El.** 1, 9, 33-34, p. 268); «Musae sunt illita melle uenena» (**El.** 2, 2, 9, p. 316).

Doce como o mel é ainda a amizade, bem como certos amigos, cf. *infra*: «beneuolentiam consuetudinemque [...] mellitissimam» (**Ep.** 14, p. 102); «Pyrrhe mellitissime» (**Ep.** 30, p. 137); «amice mellitissime» (**Ep.** 37, p. 151); «Antoni mellitissime» (**Ep.** 51, p. 181); «Sic mellite puer» (**Mon.** 7, 37, p. 227) e «Cuius est nobis amor ante mella/ Dulcis Hymetti» (**El.** 1, 15, 47-48, p. 282).

Veja-se a este respeito Renzo Tosi, *op. cit.*, § 698, p. 332.

2- Alusão ao conhecido episódio das Sereias, relatado por Homero (*Od.*, 12, 165-200). Seguindo o conselho de Circe, a poderosa feiticeira, que o avisara do perigo de naufrágio, Ulisses, movido de prudência e curiosidade, ordena aos seus companheiros que o amarrem de pés e mãos ao mastro do navio, não sem antes lhes ter tapado os ouvidos com cera de abelha, e que por motivo algum o libertem, antes o prendam com mais numerosos e apertados nós. Ao navegar ao largo da península de Sorrento, no golfo de Nápoles, Ulisses pôde, deste modo, escutar em segurança o maravilhoso canto das Sereias, enquanto os seus companheiros, de cabeça baixa, remavam para longe.

Para uma outra referência a este episódio, v. *infra*: «Illectant cantu solum: Sirenes ut olim/ Fallere Neritium quae uoluerit ducem» (**El.** 2, 2, 11-12, p. 316). Para outra referência a estes seres míticos, v. *infra*: «Lusiadae repetunt lembos nauesque paratu/ Regifico instructas, quarum pars numina ponti/ Sirenasque refert Siculas» (**Sil.** 16, 73-74, p. 413).

3- Sobre Orfeu, figura que personifica o poder da música e da poesia sobre a natureza selvagem, v. *supra*, **Lib.** 11, 22, p. 29, n. 4.

4- Nascido em Elêuteris, na Beócia, filho de Zeus e Antiope, Anfião, juntamente com o seu irmão Zeto, foi exposto à nascença no cimo de uma montanha, sendo encontrado por um pastor que o criou. Antiope, entretanto, feita prisioneira por Lico e maltratada por sua mulher, Dirce, acaba por libertar-se milagrosamente, encontra os filhos e estes reconhecem-na. Vingaram-na matando Dirce e Lico, a quem sucederam no trono de Tebas, cujas muralhas edificaram: Zeto, que se aplicara nas artes violentas e manuais da luta, agricultura e criação de gado, carregava as pedras às costas; Anfião, que, por ter recebido uma lira de Hermes, se consagrara à música, fazia-as mover ao som da lira. Casou com Níobe e veio a ser morto por Apolo.

5- Os presentes hexâmetros integram o *De Arte Poetica* de Horácio (vv. 391-396). Embora sejam citados com bastante exactidão, há, no entanto, a registar variações a nível da ortografia: *Siluestris* (por *Siluestris*), *tigris* (por *tigres*) e até de vocabulário: *urbis* (por *arcis*), para não falar da pontuação, que, em Cardoso, é marcadamente renascentista. Note-se ainda que estes versos são a fonte do texto que precede a citação, no qual Cardoso apresenta uma sua paráfrase.

6- Oriundo de Atenas, segundo uns, segundo outros de Esparta (hipótese que se afigura mais plausível, sobretudo por ser difícil imaginar os Espartanos a receber conselhos e ordens de um estrangeiro), Tirteu, poeta elegíaco grego, terá vivido no séc. VII e participado na Segunda Guerra de Messénia. As suas elegias, de que restam fragmentos, incitavam ao combate, exaltando a glória de morrer pela pátria, a bravura e a coragem militar, consideradas as mais altas de entre todas as virtudes.

7- Ainda que a fonte deste passo seja, como de seguida veremos, Justiniano Justino, as presentes palavras parecem ter sido colhidas em L. Ampélio, que diz: «Tyrtaeus qui Messenio bello ex oraculo Apollinis dux ab Atheniensibus per ludibrium missus poemate suo ita militum animos concitavit, ut tam diuturnum proelium uictoria consu<m>arent» (14, § 5).

#### Página 46

1- A semelhança, por vezes flagrante, de vocabulário, aliada a uma idêntica articulação sintáctica, denunciam ser Justiniano Justino a principal fonte deste passo de Cardoso, quando escreve: «Sed reges Lacedaemoniorum [...] reducere exercitum uoluerunt, ni interuenisset Tyrtaeus, qui composita carmina exercitui pro contione recitauit, in quibus hortamenta virtutis, damnorum solacia, belli consilia conscripserat. Itaque tantum ardorem militibus iniecit, ut non de salute, sed de sepultura solliciti tesseris insculptis suis et patrum nominibus dextro brachio deligarent, ut [...] ex indicio titulorum tradi sepulturae possent» (*Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 3, 5, § 8-11).

2- Sobre a presente comparação, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 45.

3- Sejam embora numerosos os poetas que referem o Istmo de Corinto pela circunstância de separar as águas dos dois mares, como Propércio (3, 21, 22), Ovídio (*Her.*, 4, 105-106; 8, 69; 12, 104) e Séneca (*Herc. Fur.*, 336; *Phoen.*, 374-375), entre outros, as palavras de Cardoso parecem no entanto reportar-se a um passo de Lucano, que lamenta a morte de Crasso nos seguintes termos: «qualiter undas/ qui secat et geminum gracilis mare separat Isthmos/ nec patitur conferre fretum, si terra recedat,/ Ionium Aegaeo frangat mare, sic, ubi saeua/ arma ducum dirimens miserando funere Crassus/ Assyrias Latio maculavit sanguine Carrhas,/ Parthica Romanos soluerunt damna furores» (1, 100-106).

4- De temperamento impulsivo e inconstante, aliando notáveis dotes de estratega militar a um bom sentido de oportunidade, Pirro, rei dos Epirotas, preferiu sempre novas conquistas, marca da sua ambição desmesurada, à consolidação das já alcançadas. Nascido em 318 a. C., filho de Eácides, rei dos Molossos, Pirro conheceu por duas vezes o exílio durante a sua conturbada infância e juventude. Em 301 a. C., após a derrota de Ipsos, foi feito refém por Ptolomeu, rei com cuja filha, Antígona, veio no entanto a casar. Com o apoio do sogro tenta reconquistar o reino perdido, acalentando o sonho de unir num grande império o Epiro a Sicília e a Magna Grécia. Derrotou assim os Romanos em Heracleia, em 280 a. C., e em Ausculum, em 279 a. C., depois obrigou os Mamertinos e Cartagineses, então aliados de Roma, a levantar o cerco a Siracusa, expulsando-os da Sicília. Bate-se ainda com os Romanos em *Maluentum* (depois chamada *Beneuentum*), em 275 a. C., onde a sorte não lhe foi favorável. Depois, novamente no Epiro, procura reconquistar a Macedónia, vencendo Antígono

Gónatas. Parte, no entanto, para o Peloponeso, onde acaba por ser derrotado por Areu, vindo a se assassinado, em 275 a. C., numa luta de rua, em Argos.

5- Oriundo da Tessália, Cíneas (em gr. Κινέας) terá sido amigo e embaixador de Pirro, rei do Epiro, a quem aconselhou a paz com os Romanos. Era detentor de uma memória prodigiosa, como atestam Cícero, *Tusc.*, 1, 24, § 59; Séneca, *Contr.*, 1, *Praef.*, § 19, e Plínio-o-Antigo, *N. H.*, 7, § 88.

6- O presente raciocínio encontra-se, ainda que menos desenvolvido, em M. Fábio Quintiliano, inequivocamente a fonte deste passo, o qual chega à seguinte conclusão: «quare, etiam si in utramque partem ualent arma facundiae, non est tamen aecum id haberi malum, quo bene uti licet» (*Inst.*, 2, 16, § 10).

#### Página 47

1- Político da República Romana, Ápio Cláudio, cognominado «o Cego», ocupou por duas vezes o consulado, em 307 e, de novo, em 296 a. C.. Censor em 312, procurou aumentar a influência da plebe, tentando assim desenvolver uma política de equilíbrio social. Empenhou-se, além disso, nas lutas contra os Etruscos, os Sabinos e os Samnitas, vindo, já cego pela idade, a dissuadir o Senado de aceitar os tratados de paz propostos em 280 a. C. por Pirro. No campo das obras públicas, deve-se-lhe a construção do primeiro aqueduto de Roma, a *Aqua Claudia*, e a abertura da *Via Ápia*, que ligava Roma a Cápuia, com o seu mercado, o *Forum Appium*. No campo das letras, foi o primeiro prosador de Roma e reuniu uma colectânea de apotegmas morais. Abundam os testemunhos da sua actividade, pelo que é figura mais histórica que lendária.

2- Este episódio encontra-se descrito, com algum pormenor, em duas obras antigas: o *De Viris Illustribus Liber* (34, § 8), de autor incerto e as *Liuiani Operis Periochae* (13, § 19). Assim, a primeira refere que: «Cum de pace Pyrrhi ageretur et gratia potentum per legatum Cineam pretio quaereretur, senex et caecus lectica in senatum latus turpissimas condiciones magna oratione discussit»; a segunda, por outro lado, explica como: «Cineas legatus a Pyrrho ad senatum missus petit, ut componendae pacis causa rex in urbem reciperetur. de qua re cum ad frequentiore senatum referri placuisset, Appius Claudius, qui propter valetudinem oculorum iam diu consiliis publicis se abstinuerat, venit in curiam et sententia sua tenuit, ut id Pyrrho negaretur». De passagem, referem-se-lhe ainda Cícero, *Brut.*, § 55; *Cat.*, § 16, e Suetónio, *Tib.*, 2, § 1. Não obstante, nenhum destes textos é, como adiante veremos, a fonte de Cardoso.

3- Lugar-tenente de Sula durante a Guerra Civil, Lúcio Sérgio Catilina, nascido em Roma c. 108 a. C., alcançou a fama de conspirador ao procurar ascender ao consulado atentando contra a ordem estabelecida. Fora Questor em 77, Pretor em 68 e Governador de África em 67-66 a. C. Impossibilitado de se candidatar ao consulado em 65, por concussões praticadas em África, vem, ilibado da acusação, a fazê-lo em 64 e 63, sendo vencido por duas vezes, na segunda por Cícero. A audaciosa conspiração então architectada, que previa a morte de Cícero na madrugada de 7 de Novembro foi no entanto denunciada e completamente desarticulada por este numa brilhante série de quatro discursos, as famosas *Catilinárias*, pronunciadas a 8 e 9 de Novembro e a 3 e 5 do mês seguinte. Tendo-se refugiado com os seus partidários na Etrúria, que se sublevara contra a ordem Romana, Catilina vem a ser morto na batalha campal então travada em Pistória, em Janeiro de 62, que pôs fim à sua aventura.

4- Todo o presente parágrafo, com as suas alusões históricas, tem por fonte palavras de Quintiliano, que igualmente se interroga: «Num igitur negabitur deformem Pyrrhi pacem caecus ille Appius dicendi uiribus diremisse? aut non diuina M. Tulli eloquentia et contra leges agrarias popularis fuit et Catilinae fregit audaciam et supplicationes, qui maximus honor uictoribus bello ducibus datur, in toga meruit? non perterritos militum animos frequenter a metu reuocat oratio et tot pugnandi pericula ineuntibus laudem uita potiore esse persuadet?» (*Inst.*, 2, 16, §§ 7-8).

5- Em rigor, a presente conclusão, bem como as suas permissas, não são da autoria de Cardoso, mas de Quintiliano, o qual escreve: «equidem nec urbium conditores reor aliter effecturos fuisse, ut uaga illa multitudo coiret in populos, nisi docta uoce commota: nec legum repertores sine summa ui orandi consecutos, ut se ipsi homines ad seruitutem iuris adstringerent» (*Inst.*, 2, 16, § 9). Como se pode constatar, Cardoso limita-se a elaborar o raciocínio formulado por Quintiliano.

6- Efectivamente, no *De Or.*, 1, § 30, Cícero escreve: «neque uero mihi quicquam [...] praestabilius uideatur quam posse dicendo tenere hominum mentis, adlicere uoluntates, impellere quo uelit, unde autem uelit deducere», palavras que Cardoso trata livremente, sem o cuidado de as citar com exactidão.

#### Página 48

1- A fonte do presente raciocínio, ainda que Cardoso nada diga a seu respeito, encontra-se em Cícero, que, no *Inu.*, 1, 1, § 1, escreve: «cum autem res ab nostra memoria propter uetustatem remotas ex litterarum monumentis repetere instituo, multas urbes constitutas, plurima bella restincta, firmissimas societates, sanctissimas amicitias intellego cum animi ratione tum facilius eloquentia comparatas».

2- Citadas com bastante rigor (registando apenas as alterações necessárias a uma nova contextualização), estas palavras procedem de um passo do *De Oratore* que Cardoso tinha bem presente e ao qual recorreu ao tratar da Geometria, da Música e da Astronomia, como adiante veremos. Deste modo escreve o Arpinate que: «omnia fere quae sunt conclusa nunc artibus, dispersa et dissipata quondam fuerunt; ut [...] in grammaticis poetarum pertractatio, historiarum cognitio, uerborum interpretatio, pronuntiandi quidam sonus; in hac denique ipsa ratione dicendi excogitare, ornare, disponere, meminisse, agere ignota quondam omnibus et diffusa late uidebantur» (1, § 187).

3- Literalmente «que tem um pólipio no nariz». Na literatura latina, o nariz surge frequentemente associado ao desprezo e ao ridículo. Assim acontece em Horácio (*Sat.*, 2, 8, 65 e *Ep.*, 1, 19, 45); em Pérsio (1, 40) e em Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 11, § 158), entre outros. Semelhante motivo surge aqui exagerado pela menção dos pólipios, excrescências carnosas que se desenvolvem, em especial, nas mucosas nasais. Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, §1743, p. 789. Veja-se ainda, *infra*: «ab his nasutis hominibus» (**Lib.** 18, p. 48); «istos inuidos et nasutos rhinocerotes» (**Ep.** 2, p. 79) e «rhonchis et nasutulis quibusdam» (**Ep.** 64, p. 210). Para outros ataques contra aqueles que menosprezam as belas-letras, v. *infra*, «se [...] subtiliores theologos facundiores iurisconsultos absolutioresque denique medicos esse arbitrantur» (**Ep.** 15, pp. 104-105).

4- Marco Fábio Quintiliano, na sua *Institutio Oratoria*, afirma que: «quo minus sunt ferendi, qui hanc artem ut tenuem atque ieunam cauillantur» (1, 4, § 5). Desenvolvendo o pensamento apenas esboçado por esta sua fonte, Cardoso transforma as suas palavras, que refere com bastante exactidão, numa violenta diatribe contra todos aqueles que menosprezam a ciência da Gramática.

5- Também Fedro (4, 7, 1) chama *nasutus* a quem olha a sua poesia com presunçoso desdém. Sobre a associação do nariz ao desprezo e ao ridículo, v. *supra*, p. 48, n. 3.

6- Segundo H. Lima Vaz («Dialéctica» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 6, p. 1250) Platão, em *Crátilo*, 390-c, define como Dialéctica a «arte do diálogo (διαλέγεσθαι), conduzido metodicamente através do confronto das proposições avançadas pelos interlocutores, segundo o critério da sua coerência lógica». A fundação da Dialéctica, por outro lado, era, segundo Diógenes Laércio, atribuída por Aristóteles a Zenão, filósofo grego da escola eleática.

7- Aristóteles, que consagra ao estudo da arte Dialéctica uma parte do *Órganon*, os *Tópicos* e as *Refutações Sofísticas*, assim fez, ao abandonar o alcance ontológico que Platão dera à Dialéctica, mantendo unicamente o carácter lógico do discurso dialéctico e estabelecendo uma rigorosa distinção entre a *demonstração* que parte de permissas verdadeiras e a Dialéctica que se origina naquilo a que chama «opiniões» (*Tópicos*, A, 1, 100 a 27; *Primeiras Analíticas*, B, 16, 65 a 3-5 e *Metafísica*, IV, 2, 1004 b, 15-30).

8- Semelhante constatação encontra-se, por exemplo, em Cícero, que, na *Academia Priora siue Lucullus*, escreve: «dialecticam inuentam esse dicitis ueri et falsi quasi disceptatricem et iudicem» (§ 91), embora a fonte do presente passo seja provavelmente a *República* de Platão, que refere: «O método dialéctico é, por conseguinte, continuei, o único que, destruindo sucessivamente as hipóteses, se eleva até ao princípio para garantir com segurança as conclusões, a única acerca da qual é verdade dizer-se que ela liberta pouco a pouco os olhos da alma desse lodaçal em que se encontra atolada, e a eleva ao alto, utilizando como auxiliares para esta conversão as artes que enumerámos» (533 c-d).

Página 49

1-

2- Nascido em Leontinos, na Sicília, Górgias, sofista e orador grego, que deu o nome a um diálogo de Platão, viria a atingir a prodigiosa idade de 105 ou 109 anos. Visitou Atenas a primeira vez, em 427 a. C., como chefe de uma embaixada da sua cidade. No campo da Ontologia, redigiu o tratado, hoje perdido, *Sobre a Natureza do Ser e Do Não Ser*. Tendo sido, segundo a tradição, aluno de Empédocles, granjeou larga fama como mestre de retórica, contando Isócrates entre os seus alunos. Consciente de que o poder da palavra se alcançava com recurso ao virtuosismo estilístico, desenvolveu a um ponto tal as antíteses, os paralelismos e as assonâncias, que estas ficaram a chamar-se «figuras gorgiânicas». Criou igualmente o conceito retórico que visa a adequação de um discurso às circunstâncias envolventes. Considerado, juntamente com Trasímaco, o criador da prosa artística em dialecto ático, restam-nos, da sua autoria, dois discursos, o *Encómio de Helena* e a *Defesa de Palamedes*, bem como parte de um *Epitáfio*.

3- Discípulo de Antístenes, Diógenes de Sinope veio a ser o mais famoso da escola cínica, cujo ideal encarnava pelo seu estilo de vida. Vivia, com efeito, dentro de um tonel e percorria as ruas de Atenas empunhando uma lanterna (ainda que fosse de dia) em busca de «um homem honrado». Condenava, deste modo, a situação concreta de Atenas no seu tempo e procurava saná-la por uma regressão ao «natural», tomando por modelo os animais como o rato e, especialmente, o cão. Não obstante, sob a desculpa de que o médico deve permanecer junto do doente, viveu nos meios refinados de Atenas e de Corinto, vagabundeando e mendigando sempre, sem nada nem ninguém, livre, por isso, de cuidados, do receio da dor e da morte, do rigor das convenções sociais.

4- Filósofo grego, fundador da Nova Academia, Carnéades nasceu em Cirene, cerca de 214 a. C.. Deu continuidade à tendência céptica introduzida na Academia por Arcesilau, combatendo o dogmatismo estóico de Crisipo, no que se refere aos deuses, à providência, ao destino e às teorias divinatórias. Para ele, o *logos* não existe sem sensação e esta é *alógica*. Participou na embaixada filosófica enviada a Roma em 156 a. C., vindo a falecer em 129.

6- Natural de Soloi ou Tarso, Crisipo, filósofo grego, terá sido discípulo de Cleantes, a quem sucedeu na direcção da escola, a *Stoa*. De pensamento mais sistematizador do que criativo, com ele se fixa, por muito tempo, a doutrina estóica. Terá sido um dialéctico notável, a ponto de se dizer que, se os deuses tivessem dialéctica, seria a de Crisipo. Veio a morrer entre 208 e 205 a. C.

Para uma outra referência a este filósofo, presente na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Num Chrysippeis incumbis nexibus omnis/ Vt veri ratio constet aperta magis?» (EI. 2, 10, 11-12, p. 333).

7- Filósofo grego, nascido em Samos pelos anos de 342/ 341 a. C., Epicuro veio a fundar em Atenas, após ter leccionado em Cólofon, em Mitilene e em Lâmpsaco, a escola filosófica do Jardim, a cuja comunidade e ensino consagrou cerca de 36 anos, vivendo longe do bulício e da política até à sua morte, ocorrida em 271-270 a. C. A sua filosofia baseia-se na moral, preocupa-se com o comportamento prático do homem, tendo sempre por norma um viver feliz, assegurado pelo prazer. A sua moral é, pois, individualista e hedonista. Da sua vasta obra restam-nos apenas três cartas (a Heródoto, a Pítocles e a Meneeu), as *Máximas Capitais*, a colectânea das *Sententiae Vaticanae*, o seu testamento e fragmentos vários.

8- Semelhante constatação encontra-se, por exemplo, em Cícero, em *Academia Priora siue Lucullus*, quando se refere a Epicuro: « sed dum dialecticam, Torquate, contemnit Epicurus, quae una continet omnem et perspicendi quid in quaque re sit scientiam et iudicandi quae quidque sit et ratione ac via disputandi, ruit in dicendo, ut mihi quidem uidetur, nec ea, quae docere uult, ulla arte distinguit, ut haec ipsa, quae modo loquebamur» (2, 6, § 18).

9- Melisso de Samos, filósofo grego da escola eleática, possivelmente um discípulo do próprio Parménides, deu continuidade à sua doutrina, defendendo a unidade, a eternidade, a imobilidade e imortalidade do ser. Renovou-a, no entanto, num ponto fundamental: enquanto Parménides considerava o ser uma esfera fixa, finita e corpórea, Melisso via-o como infinito no espaço e no tempo e incorpóreo.

Da sua obra, intitulada *Da Natureza ou Do Ser*, restam somente dez fragmentos e da sua vida sabe-se apenas que comandou uma esquadra da sua ilha, que, em 441 a. C., infligiu pesada derrota à de Atenas.

10- Oriundo da Magna Grécia, onde terá nascido, em Eleia, entre os anos de 515 e 510 a. C., Parménides, filósofo grego, viria a ser o fundador da Ontologia. Terá desempenhado cargos importantes na sua terra natal, vindo, em idade já bastante avançada, a visitar Atenas, onde se teria encontrado com Sócrates. Da sua obra, um poema didáctico provavelmente intitulado *Da Natureza*, restam cerca de 150 versos. O seu pensamento, contudo, pela sua densidade e pelo estado fragmentário da obra é de interpretação difícil, circunstância de que têm resultado exegeses diversas.

11- Nascido em Clazómenas, c. de 500 a. C., Anaxágoras terá sido o primeiro filósofo a estabelecer-se, quando contava cerca de vinte anos, em Atenas, cidade onde foi mestre e amigo de Péricles. Viria, no entanto, a morrer em Lâmpsaco, pelo ano de 428 a. C., no exílio a que se vira obrigado por afirmar que os astros não eram deuses, mas antes pedras ígneas. A sua filosofia dedicava-se inteiramente à cosmologia e à cosmogonia, no entanto, os cerca de vinte fragmentos que restam da sua obra não permitem uma reconstituição da sua teoria que seja isenta de controvérsia.

12- Literalmente «se afastaram gravemente do céu». A expressão latina empregue por Cardoso, *a caelo errare*, tem paralelo numa outra, *toto caelo errare*, que se encontra atestada em Macróbio (*Sat.*, 3, 12, 10) e Santo Agostinho (*De Genesi ad Litteram*, 1, 19, 39 e *Contra Faustum Manichaeum*, 20, 6) e tem um precedente em Aristófanes (*As Rãs*, 1135): «ἡμάρτηκεν οὐράνιον ὄσον», ou seja, «cometeu um erro do tamanho do céu». Sobre esta expressão e o seu sentido, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 463, p. 217. Jerónimo Cardoso, por seu turno, regista esta expressão no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 252- v.º, apresentando uma explicação cabal do seu sentido: «Toto caelo errare. Errar todo o caminho. Tomouse de Phaetom filho do sol, que não soube governar os carros de seu pay, & errou os caminhos do ceo».

13- Efectivamente Platão, na *República* (7, 534 e- 535 a), escreve: «Ἄρ' οὖν δοκεῖ σοι, ἔφην ἐγώ, ὡς περ θρικτὸς τοῖς μαθήμασιν ἢ διαλεκτικῇ ἡμῖν ἐπάνω κείσθαι, καὶ οὐκέτ' ἄλλο τούτου μάθημα ἀνωτέρω ὀρθῶς ἂν ἐπιτίθεσθαι, ἀλλ' ἔχειν ἤδη τέλος τὰ τῶν μαθημάτων; Εμοι- γ', ἔφη.», isto é: «Desse modo, retomei, achas que a dialéctica é, por assim dizer, o topo e a coroa das ciências, não havendo outra que de forma racional possamos colocar acima dela, e que, por isso, acabámos o tema das ciências a aprender? – Sim, respondeu» (Platão, *A Alegoria da Caverna- Livro VII da República*, tradução original e notas de Pinharanda Gomes, comentário filosófico de Paulo Loução, Lisboa, Ésquilo- Edições e Multimédia, 2002, p. 62).

14- A fonte da presente afirmação encontra-se na *República* de Platão (7, 534 d- 534 e), onde se lê: «Νομοθετήσεις δὴ αὐτοῖς ταύτης μάλιστα τῆς παιδείας ἀντιλαμβάνεσθαι, ἐξ ἧ ἔρωτᾶν τε καὶ ἀποκρίνεσθαι ἐπιστημονέστατα οἰοί τ' ἔσονται; Νομοθετήσω, ἔφη, μετὰ γε σοῦ», ou seja: «Prescreverás, nesse caso, que devem aplicar-se de modo particular a este modelo de paideia, que os tornará capazes de interrogar e de responder da maneira mais sábia? – Prescrever-lhes-ia, respondeu, juntamente contigo» (Platão, *A Alegoria da Caverna- Livro VII da República*, tradução original e notas de Pinharanda Gomes, comentário filosófico de Paulo Loução, Lisboa, Ésquilo- Edições e Multimédia, 2002, p. 62).

#### Página 50

1- Segundo Homero (*Il.*, 5, 785), Estêntor (em gr. Στέτωρ), Trácio de origem, igualava no grito a voz de cinquenta homens e veio a ser morto depois de derrotado num concurso de gritos travado com Hermes. O seu nome tornou-se proverbial e Cardoso regista, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 234-r.º, o seguinte adágio: «Stentore clamosior. Se dirá o que tem grande voz pera gritar, como teve Estentor: ho qual (como diz Homero) escurecia ho grito de cinquenta homens, gritando elle». Veja-se uma referência a este guerreiro em Juvenal, 13, 112, e ainda Renzo Tosi, *op. cit.*, § 704, p. 335.

2- Ao que tudo indica, encontra-se em Cícero a fonte das presentes palavras, quando, no *De Oratore*, escreve que: «omnia fere quae sunt conclusa nunc artibus, dispersa et dissipata quondam fuerunt; ut [...] in geometria liniamenta, formae, interualla, magnitudines» (1, § 187). A este parágrafo recorreu já Cardoso ao tratar da Geometria (cf. *supra*, p. 48, n. 2) e voltará a fazê-lo quando abordar a Música e a Astronomia.

3- A Geometria parece ter surgida assim que o homem começou a interessar-se pelas *formas* e *medidas* e conheceu um incremento assinalável no Egipto, de onde provém o papiro de Rhind, do escriba A'h-mosé, que data do segundo milénio a. C., bem como na Babilónia, pela necessidade não só de medir as terras, cujos limites o Nilo confundia, como refere Cardoso, mas ainda de fixar os tributos a pagar em função as cheias desse rio, como se lê em Heródoto, *Histórias*, 2, 109, fonte deste passo da *oratio*.

Com efeito, refere o Historiador que: «κατανεῖμαι δὲ τὴν χώραν Αἰγυπτίοισι ἅπασιν τοῦτον ἔλεγον τὸν βασιλέα, κλήρον ἴσον ἐκάστω τετράγωνον διδόντα, καὶ ἀπὸ τοῦτου τὰς προσόδους ποιήσασθαι ἐπιτάξαντα ἀποφορῆν ἐπιτελέειν κατ' ἐνιαυτόν. Εἰ δὲ τινος τοῦ κλήρου ὁ ποταμός τι παρέλοιτο, ἐλθὼν ἂν πρὸς αὐτὸν ἐσήμαινε τὸ γεγενημένον· ὁ δὲ ἔπεμπε τοὺς ἐπισκεψομένους καὶ ἀναμετρήσοντας ὅσω ἐλάσσων ὁ χώρος γέγνε, ὅκως τοῦ λοιποῦ κατὰ λόγον τῆς τεταγμένης ἀποφορῆς τελέοι. Δοκέει δέ μοι ἐνθεῦτεν γεωμετρὴν εὐρεθεῖσαι ἐς τὴν Ελλάδα ἐπανελθεῖν» isto é: «Ce roi [Sésostris], disaient les prêtres, partagea le sol entre tous les Égyptiens, attribuant à chacun un lot égal aux autres, carré; et c'est d'après cette repartition qu'il établit ses revenus, prescrivant qu'on payât une redevance annuelle. S'il arrivait que le fleuve enlevât à quelqu'un une partie de son lot, celui-là venait le trouver e lui signalait ce qui s'était passé; lui, envoyait des gens pour examiner et mesurer de combien le terrain était amoindri, afin qu'il fût fait à l'avenir une diminution proportionnelle dans le paiement de la redevance fixée. C'est ce qui donna lieu, à mon avis, à l'invention de la géométrie, que des Grecs rapportèrent dan leur pays» (Herodote, *Histoires-Livre II- Euterpe*, texte établi et traduit par Ph. -E. Legrand, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1982<sup>6</sup>, p. 137).

4- Filósofo grego do séc. VI a. C., natural da ilha de Samos, que abandonou para fugir à tirania de Polícrates, Pitágoras estabeleceu-se em Crotona, em 532-531 a. C., onde abriu uma escola. Figura de prestígio social e político ímpar (os habitantes de Crotona viam nele o deus Apolo Hiperbóreo), Pitágoras conseguiu unir algumas cidades da Magna Grécia, mas teve que procurar refúgio em Metaponto, depois de ter suscitado contra si a revolta da cidade que o acolhera. Apesar de Diógenes Laércio, Porfírio e Jámblico terem escrito a sua biografia, os dados relativos à sua vida e ensino eram já, desde Heródoto (*Hist.*, 4, 95) tidos como inseguros. Não obstante, parece ser sua a doutrina da metempsicose. Platão, por outro lado, elogia o facto de Pitágoras ter feito do filosofar um sistema de vida (*Rep.*, 600 b). Uma tradição tardia e questionável atribue-lhe a criação da palavra *Philosophos*.

5- A Méris (em gr. Μοῖρις), um antigo rei do Egipto, se refere Heródoto em vários pontos da sua obra, em nada o associando, porém, à invenção ou desenvolvimento da Geometria, que por inteiro atribue a Sesóstris, como acima dissemos. Deste modo, refere o Historiador que, segundo os sacerdotes, Méris (talvez identificável com o faraó Amenemhet III) terá vivido cerca de novecentos anos antes do seu tempo (*Hist.*, 2, 13), atribue-lhe a edificação dos pilones (προπύλαια, fachadas monumentais que precedem os templos egípcios propriamente ditos) do santuário de Hefesto que estão virados a Norte (2, 101) e ainda a abertura de um grande lago artificial, o Lago Méris, hoje Birket el-Kerun, que Heródoto descreve (2, 149).

6- Nascido pelo ano 287 a. C., filho do astrónomo Fidia, Arquimedes terá sido, nos campos da matemática e da mecânica, um dos mais imaginativos génios da Antiguidade. Veio a ser morto por um soldado romano, que o surpreendeu enquanto se aplicava à Geometria, em 212 a. C., aquando do assalto do cônsul Marcelo a Siracusa. Pelo cálculo de quantidades infinitamente pequenas e grandes, possibilitado por um método geométrico exaustivo, Arquimedes quase descobriu o cálculo infinitesimal. A Escola de Alexandria, que floresceu até ao séc. VI, deu continuidade aos seus trabalhos. Referem-se-lhe, entre outros, Cícero, *Tusc.*, 5, 64; *Verr.*, 4, 131; Tito Lívio, 24 e Plutarco, *Marc.*, 14, 20.

7- Nascido em 614 a. C. e falecido depois de 550, Anaximandro, geógrafo, engenheiro e filósofo, produziu, fruto da sua curiosidade intelectual, das suas viagens e indagações, a primeira obra em prosa da literatura grega, intitulada *Da Natureza*, da qual se conhece apenas um fragmento. A ele se deve a elaboração do primeiro conceito científico de infinito, bem como a descoberta, na luta e equilíbrio dos contrários, da lei imanente ao Universo. Com a sua busca do princípio originário e originante de tudo, Anaximandro transformou a observação em reflexão. Atribui-se-lhe ainda a introdução ou mesmo a construção do *gnómon* na Hélade, bem como a organização do primeiro mapa geográfico.

8- Cardoso confunde duas figuras homónimas, Euclides de Mégara, filósofo, fundador da Escola Socrática de Mégara, um contemporâneo de Platão que, com ele, presenciou a morte de Sócrates, com Euclides de Alexandria, um dos maiores géometras de todos os tempos, cuja pátria se desconhece. Terá, no entanto, vivido em Alexandria, na primeira metade do Séc. III a. C., desenvolvendo os seus estudos à margem do Museu. A sua obra principal, os *Elementos* (Στοιχέια), que recolhe elementos da tradição matemática dos pitagóricos e de Eudoxo de Cnidos, ordenados e largamente complementados por outros desenvolvidos pelo próprio Euclides, fazendo dele, para alguns o pai da Geometria, continua a ser o fundamento do estudo deste ramo da Matemática. Outras obras suas ocupavam-se tanto de Geometria Elementar, caso de *Data*, *Pseuraria* (obra perdida) e *Sobre as Divisões*, como de Geometria Superior, caso dos três livros de *Porismos* e dos quatro de *Cónicas*, obras hoje perdidas. Euclides escreveu ainda tratados sobre Astronomia e sobre Música.

9- Tal sucede, com efeito, na *República*, 527 b, quando Platão coloca na boca de Sócrates as seguintes palavras: «Ὀλκὸν ἄρα, ὦ γενναῖε, ψυχῆς πρὸς ἀλήθειαν εἴη ἂν καὶ ἀπεργαστικὸν φιλοσόφου διανοίας πρὸς τὸ ἄνω σχεῖν ἂ νῦν κάτω οὐ δέον ἔχομεν», ou seja: «Portanto ela [a Geometria] é, meu grande amigo, adequada para empurrar a alma para a verdade e para fazer despertar o conhecimento filosófico, que ergue os nossos olhos para o que está acima, em vez de os voltar, como em geral acontece, para as coisas que estão em baixo» (Platão, *A Alegoria da Caverna- Livro VII da República*, tradução original e notas de Pinharanda Gomes, comentário filosófico de Paulo Loução, Lisboa, Ésquilo- Edições e Multimédia, 2002, p. 49).

10- Novamente em Platão (*Rep.*, 527 c) se encontra a fonte da presente constatação, quando Sócrates, falando acerca da Geometria, afirma que: «καὶ δὴ καὶ πρὸς πάσας μαθήσεις, ὥστε κάλλιον ἀποδέχασθαι, ἴσμεν πού ὅτι τῷ ὅλῳ καὶ παντὶ διοίσει ἡμμένοσ τε γεωμετρίας καὶ μη», ou, em versão: «além disso [a geometria] ajuda a compreender melhor as outras ciências, e nós sabemos que, quanto a isto, há uma grande diferença entre quem estudou Geometria e quem a ignora» (Platão, *A Alegoria da Caverna- Livro VII da República*, tradução original e notas de Pinharanda Gomes, comentário filosófico de Paulo Loução, Lisboa, Ésquilo- Edições e Multimédia, 2002, p. 49).

#### Página 51

1-

2-

3-

4- Uma referência a este costume encontra-se em Sêrvio, que, no seu *Commentarius in Vergilii Aeneidos Libros* explica que: «Lacones itaque isti cum secundum Pythagoream sectam a caede omnium animalium abstinerent [...] et ex vicinis paludibus natas serpentes occidere nefas putarent, ab iisdem interempti sunt: unde Amyclas tacitas dicit, id est Pythagoreas: nam Pythagorica uirtus est quinquennale silentium» (*lib. 10, comm. ad uersum 564*). O conhecimento que Jerónimo Cardoso tinha do dito comentário surge corroborado pelos versos seguintes, que são dirigidos a Aquiles Estaço: «Ista quidem tacitas breuitas commendet Amyclas/ At non Spartanum dedecet esse breuem» cf. *infra*, El. 2, 8, 7-8, p. 331.

5- Na doutrina filosófica do Pitagorismo, assumia capital importância o número quaternário, a *tetractys* (em gr. τετρακτύς), como refere Plutarco, em *Morales*, 381 f, passo a que Cardoso faz alusão: «ἡ δὲ καλουμένη τετρακτύς, τὰ ἕξ καὶ τριάκοντα, μέγιστος ἦν ὄρκος, ὡς τεθρύληται, καὶ κόσμος ὠνόμασται, τεσσάρων μὲν δὲ τῶν περισσῶν εἰς ταῦτὸ συντιθεμένων ἀποτελούμενος», ou, em versão: «quant à ce qu'ils appellent la tétractys (le quaternaire) c'est-à-dire le nombre trente-six, c'était, comme chacun sait, leur grand serment et ils l'ont appelée «le monde» parce qu'elle résulte de l'addition des quatre premiers nombres impairs et des quatre premiers nombres pairs» (Plutarque, *Oeuvres Morales-Tome V-2<sup>e</sup> Partie- Isis et Osiris*, texte établi et traduit par Christian Froidefond, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1988, pp. 245-246).

Em geral, os Pitagóricos chamavam *tetractys* ao número dez, formado pela adição dos quatro primeiros números (1+2+3+4). Também Macróbio se refere ao valor pitagórico do número quaternário ao dizer que: « nec solum explicandis corporibus hi duo numeri conlatium praestant fauorem, sed quaternarium quidem Pythagorei, quem τετρακτύν uocant, adeo quasi perfectionem animae

pertinentem inter arcana uenerantur, ut ex eo ius iurandi religionem sibi fecerint: οὐ μὰ τὸν ἀμέτεροι ψυχᾶι παραδόντα τετρακτύν» (*Somn. Scip.*, 1, 6, § 41).

6-

7- Igualmente virgilianas, com tais palavras se dirige a sacerdotisa Deífobe, filha de Glauco, a Eneias: «Non hoc ista sibi tempus spectacula poscit;/ Nunc grege de intacto septem mactare iuencos/ Praestiterit, totidem lectas de more bibentes» (*Aen.*, 6, 37, 39), sublinhando novamente o valor transcendente dos números ímpares.

8- Estas palavras, que se tornaram proverbiais (cf. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1504, p. 682) integram, em Virgílio, o canto de Alfesibeu, que descreve os ritos mágicos praticados por uma pastora para fazer regressar Dáfnis, o seu amado, a casa: «Terna tibi haec primum triplici diuersa colore/ Licia circumdo, terque haec altaria circum/ Effigiem duco; numero deus impare gaudet» (*Ecl.*, 8, 73-75). Os números ímpares, o três e os seus múltiplos, o um e o sete, assumiram um valor sagrado desde os Pitagóricos, passando depois por Platão e pelos neoplatónicos, até desembocar na simbologia medieval.

9- As palavras da versão latina de Jerónimo Cardoso seguem, de um modo bastante fiel, as de Platão (*República*, 526 b), que, pela boca de Sócrates, constata: «τί δέ; τόδε ἤδη ἐπεσκέψω, ὡς οἱ τε φύσει λογιστικοὶ εἰς πάντα τὰ μαθήματα ὡς ἔπος εἰπεῖν ὀξεῖς φύονται, οἱ τε βραδεῖς, ἂν ἐν τούτῳ παιδευθῶσι καὶ γυμνάσωνται, κἂν μηδὲν ἄλλο ὠφελήθωσιν, ὁμως εἰς γὰρ τὸ ὀξύτεροι αὐτοὶ αὐτῶν γίγνεσθαι πάντες ἐπιδιδόασιν;», ou seja: «Já reparaste também como os que nasceram para calculadores nasceram prontos para quase todas as ciências, enquanto os espíritos lentos, quando iniciados e exercitados em cálculo, ainda que não lhes sirva para mais nada, de qualquer maneira ganham pelo menos o aumento e agudeza de espírito?» (Platão, *A Alegoria da Caverna- Livro VII da República*, tradução original e notas de Pinharanda Gomes, comentário filosófico de Paulo Loução, Lisboa, Ésquilo- Edições e Multimédia, 2002, p. 47).

10- É ainda Platão, na *República*, 526 c, a fonte destas palavras, paráfrase de Jerónimo Cardoso, quando, pouco depois do passo anteriormente citado, escreve: «Ἰάντων δὴ ἕνεκα τούτων οὐκ ἀφετέον τὸ μάθημα, ἀλλ' οἱ ἄριστοι τὰς φύσεις παιδευτέοι ἐν αὐτῷ», quer isto dizer: «Por todas estas razões, não a devemos negligenciar,, pelo contrário, devemos formar nela os melhores engenhos» (Platão, *A Alegoria da Caverna- Livro VII da República*, tradução original e notas de Pinharanda Gomes, comentário filosófico de Paulo Loução, Lisboa, Ésquilo- Edições e Multimédia, 2002, p. 47).

11- Palavras manifestamente tomadas de Quintiliano, que, num passo da *Institutio Oratoria* a que Jerónimo Cardoso há-de recorrer com alguma assiduidade, como adiante veremos, escreve: «atque eam [musicam] natura ipsa uidetur ad tolerandos facilius labores uelut muneri nobis dedisse, si quidem et remigem cantus hortatur, nec solum in iis operibus, in quibus plurium conatus praeunte aliqua iucunda uoce conspirat, sed etiam singulorum fatigatio quamlibet se rudī modulatione solatur» (1, 10, § 16).

## Página 52

1- Sobre Pitágoras, v. *supra*, p. 50, n. 41.

2- De Quintiliano provém a presente afirmação, quando, falando acerca da Música, escreve que: «atque claros nomine sapientiae uiros nemo dubitauerit studiosos musices fuisse, cum Pythagoras atque eum secuti acceptam sine dubio antiquitus opinionem uulgauerint mundum ipsum ratione esse compositum» (*Inst.*, 1, 10, § 12).

3- Sobre esta personagem, v. *supra*, p. 45, n. 4; sobre a fonte provável da presente afirmação, v. *infra*, p. 52, n. 9.

4- Sobre Orfeu, figura que personifica o poder da música e da poesia sobre a natureza selvagem, v. *supra*, **Lib.** 11, 22, p. 29, n. 4. A presente afirmação parte de uma leitura equívoca de Plínio-o-Antigo, que, ao indexar os primeiros inventores escreve: «ut alii, Orpheus, ut alii, Linus. septem chordis primum cecinit III ad III primas additis Terpander, octauam Simonides addidit, nonam

Timotheus» (*N. H.*, 7, § 204). Ao não respeitar a pontuação, Cardoso atribui a Orfeu a invenção que o Naturalista diz ser de Terpandro.

5- A respeito dos Manes, ou seja, das almas dos mortos, v. *supra*, **Lib. 2**, 69, p. 12, n. 3. Quanto ao Tártaro, alicerce do Universo e lugar de suplício dos grandes criminosos, v. *supra*, **Lib. 3**, 7, p. 22, n. 2.

6- Isto é, o deus Plutão. Sobre esta divindade, v. *supra*, **Lib. 2**, 129, p. 14, n. 3.

7- Entre as várias referências e descrições da descida de Orfeu aos Infernos, assumem particular relevância as de Virgílio, *Geor.*, 4, 453 e segg. e de Ovídio, *Met.*, 10, 8 e segg. e 11, 1 e segg., sendo provavelmente estes os poetas e passos (em particular o último) que Cardoso tinha em mente ao escrever estas palavras.

8- Deus dos pastores, como refere Cardoso, mas também dos rebanhos, oriundo provavelmente da Arcádia, Pã apresenta-se sob uma forma meio humana, meio animal: rosto enrugado, barba hirsuta, queixo saliente, testa provida de chifres, o corpo coberto de pelos, patas de bode e cascos fendidos. Tinha por atributos um cajado, uma coroa ou ramo de pinheiro e uma siringe (flauta de Pã) de que se dizia ter sido o inventor. As tradições relativas à sua origem divergem, fazendo dele um filho de Hermes e da filha de Dríope; de Penélope (supostamente infiel a Ulisses) e dos seus vários amantes ou de Hermes; de Zeus e de Hibris ou de Calisto. Em Roma acabou por identificar-se ora com Fauno, ora com Silvano (v. *supra*, **Lib. 11**, 41, p. 30, n. 7).

9- Apresentando-se como um Sileno (um sátiro envelhecido), filho de Hiagnis e de Olimpo (ou de Eagro), Mársias passava por ter sido o criador da flauta de dois tubos, embora a sua invenção fosse também atribuída à deusa Atena. Esta teria suscitado o riso de Hera e de Afrodite ao encher a boca de ar para soprar nos tubos, vindo depois a confirmar os seus receios pelo reflexo de um rio, motivo pelo qual deitou fora a flauta, ameaçando com castigos terríveis quem a apanhasse. Mársias encontrou-a e foi punido por Apolo, ou então, tendo desafiado o deus a que produzisse uma melodia tão bela quanto a dele (sob a condição de o vencedor poder tomar sobre o vencido a vingança que desejasse), acabou derrotado, por não poder tocar nos tubos ao contrário, algo que Apolo conseguiu fazer com a sua lira. Mársias foi então dependurado de um pinheiro (ou plátano) e esfolado vivo.

10- Para as presentes palavras, Cardoso parece ter-se baseado em informações proporcionadas por Plínio-o-Antigo, informações essas que trata resumidamente. Assim, ao fazer a listagem dos primeiros inventores, assinala o Naturalista que: «musicam Amphion, fistulam et monaulum Pan Mercuri, obliquam tibiam Midas inPhrygia, geminas tibias Marsyas in eadem gente, Lydios modulos Amphion, Dorios Thamyras Thrax, Phrygios Marsyas Phryx, citharam Amphion, ut alii, Orpheus, ut alii, Linus» (*N. H.*, 7, § 204). Deve ser também esta a fonte da anterior referência a Anfião, rei de Tebas.

11- Entre outros autores, encontra-se em Ovídio, *Met.*, 6, 383-400, uma vívida descrição do suplício de Mársias. A ele se referem igualmente Apuleio, *Flor.*, 3 e Higino Mitógrafo, *F.*, 165.

12- A presente informação encontra-se no seguinte passo de Quintiliano: «De philosophis loquor, quorum fons ipse Socrates iam senex institui lyra non erubescibat» (*Inst.*, 1, 10, § 13) palavras estas que são, muito provavelmente, a fonte deste passo.

13- De novo na obra de Quintiliano colheu Jerónimo Cardoso os dados que aqui refere. Com efeito, na *Institutio Oratoria* é possível ler-se a seguinte constatação: «non igitur frustra Plato ciuili uiro, quem πολιτικόν uocat, necessariam musicen credit» (1, 10, § 15).

14- Continua a ser Quintiliano a fonte de onde manam as palavras empregues por Cardoso neste ponto, dado que, ao ocupar-se do elogio da Música e da necessidade desta ciência na formação do orador, escreve o Retórico que: «duces maximos et fidibus et tibiis cecinisse traditum» (*Inst.*, 1, 10, § 14).

15- General e estadista tebano, Epaminondas viveu entre c. 418 e 362 a. C. Foi discípulo de Lísias de Tarento e, juntamente com Pelópidas, contribuiu para a libertação da Cadmeia, pelo ano de 379, na luta contra o partido filo-espartano e na restauração do poderio tebano, entre os anos de 379 e

371. Neste ano, já eleito beotarca, representou a Liga Beócia nas negociações com Esparta, que conduziram à Batalha de Leuctras, cuja vitória, alcançada pela brilhante tática militar de Epaminondas, o fez sobreelevar-se a Pelópidas e assegurou a Tebas uma brilhante hegemonia sobre o mundo grego. Para a garantir, Epaminondas dissolveu, em 369, a liga do Peloponeso, conquistou a Arcádia e libertou a Messénia. Mais tarde, tendo atacado a supremacia marítima de Atenas, viu-se obrigado a defrontar uma coligação espartano-ateniense em Mantinea, batalha que venceu, sucumbindo, porém, aos ferimentos recebidos em combate. A sua figura, encarnação da hegemonia tebana, situa-se no eixo de viragem entre a supremacia militar de Esparta e as inovações protagonizadas por Filipe II da Macedónia e seu filho, Alexandre Magno.

16- A fonte da presente afirmação parece ser não Quintiliano, como nos casos precedentes, mas Cícero, que, nas *Tusculanae Disputationes* (1, 2, § 4), fala deste herói, concluindo que: «igitur et Epaminondas, princeps meo iudicio Graeciae, fidibus praeclare cecinisse dicitur». Semelhante informação surge, de igual modo, no *De Viris Illustribus* de Cornélio Nepos, onde se lê: «quis musicen docuerit Epaminondam, aut in eius uirtutibus commemorari, saltasse eum commode scienterque tibiis cantasse» (*prologus*, 1).

17- Legislador mítico, Licurgo, que terá vivido entre os sécs. XI e IX a. C., era tido por filho de Apolo Licurgo («Criador da Luz»). Grande viajante (teria chegado até à Índia), atribuíam-se-lhe a criação do código de *rhêtraí*, leis orais que, instituindo a dualidade dos reis, rebateu o seu poder em benefício do Senado (Gerúsia) e confirmou os direitos da Assembleia Popular (Apela). A Licurgo se deve a criação dos cinco Éforos e a proclamação da igualdade entre todos os cidadãos, independentemente da sua riqueza ou ascendência (estabeleceu, no entanto, a divisão entre Espartanos e periecos). Com as suas reformas e a divisão do território em cinco tribos e cinco *obai* (quatro aldeias e a povoação de Amiclas), com o centro político em Esparta, se constituiu, no sentido político e social, a Cidade-Estado de Esparta, afirmando-se ainda o seu poderio militar e influência sobre o mundo grego. A Licurgo se atribuíam também a instituição da austera disciplina Espartana. Concluída a sua missão, terá partido de Esparta para não mais voltar.

Sobre Licurgo e a sua acção como legislador, cf. *infra*, p. 66. Para uma outra referência a este legislador, desta feita na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Inclyte doctor aue non concessure Lycurgo» (Sil. 10, 83, p. 394).

18- Intercaladas entre dois passos procedentes das *Tusculanae Disputationes* de Cícero, surgem estas palavras, manifestamente colhidas no texto de Quintiliano, fonte que seguem com grande proximidade, pois aí se lê que: «et Lycurgus, durissimarum Lacedaemoniis legum auctor, musicis disciplinam probauit» (*Inst.*, 1, 10, § 15).

### Página 53

1- Notável estadista ateniense, nascido em 528 a. C., Temístocles impulsionou a expansão naval de Atenas, conduzindo à sua hegemonia e favorecendo o desenvolvimento da democracia. Enquanto arconte epónimo, de 493-492, fortificou o Pireu. Em 490, eleito estratega, converte-se em figura política central, em parte pelo ostracismo a que foram votados os seus adversários. Tendo em vista uma futura invasão persa, faz aplicar, em 483, à construção de duzentas trirremes, o produto das minas de prata do Láurio. Repatriados os exilados políticos em 480, liderou a luta contra a ameaça persa, promovendo a união das várias Cidades-Estado gregas. Após o desastre das Termópilas, fez evacuar Atenas, a ele se devendo a vitória na batalha de Salamina, em 480. Terminada a guerra, promoveu Temístocles a reconstrução das muralhas de Atenas e participou, pelos anos de 478-477, nas negociações que conduziram à formação da Liga de Delos. No entanto, pela sua posição anti-espartana, viu-se primeiro preterido em favor de Címon, depois banido por ostracismo em 470, chegando a ser condenado à morte à revelia, acusado de «medizar». Tendo buscado refúgio na Ásia, veio a morrer em 462 em Magnésia do Meandro, cidade em que era governador.

2- Efectivamente, Cícero refere que: «Themistoclesque aliquot ante annos cum in epulis recusaret lyram, est habitus indoctor» (*Tusc.*, 1, 2, § 4). A informação de Cardoso, porém, não foi colhida directamente no texto do Arpinate, antes procede, em segunda via, da obra de Quintiliano, que escreve: «unde etiam ille mos, ut in conuiuuiis post cenam circumferretur lyra, cuius cum se imperitum Themistocles confessus esset, ut uerbis Ciceronis utar, 'est habitus indoctor'» (*Inst.*, 1, 10, § 19). Note-se, enfim, como os dados colhidos em Quintiliano são ainda utilizados no período subsequente.

3- A presente enumeração parece ser uma versão resumida da lista dos primeiros inventores que Plínio-o-Antigo apresenta nos seguintes termos: «citharam Amphion, ut alii, Orpheus, ut alii, Linus. Septem chordis primum cecinit III ad III primas additis Terpander, octauam Simonides addidit, nonam Timotheus. Cithara sine uoce cecinit Thamyris primus» (*N. H.*, 7, § 204). Como é possível constatar, dos seis nomes apresentados por Plínio, quatro encontraram-se, com a mesma sequência, em Jerónimo Cardoso. A esta lista dos primeiros inventores nos referimos já a propósito da invenção da lira de sete cordas (v. *supra*, p. 52, n. 4).

4- Sobre Orfeu, figura que personifica o poder da música e da poesia sobre a natureza selvagem, v. *supra*, *Lib.* 11, 22, p. 29, n. 4.

5- Músico notável, a quem se atribuía a substituição das cordas de linho das liras por cordas de tripa, bem como a invenção do ritmo e da melodia, Lino, segundo uma lenda tebana, acabou morto por Apolo, por ter tentado rivalizar com o deus na arte do canto. Teria, segundo outras versões, sido o mestre de música de Hércules, a quem frequentemente castigava pela completa ausência de talento, até ao dia em que o discípulo se revoltou contra ele e o matou com uma grande pedra (ou então com o plectro). A sua filiação varia segundo as lendas, que ora o fazem filho de Anfímaro e de uma Musa (Urânia, Calíope, ou ainda Terpsícore) ora de Hermes, ou mesmo de Eagro, sendo, neste caso, irmão de Orfeu.

6- Natural da ilha de Lesbos, Terpandro, poeta lírico do séc. VII a. C., desenvolveu a sua actividade em Esparta, cidade onde mantinha uma escola de Música e onde obteve o primeiro prémio na festa das Carneias de 676/ 673 a. C. Atribuía-se-lhe a invenção da lira de sete cordas (Veja-se, por exemplo, Plínio-o-Antigo, *N. H.*, 7, § 204), embora se considere que possa ter apenas redescoberto um antigo instrumento micénico. Terpandro desempenha um papel importante na história da lírica coral, como cultor do *nomos* (hino em honra de Apolo), forma literária de que pode ter sido o inventor, os poucos fragmentos que lhe são atribuídos são, porém, de autenticidade duvidosa.

7- Músico mítico, filho, segundo as tradições, da Ninfa Argíope e do músico Filámon, a Tâmiras se atribuíam várias inovações musicais e a composição de vários poemas (uma *Teogonia*, uma *Cosmogonia* e uma *Titanomaquia*), bem como a invenção do modo dório. Teria sido excelente tanto na arte do canto como da lira, que aprendera com Lino, e dotado de grande beleza física. Homero, que passava por ter sido seu discípulo, explica como Tâmiras entrou em competição com as Musas, pretendendo, em caso de vitória, unir-se sucessivamente a todas elas. Foi, contudo, vencido e privado da vista e do seu talento musical, por ter incorrido na ira das deusas (*Il.*, 2, 594 e segg.), terá então lançado a sua lira ao rio Bálira, no Peloponeso.

Para uma outra referência a esta figura na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Thamiris ne canora/ Demodiciue chelym Getici aut modulamina plectri/ Fas erit expetere» (*Sil.* 12, 22-24, p. 401).

8- Movendo-se entre fontes latinas e gregas, entre história e mitologia, Cardoso inclui agora, na lista dos músicos, o nome de Fémio (do gr. Φήμιος), o celebrado aedo que, na *Odisseia* de Homero (1, 154; 337; etc.) alegrava, com a sua arte, os banquetes do palácio de Ulisses, em Ítaca.

9- Músico natural de Lesbos, Aríon (em Gr. Ἀρίων) teria obtido permissão de Periandro, tirano de Corinto e seu mestre, para viajar pela Magna Grécia e Sicília, ganhando dinheiro com a sua arte. Na viagem de regresso a Corinto, os escravos e marinheiros do navio resolveram matá-lo, para o roubar, mas o músico, avisado em sonhos por Apolo, pediu-lhes que o deixassem cantar uma última vez. Acorreram a escutá-lo os golfinhos e, tendo saltado para a água, Aríon foi salvo por um deles, que o levou até ao cabo Ténaro. Já em terra, Aríon dedicou um ex-voto a Apolo e dirigiu-se para Corinto, onde, descoberto o seu crime, os que tinham tentado assassiná-lo acabaram crucificados ou empalados.

10- Heródoto refere-se a Aríon em *Histórias*, 1, 23-24, a propósito do ex-voto que se conservava no Ténaro e que representava o músico montando o dorso do golfinho que o salvou.

11- Tratadas embora com alguma liberdade, estas palavras procedem de um passo do *De Oratore* de Cícero, a que Jerónimo Cardoso recorreu já para formular a definição do objecto de estudo da Gramática (v. *supra*, p. 48, n. 2) e da Geometria (v. *supra*, p. 50, n. 2). Eis as palavras de Cícero: «in astrologia caeli conuersio, ortus, obitus motusque siderum» (1, § 187).

12- Sobre a fuga de Dédalo para Cumas e a queda de Ícaro, cf. *supra*, *Lib.* 16, 3, p. 36.

13- No seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 38- r.º, comenta Jerónimo Cardoso o presente adágio nos seguintes termos: «Cleantis ad lucernam lucubrare. Diremos isto do que grandemente estudou, como fez o filósofo Cleantes, que por não ter despesa pera estudar acarretava agoa dos poços de noyte em Athenas, & disso se mantinha». Com uma única ocorrência em textos clássicos, este adágio surge na obra de Varrão, que escreve: «quodsi summum gradum non attigero, tamen secundum praeteribo, quod non solum ad Aristophanis lucernam, sed etiam ad Cleant<h>is lucubraui» (*L. L.*, 5, 1, § 9).

Cleantes (em gr. Κλεάνθης), filósofo grego natural de Assos, teve por mestre Zenão de Chipre, fundador do Estoicismo, e contou com Crisipo entre os seus discípulos.

#### Página 54

1- Estes seis dísticos elegíacos de Ovídio pertencem aos *Fasti* (1, 279-290) e, para além da pontuação, apresentam variações de ortografia e até de vocabulário. Deste modo, Ovídio escreve: *primis* (por *primum*), *locisque* (por *locisque*); *militiaeue* (por *militiaeque*), *mentis* (por *nostris*) e *subposuere* (por *supposuere*). Para além disto, note-se como, à semelhança do que acontece com os versos do *De Arte Poetica* (*Epistula ad Pisones*) de Horácio, que anteriormente encontramos (v. *supra*, p. 45, n. 7), também aqui o texto que precede a citação é uma paráfrase do conteúdo desta.

2- Estas duas elevadas montanhas da Tessália, a Ossa (em gr. Ὀσσα), agora chamada Kissovo, morada mítica dos Centauros, e o Pélio (em gr. Πήλιον), situado próximo da anterior e hoje designado pelo nome de Zagora, são referidos a par por um grande número de autores e obras da Antiguidade, por causa da sua altura prodigiosa, como é o caso de Virgílio (*Georgica*, 1, 281); Propércio (*Elegiae*, 2, 1, 19-20); Ovídio (*Am.*, 2, 1, 14; *Pont.*, 2, 2, 9; *Fast.*, 3, 41; *Met.*, 1, 155) entre muitos outros.

3- Surgindo embora em outros autores com uma forma diversa da que aqui se encontra (caso de Aulo Gélio, 9, § 8, «pedibus inlotis [...] deuenerunt»; 17, 5, § 14, «inlotis, quod aiunt, pedibus [...] reprehendit» e de Macróbio, *Sat.*, 1, 24, § 12, «pedibus inlotis praetereunt»), o presente adágio ocorre, porém, em termos muito semelhantes numa fala de Agorástocles, personagem do *Poenulus* de Plauto: «Utquidem tu huius oculos inlutis manibus tractes aut teras?» (v. 316), passo este que Cardoso tinha decerto em mente.

4- A fonte das informações constantes neste passo, que Cardoso refere («ut ego accepi») sem, no entanto, identificar, encontra-se em Cícero, em concreto no *De Diuinatione*, onde efectivamente se lê: «principio Assyrii [...] propter planitiam magnitudinemque regionum, quas incolebant, cum caelo ex omni parte patens atque apertum intuerentur, traiectiones motusque stellarum obseruauerunt, quibus notatis, quid cuique significaretur, memoriae prodiderunt, qua in natione Chaldaei non ex artis, sed ex gentis uocabulo nominati diurna obseruatione siderum scientiam putantur effecisse [...] eandem artem etiam Aegyptii longinquitate temporum innumerabilibus paene saeculis consecuti putantur» (1, 1, § 2). Note-se a redução drástica operada por Cardoso nas palavras do Arpinate.

5-

6- Sobre Anaximandro de Mileto, geógrafo, engenheiro e filósofo, v. *supra*, p. 50, n. 7.

7-

8- Sendo um dos Gigantes, que certas tradições dão como filho do Titã Jápeto e de uma Oceânide, Clímene ou Ásia, irmão, portanto, de Menécio, de Prometeu e de Epimeneu (outras versões fazem dele filho de Úrano e irmão de Cronos), anterior, por conseguinte, à geração dos Olímpicos, Atlas tomou parte na Gigantomaquia e, após a sua derrota, foi condenado por Zeus a suportar sobre os ombros o enorme peso da abóbada celeste. Tinha por morada o país das Hespérides, situado no Extremo Ocidente, onde veio a ser transformado em rochedo por Perseu, que lhe mostrou a cabeça decapitada da Medusa (v. Ovídio, *Met.*, 4, 628; 662), surgindo pela primeira vez como uma montanha do Norte de África em Heródoto (*Hist.*, 4, 184). Lendas tardias fazem de Atlas um astrónomo, que terá revelado à humanidade as leis celestes, sendo, por isso, divinizado.

Para outras referências a esta figura nos escritos de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Nam primus Atlas sua indagatione caelum mortalibus aperuit» (*Lib.* 18, p. 55); «In Africa etiam Atlas poetarum

carminibus inclytus praecelluit» (*Lib.* 18, p. 57); «si ego homunculus quidam, litterarum Atlanta in quo uno litteraria prouincia tanquam in Atlante caelum fulcitur temere prouocarem» (*Ep.* 25, p. 126); «Nec non facundi libet implorare nepotis/ Numen Atla sublime tui» e «grauem quid enim conaris Atlanta/ Excepisse humeris» (*Sil.* 15, 8-9 e 28-29, pp. 407-408).

9- Apresentando diferenças insignificantes, o texto de Cardoso segue, com a maior proximidade, o do Naturalista, sua reconhecida fonte, quando este escreve que: «obliquitatem eius intellexisse, hoc est rerum fores aperuisse, Anaximander Milesius traditur primus Olympiade quinquagesima octaua, signa deinde in eo Cleostratus, et prima arietis ac sagittarii, sphaeram ipsam ante multo Atlas» (*N. H.*, 2, §§ 30-31).

### Página 55

1- Sobre Pitágoras de Samos, v. *supra*, p. 50, n. 4.

2- Informações directamente colhidas na obra de Plínio-o-Antigo, que, em termos muito semelhantes aos que Cardoso emprega na *Oratio*, escreve: «quam naturam eius Pythagoras Samius primus deprehendit Olympiade circiter XLII, qui fuit urbis Romae annus CXLII» (*N. H.*, 2, § 37).

3- Considerado normalmente filho de Étlío (ou então do próprio Zeus) e de Cálice, teria sido Endimião a conduzir, da Tessália para a Élide os Etólios, povo sobre o qual depois reinou. A mais conhecida lenda a seu respeito faz dele amante da Lua (Selene). Endimião seria, neste caso, um jovem de uma beleza extrema, pelo qual a Lua se teria apaixonado e a que Zeus teria, a pedido da Lua, concedido a realização de um desejo. Pediu, então, que lhe fosse permitido dormir um sono eterno, durante o qual a sua formosura e juventude permanecessem inalteradas. Realizado o seu desejo, que a lenda situa ora no Peloponeso ora na Cária, perto da cidade de Mileto, ter-se-ia então unido repetidas vezes a Selene, que dele teria gerado cinquenta filhas.

Para uma outra referência aos amores entre Endimião e a Lua (Ártemis), desta feita numa elegia de Pedro Sanches, v. *infra*: «Nec te paeniteat ruris, nam saepe secuta est/ Cynthia per siluas Endimiona suum» (*El.* 2, 12, 31-32, p. 337).

4- Outra informação colhida no texto de Plínio-o-Antigo, objecto, porém de uma mais profunda intervenção de Cardoso, dado que o Naturalista, falando acerca da Lua, apenas escreve que: «quae singula in ea deprehendit hominum primus Endymion; ob id amor eius fama traditur» (*N. H.*, 2, § 43). Esta maior liberdade no tratamento das informações veiculadas pelo Naturalista deve-se, muito provavelmente, a um mais profundo conhecimento do mito de Endimião, decorrente da leitura de outros autores, como Propércio (2, 15, 15-16); Ovídio (*A. A.*, 3, 83; *Her.*, 18, 61-63); Cícero (*Tusc.*, 1, 38, § 92); entre outros.

5- General romano, Cônsul em 182 e em 168 a. C., Lúcio Emílio Paulo granjeou o título de Macedónico ao vencer, na batalha de Pidna, travada em 168, Perseu, último rei da Macedónia (e não o «rei dos Persas», como, por uma leitura equívoca do texto de Plínio-o-Antigo, Cardoso refere). Após a vitória, trouxe para Roma, entre o saque de guerra, a biblioteca deste monarca e desenvolveu uma política que visava aproximar culturalmente vencidos e vencedores, ficando deste modo como um símbolo da união entre a tradição romana e a grega, isto não obstante o facto de, como membro de uma das principais famílias patrícias (seu pai, também chamado Lúcio Emílio Paulo, morto em Canas, fora Cônsul em 219 e 216 a. C.), ser em larga medida conservador. Após a sua morte, ocorrida em 160, seu filho, Públio Cipião, o Emiliano, deu continuidade a esta sua política, ao fundar o Círculo dos Cipiões.

6- Matéria novamente tomada da obra do Naturalista, cujo texto as palavras de Cardoso seguem, desta feita, com maior fidelidade. Assim, Plínio-o-Antigo relata que: «Et rationem quidem defectus utriusque primus Romani generis in uulgum extulit Sulpicius Gallus, qui consul cum M. Marcello fuit, sed tum tribunus militum, sollicitudine exercitu liberato pridie quam Perses rex superatus a Paulo est in concionem ab imperatore productus ad praedicendam eclipsim, mox et composito uolumine» (*N. H.*, 2, § 53).

7- Intercalada entre palavras tomadas de Plínio-o-Antigo (que é ainda a fonte do período subsequente), encontra-se este parêntesis, citação colhida, sem qualquer alteração, na obra de Quintiliano, que se interroga nos seguintes termos: «an uero, cum Pericles Athenienses solis obscuracione territis redditis eius rei causis metu liberauit, aut cum Sulpicius ille Gallus in exercitu L.

Pauli de lunae defectione disseruit, ne uelut prodigio diuinitus facto militum animi terrentur, non uidetur esse usus oratoris officio?» (*Inst.*, I, 10, § 47).

8- Filósofo grego oriundo da Iónia, Tales de Mileto, que terá vivido entre as últimas décadas do séc. VII e a primeira metade do séc. VI a. C., predisse, segundo a tradição, um eclipse do Sol ocorrido no ano de 585 (a 28 de Maio, segundo cálculos modernos). É provável, no entanto, que esta previsão se baseasse em catálogos babilónicos, dada a impossibilidade de Tales conhecer as causas do eclipse solar. Atribui-se-lhe a introdução da Geometria na Iónia, bem como a descoberta de vários teoremas referentes a ângulos e triângulos, por ter medido a altura das pirâmides do Egipto e a distância dos barcos no mar. Procurou igualmente explicar as causas das cheias do Nilo. Terá sido o primeiro a descobrir que o íman e o âmbar friccionado atraem outros corpos. Segundo Aristóteles (*Metafísica*, A), Tales afirmava que a água era o princípio de todas as coisas, teoria pela qual é hoje normalmente conhecido. Pela procura das explicações naturais dos fenómenos, sem recorrer à mitologia, Tales é justamente considerado o primeiro filósofo do Ocidente e o seu nome consta em todas as listas antigas dos Sete Sábios da Grécia.

9- Considerado o maior astrónomo da Antiguidade, natural de Niceia, Hiparco desenvolveu os seus trabalhos em Alexandria e Rodes entre os anos de 161 e 127 a. C. Rejeitou a teoria heliocêntrica anteriormente proposta por Aristarco de Samos, mas formulou, pela primeira vez, a lei da precessão dos equinócios e deixou, fruto das suas rigorosas observações, um catálogo de 850 estrelas, devidamente situadas, pela primeira vez, em termos de latitude e longitude. Como matemático, atribui-se-lhe a criação da Trigonometria, na qual se baseiam os seus cálculos astronómicos, bem como a divisão do círculo em 360 graus. Com excepção de um comentário aos *Fenómenos* de Eudoxo e aos de Arato, toda a sua obra se perdeu, pelo que se torna necessário recorrer às informações proporcionadas por Estrabão e Ptolomeu.

10- Prossegue a utilização de dados recolhidos no rico manancial de informações que a obra do Naturalista constitui, em concreto, da continuação do parágrafo a que fizemos alusão nas notas precedentes (*N. H.*, 2, § 53): « apud Graecos autem inuestigauit primus omnium Thales Milesius Olympiadis XLVIII anno quarto praedicto solis defectu, qui Alyatte rege factus est urbis conditae anno CLXX. post eos utriusque sideris cursum in sexcentos annos praececinuit Hipparchus, menses gentium diesque et horas ac situs locorum et uisus populorum complexus, aeuo teste haut alio modo quam consiliorum naturae particeps». Sobre o emprego dos dados constantes na parte final deste período, v. *infra*, p. 55, n. 15.

11- Procurando tirar o máximo partido das informações veiculadas pelas suas fontes, volta Jerónimo Cardoso ao passo de Quintiliano a que já antes aludimos e que transcrevemos (*Inst.*, I, 10, § 47, v. *supra*, p. 55, n. 7), para dele tomar, sem qualquer alteração, as presentes palavras. Nada diz, no entanto, sobre o lugar de onde as retirou.

12- Sobre Anaxágoras de Clazómenas, filósofo grego, v. *supra*, p. 49, n. 11.

13

14-

15- Sobre Hiparco, matemático e astrónomo, v. *supra*, p. 55, n. 9; sobre o texto de Plínio-o-Antigo, fonte da presente afirmação, v. *supra*, p. 55, n. 10.

16- Criado pela bisavó Geia e pelas Horas, ou então pelo Centauro Quíron, Aristeu, filho de Apolo e de Cirene teria aprendido com as Musas a arte da Medicina e da adivinhação e, com as Ninfas, a arte dos lacticínios, da apicultura e do cultivo da vinha, conhecimentos que depois transmitiu à humanidade. Levava vida de pastor, cuidando, na Tessália, dos rebanhos e carneiros das Musas e, como caçador, teria inventado as redes e os fossos. Perseguido Eurídice, esposa de Orfeu, junto a um rio, foi o causador da sua morte, ao ser ela mordida por uma serpente. Os deuses puniram-no, lançando uma doença que destroçou os seus enxames. Procurando então auxílio junto de Proteu, a conselho de sua mãe, conhece o motivo da cólera divina e recebe indicações sobre como procurar novas abelhas. Aristeu teria participado na conquista da Índia à cabeça do exército da Arcádia e ao lado de Dioniso. Quando, durante os dias mais quentes do ano, a peste grassava nas cidades, foi Aristeu que as auxiliou,

elevando um altar a Zeus e oferecendo-lhe sacrifícios diários até que o deus, movido pelas suas preces, enviou os ventos etésios, que puseram fim ao flagelo.

17- Baseia-se a presente asserção de Cardoso na autoridade de Justiniano Justino, cujo texto explicitamente refere que: «Aristaeum in Arcadia late regnasse, eumque primum et apium et mellis usum et lactis ad coagula hominibus tradidisse solstitialisque ortus sideris primum invenisse» (*Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 13, 7, § 7).

18- Sobre Pitágoras de Samos, v. *supra*, p. 50, n. 4.

19- Exemplo de um tratamento em extremo sintético, a presente afirmação baseia-se num passo de Plínio-o-Antigo, que explica detalhadamente como: «Interualla quoque siderum a terra multi indagare temptarunt, et solem abesse a luna undeiginti partes quantam lunam ipsam a terra prodiderunt. Pythagoras uero, uir sagacis animi, a terra ad lunam C'X'X'V'I' stadiorum esse collegit, ad solem ab ea duplum, inde ad duodecim signa triplicatum, in qua sententia et Gallus Sulpicius fuit noster» (*N. H.*, 2, § 83).

20- Sobre Atlas, o Gigante condenado a suportar sobre os ombros o peso da abóbada celeste, v. *supra*, p. 54, n. 8.

21- Significando literalmente «estender um cabo/asa», esta expressão idiomática, que Cardoso regista no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 15-r.º («Ansam praebere. Dar azo»), encontra-se atestada em Cícero, autor que a emprega, por duas vezes, com a forma «ansas dare» (*Pro P. Sestio Oratio*, § 22 e *Laelius de Amicitia*, § 59).

Tal locução encontra-se, com relativa frequência, na epistolografia de Jerónimo Cardoso (nunca na sua poesia), apresentando, por vezes, algumas divergências de forma, v. *infra*: «ut tibi cum ansam quauis occasione praeberem» (*Ep.* 4, p. 83); «magnam mihi spem et quasi ansam quamdam uisus es obtulisse» (*Ep.* 59, p. 199); «ut nulli reprehensioni nulli cauillandi rimae locum dederis, uel ansam» (*Ep.* 62, p. 206); «primum ne rhonchis et nasutulis quibusdam cachinni ansam praebeam» (*Ep.* 64, p. 210) e «ut [...] tui laudandi ac de te honorifice loquendi mihi ansam praebere magnopere uelim» (*Sil.* A, p. 364).

## Página 56

1- Nascido da união entre Jápeto, um dos Titãs, e de uma das Oceânides (Ásia ou Clímene), e irmão de Epimeneu, Atlas e Menécio, atribui-se a Prometeu a criação dos primeiros homens, que teria moldado em barro. Outras versões apresentam-no como benfeitor da Humanidade, por amor de quem teria astuciosamente enganado Zeus, com os despojos do sacrifício solene de um boi, motivo pelo qual o deus puniu os homens deixando de lhes enviar o fogo. Acorreu então em seu auxílio Prometeu, roubando algumas sementes de fogo do Sol, ou tirando-o da forja de Hefesto. Desta feita Zeus puniu os homens enviando-lhes Pandora e amarrou Prometeu ao Cáucaso com grilhões de aço, fazendo com que uma águia, filha de Tifon e Equidna, lhe fosse devorando o fígado, que sempre se renovava. Veio a ser liberto deste suplício por Hércules, que trespassou a águia com uma das suas setas, depois, aceitando a imortalidade do Centauro Quíron, ferido por Hércules, Prometeu alcançou, finalmente, a condição de imortal.

Para outras referências a esta personagem nos escritos de Cardoso, v. *infra*: «Noui enim quam sit mihi curta supellex nec omnes eodem luto finxit Prometheus» (*Ep.* 56, p. 193) e «Vt tua Caucasea religaret rupe Prometheus/ Membra (nefas) auidae toties lanianda uolucris» (*Sil.* 15, 11-12, p. 407).

2- Natural de Cnido, onde nasceu pelo ano de 408 a. C. e onde estudou Medicina e Geometria, Eudoxo apresenta-se como um dos maiores matemáticos e astrónomos de sempre. Aos 22 anos segue, em Atenas, os ensinamentos de Platão, de quem se torna amigo, viaja, depois, para o Egipto, onde estuda Astronomia perto de Heliópolis, e para Cízico, onde funda uma escola. Novamente em Atenas pelo ano de 368, terá dirigido a Academia enquanto Platão se encontrava na Sicília, vindo a morrer, na terra em que nasceu, cerca de 355. Como matemático, Eudoxo desenvolveu a teoria geral das proporções e o método de exaustão, que visa a medição e comparação de figuras planas e curvilíneas e os volumes dos sólidos (pirâmide e cone). No campo da Astronomia, devem-se-lhe duas obras, *O Espelho* e *Os Fenómenos* (esta, fonte de inspiração do poema de Arato), bem como a teoria das esferas homocêntricas: partindo da esfericidade da Terra e do Céu, Eudoxo imaginou a revolução de vinte e

sete esferas concêntricas, de tamanhos diversos, sobre um eixo e a uma velocidade definida, sobre as quais estariam fixos os corpos celestes, teoria complexa e que lhe valeu o ser considerado o pai da Astronomia científica. Ficou famosa a sua descrição da Terra (Περίοδος Γῆς), a que Cardoso faz alusão.

3- Poeta grego oriundo da Sicília, Arato de Soli, que terá vivido entre os anos de 315 e 239 a. C., desenvolveu a sua actividade na corte de Antígono da Macedónia, após ter sido discípulo de Zenão de Chipre, fundador do Estoicismo. Das obras que escreveu (epigramas, elegias, hinos e outros poemas), apenas se conservam os *Fenómenos*, poema famoso que expõe, numa linguagem ao estilo de Hesíodo, os conhecimentos astronómicos de Eudoxo de Cnidos. Objecto de frequentes comentários e de várias traduções para latim (de Varrão Atacino, de Cícero, de Germânico e de Avieno) esta obra foi, no entanto, alvo da crítica de cientistas, como o astrónomo Hiparco. O poema, fundado sobre a doutrina estóica, abre com um hino a Zeus, segue-se uma descrição das estrelas do firmamento e encerra com uma enumeração de prognósticos e nele merecem particular destaque as digressões sobre a Idade do Ouro (vv. 98-136) e sobre as tempestades marítimas (vv. 408-435).

4- Empédocles de Agrigento, na Sicília, médico, poeta, cientista, político e mago, terá desenvolvido a sua actividade por meados do séc. V a. C., tendo alcançado, em virtude do seus talentos, uma fama comparável à de Pitágoras. A sua obra, dois escritos filosóficos em hexâmetros, intitulados *Da Natureza* e *Purificações* (de que restam, em fragmentos, cerca de 450 versos), faz de Empédocles o mais eclético ou pluralista de entre os filósofos pré-socráticos. O seu pensamento baseia-se em três teorias: a teoria dos quatro elementos, ar, água, terra e fogo; a teoria das duas forças contrárias, amor e ódio, e a teoria do ciclo cósmico, análogo ao ciclo das almas. Empédocles descobriu, por meio da clépsidra, a existência, como corpo, do ar atmosférico e, no campo gnoseológico, afirmou que a percepção se operava do semelhante pelo semelhante e que o principal centro da consciência se encontrava, sob a forma de sangue, em redor do coração.

Para outras referências a Empédocles, presentes quer na prosa quer na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Empedocles autem apud Graecos, Lucretius uero apud Latinos naturalem Philosophiam carmine complexi sunt» (Lib. 18, p. 58) e «An magis Empedoclis sublimia scripta retexis/ Naturae ut pateant abdita cuncta tibi?» (El. 2, 10, 15-16, p. 333).

5- Sobre Beroso, astrónomo de tempos de Alexandre Magno, v. *supra*, p. 44, n. 2. Fundando-se em Plínio-o-Antigo, este passo da *Oratio* segue de perto as suas palavras, introduzindo apenas as alterações necessárias a uma nova contextualização e colocando a ênfase nos conhecimentos astronómicos de Beroso. De facto, o Naturalista refere que: «Variarum artium scientia innumerabiles enituerent, quos tamen attingi par sit florem hominum libantibus: astrologia Berosus, cui ob diuinas praedictiones Athenienses publice in gymnasio statuam inaurata lingua statuere» (N. H., 7, § 123).

## Página 57

1- Nome dado aos ascetas da Índia, os Gimnosofistas (do gr. Γυμνοσοφισταί, «filósofos nus») integravam uma seita de eremitas. Sobre eles, refere Plínio-o-Antigo que: «Philosophos eorum, quos gimnosofistas uocant, ab exortu ad occasum perstare contuentes solem immobilibus oculis, feruentibus harenis toto die alternis pedibus insistere» (N. H., 7, § 22). A fonte provável da informação de Cardoso deverá ser, porém, Aristóteles (*Fragmenta*, 35). Para além destes, referem-se-lhes, entre outros autores, Apuleio, *Florida*, 6, 7; 15, 21; Cícero, *Tusculanae Disputationes*, 5, 27, 77; Valério Máximo, 3, 3, ext. 6; Estrabão, 16, 2, 39 e Plutarco, *Alexandre*, 64.

2- Integrando uma das duas classes dirigentes entre os Celtas, os Druidas (de *uid-*, «vidente», «sábio» e o prefixo intensivo *dru-*), ao mesmo tempo sacerdotes, adivinhos, médicos e filósofos, gozavam de grande influência religiosa e político-social. Existiam em todas as tribos, ainda que rivais, e asseguravam a coesão entre os Celtas, sob a direcção de um superdruida, reunindo-se em assembleias deliberativas todos os anos. Como sacerdotes, oficiavam os grandes sacrifícios comuns e mantinham a hierarquia entre os vários deuses tribais e regionais; como filósofos, estava-lhes confiada a educação. A sua cuidada formação, predominantemente oral, que abarcava matérias como a Astronomia, Geografia, Ciências Naturais, Medicina e Teologia, constava, na Irlanda, de sete graus de ensino e demorava cerca de vinte anos. Entre os autores clássicos (César, no *De Bello Gallico*, 4, é uma das principais fontes a seu respeito, a outra são as tradições irlandesas) gozam de enorme prestígio, sendo equiparados aos pitagóricos gregos e aos gimnosofistas indianos. Aristóteles (*Fragmenta*, 35) considerava-os os inventores da Filosofia.

3-

4- Sobre Orfeu, figura que personifica o poder da música e da poesia sobre a natureza selvagem, v. *supra*, **Lib.** 11, 22, p. 29, n. 4.

5- Venerado como um deus pelos Getas, Zamolxis (ou Zalmoxis, do gr. Ζάμολις ou Ζάλμοξις), teria sido inicialmente um escravo de Pitágoras que pregava a imortalidade e a transmigração das almas. O seu nome, segundo Porfírio (*Vit. Pythag.*, 14) derivava da palavra trácia *zalmos*, de sentido equivalente ao gr. δορά, «pele», pela crença de que, ao nascer, estaria recoberto com uma pele de urso. Heródoto, por sua vez, refere a crença trácia de que, após a morte, as almas partiam ao encontro de Zamolxis (*Hist.*, 4, 94) e que, de quatro em quatro anos, lhe era enviado um mensageiro, escolhido à sorte, o qual tinha necessariamente que morrer para cumprir a sua missão. Depois de receber instruções detalhadas, era atirado ao ar sobre lanças erguidas: se morresse, considerava-se que o deus era propício; caso contrário era escolhido um outro. Acrescenta ainda o Historiador que, sempre que havia relâmpagos e trovejava, os Trácios lançavam setas contra o céu ameaçando o deus, pelo que Zamolxis era considerado detentor, entre outros, dos atributos de Zeus.

6- Sobre Atlas, o Gigante condenado a suportar sobre os ombros o peso da abóbada celeste, e o passo a que Cardoso faz alusão, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 54, n. 8 e p. 55.

7-

8- Considerado, segundo as tradições, o mestre, o discípulo, o filho, o amigo ou apenas um contemporâneo de Orfeu (figura da qual, na lenda ática, é visto como um «duplo»), Museu apresenta-se como um grande músico, dotado, pela sua arte, do poder de curar os enfermos. Sendo filho de Antifemo (ou Eumolpo) e de Selene, veio a ser criado pelas Musas. Atribuía-se-lhe a introdução dos Mistérios em Elêusis: Platão, em *República*, 363 c-d, diz que «Museu e o seu filho» prometiam aos seus seguidores a felicidade no Além, a qual consistia em banquetes perpétuos (embora tal afirmação possa aludir tanto aos Mistérios quanto ao Orfismo, dado que Museu aparece associado a Orfeu em *Protágoras*, 316 d, como ainda a mais do que uma seita). Atribuía-se-lhe também oráculos, que já Heródoto dava como interpolados (*Hist.*, 7, 6) e poemas de inspiração mística, que, com exceção de um hino a Deméter, Pausânias considerava apócrifos (*Descrição da Grécia*, 1, 22, 7), bem como a invenção do verso dactílico.

9- A respeito de Lino, mestre de música de Hércules, a quem se atribuem várias inovações na arte musical, bem como da sua filiação, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 53, n. 5.

10- Filósofos e estadistas gregos, cuja vida se situa em redor do séc. VI a. C., os Sete Sábios da Grécia eram considerados detentores, no mais alto grau, daquilo que os Gregos entendiam por «Sabedoria». A mais antiga formulação da sua lista encontra-se em Platão (*Protágoras*, 343 a) e inclui os seguintes nomes: Tales de Mileto; Pítaco de Mitilene; Bias de Priene; Sólon de Salamina; Cleobulo de Lindos; Míson de Cene e Quílon da Lacedemónia. Normalmente o nome de Míson de Cene dá lugar ao de Periandro, que Platão excluiu por se tratar de um tirano. A lista, de resto, varia consoante a época e a ideologia de quem a apresenta. Atribuía-se-lhes algumas sentenças célebres, gravadas nas paredes do Templo de Apolo em Delfos, como a famosa γυνῶθι σεαυτόν («conhece-te a ti mesmo») e μηδέν ἄγαν («nada em excesso»).

11- Sobre Tales de Mileto, filósofo grego, considerado um dos Sete Sábios da Grécia, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 55, n. 8.

### Página 58

1- Embora não se encontre atestada entre os autores clássicos latinos, esta expressão constitui um adágio, sendo incluída como tal, por Jerónimo Cardoso, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 51-v.º, nos seguintes termos: «Delio natatore opus est. Dirseha das cousas escuras, que hão mister hum bom nadador .s. hum bom declarador, por que os da ilha de Delos foraõ grandes nadadores». Nem Renzo Tosi, *op. cit.*, nem A. M. Zanoner, *op. cit.*, o registam.

2-

3- A respeito de Empédocles de Agrigento, o mais eclético de entre os filósofos pré-socráticos, v. *supra*, Lib. 18, p. 56, n. 4.

4- Tendo ido um certo dia a Delfos, Querefonte, um dos mais antigos discípulos de Sócrates, atreveu-se a perguntar à Pítia se havia alguém mais sábio do que o seu mestre, ao que ela terá dado resposta negativa, conforme se lê em Platão, *Apologia de Sócrates*, 21 a.

5- Conquanto se apresente expressa em termos diferentes, esta afirmação procede de um celebrado passo de Cícero, no qual este declara: «Socrates autem primus philosophiam deuocauit e caelo et in urbibus conuocauit et in domus etiam introduxit et coegit de uita et moribus rebusque bonis et malis quaerere» (*Tusc.*, 5, 4, § 10). Veja-se, a este respeito, M. H. Rocha Pereira, *História da Cultura Clássica*, tomo I, p. 438.

### Página 59

1- Transcritas com alguma liberdade, que visa sobretudo adaptá-las a um novo contexto sintáctico, as palavras de Cardoso repetem, com a fidelidade possível, as de Cícero, que escreve: «numquam igitur digne satis laudari philosophia poterit, cui qui pareat omne tempus aetatis sine molestia possit degere» (*Cat.*, § 2).

2-

3- Não obstante o facto de terem sido desgarradas do contexto sintáctico original, as palavras referidas por Cardoso constituem uma citação exacta de Séneca, *Epistulae Morales ad Lucilium*, 16, § 3, onde se lê: «Nec in hoc adhibetur, ut cum aliqua oblectatione consumatur dies, ut dematur otio nausia: animum format et fabricat, uitam disponit, actiones regit, agenda et omittenda demonstrat, sedet ad gubernaculum et per ancipitia fluctuantium derigit cursum».

4- Resumo da continuação do parágrafo de Séneca a que anteriormente fizemos alusão, estas palavras de Cardoso constituem uma paráfrase do seguinte passo, em que se explica como: «Sine hac nemo intrepide potest uiuere, nemo secure: innumerabilia accidunt singulis horis, quae consilium exigant, quod ab hac petendum est» (*Ep.*, 16, § 3).

5- Continua Jerónimo Cardoso, neste passo, a livre paráfrase da carta de Séneca a que anteriormente fizemos alusão, não tendo sequer o cuidado de respeitar a sequência do pensamento do Filósofo, que escreve: «Quicquid est ex his, Lucili, uel si omnia haec sunt, philosophandum est: siue nos inexorabili lege fata constringunt, siue arbiter deus uniuersi cuncta disposuit, siue casus res humanas sine ordine impellit et iactat, philosophia nos tueri debet» (*Ep.*, 16, § 5).

6- Tomadas novamente de Séneca, desta feita de *Epistulae Morales ad Lucilium*, 8, § 7, estas palavras, referidas com exactidão, constituem, no entanto, uma citação de Epicuro (fr. 199 Usener), como se pode constatar pela leitura do texto do Filósofo: «Id non de meo fiet: adhuc Epicurum complicamus, cuius hanc uocem hodierno die legi: 'philosophiae seruias oportet, ut tibi contingat uera libertas'».

7- Ainda que redigida por Cardoso, a presente afirmação constitui manifestamente uma paráfrase da carta a que anteriormente fizemos alusão (em concreto, *Ep.*, 8, § 2), na qual o Filósofo escreve: «Illis aliqua quae possint prodesse conscribo: salutare admonitiones, uelut medicamentorum utilium compositiones, litteris mando, esse illas efficaces in meis ulceribus expertus, quae etiam si persanata non sunt, serpere desierunt».

8- Posto que tal ensinamento seja comum a diferentes pensadores e escolas filosóficas, ele encontra-se, de um modo muito concreto, nas cartas de Séneca, autor que Jerónimo Cardoso tem vindo a citar, quando, a propósito do terrível incêndio de Lião, escreve: «Quomodo? aequanimitate. Et doleas oportet et sitias et esurias et senescas (si tibi longior contigerit inter homines mora) et aegrotas et perdas aliquid et pereas. Non est tamen quod istis qui te circumstrepunt credas: nihil horum malum est, nihil intolerabile aut durum» (*Ep.*, 91, §§ 18-19).

9- Assunto igualmente abordado por Sêneca em carta a que já fizemos referência (*Epistulae Morales ad Lucilium*, 8), sendo muito provavelmente esta a fonte das palavras de Cardoso: «Clamo: ' uitate, quaecumque uulgo placent, quae casus adtribuit. Ad omne fortuitum bonum suspiciosi pauidique subsistite: et fera et piscis spe aliqua oblectante decipitur. Munera ista fortunae putatis? insidiae sunt. Quisquis uestrum tutam agere uitam uolet, quantum plurimum potest, ista uiscata beneficia deuitet, in quibus hoc quoque miserrimi fallimur: habere nos putamus, haeremus» (§ 3), assunto retomado perto do termo da mesma missiva: «Vnum uersum eius, qui ad philosophiam pertinet et ad hanc partem, quae modo fuit in manibus, referam, quo negat fortuita in nostro habenda: ' alienum est omne, quicquid optando euenit'. Hunc sensum a te dici non paulo melius et adstrictius memini: ' non est tuum, fortuna quod fecit tuum'. Illud etiam nunc melius dictum a te non praeteribo: ' dari bonum quod potuit, auferri potest'» (§§ 9-10).

10- Tema de fundo de uma das cartas de Sêneca (*Epistulae Morales ad Lucilium*, 91, em particular §§ 4-7), este conceito encontra, no entanto, larga difusão nas literaturas clássicas, partindo de um fragmento de Aléxis (fr. 252 k): «Σοφοῦ γὰρ τύχας ὀρθῶς φέρειν» («É próprio do homem sábio saber suportar os golpes do destino»), passando por nomes como Sófocles (*Édipo em Colono*, 1694), Menandro (fr. 181, 2, k. -Th), Antífanos (fr. 281 k), Páladas (*Antologia Palatina*, 10, 73) e, entre os latinos, Terêncio (*Phormio*, 138), Lucílio (27, 40, Charpin), Virgílio (*Aen.*, 5, 710), sendo ainda retomado por Sêneca (*Epistulae Morales ad Lucilium*, 107, § 9), com ligeira variação do sentido. Sobre este assunto, cf. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 852, p. 402.

### Página 60

1- Tomada, como Cardoso refere, das *Tusculanae Disputationes* de Cícero (em concreto, de 5, § 5), a presente citação mostra, não obstante o seu rigor, para além da pontuação, algumas divergências a nível da ortografia, da morfologia e até do vocabulário. Assim, no texto do Arpinate, pode ler-se: «expultrixque» (por «expultrix»); «urbis» (por «urbes»); «communione» (por «coniunctione»); «disciplinae» (por «disciplina») e «penitus totosque» (por «penitusque»).

2- Para além das comuns variações a nível da pontuação, a presente citação, retirada novamente das *Tusculanae Disputationes* de Cícero (desta feita, de 1, § 64) mostra, apesar do cuidado da transcrição, diferenças a nível da ortografia: «tanquam» (por «tamquam») e até do vocabulário, dado que acrescenta uma palavra (Cardoso escreve «ut Plato ait», Cícero simplesmente «ut Plato»), omite um complemento (Cícero escreve: «quod situm est in generis humani societate») e corta toda uma oração, com a qual o Arpinate conclui o período: «ut omnia supera infera prima ultima media uideremus».

3- Neste passo, citação livre do *De Oratore* de Cícero (1, 9), Jerónimo Cardoso reproduz, com rigor, as palavras da sua fonte, sem, no entanto, se preocupar com a sua ordem, pois elas em Cícero apresentam a seguinte sequência: «neque enim te fugit laudandarum artium omnium procreatricem quandam et quasi parentem eam quam φιλοσοφίαν Graeci uocant ab hominibus doctissimis iudicari».

### Página 61

1-

2- Extraída das *Epistulae* de Horácio (1, 3, 28-29), a presente citação repete, com grande rigor, as palavras do Venusino, alterando unicamente a sua ordem (Cardoso escreve «uolumus patriae» em lugar de «patriae uolumus»), sem com isso afectar, no entanto, a estrutura do verso (hexâmetro dactílico).

3- Trata-se de Macáon e Podalírio, filhos de Esculápio (ou Asclépio) e de Epíone (ou, segundo outras versões, de Lampécia, de Arsínoe, de Xante ou de Córonis), que, por se encontrarem entre os pretendentes de Helena, tomaram parte na Guerra de Tróia. Os dois irmãos reinavam sobre as cidades tessálicas de Trica, Itome e Ecália e participaram na expedição à cabeça de uma esquadra de trinta navios. Inicialmente guerreiros, cedo os dons recebidos de seu pai se mostraram de grande utilidade, pelo que foram dispensados de todos os combates para, conservando-se na retaguarda, exercerem a sua arte. Assim, entre outras, atribui-se a Macáon a cura de Télefo, de Menelau e a do golpe infligido por Héacles a Filoctetes. Podalírio, por seu turno, teria curado, entre outros, os ferimentos recebidos por Acamante e Epeu numa prova de pugilismo, aquando dos jogos fúnebres em honra de Pátroclo, bem

como a chaga de Filoctetes. Ferido certa vez por Páris, Macáon recebeu tratamento de Hecamede, cativa atribuída a Nestor, e foi um dos guerreiros a esconder-se no cavalo de madeira, vindo a ser morto por Pentésileia (ou por Eurípilo). Tendo vingado a morte do seu irmão, Podalírio, que sobreviveu à expedição, partiu para Cólofon, vindo a instalar-se, a conselho de um oráculo de Apolo, em Quersoneso da Cária, onde terá fundado a cidade de Sirno. Segundo a tradição, Macáon teria sido um notável cirurgião (como sugere o seu nome, em gr. Μαχάων, talvez relacionado com μάχαιρα, «faca»), Podalírio seria, sobretudo, o médico.

Para uma outra referência a estes dois irmãos, desta feita na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Nunc tua iam taceat quondam inclyta fama Machaon,/ Atque fatigatis tandem Podalirius alis/ Decidat» (Sil. 10, 109-111, p. 395).

4- Na *Iliada* de Homero, as principais referências a Macáon encontram-se em 2, 729 e segg.; 4, 193 e segg.; 11, 506 e segg. e 14, 2 e segg. As principais alusões a Podalírio surgem em 2, 729 e segg. e em 11, 833 e segg.

## Página 62

1- Encontra-se em Cornélio Celso a fonte das informações presentes neste passo, no ponto em que, a propósito das origens da Medicina, ao falar acerca de Esculápio, escreve: «Huius deinde duo filii, Podalirius et Machaon, bello Troiano ducem Agamemnonem sequuti, non mediocrem opem commilitonibus suis attulerunt. Quos tamen Homerus (Il.), non in pestilentia, neque in uariis generibus morborum aliquid attulisse auxilii, sed uulneribus tantummodo ferro et medicamentis mederi solitos esse, proposuit. Ex quo apparet, has partes medicinae solas ab iis esse tractatas, easque esse uetustissimas» (1, *prooemium*, p. 1). Informação esta complementada com o que Celso acrescenta pouco depois: «tertiam χειρουργικὴν Graeci nominarunt» (1, *prooemium*, p. 2, cf. *infra*, Lib. 18, p. 64, n. 8).

2- Filho de Apolo e Babilónia, Árabo era por vezes considerado o inventor da Medicina, conforme se lê em Plínio-o-Antigo (cf. *infra*, Lib. 18, p. 62, n. 4).

3- Nascido da união entre a Oceânide Filira e o deus Cronos, que assumira previamente forma equídea, Quíron, o mais famoso, sábio e sensato dos Centauros, pertence à geração de Zeus e demais Olímpicos. Habitava uma gruta situada no monte Pélio. Muito amigo dos homens, tratou de proteger Peleu contra os outros Centauros e ocupou-se da educação entre outros de Aquiles, Jasão e Asclépio, a quem ensinou Música, artes marciais e venatórias, Moral e Medicina. O próprio Apolo se contou entre os seus alunos. Detentor de admiráveis conhecimentos na área da Medicina, conseguia até realizar cirurgias. Tratou assim o jovem Aquiles, ferido no calcanhar devido aos ritos de magia nele praticados por sua mãe, substituindo o osso perdido por um outro, retirado do esqueleto de um gigante. Sendo imortal, Quíron veio contudo a morrer, quando, para se libertar das dores de uma chaga incurável, acidentalmente aberta por uma seta de Hércules, trocou de condição com Prometeu, cedendo-lhe a sua imortalidade.

Para uma outra referência a esta figura nos escritos de Cardoso, v. *infra*: «Exemplo tibi sit Troiae uastator Achilles,/ Qui quamquam diuum regumque ab stirpe creatus/ Semifero tamen ille usus Chirone magistro est» (Sil. 1, 74-76, p. 367).

4- Embora Jerónimo Cardoso nada diga a tal respeito, as informações contidas neste passo procedem de Plínio-o-Antigo, o qual, no capítulo em que trata dos primeiros inventores, escreve o seguinte: «medicinam Aegyptii apud ipsos uolunt repertam, alii per Arabum, Babylonis et Apollinis filium, herbariam et medicamentariam a Chirone, Saturni et Philyrae filio» (N. H., 7, § 196).

5- Em Celso (1, *prooemium*), tal afirmação surge num passo que, dada a semelhança de vocabulário, parece ser a fonte de Cardoso, aplicando-se unicamente a Esculápio: «Qui, quoniam adhuc rudem et uulgarem hanc scientiam paulo subtilius excoluit, in Deorum numerum receptus est». Pouco depois, porém, contrariamente a Cardoso, Celso declara que: «Ergo etiam post eos, de quibus retuli, nulli clari viri medicinam exercuerunt; donec maiore studio literarum disciplina agitari coepit, quae, ut animo praecipue omnium necessaria, sic corpori inimica est» (aqueles de quem falou são Esculápio e seus filhos, Podalírio e Macáon).

6- Eis as palavras de Celso em que Jerónimo Cardoso se baseia, não cuidando em fazer delas uma citação exacta: «Primo que medendi scientia sapientiae pars habebatur, ut et morborum curatio, et

rerum naturae contemplatio sub iisdem auctoribus nata sit: scilicet iis hanc maxime requirentibus, qui corporum suorum robora quieta cogitatione, nocturnaue uigilia minuerant» (1, *prooemium*).

7- Paráfrase bastante resumida de um passo do *De Oratore* (3, §§ 59-60) em que Cícero, falando a respeito de Sócrates, escreve o seguinte: «is, qui [...] omnium fuit facile princeps iis, qui haec, quae nunc nos quaerimus, tractarent, agerent, docerent, cum nomine appellarentur uno, quod omnis rerum optimarum cognitio atque in iis exercitatio philosophia nominaretur, hoc commune nomen eripuit sapienter que sentiendi et ornate dicendi scientiam, re cohaerentes, disputationibus suis separauit; cuius ingenium uarios que sermones immortalitati scriptis suis Plato tradidit, cum ipse litteram Socrates nullam reliquisset»

8- Contrastando vivamente com o caso precedente, esta citação, extraída da continuação do texto do *De Oratore* (3, § 61), repete com rigor as palavras do Arpinate, havendo unicamente a registar, para além do parêntesis e de insignificante diferença de pontuação (Cardoso acrescenta uma vírgula) uma omissão da conjunção copulativa (Cardoso escreve «inutile» em lugar de «et inutile») e a duplicação de uma forma pronominal (em Cardoso lê-se «alii nos dicere» em vez de «alii dicere»), por meio da qual surge uma *geminatio repetitio* que não se encontra em Cícero.

9- Nascido cerca de 460 a. C. de uma família de praticantes da arte de curar, Hipócrates de Cós alcançou o título de Pai da Medicina ao seguir um método científico de cura, com o desenvolvimento de uma literatura médica e registos clínicos. No vasto conjunto de textos que integram o *Corpus Hipocraticum* (73 livros correspondentes a 58 títulos) não resulta fácil distinguir a obra de Hipócrates da dos seus seguidores, pelo que a sua doutrina é de difícil reconstituição. Parece, no entanto, ter dado bastante importância ao prognóstico da doença, considerando cada caso individualmente (teria, deste modo, sido o primeiro a considerar a epilepsia como uma enfermidade). Na obra intitulada *Medicina Antiga*, atribuída a Hipócrates, afirma-se a autonomia da Medicina ante a Filosofia, nascida já independente desta, contrariamente a todas as outras ciências.

À escola de Cós se deve a criação da deontologia profissional, cujos princípios se encontram enunciados no célebre «Juramento», ainda prestado, em certas universidades, pelos médicos que recebem o diploma. Hipócrates veio a falecer em Larissa, cerca do ano 375 a. C.

### Página 63

1- Sendo um termo próprio da linguagem jurídica, o vocábulo *postliminium*, «direito de regressar à pátria retomando os antigos direitos» surge aqui, sob a forma de um ablativo adverbial, empregue com o mesmo valor metafórico que em Apuleio, *Flórida*, 19, onde se lê: «uelut ab inferis postliminio domum rettulit». O facto de Apuleio o empregar a propósito da ressurreição de um morto protagonizada por Asclepiades, episódio a que Cardoso está prestes a referir-se, sugere ser esta a fonte da presente metáfora. A influência do presente passo estender-se-á ainda ao ponto em que Cardoso escreve «domum remisit», dado que, entre os vários autores que mencionam o episódio, apenas Apuleio escreve, como já vimos: «domum rettulit».

2- Sobre Hipócrates de Cós, considerado o Pai da Medicina, v. *supra*, Lib. 18, p. 62, n. 9.

3- Médico notável do Séc. I a. C., oriundo de Prusa na Bitínia, Asclepiades ter-se-ia dedicado à Medicina depois de abandonar a profissão de mestre de eloquência, que segundo Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 26, § 12) considerava muito pouco lucrativa. Foi, assim, médico e amigo pessoal de grandes figuras como L. Crasso, como refere Cícero (*De Or.*, 1, § 62), alcançando larga fama por ter posto em causa os antigos princípios da Medicina e, entre outras prescrições, ter utilizado o vinho, criteriosamente ministrado, como remédio para todas as enfermidades, como lembra Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 23, § 32 e 26, § 14). Asclepiades teria ainda recusado o convite do rei Mitridates para se instalar na sua corte, enviando-lhe, em vez disso, muitos dos seus escritos (Plínio-o-Antigo, *N. H.*, 26, § 15).

4- Trata-se de Hipócrates de Cós, como se pode constatar pela leitura do texto de Plínio-o-Antigo, tomado como fonte por Jerónimo Cardoso. No já aludido passo em que enumera os primeiros inventores, escreve o Naturalista que alcançou particular notoriedade: «Hippocrates medicina, qui uenientem ab Illyriis pestilentiam praedixit discipulosque ad auxiliandum circa urbes dimisit, quod ob meritum honores illi quos Herculi decreuit Graecia» (*N. H.*, 7, § 123).

5- Informação tomada, em parte, da continuação do texto de Plínio-o-Antigo, em parte de um outro passo da sua obra, embora outros autores se refiram ao episódio da ressurreição do defunto protagonizada por Asclepiades (caso de Celso, 2, 6, e sobretudo de Apuleio, *Flor.*, 19, p. 40, que o descreve pormenorizadamente). O Naturalista, porém, logo depois da alusão a Hipócrates (*N. H.*, 7, § 123) escreve: «summa autem [fama] Asclepiadi Prusiensi [...] relato e funere homine et conseruato, sed maxime sponsione facta cum fortuna, ne medicus crederetur, si umquam inualidus ullo modo fuisset ipse. et uicit suprema in senecta lapsu scalarum exanimatus» (*N. H.*, 7, § 124) e, em outro ponto, explica: «cum occurrisset ignoto funeri, relato homine ab rogo atque seruato, ne quis leuibus momentis tantam conuersionem factam existimet» (*N. H.*, 26, § 15). Jerónimo Cardoso apresenta, no seu texto, uma contaminação destes dois passos.

#### Página 64

1- Também em Celso (1, *prooemium*, p. 3) se lê: «Igitur ii, qui rationalem medicinam profitentur, haec necessaria esse proponunt: abditarum et morbos continentium causarum notitiam, deinde euentum; post haec etiam naturalium actionum; nouissime partium interiorum», palavras de que este passo de Cardoso parece ser uma versão bastante resumida.

2- Como no caso anterior, também este passo de Cardoso parece ser um resumo das seguintes palavras de Celso « Sin, quod uero propius est, uix ulla perpetua praecepta medicinalis ars recipit, idem sunt, quod ii, quos experimenta sola sustinent: eo magis, quoniam, compresserit aliquem morbus, an fuderit, quilibet etiam imperitissimus uidet: quid autem compressum corpus resoluat, quid solutum teneat, si a ratione tractum est, rationalis est, medicus; si, ut ei qui se rationalem negat, confiteri necesse est, ab experientia, empiricus» (1, *prooemium*, p. 10).

3- Sobre Hipócrates de Cós, considerado o Pai da Medicina, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 62, n. 9.

4- A informação relativa a este médico grego, Serapião de Alexandria, foi muito provavelmente recolhida na obra de Celso, que escreve o seguinte a seu respeito: «Post quos Serapion, primus omnium, nihil hanc rationalem disciplinam pertinere ad medicinam professus, in usu tantum et experimentis eam posuit. Quem Apollonius, et Glaucias, et aliquanto post Heraclides Tarentinus, et alii quoque non mediocres uiri sequuti, ex ipsa professione se ἐμπειρικούς appellauerunt» (1, *prooemium*, p. 2). Uma outra alusão, em contexto, porém diverso, surge em *De Medicina*, 5, 28, § 17.

5- A este outro médico famoso, Temisão, oriundo de Laodiceia, na Síria, se referem vários autores, como Juvenal (*Saturae*, 10, 221), Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 5, § 105; 14, § 114; 25, § 58; 25, § 80 e 29, § 6) e Séneca (*Ep.*, 95, § 9). Celso, por outro lado, refere-se-lhe numerosas vezes, no seu *De Medicina* (1, *prooemium*, p. 2; p. 9; p. 10, onde escreve: «Themisonis uero aemuli, si perpetua, quae promittunt, habent, magis etiam quam ulli, rationales sunt»; 3 § 79; 3, § 81; 4, § 148 e 6, § 240).

6-

7- Poeta latino nascido em Burdigala (a actual Bordéus) cerca do ano 309, Décimo Magno Ausónio ensinou Gramática e Retórica na sua terra natal durante cerca de três décadas, antes de ingressar no *cursus honorum*, contando entre os seus alunos e amigos São Paulino de Nola. Nomeado por Valentiano I preceptor de seu filho, o futuro imperador Graciano, veio a ser eleito cônsul durante o reinado deste, tendo, após o seu assassinato, regressado a Burdigala, onde veio a falecer, já cristão, em 395. Da sua obra destaca-se o poema *Mosella* (nome do rio de Tréveris, então sede da corte imperial), de carácter eminentemente descritivo. São ainda seus os poemas intitulados *Commemoratio Professorum Burdigalensium* e *Ordo Nobilium Urbium*.

8- Palavras quase literalmente tomadas de Celso, autor que, no seu *De Medicina*, 1, *prooemium*, p. 2, escreve: «Iisdemque temporibus in tres partes medicina diducta est: ut una esset, quae uictu; altera, quae medicamentis; tertia, quae manu mederetur. Primam διαιτητικήν, secundam φαρμακευτικήν, tertiam χειρουργικήν Graeci nominarunt».

9- Extraída, como Cardoso assinala, do *De Legibus* de Cícero (concretamente de 2, § 11), a presente citação repete de forma bastante rigorosa as palavras do Arpinate, havendo apenas a assinalar, para além das normais diferenças de pontuação, o facto de Cardoso escrever «et quietam» (em vez de «quietam») e «inuentas fuisse» (em lugar de «inuentas esse»).

### Página 65

1- Sobre a Hidra de Lerna e o modo como Hércules a dominou, v. *supra*, **Lib.** 3, 7, p. 22, n. 1.

2- Literalmente, «com igual balança». A expressão «*aequa lance*» encontra-se atestada, com semelhante valor metafórico, em Plínio-o-Antigo, *Naturalis Historia*, 7, § 44: «*is demum profecto uitam aequa lance pensitabit, qui semper fragilitatis humanae memor fuerit*»; em S. Ambrósio, *Epistulae*, 41, 42: «*aequa lance examinare*» e finalmente nos *Digesta*, 42, 1, 20: «*aequa lance seruari*».

Em Jerónimo Cardoso, para além do presente caso, esta expressão ocorre ainda no seguinte passo: «*si quis [...] consilii mei rationem aequa quod aiunt lance expenderit*» (**Dic. Iuu. A.**, p. 237).

3- A presente citação, retirada, tal como Cardoso refere, da obra de Cícero (em concreto do *De Or.*, 1, § 194) segue com bastante rigor as suas palavras, havendo no entanto a registar, para além da pontuação, um bom número de diferenças, decorrentes da contextualização do passo e da omissão ou adição de elementos e que afectam ainda a grafia e a ordem das palavras. Deste modo, em Cícero lê-se: *his enim* (por *quibus*); *uirtus et* (por *uerus*); *splendore* (por *atque splendore*); *uinclis* (por *uinculis*); *exiliis* (por *exsiliis*); *multantur* (por *multantur*) e finalmente *ab alienis mentes, oculos, manus abstinere* (em lugar de *mentes, oculos, manus ab alienis abstinere*).

### Página 66

1- Sobre Licurgo, legislador mítico de Esparta, v. *supra*, p. 52, n. 17.

2- Esta tradição obscura, a que não se encontra qualquer outra referência, funda-se possivelmente numa interpretação equívoca de um passo de Cícero, que explica como: «*Lycurgus quidem, qui Lacedaemoniorum rem publicam temperauit, leges suas auctoritate Apollinis Delphici confirmauit; quas cum uellet Lysander commutare, eadem est prohibitus religione*» (*De Diuinatione*, 1, § 96).

3- Legislador ateniense pelo ano de 621 a. C., Drácon tornou-se famoso pela extrema severidade das leis que promulgou, como refere Aristóteles, *Política*, 1274 b. A título de exemplo, refira-se a *seisachtheia* ou escravatura por dívidas, pela qual um devedor insolvente era reduzido à condição de escravo juntamente com a sua família (lei que veio a ser abolida por Sólon de Salamina). Do seu código destaca-se a parte respeitante aos crimes de homicídio, cuja jurisdição passou do âmbito da família ou tribo lesada para um tribunal designado pelo arconte-rei. Aristóteles, na *Constituição de Atenas* (cap. 4), apresenta um resumo da legislação de Drácon, que, baseando-se em tradições do fim do séc. V a. C., carece de valor histórico.

Para uma outra referência a este legislador, desta feita na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «*Inclyte doctor aue non concessure Lycurgo,/ Quin etiam rigido non concessure Draconi*» (**Sil.** 10, 83-84, p. 394).

4- Sobre Sólon de Salamina, legislador e poeta, criador do regime democrático, v. *supra*, **Lib.** 17, p. 40, n. 5.

5- Assim chamado por ter sido nele julgado o deus Ares, acusado do assassínio de Halírróio, filho de Posídon, o Areópago (ou «colina de Ares»), rochedo triangular situado a noroeste da Acrópole de Atenas, servia de lugar de reunião do conselho de nobres anciãos (ou βουλή), investido, desde épocas remotas, de funções judiciais, o qual terá sido oficialmente designado pelo nome da colina desde a reforma de Clístenes. Nele, segundo lenda transmitida pelas *Euménides* de Ésquilo, teria sido julgado Orestes, pelo assassínio de sua mãe, Clítmnestra, acusação de que foi absolvido pelo voto de Atena. As Constituições de Drácon e de Sólon, mais tarde, designavam pelo nome de Areópago um conselho estabelecido na mesma colina, encarregue de julgar os casos de homicídio, fogo posto e envenenamento, acumulando ainda as funções de inspecção dos magistrados, guarda das leis, direcção da educação e censura dos costumes, conselho que podia, em casos especiais, assumir autoridade ditatorial. Constituíam-no, como membros vitalícios, os arcontes tidos como irrepreensíveis no exercício das suas funções.

7- Quinto rei de Roma, Tarquínio Prisco (ou «o Antigo») terá reinado entre os anos de 616 e 579 a. C. A sua figura, envolta embora na lenda, tem contudo existência histórica, ainda que certos factos adscritos ao seu reinado sejam a duplicação de outros pertencentes ao do seu filho Tarquínio-o-Soberbo. Segundo Tito Lívio (1, 34-41), Tarquínio, que antes se chamava Lucumão, seria filho de Demarato, importante mercador de Corinto, expulso da sua pátria por razões políticas. Teria vindo para Roma na esperança de ocupar um alto cargo, depois de se ter instalado na cidade etrusca de Tarquinii. Bem acolhido pelo rei Anco Márcio, dotado de espírito empreendedor e de larga fortuna, foi proclamado rei pela sua morte. O seu reinado marcou profundamente a vida na Urbe: alcançou importantes vitórias militares sobre os Sabinos e Latinos; desenvolveu as indústrias do cobre, ferro, curtumes e fomentou o comércio marítimo. No campo das obras públicas criou o antigo sistema de esgotos, de que ainda resta a *Cloaca Maxima*, drenou e secou um pântano, criando a planície onde depois se ergueu o *Forum*, lançou os fundamentos do *Circus Maximus* e do templo de Júpiter no Capitólio, instituiu os *Ludi Romani*, aumentou o número de senadores e iniciou a construção das muralhas da cidade. Tarquínio Prisco veio a ser assassinado pelos filhos de Anco Márcio, após trinta e oito anos de reinado.

8-

9- Em lat. «pro rostris». Inicialmente esporões de bronze que guarneciam as proas dos navios mediterrânicos (cf. *infra*: «quamuis per tempora longa/ Fregerit oceani rostratis nauibus undas», *Lib.* 2, 212-213, p. 17), os *rostra* (pl. de *rostrum*, «ponta», «bico») tornaram-se em Roma um símbolo do poderio naval, sendo ostentados, como troféus de guerra, sempre que se alcançava uma grande vitória e utilizados na ornamentação de colunas comemorativas (as *columnae rostratae*). Semelhante uso receberam nas tribunas parlamentares do Forum Romano, sendo o seu parapeito coberto pela primeira vez em 338 a. C., com os rostros dos navios tomados em Ância. Tal prática, tornando-se um hábito, explica o facto de o pl. *rostra* ter passado a significar a própria tribuna e a perífrase *habere orationem pro rostris* ter ganho o sentido de «discursar em público» (cf. *supra*: «orationem, quam sub te rectore meritissimo Calendos Octobribus Olisipponensi Academia pro rostris habui», *Lib.* 17, p. 40, e ainda *Lib.* 18, título, p. 41; *Ep.* 4, p. 83 e *Ep.* 27, p. 129).

Para outras referências aos *rostra* na obra de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Assidet exstructis Pytho quae maxima rostris/ Instillat medio quicquid in ore uellis» (*El.* 1, 24, 53-54, p. 301); «Et quos rostra iuuat uocis celebrare colore» (*Sil.* 2, 47, p. 369) e «Docta coronatis acuas seu guttura rostris» (*Sil.* 15, 105, p. 410).

10- Baseando-se, como o próprio refere, na obra de Tito Lívio, Jerónimo Cardoso apresenta, neste ponto, uma versão bastante resumida dos factos que o Historiador aborda pormenorizadamente em *Ab Vrbe Condita* 3, 33, § 3- 34, § 7.

#### Página 67

1- Datando de meados do séc. V. a. C., a Lei das Doze Tábuas aparece como a primeira lei escrita de Roma. Segundo a tradição, surgiu do descontentamento da plebe, pelo facto de o direito consuetudinário mais antigo ser do exclusivo conhecimento dos pontífices, sacerdotes patrícios. Jerónimo Cardoso apresenta a versão tradicional dos acontecimentos que levaram à criação da Lei das Doze Tábuas, omitindo apenas os dados relativos à sua cronologia: as primeiras dez tábuas teriam sido apresentadas aos comícios centuriais para aprovação em 451 a. C.; as duas restantes, no ano seguinte. A compilação foi seguidamente afixada no *Forum*, escrita em doze placas de marfim, como refere Cardoso, ou de bronze ou ainda, talvez, de carvalho. Subsistindo em estado fragmentário, a Lei das Doze Tábuas permite várias reconstituições, das quais a mais aceite apresenta a seguinte organização: processos civis preenchiam as três primeiras tábuas; seguiam-se quatro tábuas com direito civil; a oitava ocupava-se de direito penal; a nona de direito público; a décima de assuntos religiosos e as duas últimas tratavam de matérias diversas complementares das dez primeiras.

2- Sobre Ápio Cláudio o Cego, político romano do período da República, v. *supra*, *Lib.* 18, p. 47, n. 1.

3- Este episódio, referido por Cícero, na sua *Pro L. Murena Oratio*, § 25 e nas *Epistulae ad Atticum*, 6, 1, § 8, encontra-se ainda descrito em Valério Máximo, *Facta et Dicta Memorabilia*, 2, 5, § 2, e sobretudo em Tito Lívio, onde se lê: «Eodem anno Cn. Flavius scriba, patre libertino humili fortuna ortus, ceterum callidus uir et facundus, aedilis curulis fuit.[...] ceterum, id quod haud discrepat,

contumacia aduersus contemnentem humilitatem suam nobiles certauit; ciuile ius, repositum in penetralibus pontificum, euulgauit fastosque circa forum in albo proposuit, ut, quando lege agi posset, sciretur» (9, 46, §§ 1-5). Semelhante descrição poderá eventualmente ser a fonte das palavras de Cardoso.

### Página 68

1- Sobre a mítica Idade do Ouro, um período de extrema felicidade, e as referências a ela feitas por autores clássicos, v. *supra*, **Lib. 2**, 279, p. 19, n. 3.

2- À presente metáfora cardosiana está subjacente a concepção de que a fé se eleva acima de tudo o mais e é indispensável ao saber humano. Tal pensamento configura-se na seguinte máxima: «Philosophia ancilla Theologiae» («a Filosofia é auxiliar da Teologia», ou, com ligeira variação de sentido, «Philologia ancilla Theologiae», ou seja: «a Filologia é auxiliar da Teologia»), a qual, por sua vez, resume uma passagem de S. Pedro Damiano, que, no *De Diuina Omnipotentia*, 5, 621 [PL 145, 603], escreve: «artis humanae peritia, si quando tractandis sacris eloquiis adhibetur, non debet ius magisterii arroganter accipere, sed uelut ancilla dominae [...] subseruire» (ou seja: «a habilidade humana, quando usada para tratar assuntos sagrados, não deve arrogar-se o direito de magistério, mas servir como uma escrava a sua senhora»). Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1471, p. 670. Esta mesma metáfora não tardará a surgir ainda mais claramente definida (v. *infra*, **Lib. 18**, p. 68).

3- No latim dos humanistas, o Deus cristão recebe normalmente os antigos epítetos de Júpiter, divindade suprema do panteão romano, pelo que surge acompanhado dos superlativos *Optimus* e *Maximus*, como sucede neste passo.

Para outros exemplos desta prática em Jerónimo Cardoso e nos textos dos seus correspondentes, v. *infra*: «Qua propter non desinam Deum Optimum multa orare prece» (**Ep.** 38, p. 154, carta de Luís Pires); «ut Deo Optimo Maximo me meosque oratiunculis utcumque suppliciter commendarem» (**Ep.** 44, p. 167, carta de Luís Pires); «quo gaudet Maximus ipse Deus» (**Mon.** 6, 10, p. 225), «Nam cum caelitus, et Dei optimi maximi beneficio Lusitanis nostris datus sis Rex» (**Inst. A.**, p. 242).

Aos santos cristãos, por outro lado, corresponde, como já vimos, o título renascentista de *Diuus* (ou *Diua*). A este respeito, v. *supra*, **Lib. 1**, título, p. 8, n. 2.

4- Sobre o conceito subjacente à presente metáfora e as suas fontes, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 68, n. 2.

### Página 69

1- Cf. *supra*, **Lib. 18**, p. 42 e n. 3. Sobre a expressão paralela «fores aperire» e o seu sentido, v. *infra*, **Ep.** 4, p. 83, n. 6.

2- Parafrazeia Jerónimo Cardoso neste passo as célebres palavras de Horácio, que, na sua *Ars Poetica* (*Epistula ad Pisones*), 268-269, aconselha: «uos exemplaria Graeca/ nocturna uersate manu, uersate diurna».

Para outros aproveitamento deste passo em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Cum optime noris me ab Octobris calendis tum diurnis tum nocturnis lectionibus [...] distineri» (**Ep.** 11, p. 97); «Quos mea uersauit nocte dieque manus» (**Inst.** 3, 16, p. 245); «Et quaecumque senes scripsere uolumina Graii/ Nocturno studio nec non euolue diurno» (**Sil.** 7, 101-102, p. 387).

3- Trata-se de Homero. Sobre o conhecido episódio das Sereias, protagonizado por Ulisses, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 45, n. 2.

4- Como fonte provável da presente afirmação, encontra-se em Plínio-o-Antigo a seguinte anedota, contada a respeito de Apeles: «fuit enim et comitas illi, propter quam Alexandro Magno frequenter in officinam uentitanti - nam, ut diximus, ab alio se pingi uetuerat edicto -, sed in officina imperite multa disserenti silentium comiter suadebat, rideri eum dicens a pueris, qui colores tererent» (*N. H.*, 35, § 85). Sobre Apeles de Cós, notável pintor grego do séc. IV a. C., v. *supra*, **Lib. 13**, 3, p. 35, n. 1.

5- Informação colhida no seguinte passo de Plínio-o-Antigo: «Apelli fuit alioqui perpetua consuetudo numquam tam occupatum diem agendi, ut non lineam ducendo exerceret artem, quod ab eo in prouerbium uenit» (*N. H.*, 35, § 85). Embora não atestado, com tal forma, entre os autores antigos, o provérbio a que o Naturalista se refere será: «nulla dies sine linea» ou, numa curiosa variação medieval: «Nulla dies abeat, qua linea ducta supersit/ nec decet ignauum praeteriisse diem». Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 909, p. 428.

6- Sobre Catão, o Censor (*M. Porcius Cato*), homem de Estado e orador, austera encarnação dos valores do *mos maiorum*, e para outras referências à sua figura na obra de Jerónimo Cardoso, v. *infra*, Ep. 9, p. 93, n. 6.

7- Encontra-se em Cícero a fonte destas palavras, no ponto em que, depois de elogiar as qualidades oratórias e a prodigiosa memória de Quinto Hortênsio, escreve a seu respeito que: «nullum enim patiebatur esse diem quin aut in foro diceret aut meditaretur extra forum. saepissime autem eodem die utrumque faciebat» (*Brut.*, § 302).

8- Recorre Jerónimo Cardoso a esta mesma expressão, numa carta endereçada a André Taveira, seu antigo aluno, ao indicar a grande estima de que este era objecto entre os seus antigos condiscípulos: «hique non diem tantum sed ne hora quidem remittunt: in qua non de singulari humanitate tua comitate affabilitate praeclarisque moribus sermo oriatur» (v. *infra*, Ep. 53, p. 186).

#### Página 70

1- Sobre o valor da palavra *postliminium* e a origem provável da presente metáfora, v. *supra*, Lib. 18, p. 63, n. 1.

2- Esta mesma expressão (literalmente, «da sujidade para o brilho»), que não se encontra atestada entre os autores clássicos (tanto mais que a palavra *situs* ocorre com este valor sobretudo na poesia e na prosa posterior a Augusto), voltará a ser empregue por Cardoso, com o mesmo sentido e em contexto semelhante, em Ep. 1, p. 78.

3- A presente expressão, utilizada por Cardoso para indicar uma completa ociosidade, foi tomada literalmente de Tito Lívio, que a emprega com o mesmo valor quando escreve: «quid enim aliud esse causae credamus, cur ueteranus dux, fortissimus bello, compressis, quod aiunt, manibus sedeas?» (7, 13, § 7). Com sentido análogo ocorre igualmente em Lucano: «quis, cum ruat arduus aether,/ terra labet mixto coeuntis pondere mundi,/ compressas tenuisse manus?» (2, 290-292) e, com ligeira variação, em Apuleio: «tunc mulier callida [...] introeuntem maritum aspero sermone accipit: 'sicine uacuuus et otiosus insinuatis manibus ambulabis mihi nec obito consueto labore uitae nostrae prospicies et aliquid cibatum parabis?» (*Met.*, 9, 5). Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 948, p. 444.

4- A presente apóstrofe, ao abordar o tópico da personagem indecente provida de uma belíssima pele, parece basear-se em Pérsio, que escreve: «Quin tu igitur, summa nequiquam pelle decorus,/ Ante diem blando caudam iactare popello/ Desinis, Anticyras melior sorbere meracas!/ Quae tibi summa boni! est? uncta vixisse patella/ Semper et assiduo curata cuticula sole?» (4, 14-18). Dentro do mesmo tópico, também em Horácio se lê: «sed uidet hunc omnis domus et uicinia tota/ introrsum turpem, speciosum pelle decora» (*Ep.*, 1, 16, 44-45). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 226, p. 105.

5- A exortação que Cardoso dirige aos jovens alunos da Universidade para que, enquanto a sua idade e saúde o permitem, não deixem de se entregar aos estudos das belas-lettras, surge pela primeira vez, de forma manifesta, neste ponto da *Oratio*. Para outras ocorrências, v. *infra*: «adhortari tamen et monere non desistam ut quod ad possis (poteris autem quam diu uoles) dumque per aetatis florem licet institutum legendi et studendi morem in dies magis persequaris» (Ep. A, p. 75); «hoc te imprimis monere non desistam ut bonarum litterarum studia abs te tam feliciter auspicata impensius quam antehac prosequaris» (Ep. 20, p. 116).

6- Cardoso generaliza a todo o saber humano um raciocínio inicialmente formulado por M. Fábio Quintiliano unicamente a respeito do dom da fala, quando escreve: «et hercule deus ille princeps

parens rerum fabricator que mundi nullo magis hominem separavit a ceteris, quae quidem mortalia essent, animalibus quam dicendi facultate» (*Inst.*, 2, 16, § 12).

7- Numa primeira versão da *Oratio* Cardoso terá inicialmente escrito: «eamque nisi mors uobis abimet nemo» (ou seja, «e esta ninguém, a não ser a morte, vo-la há-de arrebatara»), palavras que veio a alterar para a presente forma por recomendação expressa de Inácio de Moraes (v. *infra*, Ep. 52, p. 184).

8- Sobre Jorge Fernandes, reitor da Universidade de Lisboa ao tempo em que Jerónimo Cardoso pronunciou a sua *Oratio*, v. *supra*, Lib. 17, p. 40, n. 1.

#### Página 71

1- Sobre o Areópago, conselho estabelecido na colina do mesmo nome, em Atenas, v. *supra*, Lib. 18, p. 66, n. 5.

2- Reporta-se o adj. *Senensis* a esta cidade italiana da costa da Úmbria. Fundada em 1357, a Universidade de Siena rivalizou, durante um longo período de tempo, com a de Pisa (fundada poucos anos antes, em 1343) e esta palavras de Cardoso permitem concluir que a sua Faculdade de Direito seria famosa e constituiria, ao tempo, um ponto de referência nesta área do conhecimento. A não ser esse o caso, poder-se-á tratar de uma alusão à célebre Universidade de Paris, aqui metonimicamente referida (o que de resto é comum nos escritos de Cardoso) pela menção do rio Sena. Sobre este assunto, v. Antonio García y García, *op. cit.*

Notas ao  
Epistularum Familiarium Libellus

**Página 74**

1- Filho de D. Sancho de Noronha, quarto conde de Odemira, e de D. Margarida de Vilhena, D. Afonso de Noronha, que sucedeu a seus maiores nos títulos e honras, teve como mestre de gramática António Salgueiro, o principal impulsor da edição do *Epistularium Familiarium Libellus*, segundo se depreende da leitura de duas cartas conservadas nesta colectânea (v. *infra*, Ep. 2, pp. 79-80, e Ep. 3, pp. 81-82).

D. Afonso de Noronha assistiu, com outros fidalgos, seus pares, e prelados a uma Junta que teve lugar no Paço de Santos a 24 de Fevereiro de 1578, na qual D. Sebastião defendeu a sua expedição a África. Tendo resolvido acompanhar o monarca, D. Afonso de Noronha conta-se entre os que tomaram na fatal empresa. Casou este fidalgo por três vezes, a primeira com D. Joana de Vilhena, filha de Manuel Teles de Meneses, senhor de Unhão, a segunda com D. Joana de Gusmão, filha de D. Pedro de Meneses, governador de Ceuta, e, finalmente, com D. Violante de Castro, filha de D. Álvaro de Castro, conselheiro de Estado e vedor da fazenda.

Da sua terceira mulher teve D. Afonso um único filho, nascido póstumo em Abril de 1579, o qual recebeu o nome do seu avô paterno, D. Sancho de Noronha. D. Henrique concedeu-lhe o título de conde de Odemira ainda antes de Janeiro de 1580, visto ser referido como tal em documentação com essa data. D. Violante de Castro, viria a morrer em idade bastante avançada, a 18 de Junho de 1646, já depois de restaurada a independência de Portugal, que ela vira perder-se nos tempos da sua juventude.

2- D. Sancho de Noronha, conde de Odemira, sucedeu na casa de Faro a seu avô paterno, igualmente chamado D. Sancho de Noronha, o qual foi senhor de Odemira, Mortágua, Penacova, alcaide-mor de Estremoz e de Alvor e senhor de vários julgados. Seu pai, D. Afonso de Noronha, filho primogénito do primeiro casamento do precedente D. Sancho, morreu prematuramente quando o pai ainda vivia, não chegando, por isso, a herdar os títulos. Na casa de Odemira, D. Sancho de Noronha parece ter sucedido directamente a sua bisavó, a segunda condessa de Odemira.

De sua mãe, D. Maria de Ataíde, filha de Nuno Fernandes de Ataíde, capitão de Safim e alcaide-mor de Alvor, herdou igualmente D. Sancho de Noronha títulos e avultados bens, que o converteram num dos mais ricos e poderosos senhores da corte de D. João III.

Casou D. Sancho de Noronha com D. Margarida de Vilhena, filha dos segundos condes de Portalegre, e desempenhou o cargo de mordomo-mor da rainha D. Catarina de Áustria. Veio a falecer em 1573, deixando os seus títulos a D. Afonso, seu filho, a quem Jerónimo Cardoso dedicou a presente colectânea.

3- Provérbio equivalente à *sententia* latina empregue na carta, a qual Cardoso regista e comenta, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 95-r.º, nos seguintes termos: «In saltu uno, duos apros capere. De hum caminho fazer dous mandados». A sua mais antiga formulação encontra-se em Plauto, autor que a emprega alterando apenas a ordem das palavras: «Iam ego uno in saltu lepide apros capiam duos» (literalmente, «agora vou eu, num só bosque, caçar facilmente dois javalis», *Cas.*, 476).

4- Sobre António Salgueiro, mestre de D. Afonso, correspondente de Jerónimo Cardoso e impulsor da publicação do *Epistularium Familiarium Libellus*, v. *infra*, Ep. 2, p. 79, n. 1.

5- Relativamente a Apeles de Cós, pintor grego do tempo de Alexandre Magno, v. *supra*, Lib. 13, p. 35, n. 2.

6- Versão bastante livre das palavras de um fragmento de Énio (*Trag.*, fragm. 28, v. 412) que Cícero, fonte deste passo de Cardoso, transmite com a seguinte forma: «dicere enim aiunt Ennium, flammam a sapienti facilius ore in ardente opprimi, quam bona dicta teneat; haec scilicet bona dicta quae salsa sint; nam ea dicta appellantur proprio iam nomine» (*De Or.*, 2, § 222).

**Página 75**

1- O motivo da nobreza advinda não de títulos nobiliárquicos, mas do talento e integridade moral, que Jerónimo Cardoso desenvolve neste passo (bem como no parágrafo seguinte), encontra-se, expresso em termos semelhantes, em Juvenal, quando este ataca aqueles que se julgam nobres por ostentarem, no átrio,

os retratos dos seus antepassados: «tota licet ueteres exornent undique cerae/ atria, nobilitas sola est atque unica uirtus» (8, 19-20), estando ainda representado em Séneca (*Ep.*, 44, § 3 e § 5 e 66, § 3), em Ovídio (*Pont.*, 1, 9, 39), em Claudiano (*IV. Cons. Hon.*, 200) e em Pseudo-Séneca (*Monita*, 62). Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1710, pp. 774-775.

Em Jerónimo Cardoso, por outro lado, este motivo aflora, pela primeira vez, na *Oratio*: «animumque inducite, nihil uspiam inter mortales litteris uideri honoratius, nihil pretiosius, nihil denique, quod magis hominem deceat, nec quod tantopere a brutis mutisque animantibus uos interesse faciat» (*Lib.* 18, p. 70); reaparecendo depois, com alguma frequência, sobretudo na poesia, v. *infra*: «Qui praeterquam quod a parentibus honestissimis et diuitiis haud quaquam exiguis affluentibus natus est: tamen ipse tam multis uirtutibus et praeclaris animi dotibus exornatus est, ut omnes quibuscum uersatur ad sui amorem et beneuolentiam prouocet» (*Ep.* 58, p. 197); «Vna est nobilitas, generosae et stirpis origo./ Quae supra Fabium stemmata clara micat./ Altera doctrina est, et mira peritia rerum./ Quae similem magnis te facit esse deis» (*EL.* 1, 2, 3-6, p. 255); «Vnde ego te admiror non quod sint stemmata multa./ Quodque domus uariis fulget imaginibus./ [...] Sed quod uirtutem cum nobilitate reponis./ [...] At tu cum uariis animum uirtutibus, atque./ Dotibus egregiis auxeris ipse tuum./ Exsuperas Fabios, Drusos, rigidosque Camillos/ Et quotquot iactat martia Roma duces./ Adde quod et Musas colis, et penetralia doctae/ Pallados, et doctos qualibet arte uiros» (*EL.* 1, 5, 21-38, pp. 260-261); «Nec te ieiuno quisquam me iudice laudet/ Ore, nisi Aonio merserit amne caput./ Nam uirtute nites et claris moribus unus./ Et generis ueteri nobilitate tui» (*EL.* 1, 11, 17-20, p. 271) e «Non ita maiorum te stemmata clara tuorum/ Extollant, tumeasue tuae sic gentis honore/ Dispositisque etiam speciosa per atria ceris./ Vt studia egregiasque artes aliquando remittas./ [...] plures tibi forte referrem/ Magnanimos heroas et ortos sanguine diuum./ Quos studia et dulces semper iuere Camenae./ Ni te sponte tua uirtutis amore calere/ Propensumque animum Musarum ad sacra putarem» (*Sil.* 1, 70-82, p. 367).

2- Exortação ao estudo feita em termos muito semelhantes aos que ocorrem na parte final da *Oratio* (v. *supra*, *Lib.* 18, p. 70, n. 5).

3-

4- Cf. Plutarco, *Alex.*, 77. Encontrando-se Alexandre já na Ásia e sabendo que Aristóteles publicara obras sobre Ética e Política, dirigiu-lhe por carta estas palavras, escritas em tom de grande franqueza: «Ἀλέξανδρος Ἀριστοτέλει εὐ πράττειν. Οὐκ ὀρθῶς ἐποίησας ἐκδῆς τοὺς ἀκροατικοὺς τῶν λόγων· τίμη γὰρ δὴ διοίσομεν ἡμεῖς τῶν ἄλλων, εἰ, καθ' οὓς ἐπαιδεύθημεν λόγους, οὗτοι πάντων ἔσονται κοινοί; Ἐγὼ δὲ βουλοίμην ἂν ταῖς περὶ τὰ ἄριστα ἐμπειρίαις ἢ ταῖς δυνάμει διαφέρειν.» Ερρωσο», ou seja, «Alexandre à Aristote, salut. Tu as eu tort de publier tes leçons acroamatiques. Car en quoi serons-nous superieurs aux autres, si les doctrines que tu nous as enseignées deviennent comunes à tous le monde? Pour moi, je préférerair me distinguer par la conaissance des plus grands biens plutôt que par la puissance. Porte toi biens» (PLUTARQUE, *Vies*, Tome IX, *Alexandre-César*, Texte Établi et traduit par Robert Flacelière et Émile Chambry, Paris, Société d'Éditions «Les Belles Lettres», 1975, p. 38).

Alexandre censura o seu preceptor por este ter publicado os ensinamentos esotéricos, que os filósofos transmitiam aos seus discípulos unicamente por via oral (acroamáticos) e não figuravam, por conseguinte, em livro algum. Tal ensino comportaria, ao que se supõe, uma espécie de iniciação (epóptico). A citação de Cardoso, extraída da parte final da carta, segue o texto da mesma com grande fidelidade, sendo apenas de registar uma única divergência («ἀνταῖς» em lugar de «ἂν ταῖς»).

#### Página 76

1- Registado por Cardoso no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 29-r.º, nos seguintes termos: «Calcar addere currenti equo. Apressar a quem tem cuydado», o presente adágio encontra-se, com ligeira variação, na obra de Ovídio, onde ocorre sob as seguintes formas: «admisso subdere calcar equo» (*A. A.*, 2, 732 e *Pont.*, 2, 6, 38) e «clerli subdere calcar equo» (*Rem. Am.*, 788).

Em Jerónimo Cardoso esta expressão torna a ocorrer, ainda que de forma simplificada, no seguinte passo: «Calcar et acre mihi studia ut praeclara capessam/ Adiecere: bonis artibus utque uacem» (*EL.* 1, 23, 37-38, p. 207).

2- Outro adágio, igualmente registado por Cardoso no *Dictionarium Latinolusitanicum* («Memorem mones. Amoestas a quem tem cuydado», fl. 125-r.º), ocorre pela primeira vez, enunciado nos mesmos termos, na obra de Plauto (*Cap.*, 191 e *Stich.*, 578), surgindo ainda, com uma forma mais elaborada, em outro verso do mesmo autor: «memorem inmemorem facit qui monet quod memor meminit» (*Ps.*, 940).

3- Trata-se de António Salgueiro, correspondente de Cardoso, como se pode constatar por palavras desta mesma carta (v. *supra*, p. 74: «Praeceptoris tui Antonii Saliceti optimi et doctissimi uiri adhortatio») e pela leitura da parte final de uma missiva a ele endereçada: «Tu uero [...] gratissimum feceris, si clarissimo Alfonso magna spei adulescentulo, opusculum hoc legendum dederis» (v. *infra*, **Ep.** 3, p. 82).

4- Outra expressão proverbial, que Cardoso regista no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 166-r.º («Viua vox. Se dira o que ouuimos da boca do mestre natural: porque a escrita he contrafeyta, que mais moue o que ouuimos que o que lemos»), voltando a empregá-lo em carta endereçada a André de Resende (v. *infra*, **Ep.** 4, p. 84). A sua formulação inicial encontra-se em Séneca (*Ep.*, 6, § 5 e 33, § 9), em Plínio-o-Novo (*Ep.*, 3, § 9) e em Fábio Quintiliano (*Inst.*, 2, 2, § 8).

5- Ou seja, no dia 23 de Dezembro.

#### **Página 77**

1- Fruto do segundo casamento de D. Manuel, nascido em Lisboa a 6 de Junho de 1502, D. João III reinou entre 1521 e 1557, período que ficou marcado por uma intensa actividade a nível da política interna e ultramarina, bem como pelas relações com outros estados da Europa. A nível da política ultramarina, este monarca empenhou-se na consolidação da presença portuguesa na Índia e no início da exploração sistemática das riquezas do Brasil, ao mesmo tempo que promovia a defesa da sua costa dos ataques de corsários franceses. A evangelização dos territórios de África, Oriente e Brasil foi, então, confada à Companhia de Jesus.

Mecenas de artes e artistas, D. João III concedeu a sua protecção a alguns dos mais ilustres nomes do Renascimento Português, caso de Gil Vicente, Garcia de Resende, Damião de Góis, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, João de Barros, Pedro Nunes, António de Holanda, Luís de Camões e muito outros.

Procurando rentabilizar o recursos humanos do Reino, procedeu a uma reforma profunda do ensino em Portugal, criando o Colégio das Artes, transferindo a Universidade para Coimbra, em 1537, e chamando para lentes professores de origem portuguesa formados principalmente em Salamanca e Paris. O estabelecimento, em Portugal, do Tribunal da Inquisição, por bula papal de 1536, corolário de eforos que visavam um fim sem dúvida positivo, viria a produzir resultados no mínimo controversos.

Casado com D. Catarina de Áustria, irmã de Carlos V, D. João III teve numerosa descendência (nove filhos), da qual apenas dois atingiram a idade adulta. O grave problema da sucessão, apenas seria adiado pelo nascimento do Desejado.

No caso concreto de Jerónimo Cardoso, embora esta missiva, uma quase segunda dedicatória da colectânea, tenha visado solicitar o patrocínio do Monarca com o fim de alcançar algum donativo que auxiliasse a publicação das suas obras, parece contudo não ter sortido qualquer efeito. O favor régio para com Jerónimo Cardoso apenas surgiria após a sua morte, com o apoio concedido por D. Sebastião para a conclusão e impressão do seu *Dictionarium Latinolusitanicum* (cf. *infra*, **Dic. Lat. A**, pp. 120-121).

#### **Página 78**

1-

2- Sobre a acção mecenática de D. João III, quer reformando o ensino em Portugal, quer enviando estudantes portugueses para o estrangeiro, v. *supra*, **Ep.** 1, p. 78, n. 1.

3- Sobre a expressão empregue neste passo, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 70, n. 2.

4- Ou seja, no dia 30 de Agosto de 1555.

### Página 79

1- Ignorado pela bibliografia de referência, são em extremo escassas as informações de que dispomos sobre António Salgueiro e procedem, na sua totalidade, de três cartas incluídas na presente colectânea (Ep. A, carta nuncupatória, p. 74; Ep. 2, p. 79 e Ep. 3, p. 81, os únicos textos trocados entre António Salgueiro e Jerónimo Cardoso, o primeiro e o terceiro da autoria deste e o segundo da autoria daquele).

Deste modo, sabemos por Ep. A que António Salgueiro, «homem excelente e extremadamente sábio» era preceptor, ao tempo da publicação do *Epistularium Familiarium Libellus*, de D. Afonso, filho de D. Sancho de Noronha, conde de Odemira e alcaide-mor de Extremoz. Pela presente carta somos informados de que António Salgueiro visitava assiduamente Cardoso, com ele mantendo tão estreita relação que este lhe deu a ler os papéis que tinha guardado na sua escrivaninha, «em particular uma pequena colectânea de cartas», a cuja publicação de imediato o exortou. Na última missiva (Ep. 3), após referir-se a António Salgueiro como «um amigo insuado e sincero», declara que, sob o seu impulso, aceitou desafiar, com a publicação das suas cartas, o escárnio da multidão.

A sequência cronológica destas três missivas, por outro lado, parece poder reconstituir-se do seguinte modo: a presente carta (Ep. 2) terá sido a primeira, redigida logo após a visita (ou visitas) de António Salgueiro, talvez durante os vagues de umas férias de Verão. Seguiu-se de perto a sua resposta, sem dúvida a carta que se lhe segue na colectânea (Ep. 3), e, algum tempo depois, exarada já durante as férias do Natal, a 23 de Dezembro, a carta nuncupatória (Ep. A). Os trabalhos de revisão do manuscrito ter-se-ão, porém, arrastado durante esse ano lectivo, apenas ficando concluídos nas férias de Verão seguintes. Ora, se a carta dirigida a D. João III, uma quase segunda dedicatória da colectânea, está datada de 30 de Agosto de 1555, então as três cartas em questão devem ter sido escritas pelos últimos meses de 1554.

2- Do mesmo modo, Fedro chama «nasutus» a quem olha a sua poesia com desdém (4, 71). Sobre a associação do nariz ao desprezo e ao ridículo, motivo aqui exagerado pelo apodo «rhinocerotes» v. *supra*, Lib. 18, p. 48, n. 3.

3- A presente comparação, para a qual não se encontra um precedente em autores clássicos, volta a surgir na obra de Cardoso, expressa em termos semelhantes e em idêntico contexto, numa carta endereçada a Cristóvão Nunes (v. *infra*: «quí cum natura steriles instar mularum nihil omnino unquam possint parere quamuis parturire simulent, aliorum fecunditatem iniquo animo patiuntur», Ep. 64, p. 210). Já o motivo da esterilidade das mulas surge recorrentemente em textos antigos, havendo até um provérbio, que Cardoso regista (*Dictionarium Latinohispanicum*, fl. 133-r.º: «Mula ubi peperit, Quando parir a mula diremos isto quando dixerimus que nunca ha de ser huma cousa») o qual se encontra atestado na obra de Suetónio (*Galb.*, 4, § 2: «sane [...] cum mula peperit»).

4- Alterando unicamente o modo das formas verbais, António Salgueiro cita, com bastante rigor, as palavras de Horácio, que se interroga nos seguintes termos: «Scire uelis mea cur ingratus opuscula lector/ laudet ametque domi, premat extra limen iniquus?» (Ep., 1, 19, 33-36).

### Página 80

1- Considerando apenas a divulgação de textos sob a forma impressa, ao tempo da edição dos *Epistularum Familiarium Libellus*, apenas tinha sido publicado o *Libellus De Terraemotu, De Vario Amore Ecloga, De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*, impresso em Coimbra, por João da Barreira e João Álvares, no ano de 1550, bem como, no campo da lexicografia, o *Dictionarium Iuventuti Studiosae Admodum Frugiferum*, impresso na mesma cidade, pelos mesmos impressores, desta feita no ano de 1551. No entanto, o facto de a primeira obra apontada ter conhecido uma reedição parcial, vinda a lume sob o nome *Ecloga, Quae Silenis Inscibitur De Vario Amore Aliaque Simul Poemata*, em Coimbra, por João da Barreira, no ano de 1553, a qual compreenderia possivelmente os textos que conhecemos como Lib. 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 (uma carta e seis poemas), deixa entrever o sucesso alcançado e parece corroborar as palavras de António Salgueiro.

### Página 81

1- Sobre António Salgueiro, mestre de D. Afonso, correspondente de Jerónimo Cardoso e impulsor da edição do *Epistularum Familiarium Libellus*, v. *supra*, Ep. 2, p. 79, n. 1.

2- Trata-se, sem dúvida alguma, da carta precedente (Ep. 2, v. *supra*, pp. 79-80), na qual António Salgueiro insiste com Jerónimo Cardoso para que este faça publicar a colectânea de cartas que, dias antes, lhe dera a ler, contrapondo, aos temores deste, o sucesso alcançado pelo que até então havia publicado.

3- Em versão literal: «sabes [...] que és pesado pela mesma balança». Esta expressão, um adágio que Jerónimo Cardoso regista no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 255-v.º («trutina eadem pensari. Pesar a outrem polla mesma balança .s. fazer a outrem como elle faz»), ocorre, por duas vezes, na obra de Horácio, onde se apresenta com ligeira variação: «Si [...] Romani pensantur eadem/ scriptores trutina» (Ep., 2, 1, 28-30) e «amare/ si uolet hac lege, in trutina ponetur eadem» (Sat., 1, 3, 71-72).

4- Significando literalmente «lançar as velas aos ventos», a expressão latina empregue por Cardoso encontra-se registada no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 259-r.º («Vela uentis permittere. Aventurar-se. Tomou-se dos navegantes»), ocorrendo, entre os autores clássicos, na obra de Quintiliano, onde surge, num contexto idêntico, no seguinte passo da carta que precede o seu tratado: «sed si tanto opere efflagitantur quam tu adfirmas, permittamus uela uentis et oram fouentibus bene precemur» (Inst., Ep. ad Tryphonem, § 3).

5- O deus Momo (em gr. Μῶμος), filho do Sono e da Noite e irmão das Hespérides, surge como personificação do sarcasmo e da zombaria. Intervém na *Teogonia* de Hesíodo (v. 24), quando Zeus, a pedido da Terra, procurou diminuir o número de homens que não cessavam de se multiplicar. Zeus enviou-lhes, em primeiro lugar, a Guerra de Tebas, depois, como tal medida se revelasse insuficiente, pensou em fulminá-los e afogá-los em conjunto. Momo, então, sugeriu-lhe que desse Tétis em casamento a um mortal e que concebesse Helena, para dar assim origem à Guerra de Tróia, entre a Europa e a Ásia, causa de tantas mortes.

O nome deste deus surge, ainda que sob a forma grega, no seguinte passo de Cícero: «quod me maxime hortaris et quod pluris est quam omnia, in quo laboras ut etiam Ligurino Μῶμῳ satis faciamus, moriar si quicquam fieri potest elegantius» (Att., 5, 20, § 6). Jerónimo Cardoso, por seu turno, regista a expressão ciceroniana no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 131-r.º: «Momo satisfacere. Se dirá todo aquele que he tam perfeyto em suas cousas que até o Deos da reprehensam chamado Momo nam terá que reprehender: ho qual Momo tachava todas as obras dos deoses, & elle nada fazia».

Para outras referências a esta figura, v. *infra*: «ut ne Momi quidem conspectum adire pertimescerent» (Ep. 27, p. 129); «Momo uel Aristarcho satisfacere nedum tuo Ferdinando potuisti» (Ep. 62, p. 206, carta de Fernando de Arche) e «Quique Romanos sapiunt lepores,/ Iudice Momo» (El. 1, 15, 51-52, p. 282).

6- Neste caso, um crítico literário pretensamente competente. Célebre crítico e gramático grego, Aristarco de Samotrácia, que terá vivido entre c. 217 e 145 a. C., contou-se entre os discípulos de Aristófanes de Bizâncio e, a partir de 153, presidiu aos destinos da Biblioteca de Alexandria. Notabilizou-se pela sua escrupulosa recensão da poesia de Homero, tendo chegado a afirmar que muitos dos seus versos eram espúrios. O seu nome subsistiu como sinónimo de crítico literário competente, sendo assim citado, entre outros, por Horácio (*A. P.*, 450) e Cícero (*Fam.*, 9, 10, § 12 e *Att.*, 1, 14, § 3).

Para além do caso presente, o seu nome é sempre referido nesta acepção por Cardoso (v. *infra*: «si uigiliae meae qualescumque sint in tanti Aristarchi manus deuenirent», Ep. 27, p. 129 e «Quare seuerum uel mihi te Aristarchum/ In corrigendis praebeas uel ostendas/ Nostris», El. 2, 21, 5-7, p. 353), por Pedro Sanches (v. *infra*: «sed quando nec illa egebat Aristarcho [...] tacebo», Ep. 46, p. 172), por Inácio de Morais (v. *infra*: «Et cur ego te Quintilium Aristarchumque recusem hominem iam tot annos in hoc genere studiorum summa cum laude uersatum», Ep. 54, p. 187) e por Fernando de Arche (v. *infra*: «Momo uel Aristarcho satisfacere nedum tuo Ferdinando potuisti», Ep. 62, p. 206).

7-

8- Humanista italiano, natural de Montepulciano, nascido a 14 de Julho de 1454, Ângelo Poliziano escudou, na Universidade de Florença, as lições de Marsílio Ficino. Depois, a partir de 1480, aí ensinou Grego e Latim (e ainda Filosofia, alguns anos antes da sua morte). Teve por Mecenas Lorenzo de Medici, que fez dele seu chanceler e preceptor do seu filho Piero. Como cónego de Santa Maria del Fiore, desempenhou várias missões junto da Santa Sé. Grande admirador de Savonarola, participou em várias polémicas sobre questões literárias e filológicas, merecendo destaque a que travou com Paolo Cortese, por prenciar a que Erasmo viria a iniciar em 1528 com o *Ciceronianus*. Em 1489, Poliziano, impressionado com as notícias dos Descobrimentos, oferece-se, por carta, a D. João II, para celebrar os feitos dos Portugueses. Viria a falecer em Florença, a 28 de Agosto de 1494.

Para outras informações relativas a este humanista e à sua obra, veja-se o artigo de J. V. Pina Martins, «Poliziano (Ângelo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 15, pp. 449-450 e a bibliografia aí citada.

9- Apresentando-se embora sob a forma de uma *sententia*, estas palavras não ocorrem nas obras dos autores clássicos, o que é mais, nenhuma das colecções de adágios latinos consultadas (Renzo Tosi, *op. cit.*, e A. M. Zanoner, *op. cit.*) as registam, pelo que poderá eventualmente tratar-se de um provérbio vernáculo vertido para idioma latino.

### Página 82

1- Sobre o Himeto, montanha famosa da Ática, v. *supra*, **Lib.** 16, 56, p. 38.

2- Recorre Jerónimo Cardoso a um símile já famoso na Antiguidade (cf. Macróbio, *Sat., Praef.*, § 5) inicialmente formulado por Séneca, que, a propósito do estudo, na sua dupla vertente de leitura e escrita, aconselha: «Apes, ut aiunt, debemus imitari, quae uagantur et flores ad mel faciendum idoneos carpunt, deinde quicquid attulere, disponunt ac per fauos digerunt et, ut Vergilius noster ait liquentia mella stipant et dulci distendunt nectare cellas» (*Ep.*, 84, § 3), imagem a que volta pouco depois (§ 5), para dela retirar as devidas ilações. Antes de Séneca, já Horácio escrevera: «ego apis Matinae/ more modoque/ [...] carmina fingo» (*C.*, 4, 2, 27-32). Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 925, p. 152.

Para uma outra ocorrência deste símile em Cardoso, v. *infra*: «Itaque quemadmodum apes ex uario flosculorum genere opus suum construunt, et fabricant: sic nos [...] hunc quasi commentariolum [...] concinnaui» (**Inst.** A, p. 241).

3- Sobre D. Afonso, filho de D. Sancho de Noronha e aluno de António Salgueiro, v. *supra*, **Ep.** A, p. 74, n. 1.

### Página 83

1- Humanista de renome internacional, nascido em Évora, a 13 de Dezembro, talvez de 1500, André de Resende seguiu, desde os oito anos, em Lisboa, as lições de Estêvão Cavaleiro, entrando cedo para o convento de S. Domingos de Évora. Dele saiu, porém, para frequentar as universidades de Alcalá de Henares e de Salamanca (entre 1518 e 1521). Entre 1523 e 1527 reside na corte portuguesa e, em 1528, em Paris, passando, no ano seguinte, a Lovaina, onde frequentou o círculo de Erasmo. Em 1532 acompanha o seu discípulo D. João de Mascarenhas, embaixador português, junto de Carlos V, em visitas a Viena, Bruxelas e Itália, encontrando-se novamente, em 1533, em S. Domingos de Évora. Aí, a convite de D. João III, foi preceptor de três infantes seus irmãos. A 1 de Outubro de 1534 pronuncia, em Lisboa, a *Oratio pro Rostris* na abertura solene do ano lectivo da Universidade, a 28 de Junho de 1551, em Coimbra, a *Oratio* de homenagem a D. João III pela fundação do Colégio das Artes e, em finais do ano seguinte, discursando em Português, recebe em Évora D. Joana de Castela, mulher do príncipe herdeiro D. João. Os seus últimos anos passou-os André de Resende na cidade em que nascera, aí morrendo a 9 de Dezembro de 1573.

Entre a produção literária de Jerónimo Cardoso conservam-se, para além da presente carta, uma outra (**Ep.** 6, v. *infra*, pp. 87-88) e ainda dois poemas (**El.** 2, 10 e **Sil.** 2, v. *infra*, respectivamente, pp. 333-334 e pp. 368-371) dirigidos a André de Resende. Da sua autoria encontra-se apenas uma carta (**Ep.** 5, v. *infra*, p. 86), escrita em resposta à presente missiva. Sobre a sequência cronológica e datação destes textos, v. *infra*, **Ep.** 5, p. 86, n. 2.

Sobre André de Resende, veja-se o artigo de A. da Costa Ramalho, «Resende (André de)» in *Verbo- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 16, pp. 382-384 e bibliografia aí indicada; os títulos indicados por Isaltina D. Figueiredo Martins in *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, pp. 220-223 e *HILAMPA*, p. 43 e pp. 164-167.

2- Trata-se certamente do extenso poema (constituído por 117 hexâmetros dactílicos) que Jerónimo Cardoso veio a incluir, em lugar de destaque, no *Siluarum Liber Vnus*, vindo a lume em 1564 (v. *infra*, **Sil.** 2, pp. 386-371).

3- Expressão tomada, com alguma liberdade, de Horácio que, a propósito de certas personagens de tragédia, que pela sua situação miserável não deveriam empregar a linguagem apurada, rica em artifícios literários e palavras rebuscadas, própria do género, escreve: «et tragicus plerumque dolet sermone pedestri/ Telephus et Peleus, cum pauper et exsul uterque/ proicit ampullas et sesquipedalia verba,/ si curat cor spectantis tetigisse querela» (*A. P.*, 95-98). Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 186, p. 85.

4- Sobre a expressão «ansam praebere» (literalmente «estender um cabo/asa»), as suas fontes e ocorrências na prosa de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 55, n. 21.

5- Sobre o motivo horaciano do *labor limae* e as suas ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *infra*, **Ep.** 6, p. 88, n. 2.

6- Antigo sinal crítico, o óbelo (do gr. ὀβελός, «espeto», por vezes designado *obeliscus*, da forma de diminutivo gr. ὀβελισκός, «pequeno espeto») consistia num simples traço (que, segundo S. Isidoro de Sevilha, *Etym.*, 1, 21, 3, representava uma seta), um traço entre dois pontos (neste caso designado ὀβελός περιστυγμένος) ou ainda um traço com um asterisco, utilizados pelos copistas para assinalar, nas margens dos manuscritos, os passos espúrios, os lapsos ou, no último caso, as linhas trocadas, para que pudessem ser reconhecidos e emendados nas cópias subsequentes. Jerónimo Cardoso, por outro lado, considerava-o: «hum furador de ferro com que furauam as cousas mas escritas» (*Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 149-v.<sup>o</sup>), daí que empregue, neste passo, o verbo *exacuere*, «aguçar». Para além do presente caso, encontramos outras referências a este sinal *supra*: «Aristarchorum obelos metuens», (**Lib.** 10, p. 27) e *infra*: «si qua [...] obelisco digna censueris», (**Ep.** 6, p. 88); «ungue et obelisco poenas luat» (**Ep.** 23, p. 121, carta de Fernando Brandão); «quod uel obelisco confodi uel asterisco notari debeat» (**Ep.** 30, p. 138) e «quae unguem et obeliscum desiderent» (**Ep.** 46, p. 172, carta de Pedro Sanches).

7- Esta expressão, que Cardoso regista no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 74-r.<sup>o</sup> («Fores aperire. Abrir caminho. Dirseha dos que enuentarão alguma cousa primeyro. Como el Rey dom Manuel abrio as portas da nauegação da Índia»), ocorre, com o mesmo sentido, num passo de Plínio-o-Antigo já antes citado por Cardoso (*N. H.*, 2, § 30, cf. *supra*, **Lib.** 18, p. 54 e n. 9) e, num contexto próximo do presente, em Cícero: «sed tamen in omnibus nouis coniunctionibus interest qualis primus aditus sit et qua commendatione quasi amicitiae fores aperiantur» (*Fam.*, 13, 10, § 4). Com sentido análogo, registem-se duas variações empregues por Jerónimo Cardoso no início da *Oratio*: «ut Palladiae huius aedis candidatas fores serasque diuscule feriatas [...] patefacerem» (v. *supra*, **Lib.** 18, p. 42) e perto do seu termo: «En uobis, uigilantissimi iuuenes, candidissima disciplinarum omnium atria utcumque patefeci» (v. *supra*, **Lib.** 18, p. 69).

Para além destes casos, tal expressão ocorre ainda, com ligeiras variações, nos seguintes passos, todos pertencentes a cartas da autoria de Cardoso, *infra*: «ad huius amicitiae iamdiu mihi exoptatae fores patefaciendas» (**Ep.** 14, p. 102); «cum iam litteris ultro citroque missis amicitiae fores patefecerimus» (**Ep.** 47, p. 174); «Quo facilius [...] aditus antea multarum rerum uarietate abstrusus patefiere» (**Ep.** 55, p. 191); «quando beneuolentiae nostrae mutuis his litteris fores patefactae sunt» (**Ep.** 61, p. 204) e «Quarum beneficio auspiciandae tecum amicitiae fores aperirem» (**Ep.** 63, p. 207).

8- Em lat. «mellitissimam» («da extrema doçura do mel»). Sobre o motivo do mel como indicador de uma grande eloquência, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 45, n. 1.

9- Trata-se da *Oratio pro Rostris Pronuntiata in Olisiponensi Academia Calendis Octobribus MDXXXIII*, que veio a ser impressa em Lisboa, nesse mesmo ano, por Germão Galhardo (cf. *HISLAMPA*,

p. 166) e à qual Barbosa Machado se refere (*op. cit.*, tomo I, p. 166) atribuindo, porém, à sua edição, o ano de 1554. Embora se encontrasse já a residir em Lisboa, Cardoso não assistiu à cerimónia de abertura desse ano lectivo, porquanto acima escreve: «cum Eborae ageres nec te adhuc de facie nouissem» (v. *supra*, Ep. 4, p. 83). A outra *Oratio* de André de Resende apenas viria a ser pronunciada no ano de 1551, quando este já ensinava na Universidade, instalada, havia muito, em Coimbra, sendo por isso ainda mais improvável que Cardoso tenha então estado presente.

#### Página 84

1- Facto a que Barbosa Machado faz alusão, sem no entanto o situar cronologicamente, quando escreve: «Como fosse sempre inimigo do ocio abrio nas suas Cazas, que estavaõ contiguas ao Palacio Archiepiscopal, Escola publica aonde concorriaõ as principais pessoas da Cidade de Evora a ouvir a sua doutrina distinguindose entre todos o Cardial D. Affonso» (*op. cit.*, tomo I, p. 162).

2- Relativamente a este adágio e às suas fontes clássicas, v. *supra*, Ep. A, p. 76, n. 4.

#### Página 86

1- Sobre o humanista André de Resende, polígrafo e antiquário, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 1.

2- Tendo em conta as informações veiculadas por Ep. 4 (v. *supra*, p. 83, n. 2 e n. 8) e admitindo que a ida a Lisboa, a que André de Resende se refere, foi a do início de Outubro de 1534, será possível situar cronologicamente quatro dos cinco textos trocados entre estas duas figuras. Deste modo, a silva (v. *infra*, Sil. 2, pp. 368-371) terá sido escrita logo após a abertura solene do ano lectivo, cerimónia que teve lugar a 1 de Outubro de 1534. A primeira das cartas (v. *supra*, Ep. 4, pp. 83-85) cinco meses depois, o que, contando o ponto de partida e o de chegada, nos situará por Fevereiro de 1535. Seguindo-se-lhe de perto, a presente resposta de Resende (Ep. 5) terá surgido em inícios de Março e a última carta (v. *infra*, Ep. 6, pp. 87-88) em finais desse mês. Por situar fica apenas uma composição poética (v. *infra*, El. 2, 10, pp. 333-334).

#### Página 87

1- Acerca de André de Resende, polígrafo e antiquário, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 1.

2- Trata-se sem dúvida da carta de Jerónimo Cardoso a Resende que antes encontrámos (v. *supra*, Ep. 4, pp. 83-85).

3- Alude Jerónimo Cardoso à carta precedente, como se pode constatar pelo conteúdo das afirmações que se seguem (cf. *supra*: «Ne igitur ad alia respondeam, scire aueo quam sine stomacho haec tu scripseris: ubi rescuero quod te meque dignum existimaro non praetermittam», Ep. 5, p. 86). Na edição de 1556, a ordenação das cartas trocadas entre Jerónimo Cardoso e André de Resende coincide, portanto, com a sua sequência cronológica, algo que nem sempre acontece nesta colectânea.

#### Página 88

1- Ou, em versão literal, «merecedoras de óbelo». Embora esta expressão não se encontre atestada entre os autores clássicos, Jerónimo Cardoso regista-a, sob a forma de um adágio, no *Dictionary Latinolusitanicum*, fl. 149-v.º, nos seguintes termos: «Obelisco dignus. Se dira tambem ho digno de reprehensam, porque Obelisco he ho mesmo que Obelus». Sobre este antigo sinal crítico, o óbelo, utilizado para assinalar os erros nos manuscritos, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 5.

2- Variante da famosa metáfora do paciente trabalho de refinamento formal da obra literária, que Horácio havia de fixar na expressão «labor limae» («o labor da lima»). Ainda que estas palavras procedam, como se sabe, de um passo do *De Arte Poetica* (*Epistula ad Pisones*), no qual se afirma que a poesia de Roma não seria inferior à sua glória militar: «si non offenderet unum/ quemque poetarum limae labor et mora» (vv. 290-291), a mesma imagem surge em outros textos de Horácio, quando se comparam a poesia

grega e a romana (caso de *Sat.*, 1, 10, 64-71 e de *Ep.*, 2, 1, 164-167), bem como em Ovídio (*Pont.*, 1, 5, 19-22; 2, 4, 17-18 e *Trist.*, 1, 7, 29-30) Marcial (10, 2, 3) e Ausônio (*Ep.*, 21). Cícero, por seu turno, emprega-a a propósito da oratória (*Brut.*, § 25; § 93 e *De Or.*, 1, § 180). Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 195, p. 88.

Omitindo embora a expressão horaciana, Jerónimo Cardoso não deixa, no entanto, de registrar, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, algumas variantes, caso de: «Limam addere. Emmendar, ou limar a obra» (fl. 110-v.º) e «Subire limam alterius. Passar pola lima doutrem» (fl. 237-r.º).

Para além do caso presente, tal motivo surge ainda, com alguma frequência, quer nos textos de Cardoso quer nos dos seus correspondentes. Cf. *supra*: «qua tu libere et intrepide limam et obelos tuos [...] exacueres» (*Ep.* 4, p. 83) e *infra*: «ut limam tuam subeat» (*Ep.* 27, p. 129); «cum me [...] tuis elimatissimis uerbis [...] ad sidera usque attolleres» (*Ep.* 40, p. 158, carta de Cristóvão Fernando); «ita limata et polita [...] ut nihil supra» (*Ep.* 52, p. 184, carta de Inácio de Moraes); «alteras quae limam ac censuram superioris epistulae deposcebant» (*Ep.* 60, p. 201); «ac tuam subinde/ Censuram subeat: grauemque limam» (*El.* 1, 16, 4-5, p. 283); «Vt tui uersus patiantur atque/ Sentiant limam» (*El.* 2, 13, 2-3, p. 340) e «antequam elimatum esset» (*Dic. Lat.* A, p. 420, carta de Sebastião Stockhamer).

### Página 89

1- Secretário do Cardeal Infante D. Henrique, como refere o título da presente missiva, o humanista Jorge Coelho, filho do bailio Francisco João Coelho, estudou em Salamanca e, uma vez estabelecido em Portugal, ocupou os lugares de cônego da Sé de Évora e comendatário do Mosteiro de S. Jorge, perto de Coimbra. André de Resende, no poema *Vicentius Leuita et Martyr*, publicado em 1545, reconhece-lhe os méritos como latinista. Terá morrido a 28 de Agosto de 1563.

A sua produção literária, constituída por cartas e poesias latinas, encontra-se dispersa por obras de outros humanistas seus contemporâneos. Na de Jerónimo Cardoso, concretamente, conserva-se uma única carta (*Ep.* 8, v. *infra*, pp. 91-92), escrita em resposta a esta missiva. Para além da presente carta, sem dúvida o primeiro texto trocado entre ambos, cuja cronologia, embora imprecisa, se pode fixar depois de 1545, data da elevação de D. Henrique ao cardinalato, Cardoso enviou ainda a Jorge Coelho uma outra carta (*Ep.* 58, v. *infra*, pp. 196-198) e dois poemas (*El.* 2, 5 e *El.* 2, 13, v. *infra*, respectivamente, pp. 321-323 e 340-341) em que se alude, por outro lado, a composições enviadas por Jorge Coelho a Cardoso (*El.* 2, 5, 39-40 e *El.* 2, 13, 1-3).

Para uma informação mais pormenorizada sobre Jorge Coelho, veja-se A. da Costa Ramalho, «Coelho (Jorge)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 5, p. 837, a bibliografia indicada por Isaltina D. Figueiredo Martins in *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, p. 149 e *HISLAMP*, pp. 304-305.

2- Nascido em Lisboa, a 31 de Janeiro de 1512, filho de D. Manuel e de D. Maria de Castela, o Infante D. Henrique, que viria a reinar após o desastre de Alcácer-Quibir, subindo ao trono a 28 de Agosto de 1578, ocupou desde cedo lugares cimeiros da hierarquia religiosa em Portugal. Assim, para sumariar apenas os mais importantes, foi arcebispo de Braga aos 22 anos, de Évora em 1540, de Lisboa em 1564 e novamente de Évora em 1574. Paulo III nomeou-o inquisidor-geral dos reinos de Portugal e suas conquistas em 1539. Foi elevado ao cardinalato a 16 de Dezembro de 1545 e, antes de 18 de Agosto de 1553, Júlio III nomeou-o legado apostólico em Portugal. Nos conclaves de 1549, 1555 e 1559, foi proposto como candidato, a instâncias de D. João III, à tiara pontifícia, chegando a obter, a 15 de Setembro de 1555, quinze votos. Saiu, porém, eleito Pio IV. Como mecenas, dispensou a sua protecção a numerosos humanistas, como André de Resende, Jerónimo Osório, Damião de Góis, Pedro Nunes e Jorge Coelho (para citar apenas aqueles cujos nomes estão presentes na obra de Jerónimo Cardoso). D. Henrique veio a falecer em Almeirim, a 31 de Janeiro de 1580.

Para outras referências a esta personagem nos escritos de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Haec propter regni qui nunc moderatur habenas/ Henricus princeps cardineusque pater,/ Te sibi delegit doctum fidumque ministrum» (*El.* 2, 27, 19-21, p. 358); «Nec non Henricus princeps flamenque Dialis,/ Cuius et integritas uitae, pietasque, fidesque, Numina si tangunt, Petri ille in sede sedebit/ Regificumque caput triplici diademate cinget» e «Tum sacer accessit princeps Henricus, et idem/ Cardineus, cui purpureo texitisse galero/ Ora caputque datum quem fulgens purpura uestit/ Atque ornat» (*Sil.* 16, 110-113, p. 414, e 161-164, p. 416).

3- Tomada de Tito Lívio, que tanto a emprega com esta forma (36, 7, § 7) como alterando ligeiramente a ordem das palavras («absit inuidia uerbis», 9, 19, § 15), esta expressão, bem como a sua versão mais difundida «Absit iniuria uerbis», indica que não há a intenção, não obstante as aparências, de ofender ninguém com as palavras usadas (literalmente «que a hostilidade esteja longe das minhas palavras» ou «que não haja ofensa nas minhas palavras»). Esta locução ocorre num verso de Ésquilo (*A.*, 904), em que Clítmnestra saúda Agamémnon com falsas palavras de boas-vindas, dizendo-lhe: «φθόνος δ'ἀπέστω», ou seja, «que a inveja fique longe», bem como nos epínicios de Píndaro (*O.*, 13, 25 e *P.*, 10, 20). Sobre este assunto v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 470, pp. 31-32.

4- Sobre Tales de Mileto, filósofo grego, considerado um dos Sete Sábios da Grécia, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 55, n. 8.

5- Trata-se do famoso axioma γνῶθι σεαυτόν, em lat. «nosce te ipsum» («conhece-te a ti mesmo») que ora um ora outro dos Sete Sábios da Grécia (ou todos eles, segundo uma tradição já atestada em Platão, *Prt.*, 343 b) fez gravar sobre as paredes do Templo de Apolo em Delfos (daí que Cardoso escreva «Apollinis seu potius Thaletis») e que havia de ficar célebre pelo facto de Sócrates ter feito dele o seu lema. Cardoso não deixará de o incluir, com a sua forma latina mais corrente «nosce te ipsum», no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 146-r.º, registando igualmente a variante latina que aqui emprega: «In se descendere. Conhecerse» (fl. 95-v.º), a qual se encontra atestada, entre os clássicos, em Pérsio: «Vt nemo in sese temptat descendere, nemo» (4, 23). Sobre este adágio e as suas principais ocorrências, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 347, pp. 162-163.

#### **Página 91**

1- A respeito do humanista Jorge Coelho, secretário do Cardeal-Infante D. Henrique e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como dos textos trocados entre eles, v. *supra*, **Ep.** 7, p. 89, n. 1.

#### **Página 92**

1- Não se encontrando atestada entre os autores clássicos, a expressão empregada por Jorge Coelho veio a ser, no entanto, incluída por Jerónimo Cardoso no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 151-v.º, sob a forma do seguinte adágio: «Obuiis ulnis. Com os braços abertos .s. com grandes desejo & vontade».

#### **Página 93**

1- Humanista e teólogo português nascido em Lisboa em 1506, D. Jerónimo Osório da Fonseca estudou em Salamanca, Paris e Bolonha, as mais conceituadas universidades do seu tempo. Em Itália, relacionou-se com humanistas como Sadoletto e Bembo, entre outros. Professor de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra, por nomeação régia de D. João III, logo em 1537, aí ensinou por espaço de três anos. Arceediago de Évora desde 1560, viria a ser nomeado, em 1564, bispo da diocese do Algarve, com sede em Silves e, depois de 1577, em Faro. Escritor novilatino de renome europeu, a sua obra conheceu assinalável difusão, mercê da qualidade do Latim em que se exprimia, sendo lido particularmente em Inglaterra, onde veio a travar polémica com W. Haddon, humanista da Universidade de Cambridge e colaborador da Reforma, por ter publicamente aconselhado Isabel I a voltar ao seio da Igreja Católica. Faleceu D. Jerónimo Osório em Tavira, a 20 de Agosto de 1580.

Na obra de Jerónimo Cardoso conserva-se somente, para além desta carta, a resposta de D. Jerónimo Osório (v. *infra*, **Ep.** 10, pp. 95-96) e, pelo tom de ambas as missivas se torna manifesto que estes dois autores se conheceram em idade já adulta, não se compreendendo com que fundamento D. Barbosa Machado (*op. cit.*, tomo II, p. 488) afirmou ter sido Osório aluno de Cardoso. Teriam, de resto, uma idade muito próxima. Para a cronologia destas duas missivas, v. *infra*, **Ep.** 9, p. 93, n. 3.

Relativamente a D. Jerónimo Osório, veja-se o artigo de A. da Costa Ramalho, «Osório da Fonseca (D. Jerónimo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 14, pp. 873-874, a bibliografia indicada por Isaltina D. Figueiredo Martins in *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, pp. 206-208, *HIISLAMP*, pp. 319-323 e os capítulos introdutórios de A. Guimarães Pinto in D.

Jerónimo Osório, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, pp. 13-26.

2-

3- Informação pertinente para a datação, ainda que conjectural, da presente missiva, bem como da sua resposta (Ep. 10, v. *infra*, pp. 95-96). Perante os dados disponíveis, A. Guimarães Pinto (in D. Jerónimo Osório, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 281, n. 5), lembrando que Osório, em carta endereçada a Agustín, datada de Almeirim, 16 de Fevereiro de 1543, se refere ao dito tratado como publicação muito recente, ao mesmo tempo que lhe envia um exemplar, e que a primeira edição deste se encontra datada de 1542, sugere que a presente missiva tenha sido exarada por «finais de 1542, ou começos de 1543», hipótese que nos parece corroborada pelo superlativo «nuperrime», utilizado por Cardoso relativamente à publicação da obra. A resposta de D. Jerónimo Osório, por outro lado, ter-se-lhe-á seguido sem grande demora. A. Guimarães Pinto apresenta, em apêndice ao texto do tratado, uma versão sua destas duas missivas (pp. 244-246).

4- Refere-se Jerónimo Cardoso às obras de Cícero de pendor eminentemente filosófico, escritas quando, após a morte de Túlia, a bem-amada filha, em 45 a. C., o Arpinate se voltou, de forma mais acentuada, para a Filosofia, procurando assim preencher o vazio deixado na sua vida familiar e ainda política. Tais obras compreendem os seguintes títulos: *De Consolatione* (hoje perdido); *Hortensius* (de que restam fragmentos); *De Finibus Bonorum et Malorum*; *Academicæ Quaestiones*; *Partitiones Oratoriae*, e redigidas ou concluídas entre Janeiro e Julho de 44, *Tusculanae Disputationes*; *De Natura Deorum*; *De Senectute*; *De Divinatione*; *De Fato*; *De Amicitia*; *De Officiis* e *Topica*.

5- General cartaginês filho de Amílcar, Aníbal, que viveu entre 246 e 183/182 a. C. deve a sua celebridade ao facto de ter lançado contra Roma a Segunda Guerra Púnica, conflito de consequências desastrosas. Criado em Espanha, jurou a seu pai um ódio mortal contra os Romanos e, sucedendo a Asdrúbal, genro de Amílcar, em 221, conquistou, na Península, Arbucala e Salmantica, assediou e destruiu Sagunto, aliada de Roma, assim iniciando a Segunda Guerra Púnica. Seguidamente, à cabeça de um grande exército, atravessou o Noroeste da Península, os Pirenéus, a Gália Meridional e os Alpes, lançando-se sobre Itália em Outubro de 218. Tendo alcançado a vitória nas batalhas de Ticino e do Trébia, infligiu ainda aos Romanos as pesadas derrotas do lago Trasimeno, em 217 (v. *supra*, Lib. 2, 87-92, p. 13 e n. 1), e de Canas, em 216, com que aniquilou a resistência romana, e ocupou Cápuia. Foi, porém, obrigado a retirar-se para o Sul de Itália, limitando o seu domínio às cidades gregas da região. Entretanto, P. Cornélio Cipião conquistou, entre os anos de 210 e 206, o império hispânico de Cartago. Enviado com um grande exército a socorrer Aníbal, Asdrúbal, seu irmão, é derrotado e morto no rio Metauro, em 207. Aníbal, chamado a defender Cartago, entretanto atacada por Cipião, conhece a derrota em Zama, em Outubro de 202, vendo-se, deste modo, obrigado ao exílio primeiro junto de Antíoco, o Grande, rei da Síria, depois em Creta e, finalmente, na Bitúnia, junto do rei Prúsias. Quando este se preparava para o entregar aos Romanos, Aníbal preferiu suicidar-se ingerindo veneno.

6- Político, legislador e escritor romano, Catão (*M. Porcius Cato*), também conhecido por Catão, o Censor ou o *Velho*, viveu entre 243 e 149 a. C. Defendendo sempre o *mos maiorum* contra os ideais filelénicos da família dos Cipiãoes e toda a influência grega, em geral, apoiou a *Lex Orchia* (181) contra o luxo e a *Lex Voconia* (169) que restringia a liberdade financeira das mulheres. Tendo seguido o *cursus honorum*, bateu-se na Segunda Guerra Púnica e celebrizou-se por insistir na necessidade de destruir Cartago, que entretanto prosperara, conseguindo que fosse declarada a Terceira Guerra Púnica, em 150.

Como escritor, compôs um *Carmen de Moribus* e redigiu mais de centena e meia de discursos (de que restam apenas fragmentos), os *Ad Filium Libri* (espécie de enciclopédia), o *De Agricultura* (tratado que se conserva completo), as *Origines*, sete livros de história romana, cartas e sentenças várias. Catão, o Censor, situa-se por conseguinte nos primórdios da prosa artística, da oratória e da historiografia romana. Para além das qualidades austeras que o tornaram particularmente famoso, Cícero faz dele o principal interlocutor do seu diálogo filosófico intitulado *De Senectute*.

Para outras referências a esta figura nos escritos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*: «Porcius Cato detestari se ipsum solebat, si qua dies inanis per incuriam sibi effluxisset» (Lib. 18, p. 69) e *infra*: «non minus quam a Catone audeam. A quo ut tuus est auctor Plinius nullus unquam iniustam rem petere est

ausus» (Ep. 58, p. 197); «Si non et grauitas tua, uix cessura Catoni» (El. 1, 4, 3, p. 257); «Non ego te rigido dixisse Catone minore/ Ausim, cum uirtus par grauitasque micet» (El. 1, 12, 25-26, p. 273); «fratrem/ Ipsius uirtute Cato cui cedit» (Sil. 3, 32-33, p. 373) e «extemplo felix epigrammata ludes/ Candida, quae Pylio regi rigidoque Catoni/ Elicuisse queant risum» (Sil. 6, 99-101, p. 383).

#### Página 94

1- Estas palavras revestem-se de singular interesse no que se refere à definição do perfil biográfico de Jerónimo Cardoso, dado serem o primeiro testemunho de que este exercia a actividade pedagógica em sua casa.

Para mais alusões a esta e a outras circunstâncias relacionadas com a sua actividade profissional, v. *infra*: «quod te domi tuae iuuentum litteris instituentem inuiserim» (Ep. 10, p. 95, carta de D. Jerónimo Osório); «Cum optime noris me ab Octobris calendis tum diurnis tum nocturnis lectionibus eo usque distineri: ut ne punctum quidem temporis reliqui fiat» (Ep. 11, p. 97); «ut tibi e cuius schola non inferioris notae discipulos quam olim ex equo Troiano heroas processisse plerique omnes intellegant, amicus quoquo pacto redderem» (Ep. 21, p. 117) e «opto ut quod facis perpetuo facias, Lusitanam iuuentum doctrina moribus pietate instituas, rem non minori tibi ac patriae ornamento futuram» (Ep. 21, p. 118); «Bonam enim diei partem, in lectionibus conterimus» (Ep. 33, p. 144); «quis enim diceret quanta cum prouidentia themata tuis componenda proponas, qua diligentia composita ab eis repositas? Quanta cum affabilitate errata corrigas? Qua pietate doceas in posterum efficienda?» (Ep. 40, p. 160); «ex tam multis auditoribus quos ex hoc meo litterario ludo tanquam ex equo Troiano (nec id arroganter dico) fortissimos heroas effudimus» (Ep. 10, p. 95, carta de Cristóvão Fernando); «ex tam multis auditoribus quos ex hoc meo litterario ludo tanquam ex equo Troiano [...] fortissimos heroas effudimus: futurum neminem, per quem mihi quanta per te unum fiat honoris accessio» (Ep. 45, p. 170); «scio me esse nimis procrastinatorem et merito quidem, nam huic meo pistrino addictus nisi festis diebus quicquam componere nullo pacto possum. Cum melior diei cuiusque pars lectionibus diurnis conteratur» (Ep. 56, p. 194); «Ast ego [...] Dumtaxat iuuenes qui me didicere magistro, Palladis, et Phoebi dulcia sacra canam. Non omnes tamen, [...] Sed quos sum expertus memores, gratosque, fideles, Etsi qui ingenii dexteritate ualent» (Ap. 2, 17-24, p. 8); «Verum cum per tot annos erudiendae iuuentuti laborem impenderem, haec una cura et sollicitudo animum angebat, et hac in cogitatione diu uersatus sum» (Inst. A, p. 241); «Praeterea officium si dicam forte laborem/ Impediisse meum, mentiar ipse nihil. Namque a Lucifero donec petat aequora Phoebus, Hora mihi placidae nulla quietis adest» (El. 1, 13, 35-38, p. 276); «nam ex omni adolescentium turba, quos instituendos et erudiendos suscepi, nemo mihi te, nec carior, nec iucundior unquam fuit» (Sil. A, p. 364).

2- Ou, por outras palavras, «non continere se inter pelliculam suam» («não se conter na própria pele») sentença que Porfírio transcreve em comentário a um verso de Horácio, no qual o Venusino, aludindo à eventualidade de, sendo ele filho de um liberto, aspirar a altos cargos (ou seja, a ultrapassar as suas limitações institucionais), escreve: «quoniam in propria non pelle quiessem» (Sat., 1, 6, 22). Tal expressão ocorre ainda em Marcial (3, 16, 5). A sua origem radica, provavelmente, na fábula da rã que, ao querer tornar-se grande como um boi, acabou por inchar demasiado e estoirar (Fedro, 1, 24 e Horácio, Sat., 2, 3, 314-320, entre outros).

Jerónimo Cardoso, por seu turno, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 99-r.º, regista uma variante desta locução, acompanhada de um comentário, que parece explicar estas suas palavras: «Intra pelliculam se continere. Conhecerse de que sorte he. Tomou-se do asno que vestiu pelle de lião, & por tal foi tido, & conhecido foy morto a açoutes». A expressão que Cardoso emprega na carta poder-se-á assim verter por: «que já nem me reconheço».

Já as expressões portuguesas «não caber na própria pele» e «não caber em si» (opção tomada por A. Guimarães Pinto in Pinto in D. Jerónimo Osório, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p. 245: «parece que não caibo em mim») assumiram um sentido diverso, porquanto indicam uma alegria imensa. Veja-se, sobre esta questão, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 541, p. 258-259.

Para uma outra ocorrência desta expressão em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «multoque mihi rectius consultum putabam si me intra pelliculam contererem» (Ep. 25, p. 126).

#### Página 95

1- A respeito de D. Jerónimo Osório da Fonseca, humanista e teólogo português, correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ep. 9**, p. 93, n. 1.

2- Informação pertinente sob o ponto de vista da biografia de Jerónimo Cardoso. A este respeito, v. *supra*, **Ep. 9**, p. 94, n. 1.

#### Página 97

1- São em extremo escassos os dados de que dispomos sobre Manuel de Aguiar, cingindo-se apenas aos proporcionados pela leitura desta missiva de Cardoso, de resto o único texto trocado entre ambos a ser incluído entre as obras de Cardoso (não obstante esta carta ser a resposta a uma outra a ele dirigida). O seu nome não voltará a ocorrer.

Pelo título da presente carta («Auditori Olim Suo»), bem como pelo seu texto («ex quo a nobis descuiueris» e, com recurso à comum metáfora da vida militar, «Soleo enim eos qui sub uexillis nostris aliquamdiu stipendia fecere summo amore et prosequi et apud doctissimos quosque fusissime commendare»), para além do tom geral da missiva, sabemos que Manuel de Aguiar fora aluno de Jerónimo Cardoso. Ao tempo da redacção da carta, seria, como se diz no título, protonotário (ou notário-mor), um funcionário público encarregado de registar escrituras e outros documentos oficiais. Manuel de Aguiar prosseguia, não obstante a sua situação profissional, os seus estudos, aplicando-se ao Latim, ao Grego e à Retórica.

2- Ou seja, desde o dia 1 de Outubro. Sobre a data de abertura do ano lectivo, cf. *supra*, **Lib. 18**, título, p. 41, n. 1.

3- Informação relevante sob o ponto de vista da biografia de Jerónimo Cardoso. A este respeito, v. *supra*, **Ep. 9**, p. 94, n. 1. Sobre o motivo horaciano do estudo diurno e nocturno, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 69, n. 2.

4- Antiga divindade itálica, cujo nome significa literalmente «livre», Líber (ou Líbero) identificou-se, desde épocas muito recuadas, com Dioniso, pela circunstância de este deus apresentar, entre os seus epítetos habituais, um de sentido equivalente (Lieu, «o Libertador» ou «aquele que desata»). Embora aquele deus não tivesse uma mitologia específica, celebravam no entanto, em sua honra, as *Liberalia*.

Para uma outra referência a Dioniso feita com recurso ao nome de Líber, v. *infra*: «Tempus Liber aít ueniet, cum unius ob ortum/ insignem pueri se felicissima Lusi/ Regna tui aeternum iactent memorentque per aeuum» (*Sil. 15*, 82-84, p. 409).

5- Ao escrever estas palavras, Cardoso tinha, sem dúvida, em mente o passo em que Ovídio, aludindo à oferta das primícias (ou seja, dos primeiros frutos da terra) a cada uma das divindades tutelares, justifica a cólera de Diana e o conseqüente envio de um flagelo (o Javali de Cálidon) como punição por apenas os seus altares terem ficado esquecidos. Eis os versos do Sulmonense: «Oenea namque ferunt pleni successibus anni/ primitias frugum Cereri, sua vina Lyaeo,/ Palladios flavae latices libasse Minervae;/ coeptus ab agricolis superos pervenit ad omnes/ ambitiosus honor: solas sine ture relictas/ praeteritas cessasse ferunt Latoidos aras» (*Met.*, 8, 273-278).

6- Sobre esta metáfora, que podemos designar como «milícia do saber», v. *infra*, **Ep. 49**, p. 177, n. 6.

#### Página 98

1- Variante de um adágio que ocorre primeiramente em Plauto («simul flare sorbereque haud factu facile est», *Most.*, 791) e torna a surgir, depois, em S. Columbano (*Ep.*, 173, 31), servindo para alertar aquele que, ignorando os seus próprios limites, acalenta pretensões excessivas. Veja-se, a este respeito, Renzo Tosi, *op. cit.*, § 498, p. 238. J.C., por outro lado, regista, no *Dictionarium Latinolusitanicum.*, fl. 230-v.º, uma variante, atribuindo-lhe, porém, um sentido mais extremo: «Sorber e flare simul. Dirseha dos que querem fazer cousas contra natureza, como é soruer e assoprar juntamente».

2- Trata-se de D. Júnio Juvenal, poeta satírico que, ao discorrer sobre as condições necessárias para o acto de criação poética, se interroga nos seguintes termos: «quis locus ingenio, nisi cum se carmine solo/ uexant et dominis Cirrhae Nysaeque feruntur/ pectora uestra duas non admittentia curas?» (7, 63-65), palavras que Cardoso transpõe para o âmbito dos estudos.

3- Esta mesma imagem ocorre num fragmento de uma sátira de M. Terêncio Varrão, em que o célebre erudito, exprimindo-se embora em termos diversos, é levado à seguinte constatação: «factus sum uespertilio; neque in muribus plane neque in uolucris sum» (*Saturarum Menippearum fragmenta (in aliis scriptis seruata)*, 13).

#### Página 99

1- Poucas são as informações que temos ao nosso dispor sobre a figura de Martinho Coelho, as quais provêm apenas de duas cartas de Cardoso (**Ep.** 12, p. 99 e **Ep.** 60, pp. 201-202), os únicos textos, de resto, em que Martinho Coelho é nomeado. Assim, pela presente carta, sabemos que Martinho Coelho apreciava tudo aquilo que se relacionasse com a religião, só assim se justificando que Cardoso lhe tenha enviado «Hymnos quosdam», considerando-o, aliás, «religionis obseruantissimum». Não sabemos, porém, se Martinho Coelho enveredara pela vida religiosa.

A segunda missiva, posterior, acusa a recepção de duas cartas latinas de Martinho Coelho, uma dando conta do agrado com que os ditos hinos foram acolhidos, a outra solicitando a revisão da primeira. Nenhuma destas duas cartas chegou até nós. Já perto do termo desta segunda missiva, Cardoso afirma claramente ter sido professor de Martinho Coelho (cf. *infra*: «tibi praeceptor non fortasse imperitus nec malus ingeniorum spectator obtigi», **Ep.** 60, p. 202), pelo que se pode, com segurança, acrescentar o seu nome à lista de antigos alunos de Jerónimo Cardoso.

2- Entre as composições poéticas de Jerónimo Cardoso, conservam-se somente dois textos que poderão eventualmente corresponder a estes hinos. O primeiro deles, que já antes se nos deparou (cf. *supra*, **Lib.** 1, pp. 8-9) identificado pelo título «Ad Diuam Mariam Hymnus», consta de 52 versos (dímetros iâmbicos); o segundo, intitulado «Ad Diuum Ioannem Baptistam» (v. *infra*, **El.** 1, 1, pp. 252-254) abre, com os seus 32 versos (dícticos elegíacos) os *Elegiarum Libri II*, vindos a lume em 1563. Pelo teor da presente carta não é, no entanto, possível afirmar de um modo categórico terem sido estes os textos remetidos por Cardoso a Martinho Coelho.

3- Ou, por outras palavras, «a um saber grosseiro». A respeito do presente adágio, v. *infra*, **Ep.** 39, p. 157, n. 2. Sobre a locução paralela «crassa Minerua», v. *infra*, **Ep.** 25, p. 125, n. 6.

4- Isto é, um principiante. Filho de Aquiles e de Deidamia, filha de Licomedes, rei dos Siros, Neoptólemo (em gr. Νεοπτόλεμος, o «Jovem Guerreiro») foi concebido na altura em que Aquiles vivia, disfarçado de rapariga, no harém do referido monarca. Usava então o nome de Pirra, «a Ruiva», razão pela qual Neoptólemo recebeu igualmente o nome de Pirro. Nascido já depois da partida de Aquiles para a Guerra de Tróia, terá permanecido junto de seu avô, que o criara, até ao momento em que, morto seu pai, o adivinho Heleno, capturado pelos Gregos, fez saber que Tróia jamais cairia se Neoptólemo não se juntasse à expedição. Enviaram então os Gregos uma embaixada, constituída por Ulisses, Fénix e Diomedes, a fim de trazer o jovem e recuperar as armas de Hércules, igualmente necessárias, que se encontravam então na posse de Filoctetes, retido em Lemnos. Chegado a Tróia, o jovem Neoptólemo desempenhou, não obstante a sua idade, um papel de relevo na tomada da cidade, levando a cabo as mais variadas façanhas.

#### Página 100

1- Sobre Francisco Pacheco dispomos apenas das informações veiculadas pela presente carta e pela que se lhe segue (**Ep.** 13, pp. 100-101 e **Ep.** 14, pp. 102-103) resposta de Cardoso à primeira. Deste modo, sabemos pela presente, uma carta de apresentação, que Francisco Pacheco, então um jovem, era amigo de Jorge da Costa, aluno de Cardoso (cf. *infra*: «Georgius a Costa auditor meus idemque tui (quod uideo) studiosus», **Ep.** 14, p. 102), o qual terá instado com Francisco Pacheco para que este escrevesse a Cardoso e servido, simultaneamente, de correio.

A resposta de Cardoso coloca Francisco Pacheco na esfera de Jorge Coelho, secretário particular do Cardeal Infante D. Henrique (a seu respeito, v. *supra*, Ep. 7, p. 89, n. 1), e, não poupando elogios à carta recebida e ao talento do seu jovem autor, termina com protestos de amizade. Não obstante, o nome de Francisco Pacheco não tornará a surgir nos escritos de Cardoso.

2- Literalmente, a expressão empregada por Cardoso significa «de nariz assoado». A sua fonte tanto pode ser Horácio, que a utiliza no seguinte passo: «hinc omnis pendet Lucilius, hosce secutus/ mutatis tantum pedibus numeris que; facetus,/ emunctae naris, durus componere versus» (*Sat.*), 1, 4, 6-8), como Fedro, que classifica Esopo como «naris emunctae senex» (3, 3, 14). Jerónimo Cardoso, por sua vez, não deixa de registar esta expressão no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 61-v.º, ao escrever: «Emunctae naris homo. Homem de bom juyzo».

Para outras ocorrências desta expressão em textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *infra*: «in qua si quippiam ineruditum ac male compactum uel tu uel quispiam alius magis emunctae naris deprehenderit» (Ep. 43, p. 166).

3- Sobre Jorge da Costa, amigo de Francisco Pacheco e aluno de Jerónimo Cardoso, v. *infra*, Ep. 14, p. 102, n. 5.

#### Página 102

1- Sobre Francisco Pacheco, figura do círculo de Jorge Coelho e amigo de Jorge da Costa, aluno de Cardoso, v. *supra*, Ep. 13, p. 100, n. 1.

2- Literalmente, «doce como o mel». Sobre a comparação da amizade e de certos amigos com a doçura do mel, v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 1.

3- Cf. *infra*: «Verum hasce fores [...] sic penitus patefecisti» (Ep. 14, p. 102). Sobre a expressão paralela «fores aperire» e o seu sentido, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 6.

4- Sobre o humanista Jorge Coelho, secretário do Cardeal Infante D. Henrique e correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 7, p. 29, n. 1.

5- Sobre Jorge da Costa, apenas se sabe o que este passo da presente carta nos diz, em concreto, que ao tempo da sua redacção frequentava o estudo de Jerónimo Cardoso e seria um amigo chegado de Francisco Pacheco, destinatário desta missiva. Que os uniam laços de amizade ficara já patente por palavras da carta anterior (cf. *supra*: «Georgio a Costa quo cum mihi saepe de te sermo familiariter instituitur» Ep. 13, p. 100). Seria acaso parente de Manuel da Costa, o *Subtil*, a quem Cardoso dirige uma das composições incluídas no *Siluarum Liber Vnus* (v. *infra*, Sil. 5, pp. 377-379)? O seu nome, referido apenas nesta carta e na precedente, não tornará a surgir.

6- Cf. *supra*: «ad huius amicitiae iamdiu mihi exoptatae fores patefaciendas» (Ep. 14, p. 102). Sobre a expressão paralela «fores aperire» e o seu sentido, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 6.

7- Não se tratando propriamente de uma citação, Jerónimo Cardoso recorre, neste ponto, a uma expressão que Horácio emprega ao tecer considerações várias sobre o seu ideal de poesia: «primum ego me illorum dederim quibus esse poetis/ excerpam numero» (*Sat.*), 1, 4, 39-40).

#### Página 104

1- Nascido provavelmente em Évora, entre os anos de 1498 e 1500, Álvaro Gomes, pensador e teólogo português, frequentou como bolseiro a Universidade de Salamanca e, depois, a Sorbone de Paris, onde veio a doutorar-se em Teologia. Segundo Barbosa Machado (*op. cit.*, tomo I, p. 104), teria ensinado em Paris e Salamanca. Depois, tendo regressado a Portugal em 1532, ensinou Teologia ao Cardeal D. Afonso e, até à morte deste, ocorrida em 1540, trabalhou na censura de livros. Entre Fevereiro de 1545 e finais de 1546 leccionou na Universidade de Coimbra. Em data incerta (que deve no entanto situar-se por inícios de 1538), foi Álvaro Gomes nomeado prior da Igreja de S. Nicolau de Lisboa, *munus* que

desempenhou até ao fim da sua vida. A sua obra, marcada por preocupações doutrinárias, oscila entre a defesa da ortodoxia e a crítica da Reforma, como, de resto, a de outros humanistas portugueses do seu tempo.

Na obra de Jerónimo Cardoso, Álvaro Gomes encontra-se representado por apenas dois textos: a presente missiva, que pelo conteúdo facilmente se depreende ter sido a primeira, e uma outra (v. *infra*, Ep. 17, pp. 109-110). Sobre a datação destas duas cartas, v. *infra*, Ep. 15, p. 104, n. 2.

A respeito de Álvaro Gomes, veja-se o artigo de F. da Gama Caeiro, «Gomes (Álvaro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 9, p. 719 e bibliografia aí citada; os trabalhos indicados por Isaltina D. Figueiredo Martins in *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, p. 174 e *HILAMPA*, p. 41 e pp. 155-156.

2- Como a carta escrita por Álvaro Gomes (v. *infra*, Ep. 17, p. 109) se encontra datada de 11 de Junho de 1538 e nela o autor lembra também que Cardoso não o esqueceu «post bimestre saltem», ou seja, «nem sequer depois de dois meses», pode concluir-se que o encontro a que Cardoso está prestes a referir-se teve lugar entre finais de Março e inícios de Abril de 1538 e que a presente missiva terá sido exarada nos primeiros dias de Junho desse ano. Para mais, se o «opulentissimo sacerdotio» que Cardoso menciona (v. *infra*, Ep. 15, p. 105) se puder identificar com o priorado da Igreja de S. Nicolau de Lisboa (v. *supra*, Ep. 15, p. 104, n. 1), poder-se-á datar a sua atribuição de Maio desse mesmo ano, dado que Cardoso, nesta sua carta, se lhe refere como algo de recente (cf. *infra*: «regis nuper beneficentiam expertus es», Ep. 15, p. 105).

#### Página 105

1- Para outros ataques contra aqueles que menosprezam as belas-letas, v. *supra*, Lib. 18, p. 48, n. 3.

2- Expressão tomada do poeta satírico D. Júnio Juvenal, que, falando a respeito da mulher ideal, a considera: «rara auis in terris nigroque simillima cyno» (6, 165). Também Lucrecio faz alusão a cisnes negros, quando, ao questionar-se sobre as cores, acaba por concluir que: «conueniebat enim coruos quoque saepe uolantis/ ex albis album pinnis iactare colorem/ et nigros fieri nigro de semine cynos/ aut alio quouis uno uarioque colore» (2, 822-825). Tanto num autor como no outro, os cisnes negros constituem δδύνατα.

3- Trata-se, muito provavelmente, do priorado de S. Nicolau de Lisboa, *munus* que Álvaro Gomes desempenharia até ao seu falecimento. Sobre este assunto, v. *supra*, Ep. 15, p. 104, n. 1.

4- Sobre a acção mecenática de D. João III, quer reformando o ensino em Portugal, quer enviando estudantes portugueses para universidades estrangeiras, v. *supra*, Ep. 1, p. 78, n. 1.

#### Página 106

1- Humanista e sacerdote, oriundo possivelmente de Alcântara, em Espanha, Rodrigo Sanches, irmão de Pedro Sanches, veio para Portugal em 1525, no séquito da rainha D. Catarina. Estabelecendo-se na corte como seu capelão, terá ensinado Latim pelo menos desde 1529, contando, entre os seus alunos, a infanta D. Maria, filha de D. Manuel e uma sobrinha desta, também chamada D. Maria, filha de D. João III e futura esposa de Filipe II de Espanha, bem como uma filha de João Rodrigues de Sá de Meneses. Também um sobrinho de Rodrigo Sanches, Francisco Sanches, cognominado *el Brocense*, notável filólogo espanhol, sendo pagem de D. Catarina entre 1540 e 1543, terá escutado as suas lições. Da obra latina de Rodrigo Sanches conserva-se apenas, no Ms. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa, um conjunto de 13 cartas (indexadas por C. Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 134-135), trocadas com humanistas portugueses como Baltasar de Teive, Bartolomeu Filipe e Joana Vaz, entre outros. Tendo recebido de D. Catarina, pelo ano de 1534, o priorado de S. Maria de Óbidos, para aí se retirou Rodrigo Sanches, exercendo o seu *munus* de forma exemplar até à sua morte, ocorrida a 24 de Abril de 1583.

Embora o relacionamento de Jerónimo Cardoso com Pedro Sanches esteja largamente documentado (conhecemos um total de 15 textos), o mesmo não sucede com Rodrigo Sanches, sendo esta carta a ele dirigida o único texto de que temos conhecimento. No entanto, sabemos, por carta endereçada a

Luis Pires (v. *infra*, Ep. 30, pp. 137-138) que Rodrigo Sanches acedeu ao manuscrito da *Oratio* de Cardoso e este pede encarecidamente a Luis Pires que o informe sobre as observações daquele, a quem considera um «homo multae et seriae eruditionis, ac insuper grauissimus litterarum exactor». De resto, encontramos saudações de Rodrigo Sanches a Cardoso em cartas de terceiros (v. *infra*: «Frater cum Sanctiis, ut te suis nominibus plurimum salutarem, iusserunt», Ep. 44, p. 168, carta de Luis Pires e «Frater meus, cui non minus quam mihi ipsi, iam carus es: te plurimum salutatur. Ad quem libenter scriberet, si modo liceret a suis cottidianis laboribus respirare», Ep. 44, p. 168, carta de Pedro Sanches), bem como algumas outras alusões, que dão testemunho de uma amizade não propriamente efusiva, mas sincera.

Sobre Rodrigo Sanches, leia-se o artigo de A. da Costa Ramalho, «Sanches (Rodrigo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 20, p. 1122 e bibliografia aí citada; os títulos indicados por Isaltina D. Figueiredo Martins in *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, p. 230 e *HILAMPA*, p. 122 e p. 460.

2- Sobre o humanista Pedro Sanches, irmão do destinatário da presente missiva, bem como sobre os textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, v. *infra*: Ep. 32, p. 141, n. 1. Na única carta escrita por Jerónimo Cardoso a Pedro Sanches que se conserva nesta colectânea (a primeira que aquele lhe dirigiu, v. *infra*: Ep. 39, p. 156), o humanista de Lamego limita-se a enviar saudações a Rodrigo Sanches, que considera ser «uirum tum optimum tum doctissimum» (p. 157) e a afirmar que tinha a intenção de lhe escrever.

#### Página 107

1- Constituem estas palavras um manifesto testemunho da acção mecenática de Rodrigo Sanches para com Jerónimo Cardoso. De uma atitude semelhante para com outros humanistas nos dá conta C. Aparício Pereira (*op. cit.*, pp. 155-158), o qual, para além do apoio concedido a Cardoso, lembra ainda o caso de Pedro Mendes, professor de línguas latina e grega em Setúbal, o qual, em carta dirigida a Rodrigo Sanches, o considerava: «bonarum artium in hac nostra tempestate alterum esse Mecaenatem, et optimorum ingeniorum admirabilem patronus». De igual propensão dá testemunho uma carta de Rodrigo Sanches a Cristóvão de Miranda, em que o autor se coloca inteiramente ao seu dispor: «De nobis autem sic tibi uelim persuadeas, opera, fide, diligentia, studio rebusque omnibus me tibi tuisque defuturum nunquam».

2- Alusão ao célebre Labirinto de Creta, que Dédalo edificou, por ordem de Minos, para albergar o Minotauro, monstro híbrido, meio homem meio touro, fruto dos amores contranaturais de Pasífae. Sobre o encarceramento de Dédalo no Labirinto e a sua posterior fuga, v. *supra*, Lib. 16, 3, p. 36, n. 3.

#### Página 109

1- A respeito de Álvaro Gomes, pensador e teólogo português, correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 15, p. 104, n. 1.

2- Indicativo de uma grande glória (ou, por vezes, de uma grande alegria), este tipo de expressão encontra-se largamente difundido entre os autores clássicos, como Virgílio: «Nos tamen haec quocumque modo tibi nostra uicissim/ Dicemus, Daphnimque tuum tollemus ad astra./ Daphnim ad astra feremus» (*Ecl.*, 5, 50-52); Horácio: «Romae rus optas, absentem rusticus urbem/ tollis ad astra leuis» (*Sat.*), 2, 7, 28-29) e Cícero: «nos quidem longinqui et a te ipso missi in ultimas gentis ad caelum mehercule tollimus uerissimis ac iustissimis laudibus» (*Att.*, 15, 9, § 1) e «cum alii laudibus ad caelum res tuas gestas efferent» (*Marcell.*, § 29), entre outros. De sentido próximo, temos também as locuções «Digito se caelum putent attingere» (Cícero, *Att.*, 2, 1, § 7) e «Sublimi feriam sidera uertice» (Horácio, *C.*, 1, 1, 36). Para uma mais completa informação sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1728, p. 782.

Para além do presente caso, expressões deste tipo ocorrem nas seguintes cartas, *infra*: «dum te ad caelum paro efferre» (Ep. 36, p. 149, carta de Luis Pires); «non ita pridem ad sidera usque attollerer» (Ep. 40, p. 158, carta de Cristóvão Fernando); «et hoc quantum cumque praeconio ad caelum usque euehere» (Ep. 55, p. 191) e principalmente na poesia de Cardoso, *infra*: «Illustres tollant nitidum super aethera uates/ Heroas dios, magnanimosque duces» (Ap. 2, 1-2, p. 8); «Tum fas maiorum seriem generisque superbi/ Res gestas, et auos tollere in astra tuos» (Inst. 4, 37-38, p. 247); «Et sublime caput sub astra ferre» (El. 1, 7, 2, p. 265); «meumque/ Saepe tuis scriptis nomen in astra uehis» (El. 1, 8, 1-2, p. 266); «Et sublime ferunt

sidera ad alta caput» (El. 1, 12, 6, p. 273); «Nam te fama uehit uolucris super astra uolatu/ Sublimen» (El. 1, 19, 3-4, p. ); «Teque suis celebrat numeris: et ad aethera tollit» (El. 1, 26, 35, p. 305); «Aurea sublimi fama contingeret astra/ Vrbs illa» (El. 1, 29, 53-54, p. 311); «insigni laude sub astra ferat» (El. 2, 3, 2, p. 317); «Vtque facit magnum nomen ad astra ferat» (El. 2, 12, 80, p. 339); «Tollebas laudes sidera in alta meas» (El. 2, 18, 18, p. 349); «ut aethereas leuis euehere per auras» (Sil. 1, 8, p. 365); «Tu puer aequabis pernici celsa uolatu/ Sidera» (Sil. 1, 17-18, p. 365); «Cuius in astra uolat clarum per saecula nomen/ Curribus euectum famae» (Sil. 2, 8-9, p. 368); «laudemque ad sidera tollet/ Iste tuam» (Sil. 6, 75-76, p. 382); «quae sidera uertice pulsat» (Sil. 10, 3, p. 392); «Sed quod multorum ad caelum clamore secundo/ Tollitur» (Sil. 11, 23-24, p. 398) e «Sic tu me ingenti tollis super aethera laude» (Sil. 14, 23, p. 405).

3- O ser elogiado por uma pessoa estimada e digna, por sua vez, de louvor, constitui o motivo do seguinte fragmento de Névio: «Laetus sum laudari abs te, [...] a laudato uiro», ou seja, «estou contente por ser louvado por ti, que és um homem louvado» (*Heitor*, 17 R.<sup>3</sup>), o qual, por sua vez, é citado como provérbio por Cícero (*Fam.*, 5, 12, 7 e 15, 6, 1; *Tusc.*, 4, 31, 67) e por Séneca (*Ep.*, 102, 16), surgindo ainda em Mamertino (2, 246, 6) e em Símaco (*Ep.*, 1, 3, 1 e 9, 110). Horácio, por sua vez, indiciando desprezo e desdém pelo parecer do vulgo, escreve: «nam satis est equitem mihi plaudere», isto é, «basta-me ser aplaudido por um cavaleiro» (*Sat.*, 1, 10, 76). Sobre este assunto, veja-se Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1333, p. 603.

Também em Jerónimo Cardoso se encontra presente este motivo, surgindo nos seguintes passos da sua obra: «Nec enim ignoro abs te uiro doctissimo ac multifaria praedito litteratura, quempiam laudari pro summa et ineffabili laude et honore amplissimo merito censendum esse» (*Ep.* 33, p. 143); «Quod uero Silenidem nostram tam magnifice effers mirum quam sim exhilaratus. Tum quod ab homine laudatissimo qui ipse semper in laude uixerit, nugas meas pueriles sane et triuales laudari facile perspexi» (*Ep.* 61, p. 204) e «Laus est uera quidem, qua nulla beatior usquam./ Laudari a claro qualis es ipse uiro » (El. 1, 4, 41-42, p. 259).

4- Refere-se Álvaro Gomes a um encontro com Jerónimo Cardoso verificado entre finais de Março e inícios de Abril de 1538. A este respeito, v. *supra*, *Ep.* 15, p. 104, n. 2.

5- Cf. *supra*: «regis nuper beneficentiam expertus es, qui te opulentissimo sacerdotio tibi quasi quodam iure debito donauit» (*Ep.* 15, p. 105). Trata-se provavelmente da atribuição do priorado de S. Nicolau de Lisboa, cargo que Álvaro Gomes ocupou até falecer. Sobre este assunto, v. *supra*, *Ep.* 15, p. 104, n. 1.

#### Página 110

1- Sem dúvida uma alusão ao êxito alcançado pela *Oratio pro Rostris* (Lib. 18), pronunciada por Cardoso na abertura solene do ano lectivo na Universidade, a 1 de Outubro de 1536, portanto, menos de dois anos antes de esta carta ter sido exarada.

2- Sobre a importância da datação desta missiva, v. *supra*, *Ep.* 15, p. 104, n. 2.

#### Página 111

1- Embora não se encontrem outras fontes sobre Pedro Gomes de Abreu que nos permitam visualizar o seu percurso, o seu nome, no entanto, ocorre com certa frequência nos textos de Cardoso e de outros correspondentes seus. Temos, deste modo, para além da presente, duas cartas de Cardoso a ele dirigidas (*Ep.* 24, pp. 122-124 e *Ep.* 49, pp. 177-178), textos do maior interesse pelas informações neles contidas sobre a génese de vários poemas deste autor. Há ainda uma elegia de Cardoso a ele dedicada (El. 1, 21, pp. 291-293). O seu nome surge ocasionalmente em outros textos dirigidos por Cardoso a terceiros e vice-versa (caso de *Ep.* 21, pp. 117-118, carta de Bartolomeu Filipe a Cardoso; *Ep.* 22, pp. 119-120, resposta deste à missiva anterior; *Ep.* 43, pp. 165-166, carta de Cardoso a António Vaz, seu antigo aluno; *Ep.* 54, p. 195, carta de Luís Pires a Cardoso e ainda um poema dedicado a Manuel da Costa, Sil. 5, 59-69, p. 378). Este conjunto de textos permite vislumbrar uma sólida relação de amizade entre Jerónimo Cardoso e Pedro Gomes de Abreu (também referido como Pedro; Pedro de Abreu; Pedro Gomes ou, simplesmente, Abreu). Não resta, num tal conjunto de textos, nenhuma alusão que nos permita afirmar que Pedro de

Abreu tenha sido aluno de Cardoso (assim sugere, no entanto, o tom desta missiva). O mecenatismo de Pedro de Abreu para com Cardoso infere-se das próprias palavras deste, que, numa das cartas, se reconhece «tuaque singulari probitate obnoxium» (v. supra, Ep. 24, pp. 123), confessando logo depois que lhe deve absolutamente tudo.

As três cartas dirigidas a Pedro de Abreu foram escritas em períodos durante os quais esteve ausente da cidade de Lisboa. Embora nelas nada se diga sobre o lugar onde então se encontrava, o facto de se ter relacionado com Bartolomeu Filipe (facto verificável pelas alusões contidas em Ep. 21 e Ep. 22), que veio a ser professor da Universidade, permite concluir que, em Fevereiro de 1539, data da primeira, Pedro de Abreu se encontrava em Coimbra, suposição corroborada pelos versos finais de Sil. 5, em que Cardoso lança uma amarga apóstrofe contra esta cidade, que o privara já de tantos amigos e, agora, o privava do seu caro Abreu. No poema que lhe dedica, Cardoso lamenta a sua ausência e a demora em regressar, retido certamente na cidade do Mondego. Já a referida carta de Luís Pires (Ep. 57) mostra Pedro de Abreu junto de Cardoso, podendo ser anterior à sua partida para Coimbra ou ter sido escrita num período de férias.

A presente missiva mostra o empenho de Cardoso em responder a duas cartas de Pedro de Abreu já anteriormente recebidas, uma em português, a outra em latim. Elogia a segunda, comparando-a com uma outra, mais antiga, certamente latina e conclui pela superioridade da mais recente. Afirma a sua amizade, lembrando os muitos favores recebidos e o modo como Pedro de Abreu defendeu o seu nome, chegando a ponto de o comparar com João Fernando.

2- Alusão a duas cartas exaradas por Pedro Gomes de Abreu, uma em português, a outra em língua latina, durante a sua estadia em Coimbra. Nenhuma delas se conserva.

3- Ou seja, no primeiro dia de Dezembro.

#### **Página 112**

1-Sobre esta missiva, cf. *supra*, Ep. 18, p. 111, n. 2.

2- Referência a uma terceira carta de Pedro Gomes de Abreu, escrita, sem dúvida em latim, que também não foi incluída por Cardoso no seu epistolário.

#### **Página 113**

1- Esta expressão, que Jerónimo Cardoso regista, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 78-v.º, sob a forma de um adágio: «Gigantum fraterculus. Homem bayxo que lhe não conhecem pay nem may», procede de D. Júnio Juvenal, poeta satírico que Cardoso não nomeia, o qual a utiliza no seguinte verso: «unde fit ut malim fraterculus esse gigantis» (4, 98).

2- Humanista e professor universitário, nascido em Sevilha, cerca de 1499, João Fernandes veio a estabelecer-se em Coimbra, onde ensinou nos cursos de Artes do Mosteiro de Santa Cruz, pelo menos desde 1536. Anteriormente tinha já sido professor nas universidades de Alcalá de Henares e Salamanca. Em 1537 travou polémica com João Rodrigues de Sá de Meneses e D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, a propósito do *De Platano*, escrito por aquele, conservando-se manuscrita a carta que então escreveu. Continuando o seu magistério em Santa Cruz, aí pronuncia, em 1539, uma *Oratio pro Rostris* em que elogia a orientação humanística desse estudo. Como orador oficial da Universidade, pronunciou a oração fúnebre pela morte de D. Duarte, filho natural de D. João III, falecido em 1543, e uma outra oração, com que saudou a visita do infante D. Luís, irmão do monarca, à Universidade, no ano de 1548, data em que este discurso e o anterior foram publicados. Trabalhou, por esta altura, numa edição expurgada dos *Colloquia* de Erasmo de Roterdão, livro que veio a circular em 1551/1552. Dispensado pelo rei do serviço docente na Universidade a 25 de Maio de 1549, João Fernandes ocupou-se da educação de D. João, filho do Duque de Bragança, em Vila Viçosa, sendo provido da comenda de Santiago de Parede pelo Duque D. Teodósio a 13 de Outubro de 1557. Viria a falecer, provavelmente em Vila Viçosa, pelo ano de 1578.

Embora se desconheça a data de redacção da presente missiva, o facto de Jerónimo Cardoso não esconder a sua admiração por João Fernandes permite concluir ter sido esta exarada entre os anos de 1536 e 1549, ou seja, no período em que João Fernandes residiu em Coimbra, gozando então de grande renome

entre amigos e antigos alunos de Jerónimo Cardoso. O seu nome não tornará a surgir nos escritos de Cardoso.

A respeito desta figura, veja-se o artigo de A. da Costa Ramalho, «Fernandes (João)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 8, pp. 589-590 e bibliografia aí indicada; os títulos indicados por Isaltina D. Figueiredo Martins in *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, p. 158 e *HILAMPA*, p. 96 e pp. 372-373.

3- Trata-se de Eros (em gr. Ἔρως) ou Cupido, deus do amor e, neste caso, da amizade. Segundo um conceito já difundido entre os autores clássicos e que decorre da constatação de que quem ama não consegue reconhecer defeitos nem vícios na pessoa amada, este deus apresentava-se privado, entre outros, do sentido da visão, imagem esta fixada no provérbio latino «amor caecus», ou seja, «o amor é cego». Tal motivo encontra-se representado em Plauto (*Mil.*, 1259), Horácio (*Sat.*, 1, 3, 38-40 e *C.*, 1, 18, 14 e seg.) e S. Jerónimo (*Aduersus Ioannem Hierosolymitanum*, 3, 409 e *Comentário a Oséias*, 3, *praef.*). Em grego regista-se um provérbio equivalente: τυφλοῦται περὶ τὸ φιλοῦμενον ὁ φιλῶν, ou seja, «quem ama é cego em relação ao ser amado», que deriva de um passo de Platão (*Lg.*, 5, 731 e). Também em Menandro (fr. 43 K.-Th) o amor ἐπισκοπεῖ («cega»). A este respeito, veja-se Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1418, pp. 647-648.

Para outras ocorrências deste motivo nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *infra*: «nihil mirum, si in me quoque commendando amori magis quam iudicio sit obsecutus» (*Ep.* 22, p. 119); «nec amore caecutior» (*Ep.* 37, p. 151); «quando amoris potius et benevolentiae partes quam iudicii sequeris» e «in iudicandis nostris tanta amoris nebula praestringeris ut iudicium tuum quamuis subtile et acre suos habere numeros non possit» (*Ep.* 60, p. 201); «cum amicitiae et amoris erga me suo magis quam iudicio obsequatur» e «summa et ampla ille amoris nebula obcaecatus existimat» (*Ep.* 61, p. 204) e «Improbis, indomitis, flagrans, crudelis, acerbis/ Caecus, et effrenus, perfidus, atque ferox/ Impatiens, petulans, turpis, furiosus, iniquus./ Impius insanus, perniciosus, Amor» (*Mon.* 3, 29-32, p. 222, poema de Salvador Rodrigues); «Verum amor flagrans (puto) te fefellit./ Lusit et idem./ Namque deformes putat is decoros./ Laudat indoctos, uitiis opertos/ Optimos credit: nihil et merenti/ Munera praebet» (*El.* 2, 13, 11-16, p. 340); «Nec me fraterno deceptum credet amore./ Quo minus haec de te quae sensi uera referrem» e «quod amor soleat praestinguere mentes./ Fallere iudicium, pro falsis uera putare» (*Sil.* 7, 61-62 e 72-73, p. 386).

#### Página 114

1- Matemático português de origem judaica, nascido em Alcácer do Sal em 1502, Pedro Nunes frequentou estudos de Artes, Matemática e Medicina na Universidade de Salamanca, provavelmente desde 1520, obtendo, em 1526 o grau de Bacharel e continuando depois os estudos, de 1527 a 1529, na Universidade de Alcalá de Henares. De regresso a Portugal, é feito Cosmógrafo do Reino a 16 de Novembro de 1529, concorrendo, logo depois, à cadeira de Filosofia Moral da Universidade de Lisboa, que obtém a 4 de Dezembro desse ano. Aí ensinou igualmente Lógica e Metafísica e prestou provas, a 16 de Fevereiro de 1532, para a licenciatura em Medicina, título que obteve, depois, em Salamanca. Ainda no ano de 1532, retira-se do ensino público, passando a leccionar os infantes D. Luís e D. Henrique. Feito Cosmógrafo-mor do reino a 12 de Dezembro de 1547, obtivera a 16 de Outubro de 1544 a cadeira de Matemática na Universidade de Coimbra, que regeu até se aposentar, a 4 de Fevereiro de 1562. Viria a falecer nessa cidade, a 11 de Agosto de 1578.

Da sua obra destaca-se a invenção do nónio (uma escala, anexa à escala principal, pela qual se pode ler, nas fracções de divisão, com um rigor maior do que por mera estimativa), descrito no seu tratado *De Crepusculis*, obra de renome internacional vinda a lume em 1542. A Pedro Nunes se deve igualmente a invenção das linhas de rumo (loxodromias).

Na obra de Jerónimo Cardoso, o nome de Pedro Nunes figura uma única vez, como destinatário da presente missiva, não havendo nenhum outro texto a ele dirigido nem da sua autoria.

Acerca de Pedro Nunes e da sua obra, veja-se o artigo de A. Oliveira «Nunes (Pedro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 14, pp. 386-387 e bibliografia aí citada; os títulos indicados por Isaltina D. Figueiredo Martins in *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, pp. 200-204 e *HILAMPA*, p. 119 e pp. 452-453.

2- Elabora Jerónimo Cardoso neste passo um pensamento expresso inicialmente por Ovídio, nos seguintes termos: «Est quoque cunctarum nouitas carissima rerum», ou seja, «a novidade é a mais

agradável de todas as coisas» (*Pont.*, 3, 4, 51), o qual está na origem do adágio «Grata rerum nouitas», que Cardoso regista, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 80-v.º, ainda que de forma abreviada: «Grata nouitas. Todos folgão com nouas, ou com nouidades». A *nouitas* surge ainda como algo de agradável em Cícero (*De Diuinatione*, 2, 28, § 60), em Quintiliano (*Inst.*, 1, 6, § 39) e em Justiniano Justino (*praef.*, 1). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 773, p. 364.

### Página 115

1- Segundo J. Verísimo Serrão (*op. cit.*, pp. 307-308), o nome de Aires Gomes (homónimo e coevo de um estudante de Salamanca que foi depois nomeado físico do hospital de Todos os Santos de Lisboa) consta na lista de matrícula de estudantes de Coimbra em 8 de Julho de 1538, nos seguintes termos: «ayres gomes f.º de serem gomez de coybra», não havendo porém indicação do curso que aí frequentava. Anos mais tarde terá passado a Paris, onde Luís de Matos (*Les Portugais à L'Université de Paris*, p. 96) regista a sua presença por volta de 1542, provavelmente para obter o grau de licenciado, dado que seria já bacharel de Direito desde o ano anterior (cf. Mário Brandão, *Actas dos Conselhos da Universidade*, tomo I, p. 87). Jerónimo Cardoso, no entanto, no texto desta epístola, ao aludir ao seu regresso de Paris, refere apenas que Aires Gomes terá desenvolvido os seus estudos nessa cidade, aperfeiçoando o domínio da língua latina.

Ignora-se a data do regresso de Aires Gomes de Paris, que Cardoso saúda na presente missiva e ainda numa poesia dos *Elegiarum Libri II*, (El. 2, 4, p. 319), os únicos textos a ele dedicados por Cardoso que ainda subsistem (J. Verísimo Serrão, *ibidem*, pp. 307-308, lembra o primeiro mas ignora a existência do segundo). Tal informação permitiria datar com segurança ambos os textos que, em todo o caso, terão sido escritos por meados da década de 1540.

Pelo título desta carta, sabe-se que Aires Gomes fora aluno de Jerónimo Cardoso, circunstância igualmente lembrada no corpo da mesma pela metáfora que se pode designar como «milícia do saber» (cf. *infra*: «Cum tu unus semper fueris ex omnibus qui sub meis uexillis aliquamdiu militarunt», Ep. 20, p. 115), e, pelo facto de o ter ido visitar logo após o seu regresso, depreende-se que continuava muito afeiçoado ao seu antigo mestre de Gramática. Na elegia acima referida, dirigida «Ad Arium Gomesium, e Lutetia redeuntem» e que muito provavelmente se destinava a acompanhar o texto da carta, Cardoso celebra igualmente o seu regresso de Paris e a sua terna amizade, chamando-lhe «censor candidus ille meus» (v. 24, p. 320). O nome de Aires Gomes não tomará a aparecer nos textos do Lamecense.

2- Jerónimo Cardoso emprega, neste ponto, um helenismo, *laconismus*, *i*, que os dicionários modernos consultados não registam, e que mais não é do que o nome grego λακωνισμός, οῦ, devidamente transliterado. Cardoso, no entanto, regista esta palavra no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 104-v.º, da seguinte forma: «Laconismus, *i*. A brevidade: porque os Lacedemonios foram homens de poucas palavras».

Para outras ocorrências deste nome nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Nec iam epistularis laconismus quantum ceperim uoluptatis [...] plene et abunde me sinit exponere» (Ep. 51, p. 181) e «cum rem litterariam effusissimam [...] tanto laconismo fueris complexus» (Ep. 55, p. 191).

3- Sobre a presente metáfora, que podemos designar como «milícia do saber», v. *infra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

4- Sobre a comparação da rigidez, inflexibilidade e inexorabilidade do carácter humano à dureza de um diamante, v. *supra*, Lib. 2, 235, p. 18, n. 2.

5- Não obstante o rigor desta afirmação, dela apenas se pode concluir que Aires Gomes continuava muito afeiçoado ao seu velho mestre de Gramática. Com efeito, não se sabe, por um lado, quando regressou Aires Gomes de Paris, algo que permitiria datar esta missiva, nem, por outro, esta carta serve para determinar a data do seu regresso, visto não estar datada.

6- Nome de um dos bairros de Roma, muito populoso e mal frequentado, a Subura estava situada na segunda região, entre os montes Esquilino, Viminal e Quirinal. Lugar de tabernas ruidosas e centro de prostituição, nele se vendiam ainda provisões. Ignorando a má fama do lugar, Jerónimo Cardoso compara o falar de Aires Gomes ao de um homem da Subura, querendo com isso significar apenas que o latim falado

por este era genuíno e natural, como seria o de um Romano nascido no coração da Urbe. Naturalmente, semelhante comparação não encontra precedentes entre os autores clássicos latinos.

#### Página 116

1- Exortação ao estudo, feita nos mesmos moldes com que surge na parte final da *Oratio pro Rostris* (cf. *supra*, **Lib.** 18, p. 70, n. 5).

2- O adjectivo utilizado por Cardoso neste passo, *succisiuus* (*subcisiuus*, *subsiciuus*, ou ainda *subseciuus*) termo técnico usado pelos agrimensores, designava inicialmente as parcelas de terreno que excediam uma certa medida ou distribuição, ficando deste modo desocupadas. O seu âmbito alargou-se, depois, para as porções de tempo não ocupadas pelo *negotium*, sendo frequentes, entre os autores clássicos, as referências ao «subsiciuum tempus» (caso de Cícero, *Leg.*, 1, 3, § 9; Plínio-o-Antigo, *N. H.*, *praef.*, § 18; Plínio-o-Jovem, *Ep.*, 3, 15, § 1; Aulo Gélio, § 23 e 18, 10, § 8 e Quintiliano, *Inst.*, 1, 12, § 13). A expressão «horae subsiciuae», por outro lado, aplicava-se aos trabalhos efectuados nas horas deixadas livres pelas ocupações principais, constituindo o título de obras em que se reuniam textos menores. A este respeito, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 955, p. 447.

Para outras ocorrências desta expressão em textos de Jerónimo Cardoso e dos seus correspondentes, v. *infra*: «quoad per succisiuas horas licuerit» (**Ep.** 37, p. 152) e «tunc Ciceronem aut poetam aliquem subsiciuis horis arripio qui molestiam leuet» (**Ep.** 54, p. 188, carta de Inácio de Morais).

#### Página 117

1- Segundo Barbosa Machado, *op. cit.*, tomo I, pp. 461-462, Bartolomeu Filipe, natural de Lisboa, onde nasceu pelo ano de 1490, teria estudado em Salamanca, onde obteve o grau de Bacharel em Cânones, e depois em Coimbra, aí se doutorando em Direito Pontifício a 7 de Outubro de 1538. Começou a leccionar Cânones na Universidade, a 13 de Outubro de 1539, passando a lente a 3 de Novembro de 1547 e acedendo por fim à cadeira de Véspera em 1554. Em 1581 foi-lhe atribuída uma pensão para fazer imprimir as suas obras, pensão essa de que usufruiu até 1589, ano em que se poderá fixar a sua morte, não obstante Barbosa Machado afirmar (não sabemos com que fundamento) que Bartolomeu Filipe morreu com a prodigiosa idade de 110 anos.

Barbosa Machado apresenta igualmente um elenco das suas obras, lembrando ainda as duas cartas trocadas entre Bartolomeu Filipe e Jerónimo Cardoso (**Ep.** 21 e **Ep.** 22), no entanto, pelo índice dos textos conservados no Ms. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa, que Cândido Aparício Pereira apresenta (*op. cit.*, pp. 28-37), é possível constatar a existência de uma carta de Bartolomeu Filipe a Rodrigo Sanches (n.º 21) e duas outras endereçadas por este àquele (n.ºs 20 e 22), datadas uma de 1532, a outra de 1533.

Na presente missiva, com a data de 26 de Fevereiro de 1539, sem dúvida o primeiro texto trocado entre ambos, Bartolomeu Filipe apresenta-se a Cardoso, alegando como pretexto a recente amizade de Pedro Gomes de Abreu, também ele amigo e correspondente de Cardoso, ao mesmo tempo que elogia abertamente a sua actuação como pedagogo. Na resposta (**Ep.** 22, v. *infra*, pp. 119, 120), que pelas palavras iniciais se verifica ter sido escrita pouco tempo depois, Cardoso enaltece a carta recebida, testemunha o seu reconhecimento para com Pedro de Abreu, a cuja amizade se deve o encetar desta nova relação, lembrando ainda que a sua admiração por Bartolomeu Filipe datava já dos tempos de Salamanca. Para além destas duas cartas, o nome de Bartolomeu Filipe não tornará a surgir nos escritos de Cardoso.

Sobre este correspondente de Jerónimo Cardoso, veja-se, para além do já citado artigo de D. Barbosa Machado, *HISLAMP*, p. 56 e p. 215.

2- Sobre Pedro Gomes de Abreu, amigo e correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ep.** 18, p. 111, n. 1.

3- Literalmente, «é comum tudo o que se refere à amizade», ou, por outras palavras, «os amigos têm tudo em comum». Atribuído, segundo várias fontes, a Pitágoras, que teria dado ordem aos seus discípulos para que possuíssem em comum todos os bens, o provérbio utilizado por Bartolomeu Filipe encontra-se, com ligeira variação, entre outros, em Menandro (κουνὰ <γάρ> τὰ τῶν φίλων, fr. 10 K.-Th), em Platão (*Lg.*, 5, 739 c), filósofo para quem a vida na pólis se deveria reger por este princípio, e em Aristóteles (*E. N.*, 9, 1168 b 7 s.). Já entre os autores latinos, encontra-se documentada em Terêncio, sob a

forma «Communia esse amicorum inter se omnia» (*Ad.*, 803), tomada certamente de Menandro, sua fonte habitual. Também Cícero se refere à comunhão de bens (*Off.*, 1, 16, 51), bem como Séneca (*Ep.*, 48, § 2 e *Ben.*, 7, 4, § 1; 7, 12, § 1 e 7, 12, § 5) e Marcial, que inicia com as palavras κοινὰ φίλων um dos seus poemas (2, 43). Com uma conotação distintamente moral (como é aqui o caso) tal expressão ocorre em Cecílio Estácio (247 R.<sup>3</sup>); em Séneca (*Ep.*, 3, § 2; 6, § 3) e Frontão (*Epistulae ad Amicos*, 1, 17 [174, 28, Van den Hout]). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1305, pp. 588-589.

4- Ou seja, como um herói por excelência, cujos feitos apenas se podem comparar aos de Hércules. Nascido da união entre Egeu, rei de Atenas, e Etra (ou entre esta e Poséidon) e criado junto de seu avô Piteu, Teseu desde tenra idade deu mostras da sua valentia. Quando Hércules, hóspede em casa de seu avô, pousou a pele do Leão de Nemeia, todas as crianças fugiram, pensando que se tratava de um leão vivo, somente Teseu, contando apenas sete anos, tomou armas e atacou o animal. Mais tarde, já adolescente, invejoso da fama de Hércules, resolve imitá-lo. A caminho de Atenas, para reclamar os seus direitos, matou os bandidos Perifetes e Sínis, a porca Crómion, Ciro, Cercion e Damastes. Logo depois, por indicação de Medeia, capturou e sacrificou o Touro de Maratona, feito no decorrer do qual foi reconhecido por seu pai. Eliminou, de seguida, os Palântidas, sobrinhos de Egeu e herdeiros do trono. Entretanto, enviado para Creta, desperta a paixão de Ariadne, filha de Minos, conseguindo matar o Minotauro e sair do Labirinto graças ao expediente do fio. Mais tarde, já senhor de Atenas por morte de Egeu, empreendeu ainda a guerra contra as Amazonas e participou, ao lado de Pirítoo, no combate entre os Lápitas e os Centauros.

Para uma outra alusão a esta figura, presente na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Hoc tantum dic diua precor, me excedere fama/ Aemonium Pyladem [...] Cecropiumque ducem» (*Sil.* 3, 28-30, p. 372).

5- Cf. *infra*: «opto ut quod facis perpetuo facias, Lusitanam iuventutem doctrina moribus pietate instituas» (*Ep.* 21, p. 118). Informação relevante sob o ponto de vista da biografia de Jerónimo Cardoso. A tal respeito, v. *supra*, *Ep.* 9, p. 94, n. 1.

Bartolomeu Filipe compara a aula de Cardoso ao cavalo de madeira, célebre estratagema maquinado pelo astuto Ulisses para conseguir ultrapassar as inexpugnáveis muralhas de Tróia, cavalo esse que encerrou, no ventre oco, alguns dos mais valorosos guerreiros aqueus, como Neoptólemo, Diomedes, Menelau, Macáon, etc., conforme se lê na *Odisséia*, 8, 219 e segg. Jerónimo Cardoso, baseando-se provavelmente nestas palavras de Bartolomeu Filipe, virá a utilizar esta mesma comparação numa carta endereçada a André Taveira, cf. *infra*: «ex tam multis auditoribus quos ex hoc meo litterario ludo tanquam ex equo Troiano (nec id arroganter dico) fortissimos heroas effudimus» (*Ep.* 45, p. 170).

6- Ou, literalmente, «um prego para traves». Esta expressão, que indica algo muito bem fixado na memória ou solidamente estabelecido, ocorre, com pequenas variações, em Plauto (*Asin.*, 156), em Cícero (*Verr.*, 2, 5, 21, § 53) e em Petrónio (*Sat.*, 75, 7), não deixando Cardoso de a registar, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 38 r.<sup>o</sup>, nos seguintes termos: «Clauus trabalis. Prego grosso com que se pregão as traues das naos, Vsaremos isto quando dissermos que alguma cousa esta firme, como he estar pregada com prego de nao». A este propósito refira-se que, em Horácio (*C.*, 1, 35, 18 e 3, 24, 5), a *Necessitas* se encontra munida com pregos de carpinteiro. Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 906, p. 427.

#### Página 118

1- Cf. *supra*: «tibi e cuius schola non inferioris notae discipulos quam olim ex equo Troiano heroas processisse plerique omnes intellegant» (*Ep.* 21, p. 117). Informação relevante no que concerne à biografia de Jerónimo Cardoso. Sobre este assunto, v. *supra*, *Ep.* 9, p. 94, n. 1.

2- Ou seja, a 26 de Fevereiro de 1539 (dado que esse ano não foi bissexto), dia que caiu a uma quarta-feira.

#### Página 119

1- A respeito de Bartolomeu Filipe, professor da Universidade de Coimbra e correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 21, p. 117, n. 1.

2- Sobre este adágio e a sua única ocorrência em textos clássicos, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 53, n. 13.

3- Relativamente a Pedro Gomes de Abreu, amigo e correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ep. 18**, p. 111, n. 1.

4- Variação sobre o motivo da cegueira do amor apresentada em termos muito próximos aos que ocorrem numa carta dirigida por Cardoso a Martinho Coelho, seu antigo aluno (cf. *infra*: «quando amoris potius et benevolentiae partes quam iudicii sequeris», **Ep. 60**, p. 201). Sobre o tópico da cegueira do amor (e da amizade), segundo o qual quem ama não consegue reconhecer vícios ou defeitos na pessoa amada, v. *supra*, **Ep. 18**, p. 113, n. 3.

#### **Página 120**

1- Informação relevante sob o ponto de vista da biografia de Jerónimo Cardoso, por constituir uma clara alusão à sua passagem pela Universidade de Salamanca. Cardoso tinha já conhecimento da pessoa de Bartolomeu Filipe, sem no entanto ter com ele estabelecido qualquer tipo de relação.

#### **Página 121**

1-

2- Cf. *infra*: «Duo illa ultima carmina quoniam duriuscula mihi uisa sunt, ac nescio quid uitii habere, emendata tibi mittimus» (**Ep. 23**, p. 121). Alusão a vários poemas enviados por Fernando Brandão a Jerónimo Cardoso para que este emitisse sobre eles o seu parecer e os corrigisse. Os ditos textos não vieram a ser incluídos em nenhuma das colectâneas de Cardoso, nem se encontra, a seu respeito, qualquer outro registo.

3- Diferente da expressão «ad unguem» ou «in unguem» («com exactidão», «com todo o esmero» ou «perfeitamente»), resultante do facto de os escultores, ao moldar, darem os últimos retoques com uma unha (ou de os marmoristas assim verificarem o acabamento das superfícies), a expressão «ungue poenas luere», usada por Fernando Brandão, tem, no entanto, sentido próximo de uma outra, registada por Cardoso no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 268-r.º, sob a seguinte forma: «Vngui notare. Emendar alguma cousa: porque na cousa mal composta logo se daua unhada».

Para outras ocorrências destas expressões nos textos dos correspondentes de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «unguesque intrepide ubi mendum esse uideretur, affigerem» (**Ep. 36**, p. 148, carta de António Luís); «non perfectissimus poeta euasisses nisi syllabarum quantitates et figuras ad unguem calluisses» (**Ep. 40**, p. 159, carta de Cristóvão Fernando); «Nihil igitur mireris si multa hic legeris, quae unguem et obeliscum desiderent» (**Ep. 46**, p. 172, carta de Pedro Sanches); «Quam si uersiculos [...] / A me compositos secare morsu / Vngui quin etiam uelis acuto» (**El. 1**, 16, 8-11 p. 283); «Integer et nostros iudex reprehendere uersus / Adsuesti: et lapsus ungue notare meos» (**El. 1**, 17, 37-38, p. 285) e «Si qua tamen tenui cernes incondita uersu, / Dente uel ungue precor quod meruere luant» (**El. 1**, 24, 75-76, p. 301).

4- Sobre este antigo sinal crítico, o óbelo, utilizado para assinalar os erros nos manuscritos, v. *supra*, **Ep. 4**, p. 83, n. 6.

5- Cf. *supra*: «Amor [...] impulit nos ut illa carmina [...] mittere ad te nihil dubitarem quae castiganda potius quam legenda mittebamus» (**Ep. 23**, p. 121). Nova referência às várias poesias remetidas a Jerónimo Cardoso pelo autor da missiva. A este respeito, v. *supra*, **Ep. 23**, p. 121, n. 2.

#### **Página 122**

1- Acerca de Pedro Gomes de Abreu, amigo chegado e correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ep. 18**, p. 111, n. 1. Lamenta a presente missiva o recente falecimento do jovem António de Freitas, um amigo comum, de cuja morte fora Cardoso detalhadamente informado por anterior carta de Pedro de Abreu, procura consolá-lo da perda do amigo com a esperança da imortalidade e responde depois ao apelo,

por ele lançado, para que recorde o falecido numa poesia. Enviando-lhe, enfim, o dito poema, solicita-lhe a sua revisão.

2- Cf. *infra*: «nihil enim mihi relictum est praeter quam singularem eius in me amicitiam et in ceteros quamdam ingenitam affabilitatem, mores praeterea probatissimos quos tu copiosissime litteris tuis pertractasti cottidie desiderare, adeo ut totum mihi litteras tuas legenti lachrimis sit os oppletum» (*Ep.* 24, p. 123). Referência a uma carta, escrita por Pedro Gomes de Abreu, que não veio a ser incluída por Cardoso nesta sua colectânea.

3- Sobre António de Freitas, amigo próximo de Pedro de Abreu, que Cardoso virá a qualificar como «magnae exemplar uirtutis et aequi» (*Sil.* 4, 4, p. 374), v. *infra*, *Sil.* 4, p. 374, n. 1.

4- A semelhante expressão recorre Jerónimo Cardoso, ainda que de forma mais sucinta, ao lamentar a morte prematura de Luísa Sigeia, aia da Infanta D. Maria, cf. *infra*: «quod si natura dolere/ Suadet, et interdum lacrimas effundere cogit:/ Si quis forte aliqua decedat clarus in arte:/ Quem non a superis unquam cuperemus abesse:/ Sed stabili semper uitae in statione manere:/ Gloria Romulei qualis fuit ille theatri/ Roscius: aeternum optauit quo Roma potiri./ Quanto plus illos, qui doctae sacra Mineruae/ Musarumque colunt» (*Mon.* 8, 29-37, p. 231).

### Página 123

1- Cf. *supra*: «Iniucundissimo quodam nuntio tuae me litterae pupugere, ac paene exanimarunt, Petre humanissime, ex quibus Antonium a Fretis iuuenem mehercule modestissimum et utrique nostrum aprime deditum nuper decessisse latius etiam quam uellem cognoui» (*Ep.* 24, p. 122). Relativamente a esta carta, v. *supra*, *Ep.* 24, p. 122, n. 2.

2- Desta exortação de Pedro Gomes de Abreu havia de nascer um treno, composto por 86 hexâmetros dactílicos, que Cardoso veio a publicar, no *Siluarum Liber Vnus*, saído em 1564, sob o título «Epicedion Antonii Freti» (v. *infra*, *Sil.* 4, pp. 374-376).

3- Cf. *supra*: «tuaque singulari probitate obnoxium» (*Ep.* 24, p. 123). Sugerem estas palavras de Cardoso que a amizade de Pedro Gomes de Abreu se fazia acompanhar por actos de mecenatismo, ignora-se, porém, quais fossem eles.

4- Esta expressão, que Cardoso regista e comenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 250-v.º, nos seguintes termos: «Tineas parsere [sic]. Dar de comer as traças. Dirseha das cousas desprezadas que estão detras das arcas comestas [sic] do caruncho», ocorre, com ligeiras variações, em alguns autores clássicos, caso de Horácio: «aut tineas pascas taciturnus inertis» (*Ep.*, 1, 20, 12) e «blattarum ac tinearum epulae» (*Sat.*, 2, 3, 119) e de Marcial: «quam multi tineas pascunt blattasque disertis» (6, 61, 7) e «Constrictos nisi das mihi libellos,/ admittam tineas trucesque blattas» (14, 37, 1-2).

5- Catulo, elogiando o poema *Zmyrna* da autoria do seu amigo Hélivio Cina, contrapõe-lhe os *Annales* de Volúcio, fraco poeta oriundo de Pádua, dos quais escreve que: «et laxas scombris saepe dabunt tunicas» (95, 8). Esta imagem será retomada num poema em que Marcial, dirigindo-se à sua própria obra, lhe diz que, caso ela seja aprovada pelo sábio Apolinário: «nec rhonchos metues maligniorum,/ nec scombris tunicas dabis molestas» (4, 86, 7-8).

### Página 125

1- Figura notável de médico, humanista, filósofo e polígrafo, António Luís nasceu em Lisboa, na última década do séc. XV. Era filho de Mestre Luís, igualmente médico, em quem teve o seu primeiro professor. Cristão-novo, António Luís frequentou a Universidade de Salamanca, onde estudou Teologia e conviveu com García de Orta, Amato Lusitano e Pedro Nunes, entre outros. Aí obtém o grau de bacharel. Licenciou-se, porém, na Universidade de Lisboa a 29 de Novembro de 1533, não chegando no entanto a doutorar-se.

Preso a 10 de Fevereiro de 1539 pela Inquisição, por suspeitas de ser coautor de uma proclamação sediciosa contra o Catolicismo que surgiu afixada nas portas de várias igrejas de Lisboa, acaba por ser libertado a 25 desse mês, talvez por intercessão de D. João III. Os quinze dias que passou nos calabouços considerou-os o inquisidor João de Melo pena bastante por António Luís possuir livros em hebraico. Ainda nesse ano, António Luís publica uma *Panegyrica Oratio Elegantissima*, que anos antes endereçara a D. João III, em homenagem este monarca, como forma de agradecimento e para prevenir novos dissabores.

A convite de D. João III seguiu António Luís para Coimbra, em 1548, a fim de reger, na Faculdade de Medicina, uma cadeira de Galeno, outra de Aristóteles, ambas na língua de origem, facto em virtude do qual recebeu António Luís o cognome de *o Grego*. Volvidos dois anos, regressa a Lisboa, onde permaneceu durante o resto da sua vida e onde veio a morrer em 1565.

Notável poliglota, António Luís dominava, além do português, o latim, o grego, o hebraico, o castelhano, o francês e o italiano. Detentor de um saber enciclopédico e de uma inteligência aguda, destacou-se entre os seus contemporâneos como figura de relevo do Renascimento Português, deixando escrita, para além da versão e interpretação dos autores já referidos, uma vasta obra, da qual a parte mais significativa chegou a ser impressa e que abarca a Medicina, a Farmácia e a Filosofia (veja-se um elenco dos seus títulos em Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, pp. 311-313, e *HISLAMP*, pp. 203-205).

Na obra de Jerónimo Cardoso encontra-se António Luís representado por apenas duas cartas, sendo a primeira uma carta de apresentação de Jerónimo Cardoso que, por instigação de Luís Pires, também ele médico, oferece a António Luís os seus préstimos e a sua amizade, e a segunda a resposta deste, que acolhe afavelmente a amizade proposta e coloca à disposição de Jerónimo Cardoso todos os seus haveres. Uma alusão aos dotes oratórios de Jerónimo Cardoso, contida nessa segunda missiva (v. *infra*: «Proinde, cum te ego eum esse intellegam in quem, sicut in alterum Ciceronem, ciuitas nostra oculos conuertat», Ep. 26, p. 127) sugere que uma e outra carta tenham sido exaradas depois de 1 de Outubro de 1536, data em que Cardoso pronunciou a sua *Oratio pro Rostris* na abertura solene das aulas da Universidade, alcançando assim grande nomeada como orador. Para uma aprofundamento do estudo desta figura, vejam-se os títulos enumerados por Isaltina D. Figueiredo Martins, *op. cit.*, p. 186.

2- Literalmente, «terás acrescentado uma pedrinha branca». Esta expressão proverbial, que Cardoso regista, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 10-r.º («Album calculum addere. Aprouar ou consentir»), ocorre, com ligeira variação, em Plínio-o-Moço, que, em carta dirigida a Arriano, escreve: «si modo tu fortasse errori nostro album calculum adieceris» (*Epistulae*, 1, 2, § 5). Sobre o antigo costume trácio de assinalar os dias felizes com uma pedrinha branca, origem da expressão «notare candido calculo», v. *infra*, El. 2, 4, 25, p. 320, n. 1.

Para uma outra ocorrência desta expressão, em contexto análogo ao de Plínio-o-Moço, v. *infra*: «Tu si huic labori meo album calculum adieceris mittam ad te aliquot ex his» (Ep. 41, p. 161).

3-

4- Cardoso aplica a António Luís o qualificativo de *Polyhistor*, «o Erudito» (do gr. πολυίστωρ, ορος, «que sabe muito») cognome do gramático grego Cornélio Alexandre e, de igual modo, título de uma história natural da autoria de C. Júlio Solino, escritor romano do Séc. III d. C., obra que se baseava, em larga medida, na *Naturalis Historia* de Plínio-o-Antigo.

5- Esta expressão, que Cardoso voltará a empregar num poema dedicado a Inácio de Moraes (v. *infra*: «Ne bonas horas male collocare», El. 1, 15, 23, p. 281), procede de Marcial que, ao falar do que compôs nos tempos da sua juventude, escreve: «male collocare si bonas uoles horas» (1, 113, 3).

6- A locução «crassa Minerua», a que Cardoso recorre neste ponto e que define, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 46-v.º, como «saber grosseyro», surge no seguinte parêntesis de Horácio: «(nec meus hic sermo est, sed quae praecepit Ofellus/ rusticus, abnormis sapiens crassaque Minerua)» (*Sat.*, 2, 2, 2-3), bem como em Macróbio Ambrósio Teodósio: «sed nos, quos crassa Minerua dedecet, non patiamur abstrusa esse adyta sacri poematis» (*Sat.*, 1, 24, § 13), entre outros.

Nos escritos de Cardoso, tal expressão apresenta-se sob as seguintes formas, *supra*: «si pinguem Mineruam redoleant» (Ep. 12, p. 99, variante igualmente registada por Cardoso no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 181-v.º, «Pinguí Minerua. Groseramente [sic]») e *infra*: «ne tam pingui (quod aiunt)

Minerua [...] taedium incutiam» (Ep. 39, p. 157) e «At nos exiguo ingenio tenuique Minerua,/ Non nisi uulgata nouimus ire uia » (El. 1, 20, 17-18, p. 290).

7- Cf. *infra*: «ne parum consilio suo Pyrrhus meus promouisse uideatur» (Ep. 25, p. 126). Trata-se certamente de Luís Pires, companheiro de profissão de António Luís e assíduo correspondente de Jerónimo Cardoso. A respeito desta figura, v. *infra*, Ep. 30, p. 137, n. 1.

#### Página 126

1- Versão possível para o adágio latino «remis uelisque», a que Jerónimo Cardoso recorre neste passo e que regista, no seu *Dictionarum Latinolusitanicum* (fl. 208-r.<sup>o</sup>), nos seguintes termos: «Remis uelisque. Com remos & velas. Dirseha dos que fortemente se dam pressa, porque a nao nauega melhor se leua velas, & remos». Largamente representado nos textos da Antiguidade, tal expressão apresenta-se sob a forma de numerosas variantes (como «remis uelisque»; «uelis remisque», «remis uentisque» ou «uentis remisque»), atestadas em Sílio Itálico («ite citi, remis uelisque impellite puppim», *Punica*, 1, 568); Cícero («taetra enim res est, misera, detestabilis, omni contentione, uelis, ut ita dicam, remisque fugienda», *Tusculanae Disputationes*, 3, 11, § 25) e Virgílio («laeuam cuncta cohors remis uentisque petiuit», *Aeneis*, 3, 563), entre outros.

Para uma outra ocorrência deste adágio, desta feita na poesia de Cardoso, v. *infra*: «Hunc tu (crede mihi) remis uelisque repelles,/ Si uitae exoptas consuluisse tuae» (El. 1, 19, 41-42, p. 287).

2- Informação relevante sob o ponto de vista da biografia de António Luís, que deste modo sabemos ter vivido em Lisboa, não longe do bairro da Universidade, onde, segundo Justino Mendes de Almeida («Introdução» in Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas*, p. 6), Jerónimo Cardoso residia, mantendo em sua casa uma escola pública.

3- Ou seja, «se eu me reconhecesse como sou». Sobre o sentido da expressão empregada por Cardoso neste passo, v. *supra*, Ep. 9, p. 94, n. 2.

4- Sobre Atlas, o Gigante que, por castigo, sustentava sobre os ombros o peso da abóbada celeste e que Perseu transformou num rochedo, v. *supra*, Lib. 18, p. 54, n. 8.

5- Cf. *supra*: «tandem Pyrrhi nostri consilio inductus», Ep. 25, p. 125 e n. 7.

#### Página 127

1- Sobre o médico António Luís, pessoa das relações de Luís Pires e correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 25, p. 125, n. 1.

2-

3-

4- Ou seja, «muito estranho às Musas» (grau superlativo do adj. gr. ἄμouσος, ον, «estranho às Musas» ou «inculto»).

#### Página 128

1- Alusão a Luís Pires, amigo comum de António Luís e de Jerónimo Cardoso e assíduo correspondente deste, que, a seu conselho, procurou iniciar por carta uma relação de amizade com aquele (cf. *supra*, Ep. 25, p. 125, n. 7 e p. 126, n. 4). A respeito de Luís Pires, v. *infra*, Ep. 30, p. 137, n. 1.

2- Isto é, o «patrono» ou «protector». Inicialmente um título honorífico concedido, por um acto oficial, a Gregos ou estrangeiros pelos serviços prestados a uma cidade, o πρόξενος seria um convidado público ou amigo. Alexandre Magno recebeu, deste modo, o título de πρόξενος καὶ εὐεργέτης da cidade de Atenas. O sentido desta palavra generalizar-se-ia, passando a corresponder ao cidadão que, na sua pátria,

se ocupava dos interesses ou dos naturais de uma outra cidade e, por conseguinte, a um patrono ou protector.

3- Segue deste modo António Luís o preceito pitagórico φιλοῦντα πάντα κοινά, ou seja, «é comum tudo o que se refere à amizade», segundo o qual os amigos tudo deviam ter em comum entre si. Sobre este assunto, v. *supra*, Ep. 21, p. 117, n. 3.

4- Variante, determinada pelo contexto sintáctico, da célebre locução «alter ego», a qual remonta à sentença grega ὁ φίλος ἄλλος ἑαυτός, geralmente atribuída a Pitágoras, a qual indica que duas pessoas se encontram tão próximas uma da outra que compartilhem as mesmas ideias, sentimentos e atitudes. Entre os autores clássicos latinos, tal expressão ocorre (por vezes nas formas equivalentes «alterum se», «alter idem», etc.) em Cícero (*Fam.*, 7, 5, § 1; *Att.*, 3, 15, § 4 e 4, 7, § 1 e *Am.*, 21, § 80) e em Plínio-o-Moço (*Ep.*, 2, 9, § 1), entre outros. Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1337, pp. 605-606.

Para outras ocorrências desta expressão em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «cum te alterum me esse mihi facile persuaderem» (Ep. 43, p. 166) e «ut iam paene alter ab illo/ [...] fores» (SII. 4, 69, p. 376).

#### Página 129

1- Português de nascimento, pois os Cotrim, de provável origem inglesa, já se encontravam entre os fidalgos da casa de D. Afonso V, nas pessoas de Jaime e Heitor Cotrim, sendo que de um filho do primeiro, João Martins Canas Cotrim, descendem todos os que usam este apelido), André Cotrim terá vivido (segundo Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, p. 144), durante os reinados de D. Manuel e de D. João III. Da sua obra como poeta novilatino o mesmo Barbosa Machado afirma que, no seu tempo, apenas subsistia uma composição, intitulada «Epicidium Serenissimi Principis Eduardi Regis Emmanuelis filii», havendo ainda notícia de um epigrama seu consagrado à Fonte da Água de Prata, ao qual se reporta uma elegia de Cardoso (em concreto EI. 1, 22, v. *infra*, pp. 294-295).

Fundando-se em Barbosa Machado, *HISLAMP* apenas menciona o *Epicidium*, assinalando como *uarius annus uitae scriptoris*, não sem expressão de dúvida, o ano de 1520 (p. 101). Dos dois poemas referidos, o último deveria datar de 1537, ano da inauguração do Aqueduto da Água de Prata, e o primeiro dos últimos meses de 1540, pois lamentava a morte do infante D. Duarte, falecido a 20 de Outubro desse ano. Estando André Cotrim activo, como poeta, entre 1537 e 1540 e considerando o tom da presente carta de Jerónimo Cardoso não se afigura possível que tivesse sido seu aluno, como sugeriu Mário Helder José Gomes Luís (*op. cit.*, p. 18), ao incluir André Cotrim entre os alunos de Cardoso que criaram fama. O se relacionamento, que parece ter sido distante e superficial, encontra-se atestado por apenas três textos da autoria de Cardoso: dois poemas (EI. 1, 22 e 27, v. *infra*, respectivamente, pp. 294-295 e p. 306) e a presente carta. Destes, o mais antigo será a primeira elegia (EI. 1, 22), escrita em louvor de um poema de Cotrim que deveria datar de 1537. Seguiu-se-lhe uma carta de Cotrim (perdida), em que este questionava Cardoso sobre alguns aspectos relativos a essa elegia, e finalmente a presente missiva, que responde às questões anteriormente colocadas. Quanto ao segundo poema de Cardoso (EI. 1, 27), um singelo dístico (trata-se da mais pequena composição deste autor), pelo seu teor laudatório, em tudo comparável ao do poema anterior, poderá ter sido escrito e enviado em anexo a essa composição.

2- Pela brevidade desta referência não parece razoável tentar identificar esta personagem com nenhum dos numerosos alunos de Jerónimo Cardoso conhecidos por este nome (como sejam António Martins, António Mendes, António de Meneses Saldanha, António Vargueiro ou António Vaz). Feita esta ressalva e até que o aparecimento de novos dados permita cruzar informações, resta acrescentar este nome, por agora vazio de significado, à lista dos seus alunos.

3- Alusão à *Oratio pro Rostris* (Lib. 18) pronunciada por Jerónimo Cardoso na abertura solene do ano lectivo na Universidade de Lisboa, a 1 de Outubro de 1536. Pela informação constante nesta missiva, André Cotrim poderá ser incluído na lista dos revisores da *Oratio* de Cardoso, a par de nomes como o de Rodrigo Sanches (v. *infra*, Ep. 30, pp. 137-138) e Inácio de Moraes (v. *infra*, Ep. 52, pp. 183-184).

4- Ou seja, um crítico literário da mais alta competência. Sobre Aristarco de Samotrácia, v. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 6.

5- Sobre o deus Momo, personificação do sarcasmo e da zombaria, v. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 5.

6- Sobre o motivo horaciano do *labor limae*, as suas ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes e a expressão «subire limam alterius», v. *supra*, Ep. 6, p. 88, n. 2.

7- Encerra este passo uma ténue sugestão de Horácio, que, no seu *De Arte Poetica (Epistula ad Pisones)*, escreve: «et idem/ indignor quandoque bonus dormitat Homerus;/ uerum operi longo fas est obrepere somnum» (vv. 358-360). Estas palavras, que se tornaram proverbiais, indicam, segundo Renzo Tosi, que «Horácio se indigna todas as vezes em que Homero não está à altura da sua fama, mas num poema de tal extensão – continua – alguns desníveis são quase inevitáveis» (*op. cit.*, § 461, p. 216).

8- Trata-se do poema, constituído por 8 dísticos elegíacos, que Jerónimo Cardoso viria a incluir nos seus *Elegiarum Libri II*, vindos a lume em 1563, sob o título «Ad Andream Cotrinium de Epigrammate Suo in Aquam Argenteam» (v. *infra*, El. 1, 22, pp. 294-295).

9- Cf. *infra*: «Atque ebur Eleum, constructaque cornibus ara», ou seja, «E até o marfim da Élide e o altar construído com chifres» (El. 1, 23, 13, p. 294). Como se pode constatar, Cardoso, pelos motivos a que está prestes a referir-se, não introduziu qualquer alteração no verso em causa, recusando deste modo a sugestão de André Cotrim.

#### Página 130

1- A grande estátua criselefantina de Zeus Olímpico, construída cerca de 430 a. C., celebrada maravilha do Mundo Antigo, erguia-se a toda a altura do templo do deus em Olímpia, medindo cerca de 13 metros de altura. Segundo Estrabão (8, 353), Fídias inspirara-se na famosa descrição de Homero (*Il.*, 1, 528-530) para a criação desta sua obra prima. A estátua representava o deus na pujança da maturidade, sentado num trono e segurando, com a mão direita, uma estátua da Vitória, com a esquerda, um ceptro sobre o qual pousava uma águia. A sua carnação estava inteiramente coberta de placas de marfim, os seus cabelos e barba, vestes e sandálias, por lâminas de ouro. O elaborado trono, feito de madeira de cedro e igualmente ornamentado com ouro e marfim, mas ainda ébano, chifre e pedrarias, apresentava, no espaldar, de um lado, as três Graças, do outro, as três estações. Para a sua construção Fídias dispôs de uma grande oficina, situada perto do templo, cujas dimensões interiores e orientação reproduziam e que veio a ser escavada entre 1954 e 1958, revelando ferramentas, moldes e materiais utilizados na construção (e manutenção) da grande estátua. O templo que a albergava foi destruído em 426 e a estátua pode ter sido destruída nessa ocasião ou talvez tenha desaparecido num incêndio, em Constantinopla, cerca de 50 anos mais tarde.

2- Considerado o maior de entre os escultores gregos, Fídias, natural de Atenas, desenvolveu a sua actividade ao longo da segunda metade do séc. V. a. C. Tendo-se notabilizado com várias obras, foi encarregado de dirigir os trabalhos de reconstrução da Acrópole por Péricles, estadista cuja amizade lhe viria a custar ódios e invejas, levando-o a tribunal e, eventualmente, à prisão ou ao exílio. A mais célebre das suas criações, a já referida estátua criselefantina de Zeus Olímpico, veio a ser incluída por Antípatro de Sídon, no séc. II a. C., na lista das Sete Maravilhas do Mundo. Uma outra estátua sua, igualmente criselefantina, representava Atena *Parthenos* e erguia-se no interior do Parténon, templo cuja decoração escultórica (pedimentos, métopas e o friso interior, com a procissão das Panateneias) seria provavelmente, em parte, obra autêntica de Fídias, sendo sua, pelo menos, a direcção dos trabalhos e os esboços gerais. Na Acrópole conservavam-se ainda duas outras obras suas: a Atena *Promachos*, de bronze, que representava a deusa em atitude guerreira, e a Atena de Lemnos, por alguns considerada a mais bela de entre as suas obras. De todas as suas criações, mais não resta do que cópias romanas e miniaturas representadas em moedas e gravadas em gemas.

3- Refere-se Plínio-o-Antigo à estátua criselefantina de Zeus Olímpico nos seguintes termos: «Minoribus simulacris signisque innumera prope artificum multitudo nobilitata est, ante omnes tamen Phidias Atheniensis Iove Olympio facto ex ebore quidem et auro, sed et ex aere signa fecit» (*Naturalis Historia*, 34, § 49), palavras que Cardoso trata, como se pode verificar, com grande liberdade.

4- Poeta latino natural da cidade de Nápoles, nascido cerca do ano 40 d. C., Públio Papínio Estácio seguiu, na sua terra natal, as lições de seu pai, um gramático e poeta que ensinava literatura, segundo ele próprio reconhecidamente declara (*Silu.*, 5, 3). A sua carreira como poeta desenvolveu-se em Roma, cidade onde viveu parte da sua vida. Veio a morrer cerca do ano 96. Mais interessante do que os seus poemas épicos, a colectânea das *Siluae* debruça-se sobre a vida dos seus amigos, os acontecimentos e os bens, procurando sempre lisonjeá-los e apresentando um retrato da vida no tempo dos imperadores da dinastia Flávia. Da sua produção épica, conserva-se a *Thebais*, obra de temática mitológica, em 12 livros, e, incompleta, a *Achilleis*, da qual resta apenas o primeiro livro e parte do segundo.

5- Cardoso cita, de forma rigorosa, as palavras iniciais de um verso de P. Papínio Estácio, o qual se encontra integrado no seguinte contexto: «utere perpetuum populi magnique senatus/ munere. Apelleae cuperent te scribere cerae,/ optasset que novo similem te ponere templo/ Atticus Elei senior Iovis, et tua mitis/ ora Tarans, tua sidereas imitantia flammis/ lumina contempto mallet Rhodos aspera Phoebos» (*Silu.*, 1, 1, 99-104). O tom e vocabulário deste passo evocam, de resto, os do poema dedicado por Cardoso a André Cotrim (v. *infra*, El. 1, 22, pp. 294-295).

6- Sobre Ângelo Poliziano, humanista italiano protegido por Lorenzo de Medici, que se propôs celebrar a gesta dos Portugueses, v. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 8.

7-

8- A lista das Sete Maravilhas do Mundo, obras que, pela sua grandiosidade, se impuseram à admiração dos Antigos, primeiramente elaborada por Antípatro de Sídon no séc. II a. C., compreendia, de início, os seguintes monumentos: as Pirâmides do Egipto, edificadas entre 2750 e 650 a. C.; os Jardins Suspensos da Babilónia, construídos por Nabucodonosor para Amitis, sua esposa, cerca do ano 600 a. C.; o Templo de Diana em Éfeso, reconstrução de cerca do ano 350 a. C. que viria a ser destruída pelos Godos em 262 d. C.; o Zeus Olímpico, estátua criselefantina esculpida por Fídias para o santuário de Olímpia; o Mausoléu de Halicarnasso, na Ásia Menor, construído por Artemisia para o seu esposo (e irmão) Mausolo, rei da Cária, ao redor do ano 353 a. C.; o Colosso de Rodas, estátua de bronze representando Apolo, esculpida por Carlos de Lindos entre 292 e 280 a. C. e que viria a ser destruída por um terramoto em 224 a. C. e o Farol de Alexandria, no Egipto, obra de Ptolomeu II Filadelfo, construído cerca do ano 280 a. C. e que um terramoto derrubou no séc. XIV.

Jerónimo Cardoso, contudo, depois de referir três destes monumentos (o Mausoléu de Halicarnasso, as Pirâmides e a estátua de Zeus Olímpico), acrescenta uma maravilha que não consta na lista tradicional: o Altar dos Chifres, edificado na Ilha de Delos, que Marcial refere, a par de outras maravilhas, ao celebrar o recém-construído Coliseu de Roma: «Barbara pyramidum sileat miracula Memphis./ Assyrius iactet nec Babylona labor;/ nec Triuiaie templo molles laudentur Iones./ dissimulet Delon cornibus ara frequens;/ aere nec uacuo pendentia Mausolea/ laudibus immodicis Cares in astra ferant» (1, 1, 1-6), revelando assim uma das fontes a que recorreu.

9- Trata-se do v. 9 do poema em questão (v. *infra*, El. 1, 22, pp. 294-295), que Jerónimo Cardoso cita integralmente. Na edição de 1563, este verso apresenta uma ligeira alteração na ordem das palavras, que não afecta, no entanto, o sentido e a estrutura métrica do hexâmetro (cf. *infra*: «Singula non clarus sic depinxisset Apelles», p. 294).

10- Sobre Apeles de Cós, célebre pintor grego do séc. IV a. C., v. *supra*, Lib. 13, 3, p. 35, n. 2.

#### Página 131

1- Desta expressão, que Cardoso regista, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 131-r.<sup>o</sup>: «Molli brachio, leui brachio. Com grande deligência», apenas se encontra um precedente em textos clássicos, num passo da *Rhetorica ad Herennium*, onde surge sob a forma de uma terceira variante: «Sin contendemus per continuationem, brachio celeri, mobili uultu, acri aspectu utemur» (3, 15, § 27).

#### Página 132

1- Natural de Lamego, como o próprio Jerónimo Cardoso refere no corpo desta missiva, este Gonçalo Fernandes, segundo Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, pp. 212-213), obteve em Salamanca o grau de bacharel em Teologia a 18 de Maio de 1534. Em Setembro de 1527 Gonçalo Fernandes era já bacharel em Cânones, servindo de testemunha de Afonso Gonçalves quando este obteve o mesmo grau.

Em data que se desconhece, terá este Gonçalo Fernandes passado à Universidade de Paris, constando o seu nome nos livros de matrícula de Paris unicamente no ano lectivo de 1530-1531. Teria deste modo Gonçalo Fernandes seguido o percurso de outros portugueses que procuraram evitar as aulas de Teologia de Francisco da Vitória trocando Salamanca por Paris. Nessa universidade e ao redor do ano de 1527 teria travado conhecimento com mestre João da Costa, a quem veio a servir de testemunha (cf. Mário Brandão, *O processo na Inquisição de João da Costa*, Coimbra, 1944, p. 179, *apud* idem, *ibidem*, p. 213). Acabaria, no entanto, por regressar a Salamanca, onde veio a obter o referido grau, como acima ficou escrito.

Noutro ponto do seu estudo (p. 249), o mesmo investigador sugere que o relacionamento entre Jerónimo Cardoso e Gonçalo Fernandes dataria do tempo dos seus estudos em Salamanca, no entanto, uma leitura atenta da presente missiva, associada ao facto de o seu destinatário ser oriundo da diocese de Lamego, levar-nos-á a conclusão de que a sua amizade deverá datar dos seus primeiros anos de estudo, ainda antes de partirem para a cidade do Tormes.

Na presente carta, pejada de referências a figuras que se torna difícil identificar de um modo conclusivo, Jerónimo Cardoso, lembrando Gonçalo Fernandes da sua antiga amizade, confia-lhe a tutela do irmão de um certo João Floro, filho do antigo mestre de ambos, o qual fora destinado ao serviço de um D. António, ao tempo aluno de Humanidades (juntamente com um D. João) de Gonçalo Fernandes. Este seria pois, ao tempo em que foi redigida a presente carta, mestre de Humanidades de moços fidalgos. Sobre um outro Gonçalo Fernandes (ou Fernando), um aluno de Jerónimo Cardoso oriundo da região de entre Douro e Minho e que possivelmente terá seguido carreira eclesiástica, v. *infra*, Ap. 2, pp. 215 h-215 i.

2- Tomada de Catulo («o qui flosculus es Iuventiorum/ [...] malle diuitias Midae dedisses/ isti cui neque seruus est neque arca/ quam sic te sineres ab illo amari», 24, 1-6) esta locução encontra-se registada, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 127-v.º, sob a seguinte forma: «Midae diuitiae. Riquezas sem numero. Porque Midas Rei de frigia era tam rico que tudo quanto tocava se tornaua em ouro».

Este rei, cujo nome se encontra atestado em inscrições e registos frígios e assírios de finais do séc. VIII a. C. e cuja riqueza se tornou proverbial, terá sido, segundo Heródoto, o primeiro soberano bárbaro a fazer ofertas ao Santuário de Delfos (1, § 14). A mais conhecida lenda sobre a sua riqueza, relatada por Ovídio (*Met.*, 11, 90-145), conta como Sileno, que se perdera do cortejo de Dioniso adormecendo nas montanhas da Frigia, foi encontrado por camponeses, que o levaram, acorrentado, à presença do rei. Este reconheceu-o e libertou-o de imediato e, tendo-o acolhido com grandes honras, reconduziu-o ao cortejo do deus. Agradecido, Dioniso concedeu-lhe a realização de um desejo. Midas pediu-lhe então que tudo o que tocasse se transformasse em ouro, graça que cedo se revelou desastrosa, por o condenar virtualmente a morrer à fome e à sede. Desesperado, Midas implorou então ao deus que o libertasse de um tal dom. Este anuiu, ordenando-lhe que lavasse as mãos e a cabeça nas nascentes do Pactolo, rio da Lídia, cujas areias se tornaram, desde então, ricas em ouro.

Para outras referências a esta figura, v. *infra*: «Mygdonii que senis fuluum aspernabimur aurum» (El. 2, 5, 59, p. 323) e «ille/ Fortuna spernet ludibria plena doloris,/ Diuitiasque Midae uel Croesi despuet aurum» (Sil. 14, 51-53, p. 406).

3- Dado importante no que respeita à biografia de Gonçalo Fernando, que deste modo se sabe ter sido preceptor de alunos da classe aristocrática, cf. *infra*: «cognoui enim ab Ioanne Floro [...] fraterculum suum destinatum iam in clientelam domini Antonii discipuli tui» (Ep. 28, p. 133) e «et me [...] in amicitiam domini Antonii, domini Ioannis insinuabis, quos audio multum in studiis litterarum te duce progressos esse» (Ep. 28, p. 134).

4- Informação relevante que faz de Gonçalo Fernando um natural da cidade de Lamego, dado ser essa a terra natal de Jerónimo Cardoso, como ele mesmo declara na extensa elegia dedicada «Ad Patriam» (v. *infra*, El. 1, 29, 15-18, p. 311 e 63-66, p. 312) e ainda pelo uso do epíteto «Lamacensis», com que faz por vezes acompanhar o seu nome no rosto de algumas das suas obras impressas, caso dos *Elegiarum Libri II* (v. *infra*, p. 249) e do *Siluarum Liber Vnus* (v. *infra*, p. 363).

5- Gonçalo Fernando e Jerónimo Cardoso foram, portanto, colegas, datando o seu relacionamento dos tempos dos bancos da escola. Sobre a expressão utilizada por Cardoso, metáfora que se pode definir como «milícia do saber», v. *infra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

6- Adaptação cardosiana, no que respeita à forma e ao sentido, de uma expressão utilizada por Cícero no seguinte passo: «Ego autem si quem nunc rudem plane institui ad dicendum uelim, his potius tradam adsiduis, uno opere eandem incudem diem noctemque tundentibus, qui omnis tenuissimas particulas atque omnia minima mansa ut nutrices infantibus pueris in os inserant» (*De Or.*, 2, § 162) e repetida por Amiano Marcelino (18, 4, § 2 e 28, 4, § 26) que, em ambos os casos substitui «diem noctemque» por «diu noctuque», classificando-a como «prouerbiu[m] [...] uetus» (28, 4, § 26). Jerónimo Cardoso, por seu lado, regista este mesmo sentido no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 90-r.º, ao escrever: «Incudem eandem tundere. Malhar a bigorna. Dirseha isto dos que sempre trabalham em huma mesma cousa como ferreyros».

Para uma outra variante desta expressão, desta feita na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «in nostra quod sis incude politus» (Sil. 14, 25, p. 405).

### Página 133

1- Pela leitura desta carta pode concluir-se que este João Floro seria irmão (ou meio-irmão) do mocinho que Cardoso recomenda junto de Gonçalo Fernando e que este era filho do antigo professor de ambos, cujo nome, contudo, permanece desconhecido. Um outro passo desta carta (v. *infra*: «quod multos uno beneficio tibi deuinxeris, patrem imprimis fratremque eius tui studiosum, a quo plurimum apud archiepiscopum commendaris», Ep. 28, p. 133), coloca este João Floro na esfera de um arcebispo, o que restringe bastante as possibilidades, embora não sirva para resolver o problema da sua identificação.

2- Informação demasiado vaga, que não permite saber com segurança quem eram os jovens fidalgos de cujo ensino Gonçalo Fernando se ocupava, cf. *infra*: «et me si tibi uidebitur, in amicitiam domini Antonii, domini Ioannis insinuabis, quos audio multum in studiis litterarum te duce progressos esse» (Ep. 28, p. 134). Seria acaso este D. António o Filho ilegítimo do infante D. Luís, neto, portanto, de D. Manuel, que viria a usar o título de Prior do Crato e de cujo ensino se ocupou Inácio de Moraes, no ano lectivo de 1542-1543, em Santa Marinha da Costa?

3- Não sendo, de modo nenhum, uma citação, estas palavras reproduzem, no entanto, algo do pensamento expresso por Quintiliano no seguinte passo: «Plura de officiis docentium locutus discipulos id unum interim moneo, ut praeceptores suos non minus quam ipsa studia ament et parentes esse non quidem corporum, sed mentium credant» (*Inst.*, 2, 9, § 1).

Um eco deste conselho de Quintiliano encontra-se numa carta de Cardoso dirigida a Pedro Álvaro Mancelo, seu antigo aluno: «nam ex omni adulescentium turba, quos instituendos et erudiendos suscepi, nemo mihi te, nec carior, nec iucundior unquam fuit, primum quod et uirtute et humanitate ceteris antecelleres, deinde quod non ut praeceptorem tuum sed ut parentem carissimum me a te et coli et amari intelligerem» (Sil. A, p. 364).

4- Citação livre das palavras de Horácio, que, apregoando as qualidades de um jovem escravo, o considera «idoneus arti/ cuilibet; argilla quiduis imitaberis uda» (Ep., 2, 2, 7-8).

5- Trata-se certamente de Menandro. Cardoso, contudo, reproduz fielmente as palavras do primeiro verso de um dos *Epigrammata Bobiensia*, no qual, sob o título «De Ingratis ex Menandro», se lê o seguinte: «Ingrato homine terra peius nil creat:/ uicinus, hospes, notus, ignotus, cliens/ et si qua genera sunt egena ciuium./ si quid petenti promptus opis impertias/ aut misereare, gratia actutum perit» (*Epigramma* 67). Dos 72 poemas que integram esta colecção, descoberta como um todo apenas em 1950, uns serão do séc. V, época em que se reuniu a compilação, outros poderão ser atribuídos a autores mais antigos.

### Página 134

1- Jerónimo Cardoso tem em mente o seguinte passo de Ovídio: «nec te credideris, quia non facis, ista moneri:/ uela damus, quamuis remige puppis eat» (*Trist.*, 5, 14, 43-44), cujas palavras cita com bastante exactidão, substituindo apenas «quamuis» por «quamquam». Este motivo voltará a surgir na poesia de Jerónimo Cardoso, denunciando, não obstante o diferente tratamento de que é alvo, a mesma origem ovidiana: «nam remis quamquam propulsa feratur/ Puppis, uela tamen si nauta admouerit, ibit/ Ocyus et medias findet uelocius undas» (*Sil.*, 1, 67-69, p. 367).

2- Alusão aos jovens fidalgos, que, por este tempo, tinham Gonçalo Fernando por preceptor (cf. *supra*, Ep. 28, p. 132, n. 2).

3- Ou seja, no dia 7 de Março.

### Página 135

1- Filho de Heitor de Oliveira, juiz dos órfãos de Pedrógão, e nascido em Aveiro em 1507, Fernando Oliveira (ou Fernão Oliveira) entrou aos treze anos para o Convento de S. Domingos de Évora, onde escutou as lições de André de Resende. Porém, em 1532, com vinte e cinco anos, tendo já professado, fugiu para Espanha, onde terá alcançado a sua secularização por carta apostólica do Papa Paulo III.

De regresso a Portugal, publica em 1536 a *Gramática da Linguagem Portuguesa*, a primeira sobre o português e a segunda sobre uma língua moderna. Dedicar-se então ao ensino particular, tendo por alunos os filhos de D. Fernando de Almada (promotor da edição da dita gramática), bem como os do Barão de Alvíto e de João de Barros. Em 1540 ou 1541, parte Fernando Oliveira para Itália, talvez como agente secreto de D. João III, de lá regressando em 1543. Terá então passado por um período de dificuldades económicas, pela falta de alunos, por inimizades várias e pela crise que então assolava o Reino. Parte então, em 1545, a bordo de uma galé francesa, passando a ser o «piloto Martinho». Na Quaresma de 1546 encontra-se em Ruão. Pouco tempo depois, porém, é aprisionado pela frota inglesa, eu o lena para Londres, onde cedo ganha os favores de Henrique VIII, conservando-os, após a morte deste, junto de Eduardo VI, seu sucessor.

Em 1547 regressa Fernando Oliveira a Portugal com carta deste rei para D. João III, cujo conteúdo se ignora (talvez fosse uma simples recomendação, talvez tratasse da questão do curso). Chega a Lisboa em Novembro desse ano e é denunciado à Inquisição logo nesse mês, sendo preso nos cárceres dos Estaus e condenado ao fim de nove meses a prisão por tempo indeterminado, sob a acusação de elogiar os hereges ingleses, negar até que eles o fossem, bem como o seu rei, e ameaçar com agressões físicas quem o contradissesse. Três anos volvidos é-lhe comutada a pena para reclusão no Mosteiro de Belém, onde permanece um ano, sendo libertado a 22 de Agosto de 1551. No ano seguinte parte Fernando Oliveira como capelão de uma expedição ao Norte de África. Aprisionado, junto com outros, em Velez, consegue ser enviado para Portugal a fim de negociar o resgate.

Em inícios de 1554, hospedado por um fidalgo seu amigo, é por este espiado e denunciado, pela segunda vez, à Inquisição. No entanto, a 18 de Outubro desse ano é nomeado revisor da Imprensa da Universidade e dá aulas de Retórica em Coimbra, apenas sendo preso em Outubro de 1555. O seu novo cativo arrastou-se por pelo menos dois anos. Em 1565 encontrava-se, ao que parece, em Palmela, a ler casos de consciência na escola dos espatários e a receber uma tença de D. Sebastião. Depois da morte de D. Henrique, parece Fernando Oliveira, não obstante a sua idade avançada, ter combatido por escrito a entrada de Filipe I em Portugal.

Latinista, pensador e erudito, notável cultor do português de então e conhecedor profundo de letras sagradas e profanas, Fernando Oliveira deixou escrita uma obra variada, que abarca, para além da Gramática, a Ciência Náutica, com os livros *Arte da Guerra do Mar* (publicado em Coimbra, por João Álvares, em 1555), o *Livro da Fábrica das Naus* (apenas publicado em 1898), uma *Arte de Navegação*, escrita em latim e hoje perdida, e a História, escrevendo uma *História de Portugal*, que subsiste em estado fragmentário, e muito provavelmente um *Livro da Antiguidade, Nobreza, Liberdade e Imunidade do Reino de Portugal*. Fernando Oliveira terá falecido depois de 1581.

Pelo teor da presente missiva, que deverá datar de finais do ano de 1554 ou inícios de 1555 (sendo, por conseguinte, imediatamente anterior à segunda reclusão de Fernando Oliveira nos cárceres do Santo Ofício) e constitui o único texto que se conhece trocado entre estas duas figuras, depreende-se que, por essa altura, Fernando Oliveira renovava, em Coimbra, o estudo da Retórica de Quintiliano.

Para uma aprofundamento do estudo desta figura, vejam-se os títulos enumerados por Isaltina D. Figueiredo Martins, *op. cit.*, p. 204.

2- O sentido desta expressão torna-se compreensível à luz das informações veiculadas pelo Humanista, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 256-v.º, em comentário a um dos adágios apresentados: «Turds malum cacat [sic] sibi. Ho tordo caga [sic] seu mal. Dirseha dos que sam causa de sua perdição, porque ho tordo como ho visco em erua, & despois que o caga [sic] se faz dali ho visco verdadeyro com que ho tomam». Não se encontrando embora, entre os autores clássicos, qualquer alusão a esta sentença, a ela se refere, no entanto, de um modo claro S. Isidoro de Sevilha, quando assim escreve: «Turdos a tarditate dictos; hiemis enim confinis se referunt. Turdela quasi maior turdus; cuius stercore uiscum generare putatur. Vnde et prouerbium apud antiquos erat, 'Malum sibi auem cacare [sic]» (*Etym.*, 12, § 71).

3- Constituem estas palavras uma variante de uma expressão, que se encontra registada por Cardoso no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 84-v.º: «Humi serpere. Andar rasteyro» e que procede de um conhecido passo Horaciano: «breuis esse laboro,/ obscurus fio; sectantem leuia nerui/ deficient animique; professus grandia turget;/ serpit humi tutus nimium timidusque procellae» (*A. P.*, 25-28), encontrando-se igualmente atestada em Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 9, § 42; 21, § 90 e 27, § 98). A forma presente nesta carta, por outro lado, ocorre uma só vez, também em Plínio-o-Antigo (*ibidem*, 16, § 152).

Para outras ocorrências desta expressão e suas variantes em textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*: «Cum laudi meae [...] prope nascenti et quasi humi repenti ita affueris» (*Ep.* 16, p. 107) e *infra*: «nihil certe quod humi serpat» (*Ep.* 34, p. 145, carta de Inácio de Moraes); «qui ueluti humi serpo» (*Ep.* 54, p. 187, carta de Inácio de Moraes); «humilia et humi repentia» (*Ep.* 61, p. 204) e «Versibus incultis et humi repentibus» (*Sil.* 12, 38, p. 402).

4- Não carecem por completo de fundamento estas palavras de Cardoso, dado que, para além dos conhecimentos de Fernando Oliveira sobre Quintiliano, Barbosa Machado afirma ter ele sido «muito douto assim em alicção da História Sagrada, e profana, como na intelligencia dos Poetas e Oradores», atribuindo-lhe também uma *Grammatica da lingua Portugueza dirigida ao muy magnifico senhor, e nobre Fidalgo o senhor D. Fernando Dalmada filho herdeyro do muy prudente, e animoso senhor D. Anião, Capitão General de Portugal*, impressa em Lisboa, por German Galharde, em 1536 (v. Anselmo, *op. cit.*, n.º 607, p. 173); uma *Arte de guerra do mar dirigida a muito magnifico Senhor D. Nuno da Cunha Capitão das Galés do muito poderoso Rey de Portugal D. João III*, impressa em Coimbra, por João Álvares, no ano de 1555 (v. Anselmo, *op. cit.*, n.º 64, p. 18) e ainda uma *História de Portugal* que ficou manuscrita (Barbosa Machado, *op. cit.*, tomo 2, p. 47).

5- Não obstante o tom algo ambíguo da parte final desta missiva, é provável que Jerónimo Cardoso se refira apenas ao conteúdo das aulas ministradas por Fernando Oliveira na Universidade de Coimbra (do qual podia facilmente ter notícia por correspondência trocada com alguns antigos alunos), dado que, entre os títulos das obras de Fernando Oliveira de que temos notícia, não existe nenhum consagrado especificamente ao estudo da obra de M. Fábio Quintiliano.

#### Página 136

1- Não sendo embora um adágio, estas palavras ocorrem, com o mesmo sentido, no seguinte verso de P. Papínio Estácio, do qual Cardoso pode ter colhido a sugestão para o presente passo: «tu rosum tineis situque putrem» (*Silu.*, 4, 9, 10).

#### Página 137

1-Entre a obra conservada de Cardoso, resta um total de sete textos que testemunham o relacionamento estabelecido entre Luís Pires e Jerónimo Cardoso, dando igualmente conta de um trato afável com Manuel Pires, irmão daquele, e da grande proximidade entre estes e os irmãos Sanches, Pedro e Rodrigo. Temos, deste modo, seis cartas (duas de Cardoso: a presente, *Ep.* 30, e *Ep.* 35, v. *infra*, p. 146, e quatro de Luís Pires, v. *infra*, *Ep.* 36, p. 148; *Ep.* 38, p. 153; *Ep.* 44, p. 167 e *Ep.* 57, p. 195) e um único poema, da autoria de Cardoso (v. *infra*, *Sil.* 11, p. 398).

Várias alusões contidas em alguns desses textos permitem reconstituir, em alguns casos, a sequência cronológica dos mesmos, noutros, parece não haver qualquer relação entre esses outros textos e os demais. Deste modo, na presente missiva, Cardoso dá conta da entrega, feita por Manuel Pires, quase dois anos antes, de alguns versos de Pedro Sanches a ele dedicados (que talvez se possam identificar com **Lib. 4** e com os restantes poemas menores que o acompanham: **Lib. 5; Lib. 6; Lib. 7 e Lib. 8**), enviando outros, escritos em resposta (certamente o poema **El. 1, 6**), para que Luís Pires os possa corrigir. Aí dá igualmente conta do envio da *Oratio pro Rostris* a Rodrigo Sanches. Na sua resposta (sem dúvida **Ep. 36**), Pires acusa a recepção da carta e do poema dedicado a Pedro Sanches, que elogia, escusando-se à sua revisão e, perto do final da missiva, promete ir visitá-lo se tiver um instante de tempo, donde se depreende que tal carta foi escrita em Lisboa. Responde-lhe Cardoso com uma segunda carta (**Ep. 35**), em que confessa a alegria pelo facto de o poema enviado em anexo à carta anterior (**El. 1, 6**) lhe ter agradado e testemunha o seu reconhecimento pelo facto de este sempre falar a seu respeito com benevolência. Uma segunda carta de Luís Pires (**Ep. 38**), sem relação com as anteriores, acusa a recepção de um bilhete que, para sua surpresa, era verso disfarçado de prosa. Ora, como as duas cartas referidas estão mesmo em prosa, a única hipótese seria o já aludido poema (**Sil. 11**), embora o facto de Pires lhe chamar «epistulio» dificulte a sua identificação com este texto, longo de 75 versos. Noutra missiva (a **Ep. 44**), sem relação com as demais, escrita de improviso em Évora, a 8 de Agosto, Luís Pires pergunta apenas se a cadeira de Oratória fora atribuída a Duarte Gomes e termina enviando saudações a alguns alunos de Cardoso e transmitindo cumprimentos do seu irmão e dos Sanches. Na sua última carta (**Ep. 57**), um pequeno bilhete exarado certamente em Lisboa, Luís Pires pede o reenvio de uma carta sua, na qual Cardoso e Pedro Gomes de Abreu haviam apontado um erro, para que o possa corrigir. O facto de não conter informações mais concretas não permite identificar a carta em questão com qualquer uma das precedentes, podendo no entanto tratar-se de **Ep. 36**, escrita igualmente em Lisboa.

2- Em lat. «mellitissime» (de *mellitus*, «doce como o mel»). Para outros exemplos da comparação entre a amizade e certos amigos e a doçura do mel, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 45, n. 1.

3-

4- A respeito do humanista Pedro Sanches, irmão de Rodrigo Sanches e assíduo correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos, tanto em prosa como em verso, que viriam a ser trocados entre ambos, v. *infra*: **Ep. 32**, p. 141, n. 1.

5- Conquanto não seja possível identificar de um modo absolutamente conclusivo os versos a que Cardoso aqui alude com um dos dois poemas, dedicados por Pedro Sanches a Cardoso, que ainda se conservam (**Lib. 4**, pp. 23-24 e **El. 2**, pp. 336-339), Cândido Aparício Pereira (*op. cit.*, p. 109) claramente sugere tratar-se do primeiro, em que Pedro Sanches elogia os dotes poéticos de Cardoso, lançando depois uma violenta diátribe contra quem tiver a ousadia de o difamar. Hipótese atraente, que à falta de outros argumentos não se pode refutar e que tem a vantagem de permitir identificar os «uersículos [...] male concinnatos et prope immaturos» (v. *infra*, **Ep. 30**, p. 137), escritos em resposta por Cardoso, com um poema dedicado «Ad Petrum Sanctium» que veio a ser incluído no primeiro dos *Elegiarum Libri II* (**El. 1, 6**, pp. 262-264).

6- Admitindo a identificação, sugerida por Cândido Aparício Pereira (*op. cit.*, p. 108) dos «uersus quosdam, uel potius delicias meras» (v. *supra*, **Ep. 30**, p. 137) com o poema «Petrus Sanctius ad Hieronymum Cardosum» publicado entre os *testimonia* do *Libellu de Terraemotu* (v. *supra*, **Lib. 4**, pp. 23-24), os versos com que Cardoso lhes terá respondido e a que alude neste passo serão indubitavelmente a composição «Ad Petrum Sanctium», em 19 dísticos elegíacos, incluída nos *Elegiarum Libri II* (**El. 1, 6**, pp. 262-264), como Cândido Aparício Pereira afirma, ao escrever que «Cardoso ficará até como ébrio e inconsciente ao ler e reler uma harmoniosíssima poesia de Sanches. Tal a comoção experimentada que as dores passaram, a tristeza dissipou-se, a alegria voltou» (*op. cit.*, p. 109).

7- Alusão à *Oratio Pro Rostris* (**Lib. 18**) de Cardoso, pronunciada na Universidade de Lisboa, na abertura solene do ano lectivo, a 1 de Outubro de 1536. Para além de Rodrigo Sanches, dois outros revisores de que temos informação segura terão sido André Cotrim (v. *supra*, «Antonius auditor meus [...]

protulit uelle te summopere orationem quamdam quam pro rostris Olisiponensi Academia utcumque habui uidere», *Ep.* 27, p. 129) e Inácio de Morais (v. *infra*, *Ep.* 52, pp. 183-184).

8- A respeito de Rodrigo Sanches, humanista e sacerdote, irmão de Pedro Sanches, um dos mais assíduos correspondentes de Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 16, p. 106, n. 1.

#### Página 138

1- Sobre este antigo sinal crítico, o óbelo, utilizado para assinalar os erros nos manuscritos, e o sentido da expressão «obelisco confodi», v. *supra*, *Ep.* 4, p. 83, n. 5.

2- Um outro sinal crítico, o asterisco (do gr. ἀστερίσκος, «estrelinha») colocava-se antes de passagens imperfeitas ou deficientes de um certo autor, como explica S. Isidoro de Sevilha: «\* asteriscus apponitur in his, quae ommissa sunt» (*Orig.*, 1, 20, 2), bem como S. Jerónimo (*Ep.*, 2, 8) e S. Agostinho (*Ep.*, 10, 2).

#### Página 139

1- Provém unicamente da presente carta, bem como de uma outra, da autoria de Luís Pires (v. *infra*, *Ep.* 44, pp. 167-168) a escassa informação de que dispomos sobre Fernando Guterres. A dedicatória desta missiva, o único texto trocado entre Guterres e Cardoso a ser incluído nas obras deste, deixa entrever, à partida, um relacionamento próximo e afectuoso, ao ser endereçada «Ferdinando Guterio Suo», aspecto reiterado pelo conteúdo da mesma, sobretudo na primeira metade. Por outro lado, a afirmação de Cardoso de que o teria ido visitar com prontidão, caso tivesse sabido da sua doença, permite concluir que Guterres vivia em lugar não distante, facto corroborado por um passo da já referida carta de Luís Pires a Cardoso, o qual, desde Évora, lhe dirige o seguinte pedido: «salutabis nostris uerbis tuam candidam iuuentutem, seorsum tamen Guterum, Saluatorem, et Iacobum, iuuenes mehercules et doctissimos, et mihi amicissimos, ac in re litteraria tanquam triuuiros» (v. *infra*, *Ep.* 44, pp. 168), dando assim a entender serem, ao tempo, Fernando Guterres e Salvador Rodrigues condiscipulos e alunos, portanto, de Jerónimo Cardoso (sobre Salvador Rodrigues, v. *infra*, *Mon.* A, p. 218, n. 1).

2- Ou seja, o mais enérgico lutador. Os Samnitas, grupo étnico de montanheseos guerreiros, politicamente organizados em quatro tribos (Caracenos, Caudínos, Hispinos e Pentos), habitavam a região de Sâmnio, situada a Sul dos Apeninos. Tendo invadido a Campânia, a Calábria e até a Sicília, no séc. V. a. C., entraram, no século seguinte, em contacto com os Romanos, com os quais mantiveram três longas guerras (as Guerras Samnitas, desenvolvidas entre os anos de 343-341; 327-321; 316-303 e 298-290 a. C.) que confirmaram a sua vocação bélica. Embora tenham saído sempre derrotados, a Segunda Guerra Samnita representou uma vitória particularmente árdua para os Romanos, cujas legiões se viram obrigadas à humilhante capitulação das Forças Caudinas: em 321, o exército romano, em trânsito da Campânia para a Apúlia, viu-se cercado no desfiladeiro de Cádio pelo general Gávio Pôntio, que o obrigou à rendição e a passar por debaixo de um jogo. A derrota na terceira Guerra Samnita representou o definitivo domínio de Roma sobre este povo, que a romanização não tardou a absorver. Mais tarde, o nome «Samnita» veio a designar uma classe de gladiadores que lutava com armas típicas deste povo.

3- Referência a uma carta de Fernando Guterres, cuja recepção Cardoso acusa e que, no entanto, não consta no seu epistolário. Embora a presente missiva seja, como já vimos, o único texto trocado entre ambos que se conserva, pelas palavras de Cardoso podemos inferir uma troca de correspondência mantida com bastante assiduidade, dado considerar Guterres «in scribendo impiger et promptus» (cf. *infra*, *Ep.* 31, p. 139).

4- Esta expressão, que Cardoso não deixa de registar no seu *Dictionarium Latinohispanicum*, fl. 14-r.º, considerando-a equivalente a «Anicularum deliramenta» (que verte por «Patranhas de velhas»), encontra-se atestada, entre os autores clássicos, quer em Cícero («aut si hoc fieri potuisset dicis, doceas oportet quo modo, nec fabellas aniles proferas», *N. D.*, 3, § 12), quer em Horácio («Ceruius haec inter uicinus garrit anilis/ ex re fabellas», *Sat.*, 2, 6, 77-78).

### Página 140

1- Ou, melhor, «onça por onça» (cf. Jerónimo Cardoso, *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 267-r.º: «Vnciatim, aduer. De onça em onça, ou ceartil a ceartil»). Não sendo uma citação exacta da fala de Davo, escravo de uma comédia de Terêncio, este passo constitui, não obstante, uma paráfrase das suas palavras: «Quod ille unciatim uix de demenso suo/ Suom defrudans genium conpersit miser,/ Id illa uniuorsum abripiet haud existumans./ Quanto labore partum» (*Phorm.*, 43-46). Como moeda, a onça («uncia», em gr. οὐγκία) representava uma duodécima parte de um asse, unidade monetária romana que pesou, desde os triúmviros até ao séc. III a. C., uma libra (327 gr.), sendo por isso chamada *as libralis*, e que se desvalorizou progressivamente até o seu nome ser sinónimo de «valor insignificante», algo que se pode verter por «tostão», «ceartil» ou mesmo «centavo».

2- Constituem estas palavras um adágio, que Cardoso apresenta deste modo no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 30-r.º: «Cane peius, & angue uitare aliquem. Fugir dalguem mais que de cão rayvoso, & cobra. Horat.». A indicação da fonte reporta-se efectivamente a um passo de Horácio, onde se lê: «alter Miletii textam cane peius et angui/ uitabit chlamydem; morietur frigore, si non/ rettuleris pannum» (*Epistulae*, I, 17, 30-32).

### Página 141

1- Nascido em Alcântara (Cáceres), Pedro Sanches veio para Portugal com seu irmão, o sacerdote Rodrigo Sanches, membro do séquito de D. Catarina, esposa *por palavras de presente* de D. João III, no ano de 1524. Era filho de Salvador Diaz Blasquez, cavaleiro biscaíno natural da cidade de Victória, e de Isabel Sanchez, filha de Fernão Sanchez, um aristocrata da Estremadura.

Já em Portugal, por uma cláusula do contracto matrimonial, lavrado em Burgos a 19 de Julho de 1524, Pedro Sanches adquire nacionalidade portuguesa e vem a desempenhar cargos sucessivamente mais importantes na corte, ao longo dos reinados de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique. Aí, segundo escreve Cândido Aparício Pereira, Pedro Sanches foi: «moço da câmara e da capela de D. Catarina, escrivão da câmara e tesoureiro da Infanta D. Maria, de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, escudeiro fidalgo e cavaleiro da Casa Real, secretário do Príncipe D. João, [de que tinha sido mestre], escrivão da receita e despesa e tesoureiro-mor de D. João III, escrivão do despacho da mesa dos desembargadores, alcaide-mor, feitor e recebedor da alfândega da fortaleza e feitoria de Baçaim. Foi também “nomeado por elRei D. Sebastião, & Mesa da Consciencia. no contrato que se celebrou entre elle, & a Religião, cerca da Redempção dos cativos ann. 1561”» (*op. cit.*, 14-17).

Do casamento com D. Maria de Rosales teve Pedro Sanches três filhos, Rodrigo, Atanásio e Luís Sanches, e uma filha, D. Maria de Rosales Sanches. Terá falecido na cidade de Lisboa, durante o ano de 1580 (entre 24 de Junho e 23 de Agosto, segundo escreve Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 20-21).

Sendo «um dos melhores poetas latinos do seu tempo», no dizer de Américo da Costa Ramalho («SANCHES (Pedro)» in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16, pp. 1224-1225), devotado ao culto da poesia a ponto de ter granjeado o epíteto de *Ovidio* do seu século, Pedro Sanches nunca publicou escritos da sua autoria. No entanto, ainda no seu tempo, algumas composições suas vieram a lume, impressas em obras de Jerónimo Cardoso (concretamente uma elegia, cinco epigramas e quatro cartas) e, já no séc. XVII, foi impresso o poema “De spoliata Domo”, sem indicação de autoria, entre os *testimonia* da *História da Índia no tempo em que a governou o visorei Dom Luís de Ataíde*, de António Pinto Pereira. A restante produção literária de Pedro Sanches ficou manuscrita num volume que actualmente se conserva na Biblioteca Nacional de Lisboa sob a cota Ms. F. G. 6368.

Deste manuscrito, publicou o P.º António dos Reis, a abrir o primeiro volume do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui Latine Scripserunt* (pp. 11-34), o «Carmen de Poetis Lusitanis», que tem, no Ms. F. G. 6368, o título completo de “Petri Sanctii supremi senatus a secretis, Rege Sebastiano, Carmina de poetis Lusitanis ad Ignatium Moralem”. Para um índice das obras de Pedro Sanches v. *HISLAMP*, pp. 454-455.

Quanto ao relacionamento entre Pedro Sanches e Jerónimo Cardoso, Barbosa Machado apresenta o primeiro como aluno do segundo, o que é manifestamente inaceitável, como demonstrou Cândido Aparício Pereira (*op. cit.*, pp. 42-50). Este mesmo investigador sugere o ano de 1534, como data do início da relação de amizade entre Cardoso e os Sanches. Já Américo da Costa Ramalho, deixa tal data indeterminada, algures entre os anos de 1536 e de 1550, datas, respectivamente, da recitação e da

impressão da *Oratio pro Rostris* de Cardoso («Algumas Observações sobre o Latim de Gil Vicente» in *Estudos sobre a Época do Renascimento*, p. 171). Gomes Luís aceita esta cronologia, situando o início da relação entre os dois humanistas logo após o dia 1 de Outubro de 1536 em que Cardoso pronunciou a sua *Oratio pro Rostris*. Para o esclarecimento desta situação reveste-se de singular interesse uma carta dirigida por Cardoso a Luís Pires (v. *supra*, Ep. 30, pp. 137-138) de cuja leitura se depreende que os dois humanistas não tinham ainda estabelecido entre si um contacto directo. Jerónimo Cardoso pedia então a Luís Pires que desse a ler a sua *Oratio pro Rostris* a Rodrigo Sanches, pedido esse que mostra que a carta terá sido exarada depois do dia 1 de Outubro de 1536, data em que a dita oração foi pronunciada na Universidade de Lisboa.

Documenta a relação de amizade estabelecida entre Jerónimo Cardoso e Pedro Sanches um largo conjunto de quinze textos, escritos tanto em prosa como em verso. Dispomos, deste modo, de cinco cartas (uma de Cardoso, v. *infra*, Ep. 39, p. 156, e quatro de Pedro Sanches, v. *infra*, Ep. 32, p. 141; Ep. 42, p. 163; Ep. 46, p. 172 e Ep. 48, p. 176) e dez poemas (quatro da autoria de Cardoso, v. *infra*, El. 1, 6, p. 262; El. 1, 7, p. 265; El. 1, 14, p. 277 e Sil. 3, p. 372, e seis de Pedro Sanches: o presente, Lib. 4 e Lib. 5; Lib. 6 e Lib. 7, v. *infra*, p. 24; Lib. 8, p. 25 e El. 2, 12, p. 336).

A sequência cronológica destes textos parece ser a seguinte: o primeiro texto trocado directamente entre eles será uma carta (Ep. 39), escrita por Cardoso por instigação de Manuel Pires, pessoa que, dois anos antes, tinha entregue a Cardoso uns versos de Pedro Sanches a ele dedicados (cf. *infra*, Ep. 30, p. 137, carta de Jerónimo Cardoso a Luís Pires), que se podem identificar com a composição Lib. 3 (mas também com Lib. 4; Lib. 5; Lib. 6; Lib. 7 e Lib. 8: três destes poemas vão dirigidos «In Zoilum Detractorem», mas o facto de terem sido escritos em defesa de Cardoso permite associá-los aos outros dois, constituindo com eles um só conjunto). Em resposta a estas composições, Cardoso escreveu um poema (seguramente El. 1, 6 a que se poderá também associar o El. 1, 7, escrito em versos decassílabos alexandrinos), que enviou previamente a Luís Pires, para que este o corrigisse (cf. *infra*, Ep. 30, p. 137, carta de Jerónimo Cardoso a Luís Pires).

Responde Pedro Sanches àquela primeira carta (Ep. 39) com uma da sua autoria (sem dúvida Ep. 32), na qual não dá conta da recepção do primeiro poema de Cardoso, que assim suspeitamos não ter sido enviado em anexo. Parece não ter havido carta alguma escrita em resposta por Cardoso, ou, em todo o caso, se existiu não deixou qualquer rasto, dado que, na missiva seguinte (Ep. 42), Pedro Sanches se refere unicamente a uma «doctam et eruditam epistulam» (que parece poder identificar-se com a já referida Ep. 39). Nela, faz ainda alusão a uns versitos seus, enviados em anexo, escritos por incentivo de Manuel Pires, que ou se perderam, ou foram de algum modo integrados no conjunto anteriormente abordado (a questão parece insolúvel).

Numa terceira carta (Ep. 46), sem relação com as precedentes, em que reconhece ter estado muito tempo apartado da escrita, Pedro Sanches acusa a recepção de duas missivas de Cardoso, uma em prosa (perdida) a outra em verso (acaso identificável com El. 1, 14, poema em que Cardoso lamenta a completa cessação de correspondência da parte de Pedro Sanches), confessa a frustração que experimentou ao tentar escrever poesia e termina enviando cumprimentos de seu irmão Rodrigo. Também sem relação com as precedentes, a última missiva de Pedro Sanches (Ep. 48), um breve bilhete, lamenta o facto de uma carta remetida por Cardoso não ter chegado ao seu destino.

Intimamente associados estão os dois poemas ainda não abordados: El. 2, 12 e Sil. 3. Neste, Cardoso envia a sua Musa ao encontro de Pedro Sanches, para que esta o informe do seu desgosto por lhe não chegar carta alguma. Naquele (El. 2, 12), Pedro Sanches descreve um longo passeio no campo e o encontro, ao pôr-do-sol, com uma encantadora jovem, que, depois de alguma hesitação, identifica com a Musa de Cardoso, antes enviada ao seu encontro. Este último constitui uma réplica do primeiro e ambos dão testemunho de uma amizade solidamente estabelecida, pelo que devem ser bastante tardios. A sua qualidade, por outro lado, torna difícil a identificação deste último poema com os «versitos, mais abortados do que nascidos», de Pedro Sanches, por ele referidos na sua segunda carta (Ep. 42).

Para uma abordagem mais detalhada da biografia de Pedro Sanches, bem como para a questão da cronologia do relacionamento entre este e Jerónimo Cardoso, veja-se o capítulo que lhe dedicámos na nossa dissertação de mestrado, *op. cit.*, pp. 72-86.

2- Trata-se de Manuel Pires, irmão do médico Luís Pires, correspondente assíduo de Jerónimo Cardoso. Sobre esta figura, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 3.

3- Ao atribuir à forma pronominal «ista» o valor de «hac» ou «ea» (de onde resultou a leitura «nesta florescente Academia») entendeu erroneamente o Padre António dos Reis que existia em Évora, ao tempo em que esta carta foi redigida, uma Academia de erudição clássica, questão já antes amplamente tratada por Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 92-125 (especialmente, pp. 112-116).

4- Trata-se indubitavelmente da carta de apresentação de Jerónimo Cardoso a Pedro Sanches, que se conserva neste epistolário sob o título «Hieronymus Cardosus Petro Sanctio Suo S. P. D.», nele ocupando um lugar posterior que não corresponde à sequência cronológica (v. *infra*, Ep. 39, pp. 156-157). Nessa missiva, Cardoso esclarece que a sua iniciativa se deve à leitura de uma carta de Pedro Sanches dirigida «ad Emmanuelem nostrum» (v. *infra*, Ep. 39, pp. 156), decerto Manuel Pires, irmão de Luís Pires, que serviu de correio para a presente missiva e que, como Sanches refere, o encorajou a relacionar-se com Cardoso (v. *supra*, Ep. 32, pp. 141, n. 2).

#### Página 142

1- Ou seja, «leal» ou «sem artifício», versões possíveis para a expressão latina «sine fūco», que, entre os clássicos, se encontra representada em Cícero: «in his omnibus inest quidam sine ullo fūco ueritatis color» (*Brut.*, § 162); «tam integrae sententiae, tam uerae, tam nouae, tam sine pigmentis fūcoque puerili, ut mihi non solum tu incendere iudicem, sed ipse ardere uidearis» (*De Or.*, 2, § 188) e «sine fūco ac fallaciis more maiorum negatur» (*Att.*, 1, 1, § 1). O nome «fūcus» (em gr. φῦκος) designava uma planta marinha (bedelha ou sargaço), da qual se extraía a côr púrpura, usada para tingir tecidos e como cosmético, passando assim a valer como sinónimo de «disfarce» ou «artifício».

2- Refere-se Pedro Sanches a seu irmão, Rodrigo Sanches, a quem Cardoso veio a endereçar uma carta já anteriormente tratada (v. *supra*, Ep. 16, pp. 106-108) e que, no entanto, será posterior a esta. Sobre este humanista e sacerdote, vindo para Portugal no séquito da rainha D. Catarina, v. *supra*, Ep. 16, p. 106, n. 1).

#### Página 143

1- Natural da cidade de Bragança, segundo o mesmo declarou em três registos da Faculdade de Direito (João Franco Barreto, por seu turno, apresenta-o como natural de Mogadouro, in *Bibliotheca Lusitana*, Apud «Notas para a Biografia de Inácio de Moraes», *op. cit.*, 1994, Américo da Costa Ramalho, p. 133), Inácio de Moraes terá nascido pela segunda década do séc. XVI. Pertencia a uma família aristocrática, sendo, segundo afirma Barbosa Machado, filho de Pedro Álvares de Moraes e meio irmão de Nuno Álvares Pereira, brigantino, membro do Conselho de Estado de Portugal em Madrid, junto de Filipe II de Espanha, e meio-irmão também de António Pinto, que foi secretário de D. António, prior do Crato e que provavelmente se deverá identificar com o autor de uma *História da Índia no Tempo que a governou o Visorei D. Luís de Ataíde*.

Tendo frequentado o estudo parisiense, provavelmente no Colégio de Santa Bárbara, Inácio de Moraes vem a obter, em 1530, o grau de mestre em Artes. Depois desta data e antes do seu regresso a Portugal, terá passado ainda algum tempo na Universidade de Lovaina.

Casou Inácio de Moraes com Ana Mendes, já um pouco tarde, quando leccionava na Universidade de Coimbra (Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 545), e deste casamento teve um filho e duas filhas.

De regresso a Portugal, dedicou-se inicialmente ao ensino de Humanidades em vários mosteiros da Ordem de S. Jerónimo. Assim, em 1535 encontrava-se no Mosteiro de Belém, em 1536 no Mosteiro de Penhalonga, em S. Pedro de Penaferrim, perto de Sintra, onde D. João III fundara um pequeno colégio destinado à educação de D. Duarte, seu filho bastardo, que viria a falecer prematuramente, em 1543, aos 22 anos de idade. No ano seguinte, em 1537, continua Inácio de Moraes a ensinar o mesmo D. Duarte, mas agora no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, perto de Guimarães.

A 21 de Janeiro de 1541, segundo Barbosa Machado (*op. cit.*, Tomo II, p. 545), D. João III proveu Inácio de Moraes como mestre da «segunda regra» de Latim, na Faculdade de Artes da Universidade, então a funcionar provisoriamente no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Regressa, porém, a Santa Marinha da Costa no ano lectivo de 1542-1543, para leccionar uma cadeira da «segunda escola» de gramática a D. António, filho bastardo do infante D. Luís e neto de D. Manuel, mais tadre prior do Crato.

A 22 de Outubro de 1546, segundo Américo da Costa Ramalho («MORAIS (Inácio de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 20, p. 575), ou a 30 de Setembro, segundo Barbosa Machado, Inácio de Moraes ocupou o lugar de professor de Humanidades na Universidade de Coimbra, com a obrigação de leccionar duas horas diárias. O seu ensino, porém, deve ter-se interrompido com a fundação do Colégio das Artes, a 21 de Fevereiro de 1548 e, nesse mesmo ano, começou a frequentar a Faculdade de Leis, onde veio a formar-se bacharel a 26 de Julho de 1554. Na sequência do êxodo dos *bordaleses* do Colégio das Artes, logo em 1549, Inácio de Moraes foi convidado pelo sub-principal João da Costa para leccionar no dito Colégio. Tal convite foi, no entanto, declinado.

A 8 de Novembro de 1550 Inácio de Moraes pronunciou, a convite da Universidade e ante a família real, que visitava Coimbra e a Universidade, uma oração latina da sua autoria, e discursou novamente em 1557, também por ordem da Universidade, pronunciando então o elogio fúnebre de D. João III, falecido a 11 de Junho.

Com a entrega do Colégio das Artes aos Jesuítas em 1555, Inácio de Moraes viu-se impossibilitado de reger cursos de latinidade nos gerais públicos de Coimbra e, por isso, em 1556 estava novamente a leccionar no Mosteiro de Santa Cruz.

Em 1560 a sua situação económica deteriorou-se porque, como membro da Faculdade de Artes, Inácio de Moraes continuara a receber as propinas que lhe cabiam pelos exames e graus, pois, como decano, competia-lhe a imposição das insígnias aos graduandos. Porém, os novos estatutos dados à Universidade em 1559 por D. Catarina vinham atribuir essa função ao próprio professor dos magistrandos, pelo que o Humanista se viu privado dos seus honorários. Em 1580, pouco tempo depois de Filipe I ter subido ao trono de Portugal, viria Inácio de Moraes a falecer no Mosteiro de Alcobaça, para onde se tinha retirado a fim de usufruir de algum conforto.

A obra de Inácio de Moraes reflete a sua vivência como professor de membros da família real e académico, mestre de Artes e bacharel em Direito. Para um elenco da mesma veja-se o estudo de Aires Pereira do Couto, *Inácio de Moraes-Vida e Obra*, Coimbra, 1995 (tese de licenciatura dactilografada), pp. 161-198, veja-se também *HISLAMP*, pp. 333-334.

Entre a obra conservada de Jerónimo Cardoso restam, ao todo, treze textos, que dão testemunho de uma amizade sincera estabelecida com Inácio de Moraes: existem cinco cartas (duas de Cardoso: a presente, **Ep.** 33 e **Ep.** 56, v. *infra*, p. 192, e três de Moraes: v. *infra*, **Ep.** 34, p. 145; **Ep.** 52, p. 183 e **Ep.** 54, p. 187) e oito poemas (seis de Cardoso, v. *infra*: **El.** 1, 15, p. 280; **El.** 1, 16, p. 283, **El.** 1, 17, p. 284; **El.** 1, 23, p. 296; **El.** 1, 28, p. 307 e **Sil.** 12, p. 401 e dois de Inácio de Moraes, v. *infra*: epigrama anexo a **Ep.** 34, p. 145 e **El.** 2, 24, p. 356).

Partindo de referências várias presentes nesses textos, torna-se possível, pelo menos em parte, a reconstituição conjectural se não da sua cronologia, pelo menos da sua sequência, não obstante a série se apresentar incompleta. Deste modo, o mais antigo texto conservado será um poema (**El.** 1, 15), escrito ainda em 1535, em que Cardoso lamenta o facto de Moraes, vivendo em Lisboa (mais propriamente no Mosteiro de Belém), não lhe escrever. Segue-se-lhe talvez uma carta (**Ep.** 34, com o epigrama anexo) que Moraes remete a Cardoso em troca de uma carta (perdida) e de um longo poema (**El.** 1, 15?). Nela dá conta da enfermidade de que então padecia. Segue-se a esta carta, talvez sem solução de continuidade, uma elegia (**El.** 1, 28) em que Cardoso refere os versos que recebeu e lamenta a doença que afligia este seu amigo. O poema termina com votos de uma plena recuperação da sua saúde.

Temos, de seguida, com solução de continuidade, um poema (**El.** 1, 17), em que Cardoso dá conta de ter sido informado, por um outro poema (perdido) de que Moraes ia partir de Lisboa para um lugar remoto (Guimarães), segue-se-lhe, talvez sem quebra de continuidade, uma carta de Moraes (**Ep.** 52), escrita imediatamente antes da partida e que levava em anexo um poema em louvor dos dotes oratórios de Cardoso (muito provavelmente **El.** 2, 24). Responde Cardoso a estes versos com uma carta (a presente missiva, **Ep.** 33), que levava também em anexo um outro poema. Pela resposta de Inácio de Moraes, escrita já em Guimarães (**Ep.** 54), é de crer que o poema em questão fosse a composição «Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat, Loquitur Iuuentus» (**El.** 1, 23). Às questões colocadas nessa carta sobre o referido poema responde Jerónimo Cardoso com uma última carta (**Ep.** 56).

Restam, enfim, dois poemas, um epigrama em hendecassílabos (**El.** 1, 16), em que Cardoso solicita a revisão dos versos que o dito poema acompanhava (seria acaso um segundo anexo da presente carta, pedindo deste modo a revisão dos versos de **El.** 1, 23?) e uma última poesia (**Sil.** 12), que acusa a recepção de versos de Moraes (que versos seriam?) e que, pela escassez de alusões, não se pode situar.

2- No que respeita aos textos subsistentes trocados entre Jerónimo Cardoso e Inácio de Morais, bem como à sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

Cardoso alude a uma carta recebida de Inácio de Morais que, em princípio, poderá identificar-se com Ep. 52 (v. *infra*, pp. 183-184). Nela Inácio de Morais sugere algumas alterações ao texto da *Oratio pro Rostris* de Cardoso, da qual assim sabemos ter sido ele um dos revisores, a par com Rodrigo Sanches (v. *supra*, Ep. 30, pp. 137-138) e André Cotrim (v. *supra*, Ep. 27, p. 129). Em anexo a essa missiva, diz Morais que envia um epigrama em louvor da dita oração (cf. *infra*: «hoc porro subscriptum epigramma uelim praemittas in commendationem orationis tuae», p. 184), poema que, na esteira de A. Pereira do Couto (*op. cit.*, p. 310, n. 14), se nos afigura possível identificar com EL 2, 24 (v. *infra*, p. 356).

3- Bebida dos deuses, o néctar representa, por antonomásia, o melhor alimento e, a par do mel, constitui entre os clássicos o termo de comparação para qualquer coisa doce, quer em sentido próprio, quer figurado. Ocorre, deste modo, em Marcial («nomen nectare dulcius beato», 9, 11, 5), em Calpúrnio Sículo («Tam liquide, tam dulce cadunt, ut non ego malim, / Quod Peligna solent examina fingere, nectar», *Ecl.*, 4, 150-151) e em Pérsio («Quod si dolosi spes refulgeat nummi, / Coruos poetas et poetridas picas / Cantare credas Pegaseium nectar», *prologus*, 12-14), entre outros. Sobre este motivo, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 698, p. 332.

Para além do presente exemplo, o néctar surge recorrentemente em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Nectar ut ex labris defluat omne tuis» (Mon. 7, 60, p. 228); «Dulce malum est amor: et latitans sub nectare uirus, / Pernicies iuuenum perniciesque senum» (EL 1, 18, 39-40, p. 287); «Quae mihi spirarunt nectar et ambrosiam» (EL 1, 25, 2, p. 302); «Quae rude permulsit tam dulci nectare pectus» (EL 1, 29, 85, p. 313); «Denique odoratum instillabant undique nectar» (EL 2, 5, 53, p. 323); «sparsit epistula succo / Nectaris» (EL 2, 16, 29-30, p. 346); «Abreus noster, iuuenis mihi dulcior omni / Nectare et ambrosia» (Sil. 5, 60-61, p. 378); «quibus exsuperare priorum / Nectar dulce queas uatum» (Sil. 11, 6-7, p. 398); «tanta fluit uis / Nectaris» (Sil. 14, 18-19, p. 405) e «Nectis odoratum sudantia carmina nectar» (Sil. 15, 21, p. 407).

4- Ou, mais exactamente, com greda, tipo de argila de cor branca, cuja designação (em lat. «creta») deriva do nome de Creta, ilha onde a terra apresentava uma cor clara. A expressão empregada por Cardoso neste passo («creta notare») e a que, no *Dictionarium Latinohispanicum*, fl. 47-r.º, atribui o sentido de «Aprouar», decorre da associação da sua brancura a algo de favorável ou afortunado e encontra-se atestada, entre os clássicos, em Horácio, na interrogação: «sani ut creta, an carbone notati?» (*Sat.*, 2, 3, 246) e em Pérsio, que igualmente se interroga: «Quaeque sequenda forent, quaeque euitanda uicissim! / Illa prius creta, mox haec carbone notasti?» (5, 107-108).

Nos textos de Cardoso, tal expressão encontra-se ainda no seguinte passo: «Studiosorum nunc fuerint partes boni consulere, et animi mei candorem creta quod aiunt, notare» (Dic. Iuu., A, p. 238).

5- Razão pela qual também Inácio de Morais se torna, por sua vez, digno de louvor. Esta afirmação constitui, deste modo, uma variação de um motivo que se encontra presente já num fragmento de Névio (cf. *supra*, Ep. 17, p. 109, n. 3, carta de Álvaro Gomes).

6- Sobre os textos subsistentes trocados entre Jerónimo Cardoso e Inácio de Morais e a sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

Os versos a que Cardoso alude neste passo devem, com toda a probabilidade, identificar-se com uma poesia que veio a ser incluída nos *Elegiarum Libri II*, publicados em 1563 (EL 2, 24, v. *infra*, p. 356), como já antes sugeriu A. Pereira do Couto (*op. cit.*, p. 310, n. 14).

7- No tocante aos textos que restam, trocados entre Jerónimo Cardoso e Inácio de Morais e ainda à sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

Atendendo ao conteúdo da carta com que Inácio de Morais respondeu a esta missiva (v. *infra*, Ep. 54, pp. 187-189) e como já anteriormente apontou A. Pereira do Couto (*op. cit.*, p. 311, n. 2 e p. 314, n. 14), deverá tratar-se do poema que Cardoso incluiu nos seus *Elegiarum Libri II*, sob o título: «Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat, Loquitur Iuuentus» (v. *infra*, EL 1, 23, pp. 296-298).

1- Dado pertinente sob o ponto de vista da biografia de Jerónimo Cardoso. Sobre este assunto, v. *supra*, Ep. 9, p. 94, n. 1.

#### Página 145

1- Sobre Inácio de Moraes, professor de Humanidades e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos trocados entre ambos e sua eventual sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

2- Versão possível para as palavras que Inácio de Moraes escolheu para epígrafe desta sua missiva. Pode tratar-se de uma citação e, nesse caso, de um poema elegíaco, dado a sequência métrica corresponder à estrutura de um pentâmetro dactílico. A sua fonte permanece, por enquanto, um mistério, dado que já antes também A. Pereira do Couto, *op. cit.*, p. 304, n. 1, a não conseguiu identificar.

Coloca-se, no entanto, a hipótese de não se tratar de uma citação exacta, mas sim de uma paráfrase. Sendo esse o caso, a sua forma, conteúdo e contexto em tudo parece corresponder ao seguinte passo de Ovídio: «accipe supremo dictum mihi forsitan ore, /quod, tibi qui mittit, non habet ipse: 'uale'.» (*Tristia*, 3, 3, 87-88). O nome a que o relativo «quam» se refere será, deste modo, a palavra *epistula*, que a dedicatória da presente missiva sugere.

3- Uma vez que Moraes principia esta carta com uma alusão à enfermidade de que por aqueles tempos padecia, e tendo em conta a brevidade da missiva, bem como do epigrama em anexo, decorrente sem dúvida do seu estado de saúde, é possível que Cardoso lhe tenha escrito em resposta um longo poema, que viria a ser publicado nos *Elegiarum Libri II* (El. 1, 28, v. *infra*, pp. 307-308). Nele, começa por desculpar-se de nada ter escrito ultimamente (o que significa que não entendeu o sentido que Moraes atribua à epígrafe, pela qual dava a conhecer estar tão doente que talvez não chegasse a receber a resposta), lamenta a precária condição física do seu amigo («Nam cum te morbo uexari nouimus acri:/ Oppressit subitus pectora nostra dolor», vv. 15-16), lança uma invectiva contra as Musas, que não velam pelos seus cultores (vv. 21-46), e termina com votos de que a sua saúde se restabeleça («At tibi uenturae spes haud longinqua salutis/ Optima det uires, quae mala cuncta leuat», vv. 49-50).

4- Cf. *infra*: «epistula Ciceronianam ostentat facundiam» (Ep. 34, p. 145). Não resta, no grupo dos textos trocados entre Inácio de Moraes e Jerónimo Cardoso que ainda se conserva, nenhuma carta que possa corresponder a esta missiva, pelo que é de admitir que ela se tenha perdido ou, por qualquer outra razão, não tenha sido incluída no *Epistularium Familiarium Libellus*. Sobre os restantes textos que integram este grupo e a sua possível sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

5- Cf. *infra*: «carmina quidem tumorem illum Virgilianum [...] ostentat» e «pro [...] multis illis pulcherrima uarietate luxuriantibus carminibus» (Ep. 34, p. 145). Não resulta possível identificar com segurança o poema a que Moraes alude com nenhuma das composições conservadas na obra de Cardoso, podendo, em todo o caso, identificar-se, caso aí se encontre, quer com uma elegia (v. *infra*, El. 1, 15, pp. 280-282) quer com uma das silvas (v. *infra*, Sil. 1, 12, pp. 401-402). No entanto, a hipótese de se tratar do primeiro destes textos afigura-se mais sedutora, por nele Cardoso estranhar a cessação de correspondência de Inácio de Moraes, residente na altura, como aí se diz, na cidade de Lisboa («Moenibus sed cum teneamur iisdem,/ Nec uiae montes noceant lacusue», vv. 9-10), facto esse que Moraes poderia tentar desculpar com esta carta, alegando motivo de doença.

6- Sobre a expressão latina *humi serpere*, que Cardoso regista e comenta no seu *Dictionarium Latinohispanicum*, fl. 84-v.º, e a sua variante *humi repere*, as fontes clássicas desta expressão e as suas demais ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes v. *supra*, Ep. 29, p. 135, n. 3.

7- Apelido de Marco Túlio Cícero, pelo qual o orador é normalmente referido entre os Humanistas em geral, talvez por, como sugere A. Pereira do Couto (*op. cit.*, p. 305, n. 3), ser esse, de entre os seus *tria nomina*, o de mais nobre ascendência, remontando, segundo Tito Lívio (1, 41 e sqq.), a Sécúrio Túlio, um dos reis de Roma.

8- Morais constrói este epigrama sobre um motivo já antes esboçado no corpo desta carta, motivo esse que voltará a utilizar no fecho de um outro poema seu, escrito em louvor da *Oratio pro Rostris* de Cardoso e que este viria a incluir nos seus *Elegiarum Libri II* (cf. *infra*: «Nunc Cicero est uisus sed si non fallor amore/ Alter Virgilius postmodo uisus erit» *EL*, 2, 24, 11-12, p. 356).

#### Página 146

1- Sobre o médico Luís Pires, irmão de Manuel Pires e amigo chegado de Pedro e Rodrigo Sanches, bem como sobre os textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 30, p. 137, n. 1.

2- Trata-se indubitavelmente da carta seguinte (*Ep.* 36), escrita, por sua vez, em resposta a uma primeira (*Ep.* 30: Cardoso não teve o cuidado de agrupar estas cartas segundo a sua sequência cronológica). Na carta a que a presente responde, Luís Pires refere o agrado com que leu a missiva antes recebida (*Ep.* 30) e o poema dirigido a Pedro Sanches que esta levava em anexo (certamente *EL*, 1, 6) e cobre-os de elogios, eximindo-se à revisão do dito poema, que Cardoso lhe solicitara. Elogia o saber de Cardoso, que compara a Cícero e a Ovídio, e termina pedindo desculpas pela qualidade do seu Latim. Sobre os textos trocados entre Jerónimo Cardoso e Luís Pires e a sua possível sequência cronológica, v. *supra*, *Ep.* 30, p. 137, n. 1.

3- Cardoso compara Luís Pires a Veiãoio, nome de um gladiador com que Horácio, no início de uma das suas cartas, se refere metaforicamente a si próprio: «Veianius armis/ Herculis ad postem fixis latet abditus agro./ ne populum extrema rediens exoret harena» (*Ep.*, 1, 1, 4-6), e por conseguinte, com o próprio Venusino.

4- Sobre a identificação destes versos, dedicados a Pedro Sanches, que Jerónimo Cardoso antes enviara a Luís Pires, em anexo a uma das suas cartas, v. *infra*, *Ep.* 36, p. 148, n. 3.

5- Jerónimo Cardoso utiliza neste passo um adjectivo, *Hermaphrodititus*, que não se encontra atestado entre os autores da Antiguidade Clássica e que constitui muito provavelmente um neologismo. Tal palavra deriva do nome de Hermafrodito, um filho de Afrodite e de Hermes dotado de dupla natureza sexual, simultaneamente masculina e feminina. Tendo sido criado pelas Ninfas nas florestas do Ida, na Frígia, o jovem Hermafrodito era dotado de grande beleza física e, quando, aos quinze anos, iniciou uma viagem pelo mundo, chegou a um belíssimo lago da Cária, em cujas águas desejou banhar-se. A Ninfa desse lago, Salmácis, logo se apaixonou por ele e lhe fez várias propostas, que o jovem recusou. Fingindo-se resignada, a Ninfa retirou-se, mas, quando Hermafrodito se lançou às águas do lago, logo Salmácis o abraçou e dirigiu aos deuses uma prece, pedindo-lhes que fizessem com que os seus corpos jamais se separassem. Em resposta, os deuses uniram-nos num ser novo, de dupla natureza. Neste passo, mais do que «de uma natureza dupla», o adjectivo *Hermaphrodititus* parece significar «de uma qualidade ambígua».

#### Página 147

1- Ou seja, as falanges de aguerridos soldados getas. Este povo, os Getas, integrava a família das tribos trácias, em concreto o ramo setentrional que ocupava a área definida pelos Balcãs e o Danúbio Inferior, até às margens do Mar Negro, e era assim designado pelos autores antigos que, deste modo, procuravam distingui-los dos Dácios, um ramo trácio, estreitamente aparentado, que falava a mesma língua, motivo pelo qual não é ainda possível estabelecer entre eles uma divisão clara. Ovídio, degredado para a cidade de Tomos, aprendeu a sua língua e chegou a compor nela um poema (perdido). Este povo, tal como os Dácios, doutrinado por Zamólxis, rei-filósofo que veio a ser divinizado, acreditava na imortalidade da alma e há notícia de três dos seus reis, Roles, Zyraxes e Dapyx, se terem envolvido em lutas com Crasso, entre os anos de 28 e 30 d. C.

Por outro lado, os Dácios, povo igualmente guerreiro, ocupavam os territórios que constituem actualmente a Alta Hungria, a Transilvânia, a Moldávia, a Valáquia e a Bessarábia. Subjugados por Trajano, adoptaram os costumes dos seus vencedores, pelo que parte do seu território guarda ainda hoje o nome de Roménia.

Para outras referências a estes povos em Jerónimo Cardoso, v. *supra*: «Geticam macularunt sanguine Phlaegram» (*Lib.* 2, 34, p. 11) e *infra*: «qui bonam iam istius Geticae phalangis partem neci

tradideris, profligauerisque» (Ep. 38, p. 154, carta de Luís Pires); «siue ferox Sarmata, siue Getes» (El. 1, 6, 34, p. 263); «In Geticas rediit Cimmeriasque domos» (El. 1, 12, 8, p. 273); «Quo Geticam poteras aequiparare chelyn» (El. 1, 14, 6, p. 277); «Quem fleuere Getae, Sauromataeque truces» (El. 1, 28, 40, p. 308); «Nam me si Geticas iubeas calcare pruinas» (El. 2, 5, 21, p. 322); «Sic absumpta situ Geticisque infecta uenenis» (Sil. 2, 4, p. 368); «Thamiris ne canora/ Demodiciue chelyn Getici aut modulamina plectri/ Fas erit expetere» (Sil. 12, 22-24, p. 401) e «Nec medii sua castra Getae Daquique locassent» (Sil. 13, 9, p. 403).

#### Página 148

1- Acerca do médico Luís Pires, irmão de Manuel Pires e amigo próximo dos irmãos Pedro e Rodrigo Sanches, bem como acerca dos textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 1.

2- Alusão a uma carta anterior de Jerónimo Cardoso, a qual, em função de várias alusões nela contidas, se pode identificar com segurança com a primeira que se conserva neste epistolário sob o título «Hieronymus Cardosus Lodouico Pyrrho Suo S. P. D.» (v. *supra*, Ep. 30, p. 137-138). No que se refere aos textos trocadas entre Jerónimo Cardoso e Luís Pires e à sua possível sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 1.

3- Trata-se certamente de um poema que veio a ser incluído nos *Elegiarum Libri II*, publicados em 1563 (o El. 1, 6, v. *infra*, pp. 262-264), e que Cardoso tinha enviado em anexo à missiva anterior (v. *supra*, Ep. 30, pp. 137-138). Nele, Jerónimo Cardoso agradece os versos com que Pedro Sanches o defende dos seus detractores (talvez Lib. 4 e, provavelmente também, Lib. 5; Lib. 6; Lib. 7 e Lib. 8, v. *supra*, pp. 23-25).

4- Jerónimo Cardoso tivera o cuidado de enviar anteriormente a Luís Pires a composição que dedicara a Pedro Sanches (El. 1, 6, v. *infra*, pp. 262-264), fazendo-a acompanhar de uma carta em que solicitava a sua revisão. Cf. *supra*: «Eos [uersiculos] igitur ad te mittendos prius curauit, ut si quid parum emunctum aut minus defaecatum tibi [...] uidebitur (id quod soles) euestigio aboleas, et in totum expungas» (Ep. 30, p. 137).

5- Constitui esta expressão um dos *Adagii* de Erasmo, que Cardoso regista no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 34-r.º, nos seguintes termos: «Censoria uirgula. Ho exame do julgador». Entre os autores clássicos, tal expressão encontra-se atestada unicamente no seguinte passo de Quintiliano: «quo quidem ita seueri sunt uti ueteres grammatici, ut non uersus modo censoria quadam uirgula notare et libros, qui falso uiderentur inscripti, tamquam subditos submouere familia permiserint sibi, sed auctores alios in ordinem redegerint, alios omnino exemerint numero» (*Inst.*, 1, 4, § 3).

6- Sobre o sentido da expressão *ungues affigere* («cravar as unhas»), de sentido equivalente a uma outra, registada por Jerónimo Cardoso no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 268-r.º, v. *supra*, Ep. 23, p. 121, n. 3.

#### Página 149

1- Ou seja, «enquanto me esforço por te exaltar». Sobre este tipo de expressão e para as suas ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.

2- As palavras de Luís Pires são demasiado vagas para que se possa afirmar de um modo conclusivo qual o autor que tem em mente. Poderá, em todo o caso, tratar-se de Horácio: «dum Pudor/ imbellisque lyrae Musa potens uetat/ laudes egregii Caesaris et tuas/ culpa deterere ingeni» (C., 1, 6, 9-12).

3- Desculpa-se Luís Pires da qualidade do seu Latim alegando os estudos de Medicina (a que chama «matronas quasdam seueriores»), por oposição às elegantes Musas, aos quais se consagrara havia já

cinco anos. Acerca desta expressão metafórica, que se pode definir como «milícia do saber», v. *infra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

4- Ou seja, «menos contrária às Musas do que as restantes». Luís Pires emprega uma forma do adj. gr. ἄμουσος, «contrário às Musas», já antes utilizado numa carta de António Luís: «ἀμουσότητος, et ouinis moribus praeditus et ab omni humanitate et sensu communi alienus essem» (v. *supra*, Ep. 26, p. 127, n. 4).

5- Isto é, depois das duas da tarde, ou, por outras palavras, a seguir ao almoço.

6- Julgava-se que perdiam a voz todos aqueles que, encontrando um lobo, eram vistos por este em primeiro lugar, crença que se encontra documentada no seguinte excerto de Virgílio (fala de Méris): «Omnia fert aetas, animum quoque; saepe ego longos/ cantando puerum memini me condere soles:/ nunc oblita mihi tot carmina; uox quoque Moerim/ iam fugit ipsa; lupi Moerim uidere priores» (*Ecl.*, 9, 51-54), passo este a que Sérvio tece o seguinte comentário: «LVPI MOERIN VIDERE PRIORES hoc etiam physici confirmant, quod uoce deseratur is, quem prior uiderit lupus: unde etiam prouerbiū hoc natum est 'lupus in fabula', quotiens superuenit ille, de quo loquimur et nobis sui praesentia amputat facultatem loquendi» (*Comm. in Buc.* 9, 54). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 927, pp. 435-436. Luís Pires estava naturalmente a pensar no referido verso do Mantuano.

#### Página 150

1- Tendo, segundo Barbosa Machado (*op. cit.*, Tomo II, pp. 795-796), frequentado os estudos de Coimbra e de Salamanca (embora J. Veríssimo Serrão, *op. cit.*, nada registe a tal respeito), universidades onde escutou as lições de Martim de Aspilcueta Navarro, Jorge Calhandro seguiu depois carreira de advogado, acabando por instalar-se em Roma, durante o pontificado do Papa Gregório XIII. Notável erudito, terá exercido advocacia na Cúria, vindo a ser nomeado Lente de Prima no Colégio da Sapiência, onde ficou conhecido como *Canonum parens*. Fundando-se em João Franco Barreto, Barbosa Machado atribui-lhe a autoria de várias obras, sobre cujos títulos, no entanto, diz nada saber. Sob este aspecto, não consta que tenha feito imprimir em Portugal qualquer volume e *HISLAMP* nada escreve a seu respeito. O artigo anónimo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* lhe consagra (vol. 5, p. 496) atribui-lhe uma «coleção de epístolas familiares» que não é mais do que o *Epistularum Familiarium Libellus* de Jerónimo Cardoso.

Da leitura da presente missiva, o único texto subsistente trocado entre Jerónimo Cardoso e Jorge Calhandro (embora haja referências a uma carta deste escrita quatro meses antes, cf. *infra*, p. 150, n. 2 e p. 151, n. 6), facilmente se conclui que Jorge Calhandro, ao tempo ainda estudante (cf. as palavras finais da missiva, p. 252), não frequentou as aulas de Cardoso, devendo no entanto tê-lo conhecido por intermédio de algum dos seus antigos alunos.

2- Alusão a uma missiva de Jorge Calhandro, endereçada a Jerónimo Cardoso, que, por alguma razão, não foi por este incluída no *Epistularum Familiarium Libellus*, e à qual Jerónimo Cardoso voltará a referir-se, cf. *infra*: «Quod uero ad litteras tuas attinet» (Ep. 37, p. 151). A presente carta é, de resto, o único texto que se conserva dirigido a esta figura.

3- Jerónimo Cardoso emprega neste ponto um helenismo bastante raro, *myrothecium*, *ii* (do grego μυροθήκιον, ου, «pequena caixa para perfume»), que inclui no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 129- r.º, nos seguintes termos: «Myrothecium, ij. Ho pote da botica». O seu uso, entre os clássicos latinos, apenas se encontra documentado no seguinte passo de Cícero, no qual Cardoso manifestamente colheu inspiração: «meus autem liber totum Isocrati myrothecium atque omnis eius discipulorum arculas ac non nihil etiam Aristotelia pigmenta consumpsit» (*Att.*, 2, 1, § 1).

#### Página 151

1- Em lat. «amice mellitissime» (de *mellitus*, «doce como o mel»). Para outros exemplos da comparação entre a amizade e certos amigos e a doçura do mel, v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 1.

2- Em lat. «nec amore caecutior» (literalmente, «e eu não sou privado da vista pelo amor»). Sobre o tópico da cegueira do amor, segundo o qual quem ama não consegue reconhecer vícios ou defeitos na pessoa amada, v. *supra*, Ep. 18, p. 113, n. 3.

3- Parafrazeia Jerónimo Cardoso as seguintes palavras de Pérsio: «Scilicet ingenium et rerum prudentia uelox/ Ante pilos uenit, dicenda tacendaque calles» (4, 4-5). O Satírico refere-se a Alcibiades, discípulo em quem Sócrates reconhecia os dotes necessários à gestão dos assuntos de Estado, não obstante a sua jovem idade. O motivo da barba como indício de sabedoria e maturidade era mais expressivo na Antiguidade, por esta ser o próprio símbolo do filósofo. A respeito deste assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 632, p. 303.

4- Registada, sob a forma de um adágio, no *Dictionarium Latinolusitanicum* de Cardoso, fl. 48-r.º: «Cum lacte nutricis aliquid sugere. Mamar no leite alguma cousa .s. desde menino mamaste a vertude, ou velhacaria», esta expressão alude, por conseguinte, aos erros e falsidade instilados no homem desde a mais tenra idade, algo tão fortemente enraizado que antes parece inato. A sua fonte encontra-se em Cícero, que assim escreve: «nunc autem, simul atque editi in lucem et suscepti sumus, in omni continuo prauitate et in summa opinionum peruersitate uersamur, ut paene cum lacte nutricis errorem suxisse uideamur» (*Tusc.*, 3, 1, § 2).

Para uma outra ocorrência deste motivo, ainda que apenas ligeiramente esboçada, v. *infra*: «si quid audierit constanter retineat, adeo ut imbibere magis litteras ipsas quam discere uideatur» (Ep. 59, p. 200).

5- Parecendo embora tratar-se de uma expressão consagrada, estas palavras dão forma a uma imagem que não se encontra representada entre os autores da Antiguidade, com excepção talvez de Plínio-o-Antigo que, ao falar da arte da pintura, escreve: «Ctesilochus, Apellis discipulus, petulanti pictura innotuit, Ioue Liberum parturiente depicto mitrato et muliebriter ingemescente inter obstetricia dearum, Cleon Cadmo, Ctesidemus Oechaliae expugnatione, Laodamia, Ctesicles reginae Stratonices iniuria» (*N. H.*, 35, § 140).

6- Nova alusão à carta de Jorge Calhandro anteriormente recebida. A este respeito, v. *supra*, Ep. 37, p. 150, n. 2.

#### Página 152

1- Expressão tomada por Jerónimo Cardoso do seguinte passo de Horácio: «Si bene te noui, metues, liberrime Lolli/ scurrantis speciem praebere, professus amicum» (Ep., 1, 18, 1-2).

2- Trata-se de Homero. Depois de ter levantado suspeitas quanto à sua verdadeira identidade, ao comover-se enquanto escutava o aedo a cantar o seu passado glorioso, Ulisses acaba por revelar-se e começa a narrar aos presentes, a pedido dos seus hospedeiros, as aventuras por que passou: os episódios com os Cícones; os Lotófagos; o Ciclope (*Od.*, 9); a ilha de Éolo; os Lestrígones e a ilha de Circe (*ibidem*, 10).

3- Literalmente, «próprio de um Gnathão», (em lat. *Gnatho*, do gr. Γνάθων, derivado de γνάθος, «mandíbula»), nome de um parasita no *Eunuchus* de Terêncio e, conseqüentemente, de um parasita em geral, tal como em Cícero (*Lael.*, 25, 93; *Phil.*, 2, 6, 15) e em Sidónio Apolinar (Ep., 3, 13).

Para outras ocorrências deste nome em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «reliquum est ut omissis Gnathonicis assentationibus serio inter nos per litteras colloquamur» (Ep. 47, p. 174); «Nec enim tu is es ut opinor qui comici Gnathonis more futiles et inanes assentationes obtrudas» (Ep. 61, p. 204).

4- Sobre o adj. *succisuius* e o sentido das expressões *subsiciuum tempus* e *horae subsiciuae*, v. *supra*, Ep. 20, p. 116, n. 2.

#### Página 153

1- A respeito do médico Luís Pires, irmão de Manuel Pires e amigo chegado dos irmãos Pedro e Rodrigo Sanches, bem como acerca dos textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 1.

2- Luís Pires emprega neste ponto um adágio que Cardoso, por sua vez, regista no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 129-r.º, e comenta nos seguintes termos: «Mira de lente. Grandes maravilhas sobre hum grão de lentilha. Dirseha do que sobre cousa de pouca sustancia diz muytas cousas».

3- Esta expressão idiomática, que Cardoso igualmente regista: «Plena manu. Aas mancheyas, ou abondosamente» (*Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 184-r.º), ocorre, num contexto não muito diverso do presente, em Cícero: «at hercule alter tuus familiaris Hortalus quam plena manu, quam ingenue, quam ornate nostras laudes in astra sustulit» (*Att.*, 2, 25, § 1).

4- Versão possível para o plural do antropónimo *Thraso* («Trasão», do gr. Θράσων, derivado de θράσος, «audácia»), nome de um soldado particularmente presunçoso e fanfarrão do *Eunuchus* de Terêncio. Já em Sidónio Apolinar (*Ep.*, 1, 9) se encontra o derivado *Thrasonianus*, com o mesmo valor dos adjectivos que melhor descrevem as características desta personagem.

5- O *epistulum* a que Luís Pires se refere era, para grande surpresa sua, verso disfarçado de prosa. Ora, verificada a sequência métrica das duas cartas de Jerónimo Cardoso a Luís Pires conservadas (v. *supra*, Ep. 30, p. 137, e Ep. 35, p. 146), constata-se não ser possível identificar o dito bilhete com nenhuma delas, porquanto estas se encontram redigidas em prosa, por outro lado, o único poema que Cardoso dedicou a Pires (v. *infra*, Sil. 11, p. 398), com os seus 75 hexâmetros dactílicos, dificilmente se poderia classificar como um *epistulum* e, para além disso, o seu tom arrebatado não deixaria dúvidas quanto à sua natureza, pelo que é de concluir que tal bilhete se tenha perdido. Sobre os restantes textos trocados entre Jerónimo Cardoso e Luís Pires e a sua sequência possível, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 1.

6- Alusão a Manuel Pires, personagem que integra o círculo constituído pelos irmãos Pires e os Sanches, cf. *infra*: «Vale frater meus remittit tibi uicissim multam salutem» (Ep. 38, p. 154). Sobre esta figura, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 3.

#### Página 154

1- Encerram estas palavras um claro testemunho da proximidade existente entre os irmãos Pires e os Sanches. Sobre Pedro Sanches, irmão do sacerdote Rodrigo Sanches e correspondente de Cardoso, bem como a respeito dos textos trocados entre ambos e a sua possível sequência cronológica, v. *supra*: Ep. 32, p. 141, n. 1.

2- Embora não se encontrem provas que permitam determinar de forma conclusiva qual a figura de apelido Teive a que Luís Pires se refere neste passo, o facto de, numa elegia enviada por Jerónimo Cardoso a Baltasar de Teive e destinada a acompanhar uma cópia da sua écloga (solicitando que este exercesse sobre ela a sua revisão), se fazer menção de Pedro Sanches (cf. *infra*: «Nec tamen auderent propius consistere, et intra/ Vatis Apollinei limina ferre gradum,/ Ni foret audendi Petreius Sanctius auctor,/ Quo nihil est melius candidiusque nihil», El. 2, 11, 9-12, p. 335) permire entrever uma certa familiaridade entre estes dois humanistas e suspeitar que tenha sido ele o autor de tal partida. Acerca de Baltasar de Teive, revisor da écloga de Jerónimo Cardoso e destinatário de uma das suas elegias, v. *infra*, El. 2, 11, p. 335, n. 1.

3- Antigo epíteto de Júpiter, que Luís Pires, como outros humanistas do seu tempo, aplica ao Deus cristão. Para outros exemplos desta prática em Jerónimo Cardoso e nos textos dos seus correspondentes, v. *supra*, Lib. 18, p. 68, n. 3.

4- Alusão aos Bárbaros como metáfora da ignorância. Sobre os Getas, um povo estreitamente aparentado com os Dácios e que habitava a zona situada entre os Balcãs, o Danúbio Inferior e o Mar Negro, v. *supra*, Ep. 35, p. 147, n. 1.

5- Ou, por outras palavras, quem poderá duvidar do triunfo das belas-letas sob o magistério de Jerónimo Cardoso? Acerca da expressão metafórica que preenche este período e que se pode definir como «milícia do saber», v. *infra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

6- Cf. *supra*: «Itaque eunti mihi per epistolam tuam non consideranti laqueos quos mihi uaferrime intenderas, uellit protinus aurem frater carmen illic subesse» (Ep. 38, p. 153), nova alusão a Manuel Pires, irmão do autor da presente missiva. Sobre tal figura, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 3.

#### Página 155

1- Constituem estas palavras uma variante de um adágio que Cardoso regista, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 23- v.º, da seguinte forma: «Auribus scalpendis deest ociium. Sou muyto ocupado».

#### Página 156

1-

2- Literalmente, «esfreguei o rosto» (para impedir que se veja aflorar o rubor e, por conseguinte, para que não sejam visíveis os sinais da vergonha). A expressão empregue por Cardoso (e por ele registada no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 167-r.º: «Perfricare os uel faciem. Desauergonharse») encontra-se atestada no seguinte passo de Plínio-o-Antigo: «perfricui faciem nec tamen profeci, quoniam alia uia occurris ingens et longius etiam summoues ingenii fascibus» (*N. H.*, *praef.*, 4, § 1). Com ligeira variação ocorre igualmente em Cícero: «Quid tergiuersamur, Epicure, nec fatemur eam nos dicere uoluptatem, quam tu idem, cum os perfricuisti, soles dicere?» (*Tusc.*, 3, 18, § 41), entre outros.

3- Versão literal para o lat. «et a triuiu [...] pedem mouimus». Designa o nome latino *triuuium* o lugar onde três caminhos ou ruas se encontram e o sentido desta expressão resulta bastante claro: ao afirmar que tirou o pé da encruzilhada, Jerónimo Cardoso quer apenas dizer que conseguiu tomar uma decisão quanto ao caminho a seguir. No entanto, apesar de constituírem manifestamente um adágio latino (e serem inclusivamente apresentadas como tal), estas palavras não se encontram atestadas entre os autores do Classicismo, o que é mais, nenhum dos dicionários de sentenças consultados as registam.

4- Trata-se de Manuel Pires, irmão do médico Luís Pires e o principal impulsionador da amizade entre Jerónimo Cardoso e Pedro Sanches, cf. *supra*: «Tentaui non semel uir doctissime aliquas ad te litteras dare, postquam meus Emmanuel multique alii quibus nefas erat non credere de tua ista praeclara eruditione et morum comitate multa mihi praedicarunt» (Ep. 32, p. 141, carta de Pedro Sanches escrita em resposta à presente missiva). A missiva de Pedro Sanches a Manuel Pires não se conserva no epistolário do Ms. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Sobre Manuel Pires, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 3.

#### Página 157

1- Cardoso refere-se a Rodrigo Sanches, a quem virá a remeter uma carta já anteriormente tratada (v. *supra*, Ep. 16, pp. 106-108) e que, não obstante, é posterior à presente missiva, de resto a mais antiga trocada entre Cardoso e os Sanches. Sobre este humanista e sacerdote, vindo para Portugal no séquito da rainha D. Catarina, v. *supra*, Ep. 16, p. 106, n. 1.

2- Versão literal de um provérbio, que Cardoso regista, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 181-v.º, nos seguintes termos: «Pinguí Minerua. Groseramente». Entre os autores clássicos, dão testemunho do seu uso Cícero: «agamus igitur pingui ut aiunt Minerua» (*Lael.*, § 18) e Columela: «Potest enim nec subtilissima nec rursus, quod aiunt, pingui Minerua res agrestis administrari» (1, *praef.*, e de novo em 11, § 1). Para uma outra ocorrência desta expressão em Cardoso, v. *supra*: «si pinguem Mineruam redoleant» (Ep. 12, p. 99). Sobre a locução *crassa Minerua*, de sentido análogo e também utilizada por Cardoso, v. *supra*, Ep. 25, p. 125, n. 6.

#### Página 158

1-

2- Este passo colhe inspiração nas célebres palavras com que Cícero abre o discurso em defesa do seu antigo mestre: «Si quid est in me ingení, iudices, quod sentio quam sit exiguum, aut si qua exercitatio dicendi, in qua me non infitior mediocriter esse uersatum, aut si huiusce rei ratio aliqua ab optimarum artium studiis ac disciplina profecta, a qua ego nullum confiteor aetatis meae tempus abhorruisse, earum rerum omnium uel in primis hic A. Licinius fructum a me repetere prope suo iure debet» (*Arch.*, § 1). Este mesmo passo é duas vezes citado por Quintiliano (*Inst.*, 11, 1, § 19 e 11, 3, § 97).

3- Cristóvão Fernando refere-se provavelmente a Aristóteles, filósofo que efectivamente aconselha: «ἐλάχιστα ληπτέον τῶν κακῶν», isto é, «deve-se escolher o mal menor» (*Ética a Nicómaco*, 2, 1109a 35 s.). Este preceito encontra-se documentado em Plauto: «Ex malis multis malum quod minimumst, id minumest malum» (*Stich.*, 119), em dois passos do *Off.* de Cícero (3, 1, § 3 e 3, 29, § 15) e em Pseudo Cícero: «In duobus autem malis cum fugiendum maius sit, leuius est eligendum» (*Epistula ad Octavianum*, § 8), entre outros. Por outro lado, os termos em que apresenta esta máxima encontram-se muito próximos dos de Tomás de Kempis: «De duobus malis semper minus est eligendum» (*Imitação de Cristo*, 3, 12, 2). Sobre este adágio, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1640, pp. 743-744.

4- Sobre o motivo horaciano do *labor limae* e as suas ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 6, p. 88, n. 2.

5- Ou, por outras palavras, «tendo-me tu, não há muito tempo, [...] glorificado». Relativamente a este tipo de expressão e para as suas ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.

#### Página 159

1- Sobre o antigo motivo do mel como indicador de uma grande eloquência, o qual remonta a Homero (*Il.*, 1, 247-249), v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 1.

2- Versão possível para a expressão latina «ad unguem», empregue por Cristóvão Fernando, a qual decorria do facto de os escultores darem os últimos retoques com uma unha ou de os marmoristas assim verificarem o acabamento das superfícies. Sobre outras expressões próximas, v. *supra*, Ep. 23, p. 121, n. 3.

3- Informação do mais alto interesse no que respeita à biografia de Jerónimo Cardoso, como já antes notou Barbosa Machado: «Anhelando com virtuosa ambição adquirir thesouros de novas Faculdades determinou passar à Universidade de Pariz por ter já assistido em a de Salamanca de cujo intento o despersuadiu seu particular amigo Christovão Fernando em huma Carta cheya de louvores dedicados ao seu merecimento» (*op. cit.*, tomo II, p. 488). A presente carta constitui o único testemunho do desejo acalentado por Cardoso de continuar os seus estudos em Paris.

4- Esta expressão, de valor nitidamente proverbial, parece corresponder a uma variante do adágio latino «Vbi papa ibi Roma» («onde está o papa está Roma»), o qual, segundo Renzo Tosi (*op. cit.*, § 1512, p. 685), constitui por sua vez uma variante popular da expressão «Vbi Petrus, ibi et Ecclesia» («Onde estiver Pedro, ali estará a Igreja»), cuja fonte se encontra em Santo Ambrósio (*Expositio in Psalmos*, 40, 30) e que encerra uma óbvia alusão à investidura de São Pedro, ou seja, à incumbência de fundar a Igreja de Cristo (cf. Mt. 16, 18). Na sua presente forma, estas palavras de Cristóvão Fernando não se encontram atestadas em nenhuma fonte clássica.

#### Página 160

1- Para além do singular interesse de que a presente carta se reveste, sob o ponto de vista da biografia de Cardoso, por ser o único testemunho do seu desejo de prosseguir os estudos além Pireneus (cf. *supra*, Ep. 40, p. 159, n. 3), apresenta ainda neste ponto um dos mais rasgados elogios à sua acção

pedagógica, vindo de quem dispunha, sobre ela, de informações muito concretas. Para outras referências à sua actividade pedagógica, v. *supra*, Ep. 9, p. 94, n. 1.

#### Página 161

1- Com o nome de António Pimenta regista Barbosa Machado um «natural de Santarém, e contemporâneo do célebre Mestre de Grammatica Jeronymo Cardoso, e pela semelhança dos estudos, e costumes muito seu cordial amigo» (*op. cit.*, tomo I, p. 351) e enumera seguidamente os seis textos incluídos nas edições de Jerónimo Cardoso: duas cartas (Ep. 41, p. 161 e Ep. 47, p. 174) e quatro poemas (El. 2, 19, p. 350, n. 1; El. 2, 20, p. 352; El. 2, 21, p. 353 e El. 2, 22, p. 353) todos da autoria de Cardoso, citando de seguida, com bastante exactidão, os vv. 1-16 e 21-28 do primeiro poema e 1-6 do segundo. Acrescenta, enfim, que António Pimenta «Deixou muitas obras poéticas, e cartas latinas» (*ibidem*, tomo I, p. 352), lembrando as duas missivas cuja recepção Jerónimo Cardoso acusa na sua segunda carta e não foram incluídas no seu epistolário (cf. *infra*, Ep. 47, p. 174 e n. 2). Como se pode constatar, Barbosa Machado apenas conheceu os textos conservados nas colectâneas de Cardoso, não tendo lido nada da autoria desse seu correspondente (de facto, não se encontra, para além da presente, qualquer informação de que tenha deixado obra escrita).

Por outro lado, Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, p. 395) dá notícia de um António Pimentel «Oriundo ab oppido de myrãda de duero diocesis bracarensis» que recebeu o grau de bacharel, com o doutor António Gomes, a 30 de Maio de 1544 em Salamanca e que aí se encontrava ainda a 25 de Junho de 1547, dado ter sido testemunha do bacharel médico António de Burgos, seu conterrâneo. António Pimenta (ou Pimentel, ficam-nos dúvidas quanto à forma real do seu apelido) seria assim oriundo de Miranda, cuja diocese apenas foi erigida por bula de Paulo III em 22 de Maio de 1545 (daí que António Pimenta se apresentasse como oriundo da diocese de Braga) e não de Santarém. Dos seis textos conhecidos, Joaquim Veríssimo Serrão lembra apenas a primeira carta, porque a mesma «revela valor histórico por fazer menção de um tratado *De Praeteritorum et supinorum ratione*» que Cardoso se encontrava a elaborar e que não consta ter sido editado» (*ibidem*, p. 395).

Se as informações prestadas por este investigador se restem de singular interesse no que respeita ao apurar do lugar de origem de António Pimenta, o mesmo não acontece com as suas conclusões relativas ao tratado *De Praeteritorum et Supinorum Ratione*, porquanto ignoram o que Cardoso explicitamente refere na segunda missiva. Satisfeito com o acolhimento favorável quer da sua primeira carta quer do exemplar do tratado que com ela seguia, o Humanista chega, com efeito, a escrever: «Triginta uero ex his ad te mittimus. Tu pretium ad arbitratum tuum, quo nihil incorruptius ducimus, moderaberis» (cf. *infra*, Ep. 47, p. 175 e n. 4), palavras estas que permitem constatar que o dito tratado já não se encontrava em forma manuscrita.

O mais antigo dos textos conservados será a primeira carta. Com ela, Cardoso apresenta-se, solicita a amizade de António Pimenta e apresenta um exemplar do dito tratado, pedindo ao seu destinatário que sobre ele exerça a sua revisão. Este último aspecto permite supor que um dos poemas, o El. 2, 21, composto por nove trímetros iâmbicos, se destinava a acompanhar o envio do tratado e desta primeira carta, dado que com ele o Humanista de Lamego solicita igualmente a revisão dos seus trabalhos.

Ter-se-ão seguido a estes textos as duas cartas de António Pimenta, de cuja existência se tem conhecimento pela segunda missiva de Cardoso, que acusa a sua recepção e lhes respondia. Do conteúdo deste segundo texto de Cardoso salienta-se a surpresa ante o acolhimento favorável da sua oferta de amizade e da obra que lhe enviara e o anúncio da publicação de um outro trabalho seu (tratar-se-ia acaso o *Dictionarium Iuventuti Studiosae Admodum Frugiferum* vindo a lume em 1551?). Devem ter acompanhado esta segunda missiva dois outros poemas, que cujo conteúdo vai ao encontro da mesma: o El. 2, 20, que exalta as qualidades pedagógicas e humanas de António Pimenta, e o El. 2, 20, que celebra a conquista de uma nova amizade e o valor da mesma.

Quanto ao mais extenso de todos os poemas, o El. 2, 19, uma belíssima composição em estrofes sáficas que celebra a amizade de António Pimenta, poderá ter sido enviado em anexo a esta segunda carta ou talvez seja posterior, não havendo argumentos que permitam situá-lo de uma forma mais objectiva. Todo este ciclo de textos parece dever situar-se por finais da década de quarenta e inícios da seguinte, dado que, por um lado, António Pimenta se encontrava em Salamanca ainda em Junho de 1547, por outro, o princípio da década seguinte coincide com o início das publicações de obras de Jerónimo Cardoso.

2- Ou seja, por um vínculo indissolúvel. Jerónimo Cardoso, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 79- v.º, regista esta expressão nos seguintes termos: «Gordius nodus. Ho noo cego que se nã pode desatar, como foy o que Alexandre cortou na cidade de Gordio, no templo de Iupiter». A história a que o humanista se refere vem relatada em Quinto Cúrcio (3, 1, § 15 e segg.) e em Justiniano Justino (11, 7, § 13 e segg.) e conta como Alexandre cortou com a sua espada um nó inextricável que prendia o carro de Górdio, rei da Frígia Maior e pai de Midas, acerca do qual um oráculo afirmava que quem o desatasse reinaria sobre a Ásia.

3- Atestada já em Plauto: «Quiquomque ubi <ubi> sunt, qui fuerunt qui que futuri sunt posthac/ Stulti, stolidi, fatui, fungi, bardi, blenni, buccones,/ Solus ego omnis longe antideo stultitia et moribus indoctis» (*Bacch.*, 1087-1089; e ainda 283 e 821), a presente metáfora constitui um adágio, referido já por Erasmo (*Adagia*, 4, 1, 38) e que Jerónimo Cardoso comenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 76- v.º, da seguinte forma: «Fungus, i. Se chamara ho paruo sem sabor. Porque fungus he huma specia de cogumelo que não presta». Sobre as várias explicações deste adágio, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 411, p. 191.

Para uma outra ocorrência desta expressão, v. *infra*: «Sed me latet quid te ad hoc impulit, quoue animo rem adeo grauem ad me stupidiorum nempe Praxillae Adonide et prorsus fungo mittere in animum induxisti» (*Ep.* 65, p. 211, carta de Afonso de Arche).

4- Alusão a uma das obras didácticas do autor, de que não se encontrou, até ao presente, nenhum exemplar. Sobre esta *De Praeceptorum et Supinorum Ratione* afirma Barbosa Machado que, por se desconhecer o ano em que a presente carta foi escrita (não obstante vir datada de 25 de Outubro), não se pode saber em que ano foi impressa, colocando-a assim em último lugar na lista das obras e edições de Cardoso (*op. cit.*, tomo II, p. 491). Justino Mendes de Almeida, por outro lado, afirma não saber se tal obra terá chegado a imprimir-se, acrescentando: «No entanto, Nicolau António (p. 571) dá-a como impressa, e Leitão Ferreira (pp. 497-498) e Anselmo, sob o n.º 25 do *suplemento*, não deixaram de registar a alusão de Cardoso à elaboração da obra, mas, porque até hoje não se conhece nenhum exemplar, pode bem ser que ela tivesse ficado inédita ou tenha sido aproveitada na redacção da arte de gramática de que tratámos anteriormente» («Introdução» in Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas*, p. 11).

O facto de Cardoso dizer que, se António Pimenta assim o desejar, lhe enviará alguns exemplares, para que sejam vendidos ao preço que este determinar e de, na carta seguinte a António Pimenta (*Ep.* 47, v. *infra*, pp. 174-175) afirmar que lhe envia trinta exemplares («Triginta uero ex his ad te mittimus», v. *infra*, p. 175), parece, a nosso ver, confirmar a sua divulgação sob forma impressa.

5- Refere-se Cardoso ao compêndio intitulado *Introductiones Latinae* de Élio António de Nebrija, obra volumosa, impressa pela primeira vez em Salamanca, no ano de 1481. Uma das personagens mais relevantes do início do movimento humanístico em Espanha, Élio António de Nebrija (em lat. *Aelius Antonius Nebrissensis*), nascido em 1444, desenvolveu os seus estudos em Itália e, de regresso a Espanha, ensinou em Sevilha, na Universidade de Salamanca e na recém-criada Universidade de Alcalá de Henares, a convite de cardeal Ximenes, seu fundador. A sua obra distribui-se por áreas como a Gramaticografia (Nebrija redigiu a primeira gramática moderna de uma língua vernácula- o Castelhana) e a Lexicografia, tendo-se ainda distinguido como poeta em língua latina, editor crítico, helenista-teólogo, cientista e historiador. Para o elenco das suas obras e respectivas edições, v. *HISLAMP*, pp. 190-201.

Falando em defesa das suas *Institutiones in Linguam Latinam Breuiores, et Lucidiores quam antehac Aliae in Lucem Editae Sunt*, impressas em 1562, Jerónimo Cardoso virá ainda a escrever: «Spernit Nebrissae numerosa uolumina docti,/ Quae sint docta licet longa putanda tamen» (v. *infra*, *Inst.* 3, 7-8).

6- Sobre a expressão *album calculum aduicere*, empregue por Cardoso neste passo, v. *supra*, *Ep.* 25, p. 125, n. 2.

#### Página 162

1- Ou seja, no dia 25 de Outubro.

#### Página 163

1- A respeito do humanista Pedro Sanches, irmão de Rodrigo Sanches, bem como acerca dos textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso e da sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 32, p. 141, n. 1.

2- Alusão provável à primeira carta remetida por Jerónimo Cardoso a Pedro Sanches (v. *supra*, Ep. 39, p. 156).

3- Referência a Manuel Pires, irmão do médico Luís Pires e figura do círculo constituído pelos irmãos Pires e os Sanches, cf. *infra*: «Si tibi minus placebunt, si fuerint molesti, si nauseam denique concitauerint (quod ita fore non dubito) in Emmanuelem nostrum culpam conlicito, is enim auctor mihi fuit insaniendi» (Ep. 42, p. 163). Sobre esta personagem, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 3.

4- Versão literal da expressão latina empregue por Pedro Sanches, que significa «sem imaginação, sem capacidade», por ser Minerva a deusa tutelar da habilidade técnica e da sabedoria. Jerónimo Cardoso regista-a no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 100-r.<sup>o</sup>, da seguinte forma: «Inuita minerua. Contra o engenho. Diremos isto quando alguém fizer algo nam tendo natural pera isso». Entre os clássicos, tal locução ocorre no seguinte passo de Horácio: «tu nihil inuita dices faciesue Minerva;/ id tibi iudicium est, ea mens» (A.P., 385-386) bem como em Cícero (*Off.*, 1, 31, § 110; *Fam.*, 3, 1, § 1 e 12, 25, § 1). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1477, p. 672.

Para outras variantes desta expressão, v. *infra*: «cum nata sint inuitis Musis» (Ep. 46, p. 172, carta de Pedro Sanches); «Inuitas rursus cogis adire deas» (El. 1, 18, 16, p. 286) e «Inuito licet usque deo, inuitisque Camenis» (Sil. 6, 17, p. 380).

5- Não é possível identificar com segurança os versos a que Pedro Sanches se refere neste ponto. Se eles se conservam no grupo de textos trocados entre Cardoso e Sanches, uma primeira hipótese é que se trate de algum dos pequenos poemas incluídos entre os *testimonia* do «De Terraemotu» (Lib. 2). Uma segunda hipótese a contemplar é que Pedro Sanches, usando de uma muito falsa modéstia, se esteja a referir a uma bela composição, longa de 80 versos, incluída nos *Elegiarum Libri II* de Cardoso (El. 2, 12, v. *infra*, p. 336), poema este que, por sua vez, responde claramente a uma das silvas (Sil. 3, v. *infra*, p. 372). A ser este o caso, a dita elegia (El. 2, 12) teria sido enviada em anexo à presente missiva, mas resulta estranho que Pedro Sanches nada diga a respeito do poema que a precede (Sil. 3) e o tom em que ambos estão escritos mais parece convir a uma velha relação de amizade. A questão permanece, pois, em aberto.

6- Expressão tomada, com bastante fidelidade, do seguinte passo de Virgílio: «sin nostrum aduerit nobis Victoria Martem/ (ut potius reor et potius di numine firment),/ non ego nec Teucris Italos parere iubebo/ nec mihi regna peto: paribus se legibus ambae/ inuictae gentes aeterna in foedera mittant» (*Aeneis*, 12, 187-191). Pedro Sanches substitui, no entanto, as formas *di* (por *dii*) e *numine* (por *numina*).

#### Página 164

1- Ou seja, a 25 de Setembro.

#### Página 165

1-

2- Alusão a uma carta de Álvaro Vaz, que Jerónimo Cardoso não incluiu nesta sua colectânea, possivelmente pelo tom, desagradável em extremo, em que estava redigida e que se depreende do azedume de que transbordam os períodos seguintes. Para uma outra referência a esta missiva, v. *infra*: «Tametsi epistula illa tua totius modestiae et urbanitatis penitus oblita falsisque criminationibus scatens, nullam prorsus responsionem merebatur» (Ep. 43, p. 166). Esta carta de Jerónimo Cardoso é, de resto, como já vimos, o único texto que se conserva trocado entre ele e este seu antigo aluno.

3- Referência a uma primeira carta de Jerónimo Cardoso a António Vaz, que não foi incluída neste epistolário, talvez por ter sido escrita possivelmente em Português, como parece sugerir o seguintes passo: «Verum cum te alterum me esse mihi facile persuaderem: et qui propter inextricabile amicitiae uinculum meas, siue ueras, siue translaticias excusandi circuitiones boni consuleres: tantisper ad te latine scribere

praetermisi, dum opportunius tempus aliquod magisque idoneum ad rescribendum nactus essem» (v. *infra*, Ep. 43, p. 166).

4- São bastante frequentes, nos escritos de Jerónimo Cardoso, as queixas da falta de tempo, de que o presente passo dá um eloquente testemunho. Com o ano lectivo próximo do seu termo, Jerónimo Cardoso andaria particularmente ocupado e já bastante fatigado, para se poder entregar aos divertimentos da escrita, que reservava para os dias festivos e com que costumava ocupar os períodos de férias.

#### **Página 166**

1- Sobre a expressão latina «alter ego» e as suas ocorrências e variantes nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 26, p. 128, n. 4.

2- Acerca de Pedro Gomes de Abreu, um dos alunos mais caros a Cardoso, v. *supra*, Ep. 18, p. 111, n. 1. O facto de Pedro Gomes de Abreu se encontrar junto de Cardoso no segundo dia de Junho sugere que esta carta seja anterior à sua partida para a cidade de Coimbra.

3- Nova alusão a uma anterior missiva de António Vaz. A respeito desse texto, v. *supra*, Ep. 43, p. 165, n. 2.

4- Em lat. «magis emunctae naris», ou, em versão literal, «de nariz mais assoado». Sobre esta expressão latina, já empregue numa carta da autoria de Francisco Pacheco, v. *supra*, Ep. 13, p. 100, n. 2.

5- Informação relevante pelo facto de nos permitir apurar a verdadeira natureza do relacionamento entre Jerónimo Cardoso e António Vaz, que sabemos, deste modo, por um testemunho directo, ser um dos seus antigos alunos.

6- Ou seja, no dia 2 de Junho, dado que as calendas caem no primeiro dia de cada mês.

#### **Página 167**

1- A respeito de Luís Pires, médico, irmão de Manuel Pires e amigo chegado de Pedro e Rodrigo Sanches, bem como sobre os textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 1.

2- Trata-se, possivelmente, de um aluno de Jerónimo Cardoso. O tom de familiaridade com que Luís Pires se refere a este Diogo Francisco dá a entender que se tratava de alguém que integrava o seu círculo de amigos (tal como os irmãos Pedro e Rodrigo Sanches, referidos perto do termo da missiva), no entanto, essa mesma familiaridade terá levado Luís Pires a omitir o seu apelido e tal circunstância, aliada ao facto de o seu nome não tornar a ocorrer nos textos de Cardoso nem nos dos seus correspondentes inviabiliza uma identificação objectiva desta personagem.

3- Sobre esta montanha da Beócia, considerada pelos Antigos como a morada das nove Musas, que recebiam como tal o epíteto de *Heliconiades*, ou seja, «filhas do Hélicon», v. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11, n. 9.

4- Antigos epítetos de Júpiter, divindade suprema do panteão romano, os superlativos *Optimus e Maximus*, no latim dos humanistas, surgem normalmente atribuídos ao Deus cristão. Para outros exemplos desta prática em Jerónimo Cardoso e nos textos dos seus correspondentes, v. *supra*, Lib. 18, p. 68, n. 3.

5- Licenciado em Medicina, este mesmo Duarte Gomes leu uma cadeira de Filosofia Natural na Universidade quando esta ainda se encontrava em Lisboa, tendo obtido o lugar, por oposição, a 9 de Novembro de 1533. A 1 de Outubro de 1535, pronunciou a *Oração de Sapiência* na abertura solene do ano lectivo, a penúltima antes da transferência para Coimbra. Duarte Gomes continuou a ensinar na Universidade até ao termo das aulas em 1537, data em que se iniciou o referido processo de transferência (cf. Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, 1.ª parte).

Da presente alusão pode concluir-se que esta carta de Luís Pires, escrita em Évora a 8 de Agosto, deverá ter sido exarada nos últimos anos em que a Universidade se manteve em Lisboa.

#### Página 168

1- Alunos de Jerónimo Cardoso ao tempo em que a presente carta de Luís Pires foi exarada. Sobre Fernando Guterres, que por esta carta se sabe ter sido aluno de Cardoso, v. *supra*, Ep. 31, p. 139, n. 1; sobre Salvador Rodrigues, médico, com quem Jerónimo Cardoso trocou um bom número de textos, v. *infra*, Mon. A, p. 218, n. 1. Não sabemos a que Diogo se refere Luís Pires. Tratar-se-á acaso do jovem Diogo Estêvão, destinatário de um dos poemas de Cardoso (Sil. 8, v. *infra*, p. 388)?

2- Encerram estas palavras um vívido testemunho da grande proximidade existente, em Évora, entre os irmãos Luís e Manuel Pires, por um lado, e Pedro e Rodrigo Sanches, por outro, algo que, de resto, se encontra atestado em outros pontos da correspondência de Jerónimo Cardoso (cf. *supra*: Ep. 30, pp. 137-138, carta de Jerónimo Cardoso a Luís Pires; Ep. 32, pp. 141-142, carta de Pedro Sanches a Jerónimo Cardoso, ou ainda Ep. 36, pp. 148-149, carta de Luís Pires a Jerónimo Cardoso).

3- Ou seja, no dia 8 de Agosto.

#### Página 169

1- Filho do doutor Diogo Taveira e irmão de um outro Diogo Taveira, escolar em Salamanca, André Taveira, segundo Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, pp. 354-355), frequentou por algum tempo a essa universidade, aparecendo nos seus registos como testemunha de Fernando de Sousa, bacharel em Leis a 30 de Agosto de 1539. Não se sabe se André Taveira obteve em Salamanca o grau de bacharel, parece, no entanto, mais provável que o tenha conquistado em Coimbra. Com efeito, foi nesta universidade que veio a licenciar-se e a doutorar-se em Direito Canónico, em Fevereiro de 1548 (cf. Mário Brandão, *Actas dos Conselhos da Universidade*, vol. II, parte I, pp. 106 e 111). Segundo o mesmo investigador, André Taveira veio a ser, depois de 1548, desembargador da casa da duplicação.

Entre os textos que Cardoso publicou, apenas se conservam três cartas trocadas com este seu antigo aluno (duas de Cardoso: a presente, Ep. 45, e Ep. 53, v. *infra*, p. 185, e uma de André Taveira, v. *infra*, Ep. 50, p. 179), que, na sua presente disposição, se apresentam cronologicamente invertidas, não mostrando qualquer solução de continuidade.

A carta mais antiga, da autoria de Cardoso, datada de 15 de Outubro (Ep. 53), principia com a menção da saudade do mestre por este seu antigo aluno, de cuja companhia se vira privado provavelmente no termo do ano lectivo anterior. Seguidamente, diz ter sido informado do seu regresso à terra natal, a conselho dos médicos, por motivo de uma grave doença, refere a amizade dos seus condiscípulos e pede-lhe que o não esqueça, solicitando o envio de correspondência. Cardoso termina a carta enviando cumprimentos ao pai de André Taveira, a quem reconhece estar muito obrigado por inumeráveis favores.

Na resposta (Ep. 50), escrita em Évora, André Taveira dá conta da recepção da carta anterior, entregue pelo «nosso amigo Manuel» (certamente Manuel Pires), a que muito tardou em responder por causa da sua grave enfermidade (a carta vem datada de 16 de Agosto, quase um ano depois!). Informa-o de que deu a ler a carta anterior a várias pessoas, que muito a admiraram, promete continuar a escreve-lhe e confessa, algo embaraçado, que não se entregou ao estudo desde que partiu de Lisboa. Acolhe, enfim, a amizade dos seus antigos condiscípulos, de que a carta anterior dava testemunho e termina dando conta da satisfação do seu pai pelas saudações recebidas.

A última carta (a presente), datada de 28 de Julho, novamente separada da precedente por um longo espaço de tempo, refere a entrega da anterior por mãos de Manuel Pires, celebra o esmero e correcção da sua linguagem, não escondendo a grande satisfação por ter contribuído para a formação de um tal talento, e menciona, de novo, a grave doença de André Taveira, aconselhando-o a interromper os duros trabalhos, causa de tal enfermidade. A carta termina com mostras de satisfação por os cumprimentos de Cardoso ao pai de André terem sido bem acolhidos por este, «pessoa de talento e fortuna e membro do Conselho do [...] rei João».

Tendo em conta, por um lado, as informações biográficas de André Taveira acima referidas e, por outro, o conteúdo destas três missivas é de supor que André Taveira, depois de ter deixado a escola de Cardoso, terá partido para Salamanca, onde se encontrava a 30 de Agosto de 1539 e de onde foi obrigado a

regressar, por motivo de doença prolongada que o terá impedido de prosseguir os estudos. Terá então permanecido, por um longo período de tempo em Évora, na casa de seu pai, até ao seu completo restabelecimento. Recuperada a saúde, terá retomado os estudos, desta feita na Universidade de Coimbra, onde obteve sucessivamente, como acima se disse os graus de licenciado e de doutor, este em Fevereiro de 1548. Sendo acertada esta suposição, as três cartas referidas terão sido exaradas no decurso de um período de dois anos que deverá coincidir com o início de década de 1540.

2- Em lat. «Mellitissimam [...] uoluptatem» (em versão literal «uma alegria da extrema doçura do mel»). Sobre o antigo motivo do mel, indicador de uma grande eloquência (o qual remonta a Homero, *Iliada*, 1, 247-249) e, neste caso, qualificativo da alegria suscitada pela recepção de uma bela carta, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 45, n. 1.

3- Alusão à carta precedente de André Taveira, escrita em Évora e datada de 16 de Agosto (quase um ano antes), que ainda se conserva, incluída neste epistolário (v. *infra*, **Ep. 50**, p. 179).

4- Irmão do médico Luís Pires e membro do círculo formado com os irmãos Sanches, Manuel Pires servia muito frequentemente de correio, levando cartas de Lisboa para Évora, então sede da corte, e vice-versa e ainda para Santarém (ou, provavelmente, para Almeirim, cf. *infra*, **Ep. 51**, p. 181). Sobre esta personagem, v. *supra*, **Ep. 30**, p. 137, n. 3.

5- André Taveira foi, deste modo, aluno de Jerónimo Cardoso (cf. *infra* «Superest itaque, ut posthac iam uereri incipiam ne in posterum praeceptoris tui nomen splendore tuo obnubiles», **Ep. 45**, p. 169). Os testemunhos de que André Taveira foi aluno de Jerónimo Cardoso encontram-se presentes, de resto, nas três cartas que entre si trocaram.

6- A uma expressão semelhante há-de recorrer Jerónimo Cardoso num poema dirigido a Aquiles Estaço, também seu ex-aluno (v. *infra*: «Namque suos ueluti commendant optima quaeque/ Artifices opera, ut caelum, mare, terra Tonantem/ Flamiger et Titan, Titanis et aemula Phoebe,/ Sic tu me ingenti tollis super aethera laude/ Utque meum totis nomen crebrescat in oris/ Efficis, in nostra quod sis incude politus» **SH. 14**, 20-25, p. 405).

7- Novo e claro testemunho de que André Taveira se contou entre os alunos de Jerónimo Cardoso, cf. *supra*: «dulcis epistulae tuae lectio, cum ab isto felici perspicuoque ingenio emanasset, in quo fingendo poliendoque aliquantum a me elaboratum est» (**Ep. 45**, p. 169).

#### **Página 170**

1- Imagem curiosa, que já antes se nos deparou numa missiva de Bartolomeu Filipe a Jerónimo Cardoso, datada de 26 de Fevereiro de 1539: «Quod ergo summis hucusque uotis optandum fuit: ut tibi e cuius schola non inferioris notae discipulos quam olim ex equo Troiano heroas processisse plerique omnes intellegant, amicus quoquo pacto redderit (est supra uotum sarctum tectumque) amicitia praestitit» (v. *supra*, **Ep. 21** e n. 5, p. 117). A presente epístola de Cardoso deve ser posterior à de Bartolomeu Filipe, da qual terá tomado a dita imagem, apresentando, no entanto, desculpas pela sua aparente falta de modéstia. Para outras referências à sua actividade pedagógica, v. *supra*, **Ep. 9**, p. 94, n. 1.

2- Cf. *infra*: «parenti fuit quam gratissima salutatio tua, remittitque uicissim. Atque tibi merito succenset, qui abeo nihil unquam postulaueris uelis ergo (ut nobis morem geras) succensere desinat» (**Ep. 50**, p. 180, carta de André Taveira). As saudações de Cardoso foram inicialmente enviadas na sua primeira carta (cf. *infra*: «ad patrem tuum humanissimum atque integerrimum scribere destinabam, sed pudore quodam subrustico impeditus facere sum ueritus. [...] Rogarem fortasse te mi Andrea, ut ei meo nomine saltem salutem diceres, si uiri tanti salutandi munere dignum me existimarem» **Ep. 53**, p. 186).

#### **Página 171**

1- Parece haver neste passo um equívoco da parte de Jerónimo Cardoso, em resultado da homonímia existente entre o pai e o irmão de André Taveira, ambos chamados Diogo Taveira. Com efeito,

embora o doutor Diogo Taveira, pai, tenha sido uma importante figura da corte nos reinados de D. Manuel e D. João III, desempenhando funções de chanceler-mór do reino e desembargador da Casa da Suplicação entre os anos de 1521 e 1524 (cf. *infra*, Ep. 53, p. 186, n. 2), apenas Diogo Taveira, filho, veio a ser nomeado Corregedor da Corte, Corregedor do Cível e, como se lê neste passo desta carta de Cardoso, conselheiro.

2- Isto é, no dia 28 de Julho.

#### **Página 172**

1- Acerca de Pedro Sanches, amigo e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos trocados entre ambos e a sua eventual sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 32, p. 141, n. 1.

2- Não se encontra, nos textos de Jerónimo Cardoso e seus correspondentes, qualquer outra referência a um aluno seu de apelido Oliveira (na realidade, com tal nome apenas se encontra Fernando Oliveira, autor da primeira gramática da língua portuguesa, destinatário de uma das epístolas de Cardoso, cf. *supra*, Ep. 29, pp. 135-136). Pelas palavras de Pedro Sanches, escritas em Évora, poder-se-á apenas supor que este aluno era natural dessa cidade, aonde regressava durante os períodos de férias, mas o facto de se lhe referir mencionando apenas o seu apelido não permite sequer tentar a sua identificação.

3- Por informações constantes nesta mesma missiva, sabe-se que uma carta estava escrita em prosa, a outra em verso (cf. *infra*: «Sed iam ad tuas ueniamus epistulas, quae me insolita quadam perfuderunt uoluptate. Praecipue tamen illa quae pedibus constabat» Ep. 46, p. 172). A carta em prosa não consta no epistolário de Cardoso, dado haver apenas uma da sua autoria endereçada a Pedro Sanches (Ep. 39, v. *supra*, p. 156), à qual responde uma outra carta deste (seguramente Ep. 32, v. *infra*, p. 141). Sobre a identificação possível da carta escrita em verso, v. *infra*, Ep. 46, p. 172, n. 11.

4- O convite de São Paulo, a que Pedro Sanches faz alusão, apresenta-se na Sagrada Escritura sob a seguinte forma: «expurgate uetus fermentum ut sitis noua comparsio sicut estis azymi etenim pascha nostrum immolatus est Christus» (*Cor. I*, 5, 7).

5- Uma versão possível para o presente adágio latino, já empregue por Plauto (*Poen.*, 332) e Cícero (*Fam.*, 7, 1, 3) e que Jerónimo Cardoso comenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 154-r.º, nos seguintes termos: «Oleum & operam perdere. Deytar a perder o tempo & o dinheyro. Dirseha dos velhacos, que gastarão ho tempo & a fazenda de balde nas letras ou em outro officio». Sobre a origem deste adágio e as suas interpretações, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 472, pp. 221-222.

6- Isto é, o auxílio das nove Musas. Sobre as Piérides, figuras de início independentes das Musas e posteriormente assimiladas a estas, v. *supra*, Lib. 9, p. 26, n. 3.

7- Nome de uma poderosa feiticeira da Tessália, Ericto (em gr. Ἐριχθία), a cujos encantamentos, segundo Lucano (6, 508), Pompeu se viu obrigado a recorrer. As palavras de Pedro Sanches reportam-se ao episódio em que, para conhecer o futuro, Ericto conjura a alma de um soldado de Pompeu morto recentemente: «haec ubi fata caput spumantiaque ora leuauit./ aspicit astantem projecti corporis umbram./ exanimes artus inuisaque claustra timentem/ carceris antiqui. pauet ire in pectus apertum/ uisceraque et ruptas letali uulnere fibras./ a miser, extremum cui mortis munus inique/ eripitur, non posse mori» (*ibidem*, 6, 719-725) O seu nome ocorre igualmente em Ovídio (*Her.*, 15, 139).

8- Sobre o sentido das palavras «quae unguem [...] desiderent», que se explica à luz de um adágio latino, registado por Jerónimo Cardoso no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 268-r.º, v. *supra*, Ep. 23, p. 121, n. 3.

9- Acerca deste antigo sinal crítico, o óbelo, utilizado para assinalar os erros nos manuscritos, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 6.

10- Relativamente ao valor do adágio latino «inuitis Misis», de sentido análogo ao de «inuita Minerua», e para outras ocorrências do mesmo nos textos de Cardoso, v. *supra*, Ep. 42, p. 163, n. 4.

11- Cf. *supra*: «Oliuerius discipulus tuus binas ad me litteras attulit: quibus mirifice sum delectatus» Ep. 46, p. 172. A carta em verso a que Pedro Sanches faz referência pode talvez identificar-se com uma composição que Cardoso viria a incluir nos seus *Elegiarum Libri II* (v. *infra*, El. 1, 14, p. 277), dado que nela Cardoso lamenta o facto de não ter recebido, durante muito tempo, qualquer correspondência da parte deste seu amigo, algo que parece ir ao encontro dos dados constantes no início da presente missiva.

12- Ou seja, um crítico literário da mais alta competência. Cf. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 6.

13- Estas palavras de Pedro Sanches parecem reportar-se a uma fábula de Fedro, em que a deusa Juno procura consolar a sua ave, o pavão, que se queixa por não ter sido dotada da maviosa voz do rouxinol, dizendo-lhe: «Sed forma uincis, uincis magnitudine;/ Nitor smaragdi collo praefulget tuo/ Pictisque plumis gemmeam caudam explicas» (3, 18, 6-8). Renzo Tosi (*op. cit.*, § 1739, p. 788), por outro lado, regista a expressão «laudato pauone superbior» («mais orgulhoso do que um pavão louvado»), que Ovidio emprega a propósito de Galateia (*Met.*, 802) e na qual o pavão surge como símbolo do orgulho extremo.

#### Página 173

1- Expressão tomada por Pedro Sanches do seguinte passo de Juvenal: «quis enim generosum dixerit hunc qui/ indignum genere et praeclaro nomine tantum/ insignis? nanum cuiusdam Atlanta uocamus,/ Aethiopem cyncum, paruam extortamque puellam/ Europen; canibus pigris scabieque uetusta/ leuibus et siccae lambentibus ora lucernae/ nomen erit Pardus, Tigris, Leo, si quid adhuc est/ quod fremat in terris uiolentius. ergo cauebis/ et metues ne tu sic Creticus aut Camerinus» (*Saturae*, 8, 30-38). Camerino, um cognome da distinta *gens Sulpicia*, aplica-se, de um modo geral, às figuras de nascimento muito ilustre e, enfim, às pessoas de baixa condição que a tal pretensamente aspiram. O sobrenome de Crético, atribuído a Quinto Metelo por este ter subjugado a ilha de Creta, revestir-se-á do mesmo valor.

2- Paráfrase de um adágio, registado e comentado no *Dictionarium Latinolusitanicum* de Cardoso, fl. 29- r.º, nos seguintes termos: «Calceus maior pede. Çapato mayor que ho pé. Dirseha do que faz mais alardo do que tem de fazenda, ou presume mais do que he». Esta expressão parece remontar a Horácio, que escreve o seguinte: «cui non conueniet sua res, ut calceus olim;/ si pede maior erit, subuertet, si minor, uret» (*Ep.*, 1, 10, 42-43).

3- Rodrigo Sanches, destinatário de uma das cartas de Cardoso (v. *supra*, Ep. 16, pp. 106-108). Relativamente a este humanista e sacerdote, que veio para Portugal no séquito da rainha D. Catarina, v. *supra*, Ep. 16, p. 106, n. 1.

4- Ou seja, no dia 4 de Abril.

#### Página 174

1- Sobre António Pimenta, mestre de humanidades na então vila de Santarém, e os vários textos a ele remetidos por Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 41, p. 161, n. 1.

2- Alusão a duas missivas de António Pimenta que Jerónimo Cardoso não incluiu em nenhuma das suas colectâneas. Os vários textos existentes, que documentam o relacionamento entre estas duas figuras, como já vimos (cf. *supra*, Ep. 41, p. 161, n. 1), são todos da autoria de Cardoso.

3- Sobre a expressão paralela *fores aperire* e o seu sentido, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 6.

4- Ou, em versão literal, «próprias de um Gnatão», nome de um parasita no *Eunuchus* de Terêncio e, por conseguinte, dos parasitas em geral. Sobre este assunto e para outras ocorrências deste nome em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 37, p. 152, n. 3.

#### Página 175

1- Referência à obra *De Praeceptorum et Supinorum Ratione*, de que Jerónimo Cardoso enviou a António Pimenta pelo menos um exemplar, acompanhado por carta datada de 25 de Outubro (cf. *supra*: «superioribus diebus excudendum tradidimus libellum *De Praeceptorum et Supinorum Ratione* ut et meo et auditorum meorum labori consulerem. [...] Tu si huic labori meo album calculum adieceris mittam ad te aliquot ex his, ut inter auditores tuos eo quo statueris pretio ueneant» Ep. 41, p. 161).

Embora não seja possível colher das próprias missivas de António Pimenta os elogios por ele tecidos a este trabalho, há sobre eles um outro testemunho indirecto, numa carta de Cardoso a António Mendes, sobrinho por afinidade de Manuel Pires: «Quod uero scribis Antonio Piperi iucundos existisse libellos nostros, non nimis admiror siquidem uir est et humanissimus et modestissimus, qui nulla de re quantumuis minima et leui nisi candide et sincere et loqui et sentire consueuit. Accessit praeterea tua commendatio, quo plus roboris, et adiumenti nostrae haberent nugae» (cf. *infra*, Ep. 51, pp. 181-182).

2- Alusão provável a um outro trabalho gramaticográfico de Jerónimo Cardoso, que veio a lume sob o título: *Grammaticae Introductiones Breuiiores et Lucidiores, quam Ante hac Aliae in Lucem Editae Sunt*, cuja data de impressão se desconhece e de que resta, na Biblioteca Municipal do Porto, um único exemplar, a que faltam folhas no fim (cota X<sup>1</sup>. 3. 43., sobre ele, v. A. J. Anselmo, *op. cit.*, n.º 146, p. 40). Este trabalho veio novamente a lume, sob o título *Institutiones in Latinam Linguam Breuiiores, et Lucidiores, quam Antehac Aliae in Lucem Editae Sunt*, em Lisboa, por João da Barreira, no ano de 1557; novamente em Lisboa, por João Blávio, 1562 e finalmente em Coimbra, por João da Barreira, no ano de 1566.

3- Ou, em caracteres gregos, *εἰσαγωγής*. O substantivo feminino *εἰσαγωγή* significa, neste caso, «introdução» ou «iniciação a uma determinada matéria».

4- À luz destas palavras, parece claro que o *De Praeceptorum et Supinorum Ratione* de Cardoso foi efectivamente impresso, não havendo assim razão para as dúvidas colocadas a este respeito por J. Mendes de Almeida («Introdução» in Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas*, p. 11). Sobre este assunto, cf. *supra*, Ep. 41, p. 161, n. 4.

#### Página 176

1- Relativamente a Pedro Sanches, amigo e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como acerca dos textos trocados entre ambos e sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 32, p. 141, n. 1.

2- Não resta, nos textos de Jerónimo Cardoso, qualquer informação que permita identificar este seu aluno. O que é mais, contrariamente a um aluno de nome António referido numa carta dirigida a André Cotrim (v. *supra*, p. 129 e n. 2), não há qualquer outra notícia de um aluno de Cardoso chamado Sebastião, nome que, em todo o caso, deverá integrar, ainda que vazio de significado, a lista dos seus alunos.

3- Alusão a uma carta, dirigida por Cardoso a Pedro Sanches, que não chegou sequer ao seu destino e que, muito naturalmente, não consta neste epistolário. Acontecia por vezes, no tempo de Jerónimo Cardoso, perderem os correios as cartas ou poemas que lhes eram confiados ou, por qualquer outra razão, não chegarem ao seu destino (cf. *infra*: «Intercidisse epigramma nostrum quod in laudes egregi pueri discipuli lusi, per Musas omnes uehementer angor, atque grauius patior (quoniam si uerum est quod nuntius ait) tibi non omnino malum uisum est», Ep. 54, p. 189, carta de Inácio de Moraes; «Nam tibi notum puto triste sidus, / Quod mihi nato heu misero refusit. / Flebile et fatum, cecinere saeuae / Quod mihi Parcae. // Per quod haud unquam licet usque crebris / Litteris caros adisse amicos», El. 1, 15, 37-42, pp. 281-282, e «Saepe tabellaris mala multa precabar, eosdem / Esse ratus sceleris perfidiaeque reos, / Quod non reddiderint auide tua scripta petenti», El. 2, 23, 11-13, p. 354).

4- Ou seja, no dia 30 de Agosto.

#### Página 177

1- Relativamente a Pedro Gomes de Abreu, um dos antigos alunos mais benquistos de Cardoso, e sobre os textos trocados entre ambos, v. *supra*, Ep. 18, p. 111, n. 1. O facto de Cardoso remeter a presente carta a Pedro Gomes de Abreu, levando em anexo um poema dirigido a Jorge Lopes (na realidade El. 1, 18, v. *infra*, p. 286), sugere que aquela tenha sido redigida quando este se encontrava em Coimbra.

2- Trata-se do consultor Jorge Lopes, a quem Cardoso endereçou uma única composição (El. 1, 18, v. *infra*, p. 286) e que, pelos dados constantes nesta carta, sabemos ter sido seu aluno. Sobre esta personagem, v. *infra*, El. 1, 18, p. 286, n. 1.

3- Alusão a um poema, dirigido por Jorge Lopes a Jerónimo Cardoso, que não foi incluído em nenhuma das suas obras.

4- A presente carta encerra dados fundamentais para a cabal compreensão de um pequeno ciclo de poesia cardosiana, particularmente centrado no amor e na figura da mulher, ciclo esse que engloba várias composições: por um lado, a resposta de Cardoso ao seu antigo aluno (El. 1, 18, v. *infra*, p. 286); por outro, algumas belas poesias dirigidas a esta Márcia, ora louvando a sua beleza (Lib. 13 e Lib. 14, v. *supra*, p. 35), ora aconselhando-a a ser menos severa para com o infeliz apaixonado (El. 1, 26, v. *infra*, p. 304). O facto de não restar um único poema dirigido a esta Joana parece indicar qual a escolha de Jorge Lopes.

5- Esta curiosa informação, assim revelada na primeira pessoa, reveste-se de particular interesse no que concerne ao traçar do perfil psicológico do Autor, por reduzir o único poema de amor de Jerónimo Cardoso que se conserva (El. 2, 7, v. *infra*, p. 327) à qualidade de ficção poética.

6- Parece remontar a um verso de Ovídio («Militat omnis amans et habet sua castra Cupido»), ou, em versão «todo o amante é soldado e Cupido tem os seus acampamentos», *Am.*, 1, 9, 1) a expressão empregue por Cardoso neste passo, a qual aproxima metaforicamente as actividades amorosa e militar. Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1400, pp. 638.

Tal motivo, que poderemos designar como «milícia do amor», ocorre com regularidade nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes. Para além do presente caso, v. *infra*: «O fatui nimiumque rudes, o lumine capti,/ Quos iuuat in castris esse cupido tuis» (Mon. 3, 15-16, p. 221, poema de Salvador Rodrigues); «Eligerem potius, fas est mihi credere, poenas./ Siue tuas pernix: sambice siue tuas./ Quam rursus tua castra sequi scelerate Cupido» (Mon. 3, 19-21, p. 221, poema de Salvador Rodrigues); «et Cypriae linquere castra deae» (El. 1, 12, 20, p. 273) e «Non ego sum miles tuus, o scelerate Cupido:/ Castra sed Aonidum liberiora sequor» (El. 2, 7, 7-8, p. 327).

Mais frequentemente ainda, ocorre uma variação deste motivo, em que toda a actividade intelectual é vista como um exercício militar e que se poderá definir como «milícia do saber». Semelhante motivo surge nos seguintes passos: *supra* «meminerisque sub meis uexillis olim aliquandiu meruisse» (Lib. A, p. 6); «Soleo enim eos qui sub uexillis nostris aliquandiu stipendia fecere summo amore et prosequi et apud doctissimos quosque fusissime commendare» (Ep. 11, pp. 97-98); «ex omnibus qui sub meis uexillis aliquandiu militarunt» (Ep. 20, p. 115); «matronas quasdam seueriores, quarum castris abhinc quinquenium fere operam insumpsimus» (Ep. 36, p. 149, carta de Luís Pires) «Quare aequum potius est, ut te [...] nobis proponamus signiferum duces praesidem quis enim sub Hieronymiano signo ignauissimus quibit deficere» (Ep. 38, p. 154, carta de Luís Pires); e *infra* «Sum praeterea adhuc nouicius atque tiro, tu miles ueteranus et emeritus» (Ep. 52, p. 183, carta de Inácio de Morais); «apud Gasparem Thebanum hominem multiscium cuius beneuolentiam fateor me semper optasse in arenam meam, qua assidue exerceor, et in qua nunquam non digladiari citra missionis spem necesse est mihi diligenter cauaberis» (Ep. 56, p. 194); «qui sub uexillis meis tres abhinc annos cum magno emolumento rei litterariae fecit stipendia» (Ep. 58, p. 197); «atque ex istis uexillis tuis ubi puer commodius faceret stipendia ad paupertatis meae tenebras atque ad uexilla longe inferiora transtuleris» (Ep. 59, p. 199); «non modo tirunculis et nouiciis» (Dic. Iuu. A, p. 238); «Palladiacque doces duros tolerare labores./ Militiae » (El. 1, 12, 19-20, p. 273); «Castra sed Aonidum liberiora sequor» (El. 2, 7, 8, p. 327); «Quandocumque igitur placida statione

quiescis» (EL 2, 23, 25, p. 355); «Prospera militiae signa secuta tuae» (EL 2, 23, 32, p. 355); «scito abstinuisse diurna/ Qua premor et crucior (puto nosti Pyrrhe) palaestra» e «tunc nobis solitam reuocare palaestram/ Fas erit, atque oleo penitus labente perungi» (Sil. 11, 26-27 e 29-30, p. 398); «Nam ceu fraudandus non est dux laude, suaque/ Praedae parte, licet miles percusserit hostem,/ Fuderit et latis numerosa cadauera campis,/ Cum se participem quoque fecerit ipse pericli/ Sitque suo tandem ductu uictoria parta» (Sil. 14, 38-42, p. 406).

A «milícia divina», em que se compara a prática da religião à actividade militar, ocorre uma única vez: «Ergo macte animi Christi magni optime miles» (Ap. 2, 53, p. 9). Note-se, para concluir, que em dois dos casos anteriormente apontados (EL 1, 12, 19-20 e EL 2, 7, 7-8), os motivos da «milícia do amor» e da «milícia do saber» se contrapõem.

7- Refere-se Jerónimo Cardoso a um poema, longo de sessenta versos (dísticos elegíacos), que viria a ser incluído nos seus *Elegiarum Libri II*, vindos a lume em 1563, sob o título: «Ad Georgium Lopesium Consulentem, Vtram Amicam Eligeret» (EL 1, 18, v. *infra*, p. 286).

Nesse texto, Cardoso confessa estar há muito apartado da poesia (vv. 1-14); expõe o motivo do canto (vv. 15-20); mostra-se reticente quanto a dar conselhos sobre tal assunto (vv. 21-28); consola o pobre enamorado (vv. 29-40), aconselha-o a entregar-se ao estudo, lembrando o destino fatal de alguns amantes célebres (vv. 41-54) e conclui, exortando-o a repelir por inteiro tão danoso sentimento (vv. 55-60): «Harum utramque simul negligite: tutus eris» (v. 60).

#### Página 179

1- Sobre o jovem André Taveira, natural de Évora, antigo aluno de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos trocados entre eles, v. *supra*, Ep. 45, p. 169, n. 1.

2- Trata-se mais uma vez de Manuel Pires, irmão do médico Luís Pires, na sua função de portador de correspondência entre Évora e Lisboa, cf. *supra*: «Melitissimam mihi uoluptatem litterae tuae pepererunt, Taueria amicissime, quas Emmanuel Pyrrhus tui amantissimus nihil minus exspectanti mihi reddidit» (Ep. 45, p. 169, resposta de Cardoso à presente carta). Sobre tal personagem, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 3.

3- Cf. *infra*: «Scias ergo [...] tuas quas accepi iucundissimas litteras: non nullis et doctis uiris ostendisse, qui eas tot ac tantis laudibus extulere, ut me cohibere non potuerim, quin eos ut tacerent, ni malint assentatores iudicari, sim deprecatus» (v. *infra*, Ep. 50, p. 179). Refere-se André Taveira à primeira carta recebida de Jerónimo Cardoso, seu antigo professor, a qual ainda se conserva neste epistolário (v. *infra*, Ep. 53, p. 185).

4- André Taveira parece ter estado sempre doente desde que saiu de Lisboa. Assim, na primeira missiva que Cardoso lhe dirige, escrita quase um ano antes da presente, logo depois de lamentar a sua recente partida, escreve: «si quidem taeterrimo morbi genere correptus eo imbecillitatis peruenisti ut prae languore uix pedibus subsisteres. Cunque morbus in dies ingrauesceret medicorum impulsu in patriam reuerti iussus es» (v. *infra*, Ep. 53, p. 185); na última carta, separada da primeira quase por três anos, quando André Taveira ainda mal contava quinze anos, virá Cardoso a escrever: «Quod uero scribis te posteaquam a nobis digressus sis ancipiti morbo semper implicitum fuisse eamque non scribendi crebrius fuisse causam, id quidem permolesto tui cum te homini purgaueris, cui paene magis quam tibi animi tui sinceritas simplicitasque cognita perspectaque sit. Proinde si ualetudinem tuam resarcire cupis nec in grauiorem morbum recidere studia parumper intermittas. Nam non aliunde quam ex improbitate laboris istam ualetudinem contraxisti» (v. *supra*, Ep. 45, p. 170).

5- Nova alusão à primeira carta de Jerónimo Cardoso a André Taveira, cf. *supra*: «Cum tuam et perdoctam et facetam noster Emmanuel mihi tradidit epistolam» (v. *supra*, Ep. 50, p. 179).

6- Refere-se André Taveira, ainda que de um modo pouco explícito, ao facto de ter sido um dia aluno de Jerónimo Cardoso. Outras referências bastante mais claras à natureza do seu relacionamento surgem na primeira carta de Cardoso e, sobretudo, naquela que é cronologicamente a última (v. *supra*, Ep. 45, p. 169, n. 5 e n. 7).

### Página 180

1- Na primeira carta endereçada a André Taveira (v. *infra*, Ep. 53, p. 185), Cardoso declarara não se sentir confiante o suficiente para escrever a seu pai, pessoa de grande prestígio, a quem reconhece estar em dívida pelos muitos favores recebidos, e concluíra enviando-lhes saudações (cf. *infra*: «ad patrem tuum humanissimum atque integerrimum scribere destinabam, sed pudore quodam subrustico impeditus facere sum ueritus» e, um pouco adiante «Rogarem fortasse te mi Andrea, ut ei meo nomine saltem salutem diceres, si uiri tanti salutandi munere dignum me existimarem» Ep. 53, p. 186). Na resposta à presente missiva (v. *supra*, Ep. 45, p. 169), virá a escrever: «Resalutatio patris tui clarissimi uiri dici non potest quam iucunda grataque fuerit» (v. *supra*, Ep. 45, p. 170).

2- Ou seja, no dia 16 de Agosto.

### Página 181

1- Nascido em Elvas, António Mendes, destinatário da presente missiva de Cardoso, veio, segundo notícia difundida por Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, pp. 352-353), a ser feito bacharel em Direito Canónico, na Universidade de Salamanca, a 9 de Junho de 1539.

Este mesmo investigador escreve que «Antes de seguir para Salamanca [António Mendes] fora discípulo, em Lisboa, do humanista Jerónimo Cardoso, nos estudos elementares de Artes (cf. Justino Mendes de Almeida, *Uma carta latina do humanista Jerónimo Cardoso*, in «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», ano III, n.º 12, Coimbra, 1957, pág. 213)», informação corroborada pelas palavras da dedicatória da presente missiva.

Embora neste texto se refiram uma carta de António Mendes e um poema de Cardoso (para além das palavras finais da mesma, que dão conta da intenção de Cardoso de manter assídua correspondência com este seu aluno), estamos em presença do único texto conservado trocado entre ambos. O nome de António Mendes, não obstante o facto de ser da família de Manuel Pires (cf. *infra*, Ep. 51, p. 181, n. 5) e pessoa das relações do mestre de Gramática escalabitano António Pimenta (cf. *infra*, Ep. 51, p. 181, n. 8) não tornará a ocorrer nos escritos de Cardoso.

2- Alusão a uma carta de António Mendes não incluída por Cardoso nesta sua colectânea. Entre a restante produção de Jerónimo Cardoso, a presente missiva é, de resto, como já vimos, o único texto que se conserva trocado com este seu antigo aluno.

3- Em lat. «Antoni mellitissime» (de *mellitus*, «doce como o mel»). Para outros casos em que a doçura do mel serve de termo de comparação para a amizade e para alguns amigos, v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 1.

4- Referência a um poema, dirigido por Cardoso a António Mendes, que não se conserva em nenhuma das suas obras. Os termos em que esta carta se encontra redigida deixam supor que tal composição tenha, não obstante a imprevista chegada de uma missiva de António Mendes (perdida, v. *supra*, Ep. 51, p. 181, n. 2), sido enviada em anexo à presente.

5- António Mendes era, portanto, sobrinho por afinidade de Manuel Pires. Possivelmente, ter-se-á relacionado, por intermédio deste, com Luís Pires e talvez com os Sanches. O facto de, na carta que escreveu a Jerónimo Cardoso, dar conta do que António Pimenta pensava sobre o trabalho que aquele antes lhe enviara, deixa supor que se encontrava então a residir em Santarém, aí se relacionando também com quem encarnava os ideais do movimento humanístico.

6-

7- Sobre o vocábulo *laconismus* (em gr. λακωνισμός) e o seu uso nas cartas de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 20, p. 115, n. 2.

8- Trata-se da obra *De Praeteritorum et Supinorum Ratione*, cuja data de impressão se desconhece e de que o autor terá inicialmente enviado a António Pimenta apenas um exemplar, acompanhado por uma primeira carta (v. *supra*, Ep. 41, p. 161) e, mais tarde, trinta («Triginta uero ex his ad te mittimus», v. *supra*, Ep. 47, p. 175), para que fossem vendidos ao preço que este determinasse. Embora não se conserve a missiva em que António Pimenta dava conta do seu parecer, temos sobre este a resposta entusiástica de Cardoso: «Quod uero libellos nostros tam insigniter probas laudasque, periucundum mihi sane fuit, quod uideam minutias nostras et paene tricas ab homine doctissimo non probari solum sed etiam amari» (v. *supra*, Ep. 47, p. 175), bem como o presente testemunho.

Sobre António Pimenta, professor de humanidades em Santarém, e os textos a ele dirigidos por Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 41, p. 161, n. 1.

#### Página 182

1-

2- Ou seja, no dia 15 de Novembro.

#### Página 183

1- A respeito de Inácio de Moraes, professor de Humanidades no Mosteiro da Penhalonga ao tempo da redacção desta carta e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos trocados entre um e outro e sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

2- Com a mesma expressão descreve Virgílio o enlevo com que a apaixonada Dido ficava absorta, escutando dos lábios do seu bem-amado Eneias a narração dos trabalhos dos Troianos: «nunc eadem labente die conuiuia quaerit/ Iliacosque iterum demens audire labores/ exposcit pendetque iterum narrantis ab ore» (*Aeneis*, 4, 76-79). Outra ocorrência, em contexto semelhante, surge no seguinte passo de Ovidio: «Argolici rediere duces: altaria fumant;/ [...] Illi uicta suis Troica fata canunt;/ Mirantur iustique senes trepidaeque puellae;/ Narrantis coniunx pendet ab ore uiri» (*Iher.*, 1, 25-30).

Jerónimo Cardoso, por sua vez, emprega também esta expressão num poema dirigido a Salvador Rodrigues, onde se lê: «Tunc quos hinc abiens toleraueris ipse labores/ Narrabis: cunctique tuo pendebimus ore» (v. *infra*, Sil. 6, 96-97, p. 383).

Note-se que, como a presente carta terá sido exarada nos primeiros meses de 1537 (v. *infra*, Ep. 52, p. 183, n. 6), a expressão empregue neste passo deve, com razão, reportar-se ao sucesso alcançado pela *Oratio pro Rostris* de Cardoso, pronunciada pouco tempo antes (a 1 de Outubro de 1536) e logo confiada a Inácio de Moraes, para que sobre ela exercesse a sua revisão.

3- Em lat. «melle dulcior [...] oratio». Acerca do antigo motivo do mel, indicador de uma grande eloquência (motivo que remonta a Homero, *Il.*, 1, 247-249), v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 1).

4- Versão possível para a expressão latina empregue por Inácio de Moraes, que significa literalmente «entregar erva» e de que Jerónimo Cardoso apresenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 82-r.º, a seguinte variante: «Herbam dare. Dar victoria, porque ao vencedor do lugar onde vencia, se arrancaua huma erva que lhe dauã em sinal de vitoria».

A explicação de Cardoso reporta-se a um antigo costume, documentado, entre outros, por Plínio o Antigo: «namque summum apud antiquos signum uictoriae erat herbam porrigere uictos, hoc est terra et altrice ipsa humo et humatione etiam cedere, quem morem etiam nunc durare apud Germanos scio» (*N. H.*, 22, § 8), e por Sérvio: «hinc est illud prouerbium herbam do, id est cedo uictoriam, quod Varro in aetiis ponit, cum in agonibus herbam in modum palmae dat aliquis ei, cum quo contendere non conatur, et fatetur esse meliorem» (*lib.* 8, *comm. ad uersum* 128).

5- Metáfora da vida militar, recorrente nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, que se pode definir como «milícia do saber». Sobre ela, v. *infra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

6- Informação de grande pertinência, pelo facto de permitir fixar cronologicamente a presente carta no início do ano de 1537. Com efeito, Inácio de Moraes terá partido do convento da Penhalonga, em S. Pedro de Penaferrim, perto de Sintra, onde leccionava, para o mosteiro de Santa Marinha da Costa, próximo de Guimarães, nos primeiros meses desse ano. Assim, em carta dirigida a D. Sancho de Noronha, datada de 15 de Outubro desse ano, virá a escrever: «Cum uere proximo isthac iter facerem» (v. A. Pereira do Couto, *op. cit.*, p. 307, n. 5).

Para além de datar a presente missiva, estas palavras permitem ainda fixar, com bastante segurança, a cronologia de uma composição publicada nos *Elegiarum Libri II* (EI. 1, 17, v. *infra*, pp. 284-285), a qual terá sido escrita pouco antes desta missiva, logo que Cardoso recebeu, por escrito, a notícia da partida de Inácio de Moraes para Guimarães.

7- Não se sabe exactamente que humanista alemão tinha Inácio de Moraes no pensamento ao escrever estas palavras. A. Pereira do Couto (*op. cit.*, pp. 307-308, n. 7) sugere tratar-se ou de Vicente Fabrício, humanista alemão que ensinou gramática no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra desde 1533, passando depois, em 1540, para a Universidade, ou de Nicolau Clenardo, humanista e pedagogo flamengo que veio para Portugal em 1533. Abona em favor da primeira hipótese o tom elogioso com que Inácio de Moraes se refere a Vicente Fabrício na já referida carta a D. Sancho de Noronha, datada de 15 de Outubro de 1537.

#### Página 184

1- Forma verbal que significa literalmente «está acabado». Quanto à palavra que despertou dúvidas em Inácio de Moraes, *conclamatum*, Jerónimo Cardoso, movido talvez por esta chamada de atenção, viria a registá-la no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 42-r.º, sob a forma do seguinte adágio: «Conclamatum est. Acabado he, feito he». No texto da *Oratio pro Rostris*, a que os reparos, feitos por Inácio de Moraes nesta carta, se referem, não ocorre vez alguma nem a forma *conclamatum*, nem a forma *dictum*. Cardoso terá, provavelmente, optado por uma terceira escolha (acaso a forma *dixi*, com que o discurso termina?).

2- Inácio de Moraes confunde neste passo Élio Donato, gramático romano de meados do séc. IV, professor de São Jerónimo e comentador de Terêncio, com Sérvio, comentador de Virgílio. Efectivamente, este último, em comentário a uma passagem do Mantuano, escreve: «218. PARS CALIDOS LATICES Plinius in naturali historia dicit hanc esse causam ut mortui et calida abluantur et per interualla conclamentur, quod solet plerumque uitalis spiritus exclusus putari et homines fallere. denique refert quendam superpositum pyrae adhibitis ignibus erectum esse nec potuisse liberari. unde et seruabantur cadauera septem diebus, et calida abluebantur, et post ultimam conclamationem conburebantur: unde traxit Terentius desine, iam conclamatum est» (*lib. 6, comm. ad uersum 218*).

3- Estas palavras do *Eun.* de Terêncio, que Inácio de Moraes cita a partir de um escólio de Sérvio, correspondem a uma fala de Parmenão, personagem que exclama: «ipsast. Illicet./ desine; iam conclamatumst» (vv. 347-348).

4- Relativamente ao motivo horaciano do *labor limae* e às suas outras ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 6, p. 88, n. 2.

5- Jerónimo Cardoso aceitou esta sugestão de Inácio de Moraes, seguindo com bastante fidelidade as suas indicações e levando-as ao extremo de transformar uma possibilidade (Moraes recomendou a Cardoso que escrevesse «uobis adimere potest») numa certeza, dado que, perto do final da *Oratio pro Rostris*, pode ler-se: «Sapientia uero uestra nunquam esse desinet, si semel coeperit, eamque ne mors quidem adimet» (v. *supra*, Lib. 18, p. 70).

6- Trata-se muito provavelmente, como já antes apontou A. Pereira do Couto, *op. cit.*, p. 310, n. 14, de um epigrama em seis dísticos elegíacos, que veio a ser publicado por Cardoso nos seus *Elegiarum libri II*, sob o título «Ignatius Moreus ad Auctorem» (EI. 2, 24, v. *infra*, p. 356). Por razões desconhecidas (talvez de ordem tipográfica, como sugere A. Pereira do Couto, *ibidem*), tal poema não foi incluído, como *testimonium*, nem no início nem no fim do texto da *Oratio pro Rostris*, vinda a lume no ano de 1550.

### Página 185

1- Relativamente a André Taveira, jovem natural de Évora, antigo aluno de Jerónimo Cardoso, e ainda sobre as cartas trocadas entre ambos, v. *supra*, Ep. 45, p. 169, n. 1.

2- Embora não atestado entre os autores clássicos, Jerónimo Cardoso regista o presente adágio no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 6- v.º, nos seguintes termos: «Aduersus solem loqui. Negar o que está manifesto».

3- André Taveira seria natural da cidade de Évora, segundo se depreende da parte final da carta escrita por ele em resposta à presente, onde este antigo aluno de Cardoso, ainda tolhido pela grave doença que o afligia, diz não ter consagrado tempo algum ao estudo desde que saiu de Lisboa, terminando com as palavras: «Eborae decimo Calendas Septembris» (v. *supra*, Ep. 50, p. 180).

4- Duas pequenas ilhas rochosas, situadas à entrada do Ponto Euxino, as rochas Ciâneas (do gr. Κυάνεαι), também conhecidas pelo nome de Simplégades, eram particularmente perigosas para a navegação, sendo, como tal, referidas amiúde pelos autores clássicos, como Ovídio: «haec, precor, euincat, propulsaque fortibus Austris/ transeat instabiles strenua Cyaneas» (*Trist.*, 1, 10, 33-34); C. Valério Flaco: «uix litore puppem/ soluimus et quanto fremitu se sustulit Aegon!/ hocine Cyaneae concurrunt aequore cautes/ tristius an miseris superest mare?» (1, 628-631) e Marcial: «quam nec Cyaneae quondam potuere ruinae/ frangere nec Scythici tristior ira freti./ saecula uicerunt» (7, 19, 3-5), entre outros.

Para outras referências a estas ilhas em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Hanc licet effugias, superant Symplegades atrae» (*Inst.* 1, 9, p. 243).

### Página 186

1- A semelhante expressão recorreu já Cardoso, perto do final da *Oratio pro Rostris*, na exortação ao estudo que dirige aos alunos da Universidade: «Nullum non diem modo, sed ne horam quidem praetermitti patiamini, in qua non de studiis, quae quisque sectabitur, diligenter disputetis» (v. *supra*, Lib. 18, p. 69).

2- Trata-se, segundo informa Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, pp. 297-298), do doutor Diogo Taveira, «uma notável figura dos reinados de D. Manuel e D. João III». O seu nome aparece já numa ordenação régia de 3 de Abril de 1500, não sendo, no entanto, ainda citado como bacharel. Duas décadas mais tarde surge como chanceler-mór do reino e desembargador da Casa da Suplicação em vários documentos do período de 1521 a 1524. Deste modo, na carta régia que, a 21 de Março de 1521, nomeia Pero do Porto escrivão dos Agravos e desembargo do Paço e na confirmação desta mercê, datada de 23 de Dezembro de 1524, o pai de André Taveira assina «doutor diogo taveira do seu desembargo que por seu espicial mândado tem careguo de seu chanceler moor».

A 16 de Junho de 1544, Diogo Taveira viria a dirigir uma Carta a D. João III, importante documento histórico onde o mesmo declara «que andava há 46 anos na Corte e Relaçam por ter vindo a ela do Estudo no anno de 98, que tinha começado a servir no anno de 508 e que havia 32 anos que era desembargador» (A.N.T.T., *Cartas missivas*, maço 4, n.º 220, *apud* Joaquim Veríssimo Serrão, *op. cit.*, p. 297).

Entre os seus filhos viria a distinguir-se o destinatário da presente missiva de Cardoso (a seu respeito, v. *supra*, Ep. 45, p. 169, n. 1) e um outro Diogo Taveira, bacharel em Cânones a 4 de Setembro de 1535, com o doutor Ponce de León, na Universidade de Salamanca, tendo por testemunha o escolar Bartolomeu Teles, e que viria a ser nomeado Corregedor da Corte, Corregedor do Cível e, finalmente, conselheiro.

3- Embora não se conheçam dados concretos sobre os «innumerabilia [...] merita» prestados por Diogo Taveira, pai, a Jerónimo Cardoso, não será despropositado supor que aquele tivesse auxiliado monetariamente o mestre de Gramática de um dos seus filhos ou que, como chanceler-mór do reino e desembargador da Casa da Suplicação lhe tivesse, de algum modo, dispensado a sua protecção.

4- Ou seja, no dia 15 de Outubro.

#### **Página 187**

1- Acerca de Inácio de Morais, agora professor de Humanidades no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, perto de Guimarães, e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos trocados entre os dois humanistas e sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

2- Quanto à carta, deverá tratar-se da que foi publicada sob o título «Hieronymus Cardosus Ignatio Moreo S. P. D.» (Ep. 33, v. *supra*, p. 143). Nela, Cardoso dá conta de ter recebido uma outra carta de Inácio de Morais (Ep. 52, v. *supra*, p. 183), acompanhada por um pequeno poema em louvor dos seus dotes oratórios (provavelmente El. 2, 24, v. *infra*, p. 356), celebra as qualidades de um e outro texto e envia, anexa, em resposta ao poema recebido, uma outra composição, a cuja recepção Inácio de Morais aqui se refere e que pelo conteúdo da presente missiva se depreende tratar-se da que foi incluída nos *Elegiarum Libri II* de Cardoso, sob o título «Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat, Loquitur Iuuentus» (v. *infra*, El. 1, 23, p. 296).

Sobre os restantes textos trocados entre Jerónimo Cardoso e Inácio de Morais e a sua possível sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

3- Inácio de Morais faz alusão a um pequeno poema em seis dísticos elegíacos, que, embora destinado a servir de *testimonium* à *Oratio pro Rostris*, por razões desconhecidas (talvez de ordem tipográfica, como sugeriu A. Pereira do Couto, *op. cit.*, p. 310, n. 14), apenas viria a ser publicado em 1563, nos *Elegiarum libri II* de Cardoso, sob o título «Ignatius Moreus ad Auctorem» (El. 2, 24, v. *infra*, p. 356).

Quanto à expressão horaciana empregue por Inácio de Morais para qualificar estes versos enviados a Jerónimo Cardoso («paucis et male tornatis uersiculis»), cf. *infra*: «semperque exosculabor animum tuum, semper me tibi debere gratiam fatebor, si male tornatos iubeas incudi reddere uersus» (Ep. 54, p. 187 e n. 7).

4- Refere-se Inácio de Morais a Ângelo Poliziano, humanista italiano, protegido por Lorenzo de Medici, que se propôs cantar em verso a gesta dos Portugueses. Sobre esta figura, v. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 8.

5- Sobre a locução latina *humi serpere*, que Cardoso regista e comenta no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 84-v.º, e a sua variante *humi repere*, as fontes clássicas desta expressão e as suas demais ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes v. *infra*, Ep. 29, p. 135, n. 3.

6- Versão literal das palavras de Inácio de Morais. A expressão empregue neste passo radica possivelmente num entendimento equívoco do sentido da palavra *obelus* (do gr. ὀβελός) nome que significava originalmente «espeto» e que, mais tarde, passou a designar um sinal crítico, o óbelo, usado para assinalar os erros nos manuscritos. Desse mesmo equívoco dá mostras Jerónimo Cardoso, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 149-v.º, ao considerar o óbelo «hum furador de ferro com que furauam as cousas mal escritas», apresentando-o assim com um equivalente do *stilus*, vareta de ferro, osso ou marfim com uma ponta afiada, para escrever em tabuinhas enceradas, e a outra achatada, para raspar o que antes se escrevera.

Sobre o óbelo, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 6.

7- Expressão tomada de Horácio, que, ao traçar a distinção entre críticos sinceros e meros adutores, escreve o seguinte: «Quintilio si quid recitares, 'corrige, sodes, / hoc' aiebat 'et hoc'. melius te posse negares, / bis terque expertum frustra delere iubebat / et male tornatos incudi reddere uersus» (A. P., 438-441). Jerónimo Cardoso, por seu turno, regista esta metáfora horaciana no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 90-r.º, sob a forma do seguinte adágio: «Incudi reddere. Tornar alguma cousa a forja. Dirseha dos que tornão a emendar aquilo que mal cõpuserão».

Para uma variante desta expressão, presente na carta com que Sebastião Stochamer dedicou ao rei D. Sebastião o *Dictionarium Latinolusitanicum* de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «ut ipse sub incudem [...] opus hoc reuocarem» (Dic. Lat. A, carta de Sebastião Stochamer, p. 420).

8- Natural de Cremona, Quintílio Varo, poeta e crítico latino do tempo de Augusto, relacionou-se com os dois maiores poetas latinos do seu tempo: Virgílio, com quem era aparentado, e Horácio, de quem foi amigo, ficando conhecido, à semelhança de Aristarco, como modelo de crítico competente. Viria a morrer no ano 24 a. C. Horácio menciona-o no passo do *De Arte Poetica (Epistula ad Pisones)* citado na nota precedente.

9- Ou seja, um crítico literário da mais alta competência. Sobre Aristarco de Samos, recensor dos poemas homéricos, e as ocorrências do seu nome nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 6.

#### Página 188

1- Sugestão virgiliana, tomada do passo em que o Mantuano se propõe descrever o que se viu nas profundezas da terra, quando Eneias desceu aos Infernos, acompanhado da Sibila de Cumas, para se inteirar daquilo que havia de suceder: «Sit mihi fas audita loqui; sit numine uestro/ Pandere res alta terra et caligine mersas» (*Aen*, 6, 266-267).

2- Expressão tomada dos seguintes versos, em que Horácio equaciona a necessidade de criar novos vocábulos: «si forte necesse est/ indiciis monstrare recentibus abdita rerum,/ fingere cinctutis non exaudita Cethegis/ continget dabiturque licentia sumpta pudenter;/ et noua fictaque nuper habebunt uerba fidem si/ Graeco fonte cadent, parce detorta» (*A. P.*, 48-53).

O nome dos Cetegos, uma antiga e austera família romana, pertencente à *gens Cornelia*, surge aqui acompanhado do epíteto *cinctutus* («cintudo» ou «cintado»), neologismo forjado por Horácio a partir de *cinctus*, antiga peça de indumentária com que, em tempos ainda próximos de Horácio, rodavam o peito ou a cintura de modo a ficarem com os braços livres.

3- Ainda que não constituam propriamente uma citação, estas palavras parecem derivar do seguinte passo, em que Cícero equaciona a criação de novas palavras: «nouantur autem uerba, quae ab eo qui dicit ipso gignuntur ac fiunt, uel coniungendis uerbis ut haec: "Tum pavor sapientiam omnem mi exanimato expectorat"/ "Num non uis huius me uersutiloquas malitias"/ uidetis enim et "uersutiloquas" et "expectorat" ex coniunctione facta esse uerba, non nata; sed saepe uel sine coniunctione uerba nouantur, ut ille "senius desertus", ut "di genitales" ut "bacarum ubertate incuruescere". tertius ille modus transferendi uerbi late patet, quem necessitas genuit inopia coacta et angustiis, post autem delectatio iucunditasque celebravit» (*De Or.*, 3, §§ 154-155).

4- Sobre o adj. *subsiciuus* (ou *succisiuus*) e o sentido das expressões *subsiciuum tempus e horae subsiciuae*, v. *supra*, Ep. 20, p. 116, n. 2.

5- Este adágio, que Inácio de Moraes colheu em Erasmo (*Opera Omnia*, 2, 605 B, v. A. Pereira do Couto, *op. cit.*, p. 313, n. 11) e que não se encontra atestado, com esta forma, entre os autores clássicos latinos, viria a ser registado por Jerónimo Cardoso, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 67-v.º, nos seguintes termos: «Extra chorum saltare. Baylar fora da dança .s. sayr fora de preposito».

6- Usada por Pérsio no seguinte passo: «summa delumbe saliuu/ Hoc natat in labris, et in udo est Maenas et Attis./ Nec pluteum caedit, nec demorsos sapit ungues» (1, 104-106), esta expressão viria a tornar-se proverbial, assim figurando já em Quintiliano (*Inst.*, 10, 3, § 21). Erasmo, por seu turno, inclui-lá entre os seus *Adagii (Opera Omnia*, 2, 868 B, v. A. Pereira do Couto, *op. cit.*, p. 313, n. 12) e Cardoso não deixará de a registar, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 51-r.º, acompanhada do seguinte comentário: «Demorsos ungues sapere. Saber a vnhas mordidas .s. Dirseha de cousas bem estudadas & cudadas».

7- Em nota a este passo, A. Pereira do Couto (*op. cit.*, p. 314, n. 13) diz não ter conseguido identificar o verso a que Inácio de Moraes se refere.

No pequeno epigrama que acompanha uma carta anteriormente enviada por Inácio de Moraes a Jerónimo Cardoso (Ep. 34, v. *supra*, p. 145), escrita quando aquele se encontrava bastante doente, pode ler-se o seguinte dístico: «Seu cupis orator prosam, seu scribere carmen/ Tullius es prosa, carmine Virgilius»

(vv. 1-2). No primeiro verso ocorre a forma «cupis», a qual se poderia substituir por «iuuat» ou por «placet», desde que «orator» fosse tomado por um vocativo, subentendendo-se a forma pronominal *tibi*. A forma «uelis», por outro lado, não obrigando a uma alteração da sintaxe, estaria simplesmente errada, em razão da quantidade da sílaba final, que é longa por natureza. A identificação do verso, referido por Inácio de Moraes, com o presente, carece, no entanto, de mais sólidos fundamentos.

8- Informação relevante pelo facto de permitir identificar, com bastante segurança, o poema enviado em anexo à carta anteriormente remetida por Jerónimo Cardoso (Ep. 33, v. *supra*, p. 143), dado que, na já antes citada composição «Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat, Loquitur Iuuentus» (El. 1, 23, v. *infra*, p. 296), pode ler-se o seguinte: «Nunc aulaeatis laetabar inepta theatris» (v. 41). Esta circunstância permite de igual modo identificar a carta escrita por Cardoso em resposta à presente, por nela prestar a Inácio de Moraes os necessários esclarecimentos (v. *infra*, Ep. 56, p. 192).

Jerónimo Cardoso voltaria a empregar este vocábulo ainda uma outra vez, mas desta feita no «Epithalamion Serenissimae D[ominiae] Ioannae Caesaris Caroli Quinti Filiae, 1552», ao descrever as soberbas decorações do Paço Real: «Ergo ubi discumbunt Reges, per laeta frequentes/ Limina discurrunt famuli, aulaeata patescunt/ Atria, et Eois sparguntur odoribus ignes» (v. *infra*, Sil. 16, 196-198, p. 417).

9- Inácio de Moraes recorre neste ponto a um adágio, que Jerónimo Cardoso regista, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 242- v.º, nos seguintes termos: «Sus Mineruam. Dirseha do indouto, que quer ensinar ao que muyto sabe». Entre os autores clássicos, este adágio encontra-se atestado nos seguintes passos de Cícero: «nam etsi non sus Mineruam ut aiunt, tamen inepte quisquis Mineruam docet» (*Acad.*, 1, § 18) e «ueni igitur, si uir es, et disce a m<e> προλεγόμενας quas quaeris; etsi sus Mineruam» (*Fam.*, 9, 18, § 3), escrevendo a seu respeito S. Pompeio Festo o seguinte comentário: «"Sus Mineruam" in prouerbio est, ubi quis id docet alterum, cuius ipse inscius est» (p. 408).

#### Página 189

1- Como, segundo A. Pereira do Couto (*op. cit.*, p. 314, n. 17), esta missiva terá sido escrita ainda pelo ano de 1537, no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, perto de Guimarães, para onde Inácio de Moraes fora enviado como professor de D. Duarte, filho ilegítimo de D. João III, é possível que o epigrama perdido a que aqui faz referência tivesse sido escrito em louvor desse seu aluno. Com efeito, em carta endereçada a D. Sancho de Noronha, datada de Outubro desse ano, o mesmo Inácio de Moraes viria a declarar: «Scripsi tamen epigrammata non pauca, quae dotes egregias Eduardi mei commendant quem erudiendum suscepi».

2- Estas palavras revelam, uma vez mais, a influência de Horácio que, no seu *De Arte Poetica* (*Epistula ad Pisones*), escreve: «uir bonus et prudens uersus reprehendet inertis,/ culpabit duros, incomptis allinet atrum/ trauerso calamo signum» (vv. 445-447).

3- Sobre estes génios da natureza, os Sátiros, e a forma híbrida do seu corpo, v. *supra*, Lib. 11, 31, p. 30, n. 2.

4- A respeito dos Faunos, divindades latinas equivalentes aos Sátiros gregos, v. *supra*, Lib. 2, 75, p. 12, n. 7.

5- Sobre Silvano, divindade silvestre que velava pelos bosques e que normalmente se confundia com Fauno, v. *supra*, Lib. 11, 41, p. 30, n. 7. À semelhança de Fauno, também a personalidade divina deste deus persiste através da sua multiplicação em numerosos *Silvani*, divindades dos campos e florestas, companheiros de pastores e equivalentes, enfim, aos Sátiros helénicos.

6- Sobre o uso do composto *monticola, ae*, «habitante da montanha», e a filiação ovidiana deste passo, v. *supra*, Lib. 11, 31, p. 30, n. 1.

#### Página 190

1-

2- Trata-se certamente de D. Pedro de Meneses, segundo conde de Alcoutim (em 1499) e terceiro marquês de Vila Real (em 1524). Filho de D. Fernando, segundo marquês, nascido em Ceuta cerca de 1487, D. Pedro de Meneses, pertencente à mais alta aristocracia, distinguiu-se como militar, como diplomata e humanista, modelo perfeito de fidalgo de inícios do séc. XVI, notável sob o ponto de vista físico e intelectual.

Teve por mestres de Latim Simão Vaz e, desde 1498, Cataldo Parisio Sículo. A 18 de Outubro de 1504 pronunciou a oração de sapiência na abertura solene do ano lectivo na Universidade de Lisboa, feito esse a que Cataldo se refere várias vezes na sua obra, tanto em prosa como em verso. Tal oração, impressa no segundo volume das *Epistolae* do seu antigo mestre, tem o título de *Oratio habita a Petro Menesio Comite Alcotini coram Emmanuele S. Rege in Scholis Ulyxbonae*.

Governador de Ceuta entre 1512 e 1517, tomou parte, neste último ano, com Diogo Lopes de Sequeira, na expedição enviada contra Targa. A 30 de Janeiro de 1526 parte de Lisboa à cabeça de uma embaixada destinada a entregar, em Sevilha, a infanta D. Isabel ao imperador Carlos V. A correspondência então enviada a D. João III foi publicada por Braamcamp Freire.

A cultura e mecenatismo de D. Pedro de Meneses mereceu os elogios de Salvador Fernandes, em 1509, de Gil Vicente, em 1521 e 1524, de Claude de Bronseval, em 1533 e de João Fernandes, na sua *Oratio* pronunciada em Coimbra em 1548, já depois da sua morte. D. Pedro de Meneses falecera, em Santarém, no ano de 1543.

3- Recorre Jerónimo Cardoso neste passo a uma metáfora que apresenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 250-r.º, acompanhada do seguinte comentário: «Tibiis apertis. Claramente, & a voces altas, porque as frautas soam muyto». Tal expressão ocorre, já com o valor de um provérbio, no seguinte passo de Quintiliano: «illa uero iam paene apertis, ut aiunt, tibiis: 'qui, quocumque inciderunt, consuetudinem fori et pristinum morem iudiciorum requirunt.'» (*Inst.*, 11, 3, § 50).

#### Página 191

1- Sobre o substantivo *laconismus* (em gr. λακωνισμός) e as suas ocorrências nas cartas de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 20, p. 115, n. 2.

2- Versão literal do lat. «aditus [...] patefieret», metáfora próxima de «fores aperire». Sobre esta expressão, suas variantes e ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 7.

3- Ou seja, no céu. O Elísio (ou os Campos Elísios), mansão dos bem-aventurados, consistia numa região dos Infernos, aprazível e deliciosa, para onde se retiravam, após a morte, os virtuosos e os heróis.

Para outras referências a esta região, presentes na poesia de Cardoso, v. *infra*: «Seu colis Elysios felicior umbra recessus» (Sil. 4, 76, p. 376) e «Vmbraque in Elysios descendat laeta recessus» (Sil. 6, 107, p. 383).

4- Literalmente «repetir uma palinódia», expressão idiomática que Cardoso regista e comenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 250-r.º, sob a forma do seguinte adágio: «Palinodiam canere. Desdizerse. Tomouse do poeta Sthesichoro, que por vituperar a Elena, foy priuado da vista, & por tornar a louuála & desdizerse, lhe foy restituída». Entre os autores clássicos, tal expressão ocorre, em termos muito próximos, no seguinte passo de Macróbio: «nec abnego potuisse me quoque tamquam palinodiam canere» (*Saturnalia*, 7, 5, § 4).

Para uma outra ocorrência desta expressão em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Ceterum si hominem interius nesses: non dubito quin uel palinodiam recineres» (Ep. 61, p. 203).

5- Ou por outras palavras, «de gritar isto bem alto». Sobre o sentido mais comum de expressões deste tipo e para as suas ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.

#### Página 192

1- Sobre Inácio de Moraes, professor de Humanidades então a residir no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, perto de Guimarães e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os demais textos trocados entre ambos e sua eventual sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

2- Esta locução latina, que Jerónimo Cardoso regista, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 237- v.º, nos seguintes termos: «Submanu. Prestes, ou a mão», encontra-se atestada na obra de Cícero: «adiunxi haec in loco eligendo, flumen oppositum ut haberem in quo mora transitus esset, Vocontii sub manu ut essent, per quorum loca fideliter mihi pateret iter» (*Epistulae ad Ciceronem Seruatae cum Ciceronis Epistulis ad Familiares*, 10, 23, § 2, carta de Planco) e em Sêneca, que a emprega já com o valor de uma *sententia*: «Et hoc quoque nimis tardum est: sub manu, quod aiunt, nascatur» (*Ep.*, 71, § 1).

3- Sobre o antigo motivo do mel, sinal indiciador de uma grande eloquência (motivo que remonta a Homero (*Il.*, 1, 247-249), v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 1.

4- Em função do conteúdo da presente missiva é possível identificar, sem sombra de dúvida, a referida carta de Inácio de Moraes com a que nesta colectânea surge imediatamente antes da precedente, sob o título «Ignatius Moreus Hieronymo Cardoso Svo S. P. D.» (Ep. 54, v. *supra*, p. 187). De notar, neste passo, a extrema rapidez com que a carta de Inácio de Moraes parece ter chegado às mãos de Jerónimo Cardoso («tua illa epistula quam nudius tertius a te missam accepi»), num tempo em que os correios não estavam de modo algum sistematizados. O facto de Inácio de Moraes se ocupar do ensino de D. Duarte, filho natural de D. João III, e de Cardoso residir em Lisboa, ocupando-se do ensino de moços fidalgos e relacionando-se com pessoas que se moviam na esfera da corte, explica, de algum modo, esta circunstância.

### Página 193

1- Cardoso emprega neste ponto uma expressão proverbial que não ocorre, com esta forma, entre os autores clássicos, nem se encontra registada no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, repositório de um grande número de adágios. Poderá eventualmente tratar-se de uma expressão portuguesa, contemporânea do autor, devidamente vertida para latim.

2- Cf. *supra*: «eadem igitur lege et tu (quae tua humanitas est) permittes nobis te sciscitari si quid in tuis scriptis inseris quod nostrum effugiat captum. Et illud rogo cur longam feceris e cuius dictionis auleatis cum sit uocalis ante uocalem, nec nomen sit graecum in quibus talia saepe elongantur. Non enim apud latinos simile factum reperio, ni tu auctoritatem subiicias. Et id potius oro discendi gratia percontari me tibi persuadeas quam quod sus Mineruam (ut aiunt) lacessere uelim» (Ep. 54, p. 188). Jerónimo Cardoso tinha enviado a Inácio de Moraes, em anexo a uma carta anterior (Ep. 33, v. *supra*, p. 143), um longo poema dirigido a este (a composição «Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat, Loquitur Iuuentus», *El.* 1, 23, v. *infra*, p. 296), no qual escrevera o seguinte verso: «Nunc aulaeatis laetabar inepta theatris» (v. 41), fonte das dúvidas de Inácio de Moraes.

3- Em gr. περίστρομα, palavra que significa «cobertura de leito», «tapete», «tapeçaria» ou «reposteiro».

4- Palavras tomadas, com todo o rigor, do seguinte passo de Virgílio: «cum uenit, aulaeis iam se regina superbis/ aurea composuit sponda mediamque locauit/ iam pater Aeneas et iam Troiana iuuentus/ conueniunt, stratoque super discumbitur ostro» (*Aen.*, 1, 697-700).

5- A segunda abonação apresentada por Jerónimo Cardoso, colhida com igual rigor em Ovídio, procede do seguinte passo: «sic ubi tolluntur festis aulaea theatris,/ surgere signa solent primumque ostendere uultus,/ cetera paulatim, placidoque educta tenore/ tota patent imoque pedes in margine ponunt» (*Met.*, 3, 111-114).

6- Cf. *supra*: «Et quod nuper subiunctiui uelis ultimam curtam fecerim agnosco plane errorem et recantare cogor: tu rogatus per amicitiam nostram in locum uelis substitue iuuat, aut placet, aut si maui cupis et posthac non sine meo magno pudore discam cautor esse» (Ep. 54, p. 188). Para uma identificação possível, ainda que inconclusiva, do aludido verso de Inácio de Moraes, v. *supra*, Ep. 54, p. 188, n. 7.

7- Representam estas palavras a primeira parte de um hexâmetro dactílico, marcado por uma cesura pentemímera (dois dactilos e uma sílaba longa). Inácio de Morais empregara inicialmente a palavra «modo» com o valor de um advérbio, não de um ablativo, e Cardoso recorda-o de que, pela lei do abreviamento das palavras iâmbicas, este mesmo vocábulo, enquanto substantivo, contitui um iambo (sílabo breve seguida de sílaba longa), enquanto advérbio, um pirríquio (sequência de duas breves). O verso de Inácio de Morais apresentava, por conseguinte, uma falha: ao usar a palavra «modo» como advérbio, o verso apresentava uma falha a nível métrico; empregando-a como um ablativo, o lapso seria de natureza sintáctica. Cardoso acaba por sugerir, enfim, a substituição integral pelo menos da primeira parte do referido verso: «ac ueluti saturae scriptori gloria parta est».

Não foi possível localizar, entre as obras poéticas de Inácio de Morais, compiladas por A. Pereira do Couto (*op. cit.*, pp. 366-489), o referido hexâmetro dactílico.

#### Página 194

1- Entre as composições poéticas de Inácio de Morais compiladas por A. Pereira do Couto (*op. cit.*, pp. 366-489), descobrimos dois poemas escritos em hendecassílabos (ou falécios, ou alexandrinos). No entanto, a circunstância de um deles lamentar a morte do príncipe D. João (poema intitulado «PRINCIPIS IOANNIS ALIVS TVMVLVS», p. 405), filho de D. João III, falecido a 2 de Janeiro de 1554, e o outro ser um epitáfio deste mesmo rei, que faleceu a 11 de Junho de 1557 (tal poesia apresenta-se sob o título «ALIVD», p. 417), inviabiliza, por razões de ordem cronológica, a sua identificação com os hendecassílabos a que Cardoso faz alusão.

2- Acerca de Gaspar de Teive, irmão de Baltasar de Teive e destinatário de uma das elegias de Jerónimo Cardoso, figura que a presente carta permite relacionar com Inácio de Morais, ao tempo a residir em Guimarães, v. *infra*, El. 2, 3, p. 317, n. 1.

3- Refere-se Jerónimo Cardoso ao estudo que mantinha em sua casa com recurso à conhecida metáfora que já anteriormente definimos como «milícia do saber». Para outras ocorrências desta expressão metafórica nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

4- Revestem-se estas palavras de valor documental no que se refere à actividade pedagógica de Jerónimo Cardoso. Sobre esta e outras circunstâncias relacionadas com a sua actividade profissional, v. *supra*, Ep. 9, p. 94, n. 1.

5- Aludem estas palavras a um episódio descrito na epopeia homérica (*Iliada*, 6, 212-215 e 226-236) e exemplificativo de como os vínculos morais estabelecidos entre os hóspedes prevaleciam sobre os deveres militares e atravessavam várias gerações.

Glauco, um príncipe aliado dos Troianos, e Diomedes encontram-se no campo de batalha e preparam-se para travar combate. Ao interrogarem-se, como era costume, sobre a sua ascendência, acabam por descobrir que as suas famílias estavam ligadas por laços de hospitalidade. Efectivamente, Glauco, pela parte do pai, Hipóloco, era neto de Belerofonte, que um dia Eneu, avô de Diomedes, acolhera no seu palácio, tendo então procedido à troca dos «presentes de hospitalidade». Eneu oferecera então a Belerofonte um talabarde de púrpura e recebera, por sua vez, uma taça de ouro. Os dois guerreiros logo decidem abster-se de lutar e renovam, diante das muralhas de Tróia, esses antigos votos, dando assim público testemunho dos seus sentimentos. Diomedes ofereceu então a Glauco as suas armas, que eram de bronze, e este retribuiu com a oferta das suas, que eram de ouro. Foi tal a desproporção dos presentes trocados que o Poeta acrescentou que certamente os deuses tinham privado Glauco da razão, pois que trocara ouro por bronze, «o valor de cem bois por nove apenas» (v. 236).

#### Página 195

1- Relativamente ao médico Luís Pires, irmão de Manuel Pires e amigo chegado de Pedro e Rodrigo Sanches, bem como sobre os restantes textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 30, p. 137, n. 1.

2- Trata-se, sem dúvida, de Pedro Gomes de Abreu, antigo aluno de Jerónimo Cardoso e seu amigo chegado. A respeito desta figura, bem como sobre os textos que Cardoso lhe dirigiu, v. *supra*, Ep. 18, p. 111, n. 1. O facto de Pedro Gomes de Abreu se encontrar junto de Jerónimo Cardoso sugere, como acima vimos, que a presente missiva seja anterior à sua partida para Coimbra ou então que tenha sido redigida durante um período de férias.

#### Página 196

1- Sobre o humanista Jorge Coelho, secretário particular do Cardeal Infante D. Henrique e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos trocados entre ambos, v. *supra*, Ep. 7, p. 89, n. 1.

2- A respeito do Cardeal Infante D. Henrique, Arcebispo de Évora ao tempo da redacção desta missiva, v. *supra*, Ep. 7, p. 89, n. 2.

#### Página 197

1- relativamente a Catão, o Censor (*M. Porcius Cato*), homem de Estado e orador, acerrimo defensor do *mos maiorum*, e para as demais ocorrências do seu nome nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Ep. 9, p. 93, n. 6.

2- No seu estudo, Joaquim Veríssimo Serrão dá notícia de um Frei Francisco Rodrigues que terá frequentado estudos de Artes na Universidade de Salamanca no ano lectivo de 1546-1547 (*op. cit.*, p. 412). No entanto, o facto de, por um lado, a amizade entre Jerónimo Cardoso e Jorge Coelho se ter iniciado depois de 1545 (ano da elevação do infante D. Henrique ao cardinalato, cf. *supra*, Ep. 7, p. 89, n. 1) e de Cardoso principiar a presente missiva referindo o longo período de tempo decorrido desde que Jorge Coelho se retirara para de Évora e, por outro, o estar a ponto de dizer que Francisco Rodrigues pretendia seguir estudos de Teologia na Universidade de Coimbra (cf. *infra*: «eoque consilio sacris litteris operam nauaturus Conimbricam anno postero proficisci destinat», Ep. 58, p. 197) obsta a que se chegue a uma identificação conclusiva entre estas duas figuras.

3- Ou, por outras palavras, frequentou o estudo de humanidades que Jerónimo Cardoso mantinha em sua casa. Sobre a expressão metafórica a que Cardoso recorre neste passo e que se pode definir como «milícia do saber», v. *infra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

4- Encerra este passo uma sugestão de Juvenal, poeta satírico para quem a verdadeira nobreza decorre não somente dos títulos nobiliárquicos (neste caso associados a bens de fortuna), mas de um talento verdadeiro e de boas qualidades morais. Sobre outras fontes clássicas deste motivo e as suas restantes ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. A, p. 75, n. 1

#### Página 198

1- Ou seja, junto do Cardeal Infante D. Henrique, protector de Jorge Coelho.

2- D. Henrique presidiu ao arcebispado de Évora em duas ocasiões distintas: primeiramente entre os anos de 1540 e 1564 e, mais tarde, entre 1574 e 1580 (cf. *supra*, Ep. 7, p. 89, n. 2). A serem exactas, estas palavras de Cardoso proporciona-nos-iam, em princípio, um *terminus a quo* para a redacção desta missiva (que seria, deste modo, posterior ao ano de 1540). Porém, como a primeira carta trocada entre Jerónimo Cardoso e Jorge Coelho será, como vimos, posterior ao ano de 1545, data da elevação de D. Henrique ao cardinalato (cf. *supra*: «Hieronymus Cardosus Georgio Coelio Henrico Infanti Cardinali a Secretis S. P. D.» Ep. 7, p. 89), os dados fornecidos neste passo são irrelevantes.

3- Ou seja, no dia 24 de Abril.

#### Página 199

1- Trata-se muito provavelmente do escolar Pedro de Figueiredo, que Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, pp. 282, 283) refere ter sido testemunha de Pedro Gonçalves Rebelo, quando este obteve o grau de bacharel em Cânones, na Universidade de Salamanca, a 14 de Abril de 1534. Este mesmo Pedro Figueiredo aparece na *tabula legentium* da Universidade de Coimbra para o ano de 1540, sendo aí referido como «bacharel p<sup>o</sup> Figueiredo» (cf. Mário Brandão, *Actas dos Conselhos da Universidade*, vol. I, p. 68, doc. LXV, *apud* Joaquim Veríssimo Serrão, *op. cit.*, p. 282), com a indicação de que «deixou de ler figueyredo aos xbij dias de ffevereiro» (p. 69).

Estranhando o facto de este Pedro de Figueiredo ter sido testemunha de um estudante de Cânones, o mesmo investigador hesita em aceitar a sua identificação com um homónimo que, nos anos de 1539 a 1542, foi professor de Artes no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Acaba, no entanto, por acrescentar alguns argumentos que viabilizam tal identificação. Assim, escreve que não consta que Pedro Figueiredo tivesse obtido o grau no Estudo de Salamanca e, dado que, em 1538, se escreve a respeito do mestre de Artes em Santa Cruz que «ora viera de Paris», poder-se-á supor que Pedro de Figueiredo se tenha mudado para França depois da referida data de 14 de Abril de 1534, acabando por obter, na Sorbone, o grau de bacharel em Artes, e conclui «Estaríamos, pois, em face da mesma figura» (p. 282).

Nem tal mudança de orientação dos estudos deveria causar qualquer estranheza, porquanto o próprio Jerónimo Cardoso, tendo seguido, por imposição paterna, os estudos de Direito, viria a ganhar a vida como mestre de Humanidades.

O artigo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* consagra a esta figura (Vol. 11, p. 315) acrescenta que Pedro de Figueiredo tomou depois os graus de licenciado e mestre, continuando a ler nos paços reais quando para eles se mudaram os cursos de Artes. Tendo estudado Teologia na Universidade, vem a tomar o grau de doutor, sendo nomeado, por provisão de 12 de Julho de 1547, lente desta cadeira. A 28 de Abril de 1550 passou a reger uma catedrilha de Durando. Quando os lentes se estabeleceram nos Paços das Escolas, «ficou em hum aposento baixo o Mestre Pedro de Figueiredo, Lente de Artes, e porque o Reitor lhe não consentia tivesse consigo sua Mãe, ElRey por Carta de 30 de Junho de 1545, lhe mandou que lhe permitisse ter sua Mãe em sua Companhia por ser pobre e velha» (cf. Carneiro de Figueiroa, *Memória da Universidade de Coimbra*, p. 67).

Na presente missiva, o único documento subsistente trocado entre ambos, Jerónimo Cardoso acusa a recepção de uma primeira carta de Pedro de Figueiredo e, ao responder-lhe, dá conta do seu assunto: Pedro de Figueiredo, posto que fosse professor de Humanidades em Coimbra havia já então muito tempo, movido talvez pela vontade do seu pai, enviava a Jerónimo Cardoso um seu irmão menor, para que o Lamecense o instruisse na sua escola. Em função dos dados disponíveis, esta carta parece ter sido enviada em inícios da década de 1540.

2- Cf. *infra*: «cum epistulam tuam doctam et officiosam at omni Attica Venere scatenem legerem», *Ep.* 59, p. 199 e n. 4.

3- Como acima se referiu (cf. *supra*, *Ep.* 59, p. 199, n. 1), o nome de Pedro de Figueiredo consta na *tabula legentium* da Universidade para o ano de 1540. Além disso, foi nomeado, a 12 de Julho de 1547, lente de Teologia e, a partir de 28 de Abril de 1550, passou a reger uma catedrilha de Durando. Sabe-se, por outro lado, que ensinou Artes no Mosteiro de Santa Cruz pelo espaço de três anos lectivos (de 1539 a 1542). Jerónimo Cardoso deverá, portanto, ter tido conhecimento de Pedro de Figueiredo através de alguns dos seus antigos alunos que passaram para a Universidade de Coimbra.

4- Cf. *supra*: «Redditae sunt mihi litterae tuae », *Ep.* 59, p. 199. Alusão a uma carta de Marcos Pedro de Figueiredo, que, pelo conteúdo desta missiva, se depreende ter sido o primeiro texto trocado entre ele e Cardoso e que, por alguma razão, não foi integrada nesta colectânea. De resto, a presente missiva é, como já vimos, o único texto trocado entre estas duas figuras que se conserva.

5- Sobre esta expressão, em lat. «ansam quamdam obtulisse», uma variante de «ansam praebere», as suas fontes e ocorrências na prosa de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Lib.* 18, p. 55, n. 21.

6- Desconhece-se a identidade deste irmão de Marcos Pedro de Figueiredo. Entre os numerosos alunos de Jerónimo Cardoso, cujo nome ocorre quer nas cartas quer nos seus poemas, não se encontra nenhum que use o nome de Figueiredo como apelido.

7- Alude Jerónimo Cardoso ao estudo de Coimbra, bem como ao que ele próprio mantinha em sua casa, por meio de uma expressão metafórica, a que recorre com bastante frequência. Sobre tal expressão, que já antes definimos como «milícia do saber», v. *supra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

#### Página 200

1- Indicando a extrema facilidade com que esta criança aprendia as matérias que lhe eram ensinadas, estas palavras recordam, ainda que de um modo um tanto difuso, um adágio que já antes encontramos e que Cardoso regista, no *Dictionarium Latinolusitanicum* de Cardoso, fl. 48- r.º, nos seguintes termos: «Cum lacte nutricis aliquid sugere». Sobre o significado desta *sententia*, bem como sobre a sua fonte, v. *supra*, Ep. 37, p. 151, n. 4.

2- Não se encontram, na documentação disponível, informações que permitam identificar o pai de Marcos Pedro de Figueiredo.

#### Página 201

1- Acerca de Martinho Coelho, um antigo aluno de Jerónimo Cardoso, bem como dos dois únicos textos conservados, a ele dirigidos pelo seu antigo professor, v. *supra*, Ep. 12, p. 99, n. 1.

2- Cf. *infra*: «Nunc ad priores uenio» (Ep. 60, p. 201) e «nunc redeo ad posteriores» (Ep. 60, p. 202). Jerónimo Cardoso acusa a recepção de duas cartas latinas de Martinho Coelho, que não foram integradas nesta colectânea. De resto, como acima vimos (v. *supra*, Ep. 12, p. 99, n. 1), apenas se conserva um outro texto trocado com esta personagem, a saber, a carta anteriormente remetida por Cardoso (Ep. 12, v. *supra*, p. 99), em anexo à qual enviara o autor «hymnos quosdam».

3- Cf. *supra*: «Hymnos quosdam prope extemporaliter effusos domi iam pridem delitescere sum passus: quod plane sciebam nec doctis probatum iri, nec rursus indoctis placituros» e, um pouco adiante, «quos nunc ad te statui mittere, existimans nullo alio munere me tibi gratiorem futurum: quam si te religionis obseruantissimum hoc carminis genere impartirem» (Ep. 12, p. 99). Para uma identificação possível dos hinos enviados por Cardoso a Martinho Coelho, v. *supra*, Ep. 12, p. 99, n. 2.

4- Literalmente «a lima». Relativamente ao motivo horaciano do *labor limae* e as suas ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 6, p. 88, n. 2.

5- Cf. *supra*: «Binas a te accepi litteras, Coeli humanissime unas uidelicet quibus hymnos meos tibi uoluptati fuisse significabas» (Ep. 60, p. 201).

6- Cf. *infra*: «tanta amoris nebula praestringeris» (Ep. 60, p. 201). Variação sobre o motivo da cegueira do amor (ou, neste caso, da amizade), segundo o qual quem estima não consegue reconhecer vícios ou defeitos na pessoa amada. Sobre este tópico e as suas demais ocorrências e variações nos textos de Cardoso, v. *supra*, Ep. 18, p. 113, n. 3.

7- Cf. *supra*: «quando amoris potius et beneuolentiae partes quam iudicii sequeris» (Ep. 60, p. 201).

8- Constituem estas palavras uma variação do adágio que Jerónimo Cardoso apresenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 249- v.º, nos seguintes termos: «Thesaurus carbones erant. Dirscha dos que cuydam que têm muyto, & achãse com nada». Entre os autores clássicos, tal *sententia* encontra-se atestada em Luciano, onde se apresenta sob a seguinte forma: «Ἀνθρακες ἡμῖν ὁ θησαυρὸς πέφηνε», ou seja, «O nosso tesouro revelou-se carvão» (*Philops.*, 32, e ainda, com diferenças mínimas, em *Zeux.*, 2, *Tim.*, 41 e *Nau.*, 26), bem como numa fábula de Fedro, em que dois carecas, ao descobrirem um pente, exclamam: «Carbonem [...] pro thesauro inuenimus» (5, 6, 6). A sua explicação deve, segundo Renzo Tosi, *op. cit.*, § 871, p. 412, ser procurada numa fábula antiga que não chegou até nós.

### Página 202

1- Cf. *supra*: «Binas a te accepi litteras, Coeli humanissime [...] alteras quae limam ac censuram superioris epistulae deposcebant» (Ep. 60, p. 202).

2- Palavras de extrema relevância pelo facto de documentarem, de um modo muito claro, a natureza do relacionamento entre Cardoso e este seu correspondente. Martinho Coelho contar-se-ia, deste modo, entre os antigos alunos de Jerónimo Cardoso, por quem o mestre nutria ainda um sentimento de afeição.

### Página 203

1- Sob o nome de Gaspar Lopes regista Barbosa Machado (*op. cit.*, tomo II, p. 361) um professor de Gramática, natural de Vila Nova de Portimão, que terá ensinado durante muitos anos na sua terra natal, atribuindo-lhe uma *Ars Grammaticae* que, segundo o mesmo afirma ter lido em João Franco Barreto, terá vindo a lume na Flandres. O artigo anónimo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* consagra a Gaspar Lopes (vol. 15, p. 429) limita-se a repetir essas informações, dizendo, certamente por lapso, que este seria natural de Vila Nova de Famalicão onde teria ensinado gramática portuguesa.

Por seu turno, Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, p. 412) refere, entre os escolares de Grego, Retórica e Gramática inscritos no ano lectivo de 1546-1547, um Gaspar Lopes, português, que, atendendo às matérias estudadas, poderá eventualmente corresponder a esta figura.

A identificação do destinatário da presente missiva com este Gaspar Lopes seria certamente questionável não fosse o facto de Jerónimo Cardoso referir nesta carta o nome de António Martins, seu antigo aluno e futuro agente de negócios do cardeal D. Henrique em Roma, cuja amizade conservaria durante longo tempo, com ele trocando vários textos, e a cujo incentivo atribuí o início do seu relacionamento com Gaspar Lopes de Leão. Ora António Martins, segundo Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, p. 350) que aparece nos registos da Universidade de Salamanca como aluno de Direito Canónico em 1539, vinha «Ex oppido de villa nueva Silvensis diocesis», ou seja, de Vila Nova de Portimão.

Para além disso, Jerónimo Cardoso, na presente missiva, diz ter sido informado por António Martins que Gaspar Lopes se dedicava ao ensino «nessas paragens» (Vila Nova de Portimão, de onde António Martins era natural). Já na elegia que lhe dedica (v. *infra*, El. 2, 23, pp. 354-355), acusando a recepção de uma carta sua, refere ter sido por ela informado de que Gaspar Lopes se estabelecera como professor em Portalegre (vv. 15-16, p. 354) e pergunta-lhe se o oprimiam as saudades da sua antiga pátria, onde permanecera durante muitos anos (vv. 33-34, p. 355). A elegia é, portanto, manifestamente posterior à carta, sendo estes os únicos textos trocados entre Jerónimo Cardoso e Gaspar Lopes que se conservam e em que figura o nome do segundo.

2- Alusão a uma carta de Gaspar Lopes de Leão que, pelo teor da presente missiva (cf. *infra*: «Qua propter quando benevolentiae nostrae mutuis his litteris fores patefactae sunt te et oro et obsecro ut non is apud te sim qui nuper tecum amicitiam conflauerim», Ep. 61, p. 204) parece ter sido a primeira trocada entre ambos e que não se conserva entre as que integram esta colectânea. Entre os textos compilados por Cardoso apenas existe, como já vimos, um outro texto endereçado a esta figura (o poema El. 2, 23).

Uma outra carta de Gaspar Lopes de Leão, sem dúvida posterior, terá conhecido um destino semelhante, dado que sobre ela apenas dispomos das informações contidas numa elegia escrita por Cardoso em sua resposta (cf. *infra*: «Docta fuit nuper tua reddita epistula nobis, / Quae tota officii plena et amoris erat», El. 2, 23, 1-2, p. 354).

3- Atendendo a que a presente missiva seria a resposta a uma primeira carta de Gaspar Lopes (situando-se por isso, cronologicamente, no início do seu relacionamento com Cardoso) e a que o promotor de tal relacionamento, António Martins, aluno de Cardoso (cf. *infra*: «Sed tamen bona ut opinor erroris tui de me pars Antonio Martino adsignanda est, qui, ut est mei et litteratorum omnium amantissimus, effusius quam par fuit meas apud te laudes praedicavit», p. 203), era, como já vimos, natural de Vila Nova de Portimão, será legítimo considerar esse o lugar onde Gaspar Lopes de Leão exercia então a actividade docente.

4- Expressão de sabor proverbial tomada de Ovídio, que, ao descrever a esplendorosa beleza do palácio do Sol, a emprega *ipsis uerbis*: «materiam superabat opus; nam Mulciber illic/ aequora caelarat medias cingentia terras/ terrarumque orbem caelumque, quod inminet orbi» (*Met.*, 2, 5-7). Apresentando embora ligeiras divergências tal expressão torna a surgir no mesmo autor: «diuitis ingenii est inmania Caesaris acta/ condere, materia ne superetur opus,/ et tamen ausus eram; sed detrectare uidebar,/ quodque nefas, damno uiribus esse tuis» (*Trist.*, 2, 335-338) e ainda em Marcial: «materiae non cedit opus: sic alligat orbem,/ plurima cum tota lampade luna nitet» (8, 50, 7-8).

Jerónimo Cardoso não regista esta expressão no seu *Dictionarium Latinohispanicum*, tornando, no entanto, a utilizá-la, desta feita sob a forma de uma paráfrase, numa elegia dedicada a Fernando da Silveira, cf. *infra*: «Nam simul accepi facunda poemata, dixi,/ Materia certe hic exsuperauit opus» *El.* 1, 4, 27-28, p. 258.

5- Sobre a expressão empregue por Jerónimo Cardoso neste passo, «palinodiam recineres» (lit. «cantarias como réplica uma palinódia»), v. *supra*, *Ep.* 55, p. 191, n. 4.

6- Trata-se de António Martins, um aluno de Jerónimo Cardoso que viria a ser agente de negócios do cardeal D. Henrique em Roma, mantendo no entanto troca de correspondência com o seu antigo mestre. A seu respeito, bem como sobre os textos subsistentes trocados entre ambos v. *infra*, *El.* 1, 13, p. 275, n. 1.

7- Esta expressão, de sabor proverbial, parece remontar a uma fábula de Esopo, na qual uma gralha, para se fazer mais bonita, roubou penas a todas as outras aves, ornamentando o seu corpo com elas. Os outros pássaros, porém, arrancaram-nas e a pobre ave acabou feia como antes, maltratada e coberta de ridículo. O assunto desta fábula, que está na origem da expressão «Graculus Aesopi», era do conhecimento de Horácio (*Ep.*, 1, 3, 15-20) e será igualmente tratado por Fedro (1, 3), para ilustrar a seguinte moralidade: «Ne gloriari libeat alienis bonis/ Suoque potius habitu uitam degere» (vv. 1-2). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1738, p. 787.

Jerónimo Cardoso voltará a glosar este motivo numa silva dedicada a Diogo Estêvão (cf. *infra*: «nec gaudeo pennis/ Ornari externis falsisque coloribus, unde/ Abstineo refugas istis e laudibus aures», *Sil.* 8, 23-25, p. 388).

#### Página 204

1- Cf. *infra*: «summa et ampla ille amoris nebula obcaecatus existimat» (*Ep.* 61, p. 204). Variação sobre o motivo da cegueira do amor (ou, neste caso, da amizade), segundo o qual quem estima não consegue reconhecer vícios ou defeitos na pessoa amada. Sobre este tópico e as suas demais ocorrências e variações nos textos de Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 18, p. 113, n. 3.

2- Em lat. «humilia et humi repentia», variante da locução latina *humi serpere*, que Cardoso regista e comenta no seu *Dictionarium Latinohispanicum*, fl. 84-v.º. Sobre as fontes clássicas desta expressão e para as suas restantes ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *infra*, *Ep.* 29, Página 135, n. 3.

3- Cf. *supra*: «cum amicitiae et amoris erga me suo magis quam iudicio obsequatur» (*Ep.* 61, p. 204).

4- Alusão provável à écloga que Jerónimo Cardoso compôs e publicou sob o título «De Vario Amore Ecloga, Quae Silenis Inscibitur» (v. *supra*, *Lib.* 11, p. 28). Neste longo poema, a jovem por quem Mopso, um dos pastores intervenientes, está apaixonado em não correspondido amor dá precisamente pelo nome de Silénide.

Fica por esclarecer o seguinte aspecto: teria Jerónimo Cardoso enviado a Gaspar Lopes de Leão uma cópia manuscrita, para que este fizesse a sua revisão ou, acaso, um exemplar daquela edição do dito poema, que Barbosa Machado (*op. cit.*, tomo II, p. 490) diz ter sido publicada em Coimbra, por João da Barreira, no ano de 1553 (v. Anselmo, *op. cit.*, n.º 122, p. 34), e de que não se conhece presentemente nenhum exemplar? O curto espaço de tempo que medeia entre esta edição da écloga e a publicação das cartas, vindas a lume três anos depois, em 1556, parece favorecer a primeira hipótese.

5- Motivo pelo qual tais elogios se revestem de uma particular validade. Constitui esta afirmação uma variante de um tópico que se encontra presente já num fragmento de Névio. A este respeito, v. *supra*, Ep. 17, Carta de Álvaro Gomes, p. 109, n. 3.

6- Ou, literalmente, «à maneira de um Gnatão cómico», nome de um parasita no *Eun.* de Terêncio e, por conseguinte, dos parasitas em geral. Sobre este assunto e para outras ocorrências deste nome em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 37, p. 152, n. 3.

7- Sobre o uso do nome *exuuiæ* (f. pl.), como um masculino ou neutro singular, v. *infra*, Ep. 65, p. 211, n. 5. O adágio a que Jerónimo Cardoso recorre neste passo não se encontra atestado entre os autores do classicismo. Porém, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 226-v.º, pode ler-se um outro provérbio, cujo sentido não anda muito distante: «Si leonina pellis non satis est, uulpina addenda. Se não abastar pelle de lião, acrescentese pelle de raposa. Da a entender que quem não puder alcançar a cousa por força, alcansea por engano».

8- Sobre o sentido da expressão paralela «fores aperire», suas variantes e ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 7.

9- Ou seja, no dia 11 de Dezembro.

#### Página 205

1-

2- Cf. *infra*: «nunquam ita mihi credidi ut tuis de me elegiacis in quibus ita totum hominem pellucere fecisti, ut iam uel de minimis quibusque nulla reliqueretur occasio dubitandi» (Ep. 62, p. 205). Trata-se certamente do poema em dísticos elegíacos, longo de setenta e oito versos, que Cardoso veio a incluir no primeiro dos seus *Elegiarum Libri II*, dedicado «Ad Ferdinandum Arceum» (El. 1, 24, v. *infra*, p. 299).

Neste poema, Jerónimo Cardoso, que confessa a sua admiração pelas mais preciosas riquezas da terra (vv. 1-12), é convidado por uma divindade a espantar-se antes com o talento de Fernando de Arche, «donis Heliconis onustum» («pejado com os dons do Hélicon», v. 27). Após verificar a abissal discrepância entre os seus limitados recursos poéticos e a grandeza da matéria que se propõe cantar (vv. 35-42), Cardoso celebra efusivamente as inumeráveis qualidades de Fernando de Arche (vv. 43-64) e termina, afirmando, por meio de uma longa série de ἀδύνατα, a sua eterna amizade (vv. 65-74) e pedindo a censura de algum verso mal cadenciado (vv. 75-78).

3- Trata-se do famosíssimo adágio grego «γνώθι σεαυτόν» («conhece-te a ti mesmo»), que, segundo Platão (*Prt.*, 343 b), Pausânias (10, 24, 1) e Ausónio (*Sap.*, 5, 7-9) os Sete Sábios da Grécia (e não forçosamente Quílon da Lacedemónia), fizeram gravar sobre os muros do Templo de Apolo em Delfos. Relativamente a esta máxima, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 347, p. 162. Sobre a lista dos Sete Sábios da Grécia, v. *supra*, Lib. 18, p. 57, n. 10.

4- Contando-se na lista dos Sete Sábios da Grécia, pela primeira vez formulada por Platão (*Prt.*, 343 a), Quílon da Lacedemónia (em gr. Χίλων ou Χείλων) desempenhou funções de Éforo em Esparta, em 556/ 555 a. C., contribuindo com a sua actuação para aperfeiçoar e prestigiar essa instituição colegial. Heródoto, nos seus escritos (1, 59; 7, 235), apresenta-o como um sábio cujas previsões acabavam por se concretizar. Entre outras, é-lhe por vezes atribuída a célebre máxima grega citada por Afonso de Arche neste passo, a qual sendo um dia interpretada por Sócrates, fez dele «o mais sábio de entre os homens».

5- Refere-se Fernando de Arche ao poeta Horácio, o qual, ao concluir uma das suas epístolas, formula a seguinte advertência: «metiri se quemque suo modulo ac pede uerum est» (Ep., 1, 7, 98). Trata-se, segundo Renzo Tosi, *op. cit.*, § 542, p. 259, de um preceito que, apresentando-se embora sob a forma de numerosas variantes, aconselha sempre a que cada um se aplique naquilo com que consegue lidar, como se pode verificar pelas palavras com que Cardoso comenta, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 164-v.º, a seguinte variante: «Pede tuo te metire. Conhecete a ti pera quanto és».

Também nos textos de Jerónimo Cardoso ocorrem expressões que, apresentando alguma divergência a nível da forma, denunciam claramente ser aquela a sua fonte e se revestem do mesmo significado, v. *infra*: «Meque meo modulo metior atque pede» (El. 1, 5, 20, p. 260) e «Namque meo uires modulo permetior, atque/ Quid ualeam noui» (Sil. 8, 21-22, p. 388).

6- Cf. *supra*: «Iam multis abhinc diebus uir eruditissime tua carmina immo uerius Musas ipsas legi» (Ep. 62, p. 205). Para a identificação dos versos elegíacos enviados por Jerónimo Cardoso a Fernando de Arche, v. *supra*, Ep. 62, p. 205, n. 2.

7- Esta expressão proverbial, que Cardoso regista nos mesmos termos: «Cristas erigere. Colher soberba» (*Dictionarium Latinolusitanicum*, fl.47-r.º), constitui uma derivação do adágio latino «illi surgunt cristae», o qual, por sua vez, procede do seguinte passo de Juvenal: «quid apertius? et tamen illi/ surgebant cristae» (4, 69-70).

### Página 206

1- Expressão registada, sob a forma de adágio, por Jerónimo Cardoso no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl.131-r.º: «Momo satisfacere. Se dirá todo aquele que he tam perfeyto em suas cousas que até ho deos da reprehensam chamado momo nam terá que reprehender: ho qual Momo tachava todas as obras dos deoses, & elle nada fazia». Sobre Momo, personificação do sarcasmo, v. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 5.

2- Isto é, um crítico literário da mais elevada competência. Sobre Aristarco de Samos, recensor dos poemas homéricos, e as ocorrências do seu nome nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 6.

3- Descendente de Zeus e de Níobe, Argos possuía, segundo as várias fontes, um só olho, quatro (dois virados para a frente e dois para trás) ou ainda cem olhos disseminados pelo corpo. Depois de ter levado a cabo alguns trabalhos heróicos, foi encarregue por Hera de vigiar a vaca Io, na realidade uma jovem sacerdotisa por quem Zeus se apaixonara. Argos guardava-a com cinquenta dos seus olhos, enquanto os outros cinquenta dormiam um sono natural. Zeus, porém, desejoso de libertar a sua amante, ordenou a Hermes que o eliminasse, tarefa de que este se desembaraçou adormecendo os cinquenta olhos, que permaneciam vigilantes, ao som da flauta de Pã ou com um toque da sua varinha mágica e matando-o em seguida. Compadecida do destino deste seu servo, Hera imortalizou-o, transferindo os seus olhos para a cauda do pavão, ave que lhe estava consagrada.

Fernando de Arche aplica a Cardoso o nome de Argos, querendo com isso dizer que nada podia escapar à sua vigilante observação.

4- Um dos mais antigos deuses do panteão romano, Jano, cujas lendas se ligam às origens da cidade, teria reinado sobre a região do Lácio, atribuindo-se-lhe a fundação de uma cidade sobre a colina que depois, a partir do seu nome, se chamou Janículo. Divinizado após a sua morte, Jano era representado com dois rostos com o olhar fixo em direcções opostas, facto em virtude do qual já em Séneca (*Apocol.*, 9, § 2) surgia como mestre da arte de ver para trás e para a frente, ou seja, podia examinar as questões sob todos os aspectos, tal como acontece neste lugar. Sobre as portas do Templo de Jano em Roma, v. *supra*, Lib. 18, p. 42, n. 2.

5- Sobre esta expressão, uma variante de «ansam praebere», as suas fontes e ocorrências na prosa de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Lib. 18, p. 55, n. 21.

6-Referência a uma composição poética de Fernando de Arche, dirigida a Jerónimo Cardoso, que não se encontra publicada entre os seus textos. Pelo conteúdo deste parágrafo, nem sequer se sabe se tal poema chegou alguma vez às mãos de Jerónimo Cardoso, visto não ter sido enviado em anexo à presente missiva. O breve elenco dos seus títulos, apresentado no *HISLAMP*, p. 264, para além de não incluir uma referência a esta sua carta, nada diz também sobre tal poesia.

7- Nome de um amigo de Jerónimo Cardoso que, ao tempo em que esta carta foi redigida, seria com toda a probabilidade aluno da Universidade de Salamanca. Sobre a identidade deste Simão, já pela

omissão do seu apelido já pela inexistência de alusões paralelas que permitam o cruzamento de informação, nada mais se poderá dizer.

8- Ou seja, no dia sete de Julho.

#### Página 207

1- Humanista e sacerdote português, natural de Porto de Mós, D. António Pinheiro frequentou como bolseiro real a Universidade de Paris, onde ensinou no Colégio de Santa Bárbara. Aí publicou, em 1538, os *In Tertium M. Fabii Quintiliani Librum Luculentissimi Commentarii Recens Editi*. Regressa, entretanto, a Portugal, onde, em 1540, é escolhido para mestre de moços fidalgos e preceptor do príncipe D. João, filho de D. João III. Em 1544 toma parte nas cortes de Almeirim, em que D. João foi jurado herdeiro do trono. Figura de grande prestígio e influência, que Diogo Pires coloca, em 1547, entre o escol dos intelectuais portugueses, D. António Pinheiro correspondeu-se com outros humanistas que se moviam na esfera da corte, como Rodrigo Sanches (correspondência conservada no Ms. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa); pronunciou-se pela entrega do Colégio das Artes, fundado em Coimbra por D. João III, à Companhia de Jesus. Certos reparos seus levaram a que se inutilizasse a primeira parte da *Crónica do Felicíssimo D. Manuel* de Damião de Góis, já então impressa. Ocupou os cargos de Cronista-Mor do reino e Guarda-Mor da Torre do Tombo e foi ainda visitador e reformador da Universidade de Coimbra no ano de 1565. Na hierarquia eclesiástica, foi primeiro nomeado bispo de Miranda do Douro, em 1564 e, mais tarde, de Leiria, em 1579. Após o desastre de Alcácer-Quibir, D. António Pinheiro, que discordara de tal empresa, mostrou-se partidário de Filipe II de Espanha, cuja legitimidade proclamou, como membro do Conselho de Estado, nas cortes de Tomar, a 16 de Abril de 1581.

O seu relacionamento com Jerónimo Cardoso, documentado apenas pela presente missiva, parece não se ter desenvolvido (o próprio teor desta carta denuncia um grande distanciamento). O seu nome não tornará a surgir na obra de Cardoso.

Para uma informação mais pormenorizada, veja-se o artigo de A. da Costa Ramalho, «Pinheiro (António)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira*, vol. 15, pp. 114-115 e bibliografia aí citada, bem como os títulos apontados por Isaltina D. Martins, *op. cit.*, pp. 173 e 213. Para um elenco das suas obras latinas, consulte-se *HISLAMP*, pp. 205-206.

2- Cardoso não se refere a uma fábula de Esopo em concreto, mas às *Fabulae Aesopiae*, nome por que é normalmente conhecida a compilação de fábulas de Fedro, escritor romano do tempo de Tibério. Nessa obra, sob o título «Rana Rupta et Bos» (*Fabulae*, 1, 24) encontra-se efectivamente uma fábula em que uma rã, tendo visto um boi num prado, procurou igualá-lo em tamanho, inchando a sua pele enrugada. A cada tentativa, perguntava a rã aos filhos se ela era maior do que o boi, ao que eles respondiam sempre negativamente, até que, à terceira, inchou o pequeno corpo a um ponto tal, que estourou. Entre as fábulas de Esopo, não se encontra nenhuma que corresponda a esta.

Este motivo era igualmente do conhecimento de Horácio (*Sat.*, 2, 3, 314-320) e de Marcial (10, 79, 9). Em Petrónio, por outro lado, encontraremos um eco da referida fábula nas imprecizações com que Trimalquião cobre Fortunata, sua mulher, quando diz a seu respeito: «at inflat se tamquam rana» (*Sat.*, 74, § 13). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 541, p. 259.

3- Sobre a locução paralela «fores aperire»: o seu sentido, variantes e outras ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 7.

4- Embora se desconheça a data do regresso de D. António Pinheiro a Portugal, dois factos permitem delimitar um período relativamente curto em que tal terá acontecido. Assim, por um lado, em 1538, D. António Pinheiro encontrava-se ainda em Paris, desempenhando funções de professor no Colégio de Santa Bárbara, aí fazendo publicar, nesse mesmo ano, os *In Tertium M. Fabii Quintiliani Librum Luculentissimi Commentarii Recens Editi*. Por outro lado, dois anos mais tarde, já em Portugal, D. João III faz dele mestre de moços fidalgos e preceptor do príncipe D. João. (cf. *supra*, Ep. 63, p. 207, n. 1). O seu regresso terá ocorrido, por conseguinte, entre 1538 e 1540.

A presente missiva de Cardoso, por aludir ao primeiro discurso de D. António Pinheiro (cf. *infra*: «cumque omnes tui admiratione stupefacti in aedes tuas confluerent audituri primam illam nunquam satis

laudatam orationem quam ex facundia tua depromptam bona patriciorum adulescentium parte confidente felicissime habuisti» Ep. 63, p. 207), não deverá ter sido exarada muito tempo depois.

#### Página 208

1- Em lat. «tanta [...] dulcedine [...] auresque demulsit». Recorrente entre os autores clássicos, a expressão *aures mulcere* (*demulcere*, ou ainda *permulcer*) surge, por exemplo, nas palavras com que Apuleio, no prólogo do seu romance, procura cativar o ouvinte para a história que se propõe narrar: «At ego tibi sermone isto Milesio uarias fabulas conseram auresque tuas beniuolas lepidio susurro permulceam» (*Met.*, 1, 1). Outras ocorrências em Ovídio (*ibidem*, 5, 561); Aulo Gélio (16, 19, § 6; 20, 9, § 1); Quintiliano (*Inst.*, 2, 12, § 6; 11, 3, § 60; 12, 10, § 52) etc.

#### Página 209

1- Do destinatário da presente missiva, Cristóvão Nunes, sabe-se que foi nomeado revisor da Imprensa da Universidade por alvará de 25 de Outubro de 1555, ficando responsável por esse encargo durante o tempo de reclusão, nos cárceres do Santo Ofício de Lisboa, do titular do cargo, o licenciado Fernando Oliveira, também ele destinatário de uma carta de Cardoso (v. *supra*, Ep. 29, pp. 135-136). Este fora nomeado revisor a 18 de Outubro de 1554, mas, tendo sido denunciado à Inquisição por um fidalgo seu amigo, que o hospedara em inícios desse ano, vem a ser encarcerado em Outubro de 1555, ficando preso durante pelo menos dois anos (cf. *supra*, Ep. 29, p. 135, n. 1). Cristóvão Nunes terá sido ainda, por esta altura, lente do Colégio das Artes de Coimbra, onde regeu uma cadeira de Gramática.

Tendo em conta a data da presente missiva, datada de 1 de Fevereiro, é de concluir que seja anterior à nomeação de Cristóvão Nunes para o cargo de revisor, a 18 de Outubro de 1555, uma vez que o *Epistularium Familiarium Libellus* foi dado como concluído pouco tempo depois, por carta nuncupatória de 23 de Dezembro de 1555, e publicado em 1556. Em todo o caso, a presente carta parece ser das mais recentes desta colectânea, justificando-se assim a sua colocação perto do termo da mesma.

2- Sobre as edições de obras da sua autoria que Jerónimo Cardoso poderia ter em mente ao escrever estas palavras e de cuja venda Cristóvão Nunes se poderá eventualmente ter ocupado (o *Libellus De Terraemotu, De Vario Amore Elogia, De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*, publicado em Coimbra em 1550, com reedição parcial, surgida na mesma cidade três anos depois, e o *Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum*, impresso também em Coimbra, em 1551), v. *supra*, Ep. 2, p. 80, n. 1

3- Alusão de Jerónimo Cardoso a uma carta de Cristóvão Nunes que não se conserva neste epistolário. A presente missiva é, de resto, como já antes vimos, o único texto trocado com esta figura, cujo nome não tornaremos a encontrar.

#### Página 210

1- Relativamente à expressão «ansam praebere» (literalmente «estender um cabo/asa»), as suas fontes e demais ocorrências na prosa de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Lib. 18, p. 55, n. 21.

2- De modo não muito diverso, o fabulista Fedro chama *nasutus* a quem olha a sua poesia desdenhosamente (4, 71). Sobre a associação do nariz ao desprezo e ao ridículo, v. *supra*, Lib. 18, p. 48, n. 3.

3- Cf. *supra*: «qui instar mulae steriles aliorum fecunditatem et partus ferre non possunt» (Ep. 2, p. 79). Sobre a presente comparação e a proverbial da esterilidade das mulas, v. *supra*, Ep. 2, p. 79, n. 4.

4- Ou seja, no primeiro dia de Fevereiro.

#### Página 211

1-

2- Afonso de Arche refere-se a um poema (cf *infra*: «mira suavitas in carmine, dulcor ille Ouidianus», *Ep.* 65, p. 212) dedicado provavelmente à sua pessoa (só assim se explica o espanto de que Afonso de Arche dá mostras nos períodos seguintes), texto esse que não veio a ser incluído em nenhuma das obras poéticas de Jerónimo Cardoso. A presente carta é, de resto, o único texto conservado a atestar um relacionamento entre Afonso de Arche e Jerónimo Cardoso.

3- Constituem estas palavras um adágio, que Jerónimo Cardoso apresenta jocosamente, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 190- r.º, nos seguintes termos: «Praxillae Adonide stupidior. dirseha do homem paruo, & tollo: porque Praxilla moça poeta, fez huma obra, em que meteo Adonis: que vinha do inferno. E perguntado: qual era a cousa mais fermosa que deyxara no mundo, respondeo. Que ho sol, & pepinos, & maçãs: que foy grande tollice cõparar ho sol com pepinos».

Este provérbio, que não se encontra atestado entre os autores do classicismo, tem a sua origem num *Hino a Adónis* da autoria de Praxila, composição que foi alvo de muitas críticas na Antiguidade e de que subsiste presentemente apenas um fragmento. Poetisa lírica grega natural de Sícion, Praxila, que terá vivido pelo séc. V a. C., compôs ainda ditirabos, canções de mesa e outros hinos. Dão testemunho do renome por ela alcançado o facto de Lisipo a ter representado numa estátua e a existência de um metro grego (o praxilleion), cujo nome deriva do seu.

4- Sobre o uso metafórico da palavra *fungus*, v. *supra*, *Ep.* 41, p. 161, n. 3.

5- Jerónimo Cardoso apresenta, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 108- r.º, um adágio, que estará provavelmente na origem destas palavras de Afonso de Arche e em que o nome *exuuiæ, arum*, («pele que alguns animais largam», «despojos tomados ao inimigo» ou «presa»), ordinariamente f. pl., ocorre no singular (m. ou n.): «Leones [sic] exuuium induere. Vestir pele de lião. dirseha do que sendo pera pouco, se quer mostrar pera muyto, como foy hum asno de Cumas que fugio a seu senhor pera ho mato, & la se vestio em hua pelle de lião que achou cõ a qual fazia medo a todos» (motivo tomado de Esopo, 279). Um outro adágio, em que esta palavra ocorre com semelhante forma, *ibidem*, fl. 108-v.º.

Para uma outra ocorrência desta palavra, desta feita na prosa de Jerónimo Cardoso, em expressão de igual sabor proverbial, v. *supra*: «Atque sub exuuii quod aiunt leonis uulpem geras» (*Ep.* 61, p. 204).

6- Outro adágio, igualmente apresentado por Jerónimo Cardoso, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 36- r.º, sob a forma do seguinte conselho: «Cibum in matellam ne immittas. Nã deytes ho comer no mijadeyro. Dirseha do que da bom cõselho a quem te ho animo dannado, como he deytar bom vinho em ruym vasilha». Esta *sententia* não se encontra atestada, com a presente forma, nas obras dos autores clássicos.

7- Em Marcial, esta expressão ocorre, sob a forma de uma interrogação, num epigrama em que o autor insulta um outro poeta, por este pretender misturar os maus versos que escreve com os seus: «quid congregare cum leonibus uulpes/ aquilisque similes facere noctuas quaeris?» (9, 100, 3-4). No seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 108- r.º, Jerónimo Cardoso regista esta mesma locução, já sob a forma de um adágio: «Leonibus uulpes iungere. Iungir raposas com liões .s. misturar alhos cõ bugalhos».

## Página 212

1- Jerónimo Cardoso refere, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 244- r.º, o seguinte adágio, devidamente comentado: «Syrus cum non sis, ne Syrissa. Nam te faças o que não és, nem representes o que não podes, nem te faças servo sendo livre, porque os Syros foram tidos por moles & affeminados». Este provérbio não se encontra atestado nos escritores latinos do classicismo.

2- O motivo da proverbial ignorância dos Beócios encontra-se difundido entre os autores antigos, tanto gregos como latinos. Assim, e para citar apenas alguns exemplos, Horácio escreve: «quod si/ iudicium subtile uidendis artibus illud/ ad libros et ad haec Musarum dona uocares,/ Boeotum in crasso iurares aere natum» (*Ep.*, 2, 1, 241-244); Cornélio Nepos, por sua vez, refere como: «Boeoti magis firmitati corporis quam ingenii acumini seruiunt» (*Alcib.*, 7, 11, 3) e Cícero, ponderando a influência da qualidade do ar na formação dos indivíduos, considera que «Athenis tenue caelum, ex quo etiam acutiores putantur

Attici; crassum Thebis, itaque pingues Thebani et ualentes» (*Fat.*, 7). Finalmente, o carácter abrutado dos Beócios é referido por Jerónimo Cardoso, no fl. 26- v.º do seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, nos seguintes termos: «Boeoticum ingenium. Engenho grosseyro». Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 417, p. 194.

3- Adágio, assim registado por Cardoso no fl. 80- r.º do seu *Dictionarium Latinolusitanicum*: «Graculus inter musas. dirseha quando hum paruo se quiser meter a falar entre discretos».

### Página 213

1- Historiador e humanista português nascido em Alenquer em 1502, Damião de Góis entrou para o paço em 1511, aí tendo moradia desde 1518. Em 1523 embarcou para a Flandres, como escrivão da feitoria de Antuérpia. Aí, entre os humanistas dos Países Baixos, desenvolveu os seus conhecimentos de cultura clássica e musical. Tendo viajado pelo Norte da Europa entre 1529 e 1533, contactou com figuras como Lutero, Melanchthon, Erasmo e Munster, entre muitos outros.

Nomeado tesoureiro da Casa da Índia em 1533, escusou-se sob o pretexto de ir em peregrinação a Compostela. Voltou então a Friburgo na Brisgóvia, onde conviveu com Erasmo. Mais tarde, estudante em Pádua, contactou com humanistas como Bembo, Sadoletto e Ramúsio. De regresso aos Países Baixos, casa com Joana Van Hergen.

Em 1542 colaborou na defesa de Lovaina contra o exército francês e, feito prisioneiro, foi resgatado pela soma de 2000 ducados. Tal facto valeu-lhe uma indemnização de Carlos V e a atribuição de um brasão de armas. Chamado a Portugal, em 1545, para mestre do príncipe D. João, levantaram-se suspeitas de heterodoxia que levaram o monarca a desistir da nomeação.

Guarda-mor interino da Torre do Tombo em 1548, recebe, dez anos mais tarde, de D. Henrique, a incumbência de escrever a *Crónica do Felicíssimo D. Manuel* e a *Crónica do Príncipe D. João*. Certas tomadas de posição de Damião de Góis feriram susceptibilidades, como as de D. António Pinheiro, e levaram a que se inutilizasse a primeira parte da *Crónica de D. Manuel*, já impressa, sendo, no entanto, reeditada nesse mesmo ano.

A 4 de Abril de 1571, talvez por denúncia do seu genro Luís de Castro, foi Damião de Góis preso pela Inquisição (já em 1550 tinha sido citado pela segunda vez, mas o processo não tivera seguimento). Agora a Inquisição condenou Damião de Góis a reclusão no Mosteiro da Batalha, em finais de 1572. Viria a morrer em Alenquer, talvez assassinado.

Damião de Góis terá sido a maior figura do humanismo leigo português do séc. XVI, contando com notável projecção entre os grandes vultos da Europa de então.

2- Refere-se Jerónimo Cardoso à obra de Damião de Góis publicada sob o extenso título *Vrbis Olisiponis Descriptio per Damianum Goem Equitem Lusitanum, In qua obiter tractantur nonnulla de Indica nauigatione per Graecos et Poenos et Lusitanos, diuersis temporibus Inculcata*, impressa em Évora, por André de Burgos, no ano de 1554. Sobre este tratado, v. Barbosa Machado, *op. cit.*, tomo I, p. 620; A. Joaquim Anselmo, *op. cit.*, n.º 384, p. 104 e *HISLAMP*, p. 232.

A circunstância de esta obra ter vindo a lume apenas dois anos antes da publicação do *Epistularium Familiarium Libellus* de Cardoso, sugere estarem esta carta e a sua resposta (v. *infra*, Ep. 67, p. 215) entre os textos mais recentes da presente colectânea, algo que parece confirmado pela posição que nela ocupam.

3- Particularmente evocativas da atmosfera cosmopolita e exótica que se respirava na Lisboa quinhentista, decorrente dos Descobrimentos Portugueses, estas palavras parecem encerrar uma alusão aos animais da célebre embaixada de Tristão da Cunha ao Papa Leão X, no ano de 1514. Nela integrados, seguiram para Roma, por via marítima, um rinoceronte, um elefante da Índia e uma onça caçadora da Pérsia. O rinoceronte morreu durante a travessia, sendo posteriormente retratado numa gravura de Albrecht Dürer intitulada «RHINOCEROS 1515»; o elefante espantou a corte pontifícia e foi retratado por Rafael num fresco da *Stanza della Segnatura*. Antes da partida, chegara mesmo a encenar-se um combate entre estes dois animais, do qual Jerónimo Cardoso pode ter tomado conhecimento pelo testemunho dos seus contemporâneos. Excluindo esta hipótese, poderão estas palavras basear-se nos relatos que chegavam à Capital trazidos por quem vinha daquelas longínquas paragens, pois, como diz Cardoso na parte final do

poema dirigido aos mestres da Universidade de Lisboa, «Praeterea siquid longinquis nobile terris/ Nascitur, huc referunt uicina per aequora puppes» (Sil. 10, vv. 165-166).

4- A respeito de Sólon de Salamina, legislador e poeta, v. *supra*, Lib. 18, p. 40, n. 5.

5- Ou, em versão: «Envelheço aprendendo sempre muitas coisas». Trata-se do fr. 22, v. 7 Diehl (ou fr. 28 Gentili-Prato), verso já famoso na Antiguidade, como o demonstram numerosas citações e referências (Platão, *La.*, 188 b, 189 a e *Amat.*, 133 c; Cícero, *Sem.*, 8, § 26 e 14, § 50, Séneca, *Ep.*, 76, § 3 e *Breu. Vit.*, 7, § 3, entre outros), segundo o qual, enquanto se vive, há sempre algo de novo para aprender e ninguém deve nunca, por mais velho e sábio que seja, acreditar que já tudo foi aprendido. Para uma informação mais detalhada sobre esta máxima, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 385, p. 177.

6- Ao tempo da redacção desta missiva, entre finais do ano de 1544 e inícios do seguinte, Damião de Góis ocupava-se efectivamente dos assuntos do Rei, desempenhando funções de importância capital, como eram as de Guarda-Mor da Torre do Tombo. Fora nelas investido interinamente, em 1548, por ter o seu antecessor, Fernão de Pina, cronista e arquivista, sido preso e sujeito ao tribunal da Inquisição, sob a acusação de heterodoxia religiosa, em 1546. Góis seria nomeado para essas funções a título definitivo dois anos mais tarde, ficando D. António Pinheiro como Cronista-Mor.

#### Página 215

1- Sobre Damião de Góis, o mais europeu de entre os humanistas portugueses, correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 66, p. 213, n. 1.

2- Em nota ao título da *Vrbis Olisiponis Descriptio*, em que Damião de Góis faz igualmente acompanhar o seu nome do epíteto «eques», aborda Aires A. Nascimento (in Damião de Góis, *Elogio da Cidade de Lisboa*, Lisboa, Guimarães Editores, p. 76, n. 3) a dificuldade em acertar com o valor a ele atribuído pelo autor. Com efeito, Damião de Góis, não tendo nascido de uma família da alta nobreza, entrou, no entanto, com nove anos, para a corte, onde já seu irmão Frutuoso servia como camareiro, vindo a alcançar o estatuto de cortesão, com as funções e opulência que lhes eram inerentes. Viria, não obstante, a receber brasão de armas, atribuído por Carlos V, em retribuição dos serviços prestados na defesa de Lovaina, aquando do cerco movido pelo exército francês, em 1542, o qual foi depois confirmado por D. João III. Em todo o caso, o título de «eques» surge em obras suas anteriores a estes eventos, como os *Commentarii Rerum Gestarum in India*, de 1538, o que conduz à suposição de que tal «corresponde a um modo de apresentação formal, quando considera que isso se torna útil para a imagem do país que representa e já tem um estatuto social que lhe permite apresentar-se dessa maneira» (*idem, ibidem*, n. 3, p. 77). Parece corroborar esta suposição o facto de Góis não usar o título no rosto das suas obras em português. Assim, conclui o investigador que a forma mais acertada de verter «eques» será fazendo-a equivaler ao português «fidalgo», termo vago que, não obstante, corresponde, por aqueles tempos, ao percurso e posição social de Damião de Góis, o qual integrava assim uma aristocracia cujo brio advinha do reconhecimento do mérito próprio e dos serviços prestados e não do nascimento de uma antiga linhagem.

3- Refere-se Damião de Góis à carta de Jerónimo Cardoso que ocupa nesta colectânea o lugar precedente (v. *supra*, Ep. 66, p. 213). Com ela, Cardoso agradece o envio de um exemplar da *Vrbis Olisiponis Descriptio*, obra de Damião de Góis publicada algum tempo antes, cuja leitura motivou, da parte de Cardoso, os mais rasgados elogios, declarando inclusivamente que chegou a ensiná-la aos seus alunos (cf. *supra*: «Quod non solum semel, et iterum lectitare contentus sum: sed etiam auditoribus meis publice interpretari», Ep. 66, p. 213).

4- O mais notável de entre os humanistas europeus do Séc. XVI, cuja influência teve um peso determinante na vida cultural do seu tempo, Desidério Erasmo, nascido em Roterdão provavelmente a 27 de Outubro de 1466, frequentou a escola dos Irmãos da Vida Comum em Deventer, entrando depois para o convento de Steyn, de Cónegos Regrantes, onde tomou votos e viveu por um período de oito anos. Depois, com 27 anos de idade, é nomeado secretário latino do bispo de Cambrai, que o envia, dois anos mais tarde, para a Universidade de Paris. Data desse período a sua aversão aos filósofos escotistas e à Escolástica. Aplicou-se, por esse tempo, ao estudo dos clássicos latinos e deu lições particulares. Deslocando-se a

Inglaterra, conhece em 1499 Thomas More e John Colet, de quem se torna amigo. Este sugere-lhe a crítica textual e exegese do Novo Testamento. Em Paris, um ano depois, publica a primeira versão dos *Adagiorum Collectanea* e dedica-se afincadamente ao estudo do Grego, conhecimento indispensável para a revisão da *Vulgata*. Em 1505, novamente em Inglaterra, convive com helenistas famosos, traduzindo Luciano, com Thomas More, bem como Eurípides. No ano seguinte, passando a Itália, é feito Doutor de Teologia, em Turim, e aprofunda os seus conhecimentos de Grego. Em Julho de 1509, concebe o *Encomium Moriae*. Entre 1511 e 1514 demora-se em Cambridge, trabalhando no Novo Testamento em Grego e Latim e nas *Obras* de S. Jerónimo, publicados em 1516. É então nomeado conselheiro do Futuro Carlos V. Em 1517, muda-se para Lovaina, onde organiza o Colégio Trilingue e se demora até 1521. Em 1519 recebe carta de Lutero, que o convida a aderir à Reforma. A resposta benévola de Erasmo torna a sua posição irenista insustentável, após a publicação, em 1520, da bula que condenava o reformador. Busca refúgio, portanto, em Basileia, em 1521. Três anos depois, envolve-se em polémica com Lutero, acabando por criticar o movimento da Reforma. Em 1531, muda-se para Friburgo da Brisgóvia, onde mantém correspondência com os corifeus do movimento humanístico, prepara reedições e trabalha em livros novos. Regressa a Basileia em 1535, aí vindo a falecer, no seio da Igreja Católica, a 11 de Julho de 1536. A vasta obra que produziu reparte-se por categorias várias, tais como livros de intenção escolar, obras sobre educação e pedagogia, edições de textos bíblicos e patrísticos, de autores gregos e latinos e dissertações teológicas.

Em Portugal, D. João III, a quem Erasmo tinha dedicado, em 1527 as *Chrysostomi Lucubrations*, pensou chamá-lo, depois de 1533, para vir ensinar em Portugal. Nas suas obras e na sua correspondência surgem nomes tais como o de Henrique Caiado, Luís Teixeira, André de Resende, Damião de Góis, Marcial de Gouveia e Jorge Coelho, entre outros. Resende distinguiu-o com o *Erasmi Encomium*, em 1531, e virá a lamentar a sua morte, juntamente com Clenardo e Joana Vaz.

Para outras informações relativas ao seu percurso e obra, veja-se o artigo de Américo da Costa Ramalho «Erasmo (Desidério)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 7, pp. 758-761, bem como a bibliografia aí citada.

5- Artista alemão, nascido em Nuremberga em 1471, filho de um ourives húngaro, Albrecht Dürer alcançou fama ímpar como pintor gravador e teorizador de arte. Reconhecendo no filho dotes excepcionais, seu pai mandou-o como aprendiz para a oficina de Miguel Wolgmut, em 1486. De 1490 em diante viajou pela Alemanha, trabalhando com os irmãos de Schöngauer (já falecido), em Colmar e demorando-se em Bâle e Estrasburgo. Supõe-se que tenha viajado até Veneza em 1494, casando, ainda nesse ano, na sua cidade natal. Em 1506 encontra-se efectivamente em Veneza, convivendo com Giovanni Bellini. De regresso à Alemanha, foi nomeado, em 1512, pintor da Corte do imperador Maximiliano. Depois da morte deste, em 1519, viaja pelos Países Baixos, procurando cativar as boas-graças de Carlos V, a cuja coroação assiste, em 1520. Tendo visitado numerosas cidades, regressa a Nuremberga em 1521, onde vem a falecer em 1528.

A Albrecht Dürer se atribui a introdução do Renascimento de pendor italiano na Alemanha. Notável na pintura, revelou no entanto o génio do seu talento na arte da gravura, tanto a nível técnico como estético. São da sua autoria um *Tratado de Geometria ou Método para Aprender a Medir com a Régua e o Compasso* (1525); o *Tratado sobre a Fortificação de Cidades, Castelos e Burgos* (1527) e *Os Quatro Livros das Proporções Humanas*, escrito em 1523.

O retrato de Erasmo que Damião de Góis tinha nas mãos era uma gravura impressa, a qual se encontra reproduzida em Justino Mendes de Almeida, «Introdução» in Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas*, p. 36.

6- Damião de Góis terá estabelecido os primeiros contactos com Erasmo de Roterdão aquando da sua primeira grande viagem pelos países do Norte da Europa, entre os anos de 1529 e 1533, relacionando-se ainda, por esse tempo, com outras figuras de grande nomeada, como Lutero, Melancthon e Munster. Nomeado tesoureiro da Casa da Índia nesse ano de 1533, eximiu-se de tais funções, sob o pretexto de ir em peregrinação a Compostela. Regressou, por essa altura, a Friburgo da Brisgóvia, onde convive com Erasmo, chegando mesmo a residir, durante algum tempo, em sua casa, corria então o ano de 1534. O grande humanista viria a falecer três anos mais tarde, em 1536.

7- Em lat. «quam humili orchestrae assideam». No teatro romano, o nome «orchestra» (do gr. ὀρχήστρα) designa o lugar destinado aos membros do Senado, como explica Vitruvius no seguinte passo: «ita latius factum fuerit pulpitem quam Graecorum, quod omnes artifices in scaena dant operam, in

orchestra autem senatorum sunt sedibus loca designata» (*De Architectura*, 5, 6, § 2). Por outro lado, o facto de os lugares estarem distribuídos de acordo com as classes sociais justifica que o verbo «assideo» signifique, em linguagem poética, «assemelhar-se». Assim se explicam as seguintes palavras de Horácio: «parcus ob heredis curam nimiumque seuerus/ assidet insano» (*Epistulae*, 1, 5, 13-14), cujo valor metafórico equivale precisamente ao que se encontra nestas palavras de Damião de Góis.

Notas ao  
Apologus De Morte et De Pastore  
Cum Aliis Elegiacis

**Página 215 b**

1- O único exemplar do *Apologus* subsistente, da Biblioteca Municipal do Porto, encontra-se muito incompleto, faltando-lhe a primeira folha bem como as folhas finais. O rosto aqui apresentado resulta, por conseguinte, de uma reconstituição, feita a partir das informações fornecidas por Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 490, bem como dos rostos das demais edições cardosianas.

**Página 215 c**

1- Refere-se Cardoso à Ásia Menor, perto de cujas costas o rio Nilo desagua no Mediterrâneo, através de sete diferentes embocaduras (Cardoso menciona as «septemgeminis [...] aquis») a que conduzem outros tantos canais que, ao assumirem uma disposição triangular, formam o chamado Delta do Nilo. O uso do adjetivo *septemgeminus* como epíteto do Nilo encontra-se atestado em Catulo («siue quae septemgeminus colorat/ aequora Nilus», 11, 7) e em Virgílio («Et septemgeminum turbant trepida ostia Nili», *Aen.*, 6, 800) e concorre com outros como *septemfluus* e *septemplex*, que se revestem de idêntico significado.

2- Nome do vento procedente do quadrante Este (ou Sudeste), que em lat. se chama *Vulturnus*. Quando personificado, Euro (em gr. *Εὐρος*) apresenta-se como filho de Eos, a Aurora, e de Astreu (ou de Tifon). Para outras referências a este vento, v. *infra*: «fugit ille citatior Euro» (*Ap.* 1, 51, p. 4); «Nascenti Phoebos et rapido contrarius Euro» (*Sil.* 16, 191, p. 417).

3- Efectivamente o Ganges, rio sagrado da Índia, corre em direcção a Este (ou, para ser mais exacto, ao Sudeste).

4- Trata-se de Alexandre Magno, filho de Filipe II da Macedónia, dito «Pellaeus» pelo facto de ter nascido em Pela, cidade da Macedónia, presentemente chamada Alaklisi ou Apostolus. Este verso de Cardoso alude à demorada expedição de Alexandre à Ásia, que se estendeu desde a Primavera de 334 a Fevereiro de 324 a. C., e à dor por ele sentida quando, tendo passado além do rio Indo, o seu cavalo Bucéfalo foi morto na batalha de Hidaspes, travada em 326 a. C. contra Poro, soberano da região de Penjabe, sendo então fundada em sua homenagem a cidade de Bucéfala, junto do rio Hidaspes, como lembra Quinto Cúrcio Rufo no seguinte passo: «Oppida quoque duo condidit: quorum alterum Nicaeam appellavit, alterum Bucephala, equi, quem amiserat, memoriae ac nomini dedicans urbem» (9, 3, § 23).

Para uma outra referência a Alexandre Magno feita em termos semelhantes, v. *infra*: «Quin et Pellaeo qui donat parva libenter/ Est duce iudicio largior ille meo» (*El.* 2, 9, 15-16, p. 332).

5- Ou seja, para Oeste, dado ser este o quadrante de que sopra o vento Zéfiro (do gr. *Ζέφυρος*), muitas vezes como suave brisa primaveril, o qual em lat. recebe o nome de *Fauonius*. Se personificado, Zéfiro surge como filho de Aurora e de Astreu e pai de Xanto e Bálio, os cavalos de Aquiles.

Para outras ocorrências do nome deste vento, v. *supra*: «An zephyri totum quatientes flatibus orbem/ Supposuere cauis cum primum terga cauernis [...] Concutiant late terras, agitentque tremores?» (*Lib.* 2, 102-109, p. 13) e *infra*: «Sibila deponunt Zephyri mulcentia flores:/ Nec mouet ulla suas arbor ut ante comas» (*El.* 1, 9, 13-14, p. 267); «Vt reuehat Zephyrus quidquid Borealis ademit/ Impetus» (*Sil.* 2, 42-42, p. 369); «sed si mihi diua fecundos/ Aspires Zephyros, portu potietur amico/ Puppis» e «hic grata tepenti/ Est Zephyro sedes, regnat non mollius usquam» (*Sil.* 10, 6-8, p. 392 e 151-152, p. 396); «uel tepidi spirat cum penna Fauoni/ Quot flores summittit humus formosa rubentes» (*Sil.* 12, 3-4, p. 401).

6- Para Norte, por ser deste quadrante que sopra o vento Bóreas (em gr. *Βορέας*), chamado, em lat., *Aquilo*. Quando personificado, Bóreas, que habitava a fria região da Trácia (o Norte para a Grécia), apresenta-se como filho de Aurora e de Astreu, irmão portanto de Noto, de Euro e de Zéfiro. Tendo raptado Oritia, filha de Erecteu, rei de Atenas, dela teve dois filhos, Cálais e Zetes.

Para outras alusões a este vento nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Et Boreae rabiem saeuittamque Noti» (*Inst.* 1, 4, p. 243); «contemne minas Aquilonis et Austri» (*Inst.* 1, 13, p. 243); «Qui Boreas rabiem rideat atque Noti» (*Inst.* 4, 12, p. 246); «Nec te uel gelidus Boreas: Austerque teneret.» (*El.* 1, 21, 13, p. 291); «Saepe suis gaudet reparatis frondibus arbor:/ Quas Boreas saeuo turbine depulerat» (*El.* 1, 28, 53-54, p. 309); «Vt reuehat Zephyrus quidquid Borealis ademit/ Impetus» (*Sil.* 2, 42-42, p. 369); «sic

ille procellas/ Despiciat, madidumque Notum Boreamque frementem/ Rideat» (Sil. 6, 81-83, p. 382); «Ito per Oceani fluctus mea Musa furentis,/ Et glaciale fretu leuibus transmittito pennis,/ Qua Borea sunt tecta trucis» (Sil. 7, 80-82, p. 386); «et Arctoo Boreas elapsus ab axe/ Non glaciem non ille niues non frigora fundit» (Sil. 10, 148-149, p. 396); «Vel quot in autumnno labuntur ab arbore frondes/ Cum nemora incurSAT Boreas siluasque sonantes» (Sil. 12, 5-6, p. 401); «ceu Cynthia saepe/ Virgineum assumit Borea impellente ruborem» (Sil. 16, 60-61, p. 413).

7- Ou seja, todos os reinos do Oriente e do Ocidente. Na Mitologia, Febo parte diariamente da Índia e atravessa o céu pelo meio. Ao chegar ao Ocidente, os seus cavalos (cuos nomes evocam a ideia de chama, fogo ou luz: Fírois, Eoo, Éton e Flégon) banham-se exaustos nas águas do Oceano e regressam ao Oriente. Febo passa a noite num palácio de ouro e, de manhã, embarcado numa taça, viaja por mar, tornando ao Oriente por um trajecto muito mais curto do que aquele que percorre na sua quadriga.

Para outras referências ao carro do Sol, v. *infra*: «Igneus occiduas Pyrois properabat ad undas» e «Iam Phoebus disiungit equos suadetque reuerti/ Flammigeros currus iam leuat unda Tagi» (El. 2, 12, 39 e 75-76, p. 339, poema de Pedro Sanches); «Detinuit roseas cursu properante quadrigas/ Ignipedum moderator equum, ceu uellet amica/ Lampade nascentis pueri incunabula et omnem/ Irradiare domum, plenamque immitere lucem» (Sil. 15, 42-45, p. 408).

8- Note-se o uso do epíteto *Magnus*, atributo de Júpiter, que normalmente se encontra no grau superlativo (*Maximus*). Sobre o uso dos antigos epítetos de Júpiter, entre os autores do Renascimento, aplicados ao Deus cristão, e para outros exemplos desta prática nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Lib. 18, p. 68, n. 3.

#### Página 215 d

1- Cardoso elabora nestes dois dísticos um pensamento inicialmente formulado por Séneca, que constitui uma variante sobre o tópico da brevidade da vida, ao mesmo tempo que traduz a imprevisibilidade da acção da morte: «Felices sequeris, mors, miseros fugis» (*Herc. Oet.*, 122). Também Publílio Siro escreve: «O uitam misero longam, felici breuem!» (O 3), palavras de que Apolónio de Tiana apresenta uma réplica exacta: «βραχὺς ὁ βίος ἀνθρώπων εὖ πράττοντι, δυστυχοῦντι δὲ μακρός» (*Ep.* 95 Hercher). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 627, pp. 301-302.

2- O motivo da morte como niveladora de todas as disparidades, sejam elas de estatuto social, sejam de nível económico, que Cardoso glosa neste dístico, encontra-se representado em vários autores antigos, como Horácio, Séneca e Claudiano. No caso do primeiro, é particularmente famoso o passo em que o poeta, dirigindo-se ao opulento Séstio, lhe lembra: «pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas/ regumque turris» (C., 1, 4, 13-14), palavras estas em que Cardoso parece ter colhido inspiração. Em Séneca temos a máxima «aequat omnes cinis» (*Ep.*, 91, 16), que Claudiano repete em termos muito próximos: «omnia mors aequat» (*Rapt. Pros.*, 2, 302). Para outros exemplos, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 604, pp. 291.

3- Ou seja, das águas do Mar Vermelho e, neste caso concreto, do Golfo Pérsico, de onde se extraía (e continua a extrair-se) as melhores pérolas, referidas em termos muito próximos aos que se nos deparam neste passo, por Marcial: «cui nec lapillos praeferas Erythraeos/ nec modo politum pecudis Indicae dentem» e «Spartanus tibi cedet olor Paphiaequae columbae,/ cedet Erythraeis eruta gemma uadis» (5, 37, 4-5; 8, 28, 13-14) e Públio Papínio Estácio: «nox et Erythraeis Thetidis signanda lapillis/ et memoranda diu geniumque habitura perennem!» (*Silu.*, 4, 6, 18-19), entre outros.

Para uma outra referência às pérolas provenientes desta região, v. *infra*: «Quare ego Erythraeas ausim contemnere gemmas» (El. 2, 5, 55, p. 323).

4- Sobre o motivo da absoluta inflexibilidade da morte, a quem não é possível comprar seja com que presente for, tema que Cardoso desenvolve ao longo destes quatro versos, v. *supra*, Lib. 2, 121-122, p. 14, n. 1.

5- Estas palavras da Morte, proferidas em tom de fria certeza, exploram o motivo da sua absoluta inevitabilidade, que Horácio anteriormente abordara, ao escrever: «Debemur morti nos nostraque» (*A. P.*, v.

63), verso que parece reproduzir um epigrama de Pseudo-Simónides «θανάτω πάντες ὀφειλόμεθα», ou seja, «estamos todos reservados para a morte» (*Antologia Palatina*, 10, 105, 2). Também em Ovídio se encontra esta imagem, no ponto em que, dirigindo-se às divindades infernais, Orfeu lembra que: «Omnia debentur uobis» (*Met.*, 10, 32). A este respeito e para outras variantes mais antigas, presentes em autores gregos como Sófocles, Eurípides e Menandro, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 519, p. 248. Por outro lado, em Publílio Siro temos: «Lex universa est, quae iubet nasci et mori» (L 5), cf. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 596, p. 288.

6- Os Gétulos (do gr. Γαιτοῦλοι), povo do Noroeste de África, estavam estabelecidos no território que corresponde ao actual Marrocos (a Sul dos *Mauri* e dos *Numidae*); os Nómadas (em gr. Νομάδες), povo de pastores errantes que se deslocava, com os seus rebanhos, numa incessante busca por melhores pastagens, identificam-se (por exemplo em Virgílio, *Aen.*, 4, 320) com os habitantes da Numídia, território situado no Norte de África, entre a Mauritânia e o território de Cartago, onde se encontra a moderna Argélia.

7- O vento que sopra do Este (ou Sudeste). Para outras ocorrências do seu nome em Cardoso, v. *supra*, **Ap.** 1, 9, p. 3, n. 2.

#### **Página 215 e**

1- Mais uma vez Jerónimo Cardoso parece inspirar-se em Horácio que, ao recomendar a coragem ao soldado que se bate numa batalha, declara: «Mors et fugacem persequitur uirum» (*C.*, 3, 2, 14), querendo com isto dizer que o covarde que se escapa do combate também corre perigo, talvez mais do que o soldado que luta encarniçadamente. Este verso de Horácio, por outro lado, foi por sua vez tomado de uma fonte grega (Simónides, fr. 524 Page). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1246, p. 563.

2- O vento que sopra do quadrante Sul. Para outras ocorrências do seu nome em Cardoso, v. *supra*, **Lib.** 2, 226, p. 21, n. 1.

3- Sendo inicialmente uma divindade romana encarregue de velar pelo culto dos mortos, Libitina, que tinha o seu santuário num bosque sagrado situado a Sul de Roma, na região do Aventino, acabou por identificar-se com Vénus, por causa de uma falsa etimologia que relacionava o seu nome com *Libido*, «a Paixão». O nome de Libitina acabou, deste modo, por se converter num simples epíteto daquela deusa, não havendo qualquer lenda a ele associada.

Para outras referências a esta deusa, v. *infra*: «Carmina [...] In quibus est iuris nil Libitina tibi» (*El.* 1, 25, 31-32, p. 303); «Atque ideo leges Libitinae sperne timendas» (*El.* 1, 26, 39, p. 305); «Hunc tu igitur Libitina ferox, hunc impia nostris/ Ex oculis rapere, et cineres haec uertere in atos/ Munera tanta deum potuisti» (*Sil.* 4, 42-44, p. 375).

#### **Página 215 g**

1- Deus dos Infernos e do mundo subterrâneo, a que Jerónimo Cardoso se refere por meio do nome latino *Dis*, ou seja, «o Possuidor de riquezas», de sentido análogo a «Plutão», epíteto ritual de Hades que alude à inesgotável riqueza do solo. Sobre esta divindade, v. *supra*, **Lib.** 2, p. 14, n. 3.

#### **Página 215 h**

1- Aluno de Jerónimo Cardoso ao tempo em que este poema foi composto, este Gonçalo Fernando (ou Fernandes) parece, segundo as palavras do seu mestre, ter manifestado inclinação para a vida religiosa e, concretamente, partindo do penúltimo verso desta poesia (v. *infra*: «Ergo macte animi, Christi magni optime miles», **Ap.** 2, 53, p. 215 i), adivinha-se que tenha entrado para a Companhia de Jesus.

Mantendo-nos no campo das conjecturas, e sem que haja quaisquer provas que corroborem esta identificação, poderíamos estar em presença de um Gonçalo Fernandes, missionário Jesuíta português, nascido em Lisboa cerca do ano 1541 (embora Cardoso o diga natural de entre Douro e Minho, vv. 39-40, p. 215 i), que tomou parte na expedição de D. Constantino de Bragança contra Jafna, no ano de 1560, entrando então em contacto com o missionário Henrique Henriques e sendo admitido na Companhia de

Jesus logo no ano seguinte. Este jesuíta exerceu o cargo de procurador desde 1584, trabalhou e Goa, Costa da Pescaria, em Cochim e no Maduré, onde se encontrava em 1596. Conhecedor da língua tamul, através da qual podia aceder às fontes religiosas do Hinduísmo, Gonçalo Fernandes deixou vários escritos, entre os quais uma «Exposição da Doutrina Cristã», em tamul, e um tratado sobre o Hinduísmo, que o mostra um conhecedor objectivo dessa religião. Veio a falecer na Costa da Pescaria, em 1621.

Relativamente a um outro Gonçalo Fernandes, oriundo da diocese de Lamego, antigo colega de estudos de Jerónimo Cardoso e destinatário de uma das suas cartas, v. *supra*, Ep. 28, pp. 132-134.

2- Ou, por outras palavras, «glorifiquem os poetas ilustres». Relativamente a este tipo de expressão e para as suas demais ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso, bem como dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.

3- Alusão a um episódio célebre da *Aeneis* de Virgílio (aqui referido pelo seu cognome, o «Marão»), poeta latino nascido a 15 de Outubro de 70 a. C. em Andes, aldeia situada perto de Mântua, e falecido a 21 de Setembro de 19 a. C. em Brindes, quando regressava de uma viagem ao Oriente, para onde se deslocara a fim de recolher as informações necessárias à conclusão da epopeia. O episódio em questão: o relato, feito por Eneias a Dido, de como o herói se salvou do incêndio de Tróia transportando aos ombros o seu velho pai Anquises, irmão de Príamo, situa-se perto do final do Livro II (corresponde, em concreto, a *Aen.*, 2, 705-734).

4- Trata-se de Marco Aneu Lucano, poeta latino nascido em Córdova, na província romana da Bética, em 39 d. C., mas criado em Roma desde tenra idade, o qual, implicado na conjura dos Pisões, acabou por receber de Nero, no ano 65, ordem para cometer suicídio. O seu poema épico, intitulado *Bellum Ciuile siue Pharsalia*, descreve, no Livro VII, a luta entre César e Pompeu (respectivamente o «sogro» e o «genro», dado que Pompeu contraíra matrimónio, em quartas núpcias, com Júlia, filha de César, no ano 60 a. C.), luta essa que veio a culminar na batalha de Farsalo, ferida em 48 a. C. Completamente derrotado, Pompeu tentou ainda fugir para o Egipto, mas foi assassinado à traição quando tentava aportar. César sobreviveu-lhe por um curto espaço de quatro anos.

5- Referência a Públio Papínio Estácio e ao seu poema épico *Thebais*, em 12 livros, que narra a luta travada entre os dois irmãos, Etéocles e Polinices e a história da expedição dos Sete contra Tebas. Nascido ao redor do ano 45 em Nápoles, filho de um poeta e professor de Retórica, Estácio passou a maior parte da sua vida em Roma, movendo-se nos círculos da corte como poeta profissional. A adulação de que rodeava a figura de Domiciano não impediu a sua derrota num concurso de poesia no Palatino, mas saiu vencedor de uma das competições poéticas albanas, recebendo do imperador uma coroa de ouro. Em 94, descontente talvez com a recepção da sua epopeia, retirou-se para a sua terra natal, onde veio a falecer pelo ano 96. Divergindo da versão tradicional do mito, o episódio a que Cardoso faz alusão descreve a divisão das chamas da pira funerária em que arderam os corpos dos dois irmãos, sinal de que o ódio que os separara em vida permanecia inalterado para além das fronteiras da morte.

6- Sílio Itálico (Tibério Cátio Ascónio), poeta épico latino, nascido pelo ano 26 d. C., terá desempenhado funções consulares, em 68, e de governador da Ásia, em 77. Coleccionador apaixonado de livros e pinturas, as suas crenças estóicas levaram-no a afrontar uma morte voluntária, por inanição, ao ser informado de que padecia de uma doença incurável. Embora fosse um grande admirador de Virgílio, o poema épico que escreveu, intitulado *Punica*, não abona em favor do seu talento, sendo raros os momentos em que o seu tom se eleva para além do de uma simples narração. Nele descreve os eventos da Segunda Guerra Púnica, baseando-se principalmente nas informações proporcionadas pelo seu contemporâneo Tito Lívio. Relativamente à figura histórica de Anibal, célebre general cartaginês, v. *supra*, Ep. 9, p. 93, n. 5.

7- Refere-se Cardoso a Valério Flaco, poeta latino de quem se sabe apenas que viveu no séc. I d. C. e que deve ter morrido pelo ano 90, e ao seu poema épico *Argonautica*, cuja composição se terá iniciado cerca do ano 70 e que se encontra dedicado a Vespasiano. Nele descreve-se a célebre viagem da nau Argo, em que numerosos heróis partem, sob o comando de Jasão, da Tessália para a Cólquida, em busca do Velo de Ouro, bem como os amores entre este e Medeia. Ainda que Valério Flaco se tenha inspirado na obra homónima de Apolónio de Rodes e imite, no estilo, a Virgílio e, na técnica de versificação, a Ovídio, os seus dotes criativos, a sua linguagem simples e directa e as suas qualidades de narrador dão mostras de um

talento real, livre do exagero retórico e do excesso de erudição característicos de muitos dos seus contemporâneos.

8- Célebre poeta latino nascido em Sulmona no ano 43 a. C., Públio Ovídio Nasão, tendo sido educado para a advocacia, preferiu no entanto o culto da poesia e a popularidade que daí lhe advinha, pouco se preocupando com as conveniências, a ponto de, no ano 8, ser banido de Roma por Augusto, que alegou como pretexto a imoralidade dos versos da *Ars Amatoria*, obra que fora publicada nove anos antes. A mais antiga das suas obras serão os *Amores*, em que, ao longo de três livros, descreve em dísticos elegíacos um conjunto de experiências amorosas, centradas na figura de Corina, sua amante. Já exilado nas margens do Mar Negro, em Tomos, no país dos Getas, escreve os *Tristia*, também em dísticos elegíacos, narrando os perigos e desconfortos do seu desterro e procurando, em vão, obter o perdão do imperador. Aí viria a morrer, entre os anos 17 e 18 d. C.

9- O nome «Aónia» designa uma parte do território da Beócia, na qual se situam os montes Aónios, o Hélicon e as fontes de Hipocrene e Aganipe, que corriam nas suas encostas. A elas se refere, portanto, Jerónimo Cardoso. Ambas estavam consagradas às Musas, que em seu redor entoavam coros solenes sob a direcção de Apolo. Hipocrene (a «Fonte do Cavalo») brotou do solo no lugar onde Pégaso, cavalo alado que nascera do sangue da Medusa, dera uma patada no rochedo (por essa mesma razão, Hipocrene aparece frequentemente designada como «fonte da Medusa», cf. *infra*, El. 1, 14, 19, p. 277, n. 7). Os mananciais destas duas nascentes eram tidos por fonte de inspiração poética.

Para outras alusões à fonte de Hipocrene, feitas através de uma referência explícita ao modo como brotou do solo, v. *infra*: «Quasque leuis liquidas unguia rupit aquas» (El. 1, 29, 92, p. 313); «At uos qui doctos colitis Libetrides, haustus/ Et bibitis puros, quos pendens unguia rupit» (Sil. 2, 45-46, p. 369); «Nec si uirgineas Helicon mihi pandat alumnae,/ Et sedare sitim tribuat leuis unguia nostram» (Sil. 2, 97-98, p. 371).

Nos escritos de Jerónimo Cardoso, por outro lado, o nome de «Aónia» ocorre com frequência, sempre em contexto poético, referindo-se quer às fontes de Hipocrene e Aganipe (como no caso presente) quer à inspiração poética que a ingestão das suas águas era susceptível de induzir, quer ao bosque que cobria a região, quer ainda ao monte Hélicon, cf. *supra*: «Telluris magnae horrendum memorare tremorem/ [...] Mens aet Aonio iam dudum instincta furore» (Lib. 2, 1-5, p. 10) e *infra*: «Cur nemus Aonium collesque Heliconis et Ascrac/ Deseritis ualles, notaque rura deae» (El. 1, 9, 19-20, p. 267); «Nec te ieiuno quisquam me iudice laudet/ Ore, nisi Aonio merserit amne caput» (El. 1, 11, 17-18, p. 271); «O cui permisit natas audire canentes/ Mnemosyne Aonii fons et origo chori» (El. 2, 10, 3-4, p. 333); «sed toto facit ut splendescat in orbe/ Quicquid in Aonio dictatis uertice diuae» (Sil. 2, 21-22, p. 368); «An teris Aonios notissimus incola saltus» (Sil. 5, 11, p. 377); «Cogor in Aonios rursus descendere saltus» (Sil. 6, 10, p. 380).

10- Informação pertinente sob o ponto de vista da biografia de Jerónimo Cardoso, pelo testemunho que proporciona sobre o grande número de alunos que frequentaram o seu estudo (e não tanto sobre a qualidade destes). Para esta e outras circunstâncias relacionadas com a sua actividade profissional, v. *supra*, Ep. 9, p. 94, n. 1.

### Página 215 i

1- A este belo *simile* recorre Jerónimo Cardoso num outro poema, dedicado ao juriconsulto e poeta António Martins, também seu antigo aluno. Embora o contexto em que surge se encontre muito próximo do presente, tal não sucede, contudo, com o seu vocabulário: «Et ceu pullus equae cum primum est eductus in auras/ Impius in matrem calcitrat atque furit./ Sic hi Letheo demersi flumine nomen./ Ex animo penitus deposuere meum» (v. *infra*, El. 2, 27, 31-34, p. 359).

2- Esta locução exclamativa, constituída pelo voc. «macte» (de *mactus*, cujo sentido andar próximo de «honrado») e pelo gen. «animi» e usada como fórmula de encorajamento, encontra-se atestada, com a presente forma, em Sílio Itálico (15, 275) e em p. Papínio Estácio (*Theb.*, 2, 495). Sobre as suas variantes, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1702, p. 769.

Na obra de Cardoso, por outro lado, ocorre por vezes na poesia, apresentando as seguintes variações: «ergo dolere/ Desine macte senex, uiuit tua nata» (Mon. 8, 104-105, p. 233); «Quare macte puer

seu te plaga lactea caeli/ Sustinet» (Sil. 4, 71-72, p. 376) e «Macte animo iuuenis tibi quae monumenta dicamus/ Parua» (Sil. 15, 110-111, p. 410).

3- Neste verso, Cardoso estabelece um paralelo entre a prática da religião e a actividade militar com recurso a uma metáfora que poderemos designar como «milícia divina». Embora este seja um caso único nos seus textos, constitui, no entanto, uma variação sobre os tópicos da «milícia do amor» e da «milícia do saber», que ocorrem com grande frequência. A este respeito, v. *supra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

Sobre o uso do antigo epíteto de Júpiter, divindade suprema do panteão romano, como atributo da figura de Cristo («Christi magni») e para outros exemplos desta prática nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Lib. 18, p. 68, n. 3.

#### Página 215 j

1-

2-

3- Jerónimo Cardoso aborda neste ponto um conceito largamente difundido nas literaturas clássicas e que se encontra expresso na seguinte sentença de Aléxis: Σοφοῦ γὰρ ἀνδρὸς τὰς τύχας ὀρθῶς φέρεται, isto é, «É próprio do homem sábio saber suportar os golpes do destino» (fr. 252 K.). De entre o grande número de autores em que, de uma ou outra forma, tal pensamento ocorre, convém destacar a elaboração de Séneca, que, lembrando que o ritmo do Universo é eterno, escreve: «Ad hanc legem animus noster aptandus est; hanc sequatur, huic pareat. Et quaecumque fiunt, debuisse fieri putet nec uelit obiurgare naturam. Optimum est pati, quod emendare non possis, et deum, quo auctore cuncta proueniunt, sine murmuratione comitari: malus miles est qui imperatorem gemens sequitur» (Ep., 107, § 9). Sobre este assunto, v. Renzo Tosì, *op. cit.*, § 852, pp. 402-403.

Para uma outra abordagem deste conceito em Jerónimo Cardoso, expressa em termos muito semelhantes aos utilizados por Terêncio («Quod fors feret feremus aequo animo», *Phorm.*, 138) e por Cícero («Quod acciderit feramus», *Sest.*, 68, 143), v. *supra*: «Si quid fors tulerit, leuiter placideque feramus» (Lib. 2, 307, p. 20).

4- Ou seja, o Deus cristão, aqui referido pelo nome *Tonans*, «Senhor do Raio» (na realidade o part. pres. de *tono*, «trovejar»), antigo epíteto de várias divindades pagãs, como Juno e Saturno e principalmente Júpiter, que os Antigos consideravam senhor da luz, do céu claro, do raio e dos fenómenos atmosféricos.

De uso exclusivamente poético em Jerónimo Cardoso, este epíteto tanto designa Júpiter (cf. *supra*: «Nec cur anguipedes extructa mole gigantes/ Pellere sydereas tentarunt sede Tonantem», Lib. 2, 31-32, p. 11, e *infra*: «Hunc cuperet coniux soror et formosa Tonantis», El. 2, 6, 35, p. 325; «Cederet huic magni coniuxque sororque Tonantis», El. 2, 7, 47, p. 328; «uerum placare Tonantem/ Victima parua solet, thurisque minutus aceruus», Sil. 10, 89-90, p. 394; «Pisaeo ueluti redeunt sua lustra Tonanti», Sil. 11, 31, p. 399 e «Nec non facundi libet implorare nepotis/ Numen Atla sublime tui, qui missus ab arce/ Detulit ignifera summi fera iussa Tonantis», Sil. 15, 8-10, p. 407) como surge aplicado ao Deus cristão (cf. *supra*: «Ni pietas alti tegeter nos summa Tonantis», Lib. 2, 296, p. 20, e *infra*: «Persoluamque libens magno pia uota Tonanti,/ Quae propter reditum fecimus ante tuum», El. 1, 21, 55-56, p. 293; «Inferiore patet templum sublime Tonantis/ Colle, suas fundit plaebis ubi casta preces», El. 1, 29, 33-34, p. 311; «flexisse Tonantem/ Quid ualet iratum», Sil. 10, 130-131, p. 396, e «Namque suos ueluti commendant optima quaeque/ Artifices opera, ut caelum, mare, terra Tonantem», Sil. 14, 20-21, p. 405).

#### Página 215 k

1- Sobre o sentido da expressão «dies [...] atra», que entre os Romanos designava um dia nefasto, bem como sobre a sua origem, v. *supra*, Lib. 2, 50, p. 11, n. 14.

2- Ao dirigir a Aires de Sousa estas palavras, temperadas de sábio estoicismo, Jerónimo Cardoso tenta pôr cobro à sua dor, lembrando-lhe quão honrosa se torna a morte quando sofrida pelo amor da terra pátria (e, neste caso, da fé verdadeira), motivo que Horácio sintetizou, em termos bastante diversos, no célebre verso: «dulce et decorum est pro patria mori» (C., 3, 2, 13). Os precedentes deste verso horaciano

encontram-se em Homero, no passo em que Heitor lembra os Troianos de que: Οὐ οἱ δεικὲς ἀμυνομένῳ περὶ πατρὸς/ τεθνάμεν, ou seja, «para quem combate pela pátria certamente não é desonroso morrer» (*Il.*, 15, 496-497), motivo retomado, com pequenas variações, por Tirteu, Alceu e Êsquilo. Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1233, p. 558.

3-

4- Lúcio Emílio Paulo, general romano, desempenhou funções consulares em 219 e 216 a. C., dando início nesta data à Segunda Guerra Púnica. A 2 de Agosto de 216, o exército romano, sob as suas ordens e as de Gaio Terêncio Varrão, lançou-se num imprudente ataque frontal contra o exército de Aníbal, que respondeu com uma operação envolvente, da qual as legiões romanas (90000 homens, segundo Políbio) saíram completamente derrotadas, tendo perecido 50000 homens, entre os quais se contavam 80 senadores e o próprio cônsul Emílio Paulo, que se opusera ao ataque. O recontro, a mais mortífera batalha da Antiguidade, teve lugar junto a Canas, nome de uma aldeia da Apúlia, situada na margem direita do rio Áufido, onde explorações arqueológicas revelaram a existência de um grande cemitério militar.

5- Compara Jerónimo Cardoso a valentia de Paulo de Sousa à do lendário Múcio Cévola, herói romano que, durante o cerco de Roma de 507 a. C., movido por Porsena, rei da cidade etrusca de Clúcio (que, segundo Tito Lívio, procurava restaurar o poder de Tarquínio, o Soberbo), se insinuou no acampamento daquele rei, assassinando por engano, em lugar de Porsena, o seu secretário. Feito prisioneiro e trazido à presença do monarca, teria queimado a sua mão direita com o fogo sagrado, para deste modo a castigar pelo seu erro. Admirado com uma tal bravura, o rei decidiu libertá-lo, pelo que Múcio Cévola, reconhecido, lhe revelou ser ele o primeiro de 300 jovens romanos que haviam jurado assassiná-lo, aconselhando-o, por isso, a estabelecer com Roma um tratado de paz, algo que Porsena se apressou a fazer, com condições muito vantajosas para a Urbe.

#### Página 215 m

1- Esta locução latina, empregue normalmente para indicar que se está a falar com sinceridade e que o que se diz corresponde à verdade, encontra-se largamente difundida entre os clássicos latinos, onde ocorre com a forma «pectore ab imo» (correspondente à sequência métrica do hexâmetro), surgindo em Lucrécio, (3, 57), em Catulo (64, 198), e em Virgílio (*Aen.*, 1, 485; 6, 55), entre outros. A forma abreviada empregue por Cardoso neste passo ocorre com frequência em Horácio e Ovídio. Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 56, p. 26.

2- Contrariamente ao que o título anteposto à versão castelhana do enigma, apresentada na página anterior, parece indicar, o instrumento em questão (pois de um instrumento musical se trata) será não uma lira, mas um saltério (ou salter), antigo instrumento musical de cordas, que por vezes se confunde com a lira e até com a cítara. Consistia numa caixa de ressonância (a «tenebrosa domus», v. 2), fechada pelos quatro lados (Cardoso escreve «In cuius foribus nulla de parte reclusis», v. 3, e «Intus claustra sonant foris», v. 5), sobre cujo fundo eram esticadas as cordas (o «laqueus ualde operosus», v. 4, a «mortua turba», v. 6, e os «undena cadauera [...] Sensibus atque animis dissociata suis», vv. 7-8 pelo facto de as cordas serem feitas com restos orgânicos). O músico fazia vibrar as cordas percutindo-as com um pauzinho (o «quemdam uiuentem», que não produzia som algum, dado que este surgia da vibração das cordas), ao mesmo tempo que entoava alguma melodia («Fundebat querulis talia dicta modis», v. 16, e «Pluraque cum caneret», v. 19).

O saltério, cuja música acompanhava primitivamente o cântico dos salmos, sofreu uma longa evolução ao longo da sua história, sendo considerado o antepassado dos modernos pianos, pelo facto de as suas cordas serem percutidas e não dedilhadas.

Notas ao  
De Monetis tam Graecis quam Latinis,  
Item De Ponderibus et Mensuris ad Praesentem Vsum  
Redactis,  
Anacephalaeosis

Página 218

1- Antigo aluno de Jerónimo Cardoso, Salvador Rodrigues encontra-se bastante bem representado na obra do seu antigo mestre, havendo cinco textos a ele dirigidos por Cardoso (a presente carta, **Mon. A** e quatro poemas, v. *infra*: **Mon. 1**, p. 219; **Mon. 6**, p. 225; **El. 1, 9**, pp. 267-268, e **Sil. 6** pp. 380-383) e quatro poemas da sua autoria (v. *infra*: **Mon. 2**, p. 220; **Mon. 3**, pp. 221-222; **Mon. 4**, p. 223, e **Mon. 5**, p. 224) dos quais apenas o primeiro e o último são dirigidos a Cardoso.

O facto de ter sido Salvador Rodrigues aluno de Cardoso encontra-se bem documentado por palavras deste, quando dirige a Cardoso os seguintes versos: «O mihi plus reliquis semper uenerande magister/ Cuius adest clarum nomen in ore mihi./ Parnassi quondam per te mihi cognita rupes/ Totaque se debet nostra Thalia tibi» (**Mon. 2**, 1-4) e «Cum mihi Saluator nomen sit docte magister/ Cur tua Saluiatum carmina docta sonant?» (**Mon. 5**, 1-2) e ainda ao dedicar uma das suas composições «ad Auctorem Olim Praeceptorem Suum» (**Mon. 2**). Também alguns passos de Cardoso corroboram este facto, ainda que de forma menos manifesta, por exemplo, quando escreve: «Quodque fores iuuenum flos illibatus, et acri/ Praeditus ingenio, nec probitate minor./ Namque tuae memini si tempora lapsa iuuentae:/ Ante alios unus conspiciendus eras» (**Mon. 1**, p. 219, vv. 5-8). Finalmente, temos sobre este assunto as palavras de Luís Pires que, em carta endereçada a Cardoso, lhe pede que cumprimente em seu nome «tuam candidam iuuentutem, seorsum tamen Guterum, Saluatorem, et Iacobum, iuuenes mehercules et doctissimos, et mihi amicissimos, ac in re litteraria tamquam triunuiros» (v. *supra*, **Ep. 44**, p. 168).

Pelo conteúdo da presente carta, datada de 13 de Fevereiro de 1561, deprende-se que Salvador Rodrigues, formado em Medicina, se encontrava ao tempo na Índia (facto reiterado pelos vv. 17-18 do poema seguinte: «Sed quo te regio magis admiretur Eoa,/ Quam colis», v. *infra*, **Mon. 1**, p. 219). O extenso poema incluído no *Siluarum Liber Vnus*, por outro lado, vai dedicado «Ad Saluatorem Rodericum Salmanticam Proficiscentem» e, lamentando a partida de um tão grande amigo, Cardoso pede à cidade de Salamanca que o proteja: «Incolumen nunc ergo diu recteque ualentem/ Custodi: ut sospes redeat patriaeque suisque,/ Et mihi: cum dabitur studiorum tangere metam» (**Sil. 6**, 77-79, p. 382), dando a entender que Salvador Rodrigues, a quem chama «animi pars magna mei et mea maxima cura» (v. 85, p. 382), para aí se dirigia, a fim de completar os seus estudos. Salvador Rodrigues seguiu, deste modo, as lições de Cardoso, depois, frequentou a Universidade de Salamanca, onde se formou em Medicina, e finalmente seguiu para a Índia, aí desenvolvendo a sua actividade profissional.

A alusão mais antiga será, possivelmente, a da referida carta de Luís Pires, escrita nos tempos em que Salvador era aluno de Cardoso. Dessa altura serão também dois outros poemas desta colectânea (**Mon. 5** e **Mon. 6**, este escrito em resposta àquele). A primeira destas composições alude a um outro poema de Cardoso, que não se pode identificar com nenhum dos conservados («Cur tua Saluiatum carmina docta sonant?», **Mon. 5**, 2). Segue-se talvez um poema de Salvador Rodrigues (**Mon. 2**), escrito quando este já não seguia as suas lições, visto ser dedicado «ad Auctorem olim Praeceptorem Suum». Este poema destinava-se provavelmente a acompanhar outras composições, cuja revisão solicita, e que, de entre os textos subsistentes, não será despropositado identificar com os dois poemas que se seguem, a «Insultatio in Amorem Neglectum» (**Mon. 3**) e o «Ad Ferdinandum Perez Seplasiarium Eruditum» (**Mon. 4**), composições que, segundo palavras do próprio Cardoso («Quod de te quondam scripsi: et quod scripseris ipse», **Mon. 1**, 19-20), se devem adscrever a um período de tempo recuado. Responde, talvez, a este grupo uma das elegias de Cardoso (**El. 1, 9**), que dá conta da alegria suscitada pela recepção de versos de Salvador Rodrigues. A composição do *Siluarum Liber Vnus* virá a seguir, escrita quando Salvador Rodrigues estava a ponto de partir para Salamanca e, em último lugar, a presente carta (**Mon. A**) e o poema seguinte (**Mon. 1**), por meio dos quais Cardoso lhe dedica este livro e que serão os textos mais recentes deste grupo.

Para além das informações que podemos extrair destes textos, apenas conhecemos uma notícia sobre Salvador Rodrigues, da autoria de Barbosa Machado (*op. cit.*, tomo III, p. 670), que parte das mesmas fontes e se cinge, portanto, aos mesmos dados, acrescentando apenas que a sua obra, a que chama *Poemata Varia*, se conservava manuscrita.

2- Humanista francês nascido em Paris pelo ano de 1468, Guillaume Budé estudou Direito Civil em Orleães antes de se dedicar ao estudo do Latim e, depois, do Grego. Helenista prestigiado, atribuiu grande importância à tradição manuscrita e ao estudo dos textos na sua forma original. Sob o seu impulso criou Francisco I a instituição que viria a ser o célebre Colégio de França. Budé traduziu Plutarco para Latim, publicou em 1508 as *Anotações às Pandectas* e, em 1515, o tratado *De Asse*, com o qual

reconstituiu o sistema monetário romano e que Jerónimo Cardoso sintetizou na obra a que esta carta serve de prefácio. Os seus estudos abarcam ainda a Gramática, com os *Commentarii Linguae Graecae*, e a História Antiga, com o *De Transitu Hellenismi ad Christianismum*. No seu *De Philologia* advoga, em diálogo imaginado com Francisco I, a necessidade do desenvolvimento dos estudos clássicos. Veio Budé a falecer, na sua cidade natal, no ano de 1540.

3- Entre os Antigos, refere-se ao vinho de Creta Plínio-o-Antigo, chamando-o, tal como Cardoso, *Creticum uinum* (*N. H.*, 14, § 81). Não resulta porém clara a ideia de Cardoso quando escreve «permultas olei et uini et Cretici amphoras, et alias nostrates merces», dando a entender que o dito vinho era produzido nos domínios de Portugal. Poderá eventualmente estar a referir-se ao vinho da Madeira, tanto porque esta, tal como Creta, era considerada uma ilha grande, como (e sobretudo) pelo facto de as cepas plantadas nas suas encostas terem sido propositadamente trazidas, por ordem do Infante D. Henrique, da grande ilha do Mediterrâneo.

4- Ou seja, no dia 13 de Fevereiro de 1561.

#### Página 219

1- Sobre o médico Salvador Rodrigues, antigo aluno de Jerónimo Cardoso e os textos trocados entre ambos, v. *supra*, **Mon. A**, p. 218, n. 1.

2- Ou seja, as nove Musas, número que a tradição fixou, embora em certas regiões tivesse sido prestado culto a apenas três Musas, à imagem das Cárites, como Delfos e Sícion, ou ainda a sete, caso de Lesbos. Na poesia de Jerónimo Cardoso são comuns as alusões às Musas como *nouem Pierides*, *nouem deae*, *nouem uirgines*, *nouem Musae*, *nouem puellae* e finalmente *nouem sorores*.

Para os vários exemplos desta prática, v. *infra*: «Imperat et Phoebus, Pieridesque nouem» (**Mon.** 7, 18, p. 226); «Nec non ad Phoebum Pieridesque nouem» (**Inst.** 3, 6, p. 245); «Colloquioque nouem fruur et dulcore dearum» (**El.** 1, 9, 33, p. 268); «atque nouem sollicitare deas» (**El.** 1, 13, 12, p. 275); «Cum meus hinc abeat uates Aegnatius unus/ Quem laudant doctae turba nouena deae» (**El.** 1, 17, 15-16, p. 284); «Atque tuos potius (uelut es consuetus) amores/ Praestiteris Phoebos, uirginibusque nouem» (**El.** 1, 18, 43-44, p. 287); «At caelata nouem uates doctissime Muisis/ Quae mihi misisti carmina, nuper erant» (**El.** 1, 28, 11-12, p. 307); «Quos tibi credo nouem pariter dictasse puellas» (**El.** 2, 5, 45, p. 323); «Te celebrent alii Phoebus quis pulcher et ipsae/ Concessere nouem magna sonare deae» (**El.** 2, 4, 5-6, p. 342); «Te celebrent alii Phoebus quis pulcher et ipsae/ Concessere nouem magna sonare deae» (**El.** 2, 14, 5-6, p. 342); «Dum potes Antoni Phoebi cole sacra: nouemque/ Pieridum, parient quae tibi grande decus» (**El.** 2, 16, 43-44, p. 347); «Quid nunc Emanuel moliris docte, sororum/ Gloria clara nouem» (**Sil.** 5, 1-2, p. 377); «Nunc Helicone nouem cogor reuocare puellas» (**Sil.** 15, 1, p. 407).

3- Cidade muito antiga da Fócida, Cirra (em gr. Κίρρα) era consagrada a Apolo e estava situada perto do celeberrimo Santuário de Delfos, que normalmente designa.

Vejam-se outras referências a esta cidade, *infra*: «Nec Cirrhae numen propius quod habere solebam/ Adspirat uotis iam uelut ante meis» (**El.** 1, 18, 13-14, p. 286); «Nam modo sum Cirrha» (**El.** 1, 25, 17, p. 302); «Non ideo penitus Cirrhae reliquimus antra» (**El.** 1, 29, 93, p. 313); «nec tanta libido/ Sit tibi Cirrhaeis oracula soluere terris» (**Sil.** 2, 27-28, p. 368); «Quamuis fixa meae steterit sententia menti/ [...] Nec te Cirrhaeis inuitum auertere ab antris/ Delie» (**Sil.** 6, 1-4, p. 368); «an Cirrha deducere Phoebum/ [...] Moliar et sacris pariter coniungere coner» (**Sil.** 12, 24-27, p. 402).

4- Nova referência às Musas. Sobre as Piérides, figuras inicialmente independentes das Musas, v. *supra*, **Lib.** 9, 3, p. 26, n. 3.

#### Página 220

1- Relativamente a Salvador Rodrigues, médico, antigo aluno de Jerónimo Cardoso, e sobre os textos trocados entre um e outro, v. *supra*, **Mon. A**, p. 218, n. 1.

2- Elevada montanha da Fócida, o Parnaso (em gr. Παρνασός) cingia a sua íngreme encosta por meio de dois cumes (razão pela qual é por vezes chamado «biceps», como em Ovídio, *Met.*, 2, 221) e, no seu sopé, estava situado o Santuário de Delfos, célebre oráculo de Apolo, com o seu templo, um estádio, um teatro, os tesouros e as fontes Castália e Cassótis. A circunstância de ser consagrado a Apolo e às Musas faz com que o seu nome surja, amiúde, com o valor de «poesia» (como no caso presente) ou «inspiração poética».

Para outras referências a esta montanha, v. *infra*: «Optima quae ducant uos breuiore uia:/ Ad iuga Parnasi uiridisque Heliconis ad arces» (*Inst.* 3, 4-5, p. 245); «Nam mihi Mnemosynes natas, ipsumque uidebar/ Cernere Parnasi qui sonat arce, deum» (*El.* 1, 9, 5-6, p. 267); «Orpheos esse ratus matrem, quae rupe bicorni/ Praesidet, et uatum pectora docta ciet» (*El.* 1, 24, 15-16, p. 299); «At satius foret huic Parnassi odisse cacumen» (*El.* 1, 28, 25, p. 308); «Cogor et inuitus Parnasia linqere tempe» (*El.* 1, 29, 91, p. 313); «Nam prius e gemino Phoebum deducere colle/ Cur uellem» (*El.* 2, 4, 21-22, p. 319); «Nata supremi Iouis o Thalia/ linque Parnasi geminum cacumen» (*El.* 2, 19, 1-2, p. 350); «age turba bicorni/ Colle sedens» (*Sil.* 2, 12-13, p. 368); «cui non Parnaside lauro/ Esse satis uisum est frontem cinxisse comasque» e «tunc me ad Parnasia tempe/ Ductares» (*Sil.* 5, 2-3, p. 377 e 50-51, p. 378); «Hinc iuga Parnasi, gemini posuisse uolatus/ Quo Iouis armigeri (si uera est fama) feruntur/ Prospectare iuuat» (*Sil.* 15, 61-63, p. 409); «sed ni Parnasia rupes/ Fundat Apollineum per pectora nostra furorem» (*Sil.* 16, 7-8, p. 411).

3- Ou seja, «a nossa formação humanística». Sobre Talia, uma das Musas, v. *infra*, *El.* 1, 18, 1, p. 286, n. 2.

4- Estas palavras de Salvador Rodrigues parecem encerrar uma alusão a um passo de Ovídio (*Metamorphoses*, 8, 273-278) no qual já Cardoso se inspirou, como acima vimos, para uma carta endereçada a Manuel de Aguiar, seu antigo aluno, na qual alude precisamente à oferta das primícias (isto é, dos primeiros frutos da terra) às diferentes divindades tutelares, v. *supra*, *Ep.* 11, p. 97, n. 5.

#### Página 221

1- Cf. *infra*: «Quam rursus tua castra sequi scelerate Cupido» (*Mon.* 3, 21, p. 221). Sobre o motivo da «milícia do amor», por meio do qual se faz a aproximação entre a actividade amorosa e a militar, v. *supra*, *Ep.* 49, p. 177, n. 6.

2- Constitui este verso de Salvador Rodrigues uma paráfrase da lamentosa exclamação de Córídon, o infeliz pastor virgiliano cujo amor pelo belo Aléxis não foi de modo algum correspondido: «Al Corydon, Corydon, quae te dementia cepit?» (*Ecl.*, 2, 69).

3-

4-

5- Cf. *supra*: «Quos iuuat in castris esse cupido tuis», *Mon.* 3, 16, p. 221 e n. 1.

#### Página 222

1- Cf. *infra*: «Lumine priuatos tu facis esse uiros», *Mon.* 3, 38, p. 222.

2- Cf. *supra*: «Caecus, et effrenus, perfidus, atque ferox/ [...] Amor», *Mon.* 3, 30, p. 222. Sobre a alegada cegueira do amor, um tópico já difundido entre os autores clássicos, v. *supra*, *Ep.* 18, p. 113, n. 3.

3- Vinculado ao tópico da onnipotência do amor, este dístico explora o motivo delineado por Virgílio na célebre exclamação «Improbe Amor, quid non mortalia pectora cogis!» (*Aen.*, 4, 23), a qual se refere às acções insensatas levadas a cabo por Dido, completamente dominada pela paixão amorosa. Este motivo foi ainda retomado por Marcial (5, 48, 1) e por Prudêncio (*Hamartigenia*, 149), autor em que o Amor cede lugar à Mors. Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1419, p. 648.

4- Variação elaborada sobre o motivo expresso nas seguintes palavras de Medeia, a qual, sob o influxo do amor, perante o dilema de prestar auxílio a Jasão indo contra as determinações de seu pai, exclama: «Vide meliora proboque:/ deteriora sequor» (Ovídio, *Met.*, 7, 20-21). Estas suas palavras evidenciam a tensão existente entre aquilo que a razão aconselha e o que a vontade irracional leva a fazer, tópico já antes explorado na literatura grega, sobretudo pela tragédia de Eurípides, onde são frequentes as contraposições de momentos de lucidez racional e de irracionalidade apaixonada, protagonizados por personagens como Fedra (*Hipp.*, 380-383) e Medeia (*Med.*, 1078-1080). Neste verso de Salvador Rodrigues, a constatação de Ovídio surge sob a forma de uma acusação lançada contra o Amor. Entre os nossos, também Camões virá a confessar que: «com ter livre alvedrio, mo não deram/ que eu conheci mil vezes na ventura/ o melhor, e o pior segui, forçado» («Canção X», 3, 4-6). Sobre esta questão, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 893, pp. 421-422.

5- Este pentâmetro segue muito de perto a expressão usada por Eneias para indicar que os males e desgraças de Tróia o atingiram pessoalmente: «Quorum pars magna fui» (*Aen.*, 2, 6). Esta expressão ganhou valor proverbial, sendo repetida por quem pretende indicar que certa calamidade o atingiu directamente ou apenas para dizer, ignorando o sentido que apresentam em Virgílio, que se prestou um grande contributo para uma determinada empresa (neste caso, diz-se simplesmente «Magna pars»), como explica Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1642, p. 745.

#### Página 223

1-

2- Não sendo propriamente deus da Medicina, Apolo encontra-se intimamente associado à arte de curar pela circunstância de ser pai de Asclépio, o qual, instruído nesta ciência pelo Centauro Quíron, chegou até a ressuscitar mortos, motivo por que acabou fulminado por Zeus.

Por outro lado, como deus guerreiro, armado de arco e flechas, Apolo senhoreava a vida e a morte, podendo enviar desde longe uma morte rápida (caso do massacre dos filhos de Níobe e dos Ciclopes, da serpente Píton e do Gigante Tício). Este deus lançou contra Tróia uma peste devastadora quando, depois de, por castigo, ter servido Laomedonte, rei de Tróia, como escravo, guardando os seus rebanhos no cimo do Ida, este se recusou a pagar-lhe o salário. A pedido do sacerdote Crises, também enviou contra o exército grego, acampado diante de Tróia, uma peste que o dizimou, para forçar Agamémnon a entregar Criseida.

#### Página 224

1- Acerca de Salvador Rodrigues, médico, antigo aluno de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos trocados entre ambos, v. *supra*, **Mon. A**, p. 218, n. 1.

2- Cf. *supra*: «Quod Saluiatum pro Salvatore Quibusdam in Carminibus Dixerit» (**Mon. 5**, título). Alusão a um poema de Jerónimo Cardoso, escrito em louvor de Salvador Rodrigues, que não é possível identificar com nenhuma das composições incluídas nas obras de Cardoso.

#### Página 225

1- A respeito do médico Salvador Rodrigues, antigo aluno de Jerónimo Cardoso, bem como dos textos trocados entre ambos, v. *supra*, **Mon. A**, p. 218, n. 1.

2- Ou, por outras palavras, «uma Musa acanhada». Relativamente às Piérides, figuras de início independentes das Musas, v. *supra*, **Lib. 9**, 3, p. 26, n. 3.

3- Antigo epíteto de Júpiter, divindade suprema para os Romanos, que os autores do Renascimento aplicavam normalmente ao Deus cristão. Sobre este assunto e para outros exemplos desta prática nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 68, n. 3.

#### Página 226

1- Filho de Pedro de Palácios, médico régio e celebrado regente das *Escuelas mayores* de Medicina da Universidade de Salamanca, deste menino Manuel apenas se pode apurar, por informações cronométricas contidas neste poema (cf. *infra*, **Mon.** 7, 82, p. 229 e n. 1), a data em que nasceu: 14 de Dezembro de 1524, dia que caiu a uma quarta-feira.

2- Falando dos estudos de Medicina na Universidade de Salamanca, J. Veríssimo Serrão regista uma maior afluência de estudantes portugueses ao redor do ano 1525, facto que atribui tanto ao «celebrado magistério de Pedro de Palácio» (*op. cit.*, p. 118) como a uma maior frequência de estudantes oriundos de Portugal nos gerais de Direito e de Artes. Por esse tempo, Pedro de Palácios encontrava-se, portanto, em Salamanca. Num outro lugar, mesmo investigador escreve que Salvador Rorigues, que foi aluno de Jerónimo Cardoso em Lisboa (cf. *supra*, **Mon.** A, título, p. 218 e n. 1), se bacharelou em Medicina em Salamanca no dia 2 de Junho de 1540, tendo como testemunhas Rodrigo Lopes e Jacob Álvares, e logo depois, falando sobre o *De Monetis* de Jerónimo Cardoso, refere que: «O opúsculo contém ainda cinco composições poéticas, em latim, do mesmo Salvador Rodrigues, e uma poesia «ad Petrum a Palatiis Medicinac Doctorem eius patrem, medicum Regium» em que se elevam os dotes deste celebrado regente da Escola salmantina e que fora mestre de Salvador Rodrigues» (*idem, ibidem.*, p. 375).

Pedro de Palácios encontrar-se-ia, pois, em Salamanca por meados da década de 1520 e lá continuaria a desenvolver a actividade docente pelo final da década seguinte. Por outro lado, sabe-se que estava em Portugal, como médico régio, no ano de 1531, dado que na chancelaria de D. João III se conserva uma carta régia, datada de 7 de Julho desse ano, pela qual se autoriza a andar de mula «Pedro Palacius licenciado em medecyna» (cf. *Chartularium Vniversitatis Portugalensis (1288-1537)*, vol. 14 (1530-1532), p. 199). Para além disso, o nascimento deste seu filho, atendendo às informações cronométricas contidas neste poema (cf. *infra*, **Mon.** 7, 82, p. 229 e n. 1), deverá ter ocorrido a 14 de Dezembro de 1524 e, se o título da presente poesia é coevo da sua composição, então Pedro de Palácios já se intitulava «*medicum regium*» por essa altura.

Onde estaria Pedro de Palácios quando este seu filho nasceu, como coordenaria ele a actividade docente com a prática da Medicina e como entrou Jerónimo Cardoso em contacto com este médico são perguntas que, por agora, permanecem sem resposta. O seu nome não tornará a surgir nos escritos de Cardoso.

3- Antiga fonte da cidadela de Corinto, Pirene estava consagrada às Musas e considerava-se, portanto, que a sua água tinha a faculdade de suscitar inspiração poética em quem dela bebesse. Conta-se que jorrou no lugar onde Pégaso, o cavalo alado nascido do sangue da Górgona, deu uma patada no solo, tal como Hipocrene, que brotava no monte Hélicon, e uma outra fonte, situada em Trezena. Junto às suas águas encontrou Belerofonte o dito cavalo, com cujo auxílio pôde matar a Quimera.

Para outras referências a esta fonte na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Tunc primum ignotas Pyrenides hausimus undas» (El. 1, 29, 83, p. 312) e «Phoebumque tuum doctasque puellas/ Ascraeumque iugum nec non Pirenida lympham/ Monstrares» (Sil. 5, 51-53, p. 378).

4- Cf. *infra*, «Riserunt faciles ex Helicone deae» (**Mon.** 7, 14, p. 226). O monte Hélicon, situado na Beócia, estava consagrado às Musas, que habitavam as suas encostas e que chegavam a ser chamadas *Heliconides*, ou seja, «filhas do Hélicon» (cf. *infra*: «Hactenus haec, repetuntque suos Heliconides hortos», **Mon.** 7, 67, p. 228). A este respeito, v. *supra*, **Lib.** 2, 35, p. 11 e n. 9.

5- Ou seja, «a minha Musa» (cf. *infra*: «Imperat et Phoebus, Pieridesque nouem», **Mon.** 7, 18, p. 226). Acerca das Piérides, figuras inicialmente independentes das Musas, v. *supra*, **Lib.** 9, 3, p. 26, n. 3.

6- Cf. Virgílio: «Sicelides Musae, paulo maiora canamus! Non omnes arbusta iuuant humilesque myricae;/ Si canimus siluas, siluae sint consule dignae» (*Eclogae siue Bucolica*, 4, 1-3). Para além desta sugestão virgílica, o tom profético que percorre toda a presente composição, bem como o assunto tratado ao longo dos seus versos (a imensa alegria suscitada pelo nascimento de uma criança) são em larga medida evocadores dos versos com que Virgílio celebra o nascimento de um filho de Asínio Polião, na sua *Bucólica IV*.

7- Antigas divindades latinas encarregadas de proteger o larário das casas, os Penates surgem associados a Vesta e eram distintos dos deuses Lares, que eram representados por estátuas de culto, ao passo que os Penates eram considerados forças invisíveis ou abstracções. A sua protecção estendia-se a

toda a casa ou mesmo a todo o Estado Romano, caso dos Penates trazidos por Eneias para Itália, que eram representados sob a forma de dois jovens sentados e a quem estava consagrado um templo na Vélia.

Para outras referências a estas divindades na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Cur meos raro tua tam frequentat/ Musa Penates» (El. 1, 15, 3-4, p. 280); «Maesta meos postquam tetigit tua Musa Penates» (El. 1, 17, 1, p. 284); «Imminuit nostros quantum Fortuna Penates/ Ipse uides, nobis Sors minus aequa fuit» (El. 1, 29, 101-102, p. 313); «Huius in doctos ueniens Penates/ Offeres uersus reuerenter hosce» (El. 2, 19, 29-30, p. 351); «dictoque uale, per inane reuecta/ Fac repetas notos narres ut cuncta Penates» (Sil. 3, 37-38, p. 373); «Fratrī ut ora mei inuisas carosque Penates» (Sil. 7, 84, p. 386); «Riserunt faciles ad gaudia tanta Penates» (Sil. 15, 40, p. 408); «Cum noua Vlyssaeos tetigit Regina Penates,/ progenies Caroli pulcherrima Caesaris» (Sil. 16, 3-4, p. 411).

8- Cf. *supra*, «quae colitis sacrum Heliconae deae» (Mon. 7, 2, p. 226 e n. 4).

9- Divindade latina cujo nome se constituiu sobre o radical da palavra de *lux*, «luz», e que presidia aos nascimentos, sendo a responsável por trazer os recém-nascidos à luz (cf. *infra*, «Nam dedit haec lumen», Mon. 7, 16, p. 226), Lucina cedo foi assimilada a Diana ou a Juno, não tendo portanto um ciclo mitológico próprio. Virgílio refere-a na *Bucólica IV* assimilando-a a Diana, quando escreve: «Tu modo nascenti puero [...] Casta faue Lucina: tuus iam regnat Apollo» (Ecl., 4, 8-10).

Para uma outra referência a esta deusa na poesia cardosiana, v. *infra*: «Cum te blanda parens Lucinae munere gratam/ Edidit in lucem» (Sil. 15, 37-38, p. 408).

10- A descrição da alegria suscitada pelo nascimento desta criança, que Cardoso desdobra ao longo de três dísticos (vv. 11-16), surge em Virgílio condensada num único verso, cuja influência, posto que ténue, é no entanto detectável neste passo de Cardoso: «Aspice, uenturo laetantur ut omnia saeclo» (Ecl., 4, 50).

11- Ou seja, as nove Musas, cf. *supra*: «Altius insurgit mea Pieris» (Mon. 7, 7, p. 226 e n. 5).

12- Exortação comparável dirige Virgílio ao menino cujo nascimento celebra na *Bucólica IV*: «Incipe, parue puer, risu cognoscere matrem» (Ecl., 4, 60).

#### Página 227

1- Santa Luzia de Siracusa, virgem e mártir que, segundo a lenda, foi denunciada como cristã ao cônsul Pascácio, que a condenou a prostituir-se num bordel, penitência a que a jovem resistiu de forma tal que nem duas juntas de bois a conseguiram arrastar, sendo então cruelmente martirizada (foram-lhe arrancados os olhos e, de seguida, degolada), tem o seu dia festivo a 13 de Dezembro. Cardoso refere-se, deste modo, ao dia 14 de Dezembro. Quanto ao uso do atributo «diua» (cf. *infra*: «Hoc fore promittit tibi Lucia diua» Mon. 7, 41, p. 227), v. *supra*, Lib. 2, título, p. 8, n. 2.

2- Referência ao solstício de Inverno, em que o Sol entra no Capricórnio. Esta notação de carácter astrológico não se encontra em rigoroso acordo com as informações proporcionadas pelo dístico anterior, dado que o Capricórnio, signo do Zodíaco, ocupa o espaço de tempo que medeia entre 21 de Dezembro e 20 de Janeiro. No entanto, como o Sol, no seu movimento aparente, alcança durante o solstício um dos dois pontos da eclíptica mais distantes do equador celeste (neste caso o ponto solsticial de Dezembro), parecendo estacionar aí durante alguns dias, não se encontram estes dados em contradição com os anteriormente fornecidos.

3- Em lat. «mellite puer», literalmente «menino doce como o mel». Para outros exemplos da comparação entre certas pessoas e a doçura do mel nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 1.

4- Cf. *supra*: «post festum Lucia diua tuum» (Mon. 7, 28, p. 227). Sobre o uso de *diuus*, no latim dos humanistas, como atributo dos santos cristãos, v. *supra*, Lib. 2, título, p. 8, n. 2.

5- Ou seja, o grupo das nove Musas, a quem era consagrada esta célebre fonte do santuário de Delfos. A respeito da fonte Castália, v. *supra*, **Lib. 9**, 1, p. 26, n. 1.

6- Criação do humanista André de Resende, a palavra *Lusidae*, com o sentido de «Portugueses», ocorre pela primeira vez no poema laudatório intitulado *Carmen eruditum et elegans Angeli Andreae Resendi Lusitani, aduersus stolidos politioribus litteraturae oblatratores*, que viria a ser conhecido pelo nome de *Encomium Erasmi*, por ter sido escrito em louvor do humanista de Roterdão. Tal composição veio a lume em Basileia, no ano de 1531.

Jerónimo Cardoso, que emprega com certa regularidade os nomes *Lusitania* e *Lusitanus*, com o sentido de «Portugal» e «Português», o nome *Lusidae* é de uso restrito, surgindo apenas na poesia, nas formas de nominativo e genitivo do plural («*Lusidae*» e «*Lusiadum*»). Para outras ocorrências deste nome, v. *infra*: «*Lusiadum rex inclytus*» (**Ins.** 1, 11, p. 243); «*Quam te Lusidae obseruant*» (**Sil.** 10, 35, p. 393); «*Lusidae repetunt lembos nauesque paratu/ Regifico instructas*» (**Sil.** 16, 73-74, p. 413); «*O spes Lusiadum nostraeque o gloria gentis*» (**Sil.** 16, 116, p. 414); «*Nubere me magno regi [...]/ Lusiadum*» (**Sil.** 16, 124, p. 415) e «*uisuntur in auro/ Lusidae reges*» (**Sil.** 16, 189, p. 417). Para um estudo mais aprofundado desta questão, veja-se Carolina Michaëlis de Vasconcelos, «*Lucius Andreas Resendius, inventor da palavra Lusíadas*» in *O Instituto*, Coimbra, 52 (1905), pp. 241-250.

7- Também Virgílio, na *Bucólica IV*, escreve: «*At simul heroum laudes et facta parentis/ Iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus*» (**Ecl.** 4, 26-27), palavras cuja sugestão se pode detectar neste passo de Cardoso.

8- Palavras evocativas de um trecho do *De Oratore* de Cícero (1, § 187), a que Jerónimo Cardoso recorreu, ao tratar a ciência da Astronomia, na sua *Oratio pro Rostris* (cf. *supra*: «*At Astrologiam caeli astrorumque indicem, quae circa [...] siderumque rationem, signorumque ortus, obitus, motus, totius caeli conuersionem uersatur*», **Lib.** 18, p. 53 e n. 11).

#### Página 228

1- Trata-se de Orfeu. Sobre esta figura, personificação do poder da música e da poesia sobre a natureza selvagem, v. *supra*, **Lib.** 11, 22, p. 29, n. 4.

2- A respeito do néctar, bebida dos deuses que, tal como o mel, serve de termo de comparação para qualquer coisa doce, neste caso em sentido figurado, v. *supra*, **Ep.** 33, p. 143, n. 3.

3- Ou seja, as Musas que habitavam as encostas do monte Hélicon, pelo que chegavam a ser chamadas *Heliconiades* ou, como no caso presente, *Heliconides* («filhas do Hélicon»). Sobre a sua filiação, v. *supra*, **Lib.** 2, 35, p. 11 e n. 9.

4- Trata-se de Asclépio, filho de Apolo e de Corónis (ou Arsínoe), que aprendeu junto do Centauro Quíron a arte da Medicina (cf. *supra*, **Mon.** 4, 6, p. 223, n. 2). Este deus alcançou uma destreza tal na prática da Medicina que conseguia até dar vida aos mortos, usando para tal o sangue que escorrera do lado direito da ferida da Górgona, que Atena lhe dera. Ressuscitou, deste modo, um grande número de pessoas, como Canapeu, Licurgo, Glauco e Hipólito, entre outros. Temendo que tão grande número de ressurreições alterasse a ordem do mundo, Zeus acabou por fulminá-lo e Asclépio, depois de morto, foi transformado numa constelação (o Serpentário).

#### Página 229

1- Ou seja, numa quarta-feira, dia que, entre os Romanos, era, como se sabe, consagrado ao deus Mercúrio, facto pelo qual recebia o nome de *dies Mercurii* (cf. o fr. *mercredi*, o it. *mercoledì* e o esp. *miercoles*). A ser exacta, esta informação, conjugada com os dados proporcionados pelo v. 28 (v. *supra*, p. 227 e n. 1), permite apurar o ano em que este filho de Pedro de Palácios nasceu. Com efeito, no séc XVI, o dia 14 de Dezembro (o dia que se segue à celebração da festa de Santa Luzia, a 13 de Dezembro, cf. *supra*: «*Principio carae tandem genetricis ab aluo/ Prodit, post festum Lucia diua tuum*», vv. 27-28, p. 227) apenas caiu numa quarta-feira nos anos de 1502, 1513 e 1524 (ano bissexto). Ora se as duas primeiras datas não

são aceitáveis por serem demasiado recuadas, o mesmo não sucede com a última, pelo que se pode concluir que este filho de Pedro de Palácios nasceu a 14 de Dezembro de 1524.

2- Sobre o motivo do mel como sinal indiciador de uma grande eloquência, utilizado, neste caso, como atributo da própria deusa da Persuasão (personificação correspondente à divindade grega Πειθώ), v. *supra*, **Lib. 18**, p. 45, n. 1.

3- Ténue sugestão do já citado poema de Virgílio, onde, também perto do final, se lê: «“Talia saecula” suis dixerunt “currite” fuis/ Concordes stabili fatorum numine Parcae» (*Ecl.*, 4, 46-47). As Parcas, três divindades que presidiam ao destino dos mortais, cedo se identificaram com as Meras: Átropo, Cloto e Láquesis, de cujos atributos se revestiram. Apresentavam-se, deste modo, como três fiandeiras que se ocupavam do «fio da vida» dos mortais: uma, que fiava o dito fio, presidia ao nascimento; outra, que o enrolava, presidia ao casamento; a última, que o cortava, presidia à morte.

Para outras referências a estas divindades na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Quod si non Lachesis nostros praeuenerit annos/ Stamina ne Clotho fregerit ante diem» (*Inst.* 4, 35-36, p. 247) e «Sed si fila mihi protraxerit Atropos olim:/ Vitaque contingat si diuturna mihi» (*El.* 1, 8, 13-14, p. 266); «Tunc meae debuerant tetraicae rupisse sorores/ Stamina, tunc plenas comminuisse colos» (*El.* 2, 5, 15-16, p. 322); «modo uoraces tibi stamina Parcae/ Longa neant, multosque uelint superesse per annos» (*Sil.* 1, 19-20, p. 365); «cui pollice dextro/ Fila piaie neuere deae» (*Sil.* 2, 9-10, p. 368); «Excusat labor et diri inclementia fati,/ Quod mihi uix nato nec adhuc de matre cadenti/ Infausto triplices cecinerunt ore sorores» (*Sil.* 3, 8-10, p. 372); «si maiores supera sub luce dedissent/ Fata moras, nec pensa manu properante seuerae/ Traxissent Parcae» (*Sil.* 4, 36-38, p. 375); «quare ocus edam/ [...] Carmina lanificas quamuis passura sorores» e «At uos dum uideam exoptata haec gaudia tandem/ Tendite nostra precor ne frangite fila sorores» (*Sil.* 6, 16-18, p. 380 e 104-105, p. 383); «quam non absumere dira/ Parca manu ualet, aut Lethaei fluminis haustus» (*Sil.* 9, 78-79, p. 391); «Attonitae ante Iouem Parcae cecidisse feruntur» (*Sil.* 10, 73, p. 394); «Donec longaeuo nouit didicitque Sileno/ Aduenisse diem, candenti uellere textum/ Parcarum, optati pueri quae proferat ora» e «Nec contentus eo, triplices monet ordine diuas/ Vt tibi pensa neant tereti longissima fuso» (*Sil.* 15, 73-75, p. 409 e 94-95, p. 410); «Felices nimium nonae saluete Decembris,/ Quas niueo triplices neuertur uellere Parcae» (*Sil.* 16, 1-2, p. 411).

4- Ou seja, a feliz longevidade de Nestor, rei de Pilos. A respeito desta personagem homérica, v. *supra*, **Lib. 17**, p. 40, n. 4.

5- Nestes dois dísticos, situados já perto do termo da composição, Cardoso explora, ainda que de forma algo abreviada, o conteúdo dos versos iniciais da *Bucólica IV* de Virgílio: «Vltima Cumaei uenit iam carminis aetas;/ Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo./ Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna./ Iam noua progenies caelo demittitur alto./ Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum/ Desinet ac toto surget gens aurea mundo./ Casta faue Lucina: tuus iam regnat Apollo» (*Ecl.*, 4, 4-10). Sobre a mítica Idade do Ouro, período de grande e intensa felicidade, v. *supra*, **Lib. 2**, 279, p. 19, n. 3.

6- Nascido em Pérgamo no ano 129, Galeno iniciou os estudos de Medicina na sua terra natal, desenvolvendo-os depois em Esmirna e Alexandria. Em Pérgamo tratou gladiadores e mais tarde, em Roma, chegou a ser médico da corte de Marco Aurélio. Quando lhe perguntavam a que seita pertencia, respondia invariavelmente que a nenhuma, acrescentando serem escravos todos quantos seguiam cegamente as doutrinas de Hipócrates, de Praxágoras ou de outro grande mestre. A sua vasta obra compreendia 226 livros, correspondentes a 122 tratados, nos quais se abordava um variado leque de matérias que iam da Medicina à Filosofia, passando pela Gramática e pela Retórica. Alguns dos seus tratados foram, na Idade Média, vertidos para Latim e para Árabe. Terá sido Galeno a descobrir a espinal medula e que nas artérias corre sangue e não ar, como até ele se julgava.

7- Por metonímia, a boca de Marco Túlio Cícero, orador romano, natural, como bem se sabe, da cidade de Arpino.

Para a parte final deste poema (vv. 95-102), circunscrevendo-se ao âmbito restrito da Medicina e da Oratória, Cardoso parece ter-se inspirado nos versos em que Virgílio prenuncia as glórias do consulado de Asínio Polião, que seriam, a seu tempo, continuadas e engrandecidas pelo menino que então nascia (*Ecl.*, 4, 11-17).

### Página 230

1- Filha de Diogo Sigeu, francês, e da castelhana Francisca de Velasco, a humanista Luísa Sigeia terá nascido pelo ano de 1520, em Tarancón. Seu pai veio para Portugal em Fevereiro de 1522, acompanhando D. Maria Pacheco, na sua fuga de Toledo, e em 1530 entra ao serviço de D. Jaime, duque de Bragança, chamando então a sua família para junto de si. Com seu pai e outros mestres aprendeu Luísa Sigeia as duas línguas clássicas e outras línguas orientais, para além do Português, do Castelhana, do Francês e do Italiano, dedicando alguns versos a Paulo III em 1540. Entre os anos de 1542 e 1555 serviu no Paço como moça de câmara de D. Catarina e companheira de estudos da infanta D. Maria. Em 1546 dirige ao papa Paulo III uma carta redigida em cinco idiomas, acompanhando o poema *Syntra*. Seguiu-se o *Duarum Virginum Colloquio*, acerca da vida áulica e da vida privada. Em 1552 casa com o fidalgo Francisco de Cuevas, de Burgos, cidade para onde se muda em 1555, permanecendo em Portugal a sua família: seu pai; dois irmãos, Diogo e António, e a irmã, Ângela. A vida de Luísa Sigeia em Burgos foi atormentada pela escassez de meios económicos. Em 1558 ainda serviu D. Maria, rainha viúva da Hungria, em Valladolid, mas a morte desta, ocorrida em fins desse ano, em nada contribuiu para melhorar a sua situação. No ano seguinte e em inícios de 1560 procura ainda, em vão, junto de Filipe II de Espanha, um emprego para o seu marido. Morre em Burgos, em consequência de trabalho de parto, a 13 de Outubro de 1560 (note-se como o texto de Cardoso foi rapidamente escrito e publicado, vindo a lume logo em 1561).

A sua obra conservada, para além dos textos já referidos, inclui ainda seis cartas em castelhano e trinta e três em latim. Para o seu elenco, veja-se *HISLAMPA*, p. 135, e, para uma abordagem mais aprofundada deste assunto, os títulos enumerados por Isaltina D. F. Martins, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, pp. 230-231.

2- Explora Jerónimo Cardoso nestes dois versos um pensamento inicialmente formulado por Juvenal nas seguintes palavras, que se tornaram proverbiais: «Rara est [...] concordia formae/ atque pudicitiae» (10, 297-298). O mesmo motivo surge ainda em Ovídio, expresso em termos não muito diversos: «Aut faciem mutas aut sis non dura, necessest:/ Lis est cum forma magna pudicitiae» (*Her.*, 16, 289-290, carta de Páris a Helena) e «Quo tibi formosam, si non nisi casta placebat?» (*Am.*, 3, 4, 41). Sobre este assunto, veja-se Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1392, p. 634.

Versando este mesmo tópico, escreve Cardoso, a propósito da sua bem-amada Sílvia: «Si spectes animum, magis interiora placebunt./ Pulchrior est intus quam (mihi crede) foris./ Est comis, sollers, iucunda, uenusta, modesta./ Egregius roseo stillat ab ore lepos» (v. *infra*, El. 2, 7, 43-46, p. 328).

3-A ideia de que apenas na Antiguidade se valorizava realmente o saber, que era recompensado com honras divinas, surge em Cardoso uma outra vez, expressa em termos muito próximos dos presentes, nos seguintes versos: «quem prisca tulisset/ Si aetas, meritis qua praemia digna dabantur/ Diuinis nunquam caruisset honoribus ipse» (v. *infra*, Sil. 10, 106-108, p. 395).

### Página 231

1- Trata-se de Quinto Róscio Galo, um liberto oriundo da cidade de Lanúvio que alcançou grande celebridade como actor. Contou-se entre os amigos chegados de Cícero, que o defendeu numa causa com uma oração que ainda se conserva. Elevou a sua excelência a um tal nível que esta se tornou proverbial, como Cícero explica nas seguintes palavras: «Itaque ut ad hanc similitudinem huius histrionis oratoriam laudem dirigamus, uidetisne quam nihil ab eo nisi perfecte, nihil nisi cum summa uenustate fiat, nisi ita ut deceat et uti omnis moueat atque delectet? Itaque hoc iam diu est consecutus, ut in quo quisque artificium excelleret, is in suo genere Roscius diceretur» (*De Or.*, 1, § 130).

2- Sintetiza Jerónimo Cardoso nestes versos um pensamento que já antes se nos deparou, elaborado a propósito da morte do jovem António de Freitas, em carta dirigida a Pedro Gomes de Abreu (v. *supra*, Ep. 24, p. 122 e n. 4).

3- Exemplos de ἀδύνατα, tomados provavelmente de D. Júnio Juvenal. Este poeta, falando da mulher ideal, considera-a «rara auis in terris nigroque simillima cycno» (6, 165), e, num outro lugar, a respeito daqueles que foram bem sucedidos como professores de Retórica, escreve: «felix ille tamen coruo

quoque rarior albo» (*ibidem*, 7, 202). Por outro lado, encontramos corvos brancos associados a cisnes negros num passo de Lucrecio já anteriormente citado (v. *supra*, Ep. 15, p. 105 e n. 2).

4- Prossegue Jerónimo Cardoso a acumulação de δδύνατα, segundo o modelo definido por Horácio. Para outros exemplos deste recurso em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Lib. 4, 6-7, p. 23, n. 2.

5-Trata-se da teia de cor púrpura, com que se fabricava, para os Antigos, um dos tecidos mais preciosos. Consta que Tiro, uma Ninfa fenícia, fora amada por Hércules e que, passeando um dia pela praia, viu o seu cão aproximar-se com o focinho tingido de púrpura. A Ninfa declarou então a Hércules que apenas continuaria a amá-lo se este descobrisse a origem daquela tinteira. Hércules acabou por descobrir que provinha de um búzio (um *murex*) e assim se descobriu a tinta púrpura, glória da cidade fenícia de Tiro.

Para uma outra referência à púrpura de Tiro em Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «cum mecum mirarer [...] Insuper et Tyrio circumlita uellera tabo/ Egregium textis addere posse decus» (El. 1, 24, 1-4, p. 299).

6- Ou seja, a aplicar-se ao estudo da poesia. Sobre o Hélicon, monte da Beócia consagrado às Musas, que viviam nas suas encostas e que chegavam a ser chamadas *Heliconides*, ou seja, «filhas do Hélicon», v. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11 e n. 9.

### Página 232

1- Ou seja, com a poesia de Virgílio, natural de Mântua. Sobre o plectro, varinha de marfim usada para fazer vibrar as cordas dos instrumentos musicais, empregue, por metalepse, com o significado de «poesia», v. *supra*, Lib. 2, p. 10 e n. 2.

2-

3- Ou seja, os Gregos. O nome «Pelagos», de etimologia duvidosa (tanto pode provir de *Pelagaskoi*, «Povos do Mar» como de um étimo diverso, significando «Povos da Planície») designava para os Gregos os povos autóctones, cujos reis receberam naturalmente o nome de «Pelago» (por exemplo, nas *Suplicantes* de Ésquilo). Na realidade devem ter sido um povo pré-helénico, com origem provável na Anatólia, que, entre o terceiro e o segundo milénios a. C., terá ocupado a Hélade, Creta e as ilhas do mar Egeu. Na *Ilíada* (2, 840; 10, 429), refere-se um povo com este nome, aliado dos Troianos e que viera de Larissa. Na *Odisséia* (19, 77), o nome «Pelagos» designa um povo cretense.

4- Trata-se da língua hebraica, falada em Jerusalém, cidade da Palestina, capital do antigo reino judaico, dita, em gr., Ἱεροσόλυμα e, em lat., *Hierosolyma* ou, de uma forma abreviada, *Solyma*, de onde surge o adj. *Solymus*, a, um, «de Jerusalém» (cf. Juvenal: «interpres legum Solyumarum et magna sacerdos», 6, 544, e Marcial: «illud me cruciat, Solyms quod natus in ipsis/ pedicas puerum, uerpe poeta, meum», 11, 94, 5-6).

5- Exemplos de mulheres da Antiguidade, famosas pelos seus excepcionais dotes de espírito: Aspásia (em gr. Ἀσπασία), amiga de Sócrates e, posteriormente, esposa do grande estadista Péricles (referida, entre outros, por Cícero, *De Diu.*, 1, 31, § 51 e Quintiliano, *Inst.*, 5, 11, § 27); Safo (em gr. Σαπφώ), célebre poetisa grega, nascida em Mitilene, na ilha de Lesbos, contemporânea e rival de Alceu. Terá vivido pelos sécs. VII e VI a. C. e cultivado a poesia lírica de um modo tal que recebeu o cognome de «a Décima Musa». Num acesso de desespero, motivado pelos seus infelizes amores com Fáon, ter-se-á suicidado, precipitando-se no mar desde o alto do rochedo de Leucádia (referem-se-lhe, entre outros, Horácio, *Ep.*, 1, 19, 28 e P. Papínio Estácio, *Silu.*, 5, 3, 155); Telesila (em gr. Τελέσιλλα), nome de uma poetisa de Argos (referida por Censorino (Pseudo), 9, 2, § 72 e Luciano, *Am.*, 30) e Corina, (em gr. Κόρινη) outra poetisa grega, natural de Tanagra, na Beócia, contemporânea de Píndaro (a que se referem Propércio, 2, 3, 21 e P. Papínio Estácio, *Silu.*, 5, 3, 158).

Para outras referências a Safo nos escritos de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Et tuis cedet numeris et arte/ Lesbica Sapho» (El. 2, 13, 23-24, p. 341); «decima dulces cum Pallade cantus/ Exerce» (Sil. 2, 13-14, p. 368).

6- Diotima de Mantinea, personagem provavelmente fictícia, por meio da qual Sócrates ilustra a sua doutrina sobre o amor, no *Banquete* de Platão (201 d). Note-se que Cardoso se refere aos «escritos socráticos», ou seja, os diálogos de Platão em que Sócrates toma parte.

Para uma outra referência aos «escritos socráticos», v. *infra*: «An te Socraticis dicam impallescere chartis,/ Vt uitae doceas quae sit habenda uia?» (El. 2, 10, 13-14, p. 333).

7- Fruto do terceiro casamento de D. Manuel I com D. Leonor de Áustria, nascida em Lisboa a 8 de Junho de 1521, a infanta D. Maria cedo perdeu o pai (falecido a 13 de Dezembro de 1521), ficando igualmente privada da companhia da mãe, D. Leonor, que seguiu para França algum tempo depois (em Maio de 1523), a fim de desposar o rei Francisco I, e com quem a Infanta se encontrou uma única vez (em Badajoz, por finais de 1557 e inícios do ano seguinte). Foi, por conseguinte, criada pelo seu irmão, D. João III. Luísa Sigeia foi, provavelmente, companheira de estudos da Infanta e, com outras damas da sua casa, como Ângela Sigeia e Paula Vicente, se formou em redor de D. Maria uma verdadeira tertúlia literária. Mecenas das artes e das letras, D. Maria dedicou-se a grandes obras de caridade e beneficência, levantando igrejas, o Mosteiro da Encarnação, em Lisboa, e o Hospital da Luz, em Carnide, onde desejou ser sepultada. D. Maria nunca casou: por uma ou outra razão viu gorarem-se vários projectos de casamento (nada menos que oito!). Faleceu na cidade que a vira nascer a 10 de Outubro de 1577.

Jerónimo Cardoso refere-se igualmente a D. Maria no poema com que celebra os esponsais de D. João, pai do rei D. Sebastião (cf. *infra*: «proreditur uicina socrus ab aula/ Virgineo comitata choro regina, sororque/ Excellens Regis Maria Emmanele creata,/ Rege», Sil. 16, 105-108, p. 414).

8- Função a que Luísa Sigeia terá eventualmente ascendido em 1546, depois de enviar ao Papa Paulo III o poema *Syntra*, acompanhado pela carta de obediência antes referida (v. *supra*, Mon. 8, título, p. 230, n. 1). Teria sido então transferida pelos seus protectores para o paço da Infanta, onde, como refere Carolina Michaëlis de Vasconcelos, «Mestra das donzellas, companheira da Infanta, e ás ordens d'ella, sempre que a sua presença fosse desejada, talvez sua secretária, utilizando as breves horas vagas e o silencio da noite para pôr em dia a sua correspondencia pessoal, ou para idear novos trabalhos litterarios que a tornassem conhecida nos grandes centros do mundo latino, Luisa não podia achar suave e saboroso o serviço palaciano» (*A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as Suas Damas*, p. 40).

### Página 233

1- Trata-se de Paulo III, papa que ocupou o trono de S. Pedro entre 13 de Outubro de 1534 e 10 de Novembro de 1549. Tendo nascido em Cambray, no ano de 1469, Paulo III, antes Alexandre Farnésio, foi elevado à púrpura cardinalícia em 1493 e, enquanto sumo pontífice, excomungou Henrique VIII de Inglaterra, consumando a ruptura da Igreja; aprovou, a 27 de Setembro de 1540, a Companhia de Jesus; em 1542, pela bula *Licet ab initio*, reorganizou a Inquisição, a qual se viria a estabelecer em Portugal, a instâncias de D. João III, por bulas de 23 de Maio de 1536 e de 12 de Outubro de 1539, e convocou o Concílio de Trento, com sessão inaugural a 13 de Dezembro de 1545 e que continuou, num primeiro periodo, até 1548.

2- Não obstante a admiração que exprime, Cardoso minimiza contudo os factos, dado que a carta de obediência de Luísa Sigeia ao papa Paulo III, destinada a acompanhar o poema *Syntra*, descrição das belezas naturais da vila e serra de Sintra, estava redigida não em três, mas em cinco idiomas: Latim e Grego; Hebraico; Árabe e Siríaco. A própria resposta do papa, datada de 6 de Janeiro de 1547, isto mesmo afirma, quando diz: «Delectati ualde sumus in Domino ex tuis litteris quas ad nos latine, graece, hebraico, syriace, atque arabice scriptas dedisti».

3- A ideia de que é possível superar os limites intransponíveis da morte através da fama advinda do cultivo da poesia, tal como surge neste passo de Cardoso, encontra-se lapidarmente expressa nos versos triunfais da ode com que Horácio encerra a colectânea no ano 23 d. C.: «Non omnis moriar, multaue pars mei/ uitabit Libitinam: usque ego postera/ crescram laude recens, dum Capitolium/ scandet cum tacita uirgine pontifex» (C., 3, 30, 6-9). Sobre o valor proverbial destas palavras, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 205, p. 93.

Para uma outra afirmação do valor da poesia como meio de alcançar a imortalidade, v. *infra*: «Atque ideo leges Libitinae sperne timendas, / Non omnis poteris cum moriere mori. / Mortua (crede mihi) exstabis tamen ipsa. Diserti/ Munere amatoris, carminibusque piis» (El. 2, 26, 39-42, p. 305).

4- Luísa Sigeia casou, como acima vimos (cf. *supra*, Mon. 8, título, p. 230, n. 1), com D. Francisco de Cuevas, fidalgo castelhano, natural da cidade de Burgos. Embora fosse culto e estimado, carecia de meios de sustento. Do terno amor que nutria pela esposa dá testemunho o sentido epitáfio que compôs para a sua sepultura: D. O. M./ Loisiae Sigaeae Foeminae/ Incomparabili/ Cuius Pudicitia cum Eruditione/ Linguarum/ Qua in ea ad miraculum/ Vsque fuit/ Ex aequo certabat/ Franciscus Cuevas Moerentis./ Coniugi B. M. P./ Vale Beata Animula. Coniugi/ Dum uiuet/Perpetuae lachrymae» (*apud* Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as Suas Damas*, p. 91, n. 178).

5- Sobre a locução exclamativa «macte senex», suas variantes e ocorrências em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ap. 2, 53, p. 9, n. 2.

6- Sendo uma das Musas, filhas de Mnemósine e Zeus, Calíope recebeu como domínio, a partir da época alexandrina, a eloquência e a épica, razão pela qual se considera a primeira de todas em dignidade. A poesia ligeira foi atribuída a Terpsícore.

O seu nome ocorre com alguma frequência na poesia de Cardoso, cf. *infra*: «Haec te credibile est Phoebo dictante locutum./ Aut te Calliopes haec perarasse manu» (El. 1, 4, 25-26, p. 258); «Discipulique fidem memoris gratique fefelli./ Cui mea Calliope debuit esse frequens» (El. 1, 13, 9-10, p. 275); «Calliope maior uel si quid maius habetur» (El. 2, 12, 63, p. 338, poema de Pedro Sanches); «flauasque euincte pudica/ Fronde comas, tristes properat sopire dolores/ Calliope ante alias» (Sil. 9, 7-9, p. 389); «Ergo tace maiora tuis ne uiribus aude/ Calliope, neque enim dum talia scribere gestis/ Compos eris uoti» (Sil. 16, 208-210, p. 417).

Notas ad  
Dictionarium  
Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum

**Página 237**

1- Segundo A. Joaquim Anselmo, *op. cit.*, p. 77, título n.º 278, esta obra, na sua primeira edição, vinda a lume em 1551 e de que não se conhece presentemente nenhum exemplar, vinha dedicada a Manuel de Góis, filho de Damião de Góis, e acrescenta o seguinte: «Notícia extraída de Leitão Ferr. p. 563-4, que diz ter-lhe sido comunicado um ex. por D. Manuel Caetano de Sousa. Referências em Barbosa, II, p. 490; Lacerda, p. 67; M. Carvalho, I, VII». Uma vez que Cardoso tinha o hábito de dedicar as suas obras por meio de carta nuncupatória, é possível, a partir daqui, inferir a existência de um texto presentemente inacessível: uma carta de Jerónimo Cardoso endereçada a Manuel de Góis.

2- Neste passo, o diminutivo *rimula* assume um sentido figurado, indicando uma possibilidade muito reduzida, mas no entanto suficiente para levar a cabo algum trabalho, tal como sucede em Propércio, no seguinte passo: «nec mille excubiae nec te signata iuuabunt/ limina: persuasae fallere rima sat est» (4, 1, 145-146). Por outro lado, em Plauto lê-se: «aliquam reperitis rimam» (*Curc.*, 510), expressão de sabor proverbial, empregue a propósito dos usurários, que, apenas elaborados os decretos, logo encontram uma forma de contornar os seus termos. A este respeito, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1095, pp. 508-509.

3- Em lat. «liuoris nubecula». Semelhante expressão, em que o termo *liuor*, «cor escura», surge em sentido figurado (uma acepção presente sobretudo na poesia posterior a Augusto), ocorre em Nemesiano, perto do termo de uma das suas composições: «Jamque hic in siluis praesens tibi fama benignum/ Strauit iter, rumpens liuoris nubila pennis./ Sed iam sol demittit equos de culmine mundi,/ Flumineos suadens gregibus praebere liquores» (*Ecl.*, 1, 84-88).

4- Ou seja, com imparcialidade. Sobre a expressão latina «acqua lance», as suas fontes clássicas e uma outra ocorrência da mesma em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Lib.* 18, p. 65, n. 2.

5- Em lat. «tantillum uel operae uel diligentiae», expressão que ocorre com relativa frequência na epistolografia de Cícero, onde estes termos surgem normalmente associados a outros, como sucede no seguinte caso: «de ceteris rebus quicquid erit actum scribam ad te et ut quam rectissime agatur omni mea cura, opera, diligentia, gratia prouidebo» (*Fam.*, 1, 2, § 4, para outros exemplos, v. *ibidem* 5, 8, § 2; 10, 1, § 3; *Att.*, 4, 1, § 1 e *Her.*, 4, 35, § 47).

6- A uma expressão comparável recorre Fábio Quintiliano, como justificação para iniciar o estudo da Retórica pela obra de Homero: «Igitur, ut Aratus ab Ioue incipiendum putat, ita nos rite coepturi ab Homero uidemur. hic enim, quem ad modum ex Oceano dicit ipse amnium fontiumque cursus initium capere, omnibus eloquentiae partibus exemplum et ortum dedit» (*Inst.*, 10, 1, § 46).

**Página 238**

1- O uso metafórico de *tirunculus*, diminutivo de *tiro*, «jovem soldado», «recruta», decorre da associação do labor do estudo à vida militar, uma imagem recorrente em Jerónimo Cardoso e já antes definida como «milícia do saber». Sobre este assunto, v. *supra*, *Ep.* 49, p. 177, n. 6.

2- Sobre o sentido desta expressão, em lat. «creta notare», para as suas fontes clássicas e para uma outra ocorrência da mesma, v. *supra*, *Ep.* 33, p. 143, n. 4.

3- Elogio das Belas-Letras, feito no mesmo tom que já antes vimos usado na *Oratio pro Rostris* (v. *supra*, *Lib.* 18, p. 48), mas centrado, neste caso particular, na área específica do conhecimento dos vocábulos.

Notas às  
Institutiones in Linguam Latinam

### Página 241

1- Filho único do príncipe D. João Manuel e derradeira esperança da continuação da linha dinástica, D. Sebastião nasceu, após a morte de seu pai, em Lisboa, a 20 de Janeiro de 1554. Rei de Portugal pela morte do seu avô, D. João III, em 1557, subiu D. Sebastião ao trono com apenas três anos de idade, sendo a regência assegurada por D. Catarina, ainha viúva e, mais tarde, por D. Henrique.

Educado pelo Jesuíta Luís Gonçalves da Câmara, desde cedo o jovem rei se mostrou pouco dado aos estudos, preferindo antes exercitar-se na arte da guerra, na convicção de que o aguardavam grandes feitos militares. Também não mostrou interesse em assegurar a sucessão, declinando sucessivamente todas as hipóteses de casamento e preferindo dedicar-se em exclusivo aos preparativos de uma expedição irresponsável ao Norte de África, cujos desastrosos resultados deixaram indelével marca no reino que lhe fora confiado.

2- No exemplar das *Institutiones*, guardado na Biblioteca Pública de Évora com a cota Reservado 8, precede a presente dedicatória uma nota curiosa, manuscrita no verso da folha de rosto, que passamos a transcrever: «Esta Grammatica já havia/ sido impressa em Lisboa por/ João de Barreira impressor/ d' ElRey no anno de 1557 de-/dicada a D. João de Menezes/ de Vasconcellos, egual Dedicac-/toria com hua Poesia ao mes-/mo Fidalgo vai copiada no fim./ Fr.<sup>co</sup> Leitão Ferr.<sup>o</sup>». O nome da assinatura corresponde ao de Francisco Leitão Ferreira, autor das *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra* e um dos primeiros indexadores da produção de Jerónimo Cardoso.

Efectivamente, no exemplar das *Grammaticae Introductiones* da Biblioteca Pública do Porto, com a cota X<sup>1</sup>. 3, 43 (referido por A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 40, com o título nº 146), a carta lá se encontra, datada de 1 de Agosto de 1552, e mais não é do que o presente texto, com as necessárias adaptações a um novo (e régio) destinatário. Segue-se uma poesia dedicada «Ad Eundem» (a D. João de Meneses de Vasconcelos, portanto), texto que, com excepção do v. 11, repete exactamente o poema que apresentamos a seguir (desta feita sob o título «Ad Artem Suam», v. infra, *Inst.* 1, p. 243). Quanto ao poema que F. Leitão Ferreira diz vir transcrito no fim e que reiteraria a dedicatória a D. João de Meneses de Vasconcelos, nada se pode apurar, pela circunstância do dito exemplar se apresentar incompleto, com falta de folhas na parte final.

3- Adágio latino, que Jerónimo Cardoso regista no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 76- v.<sup>o</sup>, nos seguintes termos: «Fumum pro fulgore dare. Enuez de luz dar escuridade». Entre os autores clássicos tal *sententia* ocorre, com ligeira variação, no seguinte passo de Horácio: «non fumum ex fulgore, sed ex fumo dare lucem/ cogitat, ut speciosa dehinc miracula promat./ Antiphaten, Scyllam que et cum Cyclope Charybdin» (*A. P.*, vv. 143-145).

4- Novo testemunho directo da acção pedagógica de Jerónimo Cardoso, relevante sob o ponto de vista da sua biografia. Para outros exemplos desta e outras circunstâncias relacionadas com a sua actividade profissional, v. *supra*, *Ep.* 9, p. 94, n. 1.

5- Relativamente às fontes clássicas deste símile e para uma outra ocorrência do mesmo na prosa de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 3, p. 82, n. 2.

### Página 242

1- Trata-se do Padre Luís Gonçalves da Câmara, que, em 1559, foi escolhido para mestre de D. Sebastião, a quem veio a ensinar Latim, História e Filosofia.

Filho de João Gonçalves da Câmara, quarto capitão-donatário da Madeira, e de D. Leonor de Vilhena, nascido na Ilha da Madeira (ou em Abrantes) cerca de 1519, Luís Gonçalves da Câmara foi estudar para Paris em 1535, aí obtendo o grau de Mestre em Artes. Depois, em Coimbra, estudou Teologia e entrou para a Companhia de Jesus a 27 de Abril de 1545. Dois anos mais tarde, em 1547, governava o Colégio de Jesus. No ano seguinte, desloca-se em missão a Ceuta e a Tetuão e reside em Roma entre Maio de 1553 e Outubro de 1555. Aí, fruto de uma convivência íntima com o Fundador da Companhia, escreve as *Acta P. Ignatii* e o *Memorial*. Em 1558 encontra-se de novo em Roma, para tomar parte na Congregação Geral, de lá regressando, porém, para se ocupar da educação do jovem rei.

Tendo inicialmente aprovado a sua escolha, D. Catarina viria no entanto a arrepender-se e a tentar afastá-lo da Corte por suspeitas, de todo infundadas, de que Luís Gonçalves da Câmara procurava desviar D. Sebastião do casamento.

Opositor tenaz das aventuras africanas do monarca, Luís Gonçalves da Câmara acabaria por morrer de desgosto em Lisboa, a 15 de Março de 1575, porque D. Sebastião, no ano anterior, embarcara solteiro para o Norte de África.

2- Para algumas informações relativas à biografia do Cardeal Infante D. Henrique, v. *supra*, Ep. 7, p. 89, n. 2.

3- Antigos epítetos de Júpiter, divindade suprema do panteão romano, que nos autores do Renascimento surgem normalmente aplicados ao Deus cristão. Sobre este assunto e para outros exemplos desta prática nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Lib. 18, p. 68, n. 3.

4- Ao dirigir estas palavras ao rei D. Sebastião, Jerónimo Cardoso poderia ter em mente um passo de Plutarco, que ele mesmo transcreveu na sua *Oratio pro Rostris* e onde, a propósito do elogio da Filosofia, se lê: «Per hanc enim et scire licet, quid honestum, quid turpe, quid iustum, quid iniustum, et summatim quid deligendum, quid fugiendum» (v. *supra*, Lib. 18, p. 60 e n. 4).

5- Ou seja, no dia 1 de Janeiro de 1561.

#### Página 243

1- Respectivamente, os ventos procedentes dos quadrantes Norte e Sul. Sobre o vento Bóreas, v. *supra*, Ap. 1, 11, p. 3, n. 6. Sobre o vento Noto, v. *supra*, Lib. 2, 326, p. 21, n. 1.

2- Terrível monstro marinho, emboscado no estreito de Messina do lado da costa de Itália, Cila apresentava a forma de uma mulher com a parte inferior do corpo rodeada por seis cães monstruosos que devoravam tudo o que lhes passava ao alcance. Homero, (*Od.*, 12), menciona-a com o epíteto de «Cila dos terríveis latidos». Na realidade, trata-se de um rochedo situado entre a Itália e a Sicília.

O nome de Caribdis, por outro lado, designa um outro rochedo (hoje chamado *Calofaro*), que, do lado de Messina, se estende ao longo do dito estreito. Caribdis seria uma filha da Terra e de Posídon que, enquanto humana, teria dado mostras de uma voracidade extrema, tragando até alguns animais de Géron conduzidos por Hércules. Zeus puniu-a, fulminando-a com um raio e lançando-a no mar, onde se terá transformado num monstro que, três vezes por dia, absorvia uma grande quantidade de água, devorando tudo o que nela flutuava.

Para outras referências a estes dois escolhos marinhos na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Nam potius credam Siculos sub gurgite saeuos/ Adlatrare tuo corpore Scylla canes» (El. 1, 14, 29-30, p. 278); «Ah miser in tanta facias cum uela Charybdi,/ Naufragio non te posse perire putas» (El. 1, 18, 31-32, p. 287); «Nec sua Scyllaea mergenda uoragine uela/ Neue Charybdaeos metuat proscindere fluctus» (Sil. 2, 56-57, p. 369).

3- Nome de duas pequenas ilhas situadas à entrada do Ponto Euxino, também conhecidas como rochas Ciâneas. A seu respeito, v. *supra*, Ep. 53, p. 185, n. 4.

4- Refere-se Jerónimo Cardoso aos bancos de areia que se erguiam do fundo do mar na costa Norte de África, ao largo da província Cirenaica, em concreto à chamada *Syrtis Maior* (por oposição à *Syrtis Minor*, situada próximo de Bizâncio e hoje designada pelo nome de Golfo de Cabes), que corresponde presentemente ao Golfo de Sidra e que se encontra referida amiúde, entre os autores antigos, como um obstáculo à navegação marítima.

Para uma outra referência a este escolho, v. *infra*: «Nec rabies saeui obstaret uiolenta leonis,/ Nec Siculum Aegaeumue fretum nec inhospita Syrtis» (Sil. 13, 7-8, p. 403).

5- Sobre o vocábulo *Lusitanae* («os Lusíadas», ou seja, «os Portugueses») e as suas ocorrências na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Mon. 7, 51, p. 227, n. 6.

6- Nova referência aos ventos que sopram respectivamente dos quadrantes Norte e Sul, desta feita com recurso aos seus nomes latinos. Sobre o vento Aquilão, v. *supra*, **Ap.** 1, 11, p. 3, n. 6. Sobre o vento Austro, v. *supra*, **Lib.** 2, 326, p. 21, n. 1.

7- Trata-se de Jasão, jovem dotado de grande beleza, oriundo de Iolco e descendente de Éolo, o qual, fosse como condição imposta para recuperar o poder usurpado por Pélias, meio-irmão de seu pai, fosse como punição pelo facto de pensar em fazê-lo, teve que recuperar o velo do carneiro que tinha transportado Frixo pelos ares (o Velo de Ouro) e que Eeta, rei da Cólquida, consagrara ao deus da guerra. Para além dos infundáveis perigos de uma tal expedição, o dito velo era ainda guardado por um dragão, sendo por isso duvidoso que Jasão alguma vez regressasse, mas este pediu a ajuda de Argo, que, seguindo os conselhos de Atena, construiu a nau que tem o seu nome e, com ela, Jasão conseguiu superar a prova e regressar a Iolco com o Velo de Ouro.

Para outras alusões a esta personagem, v. *infra*: «Si decus egregium formae pulchramque iuuentam,/ Vincis et Aesonidem, Priamidemque Parin» (**Inst.** 4, 21- 22, p. 246), «Si foret acer amor magicis medicabilis herbis/ Phasias Aesonidem detinisset amans» (**El.** 2, 7, 75-76, p. 329).

8- Natural de Sifas, na Beócia, e filho de Hagnia, Tifis, primeiro-piloto da nau Argo, possuía um conhecimento profundo dos ventos e dos cursos dos astros, o qual lhe teria sido revelado pela própria deusa Atena, motivo que talvez explique o facto de jamais tomar parte nos combates travados em terra. Não obstante, Tifis não acompanhou a expedição dos Argonautas até ao fim, dado ter sucumbido a uma doença no palácio do rei Lico, no país dos Mariandinos, algures nas margens do Ponto Euxino.

#### **Página 244**

1- Nome de uma floresta e de um pântano, situado nas proximidades de Argos, no qual vivia a Hidra de Lerna, monstro terrível que assolava toda a região e que foi morto por Hércules com a ajuda de Iolau. O seu sangue era um veneno extremamente mortífero. A este respeito, *supra*, **Lib.** 3, 7, p. 22, n. 1.

Para uma outra menção do nome deste lago na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Quique solent doctos Lernaeo spargere tabo» (**El.** 2, 18, p. 349).

2- Ou seja, gemidos infernais. Sobre o Estige, rio que rodeia os Infernos com os seus meandros, v. *supra*, **Lib.** 2, 294, p. 20, n. 2.

3- Nictimene seria uma filha de Epopeu, rei de Lesbos (ou então de um rei etíope chamado Nictéu), que, forçada ou de livre vontade, se teria entregue a uma relação incestuosa com o seu pai, depois, enchendo-se de vergonha pelo que sucedera, procurou refúgio nos bosques. A deusa Atena, compadecida da sua situação, tê-la-ia transformado em coruja, ave nocturna que sempre foge da luz e dos olhares e apenas se mostra durante a noite. Jerónimo Cardoso conhecia a sua história possivelmente através do breve relato apresentado por Ovídio (*Met.*, 2, 589-595).

#### **Página 245**

1- Montanha da Fócida, cujo nome ocorre frequentemente com o valor de «poesia» ou «inspiração poética». A seu respeito, v. *supra*, **Mon.** 2, 3, p. 220, n. 2.

2- Célebre monte da Beócia, considerado pelos Antigos lugar de residência das Musas, circunstância pela qual o seu nome ocorre normalmente com o sentido de «poesia». Relativamente a este monte, v. *supra*, **Lib.** 2, 35, p. 11 e n. 9.

3- Ou seja, as nove Musas (cf. *supra*, **Mon.** 1, 10, p. 219, n. 2). Sobre as Piérides, figuras inicialmente independentes das Musas, v. *supra*, **Lib.** 9, 3, p. 26, n. 3.

4- Referência ao humanista espanhol Élio António de Nebrija autor de uma gramática latina, publicada em Salamanca, no ano em 1481, sob o título *Introductiones Latinae*. Sobre esta figura e a vasta obra, v. *supra*, **Ep.** 41, p. 161, n. 5.

5- Gramático flamengo nascido cerca de 1460, João Despautério (ou, em flamengo, Van Pauteren) deve a sua fama ao compêndio intitulado *De Arte Grammatica*, obra a que Cardoso alude neste passo, e que influenciou profundamente a formação literária de vários humanistas do séc. XVI. Impressa pela primeira vez em 1512, havia de conhecer um grande número de edições, das quais a principal terá sido o in-fólio vindo a lume em Paris, no ano de 1537, com o título *Ioannis Despauterii Niniuitae Commentarii Grammatici*. Em Portugal há notícia de quatro edições: em Coimbra, por João Álvares, no ano de 1555; em Lisboa, por João da Barreira, no ano de 1570 e em Braga, por António de Mariz, uma em 1561, outra em 1563. Sobre estas últimas edições, v. Anselmo, *op. cit.*, respectivamente n<sup>os</sup> 65; 210; 834 e 838, pp. 18, 57 e 214. João Despautério veio a falecer em 1570.

6- Paráfrase de Horácio, que dirige aos leitores o seguinte conselho: «uos exemplaria Graeca/ nocturna uersate manu, uersate diurna» (*A. P.*, 268-269). Para outras paráfrases deste passo em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 69, n. 2.

#### Página 246

1-

2- Sobre a fuga de Dédalo para Cumas e a queda de Ícaro, v. *supra*, **Lib.** 16, 3, p. 36, n. 6.

3- Filho do Sol e de Clímene, uma das Oceânides, Faetonte foi educado por sua mãe, que o manteve na ignorância quanto à identidade do pai. Chegado à adolescência e sendo-lhe revelado de quem era filho, teria pedido, como prova da sua filiação, que o Sol o deixasse conduzir o seu carro. O seu pai acabou por consentir, não sem antes lhe ter dirigido infundas recomendações. Faetonte, de início, conduziu bem a viatura, seguindo o seu percurso na abóbada celeste, depois assustou-se com a altitude e sobretudo com os animais dos signos do Zodíaco. Fez então descer o ardente carro de uma forma tal que quase abrasou a Terra, de seguida elevou-se demasiado e os astros queixaram-se a Zeus que, ante o perigo que decorria para o Universo de uma tal condução, se viu obrigado a fulminá-lo, precipitando o seu corpo nas águas do rio Eridano.

4- Respectivamente, os ventos que sopram dos quadrantes Norte e Sul. Acerca do vento Bóreas, v. *supra*, **Ap.** 1, 11, p. 3, n. 6. Acerca do vento Noto, v. *supra*, **Lib.** 2, 326, p. 21, n. 1.

5- Nome do timoneiro de Eneias, o qual, confirmando uma promessa de Vénus, seria o único homem a morrer durante a travessia entre a Sicília e a Itália, resgatando, com a sua morte, a vida de Eneias e dos seus companheiros. Durante a noite, o deus do sono abateu-se sobre Palinuro, que controlava o leme, inspirando-lhe um sono invencível. O timoneiro resistiu, fitando as estrelas com os olhos abertos e conservando-se agarrado ao leme, mas um solavanco do navio atirou-o borda fora e os seus companheiros, tomados de um sono profundo, não ouviram os seus gritos desesperados. Ao despertar, Eneias compreendeu o que sucedera e lamentou o seu destino.

O filho de Vénus reencontrá-lo-ia, pouco tempo depois, aquando da sua descida aos Infernos, sendo então informado de que o infeliz conseguira nadar três dias e três noites, chegando às costas de Itália, onde habitantes da Lucânia o haviam assassinado, deixando o seu corpo insepulto. Palinuro pediu-lhe então que, quando regressasse à Terra, lhe prestasse as honras fúnebres, e a Sibila acabou por lhe prometer que a sua morte seria vingada por prodígios terríveis, os habitantes da Lucânia conceder-lhe-iam honras divinas e dariam o seu nome ao cabo Palinuro.

6- Referência a Jasão, que, à cabeça da expedição dos Argonautas, conseguiu recuperar o Velo de Ouro. Sobre esta figura, v. *supra*, **Inst.** 1, 14, p. 243, n. 7.

7- Dotado de uma grande beleza física, comparável à de Jasão, Páris, filho de Príamo, rei de Tróia, e de Hécuba, foi, como se sabe, o causador da ruína desta cidade, por ter raptado Helena, a mais bela das mulheres, esposa de Menelau, rei de Esparta. Quando, após o julgamento em que elegeu Afrodite como a mais bela das deusas, Páris se dirigiu com Eneias à corte de Menelau, foi essa sua beleza, que Afrodite ainda acentuava, aliada à pompa oriental e aos ricos presentes, que facilitou a sedução de Helena e o seu rapto, causa da Guerra de Tróia.

**Página 247**

1- Expressão proverbial que não se encontra atestada, com a presente forma, entre os autores clássicos. A mesma imagem surge contudo, expressa em termos muito semelhantes, num epigrama de Marcial, que lamenta a morte prematura de um jovem gladiador: «Ille ego sum Scorpis, clamosi gloria Circi,/ plausus, Roma, tui deliciaeque breues,/ inuida quem Lachesis raptum trieteride nona,/ dum numerat palmas, credidit esse senem» (10, 53).

2- Ou seja, à poesia de Homero, dado que esta região da Ásia Menor se vangloriava de ser a sua pátria. A este respeito, v. *supra*, **Lib. 4**, 14, p. 23, n. 3.

3- Uma das Meras, Láquesis tinha por função cortar o «fio da vida» dos mortais, presidindo, deste modo à sua morte. Relativamente às Meras, divindades que vieram a identificar-se com as Parcas, v. *supra*, **Mon. 7**, 87, p. 229, n. 3.

4- Nome de uma outra Mera, Cloto presidia ao casamento, sendo representada como uma fiandeira que enrolava o «fio da vida» dos mortais. Sobre as três Meras, v. *supra*, **Mon. 7**, 87, p. 229, n. 3.

5- Literalmente, «erguer até aos astros a sucessão dos teus maiores,/ etc.». Sobre este tipo de expressão e para outras ocorrências do mesmo nos textos de Jerónimo Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, **Ep. 17**, p. 109, n. 2.

Notas aos  
Elegiarum Libri II

Página 250

1- Nascido em Évora (ou em Sintra) em 1526, filho de João Vaz, meirinho da casa de D. Fernando II, duque de Bragança, e de Maria Álvares, Álvaro Vaz recebeu, como membro de uma família abastada, uma educação cuidada primeiramente em Évora, onde terá aprendido os rudimentos de gramática latina e grega e desenvolvido ainda estudos de Poética e de Retórica. De Évora passou a Coimbra, onde estudou Direito Civil e se formou doutor.

Álvaro Vaz foi eleito lente de Instituta, segundo Barbosa Machado, em 22 de Março de 1556, quando contava 32 anos de idade. Algum tempo antes, em 1554, estivera Álvaro Vaz no centro de um escândalo académico movido pelo bacharel Cosme Fernandes, que ambicionava para si o lugar de lente substituto da cadeira de Prima de Leis (sobre este assunto, v. *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, publicadas por Mário Brandão, Vol. II, ii parte, Coimbra, 1955, p. 243). Cosme Fernandes tentara neutralizá-lo como seu opositor, alegando que Álvaro Vaz nunca poderia ser doutor pelo facto de ser «incapaz e inábil *ipso iure*». A base de semelhante acusação era a sua «impureza» de sangue, advinda do facto de seu avô ter morrido sem confissão nos cárceres da Inquisição e os seus restos mortais terem sido queimados, juntamente com uma sua effigie, em Évora, sob acusação de heresia. O seu pai fora igualmente posto a ferros, também pela Inquisição de Évora, e estava ainda encarcerado «por seus erros e heregias» ao tempo em que decorria o processo de embargo da candidatura de Álvaro Vaz. Que estes factos não parecem, à partida, ter afectado grandemente a carreira de Álvaro Vaz é algo que se deduz do facto de ter sido bem sucedido, durante mais algum tempo, na vida universitária.

Cosme Fernandes, para embargar o processo de candidatura de Álvaro Vaz, não só veio a agitar os estudantes visitando-os nas suas próprias casas com fins de suborno (facto que, por si só, o desqualificava para a oposição), como também chegou a promover arruaças em que o seu antagonista foi vaiado de insultos, diante da sua casa, a altas horas da noite, e ameaçado de que o «havam de queimar». Entre as testemunhas então apresentadas por Cosme Fernandes contra Álvaro Vaz contavam-se alguns seus concidadãos e vários membros do pessoal do paço episcopal de Évora.

Na sequência da sua nomeação como lente de Instituta, em 1556, passou, no ano de 1557, para a cadeira de Código e, em 5 de Agosto de 1559 começou a reger a cadeira dos Três Livros de Código. A 20 de Fevereiro de 1560 entrou numa contenda sobre a atribuição da cadeira de Digesto Velho, tendo por rival Pedro Barbosa. Derrotado, decidiu deixar Coimbra e estabelecer-se, como advogado, em Lisboa, cidade onde foi eleito advogado da Casa da Suplicação.

Terá sido por esta altura que os destinos de Álvaro Vaz e Jerónimo Cardoso se cruzaram. Os «collata beneficia» de que fala a presente carta nuncupatória, deverão reportar-se a algum evento sucedido entre o seu estabelecimento em Lisboa e o ano da publicação das elegias, ou seja, entre 1560 e 1563.

Anos mais tarde, D. Sebastião constituiu Álvaro Vaz juiz e nomeou-o desembargador dos Agravos, cargo que o juriconsulto ocupou pouquíssimo tempo, de 30 de Setembro de 1577 até 22 de Dezembro desse mesmo ano. Nesta data o mesmo monarca nomeou-o lente de Prima na Universidade de Coimbra. Contando então cerca de cinquenta e três anos, de saúde enfermiça e sujeito a achaques, Álvaro Vaz cedo abandonou a Universidade, regressando definitivamente a Lisboa, onde reocupou o cargo para que fora anteriormente nomeado e continuou a publicação das suas obras, que iniciara em 1569. A morte sobreveio no ano de 1593, a 17 de Abril, quando contava sessenta e nove anos de idade.

Do seu casamento com D. Brites de Gouveia teve Álvaro Vaz dois filhos e duas filhas. O seu primogénito, Pedro Álvares de Gouveia, foi alcaide-mor de Ferreira e senhor de um morgado junto a Santarém. Francisco Valasco de Gouveia, filho segundo, seguiu com sucesso os estudos jurídicos e, tendo alcançado o grau de doutor, foi lente de Véspera em Cânones, na Universidade de Coimbra. Foi, igualmente, desembargador da Casa da Suplicação e ainda arcedíago de Cerveira na Sé de Braga.

A extensa obra que Álvaro Vaz legou à posteridade ocupa-se dos temas que preencheram a sua vida de juriconsulto. Para um elenco da sua produção, veja-se a bibliografia *HISLAMP*, pp. 157-158.

Na obra de Jerónimo Cardoso deparam-se-nos apenas dois textos dirigidos a Álvaro Vaz, a presente carta (El. 1, A, pp. 250-251), com que o autor dedica ao juriconsulto esta colectânea de elegias, e o poema que abre o seu segundo livro (El. 2, 1, v. *infra*, pp. 314-315).

2- Trata-se de Quinto Múcio Cévola, o *Águre*, genro de C. Lélio por ter contraído matrimónio com a sua filha mais velha e que, possivelmente por esta circunstância, foi admitido no colégio dos águres, ocupando esse cargo antes do ano 129 a. C. e nele permanecendo por mais de quatro décadas, motivo que deu azo ao seu cognome. Embora a sua carreira política não tenha sido brilhante, Cévola

desempenhou funções de pretor, em 120, e de cônsul, em 117. Em virtude de ligações familiares com membros do partido popular, simpatizou com o movimento dos Gracos. Para além disso, terá sido o mais conceituado jurista do seu tempo, razão pela qual lhe foi confiada a formação jurídica de Cícero, quando este contava entre 16 e 22 anos, no período que medeia entre 90 e 84 a. C., um convívio a que a morte do *Áugure*, ocorrida nesse ano, veio pôr termo.

Nas suas *In M. Antonium orationes Philippicae* (8, § 31), Cícero elogia enternecidamente as qualidades cívicas deste seu antigo mestre e, segundo o próprio afirma, terá sido da sua boca que escutou o relato da exposição de Lélío acerca da amizade, que esteve na origem do famoso diálogo (cf. *Lael.*, § 1).

Para outras referências a esta figura presentes na obra de Cardoso, v. *infra*: «Adde quod est duplicis tibi tanta peritia iuris,/ Abas quanta tibi, Scaeuola quanta tibi» (El. 2, 27, 17-18, p. 358); «Quem sibi praeferrí dolet acer Scaeuola» (Sil. 10, 43, p. 393).

3- Jerónimo Cardoso tem em mente D. Júnio Juvenal, poeta satírico que efectivamente escreve: «tamen ima plebe Quiritem/ facundum inuenies: solet hic defendere causas/ nobilis inducti; ueniet de pube togata/ qui iuris nodos et legum aenigmata soluat» (8, 47-50).

Para além do caso presente, esta imagem ocorre ainda, com ligeiras variações, numa elegia dedicada a António Martins: «Ergo tui uolues nodosa aenigmata iuris» (El. 2, 2, 19, p. 316) e num poema dirigido a Manuel da Costa, no qual se formula a seguinte interrogação: «Nunquid Caesarei tenebrosa aenigmata iuris/ Perplexasque uias aperis, nodosque resoluis,/ Vt studiosa tuo firmata labore iuuentus/ Excelsum conscendat iter, legumque prehenda/ Fortis inaccessum te permonstrantem cacumen?» (Sil. 5, 6-10).

#### Página 251

1- Estas palavras da carta nuncupatória reportam-se à confissão de Cícero de que, sem desmérito para a sua vida pública, consagrava todos os seus ócios ao culto da poesia: «Ego uero fateor me his studiis esse deditum. Ceteros pudeat, si qui ita se litteris abdiderunt, ut nihil possint ex iis neque ad communem adferre fructum neque in aspectum lucemque proferre; me autem quid pudeat, qui tot annos ita uiuo, iudices, ut a nullius umquam me tempore aut commodo aut otium meum abstraxerit aut uoluptas auocarit aut denique somnus retardarit?» (*Arch.*, § 12, e ainda § 13).

2- Ignora-se quais os favores prestados por Álvaro Vaz a Jerónimo Cardoso. Devem, no entanto, ter sido relevantes, a ponto de Cardoso os considerar, como refere, merecedores de uma recompensa generosa, e não se limitariam certamente à simples «facilitas et humanitas» a que antes aludiu (v. *supra*, Ep. A, p. 250). Cronologicamente, deverão situar-se após a eleição de Álvaro Vaz como advogado da Casa da Suplicação, cargo que o obrigou a estabelecer-se em Lisboa, e o ano da publicação dos *Elegiarum Libri*, ou seja, entre 1560 e 1563. Anteriormente Álvaro Vaz não estaria em condições de lhe prestar grandes favores, se é que o conhecia pessoalmente.

3- Este provérbio, cuja fonte permanece desconhecida, resume o pensamento expresso no seguinte passo de Séneca: «Itaque non, quid fiat aut quid detur, refert, sed qua mente, quia beneficium non in eo, quod fit aut datur, consistit, sed in ipso dantis aut facientis animo» (*Ben.*, 1, 6, § 1). Os seus antecedentes encontram-se tanto na *Iliada* (1, 167-168), onde se lê que um presente, embora pouco valioso para quem o oferece, torna-se objecto de grande estima para aquele que o recebe, quanto na *Odisseia* (6, 208), onde Nausícaa se refere a Δόσις δ'ὀλίγη τε φίλη τε, ou seja, «um pequeno presente dado com amizade». Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1359, pp. 615-616.

Em Jerónimo Cardoso, este motivo surge novamente no passo em que, falando a propósito da sua Musa, escreve: «Est rudis illa quidem (fateor) sed pondus amoris/ Quo ualet, efficiet grata sit illa magis./ Nam plerumque solet quamuis sint paruula dona/ Efficere immensus maxima dantis amor» (El. 1, 11, 3-6, p. 271); quando justifica a Álvaro Vaz a oferta de uma das suas elegias: «Quae tibi sincero mittuntur pectore lacta/ Accipe, fronte libens munera parua, precor» (El. 2, 1, 5-6, p. 314) e ainda quando agradece a oferta de um exemplar de Valério Flaco: «Non tamen infitior gratissima dona fuisse/ Sed magis obstrinxit me tibi dantis amor» e «Munificus non est qui grandia munera donat./ Sed potius puro qui dat amore libens» (El. 2, 9, 7-8 e 11-12, p. 332); «Gratum utrumque fuit, sed plus sincera uoluntas,/ Qua sine nil auri munera missa iuuant» (El. 2, 27, 3-4, p. 358).

4- Efectivamente, Plínio-o-Antigo, num passo da carta nuncupatória da sua obra, dedicada ao futuro imperador Tito, desculpa-se do escasso valor material da sua oferta, dizendo: «Verum dis lacte rustici multaeque gentes et mola tantum litant salsa qui non habent tura, nec ulli fuit vitio deos colere quoquo modo posset» (*N. H., praef.*, § 11). Por «mola [...] salsa» entende-se a farinha misturada com sal que se espalhava ritualmente sobre a cabeça das vítimas destinadas ao holocausto. Jerónimo Cardoso reproduz fielmente as palavras do Naturalista, introduzindo apenas uma ligeira alteração na sua ordem.

5- Ou seja, no dia 30 de Agosto de 1563.

## Página 252

1- Sobre os dois hinos compostos por Jerónimo Cardoso e possíveis alusões a estes textos em duas cartas dirigidas a Martinho Coelho, v. *supra*, **Lib.** 2, título, p. 8, n. 1. Sobre o uso de *Diuus* como atributo dos santos cristãos (cf. *infra*: «Quod non exores diue beate Deum» **El.** 1, 1, 32, p. 254), v. *supra*, **Lib.** 2, título, p. 8, n. 2.

A redacção do presente hino deverá ter ocorrido em Lisboa, em ano que não se pode determinar, por ocasião das festas do Santo: Jerónimo Cardoso menciona o «tuum [...] festum», dia que os jovens celebram com solenidade e em que dirigem preces a S. João Baptista. Esta hipótese tem a seu favor a constatação de que todo o poema respira alegria e felicidade, uma atmosfera muito própria dos arraiais com que, ainda hoje, se celebra o nascimento de S. João Baptista. Esse mesmo tom de alegria messiânica percorre os dois primeiros capítulos do Evangelho segundo S. Lucas, em que se anuncia e descreve a vinda do Salvador ao mundo e que Cardoso mostra conhecer bastante bem.

Com efeito, Cardoso recolheu a matéria que trata nesta composição nos textos do Novo Testamento. Por isso, confrontados os ditos textos com o hino, seleccionaram-se os excertos mais relevantes e adscreveram-se, em notas de rodapé, aos versos quinhentistas. Deste confronto resultam manifestos, por um lado, o conhecimento que o Lexicógrafo tinha das Sagradas Escrituras, por outro, a abissal diferença linguística que separa os textos sagrados do presente hino. Jerónimo Cardoso seguiu *pari passu* as informações proporcionadas pelas suas fontes, ora as tratando com grande proximidade ora as resumindo a algumas poucas palavras, como facilmente se poderá constatar pela leitura das notas subsequentes.

2- Em lat. «Praecursor», ou seja, o *Praecursor*, epíteto que qualifica São João Baptista como directo antecessor de Jesus Cristo. De um modo geral pode considerar-se que todos os profetas do Antigo Testamento, que vaticinaram a vinda de um Messias, foram seus precursores, mas João foi o seu mais directo antecessor, não só dando, como os outros, notícia da sua vinda, mas afirmando inclusivamente a sua presença (razão pela qual surge aqui qualificado com o superlativo «maxime»). A este respeito, veja-se o seguinte passo de S. Mateus: «Sed quid existis uidere? Prophetam? Etiam dico uobis, et plus quam prophetam. Hic est enim de quo scriptum est: Ecce ego mitto angelum meum ante faciem tuam, qui praeparabit uiam tuam ante te» (Mt. 11. 9-10). João Baptista é alegoricamente comparado ao servo precursor do filho do senhor da vinha, na parábola dos vinhateiros homicidas, (Mt. 21. 33-46, Mc. 12. 1-12, Lc. 20. 9-19). Veja-se ainda S. Lucas: «et ipse praecedet ante illum in spiritu et uirtute Eliae, etc.» (Lc. 1. 17) e S. João: «Ipsi uos mihi testimonium perhibetis, quod dixerim: Non sum ego Christus: sed quia missus sum ante illum» (Jo. 3. 28).

3- Em lat. «Dominum rerum», literalmente, «o Senhor das Coisas» ou melhor «o Senhor da Vida». Já Gil Vicente, num *vilancete* inserto no *Auto da História de Deus*, fala d' «o Deus das alturas», d' «o Senhor das vidas», d' «o Deus das criaturas».

4- Aquando da Visitação de Maria a sua prima Isabel, esta tinha concebido havia já seis meses e, ao aproximar-se Maria, transportando no seio o Verbo Divino, o filho de Isabel saltou-lhe de alegria no ventre, revelando a presença do Salvador (cf. *infra*, **El.** 1, 1, 5-6, p. 252). Isabel dirigiu-lhe então as seguintes palavras: «Benedicta tu inter mulieres, et benedictus fructus uentris tui» (Lc. 1. 42) e Maria, no fastígio da sua bem-aventurança, proferiu o «Magnificat».

A tradição sempre considerou S. João Baptista santificado desde o seio de sua mãe (pelo facto de ter sido favorecido por Deus *ab initio*, visto que foi anunciado pelo anjo Gabriel a seu pai Zacarias como

«magnus coram Domino» acrescentando ainda que «Spiritu sancto replebitur adhuc ex utero matris suae», Lc. 1. 15). Por essa razão, a Igreja celebra o seu nascimento, tal como sucede com Jesus e a Virgem, não obstante afirmar que tal não significa a plenitude da graça santificante desde a própria concepção, mas antes a atribuição do dom da profecia, que se manifestou em João, ainda no seio materno, por meio do estremecimento profético que revelou a Isabel a presença do Salvador e a que Cardoso alude neste dístico.

As principais fontes deste passo serão, para além do já citado, os seguintes versículos: «Et factum est, ut audiuit salutationem Mariae Elisabeth, exultavit infans in utero eius: et repleta est Spiritu sancto Elisabeth» (Lc. 1. 41) e «Ecce enim ut facta est uox salutationis tuae in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo» (Lc. 1. 44).

5- À idade avançada de S. Isabel aludem explicitamente os seguintes passos dos Evangelhos: «et non erat illis filius, eo quod esset Elisabeth sterilis, et ambo processissent in diebus suis» (Lc. 1. 7); «Et dixit Zacharias ad angelum: Vnde hoc sciam? ego enim sum senex et uxor mea processit in diebus suis» (Lc. 1. 18) e «Et ecce Elisabeth cognata tua et ipsa concepit filium in senecta sua, et hic mensis est sextus illi, quae uocatur sterilis» (Lc. 1. 36).

O nascimento de S. João Baptista fora anunciado pelo anjo Gabriel a seu pai, no momento em que este se preparava para efectuar as suas funções sacerdotais. À incredulidade de Zacarias, que pede um sinal ao anjo, alegando a avançada idade dele e de sua mulher e a vergonhosa esterilidade desta, respondeu um castigo: ficaria mudo até à consumação dos factos por não ter acreditado naquele mensageiro. Alguns dias depois a sua mulher concebeu, cheia de alegria: «Quia sic fecit mihi Dominus in diebus, quibus respexit auferre opprobrium meum inter homines» (Lc. 1. 25).

6- Com esta informação iniciam os evangelistas S. Mateus e S. Marcos a sua narração, que coincide, a partir deste momento, com a continuação da de S. Lucas (estes três Evangelhos seguem uma linha de narração muito próxima sendo, por tal razão, chamados sinópticos).

O retiro de S. João Baptista no deserto aparece estreitamente relacionado com a sua formação. A primeira educação ter-lhe-ia sido proporcionada por seus pais, Zacarias e Isabel, que S. Lucas apresenta como «iusti ambo ante Deum, incedentes in omnibus mandatis et iustificationibus Domini sine querela» (Lc. 1. 6). Ora, sendo Zacarias um membro da classe sacerdotal, parece natural que, nos primeiros tempos, se tenha encarregado pessoalmente da educação do seu único filho. S. Lucas afirma que a sua formação subsequente decorreu no deserto (Lc. 1. 80).

Patrocínio Gonçalves (*op. cit.*, Vol. 11, p. 633) relaciona este facto com a seita mística dos monges Essénios, sobre os quais muito se tem descoberto desde que, em 1947, Mohammed adh-Dhib, um jovem beduíno, descobriu acidentalmente o mais importante filão de manuscritos antigos, aparecido em tempos modernos. Estes Essénios tinham-se separado do sacerdócio oficial para alcançarem uma vivência da religião mais pura porque isenta de compromissos políticos e, segundo diz Flávio Josefo, recebiam crianças para educar. Nesta situação parece plausível que um sacerdote justo e piedoso como Zacarias confiasse o seu único filho a estes monges. Diversos pontos de contacto entre o «Benedictus» e a pregação de S. João Baptista, por um lado, e as doutrinas de Qumrán, por outro, bem como o género de vida que ambos levavam, parecem atestar a existência de tal relacionamento.

7- Durante o tempo em que viveu retirado no deserto, João vestiu-se com peles de camelo e alimentou-se de gafanhotos e mel silvestre, conforme relatam S. Mateus: «Ipse autem Ioannes habebat uestimentum de pilis camelorum, et zonam pelliceam circa lumbos suos: esca autem eius erat locustae, et mel siluestre» (Mt. 3. 4) e S. Marcos: «Et erat Ioannes uestitus pilis cameli, et zona pellicea circa lumbos eius, et locustas et mel siluestre edebat» (Mc. 1. 6). Estas informações deixaram rasto na iconografia do próprio santo, que surge normalmente representado com um pote de mel e vestes feitas com pele de camelo, entre outros atributos, como o cordeiro, a cruz de aste elevada e o indicador erguido.

8- Ou seja, vinte e cinco anos (dado que um lustro corresponde a um quinquénio). Nas Sagradas Escrituras, palavra alguma fixa o período de tempo passado por S. João no deserto de um modo tão taxativo, pelo que Jerónimo Cardoso pode ter recolhido esta informação num outro lugar. Com efeito, não há certezas quanto à idade com que o Percursor se retirou para o deserto, como também se não sabe quanto tempo nele permaneceu.

9- Durante o tempo em que permaneceu no deserto, S. João Baptista ter-se-á tornado um eloquente pregador, que exigia o arrependimento dos pecados e o baptismo nas águas como sinal de uma alma redimida. Cumpria deste modo uma das facetas da sua missão: preparar o caminho para a vinda do Messias, profetizando que um dia viria um homem maior do que ele, que seria o Salvador da Humanidade e que havia de baptizar não em água, mas «in spiritu sancto, et igni» (Mt. 3. 11-12; Mc. 1. 7-8; Lc. 3. 15-17). A outra faceta consistiria em mostrá-lo, quando presente, a Israel.

Quanto às fontes do presente dístico, Jerónimo Cardoso pode ter recorrido a qualquer um dos seguintes versículos: «In diebus illis uenit Ioannem Baptista praedicans in deserto Iudaeae» (Mt. 3. 1); «Vox clamantis in deserto: Parate uiam Domini rectas facite semitas eius» (Mt. 3. 3); «qui praeparabit uiam tuam ante te» (Mt. 11. 10); «qui praeparabit uiam tuam ante te. Vox clamantis in deserto: Parate uiam Domini, rectas facite semitas eius» (Mc. 1. 2-3); «Et tu puer, propheta Altissimi uocaberis: praecibus enim ante faciem domini parare uias eius» (Lc. 1. 76); «et erat in desertis usque in diem ostensionis suae ad Israel» (Lc. 1. 80); «factum est Verbum Domini super Ioannem, Zachariae filium, in deserto» (Lc. 3. 20); «sicut scriptum est in libro sermonum Isaiiae prophetae: Vox clamantis in deserto: Parate uiam Domini: rectas facite semitas eius» (Lc. 3. 4); «Ecce mitto angelum meum ante faciem tuam, qui praeparabit uiam tuam ante te» (Lc. 7. 27); «Ait: Ego uox clamantis in deserto: Dirigite uiam Domini, sicut dixit Isaias propheta» (Jo. 1. 23).

### Página 253

1- Cf. *supra*: «siluas, horrendaque lustra ferarum,/ Ne te gens purum polluat ulla, petis» (EI. 1, 1, 7-8). A menção de bosques e animais selvagens («spelea ferarum») não consta no Novo Testamento, nos passos relativos ao retiro de S. João Baptista no deserto, mas corresponde, todavia, a um ideal messiânico, anunciado pelos profetas, de retorno à pureza e vivência de uma paz paradisíaca (cf. Is. 11. 6-9). Quanto às «siluas», remetem-nos para a experiência de uma natureza selvagem europeia bastante diversa do secular deserto da Galileia e podem ter surgido, no espírito de Jerónimo Cardoso, por sugestão da iconografia da época.

2- A segunda vertente da missão do Precursor consistiu em ter apontado, quando já presente, aquele que viria a ser o Salvador da Humanidade, dando testemunho de que se tratava do Messias, como explicitamente afirmam os seguintes passos dos Evangelhos: «Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Ioannes. Hic uenit in testimonium, ut testimonium perhiberet de lumine, ut omnes crederent per illum. Non erat ille lux, sed ut testimonium perhiberet de lumine» (Jo. 1. 6-8); «Ioannes testimonium perhibet de ipso, et clamat dicens: Hic erat quem dixi: Qui post me uenturus est, ante me factus est: quia prior me erat» (Jo. 1. 15); «Et hoc est testimonium Ioannis» (Jo. 1. 19); «Et testimonium perhibuit Ioannes, dicens: etc.» (Jo. 1. 32); «Et ego uidi: et testimonium perhibui quia hic est Filius Dei» (Jo. 1. 34) e «qui erat tecum trans Iordanem, cui tu testimonium perhibuisti, ecce hic baptizat, et omnes ueniunt ad eum» (Jo. 3. 26). Os versículos de Jo. 3. 22-36 constituem um testemunho, o último e por sinal o mais eloquente e extenso de todos os prestados por João Baptista, em que este afirma ser Jesus o Messias que estava para vir. Mais tarde, Jesus lembrar-se-á do testemunho prestado por João Baptista: «Vos misistis ad Ioannem: et testimonium perhibuit ueritati» (Jo. 5. 33).

3- Eis alguns exemplos dos preceitos por meio dos quais S. João Baptista tentou preparar o caminho para a vinda do Messias, bem como testemunhos da sua pregação: «et dicens: Poenitentiam agite: appropinquauit enim regnum caelorum» (Mt. 3. 2); «Videns autem multos Pharisaeorum, et sadducaeorum, uenientes [...] comburet igni inextinguibili» (Mt. 3. 7-12); «Venit enim ad uos Ioannes in uia iustitiae, et non credistis» (Mt. 21. 32); «Et praedicabat dicens, etc» (Mc. 1. 7-8) e «Dicebat ergo ad turbas [...] paleas autem comburet igni inextinguibili» (Lc. 3. 7-17).

4- O principal significado de S. João Baptista na história da Salvação foi, como já vimos, o ter preparado o caminho do Senhor, baptizando os povos com água e anunciando a sua vinda, e de o ter apontado ao mundo como Aquele que vinha cumprir as antigas profecias. Quanto ao facto de ter baptizado Cristo, Jesus nunca pecara e, como tal, não necessitava de remissão. Ele, contudo, pediu a S. João que também o baptizasse no rio Jordão, com o fim de mostrar a sua obediência a Deus. Certamente por esta razão Jerónimo Cardoso não dirá uma só palavra sobre o baptismo do Salvador. Quanto aos baptismos protagonizados por S. João, a que Cardoso faz referência, veja-se os seguintes passos dos Evangelhos: «et

baptizabantur ab eo in Iordane confitentes peccata sua» (Mt. 3. 6); «et baptizabantur ab illo in Iordanis flumine, confitentes peccata sua» (Mc. 1. 5); «Haec in Bethania facta sunt trans Iordanem, ubi erat Ioannes baptizans» (Jo. 1. 28); «Erat autem et Ioannes baptizans, in Aennon, iuxta Salim: quia aquae multae erant illic, et ueniebant et baptizabantur» (Jo. 3. 23).

5- Às grandes multidões que acorreram à pregação do Santo aludem explicitamente os seguintes versículos: «Tunc exibat ad eum Ierosolyma, et omnis Iudaea, et omnis regio circa Iordanem» (Mt. 3. 5) e «Et egrediebatur ad eum omnis Iudaeae regio, et Ierosolymitae uniuersi» (Mc. 1. 5).

6- O Evangelho segundo S. João, o texto que mais detalhadamente descreve o encontro entre Cristo e S. João Baptista (Jo. 1. 29-37), declara unicamente que este viu Aquele, revelando-O aos que o rodeavam por meio da palavra pelo que o presente verso de Cardoso revela um conhecimento mais elaborado a nível teológico. Assim, Fr. José da Assumpção (*op. cit.*, Vol. 2, p. 399) esclarece este aspecto, escudando-se na autoridade de S. Ambrósio, ao dizer que o testemunho de S. João Baptista, profeta e precursor de Cristo, «foi muito singular», pois mostrou Cristo já presente, «quando os mais Profetas só de longe o mostraraõ [...], e assim o Bautista, naõ só mostrou a Christo com a voz, mas ainda muito mais com o dedo, que he a demonstraçaõ mais efficaz, como disse Theodorico Rey de Itália» e, mais adiante, «os mais Profetas falláraõ de Christo, mas naõ o mostraraõ, o Bautista porèm, naõ só fallou, mas mostrou a Christo com o dedo, e por isso entre os Profetas tanto se singularizou no ministerio de Profeta».

Mantém-se, no entanto, a possibilidade de Jerónimo Cardoso, abstraindo-se de toda a problemática teológica, ter sido simplesmente influenciado pela iconografia do Santo, que muitas vezes se apresenta de indicador erguido.

7- A presente composição atinge o zénite neste dístico, quando S. João Baptista aponta Cristo já presente. Tal circunstância poderá encerrar a explicação do silêncio em torno ao baptismo de Jesus, sobre o qual nem uma só palavra é dita: S. João surge, desde o primeiro verso, como «Praecursor» e, quando Cristo é mostrado como presente, o poema aproxima-se do final, seguindo-se a narração, resumida ao essencial, da morte do Santo e, como transição para a prece final, o elogio que Cristo tece ao Baptista. Estes versos de Cardoso constituem uma paráfrase dos seguintes versículos: «Altera die uidit Ioannes Iesum uenientem ad se, et ait: Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi» (Jo. 1. 29); «Et respiciens Iesum ambulans, dicit: Ecce agnus Dei» (Jo. 1. 36).

#### Página 254

1- João Baptista foi encarcerado por ter denunciado o casamento incestuoso de Herodes Antipas, tetrarca da Palestina. Este unira-se a Herodias, uma sua sobrinha e ainda sua cunhada, dado ser esposa de Filipe, irmão de Herodes Antipas por parte do pai. O facto de Filipe ser um simples particular terá motivado o descontentamento da sua esposa, uma neta de Herodes Magno e ainda sobrinha do monarca reinante, cujo nascimento justificava, de certo modo, a ambição de manter um elevado *status*. Como o seu primeiro marido, Filipe, ainda vivia, considerava-se adúltera a sua união com Antipas que, para tal casamento, repudiara a sua primeira mulher. Foi este o crime de Herodes Antipas que S. João Baptista não se coibiu de censurar, desencadeando assim a sua prisão, por parte de Antipas, e um ódio visceral, por parte de Herodias: «Dicebat enim illi Ioannes: non licet tibi habere eam» (Mt. 14. 4); «Dicebat enim Ioannes Herodi: Non licet tibi habere uxorem fratris tui» (Mc. 6. 18); «Herodes autem tetrarcha cum corripetur ab illo de Herodiade uxore fratris sui, et de omnibus malis quae fecit Herodes» (Lc. 3. 19).

2- Num episódio que as artes tornaram particularmente célebre, a filha de Herodias, Salomé (cujo nome, omitido no Novo Testamento, consta na obra de Flávio Josefo), em troca por ter dançado e entretido Herodes Antipas no dia do aniversário deste, obteve dele a promessa de que poderia ter tudo o que desejasse: «até metade do meu reino». Não sabendo o que pedir, Salomé recorre a sua mãe, que não perde a ocasião de se livrar deste profeta, venerado e respeitado até pelo próprio Herodes. Salomé pediu, então, para grande consternação do padrasto, a cabeça desse prisioneiro trazida num prato. Coagido pelo seu juramento, teve Herodes Antipas de consentir em tal capricho: os carrascos foram imediatamente enviados e, pouco depois, a cabeça foi trazida e apresentada por Salomé a sua mãe. Quanto ao corpo, entregaram-no aos discípulos de S. João para ser sepultado.

Referem-se à decapitação deste santo os seguintes passos dos Evangelhos: «Mistique et decollavit Ioannem in carcere. Et allatum est caput eius in disco, et datum est puellae, et attulit matri suae» (Mt. 14. 10-11); «Quo audito Herodes ait: Quem ego decollavi Ioannem, hic a mortuis resurrexit» (Mc. 6. 16); «sed misso spiculatore praecepit afferri caput eius in disco. Et decollavit eum in carcere, et attulit caput eius in disco: et dedit illud puellae, et puella dedit matri suae» (Mc. 6. 27-28); «Et ait Herodes: Ioannem ego decollavi» (Lc. 9. 9).

3- O culto deste santo perde-se no fundo dos tempos e pode até considerar-se que ele se inicia com os elogios que o próprio Cristo lhe tece (cf. Mt. 11. 7-15; Mt. 17. 12-13; Mc. 9. 12-13; Lc. 7. 24-28 e Jo. 5. 32-35). Neles se integram as seguintes afirmações, fonte do presente dístico: «Amen dico uobis, non surrexit inter natos mulierum maior Ioanne Baptista» (Mt. 11. 11) e «Dico enim uobis: Maior inter natos mulierum propheta Ioanne Baptista nemo est» (Lc. 7. 27).

4- S. João Baptista tem seus dias festivos a 24 de Junho, dia em que se celebra de forma soleníssima a sua natividade, e a 29 de Agosto, dia da sua decapitação.

Segundo a tradição a que já acima fizemos referência (cf. *supra*, El. 1, 1, 4-6, n. 4), a sua santificação ocorreu ainda no seio materno, com o estremecimento que revelou a presença do Salvador, movimento profetizado pelo anjo Gabriel ainda antes da Sua concepção. Por esta razão, a Igreja celebra o nascimento de S. João (facto singular pois, geralmente, nos dias dos santos, celebra-se a sua morte) fixando-o no solstício de Verão, em função da colocação da natividade de Cristo no solstício de Inverno. Separa estas datas um período de seis meses: os seis meses que S. Lucas menciona (Lc. 1. 26) e que coloca na boca do anjo Gabriel (Lc. 1. 36).

Numa tradição que se estende por todo o Ocidente, a noite de São João, celebrada com fogueiras e arraiais, na véspera do dia mais longo do ano, esteve sempre associada às festas pagãs que celebravam o solstício de Verão.

5- Cf. *supra*: «Ad Diuum Ioannem Baptistam» (El. 1, 1, título, p. 252). Relativamente ao uso de *diuus*, no latim dos humanistas, como atributo dos santos cristãos, v. *supra*, Lib. 2, título, p. 8, n. 2.

#### Página 255

1- Natural da cidade de Évora, onde a sua família tinha solar, e nascido em data que se desconhece, Fernando da Silveira era filho de Francisco da Silveira, coudel-mor e clareiro da Ordem de Cristo, segundo senhor de Sarzedas, Sobreira Formosa e Ancião e regedor da Casa da Suplicação, e de Dona Margarida de Noronha, filha de D. João de Noronha e de Dona Joana de Castro, senhora do condado de Monsanto. Pela morte do seu pai, Fernando da Silveira herdou o título de senhor de Sarzedas, sendo, deste modo, o terceiro senhor dessa localidade da Beira Baixa. De Fernando da Silveira escreve Cristovão Alão de Moraes (*op. cit.*, Vol. 2, Tomo I, p. 23) que «foi muito inhabil, e desobediente a seu pac, que houve Alvara p<sup>a</sup> poder nomear as Terras em seu neto Heitor da Sylveira, e o confirmou ElRey» e acrescenta que «Teve cõ tudo Fernão da Sylveira o senhorio das Sarzedas sómente».

Casou Fernando da Silveira por duas vezes, a primeira com D. Maria ou Guiomar da Silva, filha de Simão Fogaça «de quem [Fernando da Silveira] foi apartado por sna. em razão de sua inhabilidade, e ella se meteo freira em Chellas onde foi Prioreça», e, da segunda, com D. Grimaneza Mascarenhas, filha de Pedro Dossem de Almeida e de Dona Isabel Mascarenhas, de quem teve uma única filha, D. Maria ou Mariana de Noronha, que sucedeu a seu pai no senhorio de Sarzedas, foi dama da infanta D. Maria e casou com D. Rodrigo Lobo, pagem da lança de D. Sebastião em Alcácer Quibir e que foi o quarto senhor de Sarzedas «por casar cõ Dona M.<sup>a</sup> de Nr.<sup>a</sup> f.<sup>a</sup> de Fernão da Sylveira sr. das Sarzedas chamado o Poeta heroico» (Cristovão Alão de Moraes, *op. cit.*, Vol. 2, Tomo I, p. 45).

Fernando da Silveira prestou serviço em África, em Safim, durante o tempo em que seu primo, D. Nuno de Mascarenhas, era capitão dessa praça. Mais tarde, na Índia, participou na conquista de Brava e Zeila, quando era governador Lopo Soares de Albergaria. Terá regressado a Portugal no ano de 1527. O terceiro senhor de Sarzedas viria a falecer em Évora, no ano de 1569.

Descendente de uma família de poetas (a saber, de Fernando da Silveira e de Francisco da Silveira, seu pai e seu avô, representados no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende), Fernando da Silveira gozou ele próprio de grande fama como poeta, a ponto de o príncipe D. João, pai de D. Sebastião, lhe pedir por

carta, escrita em Almeirim, a 4 de Março de 1551, uma cópia dos seus poemas, conforme relata Barbosa Machado (*op. cit.*, Tomo II, p. 54). Tal circunstância estará na origem da primeira obra que este autor lhe atribui, um manuscrito intitulado *Poemas de Fernão da Sylveira senhor de Sarzedas dedicadas (sic) ao Príncipe D. João*. Uma segunda obra de Fernando da Silveira, que ficou igualmente manuscrita, dava pelo nome de *Epístolas de Ovidio tiradas de Latim em linguagem Castelhana, quando andou na India, em as quaes se conta as amorosas palavras, que as Damas da Grecia escreviaõ a seus maridos estando na guerra da Troya* (Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo IV, p. 121).

Carolina Micaëlis de Vasconcelos (*A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*, p. 50), falando dos poetas que se moviam na esfera da infanta D. Maria, diz que já todos tinham caído no esquecimento, restando memória de «apenas um que era filho e neto de poetas». Em anotação esclarece quem era o poeta chamando-o, porém, equivocadamente, pelo nome de seu pai, Francisco da Silveira (*op. cit.*, p. 94, n. 218), o que é cronologicamente inaceitável.

Atestam o relacionamento entre Fernando da Silveira e Jerónimo Cardoso apenas duas composições conservadas nesta colectânea (o presente texto, *El. 1, 2*, p. 255, e *El. 1, 4*, pp. 257-259). O poema de Fernando da Silveira a que o segundo desses textos responde não foi incluído por Jerónimo Cardoso nesta sua colectânea por razões desconhecidas. Desse texto de Fernando da Silveira apenas é lícito afirmar que foi desencadeado pela primeira elegia e que suscitou, por sua vez, a *responsio* de Jerónimo Cardoso, numa breve correspondência poética que não teve continuidade.

2- Esta referência ao título de senhor de Sarzedas possibilita uma identificação segura do destinatário desta elegia (bem como de *El. 1, 4*, v. *infra*, pp. 257-259) com o filho de Francisco da Silveira, coudel-mor e poeta do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Se tal referência tivesse sido omitida, seria quase impossível identificá-lo entre os numerosos membros da sua família, homónimos e contemporâneos, e ainda da família dos Silveira Lobo.

3- Cognome de uma ilustre família patrícia de Roma, na qual se distinguiram os seguintes membros: Q. Fábio Ambusto, de triste memória, general e político romano que a tradição apresenta como responsável pelo saque de Roma às mãos dos Gauleses em 390 a. C.; Q. Fábio Máximo, cognominado *Cunctator*, falecido em 203 a. C., que, durante a Segunda Guerra Púnica, pôs termo às vitórias de Aníbal em Itália, e Quinto Fábio Pictor, contemporâneo do anterior (terá falecido cerca do ano 200 a. C.), membro do Senado, emissário de Roma a Delfos após o desastre de Canas e historiador utilizado como fonte por Tito Lívio, Políbio e Dionísio. Jerónimo Cardoso estabelece, deste modo, uma comparação entre duas famílias aristocráticas: os *Fabii* e os Silveira.

Para outras menções do nome desta família na obra de Jerónimo Cardoso, em contexto idêntico ao presente, v. *infra*: «Exsuperas Fabios, Drusos, rigidosque Camillos/ Et quotquot iactat martia Roma duces» (*El. 1, 5*, 35-36, p. 261).

4- Também para o poeta Juvenal, a nobreza autêntica não decorre unicamente dos títulos dos antepassados, mas sobretudo do conjunto de qualidades físicas e morais que constituem aquilo a que os Romanos chamavam *uirtus* (entre as quais se encontra, claro está, a sabedoria). Relativamente às fontes clássicas deste motivo e a outras ocorrências do mesmo na obra de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Ep. A*, p. 75, n. 1.

5- Em versão literal, «embora ela coxeie com onze pés» (ou seja, os onze pés que integram o hexâmetro e o pentâmetro de um dístico). Trata-se de uma expressão metafórica da falsa modéstia de Cardoso que não se deve tomar à letra, uma vez que a escansão revela um poema metricamente perfeito. Jerónimo Cardoso tenta desculpar-se de enviar a Fernando da Silveira uma simples elegia (a que chama «libellum», v. 7) quando os seus feitos e os da sua família mereciam ser cantados num poema épico, que ele se propõe entoar nos dísticos seguintes.

6- Entre os mais remotos antepassados desta família de que resta memória, envolta, é certo, em lenda, encontra-se um D. João Pestana que participou na conquista de Coimbra em tempos de Fernando Magno, por quem foi armado cavaleiro, na mesquita dessa cidade, juntamente com o Cid. Este era considerado o primeiro feito glorioso dos Silveira, dado que estes se tinham unido aos Pestana pelo casamento de Martim Gil Pestana, alferes-mor de Évora, com Maria Gonçalves da Silveira, trisavó de Fernando da Silveira. Esta família também se vangloriava de ter participado na conquista de Évora, em

1166, ao lado de Geraldo Geraldês sem Pavor, guerreiro que algumas genealogias, consultadas por Cristovão Alão de Moraes, apresentavam como ascendente comum de Silveiras e Pestanas.

Saindo da lenda e entrando na história, temos os feitos de Nuno Martins da Silveira, bisavô do *Poeta Heróico*, o qual participou na conquista de Ceuta, em tempo de D. João I, rei que depois o fez seu embaixador em Castela. O seu nome vem mencionado na *Crónica da Tomada de Ceuta*. Desempenhou as funções de escrivão da puridade de D. Duarte e o ofício de comenda e protecção da comuna dos mouros de Évora. Foi ainda primeiro senhor e alcaide-mor de Terena, coudel-mor e vedor das obras do Reino. Por vontade de D. Duarte, serviu como aio o futuro D. Afonso V e os infantes seus irmãos, D. Afonso V, ao lado de quem lutou em Alfarrobeira, fez dele rico-homem e membro do seu Conselho, ao mesmo tempo que o conservou no posto de escrivão da puridade.

A menção dos «primordia gentis» e «priscae nobilitatis auos» não permite relacionar este passo com os feitos contemporâneos dos Silveiras que enchem páginas da história dos portugueses no Oriente e que pode ter estado na origem desta composição.

7- «Mea Musa», «Camena nostra»: Jerónimo Cardoso usa indistintamente *Musa* e *Camena* como personificação do engenho poético. Primitivamente ninfas das fontes, distintas portanto das Musas, as Camenas, em Roma, desde cedo lhes foram assimiladas.

Para outras ocorrências do seu nome nos textos de Cardoso, v. *infra*: «Quid quod habet faciles uotis coeptisque Camenas» (El. 1, 26, 33, p. 305); «Quos studia et dulces semper iuvere Camenae» (Sil. 1, 80, p. 367); «Inuito usque deo, inuiutisque Camenis» (Sil. 6, 17, p. 380); «Vel quibus a doctis mens est aliena Camenis» e «Vrbs est Louani Belgarum in finibus ingens, / Leucadioque deo doctisque dicata Camenis» (Sil. 7, 64 e 88-89, p. 386); «Carmina Maconiae haud assurgere digna Camenae» (Sil. 9, 49, p. 390); «Illa canent alii quibus est facundia maior / Et quibus adspirat Phoebus facilesque Camenae» (Sil. 16, 213-214, p. 417).

#### Página 256

1- Humanista e historiador escocês nascido em Nid Lewoun de Stirlingshire, em Fevereiro de 1506, Jorge Buchanan estudou em Paris, onde alcançou, em 1528, o grau de Mestre de Artes, passando a ensinar Gramática, sob os desígnios de Diogo de Gouveia. Por essa altura estabeleceu contacto com André de Gouveia, João da Costa e Diogo de Teive e mostrou-se permeável às influências reformistas de Calvino e Lefèvre d'Étaples. Regressando à Escócia, dela se vê obrigado a fugir por ter tomado o partido de Jaime V contra o Catolicismo.

Em 1547 passou a Portugal, com outros professores de Bordéus, para ensinar, a convite de D. João III, no Colégio das Artes de Coimbra, que seria inaugurado em Fevereiro de 1548. O ambiente de intriga e rivalidade, que, desde cedo, dividiu e opôs mestres «bordaleses» e «parisienses», obrigou a Inquisição a intervir e a devassar o passado literário e religioso de alguns. Buchanan viu-se preso em 1550, transferido para Lisboa e sentenciado a reclusão no Convento de Xabregas, onde compôs uma versão parafraseada dos *Salmos*. Cumprida a pena e posto em liberdade, partiu Buchanan para Inglaterra, guardando memórias amargas de Portugal e chegando a compor epigramas contra o monarca que o acolhera.

Feito preceptor de Maria Stuart, contra a qual viria porém a actuar, alguns anos mais tarde, no caso da falsificação das *Casket Letters*, retirando assim mérito à sua função de mentor da Escócia, de que se considera, não obstante, ter sido o maior humanista. Aderindo abertamente à Reforma, passa, em 1566, a principal do Colégio de S. Leonardo de St. Andrews. Mais tarde, foi ainda nomeado preceptor de Jaime VI, chefe da chancelaria e lorde do selo privado, com assento no Parlamento, cargos que ocupou até perder o favor real e serem as suas doutrinas condenadas pelo Parlamento e por Oxford, em 1579. Faleceu em Edimburgo, a 28 de Setembro de 1582, deixando vasta obra, que abarca escritos poéticos, filosófico-políticos, históricos e didácticos.

Na obra de Cardoso, Buchanan encontra-se representado apenas por este epigrama laudatório, escrito muito provavelmente aquando da sua chegada a Portugal, em 1547, ou pouco depois (em todo o caso antes de ser preso pela Inquisição). O seu nome não tornará a surgir nos escritos do Lamecense.

Sobre o destinatário deste epigrama, veja-se o artigo de D. Maurício, «Buchanan (Jorge)» in *Verbo- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 4, p. 147 e bibliografia aí indicada bem como os títulos indicados por Isaltina D. Figueiredo Martins in *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, pp. 117-120.

2- Literalmente, «do polo Parrásio», ou seja, do polo terrestre indicado pelas estrelas que formam a constelação da Ursa Maior, dita *Parrhasia ursa* (cf. Marcial, 4, 11, 3) e ainda referida como *Parrhasium iugum* (*idem, ibidem*, 6, 25, 2) e *Parrhasii triones* (*idem, ibidem*, 6, 58, 1). Para uma referência ao polo Norte como *Parrhasius axis*, v. Séneca, *Herc. Oet.*, 1280-1285: «quondam getico durior haemo/ nec parrhasio lenior axe/ sacuo cessit membra dolori/ fessumque mouens per colla caput/ latus alterno pondere flectit./ fletum uirtus saepe resorbet».

No seu sentido mais comum, contudo, *Parrhasius* significa «da Arcádia», por ser um derivado de *Parrhasia* (em gr. Παρρασία), nome de uma cidade da Arcádia mencionada por Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 4, § 20).

3- Com tal elogio saudava Jerónimo Cardoso, na pessoa de Jorge Buchanan, a vinda para Portugal de toda uma plêiade de professores, trazidos de Bordéus (por isso chamados «bordaleses»), a quem foi confiada a regência das cadeiras do Colégio das Artes, cuja abertura ocorreu em Fevereiro de 1548 e que se destinava a proporcionar aos estudantes os conhecimentos de Latim e Filosofia que os tornassem aptos para frequentar, com sucesso, as Faculdades Maiores de Teologia, Cânones, Leis e Medicina. Para além do Escocês, vieram ainda os portugueses André Gouveia, João da Costa e Diogo de Teive e os franceses Nicolau Grouchy e Elias Vinet, que, a par dos chamados «parisienses» (os antigos bolsseiros do Colégio de Santa Bárbara de Paris) atraíram, pela sua fama, uma multidão de alunos que, pelo final desse ano lectivo, rondaria os 1200, numa demonstração de entusiasmo que a novidade da instituição justificava e de que estes versos de Cardoso nos proporcionam um elucidativo testemunho.

#### Página 257

1- Sobre Fernando da Silveira, Senhor de Sarzedas, a quem Jerónimo Cardoso dedica duas composições dos *Elegiarum Libri II*, v. *supra*, El. 1, 2, título, n. 1.

2- Sobre M. Pórcio Catão, homem de Estado e orador, severo defensor do *mos maiorum*, e para outras referências a esta personagem na obra de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 9, p. 93, n. 6.

3- Tal como em Horácio (*Ep.*, 1, 1, 64) e Juvenal (2, 3), plural *Curii* designa os homens da têmpera de Cúrio (*M. Curius Dentatus*), vencedor de Samnitas, Sabinos, Lucanos e de Pirro e considerado um exemplo antigo de frugalidade e de respeito pelo *mos maiorum*. De feito modesto, teria recusado uma grande quantidade de ouro que os emissários dos Samnitas lhe ofereciam, dizendo-lhes: «superuacuae [...] ne dicam ineptae legationis ministri, narrate Samnitibus M. Curium malle locupletibus imperare quam ipsum fieri locupletem, atque istud ut pretiosum, ita malo hominum excogitatum munus refertote et mementote me nec acie uinci nec pecunia corrumpi posse», conforme refere Valério Máximo (4, 3, § 5).

4- Homem de Estado e general romano, oriundo de Alétrio, Fabrício (*C. Fabricius Luscinus*), cuja inteireza e austeridade de costumes eram apontados como exemplos do *mos maiorum*, ocupou os cargos de cônsul, em 282 e 278, e de censor, em 275. Depois da derrota infligida aos Romanos em Heracleia, em 280, por Pirro, rei do Epiro, Fabrício foi enviado para negociar o resgate dos prisioneiros. Terá então recusado um suborno e Pirro, impressionado pela sua incorruptibilidade, libertou os prisioneiros sem resgate. Fabrício teria ainda posto fim a uma intriga destinada a envenenar o rei do Epiro, com quem, em 275, veio a celebrar a paz.

O nome de Fabrício aparece associado ao de Cúrio num grande número de passos de autores como Cícero (*Pis.*, § 58; *Cael.*, § 39), Lucano (10, 152) e Marcial (7, 68, 4 e 9, 28, 4, onde se lê: «Soluere qui Curios Fabriciosque graues»), entre outros.

5- Referência a uma composição poética, dirigida por Fernando da Silveira a Jerónimo Cardoso, que não se encontra publicada entre os escritos deste, talvez porque tal poema não tivesse tido redacção latina (com efeito, não restam informações de que Fernando da Silveira tivesse produzido obra em latim: *HISLAMPA* não inclui o seu nome entre os autores latinos conhecidos). Que ele fosse bom latino é facto de que se não deve duvidar, dado ser um membro da nobreza eborense e ainda o título de um dos seus manuscritos: uma versão das *Heroides* de Ovídio que, enquanto permaneceu na Índia, traduziu de «Latim em linguagem Castelhana» (Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, tomo IV, p. 121). Coloca-se igualmente a hipótese de Jerónimo Cardoso ter impedido a sua publicação movido de um sentimento de modéstia, não

aceitando dar a lume tamanhos elogios à sua pessoa. Do poema de Fernando da Silveira, por consequência, apenas se poderá afirmar que foi desencadeado pela composição anteriormente vista (v. *supra*, El. 1, 2, p. 255) e que suscitou, por sua vez, a presente elegia, numa breve correspondência poética que não teve continuação.

6- Constituem estas palavras uma adaptação parafrástica de um adágio registado por Jerónimo Cardoso, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 60, v.º, nos seguintes termos: «Elephanti culicem conferre. Apodar o mosquito com ho elefante. Dirseha dos que fazem royns comparações» bem como do provérbio subseqüente: «Elephantum ex musca facis. Dizes mais do que he». As fontes de uma e de outra expressão não se encontram entre os autores do classicismo.

#### Página 258

1- Encerra este passo um eco, acaso uma simples evocação ou talvez coincidência, da carta nuncupatória do *Moriae Encomium* de Erasmo de Roterdão, epístola datada de 5 de Junho de 1508. Nela, o autor, dirigindo-se a Thomas More, defende-se de eventuais detractores desta sua obra, lembrando uma plêiade de escritos antigos ao lado dos quais o seu é digno de figurar e acrescentando que «se alguém se ergue a gritar que foi ofendido, confessa que se sente culpado, ou pelo menos em segredo se inquieta» (Erasmo de Roterdão, *Elogio da Loucura*, pp. 11-12).

2- Sobre as três Cárites, Eufrosina, Talia e Aglaia, divindades da beleza, v. *supra*, Lib. 6, 2, p. 24, n. 3.

3- Relativamente a Calíope, a primeira de todas as Musas em dignidade, v. *supra*, Mon. 8, 108, p. 233, n. 6.

4- Paráfrase de uma expressão proverbial tomada de Ovídio (*Met.*, 2, 5) e já antes empregue por Jerónimo Cardoso numa carta endereçada a Gaspar Lopes de Leão. A este respeito, v. *supra*, Ep. 61, p. 203, n. 4.

5- Referência ao *Muscae Encomium* de Luciano de Samósata, nascido cerca do ano 120 e falecido depois de 180, em Atenas, o qual, depois de uma desagradável tentativa de aprendizagem do ofício de marmorista, se dedicou às Letras, levando vida de conferencista itinerante e acabando por se tornar o melhor representante do estilo neo-ático. Trata-se de um pequeno trabalho de retórica, um elogio à maneira da Sofística, em que se gabam as virtudes e benefícios de um insecto que os não tem.

6- Trata-se de Favorino, filósofo céptico e sofista, professor de Herodes Antipas, Aulo Gélio e Frontão e conhecido de Plutarco. Desenvolveu a sua carreira durante o reinado do imperador Adriano, durante o qual, por ter caído em desgraça, conheceu o exílio na Ilha de Quios. Após a morte do imperador, porém, regressou a Roma, onde foi restituído à sua antiga posição, vindo a morrer cerca do ano 135. Favorino redigiu um elogio da febre quartã, aqui lembrado por Jerónimo Cardoso.

#### Página 259

1- O *Encomium Moriae*, presentemente a obra mais divulgada de Erasmo de Roterdão, foi concebido durante uma travessia dos Alpes, quando o autor se encontrava de regresso a Inglaterra, em Julho de 1508. A sua redacção, porém, teve lugar em casa de Thomas More e, no seu título grego, esta obra encerra um jogo de palavras com o nome latino de More (*Morus*). Sobre Erasmo de Roterdão, humanista, filósofo, pedagogo e ensaísta, v. *supra*, Ep. 67, p. 215, n. 4.

2- Referência às célebres *Palinódias a Helena*, escritas por Estesícoro, poeta lírico grego, natural de Himera, na Sicília, que terá vivido nos sécs. VII-VI a. C. As palinódias, em que pela primeira vez se negou a ida de Helena a Tróia e que, ao que se sabe actualmente, eram duas, censuravam, uma a Homero, por dizer que Helena estivera em Tróia, a outra a Hesíodo, que se referira ao facto de Helena ter mantido três ligações amorosas sucessivas (com Teseu, Menelau e Páris), chamando-lhe *trígamos*.

Sobre a expressão proverbial *palinodiam recinere*, v. *supra*, Ep. 55, p. 191, n. 4.

3- Ao aproximar-se do termo desta composição, Cardoso assume finalmente um tom menos chocarreiro, não escondendo já o contentamento por, no fim de contas, ter sido objecto dos elogios deste fidalgo, os quais, pelo facto de partirem de um poeta como Fernando da Silveira, uma pessoa admirada e igualmente digna de louvor, se tornam tanto mais estimáveis: um motivo presente num fragmento de Névio e que já antes se nos deparou, entre outros passos, numa carta endereçada a Jerónimo Cardoso (cf. *supra*, Ep. 17, p. 109, n. 3, carta de Álvaro Gomes).

#### Página 260

1-

2- Palavras tomadas, com as necessárias adaptações, da obra de Horácio (*Ep.*, 1, 7, 98), onde surgem como uma exortação a que cada um se aplique naquilo com que pode lidar. A este respeito e para duas outras variantes presentes numa carta de Fernando de Arche e num outro poema de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 62, p. 205, n. 5.

#### Página 261

1- Sobre alguns dos mais destacados membros da nobre família romana dos *Fabii* e para outras ocorrências do seu nome nos escritos de Cardoso, v. *supra*, El. 2, 4, p. 255, n. 3.

2- Cognome de uma família romana que, não obstante as suas origens plebeias, se tornou particularmente ilustre, nela se destacando membros como Gaio, filho de Gaio Lívio Druso, cônsul em 147 a. C., um juriconsulto e orador notável (tal como seu irmão mais novo, Marco) que, mesmo depois de perder a vista e sob o peso de uma idade avançada, continuava a ser consultado sobre questões jurídicas e de cujos escritos nada resta.

Marco, irmão do anterior, tribuno da plebe, em 122 a. C., juntamente com Gaio Graco, cujas propostas de reforma vetou durante uma sua ausência, apresentando, em seu lugar, outras, mais radicais e desonestas. Com recurso à sua brilhante capacidade oratória, alcança para o partido oligárquico o favor popular, aumentando o descrédito de Graco, que acaba por ser morto num motim.

Enfim, Marco Lívio Druso, filho do precedente, que ocupou, em 91 a. C., o cargo de tribuno. Político de visão, conseguiu influenciar muitas deliberações pelos seus excepcionais dotes de eloquência, que lhe granjearam uma profunda admiração, bem como por outras qualidades pessoais e pelos seus vastos recursos financeiros. A ele se devem a Lei Agrária, a Lei Frumentária e a promulgação da Lei Judiciária, medidas demagógicas que originaram violentos conflitos entre as diferentes classes sociais e ainda com outros povos itálicos, que conduziram ao seu assassinato e à anulação, por parte do Senado, das ditas leis, facto que esteve na origem da insurreição de Itália contra Roma.

3- O plural *Camilli* designa os indivíduos da têmpera de Marco Fúrio Camilo, um herói da República Romana que desempenhou funções de censor, em 403 a. C., ocupou por seis vezes o cargo de tribuno consular e cinco o de ditador. Após um cerco de dez anos, conseguiu tomar e destruir, em 396, a cidade etrusca de Veios. Conheceu o exílio em 391, sendo chamado, no ano seguinte, como ditador, para libertar Roma dos Gauleses Sénones que, sob as ordens de Breno, a haviam tomado e posto a saque. Reprimiu, depois, a revolta de M. Mânio Capitolino, aplicando-se então na reconstrução da Urbe e na promulgação de várias reformas tendentes ao reforço do poder militar da plebe, medidas que lhe granjearam o cognome de «Segundo Rómulo». Em 367, já octogenário, alcança nova vitória sobre os Gauleses, acabando por morrer de peste, dois anos mais tarde.

Para uma referência explícita a M. Fúrio Camilo, v. *infra*: «Alter ab inuicto posthac uocitere Camillo/ Reddideris nobis cum Latiale decus» (El. 1, 12, 27-28, p. 274).

4- Num motivo que surge com frequência principalmente na poesia de Jerónimo Cardoso (no presente caso plenamente desenvolvido ao longo de 10 dísticos) e que encontra a sua formulação lapidar em Juvenal (8, 19-20), a nobreza autêntica não advém somente de um nascimento ilustre, mas sobretudo da prática daquilo a que os Romanos chamavam *uirtus*. Relativamente às fontes clássicas deste motivo e para outras ocorrências do mesmo nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Ep. A, p. 75, n. 1.

### Página 262

1- Acerca do destinatário da presente elegia, Pedro Sanches, irmão do sacerdote Rodrigo Saches, e dos restantes textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 32, p. 141, n. 1.

2- Jerónimo Cardoso parece referir-se a um poema (ou melhor, a um conjunto de poemas) que Pedro Sanches teria escrito em sua defesa, os quais chegaram às suas mãos por via de Manuel Pires (como o próprio explica numa carta dirigida ao médico Luís Pires, irmão do anterior, e que ainda se conserva no seu epistolário, v. *supra*, Ep. 30, pp. 137-138, e também n. 5 e n. 6). A dita composição terá sido publicada entre os *testimonia* do *Libellus de Terraemotu* (v. *supra*, Lib. 4, pp. 23-24), acompanhada por outros cinco pequenos epigramas, todos tematicamente relacionados (v. *supra*, Lib. 5, Lib. 6 e Lib. 7, p. 24 e Lib. 8, p. 25). Sobre os restantes textos trocados entre Jerónimo Cardoso e Pedro Sanches e a sua possível sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 32, p. 141, n. 1.

3- Jerónimo Cardoso refere-se aos seus detractores, homens de língua afiada como a do poeta grego Arquíloco, do séc. VII a. C., que nasceu em Paros e viveu por muito tempo em Tasos. Mercenário de profissão, parece ter morrido no campo de batalha, ainda que não fosse particularmente corajoso. Como poeta, Arquíloco foi o responsável pela invenção dos versos iâmbicos, em que derramou o veneno dos seus ataques pessoais.

Para uma outra referência a este poeta nos versos de Cardoso, v. *infra*: «Si libet iratos componere forsán iambos:/ Archilochi pectus quis neget esse tibi» (El. 1, 20, 9-10, p. 290).

### Página 263

1- Em lat. «Lerniferis», preciosismo vocabular, um *hapax*, marca dos profundos conhecimentos vocabulares do Lexicógrafo. Trata-se do adjetivo *Lernifer*, *-fera*, *-ferum*, composto formado pela raiz de *Lerna*, *ae* (ou *Lerne*, *es*, do gr.), e pela raiz de *fero*, segundo um modelo comum de compostos do tipo de *aurifer* ou *mortifer* (este último sinónimo daquele). O nome Lerna designa uma lagoa na qual vivia um monstro terrível, a Hidra, que foi morta por Hércules (a seu respeito, v. *supra*, Lib. 3, 7, p. 22, n.1).

Esta palavra ocorre uma só vez em textos clássicos, numa epístola de Ovídio dirigida «Deianira Herculi», integrada no seguinte passo em lugar de «lotífero»: «Semiuir occubuit in lotifero Eueno/ Nessus, et infecit sanguis equinus aquas» (*Her.*, 9, 13-14), ou seja, «Nesso, meio homem meio fera, sucumbiu no mortífero Eueno./ E o seu sangue de equídeo tingiu as águas». No aparato crítico da fixação de texto lê-se o seguinte: «demiferoque G2» (Ovide, *Héroïdes*, Paris, Les Belles Lettres, 1991, p. 57).

A sigla corresponde ao *Codex Guelferbytanus* de Ovídio, a respeito do qual escreveu Henri Bornecque (na p. XIX da «Introduction»): «Au X<sup>e</sup> ou au XI<sup>e</sup> siècles, le texte a été revu par un grammairien, dont la révision a influencé tous les autres manuscrits, parmi lesquels il faut en citer deux avant tout, l' un de Wolfenbüttel (*Guelferbytanus*), [...] du XII<sup>e</sup> siècle.

Le *Guelferbytanus* a été copié par deux mains [...]. Gâté par des retouches, souvent presque illisible dans les lettres 16 à 20, ce manuscrit est bien moins intéressant que celui de Paris et ses leçons ne doivent guère être acceptées que dans deux cas: Quand elles concordent avec celles d'autres manuscrits ou bien encore dans les parties qui nous donne et pour lesquelles P [Parisinus] n' existe pas» (sublinhado nosso).

Em todo o caso, a despeito da sua raridade, esta palavra passou ao vocabulário latino, não sendo assim um neologismo renascentista. Deste modo, aparece registada em alguns dicionários como o *Magnum Lexicon* de Frei Manuel de Pinho Cabral (em que aparece com a forma *Lernifer*) e a *Prosódia* de Bento Pereira (com a forma *Lerniferus*).

Sebastião Stockhamer, no *Dictionarium Aliud de Propriis Nominibus*, publicado juntamente com o *Dictionarium Latinolusitanicum* de Jerónimo Cardoso (onde não se encontra registada!), em Coimbra, no ano de 1569, explica que: «Lerna, est lacus Achaiae circa Argos, et Palus in qua fuit hydra multis capitibus, quorum aliqua quotiens Hercules amputasset, mox renascebantur plura. Sed tandem congesta lignorum striga exussit. Vnde Lernaeus, et Lerniferus, a, um».

Conhecendo e registando este composto, Stockhamer não lhe atribui um sentido e, como Bento Pereira, apresenta o nominativo masculino *Lerniferus*. Nenhum dos dicionários modernos consultados o regista.

2- De raça indo-iraniana, os Sármatas integravam um conjunto de povos nómadas que se dedicava à pastorícia e que, pelo séc. III a. C., abandonou a Ásia Central para invadir a região das estepes, anteriormente ocupada pelos Citas (a qual, por isso, recebeu o nome de Sarmácia). As tribos em que estavam divididos, os Rosolanos, os Jaziges e os Alanos, acabaram por se fixar, no decurso do séc. I a. C., respectivamente na região danubiana, no território definido pelo Danúbio e pelo Tisza e no Cáucaso, nos territórios da Polónia, da Moscóvia e da Tartária. Tinham fama de ser particularmente aguerridos.

Para uma outra referência a estes povos (em concreto, aos Alanos), v. *infra*: «quo saecula succis/ Dulcia depositis tandem reddantur amaris,/ Sarmaticae gentes quos auxere per oras:/ Quas Tagus et uolucris circundat gurgite Bactis» (Sil. 11, 7-10, p. 398) e ainda: «Exsul Naso Tomis periit, quem frigidus Ister,/ Quem fleuere Getae, Sauromataeque truces» (El. 1, 28, 39-40, p. 308).

3- Relativamente aos Getas, um povo guerreiro pertencente ao conjunto das tribos trácias e que ocupava o território situado entre os Balcãs, o Danúbio inferior e o mar Negro, bem como sobre os passos em que o seu nome ocorre nos escritos de Cardoso (e ainda de Luís Pires), v. *supra*, Ep. 35, p. 147, n. 1.

#### Página 265

1- Trata-se do humanista Pedro Sanches (cf. *supra*, El. 1, 6, título e n. 1). Acerca dos textos trocados entre este e Jerónimo Cardoso e da sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 32, p. 141, n. 1.

2- Ou, em versão literal, «E trazer, por sob os astros, a tua orgulhosa cabeça». Sobre este género de expressão e para outras ocorrências do mesmo nos escritos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.

3- Ao mencionar o plectro de Lesbos, Cardoso refere-se, por metalepse, à poesia lírica, dado ter sido Lesbos a pátria de Safo e Alceu, os dois maiores cultores da lírica monódica grega. Em face dos versos de Pedro Sanches que chegaram até aos nossos dias, podemos constatar que estas palavras de Jerónimo Cardoso não são completamente destituídas de fundamento. O plectro era, como já vimos (cf. *supra*, Lib. 2, 16, p. 10, n. 2), uma varinha de marfim ou tartaruga, usada para fazer vibrar as cordas da lira.

#### Página 266

1-

2- A despeito destas palavras, não resta na obra de Jerónimo Cardoso, como já vimos (v. *supra*, El. 8, título, p. 266, n. 1), nenhum texto que lhe tenha sido dedicado por Luís de Souto Maior, não havendo, de igual modo, para além do presente, nenhum outro a ele endereçado. Do texto cuja recepção Cardoso acusa nestes versos também não se pode inferir, pelo conteúdo destes dísticos, se estaria escrito em prosa ou em verso.

3- Ou, dito de outra forma, «glorificas o meu nome». Relativamente a este tipo de expressão e para as suas demais ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso, bem como dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.

4- Sendo uma das Meras, Átropo (do gr. ἄτροπος, «irreversível») tinha por missão fiar o «fio da vida» dos mortais, pelo que presidia ao seu nascimento. Sobre as Meras, divindades que acabaram por se identificar com as Parcas, e para outras referências aos seus nomes nos textos de Cardoso, v. *supra*, Mon. 7, 87, p. 229, n. 3.

5- Em resposta aos elogios recebidos, Cardoso propõe-se cantar as ilustres origens de Luís de Souto Maior, associando-lhes, no entanto, o elogio das suas qualidades morais: um motivo que já antes se

nos deparou em vários lugares e que remonta a um passo de D. Júnio Juvenal, no qual o Satírico afirma «nobilitas sola est atque unica uirtus» (8, 20). Sobre as fontes clássicas deste motivo e para outras ocorrências do mesmo na obra de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. A, p. 75, n. 1.

#### Página 267

1- Acerca de Salvador Rodrigues, um antigo aluno de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os demais textos trocados entre um e outro, v. *supra*, Mon. A, p. 218, n. 1.

2- Ou seja, as Musas, filhas de Mnemósine (a Memória personificada) e de Zeus (cf. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11, n. 9). Filha de Úrano e de Geia, Mnemósine integra, portanto, o grupo das Titânides. Ter-se-á unido a Zeus durante nove noites seguidas, em Piéria, dando à luz, um ano depois, o grupo das nove irmãs.

3- Trata-se de Apolo, divindade que possuía em Delfos, santuário edificado no sopé do Parnaso, o mais célebre oráculo da Antiguidade. Sobre o Parnaso, elevada montanha da Fócida, e para outras ocorrências do seu nome em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Mon. 2, 3, p. 220, n. 2.

4- Cidade da Lucânia, anteriormente chamada *Posidonia*, Pesto devia a sua celebridade ao facto de os seus roseirais florirem duas vezes por ano, como lembra Virgílio («forsitan et, pinguis hortos quae cura colendi/ ornaret, canerem biferique rosaria Paesti», *Geor.*, 4, 118-119); Marcial («Prataque nec biferi cessura rosaria Paesto», 12, 31, 3); Ovídio («Leucosiamque petit tepidique rosaria Paesti», *Met.*, 15, 708) e ainda Propércio, cujo verso «uidi ego odorati uictura rosaria Paesti» (4, 5, 61) Jerónimo Cardoso parcialmente reproduz.

Para uma outra referência a estes roseirais na poesia de Cardoso, v. *infra*: «nam carmina doctus/ Scribis Oronteam longe superantia myrrham/ Et Cilicum flores et amoena rosaria Paesti» (Sil. 6, 101-103, p. 383).

5- Referência a Filomela, filha de Pandión, rei de Atenas, a quem Tereu, seu cunhado, violou e cortou a língua, para que nada pudesse contar (daí que Cardoso a considere «bis uitiata»). Esta, porém, conseguiu revelar o sucedido a sua irmã, representando os factos num bordado. Sobre a vingança de Procne, a metamorfose de ambas em pássaros (segundo os autores romanos, Filomela acabou metamorfoseada em rouxinol) e a fonte provável do conhecimento de Cardoso, v. *supra*, Lib. 16, 2, p. 36, n. 5.

6- Nome do vento que sopra do quadrante Oeste, normalmente como uma branda aragem de Primavera. Sobre este vento, v. *supra*, Ap. 1, 11, p. 3, n. 5.

7- Bosque que cobria uma parte da Beócia designada pelo nome de «Aónia», na qual se situavam os montes Aónios e o Hélicon com as fontes de Hipocrene e Aganipe, que corriam nas suas encostas. Para uma abordagem mais detalhada deste assunto e outras referências à região, v. *supra*, Ap. 2, 16, p. 8, n. 9.

8- Acreditavam os Antigos que as Musas habitavam as encostas arborizadas do Hélicon, na Beócia, consagrando deste modo o seu nome como sinónimo de «poesia», «inspiração» ou «sabedoria». A respeito deste monte, v. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11 e n. 9.

9- Tradicionalmente considerada o berço de Hesíodo, Ascra estava situada na Beócia, junto ao monte Hélicon, que se dizia ser a morada das Musas, desde que nele recebera a inspiração poética o autor da *Teogonia*, enquanto apascentava os rebanhos nas suas encostas, como o próprio lembra na abertura do dito poema: «Foram elas que uma vez ensinaram um belo canto a Hesíodo,/ quando ele apascentava os seus cordeiros nas faldas do Hélicon divino» (*Th.*, 22-23).

Para outras referências quer a Ascra, quer às deusas ascreias (as Musas) quer ainda à montanha de Ascra (o Hélicon), presentes sempre em contexto poético, v. *infra*: «Cur nemus Aonium collesque Heliconis et Ascrae/ Deseritis ualles, notaque rura deae» (El. 1, 9, 19-20 p. 267); «Nam modo sum Cirrha: mediis modo uisus Athenis/ Esse, modo Ascraei prendere summa iugi» (El. 1, 25, 17-18, p. 302); «Post tamen ut saeui fluctus cessere doloris:/ Coepimus Ascraeas increpitare deas» (El. 1, 28, 19-20, p. 307) «age turba bicorni/ Colle sedens, decima dulces cum Pallade cantus/ Exerce, et plausu resonet simul Ascra

canoro» (Sil. 2, 12-14, p. 368) e «Phoebumque tuum doctasque puellas/ Ascraeumque iugum nec non Pirenida lympham/ Monstrares» (Sil. 5, 51-53, p. 378).

#### Página 268

1- Ou seja, da conversação das Musas, sobre a fixação do número de nove para estas divindades e para outras referências paralelas, v. *supra*, Mon. 1, 10, p. 219, n. 2.

2- Celebrado desde tempos antigos, como ilustra o seguinte epigrama de Marcial, intitulado precisamente «Fauis Siculi»: «Cum dederis Siculos mediae de collibus Hyblae,/ Cecropios dicas tu licet esse fauos» (13, 105), o mel da Sicília devia a sua fama à flor de tomilho a partir da qual era produzido, como explica Varrão no seguinte passo: «tenim ab aequinoctio uerno florere incipit et permanet ad alterum aequinoctium [autumnus]. sed ut hoc aptissimum ad sanitatem apium, sic ad mellificium thymum. propter hoc Siculum mel fert palmam, quod ibi thymum bonum frequens est» (R. R., 3, 16, §§ 13-14).

Sobre o motivo do mel como termo de comparação para uma linguagem agradável, v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 1.

3- Celebra a presente composição, como este dístico permite verificar, a recepção de alguns poemas da autoria de Salvador Rodrigues, antigo aluno de Jerónimo Cardoso e, ao tempo, estudante de Medicina na Universidade de Salamanca. As poesias em questão poderão eventualmente identificar-se com algumas das que vieram a ser publicadas por Cardoso em apêndice ao seu *De Monetis tam Graecis quam Latinis* (concretamente, com Mon. 2, Mon. 3 e Mon. 4, v. *supra*, pp. 220-223). Acerca deste assunto e sobre as restantes composições trocadas entre Cardoso e Salvador Rodrigues, v. *supra*, Mon. A, p. 218, n. 1.

#### Página 269

1-

#### Página 271

1-

2- Sobre as fontes clássicas deste pensamento e para uma outra ocorrência do mesmo em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, El. A, p. 251, n. 3.

3- Ou seja, no manancial que brotava das fontes aónias de Hipocrene e Aganipe, que corriam nas encostas do Hélicon e estavam consagradas às Musas. A seu respeito e para outras alusões à região beócia designada pelo nome de «Aónia», v. *supra*, Ap. 2, 16, p. 8, n. 9.

4- Na esteira de Juvenal, Jerónimo Cardoso associa mais uma vez, a um nascimento ilustre, uma qualidade moral irrepreensível, condição indispensável para que uma pessoa seja verdadeiramente nobre. A este respeito e para outros exemplos deste motivo, v. *supra*: Ep. A, p. 75, n. 1.

#### Página 272

1- Trata-se muito provavelmente de Rodrigo Sanches, irmão de Pedro Sanches, um dos mais assíduos correspondentes de Cardoso e, ele mesmo, destinatário de uma sua carta (v. *supra*, Ep. 16, pp. 106-108), o qual, como acima vimos (v. *supra*, Ep. 16, p. 106, n. 1), ensinou latim no Paço desde 1529, desempenhando as funções de preceptor de moços fidalgos. Reforça esta suposição a referência à sua «facúndia», porquanto Rodrigo Sanches acumulava as funções de pregador régio. Tais actividades terão cessado por 1534, ano em que Rodrigo Sanches se retirou para Óbidos, por ter recebido o priorado da igreja de S. Maria, pelo que a presente elegia será, em princípio, anterior a esse ano.

2- Dado relevante, que nos permite, à falta de outras informações, ajuizar da idade de Fernando Brandão, bem como do tipo de relacionamento existente entre ele e Cardoso. Brandão seria, deste modo, um jovem fidalgo, vivendo certamente na esfera da corte e seguindo as lições de Rodrigo Sanches, em data que se não pode fixar com segurança, mas que andarà algures entre os anos de 1529 e 1534.

3- Esta expressão, que Cardoso registou no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 225-v.º: «Sibyllae folium. A Profecia, porque foy huma Sibylla em Cumas, que daua as respostas em folhas daruores», procede do seguinte verso de Juvenal: «credite me uobis folium recitare Sibyllae» (8, 126). Em Jerónimo Cardoso, para além do presente caso, encontramos-a ainda nos seguintes passos: «Responsis est mira fides foliumque putatur/ Cumanae uatis, quicquid ab ore fluit» (El. 2, 1, 15-16, p. 314) e «quae longe magis esse credat/ Vera Cumae foliis Sibyllae» (El. 2, 19, 34-35, p. 351).

Sobre a célebre Sibila de Cumas, v. *supra*, Lib. 18, p. 44, n. 7.

4- Por metalepse, a língua latina, dado ter sido esta cidade do Lácio, em lat. *Arpinum*, o celebrado berço de Cícero, o maior orador de entre os latinos.

5- Montanha da Beócia, cujo nome ocorre frequentemente com o valor de «poesia» ou «inspiração poética». A seu respeito, v. *supra*, Mon. 2, 3, p. 220, n. 2.

6- Ou seja, a religião das Musas. Sobre as Piérides, jovens naturais da Piéria que, por terem os mesmos nomes das Musas, acabaram por se confundir com estas, v. *supra*, Lib. 9, 3, p. 26, n. 3.

### Página 273

1- Trata-se de D. Brás de Barros, também conhecido como Fr. Brás de Braga, pelo facto de ter nascido nessa cidade cerca de 1500. Brás de Barros era primo do gramático João de Barros e tio de Gaspar Barreiros.

Desenvolveu estudos em Paris e em Lovaina, onde teve por companheiro e amigo Fr. Diogo de Murça ao lado de quem se estaria igualmente nas reformas e fundações de estudos. Colaborou com D. João III nos trabalhos que conduziram ao estabelecimento da Universidade em Coimbra.

Como reformador do Mosteiro de Santa Cruz dessa cidade, instituiu nele novos estudos, mandando então vir mestres de Paris. Iniciadas as aulas em Outubro de 1528, alcançaram estes estudos uma fama tal, atraindo pessoas ilustres, que se tornou necessária a fundação de dois colégios, o de S. Miguel, para fidalgos, e o de Todos-os-Santos, destinado a estudantes pobres.

Sob a égide de Brás de Barros colocou D. João III a direcção dos dois colégios de Humanidades e Filosofia fundados em 1535, o de Santo Agostinho e o de S. João Baptista, onde se leccionou igualmente Teologia, desde 1537, antes de concluída a transferência da Universidade.

Criada a diocese de Leiria pelo papa Paulo III, a pedido de D. João III, teve esta por seu primeiro bispo Brás de Barros, que presidiu aos seus destinos entre os anos de 1545 e 1550. Viria a falecer em Sintra, a 31 de Março de 1559.

Na presente elegia, o único poema que dedicou a Brás de Barros, escrito muito provavelmente durante os anos em que este esteve à frente da diocese de Leiria, Jerónimo Cardoso tece os mais rasgados elogios à sua acção como reformador dos estudos.

2- Ou, em versão literal, «E levantam a orgulhosa cabeça até às altas estrelas». Sobre este género de expressão e para outras ocorrências no mesmo em outros pontos da obra de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.

3- Ou seja, para regiões muito distantes, como a definida pelos Balcãs e o Danúbio Inferior, até às costas do Mar Negro, território ocupado pelos Getas, e para a Crimeia, assim designada por nela se terem estabelecido os Cimérios.

Oriundo do território da actual Hungria, este povo ariano, estreitamente aparentado com os Persas, estabeleceu-se primeiramente na planície russa e, sendo empurrado, na primeira metade do séc. VIII a. C., pelos Citas e, mais tarde, pelos Sármatas, recuou ao longo das costas do Mar Negro até ao Quersoneso Táurico (Montes Yaila), na Trácia, onde se fixou. Tentaram, depois, aceder às férteis planícies da Lídia, derrotando, com os seus formidáveis guerreiros, que montavam em pêlo e brandiam pesadas espadas de

ferro, o exército lídio do rei Giges, que foi morto na batalha. Ardys, que lhe sucedeu, viu-se obrigado a pedir a protecção de Assurbanípal da Assíria, para deter a invasão, mas os Cimérios incendiaram Sardes, dominaram vários entrepostos ao longo da costa da Ásia Menor e detiveram-se junto de Mileto. Assurbanípal conseguiu impedir-lhes o acesso à Cilícia e, em 637 a. C., acabaram por ser eliminados por Lídios e Gregos. A *Bíblia* refere-os como «Gomer e os seus regimentos» (Ez. 38, 6).

Sobre os Getas, povo que pertencia ao ramo setentrional das tribos trácias, v. *supra*, Ep. 35, p. 147, n. 1.

4- Designando inicialmente o território habitado pelos Ausónios (antigo nome, talvez de origem grega, dos primitivos habitantes da zona centro e Sul de Itália), o nome «Ausónia» define neste passo, poeticamente, toda a Itália, tal como sucede em Virgílio («magna ditione iubeto/ Karthago premat Ausoniam: nihil urbibus inde/ obstabit Tyriis», *Aen.*, 10, 53-55) e em Ovídio («hinc mare Trinacrium, candens ubi tinguere ferrum/ Brontes et Steropes Acmonides que solent,/ aequoraque Afra legit, Sardoaque regna sinistris/ respicit a remis, Ausoniamque tenet», *Fast.*, 4, 287-290), entre outros.

5- Não sendo propriamente um antigo epíteto de Júpiter (caso de *Optimus e Maximus*) o superlativo *summus* («o Muito Alto»), quando aplicado ao Deus cristão, claramente remete para o tipo de linguagem utilizado, no Renascimento, pelos humanistas. Sobre este assunto, v. *supra*, Lib. 18, p. 68, n. 3.

6- Palavras que colocam a redacção da presente elegia em tempos que deverão rondar a transferência da Universidade para Coimbra, iniciada no ano lectivo de 1536-1537. Embora não tenha nunca presidido à Universidade como reitor, D. Frei Brás de Barros contou-se entre os principais colaboradores, junto de D. João III, da sua mudança para a cidade do Mondego, tendo o dito monarca colocado sob a sua direcção os colégios de humanidades de Santo Agostinho e de S. João Baptista, fundados em 1535. Para além disso, alguns anos antes, ocupado com a reforma do Mosteiro de Santa Cruz, já D. Frei Brás de Barros tinha instituído novos estudos, cujas aulas principiaram em Outubro de 1528, e fundado os colégios de S. Miguel e de Todos-os-Santos (cf. *supra*, El. 1, 12, título, n. 1).

7-No presente dístico, os motivos já anteriormente encontrados e definidos como «milícia do amor» e «milícia do saber» surgem pela primeira vez associados. Sobre as suas prováveis fontes e para outros casos presentes nos escritos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

8- Sobre a mítica Idade do Ouro, um antigo período caracterizado por uma intensa e duradoura felicidade, principais fontes clássicas e outras menções nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Lib. 2, 279, p. 19, n. 3.

9- Homem de Estado e orador, M. Pórcio Catão destacou-se como um austero defensor dos valores que integravam o *mos maiorum*. A seu respeito e para outras alusões à sua pessoa na obra de Cardoso, v. *supra*, Ep. 9, p. 93, n. 6.

#### **Página 274**

1- Sobre Marco Fúrio Camilo, célebre ditador romano a quem se deve a conquista de Veios e que libertou Roma dos Gauleses, v. *supra*, El. 1, 5, 35, p. 261.

#### **Página 275**

1- Natural, segundo Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, p. 350), de Vila Nova de Portimão («Ex oppido de villa nueva Silvensis diocesis», conforme se lê nos registos da Universidade de Salamanca), António Martins terá escutado em Lisboa as lições de Jerónimo Cardoso, havendo disso abundante testemunho nos textos que restam trocados entre ambos. Enveredando posteriormente pelos estudos de Direito, graduar-se-á, a 2 de Maio de 1539, em Direito Canónico, tendo por testemunha Vasco Eanes (cf. *idem, ibidem*, p. 311). António Martins teria sido, portanto, aluno de Jerónimo Cardoso ainda na década de vinte ou, com maior probabilidade, na primeira metade da década de trinta do séc. XVI.

O mesmo historiador refere que, muitos anos volvidos, em 1562, António Martins se encontrava em Roma, dali escrevendo uma carta ao cardeal D. Henrique relativa ao perdão dos cristãos novos (cf. *idem, ibidem*, p. 350). Porém, vários documentos conservados no *Corpo Diplomatico Portuguez* (vol. VIII, p. 452 e vol. IX, pp. 339, 377 e 379) mostram que ele já se encontrava na corte Pontifícia, desempenhando as funções de agente de negócios do cardeal D. Henrique, a 16 de Maio de 1560 (data de uma carta do embaixador Lourenço Pires de Távora ao Cardeal Infante), e aí continuava em Setembro de 1561 e a 25 de Outubro desse mesmo ano (datas, respectivamente de uma carta de D. Sebastião ao cardeal Santa Flor, que apresenta António Martins como «agente do cardeal infante meu tyo» (p. 339), e de duas missivas de António Martins, ambas dirigidas ao rei, uma sobre o desvio, por parte de vários cardeais, das rendas que ficaram por morte de D. António da Silva, a outra, que acusa a recepção de correspondência vária do monarca e que trata do mesmo assunto).

O Breve «Dilectus hic» do Papa Pio IV, datado provavelmente de 23 de Março de 1563, elogia a acção de António Martins na corte Pontifícia, mostrando que ele estava então a ponto de regressar a Portugal: «O dilecto filho António Martins enquanto aqui esteve junto de nós, foi-nos sempre muito agradável e aceito por causa da sua modéstia, da sua habilidade, diligência e fidelidade em tratar dos teus negócios, resolvemos acompanhá-lo com este merecido testemunho junto de ti; e apesar de sabermos que ele não necessita da nossa recomendação, fazêmo-lo deste modo recomendando-o à tua pessoa» (*apud* P. José de Castro, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. V, p. 83).

Na obra de Jerónimo Cardoso, uma primeira referência a António Martins encontra-se numa carta dirigida ao mestre de Gramática Gaspar Lopes de Leão: «Sed tamen bona ut opinor erroris tui de me pars Antonio Martino assignanda est» (Ep. 61, p. 203). Para além da presente elegia, encontram-se ainda, entre os escritos de Cardoso, três outros poemas trocados entre o mestre e este seu antigo aluno: uma outra elegia de Jerónimo Cardoso (El. 2, 2, p. 316); um pequeno epigrama de António Martins (El. 2, 26, p. 357) e a resposta de Cardoso a estes versos, escrita também em dísticos elegíacos (El. 2, 27, p. 359).

No primeiro destes poemas (a presente elegia), que acusa a recepção de uma carta (perdida), Cardoso desculpa-se de não ter escrito mais cedo a António Martins, alegando como pretexto a sua muita idade (cf. *infra*: «Non sum qui fueram, Antoni carissime, quondam/ Subductaest ferulae cum tua dextra meae», vv. 21-22) e a incessante fadiga dos estudos. No segundo, censura-o por estar sempre a solitário o envio de poemas e termina aconselhando-o a que se dedique apenas ao Direito: «Ergo tui uolues nodosa aenigmata iuris./ Maior enim hinc metitur fertiliorque seges» (vv. 19-20, p. 316). Enfim, no último poema, dedicado «Ad Antonium Martinum, iureconsultum et eximium poetam», Jerónimo Cardoso acusa e agradece o envio de um presente e de um poema deste seu antigo aluno (poema que se conserva nesta mesma colectânea, precedendo imediatamente essa última elegia, cf. *infra*, El. 2, 26, p. 357) e celebra efusivamente os seus dotes poéticos. Uma referência explícita à regência do cardeal D. Henrique e ao facto de António Martins ter sido por ele escolhido para desempenhar as funções de agente de negócios em Roma permite datar essa composição, bem como a precedente, do período de tempo que medeia entre 23 de Dezembro de 1562 e 30 de Agosto de 1563 (cf. *infra*, El. 2, 27, 20, p. 358 e n. 7). Todos estes textos parecem ser bastante tardios e estar ordenados segundo a sequência cronológica da sua composição. Desconhecendo a acção de António Martins junto da corte Pontifícia e fundando-se nos elogios aos dotes poéticos de António Martins contidos na última composição, Barbosa Machado apresenta-o simplesmente como um «Mestre de Gramática [...] igualmente douto no Direito, como na Poesia, de que escreveu muitas obras no Reynado do Cardial D. Henrique, cuja notícia deixou eternizada seu Mestre Jerónimo Cardoso respondendo a hum Epigramma que lhe mandara» (*op. cit.*, tomo I, p. 323).

2- Referência a uma carta de António Martins, antigo aluno de Cardoso, que não se conserva no seu epistolário nem mesmo entre a sua obra poética (dado que Cardoso, ao dizer «uera et manifesta canendo», v. 5, e ao afirmar «Praecipue numeris cum me exornaris amoenis», v. 15, levanta a possibilidade de se tratar de uma epístola exarada em verso). Sobre o único texto de António Martins conservado entre os escritos de Cardoso, um breve epigrama em quatro versos, e um outro poema de Cardoso a ele dedicado, v. *infra*, respectivamente El. 2, 26, p. 357 e El. 2, 2, p. 316.

3- Primeiro testemunho de como se iniciou o relacionamento de Cardoso com António Martins: este teria frequentado, em tempos que, à data da composição desta elegia, eram já remotos, o estudo daquele. Para outros exemplos, v. *infra*: «Non sum qui fueram Antoni charissime quondam,/ Subducta est ferulae cum tua dextra meae» e «Obstitit hoc igitur, mea quod promissa petenti/ Non dederim toties dulcis alumne tibi» (El. 1, 13, 21-22 e 33-34, p. 275 e p. 276). Um outro testemunho encontra-se na dedicatória de

um epigrama de António Martins, destinado «Ad Auctorem quondam Praeceptorem Suum» (El. 2, 26, p. 357), bem como no seu primeiro verso «Caseus ecce tibi mea lux, mea uita magister» e um último na elegia com que Cardoso respondeu ao texto precedente, na qual escreve: «Quid referam nostri quam non sis immemor idem/ Et quanta semper me pietate colas,/ Obtigerim rudibus tibi quod praeceptor in annis/ Formarimque aevi tempora prima tui» (El. 2, 27, 23-26, p. 359).

4- Ou seja, «a minha Musa». Sobre Calfope, a primeira em dignidade no grupo das nove irmãs, v. *supra*, Mon. 8, 108, p. 233, n. 6.

5- Trata-se da célebre fonte de Hipocrene, que nasceu da terra no lugar onde Pégaso, cavalo alado nascido do pescoço decapitado da Medusa, bateu com o seu casco na rocha. Consagrada às Musas, considerava-se que a sua água favorecia a inspiração poética. Sobre esta fonte, v. *supra*, Ap. 2, 16, p. 8, n. 9; relativamente à Medusa, uma das três Górgonas, v. *infra*, El. 1, 14, 19, p. 277, n. 8.

6- A propósito deste verso, escreve Justino Mendes de Almeida na sua «Introdução»: «Mais alguns pormenores relativos à estadia de Cardoso em Salamanca, em Évora e em Coimbra ou em Lisboa extraídos das suas obras: na já referida elegia n.º 13, do livro I, há uma alusão, no verso 13, à estadia em Salamanca e em Coimbra» (*op. cit.* p. 4).

A menção dos rios Tormes e Mondego, como se pode constatar, estende-se metonimicamente às duas cidades (e universidades) peninsulares. Ora, sabe-se que Cardoso frequentou o estudo de Salamanca, onde alcançou o grau de Bacharel em Leis, mas não existe nenhuma outra indicação, salvo a presente, de que se tenha alguma vez demorado em Coimbra, pelo que este verso se reveste de especial significado. Quando terá Cardoso ido à cidade do Mondego? Acaso para tratar pessoalmente da edição de algumas obras suas (caso do *Libellus de Terraemotu*, do *De monetis tam Graecis quam Latinis* e do *Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum*, entre outras)?

7- Cf. *supra*: «Sed pro carminibus nil nisi uerba dedi» (El. 13, 8, p. 275). Jerónimo Cardoso repete *ipsis uerbis* o segundo hemistíquio deste pentâmetro (uma *geminatio repetitio*). Por outro lado, no seguinte dístico de Propércio: «aurum spectato, non quae manus afferat aurum!/ uersibus auditis quid nisi uerba ferēs?» (4, 5, 53-54), embora em contexto diverso, as palavras «nisi uerba» preenchem a mesma sequência (não sendo, em todo caso, o verso de Cardoso um decalque do de Propércio). Na sua presente forma, este hemistíquio não se encontra atestado entre os autores do classicismo.

8- Neste verso, Jerónimo Cardoso recorre a uma expressão que se encontra atestada em Juvenal: «Et nos ergo manum ferulae subduximus» (1, 15) e que ele próprio regista no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 71-r.º, nos seguintes termos: «Ferulae manum subducere. Aprender». Em Juvenal, tais palavras indicam que o autor teve uma severa educação escolar, pelo que tal expressão acaba por ser citada por quem proclama o seu próprio saber, caso de uma personagem de Macróbio (*Sat.*, 3, 10, 2), ou para afirmar que todos precisam de ir à escola, como em S. Jerónimo (*Ep.*, 50, 5; 57, 12 e ainda *Apologia contra Rufinum*, 1, 17). A palavra *ferula*, de uso proverbial, já indica metaforicamente a escola. Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, p. 165, § 353.

#### Página 276

1- Sobre a Castália, fonte que corre ainda entre as ruínas do Santuário de Delfos, cuja água se considerava ter a faculdade de instilar dotes poéticos em quem dela bebesse, v. *supra*, Lib. 9, 1, p. 26, n. 1.

2- Não obstante o peso dos anos, ao tempo da redacção desta elegia (certamente bastante tardia), Jerónimo Cardoso continuava a ocupar-se da actividade docente, não havendo a registar abrandamento algum. Para outras circunstâncias relativas à sua actividade como professor, v. *supra*, Ep. 9, p. 94, n. 1.

#### Página 277

1- Sobre o destinatário da presente composição, Pedro Sanches, irmão do sacerdote Rodrigo Sanches, e sobre os restantes textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso e sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 32, p. 141, n. 1.

2- Ou seja, a sua poesia (efeito), metonimicamente referida através da sua causa, dado que se considerava que a água da Castália, fonte de Delfos, tinha a faculdade de induzir a inspiração poética em quem dela bebesse (cf. *supra*, **Lib.** 9, 1, p. 26, n. 1).

3- Ou, por outras palavras, «à poesia» ou «aos versos». Sobre o plectro, referido, por metalepse, como *sinál* em lugar do objecto significado, v. *supra*, **Lib.** 2, 16, p. 109, n. 2.

4- Alude Jerónimo Cardoso, com recurso a uma metalepse, à poesia de Orfeu, poeta de origem trácia (dado que os Getas, povo bárbaro particularmente aguerrido, integravam o grupo das tribos trácias). Acerca de Orfeu, v. *supra*, **Lib.** 11, 22, p. 29, n. 4; sobre os Getas, v. *supra*, **Ep.** 35, p. 147, n. 1.

Para uma alusão feita em termos muito próximos, v. *infra*: «Thamiris ne canora/ Demodiciue chelyn Getici aut modulamina plectri/ Fas erit expetere» (**Sil.** 12, 22-24, p. 401).

5- Alimento dos deuses, tal como o néctar constitui a sua bebida (cf. *supra*, **Ep.** 33, p. 143, n. 3), o nome «ambrósia» ocorre com certa frequência na poesia de Jerónimo Cardoso, associado por vezes ao do néctar e servindo, tal como este, de termo de comparação para algo extremamente doce.

Para outras referências à ambrósia, v. *supra*: «Ambrosio exultant cantu redolentia rura» (**El.** 1, 9, p. 267) e *infra*: «Hyblaeis permixta fauis tua carmina legi/ Quae mihi spirarunt nectar et ambrosiam» (**El.** 1, 25, 1-2, p. 302); «Ille sed ambrosia quamuis dulcique fruatur/ Colloquio comitum» (**Sil.** 3, 22-23 p. 372) e «Abreus noster, iuuenis mihi dulcior omni/ Nectare et ambrosia» (**Sil.** 5, 60-61, p. 378).

6-Sabe-se que os animais selvagens se tornam mais ferozes quando têm crias sob a sua protecção. Estes versos de Jerónimo Cardoso evocam o poder da poesia, personificado no mito de Orfeu. A seu respeito, v. *supra*, **Lib.** 11, 22, p. 29, n. 4.

7- Trata-se de Medeia, a princesa da Cólquida que, com os seus poderes mágicos, ajudou Jasão na sua demanda pelo Velo de Ouro.

Para uma outra alusão a esta personagem, v. *infra*: «Si foret acer amor magicis medicabilis herbis/ Phasias Aesonidem detinuisset amans» (**El.** 2, 7, 75-76, p. 329). Sobre a expedição dos Argonautas, v. *supra*, **Inst.** 1, 14, p. 243, n. 7.

8- Cf. *infra*: «Aut te uipereis redimitam crinibus olim/ Vertisse in lapides torua Medusa uiros» (**El.** 1, 14, 37-38, p. 278). Uma das três Górgonas, filhas de Fórcis e Ceto, Medusa apresentava forma de mulher com serpentes armadas de grandes presas, semelhantes às dos javalis, em lugar dos cabelos, e tinha ainda mãos de bronze e asas de ouro. Transformava em pedra, pelo horror da sua visão, todos aqueles que sobre ela fixavam o seu olhar. Sendo a única mortal de entre as três irmãs, Perseu conseguiu decapitá-la, servindo-se de um escudo polido, e serviu-se da sua cabeça para transformar em pedra o monstro marinho que ameaçava devorar Andrómeda. Do pescoço decapitado saíram Crisaor e Pégaso, o cavalo alado, frutos de uma união entre Medusa e Posídon.

Para além destes dois casos, o nome deste monstro ocorre com certa frequência na poesia de Cardoso, nos passos em que, aludindo à fonte de Hipocrene (a «Fonte do Cavalo»), se lhe refere com a designação de «fonte da Medusa» ou «torrentes da Medusa», cf. *supra*: «Cuius et ad laudes fontem exhaurire Medusae/ Fas erat» (**El.** 1, 13, 11-12, p. 275) e *infra*: «Non Helicon libet posthac pulsare uirentem/ Atque Medusaeo fonte leuare sitim» (**El.** 1, 17, 25-26, p. 285); «Nunc mihi, qui faciles memini sensisse Camenas/ Clauditor en Helicon, fonsque Medusa tuus» (**El.** 1, 18, 11-12, p. 286) e «tibi quae monumenta dicamus/ Parua, Medusaeis quamuis incognita riuus/ Sume libens» (**Sil.** 1, 15, 110-112, p. 410). Sobre esta fonte, v. *supra*, **Ap.** 2, 16, p. 8, n. 9.

Para uma outra descrição de sintomas em tudo idênticos aos presentes (desta feita, porém, sem qualquer alusão à Medusa), v. *infra*: «me cum primum lacrimabilis aures/ Vox et amara meas pupugit, sine sanguine in uno/ Immotum mansisse loco, ceu saxeus ipse/ Marmoreusue forem, sensus dolor abstulit omnes» (**Sil.** 9, 39-42, p. 390).

1- A respeito de Cila, um monstro marinho que tragava tudo aquilo que passava ao seu alcance, v. *supra*, **Inst. 1**, 5, p. 243, n. 2.

2- Monstro de forma complicada, a Quimera apresentava-se como um misto de leão e de cabra, tendo a forma de um dragão (ou serpente) na parte posterior e, na anterior, um corpo caprino com uma cabeça de leão implantada, por cujas fauces lançava chamas. A pedido de Ióbates, rei da Lícia cujo território o monstro devastava, Belerofonte, montando o cavalo Pégaso, conseguiu matá-la de um só golpe.

3- Sobre os Gigantes «Anguípedes», filhos da Terra e do sangue de Úrano, v. *supra*, **Lib. 2**, 31, p. 11, n. 6; acerca do assalto que estes moveram aos deuses olímpicos, para vingar os Titãs, v. *supra*, **Lib. 2**, 32, p. 11, n. 7.

4- De Equidna, a *víbora*, criatura que apresentava forma híbrida, sendo metade mulher e metade serpente, dizia-se que tinha dado à luz uma incrível prole de monstros. De Tífon gerara Ortro, Cérbero, a hidra de Lerna e a Quimera morta por Belerofonte. De Ortro, seu filho, gerara Fix (monstro da Beócia) e o leão de Némea. Dera ainda à luz dois dragões: o da Cólquida, que guardava o Velo de Ouro, e o que guardava as maçãs de ouro do jardim das Hespérides. Enfim, era-lhe atribuída a maternidade de quase todas as criaturas monstruosas, como a águia de Prometeu, Feia (porca antropófaga morta por Perseu), a esfinge de Tebas e Cila.

5- Jerónimo Cardoso alude ao mito dos ventos enclausurados tal como ele se encontra em Homero (*Od.*, 10, 1-76): Ulisses recebera de Éolo, senhor dos Ventos, rei de Eólia, um odre feito com uma pele de boi, no qual estavam encerrados todos os ventos, com excepção de Zéfiro que os devia conduzir até Ítaca. Quando, no fim da viagem, já estavam à vista da pátria, Ulisses sucumbiu à fadiga e os seus companheiros, suspeitando que o odre contivesse grandes riquezas, abriram-no. Imediatamente os ventos se escaparam e se desencadeou uma terrível tempestade que os arrebatou novamente para a Eólia. Para uma diferente abordagem deste mito em Cardoso, v. *supra*, **Lib. 2**, 206, p. 17, n. 1.

Sobre os Austros, os ventos que sopram do quadrante Sul, v. *supra*, **Lib. 2**, 326, p. 21, n. 1.

6- Criaturas fabulosas, os Centauros apresentavam, como se sabe, forma em parte humana, em parte equidna. Os «Tergeminosque uiros», gigantes do tipo de Gérion, tinham três cabeças e corpo triplo até às ancas. Sobre Quíron, o mais sábio de entre os Centauros, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 62, n. 3.

7- Cf. *supra*: «Tantus et inde meos defluxit torpor in artus,/ Tantus et obsedit uiscera nostra rigor./ Vt me saxificam credam adspexisse Medusam» (v. *supra*, **El. 1**, 14, 17-19, p. 277). Sobre este monstro terrível, a Medusa, que tinha o poder de transformar em pedra quem sobre ele pousasse o olhar, v. *supra*, **El. 1**, 14, 19, p. 277, n. 8.

#### Página 280

1- A respeito de Inácio de Morais, correspondente de Jerónimo Cardoso e, à data da composição deste poema, professor de Humanidades no Mosteiro de Belém, bem como sobre os outros textos trocados entre um e outro humanista e sua sequência cronológica, v. *supra*, **Ep. 33**, p. 143, n. 1.

2- Ou, por outras palavras, «a minha casa». Sobre os Penates, antigas divindades protectoras do larário, de toda uma casa e até do Estado Romano, v. *supra*, **Mon. 7**, 13, p. 226, n. 7.

3- Aludem estas palavras ao período em que Inácio de Morais se encontrava estabelecido não exactamente em Lisboa mas no Mosteiro de Belém, onde leccionou no ano de 1535, conforme o mesmo refere numa carta datada de 7 de Outubro de 1536, escrita no Mosteiro da Penhalonga e dirigida a Frei Brás de Braga, então Prior de Santa Cruz de Coimbra. Esta carta foi pela primeira vez publicada, juntamente com uma outra, datada de 15 de Outubro de 1537 e dirigida a D. Sancho de Noronha, também em Coimbra, por Mário Brandão, *Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III*, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1937, p. 69.

4- Jerónimo Cardoso refere-se muito provavelmente ao Paço da Ribeira, a *aula regia*. Embora não exercesse aí a sua profissão, Inácio de Moraes, como mestre de jovens da família real, movia-se na esfera da corte e ter-se-á deslocado, por várias vezes, a este palácio, a fim de nele tratar assuntos respeitantes à sua actividade.

#### Página 281

1- Refere-se Jerónimo Cardoso à sua Musa, ou seja, ao seu talento poético. Sendo Clio uma das Musas, a quem na época alexandrina foi atribuída, como domínio, a História, não resulta claro o motivo que terá levado Jerónimo Cardoso a preferi-la a qualquer outra das restantes irmãs, tanto mais que a estrutura espondeica do nome *Clio* (do gr. Κλειώ) obriga à sístole da sílaba final, ao passo que a palavra *Musa* (um troqueu) se enquadra perfeitamente na estrutura métrica do verso sáfico.

Normalmente Cardoso prefere chamá-la pelo nome de Caliope, a primeira das Musas (cf. *supra*, *Mon.* 8, 108, p. 233, n. 6).

2- Sobre esta expressão, colhida por Cardoso em Marcial (1, 113, 3), e para um outro aproveitamento da mesma, v. *supra*, *Ep.* 25, p. 125, n. 5.

3- Cardoso, com exagerado dramatismo, refere-se à pouca segurança dos correios do seu tempo, que umas vezes se atrasavam, outras perdiam a correspondência, contituindo a presente queixa um motivo já antes abordado numa carta de Pedro Sanches a Cardoso (cf. *supra*, *Ep.* 48, p. 176, n. 3) e ainda numa missiva de Inácio de Moraes. Quanto às Parcas, três divindades que presidiam ao destino de todos os mortais, e para outras ocorrências dos seus nomes nos escritos de Cardoso, v. *supra*, *Mon.* 7, 87, p. 229, n. 3.

#### Página 282

1-A comparação entre a amizade e a doçura do mel, já anteriormente abordada (cf. *supra*, *Lib.* 18, p. 45, n. 1), surge neste passo reforçada pela referência ao Himeto, monte da Ática, celebrado desde tempos antigos pela qualidade do mel que nele se produzia. A seu respeito, v. *supra*, *Lib.* 16, 56, p. 38, n. 4.

2- Sobre Momo, divindade que personifica o sarcasmo e a zombaria e outras ocorrências do seu nome nos escritos de Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 3, p. 81, n. 5.

#### Página 283

1- Trata-se do humanista Inácio de Moraes (cf. *supra*, *El.* 1, 15, título e n. 1). Acerca dos textos trocados entre este e Jerónimo Cardoso e sequência cronológica dos mesmos, v. *supra*, *Ep.* 33, p. 143, n. 1.

2- O receio de impropriedade, seja na escolha do assunto a tratar seja no uso do estilo seja ainda na inclusão de algum elemento narrativo que quebre a unidade de composição de um poema, exprime um princípio da retórica aristotélica de que Jerónimo Cardoso tinha naturalmente conhecimento: τὸ πρέπον, (em lat. *aptum*, note-se que Cardoso utiliza o advérbio «apte»). A sua fonte será muito provavelmente Horácio (*A. P.*, v. 14, vv. 38-41 e vv. 88-92).

3- Sobre o motivo horaciano do *labor limae*, as suas ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes e a expressão *subire limam alterius*, v. *supra*, *Ep.* 6, p. 88, n. 2.

4- Acerca da expressão empregue por Cardoso neste passo, de sentido próximo de «ungui notare», e para outras variantes da mesma, presentes nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, *Ep.* 23, p. 121, n. 3.

#### Página 284

1- Trata-se do humanista Inácio de Morais (cf. *supra*, **El.** 1, 15, título e n. 1). A respeito dos textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso e sua sequência cronológica, v. *supra*, **Ep.** 33, p. 143, n. 1.

2- Reportam-se estas palavras a um poema de Inácio de Morais que não se conserva entre os textos trocados com Jerónimo Cardoso e incluídos entre os escritos deste, nem sequer entre a restante produção do autor. O dito poema, cuja data se pode fixar com bastante segurança, terá sido composto por fins do ano de 1536, dado que, nos primeiros meses de 1537, Inácio de Morais partiu de S. Pedro de Penaferrim, perto de Sintra, para Santa Marinha da Costa, mosteiro situado cerca de Guimarães (cf. *supra*, **Ep.** 52, p. 183, n. 6). Sobre os demais textos trocados entre Cardoso e Inácio de Morais, v. *supra*, **Ep.** 33, p. 143, n. 1.

3 - Ou, dito de outra forma, «a minha morada». Sobre os Penates, antigas divindades encarregadas de proteger o larário, toda uma casa e até o Estado Romano, v. *supra*, **Mon.** 7, 13, p. 226, n. 7.

4- Revestem-se estas palavras de singular interesse pelo facto de permitirem situar esta composição no tempo que precedeu a partida de Inácio de Morais do Mosteiro de S. Pedro de Penaferrim, perto de Sintra, para o de Santa Marinha da Costa, nas proximidades de Guimarães. Sobre a data desta mudança, ocorrida nos primeiros meses de 1537, v. *supra*, **Ep.** 52, p. 183 e n. 6.

Por outro lado, tom nostálgico adoptado por Jerónimo Cardoso neste passo encontra um eco nas palavras com que Melibeus, pastor virgiliano, lembra a ausência de Tityro: «Tityrus hinc aberat! Ipsae te, Tityre, pinus, / Ipsi te fontes, ipsa haec arbusta uocabant» (*Ecl.* 1, 38-39).

5- As Musas, divindades a que Cardoso alude frequentemente pela menção do número de membros do seu grupo (cf. *supra*, **Mon.** 1, 10, p. 219, n. 2).

6- O nome «Dulíquio» designa uma ilha do Mar Iónico que fazia parte dos domínios de Ulisses. No pensamento dos humanistas, teria sido Lisboa a cidade que tomou o nome do «príncipe de Dulíquio», dado que interpretavam o seu nome latino, *Olysipo*, *Olisipo*, *Vlyssippo*, etc. (composto com o radical fenício – *ippo*, «cidade») como «cidade de Ulisses» (cf. Sebastião Stockhamer: «Vlyssipona, vel Vlysea, vel etiam Olyssippo, vrbs est regia Lusitaniae in Hispania, maritima ad Oceanum: multís nominibus inclýta, grandis opulentíssima, et maxime populosa: celeberrimum totius Europe Emporium dicta ab Vlisse, vt fertur, eius olim conditore, vulge Lisboa, vbi et Vlyssiponense promontorium», *Dictionarium Aliud de Propriis Nominibus*, fls. G v- r.º e v.º).

Sobre a validade de uma tal etimologia, considerada fantasiosa e infundada pelos modernos investigadores, veja-se José Pedro Machado, *op. cit.*, 1993, tomo II, p. 886.

Para outras referências a Lisboa como «cidade de Ulisses» na poesia de Cardoso, v. *infra*: «denique nullus/ Nescit Vlixea quisquis se continet urbe» (*Sil.* 7, 65-66, p. 386) e «Cum noua Vlyssaeos tetigit Regina Penates,/ progenies Caroli pulcherrima Caesaris» (*Sil.* 16, 3-4, p. 411).

7- Ou, por outras palavras, «não deverei cultivar nenhum género de poesia». As fitas sagradas, usadas como uma grinalda em redor da cabeça, constituíam um símbolo sacrificial ou sacerdotal, sendo, deste modo, utilizadas pelos poetas como insígnia do seu ofício sagrado ou mesmo como sinal indicador de que lhes eram tributadas honras divinas, como explica Sérvio no seguinte passo: «NIVEA CINGVNTVR TEMPORA per quod eos ostendit meruisse diuinos honores, ut diximus supra <648>» (*lib.* 6, *comm. ad uersum* 665).

Para outras referências às fitas sagradas, v. *infra*: «Nam mea cum uenias nectam mox limina festis/ Frondibus: et uittis tempora nostra piis» (**El.** 1, 21, 53-54, p. 293); «Nec iuuat ad dulces animum conuertere uersus,/ Nec maestam niucis frontem circumdare uittis» (*Sil.* 9, 43-44, p. 390).

8- Ou seja, cultivar seja que género de poesia for, dado que, pelo facto de este monte beócio ser consagrado às Musas, que se acreditava habitarem as suas encostas, o seu ocorre frequentemente com o valor de «poesia» ou «inspiração». A este respeito, v. *supra*, **Lib.** 2, 35, p. 11, n. 9.

1- Refere-se Jerónimo Cardoso a Hipocrene, fonte do Hélicon que jorrou da terra no lugar onde Pégaso, cavalo alado que nasceu do pescoço decapitado da Medusa, deu com o casco no rochedo. Estava consagrada às Musas, pelo que se considerava que a sua água induzia a inspiração poética. Acerca desta fonte, v. *supra*, Ap. 2, 16, p. 8, n. 9; sobre a terrível Medusa, v. *supra*, El. 1, 14, 19, p. 277, n. 8.

2- Relativamente ao sentido desta expressão, que Cardoso regista e comenta no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 268-r.º, e sobre as suas variantes nos escritos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 23, p. 121, n. 3.

3- Embora inicialmente diversa, a Lua, a quem tinha sido dedicado um templo em Roma, no Aventino, cedo se identificou com Diana, que possuía um santuário nas imediações. O seu nome, entre os poetas, reporta-se normalmente (como neste caso) a Selene, filha de Hipérion e Tia, que se apresentava como uma mulher bela, de idade jovem, que percorria o céu num carro de prata tirado por dois cavalos.

### Página 286

1- Jurisconsulto de profissão, Jorge Lopes (ou Lobo) obteve, segundo Joaquim Veríssimo Serrão (*op. cit.*, pp. 302-303), o grau de bacharel em Leis na Universidade de Salamanca, a 5 de Maio de 1535, com o doutor Bento de Castro e tendo por testemunhas os escolares Cristóvão Teixeira e Lopo Gentil.

Muitos anos mais tarde, mais concretamente em 1556, Jorge Lopes, então licenciado, viria a pertencer ao desembargo do paço, sendo nomeado, por alvará de 28 de Janeiro desse ano, para proceder ao tombo das terras da ordem de Avis (cf. *Direitos, Bens e Propriedades da Ordem e Mestrado de Avis, nas suas três vilas de Avis, Benavila e Benavente e seus termos*, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa, 1950-1953, pp. 19 e segs.).

Antigo aluno de Jerónimo Cardoso (cf. *supra*: «Georgius qui me olim praeceptore usus est», Ep. 49, p. 177), Jorge Lopes figura nas colectâneas do seu antigo mestre como destinatário de apenas uma poesia (a presente), embora o motivo desta composição esteja na origem directa de três outros poemas (v. *supra*, Lib. 13 e 14, p. 35 e *infra*, El. 1, 26, pp. 304-306) e de duas alusões presentes noutros textos (uma na já citada missiva dirigida a Pedro Gomes de Abreu, Ep. 49, pp. 177-178, e outra numa silva dedicada a um amigo de Cardoso que partia para Salamanca, Sil. 8, 71-73, p. 391).

Do motivo que originou estas composições dá conta Jerónimo Cardoso, por carta, ao seu antigo aluno e amigo Pedro Gomes de Abreu, então estudante na Universidade de Coimbra: Jorge Lopes, completamente apaixonado por duas jovens belíssimas, Joana e Márcia, consultava o seu antigo mestre, por meio de um poema (perdido), para saber qual delas amaria mais. A sua situação seria cómica se não fosse trágica e Cardoso procurou então aconselhá-lo com um poema (a presente elegia), que enviou previamente a Pedro Gomes para que este exercesse sobre ele a sua revisão.

A par da composição desta elegia terão surgido as três outras poesias a que acima fizémos referência, todas dirigidas a Márcia, a segunda dessas moças, e compostas em dísticos elegíacos. Na primeira, Cardoso censura Márcia por ela contemplar a sua imagem reflectida nas águas de uma fonte, dado que a sua beleza ultrapassava, em muito, o reflexo enganador da instável torrente. Sobre este mesmo motivo se desenvolve o poema seguinte, breve de apenas quatro versos, réplica diminuta do primeiro. No terceiro poema, longo de sessenta versos, Cardoso pede a Márcia que seja meiga para com o seu antigo aluno, por ela perdidamente apaixonado (vv. 1-10), descreve os sinais exteriores da sua paixão (vv. 11-24), reitera o pedido inicial (vv. 25-30) e, lembrando-lhe o valor imortal da poesia, aconselha-a a que se entregue por completo ao seu infeliz amador, porquanto apenas por meio dos seus versos poderá superar as inexoráveis leis da morte.

No presente poema, Jerónimo Cardoso estranha o motivo que levou Jorge Lopes a dirigir-se-lhe por escrito (a sua insensata paixão pelas duas jovens) e, lembrando-lhe as paixões funestas de Leandro e de Páris, acaba por aconselhá-lo a rejeitá-las a ambas e a consagrar os seus afectos às belas-lettras: «Harum utramque simul neglege, tutus eris» (v. 60). Jorge Lopes não terá seguido inteiramente o conselho do seu antigo mestre e da sua opção por Márcia parecem ser um sinal os três poemas a ela dirigidos.

2- Ainda que, de início, as suas funções não estivessem definidas, Talia, uma das Musas, veio a presidir à comédia e à poesia ligeira, pelo que, para além do presente caso, o seu nome ocorre com frequência na poesia de Cardoso, a par dos de Calíope (v. *supra*, Mon. 8, 108, p. 233, n. 6) e Clio (v. *infra*, El. 1, 15, 22, p. 281, n. 1), como sinónimo de «Musa», aludindo normalmente à poesia de natureza jocosa.

Para outros exemplos, v. *supra*: «Totaque se debet nostra Thalia tibi» (*Inst.* 2, 4, p. 220) e «Accipe quae de te nostra Thalia canit» (*Inst.* 3, 26, p. 221, poemas de Salvador Rodrigues) e *infra*: «Nostra reformidat canere et narrare Thalia./ Cum maius nostris uiribus hoc sit onus» (*El.* 1, 19, 9-10, p. 289); «Aut si neglexi numeris rescribere doctis./ Quos tua iam pridem docta Thalia tulit» (*El.* 2, 5, 39-40, p. 322); «Nunc age sublimes inuecta Thalia per auras/ Ibis ad Antoni tecta Laresque mei» (*El.* 2, 16, 1-2, p. 345); «Nata supremi Iouis o Thalia/ Linque Parnasi geminum cacumen» (*El.* 2, 19, 1-2, p. 350); «Odi docta tuos lususque salesque Thalia» (*Sil.* 1, 40, p. 366); «Eloquii et placidi quoties te legibus infers/ Carminis, ignoret similem tua docta Thalia» (*Sil.* 2, 86, p. 370) e «tanta [...] uis/ Nectaris, ipsa tibi quod blanda Thalia propinat» (*Sil.* 14, 18-19, p. 405).

3- Segundo algumas lendas, Tício seria um gigante filho de Zeus e de Elara. Quando esta ficou grávida, Zeus, temendo a vingança da rancorosa Hera, escondeu-a no seio da Terra e foi da Terra que emergiu Tício ao nascer.

Quando Leto (ou Latona) entregou a Zeus os filhos que dele tivera, Ártemis e Apolo, Hera, ciumenta, enviou-lhe o gigante Tício com o fim de a violentar, Zeus, porém, fulminou-o e lançou-o aos Infernos, onde duas serpentes ou águias lhe devoram constantemente o fígado, que sempre renasce, segundo as fases da Lua.

4- Mais uma vez, o nome do Hélicon surge como sinónimo de «poesia» ou «inspiração poética», pela circunstância de os Antigos acreditarem ter sido este monte a morada das Musas. Sobre este assunto, v. *supra*, *Lib.* 2, 35, p. 11, n. 9.

5- Trata-se de Hipocrene, fonte do monte Hélicon que brotou onde o cavalo alado Pégaso deu uma patada no rochedo. Consagrada às Musas, acreditava-se, como já vimos, que quem bebesse da sua água ficaria inspirado. Relativamente a esta fonte, v. *supra*, *Ap.* 2, 16, p. 8, n. 9; sobre a Medusa, monstro com serpentes em lugar de cabelos, v. *supra*, *El.* 1, 14, 19, p. 277, n. 8.

6- Alude Jerónimo Cardoso a Apolo, divindade a quem estava consagrado o Santuário de Delfos, na Fócida, perto do qual se localizava a antiga cidade de Cirra (cf. *supra*, *Mon.* 1, 14, p. 219, n. 3).

7- Cf. *supra*: «Georgius qui me olim praeceptore usus est (ut scis) Petre humanissime me de re haud quaquam uulgaris per uersiculos quosdam consulit» (*Ep.* 49, p. 177, carta de Jerónimo Cardoso a Pedro Gomes de Abreu). Encerra este passo uma referência a uma composição de Jorge Lopes, antigo aluno de Cardoso, que terá suscitado toda uma série de poemas (cf. *supra*, *Ep.* 49, p. 177, n. 4) e que não se conserva entre os escritos deste. Pelas presentes palavras, sabe-se apenas que tal poema estaria composto em dísticos elegíacos.

8- Ou seja, invocar as Musas contra a sua vontade. Constituem estas palavras uma variante do aforismo latino «inuita Minerua», que Cardoso regista e comenta no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 100 r.º, e que ocorre, com variações, numa outra poesia sua e em duas epístolas de Pedro Sanches (cf. *supra*, *Ep.* 42, p. 163 e n. 4).

9- Referem-se estas palavras ao deus Apolo, que presidia, em Delfos, ao mais célebre oráculo do Mundo Antigo. Jerónimo Cardoso chama-lhe «Pythius [...] uates», aludindo, por um lado, ao facto de ser o deus da poesia e, por outro, ter fundado o dito oráculo no lugar de um antigo santuário de Témis, onde previamente matou, com as suas flechas, a serpente Píton, tendo, em sua honra, instituído os Jogos Pífticos (cf. *infra*, *El.* 1, 24, 53, p. 301, n. 3).

Designação semelhante encontra-se no seguinte passo de Juvenal: «Spartano cuidam respondit Pythia uates/ haud impunitum quondam fore quod dubitaret/ depositum retinere et fraudem iure tueri/ iurando» (13, 199-202). Neste caso, porém, tais palavras reportam-se não à divindade mas à Pitonisa, intérprete dos desígnios do deus no seu santuário.

Segundo uma tradição transmitida por Diodoro Sículo (4, 66, 5-6), teria sido Dafne (ou Manto), uma filha de Tirésias, possuidora, como seu pai, do dom da profecia, que, depois da tomada de Tebas, teria sido capturada e enviada pelos Epígonos para o santuário de Delfos como dádiva a Apolo. Nesse lugar, desempenhando as funções de sibila, Dafne ter-se-ia dedicado ao aperfeiçoamento da arte da adivinhação.

O seu talento poético teria sido tal que o próprio Homero se teria apropriado de muitos dos seus versos, integrando-os nas suas epopeias.

#### Página 287

1- Trata-se de Baco, deus que, na Época Clássica surge representado sob a forma de um belo efebo, coroado de folhas de vinha ou de hera e por vezes provido de pequenos chifres, com longos cabelos que lhe caem em madeixas sobre os ombros e vestido apenas com uma pele de corço (ou inteiramente nu). Na sua mão, tal como os seus seguidores, transporta um tirso. Uma referência à particularidade anatómica aludida encontra-se, por exemplo, no seguinte passo de Ovídio: «Culte puer puerique parens Amathusia culti,/ Aurea de campo uellite signa meo!/ Corniger increpuit thyrsos grauiore Lyaeus:/ Pulsandast magnis area maior equis» (*Am.*, 3, 15, 15-19).

2- Alusão à célebre Sibila de Cumas, que divulgava oráculos escrevendo-os sobre folhas de árvores, circunstância que deu origem a um adágio presente num verso de Juvenal e várias vezes repetido por Jerónimo Cardoso (a tal respeito, v. *supra*, *El.* 1, 11, 35-36, p. 272, n. 3). Sobre a Sibila de Cumas, v. *supra*, *Lib.* 18, p. 44, n. 7.

3- Famoso escolho marítimo, o nome de Caríbdis designa um rochedo que se estende ao longo do Estreito de Messina. A seu respeito e para outras referências nos textos de Cardoso, v. *supra*, *Inst.* 1, 5, p. 243, n. 2.

4- Nova alusão a Medeia, princesa da Cólquida que, com os seus poderes mágicos, prestou auxílio a Jasão, que andava em busca do Velo de Ouro. Sobre Medeia, *supra*, *El.* 1, 14, 12, p. 277, n. 7. Acerca da expedição dos Argonautas, v. *supra*, *Inst.* 1, 14, p. 243, n. 7.

5- Bebida dos deuses, considerado, por antonomásia, o melhor dos alimentos, o néctar surge como termo de comparação para qualquer coisa doce. A este respeito v. *supra*, *Ep.* 33, p. 143, n. 3.

6- Em lat. «remis uelisque». Sobre este adágio latino, as suas variantes e fontes clássicas e uma outra ocorrência nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 25, p. 126 e n. 1.

7- As Musas, cujo número, embora variável, acabou por se fixar em nove (cf. *supra*, *Mon.* 1, 10, p. 219, n. 2).

8- Jovem natural de Abido, Leandro apaixonara-se por Hero, uma sacerdotisa de Afrodite, que vivia em Sesto, cidade situada diante de Abido, do lado oposto do Helesponto. Para se encontrar com Hero, Leandro atravessava o estreito todas as noites, nadando guiado por uma luz que aquela acendia no alto de uma torre. Porém, certa noite de tempestade, o vento apagou a chama e o infeliz nadador não conseguiu orientar-se no mar, morrendo afogado. As vagas arrastaram o seu corpo até à base da torre, do cimo da qual Hero o avistou na manhã seguinte. Compreendendo o que sucedera e não querendo viver sem aquele que amava, Hero suicidou-se.

#### Página 288

1- Trata-se de Páris, cuja funesta paixão por Helena de Esparta foi causa da destruição de Tróia às mãos dos Dánaos (os Gregos). A seu respeito, v. *supra*, *Inst.* 4, 22, p. 246, n. 7.

#### Página 289

1-

2- Sobre este género de expressão, as suas fontes e para outras variantes presentes nos escritos de Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 17, p. 109, n. 2.

3- Ou, dito de outro modo, «a nossa Musa», dado que o nome Talia designa uma das nove irmãs. Sobre as suas atribuições específicas e para outras ocorrências do seu nome em Cardoso, v. *supra*: *El.* 1, 18, 1, p. 286, n. 2.

4- Ainda que não seja mais que um simples eco, o presente verso exprime-se num tipo de vocabulário em larga medida evocativo do que Jerónimo Cardoso empregou no elogio que consagra à disciplina da Astronomia, na sua *Oratio pro Rostris* (cf. *supra*, *Lib.* 18, p. 53 e n. 11).

5- Vento proveniente do quadrante Oeste, muitas vezes como uma suave vibração primaveril. A seu respeito, v. *supra*, *Ap.* 1, 11, p. 3, n. 5.

6- Embora não se possa determinar o ano da composição desta elegia, parece, no entanto, em função do conteúdo deste verso, ter sido redigida durante umas férias de Verão, tempo durante o qual, desocupado de actividades lectivas, Jerónimo Cardoso se podia entregar mais livremente aos seus ócios literários.

#### Página 290

1-

2- Refere-se Jerónimo Cardoso a composições poéticas anteriormente recebidas e a que a presente elegia responde. Sobre elas, porém, nada mais se pode apurar, dado não terem sido incluídas por Cardoso nas suas compilações nem terem deixado, para além deste, qualquer outro rasto.

3- Sobre Arquíloco, poeta grego do séc. VII a. C., considerado o inventor dos versos iâmbicos, v. *supra*, *El.* 1, 6, 17, p. 262, n. 3.

4- Alusão à célebre poetisa grega Safo, natural da ilha de Lesbos, que viveu entre os sécs. VII-VI a. C. A seu respeito, v. *supra*, *Mon.* 8, 73, p. 232, n. 5.

5- Sobre esta expressão, uma variante de «crassa Minerua», as suas fontes e demais ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 25, p. 125, n. 6.

#### Página 291

1- Trata-se do arco-íris, fenómeno atmosférico cuja origem Jerónimo Cardoso mostra não compreender. Na esteira do pensamento de Propércio («Atque ubi iam Venerem grauis interceperit aetas, / sparserit et nigras alba senecta comas, / tum mihi naturae libeat perdiscere mores, / [...] purpureus pluuias cur bibit arcus aquas», 3, 5, 23-32), Jerónimo Cardoso, associando embora este fenómeno à chuva, parece no entanto sugerir que o dito arco sugava as águas do mar, originando depois chuvas e tempestades, quando na realidade se deve aos fenómenos de refacção e reflexão dos raios de Sol nas gotas de água.

Para duas outras alusões a este fenómeno atmosférico, feitas por meio de uma referência à filha de Taumante (Íris), v. *infra*, *Sil.* 6, 63, p. 382, n. 1.

2- Sobre o motivo presente neste passo: os tigres como o símbolo máximo da ferocidade, suas fontes e outros exemplos, v. *supra*, *Lib.* 2, 234, p. 18, n. 1.

3- Nomes dos ventos que sopram, respectivamente, do quadrante Norte (Bóreas) e do quadrante Sul (Austro). Quanto ao primeiro, v. *supra*, *Ap.* 1, 11, p. 3, n. 6; quanto ao segundo, v. *supra*, *Lib.* 2, 326, p. 21, n. 1.

4-

5- Recorre Jerónimo Cardoso neste passo a uma expressão cronométrica, uma fórmula perifrástica do campo da astronomia mitológica em que os diferentes períodos do ano são indicados pelas constelações e signos do Zodíaco correspondentes. No caso presente, tal expressão visa delimitar, de forma

aproximativa, o período em que Sirius (a Canícula), uma estrela da constelação do Cão, se encontra em conjunção com o Sol, o qual coincide com o espaço de tempo que vai de meados de Julho a meados de Agosto, ou seja, desde que o Sol entra na casa do Leão (constelação em que foi transformado o Leão de Némea, filho de Orto e de Equidna morto por Hércules, que, como agradecimento a Zeus Salvador, instituiu em sua honra os Jogos Nemeus, festival pan-helénico celebrado de dois em dois anos) até que dela sai. Esta época, no Hemisfério Boreal, corresponde à quadra mais quente do ano.

Tal género de fórmula perifrástica, consagrado desde a Antiguidade, surge na poesia de Cardoso com certa frequência sempre que este pretende aludir, sem grandes preocupações de exactidão, a um determinado espaço de tempo (caso em que tal fórmula recebe o nome de *cronométrica*) ou quando este pretende situar o objecto da sua narração numa dimensão espaço-temporal (caso em que tal fórmula receberá o nome de *cronotópica*).

Sempre que tais expressões, tanto cronométricas como cronotópicas, utilizam como referente as constelações representativas dos signos do Zodíaco (pois apenas sobre estas se deruça a presente nota) deverá ter-se em atenção o facto de o período de tempo apontado não coincidir com a delimitação moderna dos ditos signos, mas se reportar à que se encontrava em vigor antes da reforma do calendário ordenada pelo Papa Gregório XIII em 1582. Assim, o signo de Peixes, por exemplo, que modernamente se situa entre 19 de Fevereiro e 20 de Março, situava-se, no tempo de Jerónimo Cardoso, entre 10 de Fevereiro e 12 de Março.

Para outras expressões cronométrica similares, presentes na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Sidera nunc radiis Titan Ledaea tenebat./ At nunc Erigones uirginis ora premit» (El. 1, 21, 23-24, pp. 291-292); «Cornua tunc Tauri supereminet ardua Titan./ Qui uexit magnum per freta lata louem./ Viscera tum rapidis coepere calescere flammis./ Cum uisa est oculis Siluia pulchra meis» (El. 2, 7, 25-28, pp. 327-328); «Bis tetigit Pisces Titan, duodena recurrens/ Astra, Cleonaci bis pressit terga Leonis./ Ex quo, care puer, Superis gratissime, sedes/ Liquisti nostras, aduetaque limina» (Sil. 1, 1-4, p. 365); «Nam regio opportuna nitet, quae sidere Cancri/ Alget» (Sil. 10, 147-148, p. 396); «Cum tamen aequabit nocturnis Libra diurna/ Tempora, tunc nobis solitam reuocare palaestram/ Fas erit» (Sil. 11, 28-30, p. 398); «Sarcina sed quamuis nobis exempta legendi./ Nulla tamen nostrae permittitur hora quieti./ Cum Canis et saeui rabies uiolenta Leonis/ Tam rigidos miseris mortalibus intulit aestus» (Sil. 11, 36-39, p. 399); «calido nec Sirius astro/ Nec rabies saeui obstaret uiolenta Leonis» (Sil. 13, 6-7, p. 403).

Como exemplo único de uma expressão cronotópica construída com recurso a estas mesmas figuras do ciclo astral do Zodíaco, v. *infra*: «Aut, cum Nemaeos Titan conscenderit armos./ Arentem aut Meroem uel Garamanta petam» (El. 2, 5, 23-24, p. 322).

Sobre este assunto, veja-se o ensaio de Sebastião Tavares de Pinho, «Fórmulas de Expressão Cronotópica n' *Os Lusíadas*» in *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Universidade de Oxford, 1 a 8 de Setembro de 1996*, Oxford-Coimbra, 1998, pp. 1257-1267.

6- A referência de Jerónimo Cardoso a estas duas constelações, os Dioscuros e a Virgem, tem certamente um significado cronológico e relaciona-se com a data da composição desta elegia, dado que se mencionam dois signos do Zodíaco (Gêmeos e Virgem) e já antes se falara do Leão (outro signo, de 23 de Julho a 22 de Agosto) e da Canícula, numa clara alusão ao calor estival.

Diz Cardoso que Pedro Gomes estava ausente havia já quatro meses («abes menses iam quatuor») e que, se soubesse as saudades que Cardoso sentia dele, nem mesmo o tórrido calor do Verão o impediria de encetar viagem («Nec canis aestiui rabies rapidique Leonis»). Agora, porém, encontravam-se já sob o signo de Virgem («At nunc Erigones uirginis ora premit»), ou seja, no período que medeia entre 23 de Agosto e 22 de Setembro (concretamente no início desse período, ou seja, no fim de Agosto).

O verso anterior diz, um pouco desconexadamente: «Sidera nunc radiis Titan Ledaea tenebat» (o nome «Titã», na poesia de Jerónimo Cardoso significa simplesmente «o Sol», cf. *supra*, Lib. 2, 70, p. 12, n. 4). Mencionam-se as estrelas de Leda: a constelação dos Dioscuros, ou seja, o signo de Gêmeos. Se o interpretarmos à letra, tal verso significará: «O Titã detinha agora, com os seus raios, as estrelas de Leda». Verificamos que não têm sentido nem o uso do imperfeito, nem a conjunção *at* que abre o verso seguinte, nem sequer o próprio verso. Se, porém, em vez de *nunc* lermos *tunc* tudo se esclarece, passando este verso a significar: «Nessa altura o Titã sustentava, com os seus raios, os Gêmeos/ Agora, porém, faz nascer o rosto da virgem Erigone». Quer isto dizer que, quando Pedro Gomes partiu, encontravam-se sob o signo de Gêmeos.

Ora, este signo ocupa o espaço que medeia entre 21 de Maio e 21 de Junho e, se contarmos o ponto de partida e o ponto de chegada, deparamo-nos com Gêmeos, Caranguejo, Leão e Virgem, que

correspondem aos quatro meses de que fala Cardoso (referindo na realidade apenas três, dado não mencionar o de Caranguejo, que corresponde ao período que medeia entre 22 de Junho e 22 de Julho). Pedro Gomes esteve ausente, assim, durante os meses de Junho, Julho e Agosto.

Pelo exposto, pode concluir-se que a presente elegia deve ter sido composta durante o Verão, um tempo em que, livre das suas ocupações lectivas, Jerónimo Cardoso podia entregar-se à poesia e, simultaneamente, sentir de um modo mais vivo as saudades que lhe causava a ausência de um amigo tão estimado.

7- Encerram estas palavras uma sugestão da poesia de Horácio, especificamente dos versos seguintes, com que o Venusino abre o poema com que dedica ao seu amigo Mecenas os livros dos *Carmina*: «Maecenas atavis edite regibus,/ o et praesidium et dulce decus meum» (*Od.* 1, 1, 1-2).

Para um outro aproveitamento deste passo na poesia de Jerónimo Cardoso, desta feita numa elegia dedicada a Afonso de Portugal, v. *infra*: «Quid memoret mea Musa tuas quod mulceat aures,/ O Alphonse, decus praesidiumque meum», *El.* 2, 14, 1-2, p. 342.

### Página 292

1- Queixa-se Jerónimo Cardoso da demorada ausência de Pedro Gomes de Abreu recorrendo, pela segunda vez nesta composição, a uma expressão cromométrica, uma fórmula perifrástica que lhe permite, situar de forma algo vaga, a altura da partida de Pedro Gomes e aquela em que lhe escrevia estes versos.

Refere assim que Pedro Gomes estava ausente havia já quatro meses (cf. *supra*, v. 21) e que, se soubesse das saudades de Cardoso, nem mesmo o tórrido calor do Verão o impediria de iniciar a viagem de regresso (cf. *supra*, vv. 15-16). No verso precedente, por outro lado, diz que o Sol (referido como «Titã», cf. *supra*, *Lib.* 2, 70, p. 12, n. 4), por alturas da partida de Pedro Gomes, se encontrava na casa de Gémeos (as «estrelas de Leda», ou seja, a constelação dos Dioscuros), signo do Zodíaco que, naquele tempo, correspondia ao período situado entre meados de Maio e meados de Junho.

Na altura em que Cardoso compunha estes dísticos, porém, já o Sol se encontrava já na casa de Virgem, ou seja, no período compreendido entre meados de Agosto e meados de Setembro (concretamente no início desse período, ou seja, na segunda quinzena de Agosto). Contando, à maneira antiga, o ponto de partida e o ponto de chegada, deparam-se-nos os quatro meses de que Cardoso falara, correspondendo aos signos de Gémeos, Caranguejo, Leão e Virgem, pelo que Pedro Gomes terá estado ausente durante os meses de Junho, Julho e Agosto, período que correspondia à cessação das actividades lectivas.

A presente elegia deverá pois ter sido composta durante o Verão, mais concretamente por finais do mês de agosto, um tempo em que, livre das suas ocupações lectivas, Jerónimo Cardoso podia entregar-se à poesia e, simultaneamente, sentir mais vivamente as saudades que lhe causava a ausência de Pedro Gomes.

Relativamente ao género de perífrase a que Cardoso recorre neste passo e para outros exemplos paralelos tomados da sua poesia, v. *supra*, *El.* 1, 21, 16, p. 291 e n. 5.

Sobre Erigone, refere a tradição que, quando Dioniso revelou aos homens o uso da vinha e o vinho, se hospedou em Atenas, na casa de Icário, pai da jovem, pela qual se apaixonou. Antes de se retirar, o deus ofereceu a Icário um odre de vinho, exortando-o a que repartisse o seu conteúdo, pelo que este o deu de beber a alguns pastores que, embriagados e convencidos de que tinham sido envenenados, o mataram à paulada. Erigone veio a descobrir o cadáver insepulto do pai e, desesperada, suicidou-se, enforcando-se numa árvore. Dioniso, sabendo do que sucedera, puniu os habitantes de Atenas fazendo com que todas as jovens se comessem a enforcar, até que um oráculo revelou a causa do fenómeno e os culpados foram punidos, instituindo-se em honra de Erigone uma festa, na qual se suspendiam jovens nas árvores e, mais tarde, discos com rostos humanos gravados: os *oscilla*.

Para uma outra tradição a respeito da constelação da Virgem, v. *infra*, *Sil.* 10, 54, p. 393 e n. 10.

2- Exemplos das mais fiéis amizades extraídos da Mitologia Grega. Pílates, filho de Estrófilo e de Anaxíbia, irmã de Agamémnon, cresceu com Orestes, seu primo-irmão, no palácio de Estrófilo, para onde Clítmnestra enviara o filho enquanto vivia com Egisto. Terá aconselhado a Orestes o plano de vingança pelo assassínio do pai deste e pegado em armas para lutar contra os filhos de Náuplio, que combatiam do lado de Egisto. Tendo prestado um grande auxílio a Orestes durante a sua viagem à Taurica, Pílates veio a casar-se com Electra, irmã daquele, de quem teve dois filhos. Pirítoos da Tessália, filho, segundo certas versões da lenda, de Dia e de Ixíon e descendente, por via paterna, dos Lápitidas, figura entre os caçadores do javali de Cálidon e desposa Hipodamia. Durante a boda, os Centauros, com quem era aparentado, tentaram

violar Hipodamia e raptar as outras mulheres, pelo que os Lápitás tiveram que lutar contra eles, matando muitos. Foi durante esse combate que Teseu e Pirítoos se tornaram amigos, associando-se depois numa série de aventuras.

Para outras referências a estas duas figuras na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Hoc tantum dic diua precor, me excedere fama/ Aemonium Pyladem» (Sil. 3, 28-29, p. 372) e «uerum (ni fallor) amore/ Hoc me prosequeris Manesque sequere sub imos,/ (Si sensus post fata manet) quo fidus Orestem/ Aemonius Pylades, quo Thesea Perithousque» (Sil. 6, 32-35, p. 381).

3- Recorrente em autores antigos, esta mesma expressão surge, por exemplo, em Horácio, que a emprega para aludir a Mecenas: «Meae [...] partem animae» (C., 2, 17, 5) e, em outro lugar, a Virgílio: «animae dimidium meae» (*ibidem*, 1, 3, 8). Jerónimo Cardoso, por seu turno, emprega-a sempre em contexto poético, para se referir a alguns dos seus mais estimados amigos, como Pedro Gomes de Abreu (caso presente) e ainda Pedro Sanches: «Dimidium mentis [...] mihi» (Sil. 3, 1, p. 372), Salvador Rodrigues: «animi pars magna mei» (Sil. 6, 85, p. 382), Marceu «pars animi Marcaeu carissime nostri» e «Depositum te grande meae carissime mentis» (Sil. 9, 33 e 56, pp. 390 e 391) e finalmente Luís Pires: «animae nostrae pars maxima Pyrrhe» (Sil. 11, 1, p. 398).

### Página 293

1- Filho de Posídon e de Geia, Anteu, um gigante que vivia na Líbia, perto de Útica ou de Marrocos, obrigava todos os viajantes a lutar com ele. Depois de os vencer, matava-os e ornamentava o templo de seu pai com os despojos. Esta situação durou enquanto Anteu se manteve em contacto com a Terra, sua mãe, algo que o tornava invulnerável. Apenas Hércules, que andava em busca das Maças de Ouro, conseguiu vencê-lo na luta, erguendo-o sobre os ombros e sufocando-o.

2- Sobre as fitas sagradas, uma insígnia do ofício sagrado dos poetas, v. *supra*, El. 1, 17, 23-24, p. 284, n. 7.

3- No latim dos humanistas, o nome *Tonans*, «Senhor do Raio», antigo epíteto de Júpiter, surge aplicado ao Deus cristão, cf. *supra*, Ap. 3, 21, p. 10, n. 4.

### Página 294

1- A respeito de André Cotrim, poeta novilatino, correspondente de Jerónimo Cardoso e revisor, juntamente com Rodrigo Sanches e Inácio de Morais, da sua *Oratio pro Rostris*, v. *supra*, Ep. 27, p. 129 e n. 1.

2- Sendo uma das composições de André Cotrim de que resta notícia segura (cf. *supra*, Ep. 27, p. 129 e n. 1), o epigrama com que este poeta terá saudado, ainda em 1537 a inauguração da Fonte da Água de Prata está na origem directa da presente elegia de Cardoso, o qual não esconde a sua admiração perante aqueles versos. Registando embora, para além das obras conservadas, aquelas de que há memória, *HISLAMP*A nada escreve a seu respeito.

3- Resposta de D. João III aos problemas de abastecimento de água da cidade de Évora, a iniciativa da construção do Aqueduto da Água de Prata (ou reconstrução de um antiquíssimo aqueduto romano) partiu de André de Resende, que, embora tenha contado com a viva oposição de D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, fundamentou os seus argumentos com provas arqueológicas, conseguindo assim persuadir o monarca a edificar a grande obra. Évora viu, então, erguer-se o aqueduto, fonte de um manancial tão puro que cedo se chamou Água de Prata.

Segundo refere Túlio Espanca (*op. cit.*, p. 64), as obras do aqueduto foram executadas entre 1531 e 1537, sob risco do arquitecto Francisco Arruda, tendo decorrido a bom ritmo, a expensas de cristãos novos e da nobreza eborense. A sua inauguração verificou-se na tarde de 28 de Março de 1537, com o lançamento das primeiras águas públicas num chafariz construído sobre o arco triunfal ou pórtico romano então existente na Praça do Geraldo. Presentes estavam D. João III, D. Catarina de Áustria e toda a corte. Uma corrida de touros, promovida pelos mercadores do povo, assinalou o fim desse dia festivo.

O aqueduto, que só alcança certa monumentalidade a partir do Mosteiro de S. Bento de Castris, tem a sua parte mais nobre nas proximidades do Convento da Cartuxa e da Torralva, simulando uma entrada monumental. A fonte em que pela primeira vez jorrou Água de Prata, segundo informação de Túlio Espanca (*op. cit.*, p. 44) foi demolida, em 1570, por ordem do cardeal infante D. Henrique, tendo sido substituída pela actual, iniciada em 1571 sob risco do arquitecto Afonso Álvares.

As obras da Água de Prata constituíram um tema recorrente na literatura dessa época, em particular, e na literatura sobre a cidade de Évora, em geral. Assim, entre os autores quincentistas, aos nomes de Jerónimo Cardoso e de André Cotrim poder-se-ão juntar os de André de Resende (*Apologia pelo Aqueducto de Sertório contra D. Miguel da Sylva, Bispo de Viseu e Dous Livros de Aqueductos*), de João de Barros (*Gramática da Língua Portuguesa*, p. 50), de Luís de Camões (*Os Lusíadas*, 3, 63), e ainda Manuel da Costa e Diogo Pires. Para uma abordagem mais detalhada deste assunto, veja-se a nossa dissertação de Mestrado, *op. cit.*, pp. 106-117 (em especial, pp. 111-115).

4- Estadista e general romano, Sertório seguiu, durante a Guerra Civil entre Mário e Sila, o partido do primeiro e, após a derrota deste, viu-se proscrito. Depois de vicissitudes várias, acabou por chegar à Lusitânia, onde foi escolhido para chefiar a resistência contra os generais que Roma mandara para a submeter. Para além da tradição, não restam provas de que o general romano tenha efectivamente estacionado em Évora. Terá a falecido pelo ano 72 a. C.

5- Sobre Apeles de Cós, célebre pintor grego, v. *supra*, **Lib.** 13, 3, p. 35, n. 2.

6- Nascido pelo ano 464 a. C., Zeuxis, outro nome famoso da pintura grega antiga, parece ter acentuado a tendência da pintura para o ilusionismo de um modo nunca antes alcançado. Como Apeles de Cós, também o seu nome se tornou sinónimo de «grande pintor». Veio a falecer em 398 a. C. e, da sua obra, nada subsistiu.

7- Pintor grego natural da cidade de Éfeso, Parrásio terá vivido pela segunda metade do séc. V. a. C., como parece sugerir a conversa mantida com Sócrates nos *Memoráveis* de Xenofonte (Plínio-o-Antigo, porém, situa-o já no séc. IV). Ter-se-á notabilizado por uma maior subtileza do traçado, segundo se infere das observações do Naturalista (*N. H.*, 35, § 67) e de Quintiliano (*Inst.*, 12, 10, § 4), inaugurando, na esteira de Apolodoro e de Zêuxis, o realismo na pintura grega. Todas as suas criações se perderam.

8- Alusão ao famoso Mausoléu de Halicarnasso, erigido na Ásia Menor, nos anos imediatamente anteriores e posteriores a 353 a. C., para Mausolo, que governara a região como sátrapa dos Persas, por sua viúva (e irmã) Artemísia (cf. *supra*, **Ep.** 27, p. 130, n. 8).

9- Refere-se Cardoso às Pirâmides do Egipto, das quais as mais famosas e monumentais serão as de Gisé. De todo o complexo funerário, que conta com variados monumentos, destacam-se as três maiores pirâmides: uma erguida por Miquerinos, por volta do ano 2470 a. C.; outra por Quéfren, em cerca de 2500 a. C. e a de Quéops, a maior de todas, construída ao redor do ano 2530 a. C. (cf. *supra*, **Ep.** 27, p. 130, n. 8).

10- Sobre a estátua criselefantina de Zeus de Olímpia, outra das Maravilhas do Mundo Antigo, obra de Fídias, v. *supra*, **Ep.** 27, p. 130, n. 1.

11- Trata-se do Altar dos Chifres, construído na Ilha de Delos, que não consta na lista elaborada por Antípatro de Sídon no séc. II a. C., mas que Marcial menciona num epigrama com que celebra a inauguração do Coliseu de Roma (cf. *supra*, **Ep.** 27, p. 130, n. 8).

#### Página 296

1- Sobre o destinatário da presente elegia, Inácio de Morais, ao tempo professor de Humanidades no Mosteiro da Penhalonga, bem como sobre os textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso e sua sequência cronológica, v. *supra*, **Ep.** 33, p. 143, n. 1.

2- Cf. *infra*: «Sed quid agam dubito: nunquid rescribere coner/ Versibus, accepi quos ego laeta tuis» (El. 1, 23, 23-24, p. 296); «Quid referam primum dubiam quo robore mentem/ Firmarunt uersus, delitiaeque tuae» (El. 1, 23, 31-32, p. 297) e «Credere quis posset, subito ut mutata redirem./ Carminibus paucis exiguisque sonis» (El. 1, 23, 57-58, p. 298). Pela leitura dos passos citados, bem como pelo próprio título da composição («Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat Loquitur Iuuentus»), pode concluir-se que o presente texto constitui a resposta de Jerónimo Cardoso a um poema de Inácio de Moraes em que este, animando a Juventude com recurso a uma prosopopeia, lhe dirigia variados conselhos e exortações. Tal poema não se conserva entre os textos que Aires Pereira do Couto recolheu na sua compilação, sendo portanto de supor que se tenha perdido, sem deixar outro vestígio que não a presente resposta.

3- Por lapso, Jerónimo Cardoso atribui a Maia a maternidade de Febo («o brilhante», epíteto de Apolo que, em lat., substitui frequentemente o seu nome) quando este, na realidade, tinha nascido de Leto, filha do Titã Céu e da Titânide Febe. Quanto a Maia, filha de Atlas e de Plêione (ou então de Estéropé), uma Ninfa do monte Cilene, na Arcádia, ter-se-á unido a Zeus, gerando não Apolo, mas Hermes.

4- Terras natais de dois dos maiores nomes da poesia latina, respectivamente de Públio Virgílio Marão e do Públio Ovídio Nasão.

5- Exemplo de ἀδύνατα. Para uma referência ao modelo horaciano e para outros exemplos presentes na obra de Cardoso, v. *supra*, Lib. 4, 6-7, p. 23, n. 2. Sobre o Timolo (ou Tmolo), montanha da Lídia, v. *supra*, Lib. 16, 17, p. 37, n. 1.

6- Cf. *supra*: «En ego praeceptis Cardosi adsueta Iuuentus/ Perlegi monitus clare poeta tuos», El. 1, 23, 1-2, p. 296 e n. 2.

#### Página 297

1- Ou seja, pelos ventos em geral (cf. Virgílio: «tendunt uela Noti», *Aen.*, 3, 268). Sobre o Noto (em lat. *Auster*), vento húmido e quente procedente do quadrante Sul, e para as demais ocorrências do seu nome nos textos de Cardoso, v. *supra*, Lib. 2, 326, p. 21, n. 1.

2- Cf. *supra*: «En ego praeceptis Cardosi adsueta Iuuentus/ Perlegi monitus clare poeta tuos», El. 1, 23, 1-2, p. 296 e n. 2.

3- Sobre o adágio latino «calcar addere currenti equo», de que este passo, com a metáfora «calcar [...] adiecere», constitui uma variação, v. *supra*, Ep. A, p. 76, n. 1.

4- Falando a propósito da arte dramática, Jerónimo Cardoso refere-se ao *aulaeum*, o pano de cena do teatro romano, que permanecia estendido enquanto o espectáculo decorria, sendo recolhido apenas no final. A esta espécie de cortina, que funcionaria como toldo, alude Horácio no seu *De Arte Poetica* (*Epistula ad Pisones*), v. 154.

Sobre as dúvidas que a forma «aulaeatis» suscitou, sob o ponto de vista métrico, em Inácio de Moraes e as questões por este colocadas na carta em que acusa a recepção do presente texto, v. *supra*, Ep. 54, p. 188. Para os esclarecimentos prestados por Jerónimo Cardoso na carta subsequente, com a apresentação de exemplos extraídos das obras de Virgílio e de Ovídio, v. *supra*, Ep. 56, p. 193.

#### Página 298

1- Cf. *supra*: «En ego praeceptis Cardosi adsueta Iuuentus/ Perlegi monitus clare poeta tuos», El. 1, 23, 1-2, p. 296 e n. 2.

#### Página 299

1-

2- Sobre a púrpura de Tiro, um corante natural que se extraía de um molusco (um *murex*) e se usava para tingir tecidos preciosos, e sobre a lenda que explica a sua origem, v. *supra*, **Mon.** 8, 49, p. 231, n. 5.

3- Quando, na sequência de uma condução descontrolada do carro do Sol, Faetonte se viu fulminado por Zeus e se precipitou nas águas do rio Eridano (cf. *supra*, **Inst.** 4, 9, p. 246, n. 3), as Heliades, suas irmãs, Mérope, Hélia, Febe, Etéria e Dioxipe, filhas de Hélio e de Clímene, uma das Oceânides, choraram-no ao longo das margens do dito rio e acabaram por se transformar em choupos. As suas lágrimas endureceram e tornaram-se gotas de âmbar. Resina fósil de uma variedade de pinheiro pré-histórica, o *pinus succinifer* do período terciário, o âmbar, semi-transparente e quebradiço, apresenta uma cor que varia entre o amarelo pálido e o vermelho claro e foi grandemente apreciado entre os Romanos, que o usaram na fabricação de jóias e outros ornamentos.

Este verso de Cardoso evoca um passo de Ovídio em que o Poeta, lembrando os gestos de ternura de Pigmalião para com a estátua de marfim que esculpira, refere que este lhe oferecia «conchas teretesque lapillos/ et paruas uolucres et flores mille colorum/ liliaque pictasque pilas et ab arbore lapsas/ Heliadum lacrimas» (*Met.*, 10, 260-263).

4- A tuia (em lat. *citrus*), árvore conífera da família das juniperáceas, aparentada com os ciprestes, fornece uma bela madeira de textura fina (dita, em lat., *citrum*), que apresenta, no tronco, cor castanha clara e veio regular e, na raiz, cor mais escura e um veio muito irregular, marcado por infinidade de pequenos nós, que lhe dão um aspecto mosqueado. Foi particularmente apreciada pelos Romanos, que a usaram no fabrico de mobiliário de luxo, especialmente mesas, como referem, entre outros, Plínio-o-Antigo (*Naturalis Historia*, 16, §§ 231-233) e Marcial (9, 59, 10; 10, 98, 6 e 12, 66, 5). Ainda se encontra em abundância nos bazares marroquinos.

5- Designa o nome de piropo (do gr. πυροπός, «cor de fogo») uma gema preciosa que Jerónimo Cardoso, no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 172- r.º, identifica com o carbúnculo, ou seja, um rubi grande e muito brilhante. Tal gema pode igualmente corresponder a uma variedade de granada, conhecida como granada-da-Boémia, de cor marcadamente sanguínea.

Para uma outra referência a esta pedra preciosa, v. *infra*: «Flammiger ut gemmas uincit fulgore pyropus,/ Femineis praestat sic sua forma choris» (**El.** 2, 7, 55-56, p. 328).

6- Ou seja, a Fama, irmã do Titã Céu e do Gigante Encélado, a qual foi gerada pela Terra como vingança contra os Olímpicos, por estes terem fulminado os Titãs e os Gigantes, seus filhos.

Este verso de Cardoso inspira-se provavelmente no seguinte passo, em que Virgílio descreve a figura monstruosa da Fama: «illam Terra parens, ira iritata deorum,/ extremam, ut perhibent, Coeo Enceladoque sororem/ progenuit pedibus celerem et perniciousis alis,/ monstrum horrendum ingens, cui quot sunt corpore pluma,/ tot uigiles oculi subter (mirabile dictu)/ tot linguae, totidem ora sonant, tot subrigit auris» (*Aen.*, 4, 178-183).

7- Trata-se de Calíope, a Musa que, entre as nove irmãs, detém a mais alta dignidade (outras vezes, porém, considerava-se que a mãe de Orfeu seria Menipe, filha de Tâmiras). A paternidade de Orfeu surge sempre atribuída a Eagro. Sobre Orfeu, figura que personifica o poder da música e da poesia sobre a natureza selvagem, v. *supra*, **Lib.** 11, 22, p. 29, n. 4.

8- Ou seja, no Parnaso, montanha em cujas vertentes se encontrava o Oráculo de Delfos e que estava consagrada a Apolo e às Musas (Cardoso acaba de referir Calíope, a primeira de entre elas). Sobre tal montanha, v. *supra*, **Mon.** 2, 3, p. 220, n. 2.

### Página 300

1- Cf. *supra*: «Nam aurum, argentum, ebur, gemmae, et reliquae id genus diuitiae post nos, alios atque alios dominos sortiuntur: nec unquam norunt diu apud quemquam immorari, sed huc atque illuc tamquam in talari ludo uagantur» (**Lib.** 18, p. 70). Para Jerónimo Cardoso, as riquezas materiais caracterizam-se, acima de tudo, pela sua instabilidade, algo que, abstraindo de toda a problemática

filosófica, constitui sem dúvida um indício das reais dificuldades económicas por que passou, ele que, após uma infância e juventude desafogadas, se viu reduzido a uma situação de extrema pobreza.

2- Ou seja, com toda a sabedoria e toda a inspiração poética, atributos das Musas que viviam nas encostas arborizadas do Hélicon. A respeito desta montanha, v. *supra*, **Lib. 2**, 35, p. 11 e n. 9.

3- Designa o nome de Ida (do gr. Ἴδα) uma elevada montanha da Frígia, situada perto de Tróia e ainda hoje assim chamada, onde o jovem Ganimedes, filho de Tros, rei de Tróia, foi raptado por Zeus, que pretendia fazer dele o escanção dos deuses. À sua densa vegetação se referem, entre outros, Virgílio: «intextusque puer frondosa regius Ida/ uelocis iaculo ceruus cursu que fatigat,/ acer, anhelanti similis quem praepes ab Ida/ sublimem pedibus rapuit Iouis armiger uncis» (*Aen.*, 5, 252-255) e Ovídio: «inde ego pauca canam, frondes ut si quis ab Ida/ aut summam Libyco de mare carpat aquam» (*Ib.*, 197-198) e «ante retro Simois fluet et sine frondibus Ide/ stabit» (*Met.*, 13, 324-326).

4-Monte da Sicília, o Hibla (em gr. Ἰβλη) era particularmente conhecido pelas muitas flores que cobriam as suas encostas e pelo grande número de abelhas que estas atraíam (cf. Ovídio: «Quot lepores in Atho, quot apes pascuntur in Hybla,/ Caerula quot bacas Palladis arbor habet,/ Litore quot conchae, tot sunt in amore dolores!», *A. A.*, 2, 517-519 e «Nec quot apes Hyblae, nec quot in Alpe ferac,/ Nec mihi tot positus numero comprehendere fas est», *ibidem*, 3, 149-150).

Para outras referências a este monte e ao excelente mel que nele se produzia, presentes nos escritos de Cardoso, v. *infra*: «Hyblaeis permixta fauis tua carmina legi» (*El.* 1, 25, 1, p. 302); «Atque oluere simul uolucris quod nidus eoae/ Et quod Hymettos olet, quidquid et Hybla sapit» (*El.* 2, 5, 51-52, p. 323); «ut non mihi quicquid Hymetti,/ Incola Trinacriae uel quicquid carpsit Hyblae,/ Dulcescat» (*Sil.* 14, 2-4, p. 405) e «nam quicquid ab ore/ Liquitur, Hyblaeos certat peruincere succos» (*Sil.* 15, 103-104, p. 410).

5- Sobre o Timolo (ou Tmolo), montanha da Lídia famosa pela excelência da sua produção vinícola, v. *supra*, **Lib. 16**, 17, p. 37, n. 1.

6- Na Caónia, região do Noroeste do Epiro habitada pelos Caónios (em gr. Χάονες), assim chamados por descenderem de Cáon, filho de Príamo, (ou, mais concretamente, em Dódona) existia um oráculo de Júpiter em que o futuro era revelado por pombas que pousavam nos ramos de um carvalho sagrado (cf. Lucano: «Thesproti Dryopes que ruunt, quercusque silentis/ Chaonio ueteres liquerunt uertice Selloe», 3, 179-180, e Sílio Itálico: «quarum Chaonias pennis quae contigit oras,/ implet fatidico Dodonida murmure quercum», 3, 679-680). O próprio oráculo estava rodeado por uma densa floresta de carvalhos, referida por P. Papínio Estácio (*Theb.*, 6, 99).

### Página 301

1- Por antonomásia, a eloquência de M. Túlio Cícero, modelo acabado de capacidade oratória, nascido em Arpino, cidade situada na região do Lácio, a 3 de Janeiro de 106 a. C.

2- Ou seja, às tribunas (*rostra*) de onde os oradores pronunciavam os seus discursos. A respeito dos rostros, nome dado aos esporões dos navios de guerra utilizados na ornamentação das tribunas parlamentares do Forum Romano e, mais tarde, à própria tribuna, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 66, n. 9.

3- Nome da serpente monstruosa que Apolo encontrou nas imediações de Delfos, perto de uma fonte, quando decidiu fundar um santuário no Parnaso. Filha da Terra, essa serpente tinha o poder de predizer o futuro, motivo que terá levado Apolo a eliminá-lo com as suas flechas, antes de estabelecer o seu oráculo.

A deusa Hera teria tentado impedir o nascimento deste deus, declarando que a sua mãe não poderia dar à luz num sítio iluminado pelo Sol, e a própria Píton fora informada por um oráculo de que seria morta por um filho de Latona, pelo que terá, por sua vez, tentado eliminar a mãe de Apolo. Mas esta, com a ajuda de Posídon, conseguiu esconder-se na ilha de Ortígia, onde, a coberto de uma abóbada de água, deu à luz Ártemis e, logo depois, Apolo. O deus terá morto a serpente três dias depois do seu

nascimento e fechado as suas cinzas num sarcófago que foi, por sua vez, enterrado sob o *omphalos* do Templo de Delfos. Em sua honra fundou os Jogos Píticos, celebrados de quatro em quatro anos.

Para uma outra referência a este monstro na poesia de Cardoso, v. *infra*: «O cui Palladium Pytho facunda coronam/ Praebuit, auratam Phoebus et ipse lyram» (El. 2, 10, 1-2, p. 333).

4- Sendo um epíteto de Ártemis (ou Diana), o nome Febe, (em gr. Φοίβη, «a brilhante»), corresponde ao epíteto de Apolo, seu irmão (Febo) e, dado que este deus surge associado ao Sol, do mesmo modo Ártemis aparece associada à Lua, como explica Sebastião Stockamer, no seu *Dictionarium Aliud de Propriis Nominibus*: «Phoebus, id est Apollo filius Iouis et Latonae, et est latine purus et splendidus: vnde ponitur pro Sole. [...] Item Phoebus, est Diana, soror Phoebi, et ponitur pro Luna».

Para outras alusões à Lua, feitas com recurso ao mesmo epíteto, v. *infra*: «unde potes propius solemque nitentem/ Et uariam Phoeben rerumque elementa uidere» (Sil. 4, 72-73, p. 376); «Namque suos ueluti commendant optima quaeque/ Artifices opera, ut caelum, mare, terra Tonantem,/ Flamiger et Titan, Titanis et aemula Phoebus» (Sil. 14, 20-22, p. 405); «Sideraque et Phoebes micuere impensius ignes» (Sil. 15, 41, p. 408).

5- Ou, por outras palavras, «com Públio Ovídio Nasão», poeta latino oriundo de Sulmona, cidade italiana da região de Brútio.

6- Refere-se Jerónimo Cardoso, por metalepse, à poesia de Virgílio, poeta latino natural de Andes, povoação situada nos arredores desta cidade italiana das margens do Pó. Para um outro caso em tudo idêntico ao presente, v. *infra*: «Non etiam Siculum seruauerunt rustica uatem/ Seria. Mantoae tam bene nota lyrae» (El. 1, 28, 43-44, p. 308).

7- Ou seja, «a cítara de Tebas». Referem-se estas palavras a Anfião, filho de Zeus e Antiope e irmão de Zeto, o qual, tendo recebido de Hermes uma cítara (ou uma lira), se consagrara à música, alcançando nesta arte um tal grau de perfeição que, quando se construíam as muralhas de Tebas, fazia mover as pedras ao som dos seus acordes. A seu respeito, v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 4.

Dirce, mulher de Lico, rei de Tebas, que maltratara Antiope, veio a ser morta pelos dois irmãos de um modo horrível: foi amarrada viva aos chifres de um touro que a arrastou e desfez contra os rochedos. Acabou por ser transformada numa fonte que recebeu o seu nome e se situava a Noroeste de Tebas (para outras referências a esta fonte, presentes na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Nata supremi Iouis o Thalia/ Linque Parnasi geminum cacumen/ [...] atque/ Pocula Dirces», El. 2, 19, 1-4, p. 350; «Vel Dirce Cadmea tuo qui docta canorae,/ Fila lyrae nulli prorsus tractanda reliquit», Sil. 2, 113-114, p. 371).

8- Ou, por outras palavras, «o génio de Homero». O grande poeta seria, segundo uma antiga tradição, natural da Meónia, região da Ásia Menor. Sobre este assunto, v. *supra*, Lib. 4, 14, p. 23, n. 3.

9- Exemplos de ἀδύνατα. Para uma referência ao modelo horaciano e para outros exemplos constantes nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Lib. 4, 6-7, p. 23, n. 2.

10- Sobre o valor destas palavras, de sentido próximo da expressão «ungui notare», e para outras variantes da mesma, presentes nos escritos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 23, p. 121, n. 3.

## Página 302

1-

2- Cf. *infra*: «Pollice sed gemino collaudauisset uterque/ Carmina: quae ingenii sunt monumenta tui» (El. 1, 25, 23-24, p. 302) e «Carmina connectis tenui surgentia filo./ In quibus est iuris nil Libitina tibi./ Quae quibus anteferam non est mihi dicere promptum./ Est eadem numeris gratia parque decor» (El. 1, 25, 31-304, p. 303). Ao longo da presente elegia, Jerónimo Cardoso refere-se por várias vezes ao facto de ter recebido de Gomes Cordeiro uma composição em verso, à qual a presente responde e que, não obstante ser objecto dos seus elogios, não se conserva entre os demais textos que lhe foram dedicados. Para

além disto, esta elegia constitui, como já vimos, o único texto que resta trocado entre Cardoso e Gomes Cordeiro.

3- Entre os Antigos, gozava de grande fama o mel que se produzia nas encostas do Hibla, nome de um monte da Sicília. A seu respeito, v. *supra*, *El.* 1, 24, 43, p. 300, n. 4.

4- Sobre o néctar e a ambrósia, bebida e comida dos deuses, termos de comparação para qualquer coisa doce, v. *supra*, respectivamente, *Ep.* 33, p. 143, n. 3 e *El.* 1, 14, 7, p. 277, n. 5.

5- Ilha situada perto de Alexandria, no Egípto, em Faros (em gr. Φάρος) mandou Ptolomeu II Filadelfo edificar o célebre Farol, uma das Maravilhas do Mundo Antigo (cf. *supra*, *Ep.* 27, p. 130, n. 8). Na linguagem poética, este nome ocorre frequentemente, por metonímia, com o valor de «Egípto». O presente dístico parece ser reminiscente dos seguintes versos de P. Papínio Estácio: «quod tibi purpureo tristis rogos aggere creuit,/ quod Cilicum flores, quod munera graminis Indi,/ quodque Arabes Phariique Palaestini que liquores/ arsuram lauere comam?» (*Silu.*, 2, 1, 159-162).

6- Este dístico parece basear-se novamente em versos de P. Papínio Estácio, que escreve o seguinte: «non tantis Hyas inserena nimbis/ terras obruit aut soluta Plias,/ qualis per cuneos hiems Latinos/ plebem grandine contudit serena» (*Silu.*, 1, 6, 21-24). A Híade ou, melhor, as Híades, uma constelação situada muito perto das Plêiades, surgia no firmamento numa época que coincidia com a estação das chuvas de Primavera (o seu nome, em gr. Ύάδες, recorda o verbo ὕειν, «chover»). Filhas de Atlas e de uma das Oceânides (Etra ou Pléione), as Híades, cujo número varia entre duas e sete, ter-se-iam suicidado, tomadas de desespero pela morte de Hias, seu irmão, sendo então transformadas em estrelas.

7- Ou, melhor, em Delfos, no coração do Mundo Grego. Sobre Cirra, antiga cidade da Fócida situada nas proximidades do Santuário de Delfos, v. *supra*, *Mon.* 1, 14, p. 219, n. 3.

8- O cume do Hélicon, monte que se dizia ser habitado pelas Musas (a seu respeito, v. *supra*, *Lib.* 2, 35, p. 11 e n. 9). Sobre Ascra, cidade da Beócia situada perto do dito monte e que se ufanava de ter sido a pátria de Hesíodo, v. *supra*, *El.* 1, 9, 20, p. 267 e n. 9.

9- Ou, por outras palavras, «os coros das Musas», dado que o nome de Pimpleia (em gr. Πίμπλεια) designa um lugar e de uma fonte da Piéria, na Macedónia, consagrados às Musas e hoje chamados Litokhoros.

10- Célebre fonte da Beócia, consagrada às Musas, que brotava das encostas do monte Hélicon e cujo manancial se acreditava que tinha o poder de induzir a inspiração poética (cf. *supra*, *Ap.* 2, 16, p. 8, n. 9).

Para outras referências a esta fonte, presentes na poesia de Cardoso, v. *infra*: «Huc iuuenes huc mitte tuos quos grata Aganippes/ Pocula: quos Helicon Pieridesque iuuant» (*El.* 2, 25, 7-8, p. 357) e «ni mirum Phoebus et ipsae/ Fonte Aganippe decies lauere sorores» (*Sil.* 5, 34-35, p. 378).

11- O sentido do presente dístico torna-se compreensível à luz da seguinte explicação de Séneca, um passo que Cardoso poderia ter em mente: «Heraclitus quotiens prodierat et tantum circa se male uiuentium, immo male percuntium uiderat, flebat, miserebatur omnium, qui sibi lacti felicesque occurrebant, miti animo, sed nimis inbecillo: et ipse inter deplorandos erat. Democritum contra aiunt numquam sine risu in publico fuisse; adeo nihil illi uidebatur serium eorum quae serio gerebantur. Vbi istic irae locus est? aut ridenda omnia aut flenda sunt» (*De Ira (Dialogi, 3-5)*, 2, 10, § 5). Nova referência ocorre ainda num outro passo de Séneca: «In hoc itaque flectendi sumus, ut omnia uolgi uitia non inuisa nobis sed ridicula uideantur et Democritum potius imitemur quam Heraclitum. Hic enim, quotiens in publicum processerat, flebat, ille ridebat, huic omnia quae agimus miseriae, illi ineptiae uidebantur. Eleuanda ergo omnia et facili animo ferenda: humanius est deridere uitam quam deplorare» (*Tranq.*, 15, § 2).

Ambos filósofos, Demócrito, natural de Abdera, compreendia toda a existência em função de uma doutrina optimista, que os Antigos consideravam estar em franca oposição à de Heraclito de Éfeso, de pendor marcadamente pessimista.

12- Cf. *supra*: «Hyblaeis permixta fauis tua carmina legi./ Quae mihi spirarunt nectar et ambrosiam», *El. 1, 25, 1-2, p. 302 e n. 2.*

13- Este verso parece encerrar a chave do tipo de relacionamento existente entre Jerónimo Cardoso e Gomes Cordeiro: este teria sido, em tempos já passados, um aluno da escola de Cardoso e estaria agora numa idade mais madura. Estas palavras constituem ainda um indício de que, no seu estudo, Cardoso ensinava crianças de idade muito jovem (a este respeito, cf. *supra*: «Non sum qui fueram Antoni charissime quondam./ Subducta est ferulae cum tua dextra meae», *El. 1, 13, 21-22, p. 275*).

#### **Página 303**

1- Sobre Libitina, divindade romana que presidia ao culto dos mortos e que veio a identificar-se com Vénus, v. *supra, Ap. 1, 69, p. 5 e n. 3.*

2- Cf. *supra*: «Hyblaeis permixta fauis tua carmina legi./ Quae mihi spirarunt nectar et ambrosiam», *El. 1, 25, 1-2, p. 302 e n. 2.*

#### **Página 304**

1- A respeito desta Márcia, belíssima moça por quem Jorge Lopes, antigo aluno de Jerónimo Cardoso, estava então perdidamente apaixonado, e sobre os poemas que este último lhe consagrou, v. *supra, El. 1, 18, p. 286, n. 1.*

2- Embora não se encontrem outros testemunhos acerca da produção poética de Jorge Lopes, não devemos contudo ignorar os do seu antigo mestre de Gramática relativos ao seu talento como poeta. Assim, na carta que dirige a Pedro Gomes de Abreu, Jerónimo Cardoso dá conta de como Jorge Lopes o consultava então, por meio de um poema, sobre a sua difícil situação emocional, apaixonado que estava pelas duas belas moças Joana e Márcia (cf. *supra*: «Georgius, qui me olim praeceptore usus est (ut scis), Petre humanissime, me de re haud quaquam uulgari per uersiculos quosdam consulit», *Ep. 49, p. 177*). Na presente composição, Jerónimo Cardoso, lembrando a Márcia o talento poético do seu apaixonado (vv. 31-36) e a perenidade da poesia (vv. 37-56), aconselha-a a ceder à paixão de Jorge Lopes, porquanto apenas com recurso aos seus versos poderá ultrapassar as terríficas leis da morte.

#### **Página 305**

1- Ou seja, as Musas. Sobre as Camenas, antigas ninfas das fontes que cedo foram assimiladas àquelas, v. *supra, El. 1, 2, 14, p. 255, n. 7.*

2- Cf. *infra*: «Mortua (crede mihi exstabis tamen ipsa: disert/ Munere amatoris: carminibusque piis)», *El. 1, 26, 40-41, p. 305 e n. 6.*

3- Ou, dito de outro modo, «glorifica-te». Sobre este tipo de expressão e para outras ocorrências do mesmo nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.*

4- Cf. *infra*: «Mortua (crede mihi exstabis tamen ipsa: disert/ Munere amatoris: carminibusque piis)», *El. 1, 26, 40-41, p. 305 e n. 6.*

5- Ou seja, as leis da morte, dado ser Libitina a divindade romana que presidia ao culto dos mortos. A seu respeito, v. *supra, Ap. 1, 69, p. 5 e n. 3.*

6- Cf. *supra*: «Teque suis celebrat numeris: et ad aethera tollit./ Vt noscant laudes postera saecula tuas./ Est aliquid docti meruisse poemmata uatis./ Vt tepidis possis iam superesse rogis» (*El. 1, 26, 35-38, p. 305*). A dar crédito às informações veiculadas por estas palavras pode concluir-se que Jorge Lopes, para além de ter consultado Jerónimo Cardoso, por meio de uma composição poética, sobre como deveria lidar com a sua dupla paixão por Márcia e por Joana (cf. *supra*: «Georgius [...] me de re haud quaquam uulgari

per uersiculos quosdam consulit. Cum se formosissimas duas puellas Ioannam et Martiam misere deperire diceret: harum utram potius amaret percontabatur», Ep. 49, p. 177 e n. 3), teria ainda escrito poemas celebrando a beleza daquela, razão que talvez explique o facto de, entre os textos de Cardoso, não existir um único poema endereçado à segunda.

Ao longo de todo este passo, Jerónimo Cardoso retoma o motivo da imortalidade pela poesia, anteriormente glosado por Horácio nos seguintes termos (que parecem inclusivamente ter deixado um eco nestes versos): «Non omnis moriar, multa que pars mei / uitabit Libitinam» (C., 3, 30, 6-7). A este respeito e para um outro aproveitamento deste motivo em Cardoso (desta feita a propósito de Luísa Sigeia), v. *supra*, Mon. 8, 96-97, p. 233 e n. 3.

7- Promontório da Tróade (hoje dito Yenishehr), junto ao Sigeu (em gr. Σίγειον) teriam sido sepultados os restos de Aquiles, quando este foi morto por uma seta lançada por Páris e certamente guiada por Apolo para o seu calcanhar, o único ponto vulnerável de todo o seu corpo.

Estes versos de Cardoso parecem ter sido compostos sobre o seguinte passo de Cícero: «quam multos scriptores rerum suarum Magnus ille Alexander se cum habuisse dicitur! atque is tamen, cum in Sigeo ad Achillis tumulum astitisset: 'O fortunate' inquit 'adulescens, qui tuae uirtutis Homerum praekonem inueneris!' et uere» (Arch., § 24).

### Página 306

1- Nome de mulheres famosas pela circunstância de terem sido cantadas pelos versos de poetas latinos célebres: de Cíntia fez Sexto Propércio a fonte de inspiração das suas *Elegiae* (nelas referindo o seu nome a cada passo); Álbio Tibulo cantou, com delicada emoção, o seu terno amor por Délia (1, 1; 2; 3; 5 e 6); em Corina centrou P. Ovídio Nasão a coleção de experiências amorosas a que deu o nome de *Amores*, obra onde o seu nome surge amiúde. Sobre uma outra Corina, poetisa grega do tempo de Píndaro, v. *supra*, Ap. 8, 74, p. 232, n. 5.

2- Sobre o poeta André Cotrim, um correspondente de Jerónimo Cardoso cujo nome se inclui entre os revisores conhecidos da sua *Oratio pro Rostris* (a par de Rodrigo Sanches e de Inácio de Moraes), v. *supra*, Ep. 27, p. 129 e n. 1.

3- O verso com que Jerónimo Cardoso encerra a presente elegia guarda um evidente paralelo conceptual (e até formal) com as conhecidas palavras de Horácio «Carpe diem quam minimum credula postero» (C., 1, 11, 8), as quais sintetizam de um modo particularmente expressivo, graças à novidade do valor metafórico atribuído ao verbo *carpere*, um dos mais relevantes motivos da sua poesia. Tais palavras, exortam a gozar o momento presente sem alimentar preocupações com o futuro ou a assumir uma atitude mental que propicie uma vida isenta de cuidados e temores. No caso da elegia, as palavras de Jerónimo Cardoso, servem para lembrar a Márcia que melhor será aproveitar o recurso da sua beleza, enquanto a mão avara do tempo não a desfigurar.

Para além do passo citado, tal motivo aflora ainda em outros lugares da poesia do Venusino (caso de *Epod.*, 13, 3; *Sat.* 2, 6, 196; *C.* 1, 4, 15; 2, 16, 17-20; 4, 7, 7-8 e, de um modo especial, 3, 8, 27-28: «dona praesentis cape laetus horae ac/ linque seuera»). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, §577, pp. 275-276.

### Página 307

1- A respeito de Inácio de Moraes, professor de Humanidades a residir ainda no Mosteiro da Penhalonga na época da composição desta elegia, e sobre os demais textos trocados entre um e outro e sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

2- Desculpa-se Jerónimo Cardoso perante Inácio de Moraes por não lhe ter escrito mais cedo, alegando como pretexto a fraqueza do seu talento.

De entre os textos conservados, este poema parece ser a resposta a uma breve carta (v. *supra*, Ep. 34, p. 145) em que Inácio de Moraes começara por informar Cardoso de que uma grave doença o deixara num estado tal que ele nada podia escrever. Tal missiva principiava com a epígrafe «Quam licet, et mittat, non habet ille tamen», que Cardoso não terá compreendido, julgando que se tratava de uma queixa de

Inácio de Moraes pelo facto de este não ter recebido correspondência sua recentemente, quando, muito provavelmente, encerra uma alusão à sua debilitada condição física (cf. *supra*, Ep. 34, p. 145, n. 3).

3- Ou seja, as Musas. Acerca das Piérides, jovens naturais da Piéria que vieram a confundir-se com as Musas pelo facto de terem os mesmos nomes que estas, v. *supra*, Lib. 9, 3, p. 26, n. 3.

4- Cf. *supra*: «adeo aduersa his diebus ualetudine conflictor ut non licuerit etiam cupienti mirum in modum tibi rescribere» (Ep. 34, p. 145). O facto de, entre todos os textos que se conservam trocados entre Inácio de Moraes e Jerónimo Cardoso, apenas a carta citada e a presente elegia aludirem explicitamente a uma grave enfermidade sofrida por Inácio de Moraes permite supor ter sido este poema escrito em resposta àquela missiva.

5- Nova referência às Musas, desta feita chamadas «deusas ascreias» pela circunstância de Ascra, aldeia da Beócia, estar situada perto do monte Hélicon, que os Antigos consideravam ser a morada das Musas. A este respeito, v. *supra*, El. 1, 9, 20 p. 267, n. 9.

6- Sobre a fonte da presente acusação, que refere também o Cáucaso (cadeia montanhosa da Ásia, entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, habitada por tribos selvagens), tomada muito provavelmente de Virgílio (*Aen.*, 4, 366-367) e para um outro aproveitamento da mesma, v. *supra*, Lib. 11, 94, p. 32, n. 7.

#### **Página 308**

1- Montanha da Fócida, consagrada a Apolo e às Musas, em cujas encostas fora edificado o Santuário de Delfos. A seu respeito, v. *supra*, Mon. 2, 3, p. 220, n. 2.

2- Alusão à fonte de Hipocrene, que corria nas encostas do Hélicon e que brotou da terra no lugar onde Pégaso, o cavalo alado que saiu, juntamente com Crisaor, do pescoço decapitado da Medusa, bateu com o casco no solo. Acreditava-se que a sua água induzia a inspiração poética. A este respeito, v. *supra*, Ap. 2, 16, p. 8, n. 9.

3- Nascido em Sulmona no ano 43 a. C., Públio Ovídio Nasão, um dos maiores nomes da poesia latina, viu-se banido de Roma, no ano 8 d. C., por ordem de Augusto, que alegou como pretexto a imoralidade dos versos da *Ars Amatoria*, e condenado ao exílio na cidade de Tomos, situada nas costas do Mar Negro (a actual Constança, na Roménia). Todas as tentativas de alcançar um perdão saíram goradas e nem a morte do Imperador, ocorrida em 14 d. C., trouxe qualquer melhoria à sua situação, pelo que veio a falecer no exílio, pelos anos 17 ou 18 d. C.

4- Designa o nome de Istro (em lat. *Hister*, do gr. Ἰστρος) o curso inferior do rio Danúbio, por oposição ao superior, dito em lat. *Danubius*.

5- Sobre os Getas, um povo guerreiro que pertencia ao ramo setentrional das tribos trácias e que se estabeleceu no território situado entre os Balcãs, o Danúbio Inferior e o Mar Negro, e para outras referências ao seu nome nos escritos de Cardoso (e ainda de Luís Pires), v. *supra*, Ep. 35, p. 147, n. 1.

6- Relativamente aos Sármatas, um conjunto de aguerridos povos nómadas, de raça indo-iraniana, que abandonaram a Ásia Central para se estabelecerem na região das estepes, bem como para outras referências presentes nos textos de Cardoso, v. *supra*, El. 1, 6, 34, p. 263, n. 2.

7- Alusão a Marco Aneu Lucano, poeta épico latino nascido em Córdova, capital da província romana da Bética, pelo ano 39 d. C. Sobrinho de Séneca, frequentou a corte de Nero, imperador a quem tratou com adulação até se revoltar contra ele e alinhar, como conspirador, na conjura dos Pisões. Caído em desgraça, recebeu ordem do Imperador para cometer suicídio, em 65 d. C. A imagem que dele Cardoso apresenta corresponde ao que a tradição fixou a seu respeito, no primeiro verso do seu epitáfio: «Corduba me genuit, rapuit Nero, proelia dixi».

8- Trata-se de Teócrito, poeta grego nascido em Siracusa, na Sicília, cerca do ano 310 a. C., e a quem são atribuídos trinta *Idílios* (a que Cardoso se refere, chamando-os «rustica [...] seria»). Teócrito viveu na sua terra natal até 275 a. C., data em que se mudou para a ilha de Cós. Aí havia de passar grande parte do resto da sua vida, tendo ainda residido alguns anos na cidade de Alexandria. Veio a falecer cerca do ano 250 a. C.

9- Alude Jerónimo Cardoso, com recurso a uma metalepse, à poesia de Virgílio (cf. *supra*, El. 1, 24, 60, p. 301 e n. 6), cuja colectânea *Eclogae siue Bucolica* toma por modelo os *Idílios* do grego Teócrito.

#### Página 309

1- Nome do vento que sopra do quadrante Norte. A seu respeito e para outras ocorrências do seu nome nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Ap. 1, 11, p. 3, n. 6.

2- Ou seja, a águia, ave consagrada a Júpiter e que, por transportar a égide (armadura constituída pela pele da cabra Amalteia, que teria amamentado o deus durante os anos da sua infância, passada em Creta), lhe serve de escudeiro.

#### Página 310

1- Incluída por Jerónimo Cardoso nestes *Elegiarum Libri II* em posição de máximo destaque (verdadeiramente no centro desta colectânea, após as vinte e oito poesias iniciais e antes de se principiarem as outras vinte e oito em que se estrutura o segundo e último livro), a elegia «Ad Patriam» reveste-se de particular importância para o estabelecimento, assente em bases fidedignas, da biografia do seu autor.

Efectivamente, Jerónimo Cardoso inicia a longa série de cinquenta e seis dísticos (que fazem dela um dos seus maiores poemas) com a exposição do tema que se propõe cantar, arrojada empresa para a qual invoca o favor de Calíope (vv. 1-16), descreve com bastante pormenor a cidade em que nasceu e os seus mais notáveis monumentos (vv. 17-48) e lamenta os rigores do seu clima (vv. 49-62). Passa depois para a sua autobiografia, referindo a origem dos seus pais e o seu nascimento (vv. 63-72), a sua infância e brincadeiras (vv. 73-80), os seus primeiros estudos, a sua inclinação para as belas-letas e o estudo do Direito Civil por imposição paterna (vv. 81-100). Abeira-se do fim com a constatação da triste situação presente, marcada pela velhice, portadora de todos os males, e por uma aparentemente vergonhosa pobreza material (vv. 101-110) e o poema termina com um pedido, dirigido à Terra Pátria, de que aceite os versos que, reconhecido, lhe consagra (vv. 111-112).

A elegia «Ad Patriam» constitui, portanto, o mais importante repositório de informações relativas à origem de Jerónimo Cardoso, sua situação familiar, seus primeiros anos e estudos, informações essas que apenas os dados contidos numa silva dedicada a um seu irmão complementam e corroboram (v. *infra*, Sil. 7, pp. 384-387).

2- Alusão a P. Virgílio Marão, um dos mais célebres nomes da poesia latina, nascido em Andes, povoação dos arredores de Mântua, cidade italiana situada nas margens do Pó, a 15 de Outubro do ano 70 a. C.

3- Refere-se Cardoso a Marco Aneu Lucano, poeta épico latino natural de Córdova, capital da província romana da Bética (cf. *supra*, El. 1, 28, 41, p. 308, n. 7).

4- Aludem estas palavras a Públio Ovídio Nasão, poeta latino nascido em Sulmona, cidade situada no território dos Pelignos, pelo ano 43 a. C. A seu respeito, v. *supra*, El. 1, 28, 39, p. 308, n. 3.

5- Gaio Valério Catulo, cujos *Carmina* encerram algumas das mais genuínas criações da poesia latina, terá nascido em Verona, cidade da Gália Cisalpina, por volta do ano 84 a. C.

6- Ao preparar-se para celebrar a sua terra natal, Jerónimo Cardoso dirige uma invocação a Calíope (vv. 13-16), a primeira das Musas, a quem, na época alexandrina, foi atribuída como domínio a eloquência e a poesia épica. A solenidade do tema e o tom elevado da presente composição parecem

justificar a sua escolha (como o próprio Cardoso refere), embora o nome de Calíope surja frequentemente na sua poesia como simples sinónimo de «Musa» (cf. *supra*, Mon. 8, 108, p. 233, n. 6).

7- A remotíssima fundação de Lamego parece confirmada pelas abundantes estações arqueológicas, proto-históricas e lusitanas, existentes nos montes que rodeiam a cidade. Os seus habitantes ter-se-iam estabelecido na zona baixa, onde a moderna cidade assenta, quando passaram do simples pastoreio à agricultura, numa época em que os ataques dos seus adversários deixaram de constituir um tão grave perigo. O castelo que domina a cidade terá sido edificado sobre um desses antigos castros.

Do passado romano de Lamego nada se sabe. O seu nome, porém, datará desse período, uma vez que parece provir do lat. \**Lamaecu-* ou \**Lamecu-* (ligado a *lama*, a que se juntou o sufixo *-aecu-*). Já no tempo de Suevos e, mais tarde, de Visigodos, a cidade teria gozado de certa prosperidade, dado que o rei Sisécuto nela chegou a cunhar moeda em 570, ano em que a participação do bispo Sardinário no Consílio de Lugo confirma a sua elevação a sede episcopal.

8- Conjunto de que subsiste presentemente a Torre de Menagem (v. *infra*, El. 1, 29, 30, n. 2) e a cerca do Castelo, constituída por muros defensivos. Na sua feição actual, apresenta-se como uma obra românica do séc. XII, provida de duas portas, uma a Norte, a outra a Sul, rodeando a elevada mole da Torre de Menagem, também do séc. XII. Todo o conjunto parece resultar da reconstrução de uma fortaleza levantada no tempo de Almansor e profundamente arruinada durante a reconquista de Lamego por Fernando, o Magno, em 1057.

9- Tendo caído nas mãos dos muçulmanos aquando da invasão da Península, Lamego havia de sofrer profundamente os efeitos das guerras da Reconquista, visto estar situada na linha estratégica do Douro, apoiada em Samora, Gormaz, Simancas e Osma. Durante cerca de quatro séculos, Lamego seria tomada e perdida numerosas vezes: Ramiro II tomou-a ao vali Muça; novamente ocupada por muçulmanos, é violentamente conquistada por Afonso III das Astúrias em 877, que a repovoou. A traição de Bermudo III, tributário, após a Batalha de Rueda, do Califado de Córdoba, acarreta a segunda invasão de Almansor, que destrói a cidade quase completamente em 987. Reconstruída pelos muçulmanos, sede de um valiato dotado de relativa independência da Taifa de Badajoz, viria a ser definitivamente reconquistada por D. Fernando, o Magno, com o auxílio de torres de assalto e outra maquinaria de guerra, ao amanhecer de um sábado, 29 de Novembro de 1057, dia de S. Saturnino.

### Página 311

1- Refere-se Cardoso à Torre da Câmara, edifício quadrangular que se ergue ainda hoje na moderna Rua de 1.º de Maio, junto da antiga Porta dos Figos, no extremo Norte do recinto outrora murado da cidade de Lamego. Robusto baluarte defensivo, levantado nos tempos conturbados da Idade Média, serviu para reforço e vigilância da velha cerca junto da dita porta e, mais tarde, de lugar de reunião da edilidade, funções que cumpriu ainda nos sécs. XVII e XVIII.

2- Trata-se certamente da Torre de Menagem do Castelo de Lamego (Cardoso, ao referir-se às duas torres como gémeas, pretenderá apenas aludir ao facto de serem as duas principais construções do recinto fortificado). Levantada no decurso do séc. XII sobre o ponto mais alto da colina, viria a ser, ainda no séc. XVI, adaptada a residência senhorial do 4.º conde de Marialva, D. Francisco Coutinho. Se dúvidas restassem quanto à identificação deste baluarte, seriam de todo esclarecidas pelo conteúdo do dístico seguinte, que menciona os «*muris [...] altis/ Sternere quos belli machina nulla queat*» (vv. 31-32).

3- Situada extramuros, para onde fora transferida, ainda em tempos medievais, supõe-se que da veneranda Igreja de S. Maria de Almacave, a Sé Catedral de Lamego apresentava-se, no tempo de Jerónimo Cardoso, como um edifício de recente construção, de estilo gótico-manuelino, que substituíra quase inteiramente um primitivo templo e cujas obras decorreram durante o bispado de D. João Camelo Madureira, que tomou posse em 1502 e presidiu até 1513. Deve-se a sua execução ao pedreiro João Lopes e seus auxiliares. Da primitiva construção ficara apenas uma torre, de feição românica, de grandes blocos de pedra siglados, levantada na segunda metade do séc. XII (ou já no período gótico, nos sécs. XIII-XIV) e posteriormente transformada em torre sineira.

Todo o interior do templo, que contava com um esplêndido retábulo, constituído por vinte grandes painéis pintados por Vasco Fernandes (o célebre Grão Vasco), encomenda de D. João Madureira, veio porém a degradar-se a um ponto tal que, em 1721, ameaçava ruína, pelo que foi inteiramente substituído por um outro, delineado, segundo parece, por Nicolau Nasoni e cujas obras se determinaram em Outubro de 1734, vindo a concluir-se, com a sagração da Sé, a 20 de Novembro de 1776.

Sobre o uso, no latim dos humanistas, do nome *Tonans*, «Senhor do Raio», antigo epíteto de Júpiter, aplicado ao Deus cristão, v. *supra*, Ap. 3, 21, p. 10, n. 4.

4- Obra arquitectónica perdida, que pelas palavras de Cardoso parece ter sido das mais sumptuosas da cidade, a antiga residência dos bispos de Lamego erguia-se no terreiro do Rossio, não longe da Sé Catedral. Deste paço nada resta actualmente, visto ter sido substituído por um novo edifício, levantado entre os anos de 1775 e 1786 pelo faustoso bispo D. Manuel Vasconcelos Pereira. Nele está hoje instalado o Museu de Lamego, repositório de tesouros artísticos que constavam do seu antigo recheio e provenientes de vários templos da cidade, instituído por diploma emanado a 5 de Abril de 1917.

5- Alusão a uma antiga ponte de pedra que, passando sobre o rio Coura, fazia a ligação entre a Rua das Olarias e o terreiro do antigo Rossio, constituindo, no tempo de Cardoso, o único acesso entre os bairros de Almacave e do Castelo e o arrabalde da Sé, situado extramuros. O curso de água que o seu arco transpunha, proveniente das encostas de Penude, um estreito fio de água durante o tempo estival, tornava-se, porém, caudaloso e ameaçador quando sobrevinham as cheias de Inverno. Com o correr dos séculos outras quatro pontes se lhe juntaram, mas todas desapareceram por iniciativa do Dr. Alfredo Sousa, presidente do município que, em 1920 cobriu de abóbada todo o percurso citadino do rio Coura, lançando sobre ele a Avenida dos Combatentes.

6- Sendo uma das Nereides, filhas de Nereu, o Velho do Mar, e de Dóris, Tétis representa o elemento marinho, do mesmo modo que Neptuno, antiga divindade romana do elemento húmido que, por se ter identificado com Posídon, se acreditava ser o senhor dos mares, sobre os quais reinaria. Com estas palavras, Cardoso alude à posição geográfica ocupada pela cidade de Lamego, que se encontra no interior, já na província de Trás-os-Montes e Alto Douro, bastante longe da costa atlântica de Portugal.

7- Sobre o Pactolo (um afluente do Hermo, cf. nota seguinte), rio de auríferas areias, e a sua comparação com o rio Douro, v. *supra*, Lib. 16, 17, p. 37, n. 1.

8- Designa o nome de Hermo (em gr. Ἑρμος) um rio da Eólia, na Ásia Menor, conhecido entre os Antigos pelo ouro que o seu caudal (e em particular o de um dos seus afluentes, o Pactolo) arrastava e hoje chamado Sarabat. O presente verso parece encerrar um eco do seguinte passo de Virgílio: «Vel cum sole nouo densae torrentur flauentibus aristae/ Aut Hermi campo aut Lyciae flauentibus aruis» (*Aen.*, 7, 720-721).

Para outras referências a este rio na poesia de Cardoso, v. *infra*: «Nec cupiemus opes habuit quas Attalus olim/ Nec quas Pactolus Lydus et Hermus habet» (El. 2, 5, 57-58, p. 323) e «Qui facit ut munus paruuum licet esse putetur/ Ingens atque auro pulchrius Herme tuo» (El. 2, 9, 9-10, p. 332).

9- Povo mítico, a cujo auxílio Ulisses se viu obrigado a recorrer, na sua longa viagem de regresso a Ítaca, os Feácios, uma raça de marinheiros, habitavam a ilha de Esquéria, dedicando-se à navegação e ao comércio. Partindo da bela descrição homérica dos jardins de Alcínoo, rei dos Feácios, (*Od.*, 7, 112-132) a fertilidade do solo da sua ilha, normalmente identificada, em tempos antigos, com Corcira (a actual Corfu), tornou-se proverbial, a ela se referindo, entre outros, D. Júnio Juvenal, fonte provável desta referência de Cardoso: «Virro sibi et reliquis Virronibus illa iubebit/ poma dari quorum solo pascaris odore,/ qualia perpetuus Phaeacum auctumnus habebat,/ credere quae possis subrepta sororibus Afris» (5, 149-152).

Para outras alusões aos jardins de Alcínoo nos escritos de Cardoso, v. *infra*: «Desinat Hesperidumque hortos longaeua uetustas/ Et bifera Alcinoi pomaria tollere regis» (*Sil.* 10, 162-163, p. 397); «fetus,/ Quales Alcinoos biferis non legit in hortis» (*Sil.* 14, 14-15, p. 405).

10- As Hespérides, jovens «Ninfas do Poente», filhas de Atlas, viviam num jardim situado no Extremo Ocidente, nas margens do Oceano, não muito distante da Ilha dos Bem-Aventurados, no qual se produziam maçãs de ouro: um presente que a Terra oferecera a Hera por ocasião do seu casamento com

Zeus. Tais frutos concediam a imortalidade a quem deles provasse, pelo que eram constantemente guardados pelas Hespérides e por um dragão, filho de Tífon e Equidna. Apenas Hércules, tendo vencido o dragão, conseguiu colher estes frutos, num feito que prefigura a sua apoteose final.

Para outras referências a este jardim, igualmente na poesia de Cardoso, v. *infra*: «Desinat Hesperidumque hortos longaeua uetustas» (Sil. 10, 162, p. 397); «fetus/ [...] Quales Hesperidum non custodisse draconem/ Crediderim» (Sil. 14, 14-17, p. 405).

11- Sobre este género de expressão, de um tom marcadamente hiperbólico, e para outros exemplos presentes nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17, p. 109, n. 2.

### Página 312

1- Ninfa romana encarregada de velar pelo crescimento dos frutos, Pomona possuía um bosque, situado perto da via que ligava Roma a Óstia, o chamado Pomonal, e o seu culto estava a cargo de um flâmine. As lendas atribuíam-lhe várias aventuras amorosas: teria, segundo uns, desposado o rei Pico; Ovídio (*Met.*, 14, 622-697 e 765-771) apresenta-a como mulher de Vertumno, divindade que presidia ao ciclo das estações e à fecundidade da terra.

2- Antiga fonte de Corinto, que jorrara no lugar onde Pégaso tinha dado uma patada no solo, Pirene estava consagrada às Musas e acreditava-se que a ingestão da sua água induzia a inspiração poética. A seu respeito, v. *supra*, Mon. 7, 1, p. 226, n. 3.

### Página 313

1- A respeito de Calíope, a Musa que, de entre as nove irmãs, detém a primazia, v. *supra*, Mon. 8, 108, p. 233, n. 6.

2- Refere-se Jerónimo Cardoso à doçura da poesia, chamando-lhe metaforicamente «néctar», a bebida dos imortais, cujo nome exprime frequentemente uma comparação com algo muito doce. A tal respeito v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 3.

3- Filha de Éris e mãe das Cárites, Letes («o Esquecimento») deu o seu nome a uma fonte dos Infernos, a Fonte do Esquecimento, de cujo manancial os mortos bebiam para esquecerem os factos relativos à sua vida terrena. Do mesmo modo, bebiam da sua água aquelas almas que, na concepção dos filósofos, iam regressar à vida e retomar um corpo, para que não se lembrassem do que tinham visto no mundo do além. Cardoso alude, com algum exagero, ao poder da poesia, que, tal como a morte, permite libertar o espírito de cuidados e inquietações.

Outras referências a esta fonte (aludindo sempre, em linguagem poética, ao esquecimento) encontram-se nos seguintes passos, *infra*: «Sic hi Letheo demersi flumine nomen/ Ex animo penitus deposuere meum» (El. 2, 27, 33-34, p. 359); «Lethaeaeque bibis secura obliuia ripae» (Sil. 4, 77, p. 376); «num capiet Lethaeus gurgis amorem/ Tempore lapsurum nullo quae eduximus olim» (Sil. 6, 30-31, p. 380); «Nec sine lethaeae faciant obliuia ripae/ Immemorrem cari procul hinc abeuntis amici» (Sil. 9, 19-20, p. 389); «quam non absumere dira/ Parca manu ualet, aut Lethaei fluminis haustus» (Sil. 9, 78-79, p. 391) e «Cuius in expleto praeconia soluere cantu/ Infernae nunquam censura obliuia Lethes/ Mens auct» (Sil. 15, 22-24, p. 407).

4- Ou seja, o culto da poesia e das belas-letas, a que Jerónimo Cardoso se refere, por metonímia, quando fala do Parnaso, pela circunstância de nessa montanha existir o famoso Santuário de Delfos, consagrado a Apolo, deus da poesia. A seu respeito, v. *supra*, Mon. 2, 3, p. 220, n. 2.

O topónimo *Tempe* (em gr. Τέμπε) designava inicialmente um ameníssimo vale da Tessália (o actual vale de Lycostomo ou Derefi), situado entre os montes Olimpo e Ossa e através do qual fluía o rio Peneu. O seu nome passou, depois, a aplicar-se a outros vales igualmente belos (cf. Virgílio: «(speluncae uiuique lacus et frigida tempe/ mugitusque boum mollesque sub arbore somni)», *Georg.*, 2, 469-470, e Ovídio: «hinc Camerinan adit Thapsonque et Heloria tempe/ quaque iacet Zephyro semper apertus Eryx», *Fast.*, 4, 477-478), designando, no caso presente, o vale do Parnaso (cf. *infra*: «tunc me ad Parnasia tempe/ Ductares», Sil. 5, 50-51, p. 378).

5- Referindo-se ao culto da poesia de um outro modo, Jerónimo Cardoso alude a Hipocrene, fonte do monte Hélicon que brotou da rocha no lugar onde Pégaso deu com uma pata no solo. Considerava-se que a sua água favorecia a inspiração poética, dado ser consagrada às Musas. Sobre esta fonte, v. *supra*, **Ap.** 2, 16, p. 8, n. 9.

6- Refere-se Cardoso mais uma vez à poesia, agora por meio de uma alusão ao Oráculo de Delfos, ao qual presidia Apolo e onde a Pítia revelava o futuro alegadamente inspirada pelos gases que emanavam de uma falha no solo (o χάσμα γῆς). Perto do santuário localizava-se a antiga cidade de Cirra (cf. *supra*, **Mon.** 1, 14, p. 219, n. 3).

7- Ou seja, tamanho amor pelas Musas e, especificamente, pelo culto da poesia, que estas representam. Sobre as Piérides, jovens oriundas da Piéria, inicialmente diversas das Musas, mas que com estas acabaram por se identificar, v. *supra*: **Lib.** 9, 3, p. 26, n. 3.

8- Ou, por outras palavras, «a nossa casa». Acerca dos Penates, divindades protectoras do larário das casas, v. *supra*, **Mon.** 7, 13, p. 226, n. 7.

9- Mais do que a decadência económica da sua família, estas palavras de Cardoso parecem traduzir a situação da própria cidade de Lamego que, no tempo de D. Afonso V, por sucessivas dádivas à nobreza, classe que recebia uma boa parte das verbas de que a cidade necessitava, chegou a um tal estado que a cidade mandou emissários às Cortes solicitando a restituição de várias terras, que eram do seu termo por justiça, porque corria um sério risco de ficar reduzida a uma simples aldeia, reclamações que o rei não atendeu. O rendimento do município andaria então pelos três mil réis. Como consequência, o cadastro demográfico do ano de 1514 mostrava não ter Lamego população superior a mil e quinhentos habitantes a residir na cerca do Castelo e no arrabalde da Sé, as duas partes constitutivas da cidade.

Por outro lado, abundam nos textos de Cardoso as referências às dificuldades económicas por que passava. Para além do presente caso, veja-se ainda, *infra*: «Magna dabunt alii, quibus est res ampla, clientes,/ Paupertas nescit sed mea magna dare;/ Nil donare queunt, nisi carmina sola, poetae,/ Pauper enim est Helicon Phoebus et ipse pater» (**El.** 2, 1, 7-10, p. 314); «Sit licet egregius uates, uel qualis Homerus,/ Vel qualis Naso Vergiliusque fuit,/ Esurit infelix semper: nec carmina donant,/ Vnde paret uictum sustineatque famem» (**El.** 2, 2, 13-16, p. 316); «Laus est magna quidem de me bene uelle mereri,/ Qui nequeam meritis reddere digna tuis»; «Sed licet ipse nihil possim praestare merenti» (**El.** 2, 17, 9-10 e 13, p. 348); «Quoque modo nobis turpis toleretur egestas/ Praecipiant auri que sitim compescere suadent,/ Namque uidet quam sit nobis angusta supellex» (**Sil.** 11, 60-62, p. 399).

10- Ou, dito de outro modo, «pela inspiração poética». Designa o nome de Piéria uma região da Macedónia situada a Sul do rio Haliácmon (hoje chamado Vistrizta), de onde eram oriundas as Piérides (cf. *supra*, **El.** 1, 29, 94, p. 313, n. 7). A respeito destas, v. *supra*: **Lib.** 9, 3, p. 26, n. 3.

Notas ao  
Elegiarum Liber II

**Página 314**

1- Sobre o jurisconsulto Álvaro Vaz, professor da Universidade de Coimbra e, mais tarde, advogado da Casa da Suplicação e desembargador dos Agravos, a quem Jerónimo Cardoso dedicou, por carta nuncupatória, os seus *Elegiarum Libri II*, v. *supra*, **El. 1, A**, p. 250, n. 1.

2- Relativamente às fontes clássicas deste motivo, segundo o qual os presentes contam mais pela intenção de quem os oferece do que pelo seu valor material, bem como para outros passos paralelos, v. *supra*, **El. A**, p. 251, n. 3.

3- Sobre o valor autobiográfico destas palavras, bastante significativas da grande escassez de recursos materiais com que, por força das circunstâncias, Jerónimo Cardoso se via obrigado a sobreviver, bem como para outros passos paralelos, v. *supra*, **El. 1, 29, 104**, p. 313, n. 9.

4- Isto é, a vida que levam todos quantos se entregam ao culto das belas letras: já Hesíodo, ao receber a inspiração das Musas nas encostas arborizadas do Hélicon, onde estas viviam, se ocupava da humilde tarefa do pastoreio, assim renunciando qual seria a condição económica daqueles que seguissem as suas pegadas (cf. *supra*, **El. 1, 9, 20**, p. 260, n. 9). Sobre o Hélicon, v. *supra*, **Lib. 2, 35**, p. 11 e n. 9.

5- Idêntica enumeração ocorre num poema escrito em louvor de António Pimenta, notável mestre-escola de Santarém, cf. *infra*: «Hunc eques plebes, colit et senator/ Vulgus et omne» (**El. 2, 19, 23-24**, p. 351).

6- Constituem estas palavras uma variante da expressão latina «Sibyllae folium», que Cardoso tomou de um passo de Juvenal (8, 126) e que registou no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*. A este respeito, v. *supra*, **El. 1, 11, 35**, p. 272, n. 3.

Sobre a Sibila de Cumas, a cujos oráculos Jerónimo Cardoso compara as sentenças de Álvaro Vaz, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 44, n. 7.

**Página 316**

1- Sobre o jurisconsulto António Martins, antigo aluno de Jerónimo Cardoso que viria a ser agente de negócios do cardeal D. Henrique em Roma, mantendo no entanto o contacto e a troca de correspondência com o seu antigo professor, bem como sobre os textos subsistentes trocados entre ambos v. *supra*, **El. 1, 13**, p. 275, n. 1.

2- Ou seja, afastado do culto da poesia e das letras mais humanas, que Cardoso designa, mais uma vez, pelo nome do Hélicon, pelo facto de os Antigos acreditarem ter sido este monte da Beócia a morada das Musas. A respeito deste monte, v. *supra*, **Lib. 2, 35**, p. 11, n. 9.

3- Encerra este verso de Jerónimo Cardoso o único indício, presente nos seus textos, de que a sua vista teria sucumbido progressivamente à fadiga a que, de um modo constante, obrigavam os esforços decorrentes não só da sua actividade profissional como ainda dos ócios que consagrava à leitura e à escrita. Embora se desconheça com que fundamentos (parece exagerado extrair tal conclusão destas palavras), a notícia de que Cardoso teria ficado cego, tornando-se necessário que fosse uma sua filha a ler os textos, que ele depois comentava, encontra-se no artigo anónimo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* lhe consagra (Vol. 5, p. 906).

4- Embora seja bastante comum, nos textos de Cardoso, o recurso ao antigo motivo do mel para indicar uma grande capacidade oratória ou um verdadeiro talento poético (cf. *supra*, **Lib. 18**, p. 45, n. 1), tal associação faz-se sempre num contexto positivo, sendo portanto de realçar o caso presente, em que as Musas e tudo aquilo que elas representam se compara a algo de doce, é certo, mas letal.

5- Referência ao célebre episódio homérico das Sereias (*Od.*, 12, 165-200). Sobre o estratagema utilizado por Ulisses para escutar o seu maravilhoso canto, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 45, n. 2.

6- Trata-se de Ulisses. Designa o nome de Nérito (em gr. Νήριτος) uma montanha de Ítaca, ilha sobre a qual Ulisses reinava, e ainda uma outra ilha, situada nas proximidades daquela e incluída nos seus domínios. Entre os autores do Classicismo, este modo de designar Ulisses encontra-se atestado uma única vez, na poesia de Ovídio, que assim escreve: «Venerat Euander plena cum classe suorum,/ uenerat Alcides, Graius uterque genus/ [...] dux quoque Neritius; testes Laestrygones exstant/ et quod adhuc Circes nomina litus habet:/ et iam Telegoni, iam moenia Tiburis udi/ stabant, Argolicae quod posuere manus» (*Fast.*, 4, 65-72).

7- A noção de que a literatura e a poesia não constituem para os seus cultores um meio de acesso a riquezas fáceis e abundantes, sobre a qual Jerónimo Cardoso elabora o presente dístico, encontra-se sintetizada num provérbio de origem não clássica: «Litterae non dant panem» (com a variante «Carmina non dant panem»). Tal ideia surge, porém, em Petrónio, na amarga constatação de Eumolpo, personagem que, ao apresentar-se, profere em tom de grande desencanto as seguintes palavras: «Amor ingenii neminem unquam diuitem fecit» (*Sat.*, 83, § 9). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1834, pp. 827-828. Relativamente ao valor autobiográfico destes versos, v. *supra*, *El.* 1, 29, 104, p. 313, n. 9.

8- Imagem colhida de um passo de Juvenal (*Saturae*, 8, 47-50) e a que Jerónimo Cardoso recorre por mais do que uma vez. Para as outras ocorrências, v. *supra*, *El.* A, p. 250, n. 3.

### Página 317

1- Irmão de Baltasar de Teive (a seu respeito, v. *infra*, *El.* 2, 11, p. 335, n. 1), oriundo da Madeira e filho de um Diogo de Teive, acerca de Gaspar de Teive sabe-se que dirigiu uma carta à rainha D. Catarina em 23 de Abril de 1542. Diversamente do seu irmão, não consta que Gaspar tenha obtido graus académicos no Estudo Salmantino ou que o tenha sequer frequentado.

Há notícia de um fidalgo de nome Gaspar de Teive, oriundo também da Madeira, que terá acompanhado D. Sebastião na segunda jornada de África e veio a morrer na batalha de Alcácer-Quibir. Parece, no entanto, tratar-se de um seu homónimo.

A presença desta personagem nos escritos de Jerónimo Cardoso é muito limitada. Para além da presente composição, o seu nome apenas ocorre numa epístola dirigida pelo Lamecense a Inácio de Morais (v. *supra*, *Ep.* 56, p. 194), então a residir no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, perto de Guimarães. Nela, com efeito, Jerónimo Cardoso pede a Inácio de Morais que o desculpe diante de Gaspar de Teive, a quem chama «hominem multiscium» («homem de muito saber»), pelo facto de não poder manter com ele assídua correspondência. Esta alusão reveste-se de particular importância pelo facto de explicitamente situar Gaspar de Teive nessa região.

Na presente elegia, Jerónimo Cardoso agradece a Gaspar de Teive o envio de um poema escrito por este em seu louvor (poema esse hoje perdido), dá conta da alegria suscitada por esses versos e conclui dizendo que fará do manifesto exagero de tais elogios um pretexto para se dedicar mais intensamente aos seus estudos.

2- Literalmente, «levasse por sob os astros». Sobre este tipo de expressão hiperbólica, alguns exemplos clássicos e outras ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, *Ep.* 17, p. 109, n. 2.

3- Sendo uma simples ninfa habitante das montanhas, a Oriade (em gr. Ὀρειάς, nome derivado de ὄρος, «montanha») não passava de uma divindade menor. Encontrava-se, por conseguinte, numa posição muito inferior à de Ártemis, filha de Zeus e de Leto (ou Latona) e irmã gémea de Apolo, deusa do Panteão Olímpico, a quem se prestava culto em todas as regiões montanhosas e selvagens da Grécia.

Na sua poesia, Jerónimo Cardoso torna a referir-se a esta divindade recorrendo a termos muito semelhantes, cf. *infra*: «Cederet et nemorum custos Latonia uirgo» (*El.* 2, 7, 49, p. 328).

4- Trata-se de Ganimedes, jovem frígio de grande beleza, pertencente à família real de Tróia e descendente de Dárdano, que Zeus, tendo assumido previamente a forma de uma águia (a sua ave favorita), arrebatou por amor para o Olimpo e a quem fez escanção dos deuses em substituição de Hebe, a deusa da juventude.

Para uma outra referência a esta figura, v. *infra*: «Denique odoratum instillabat undique nectar:/ Quale Ioui Iliacus miscet abunde puer» (El. 2, 5, 53-54, p. 323).

5- Referência a Posídon (o Neptuno dos Romanos), deus poderoso, filho de Cronos e de Reia, a quem coube o domínio dos mares quando, tendo derrotado os Titãs, os Olímpicos partilharam entre si o poder sobre o Universo (cf. *supra*, El. 1, 29, 41, p. 311 e n. 6).

6- Alusão a um poema de Gaspar de Teive, escrito em louvor de Jerónimo Cardoso, que não foi incluído em nenhuma das suas colectâneas e de que não se encontra presentemente rasto algum. Tal poema terá motivado a composição da presente elegia, o único texto, de entre os conservados, a atestar uma forma de relacionamento entre estas duas figuras.

7- Sobre esta personagem homérica, Nestor de Pilos, modelo acabado de ancião sensato, v. *supra*, Lib. 17, p. 40, n. 4.

8- Herói homérico oriundo da Etólia, filho de Ágrio, Tersites deve a sua fama ao retrato negativo que dele se apresenta na *Iliada*: seria, com efeito, o mais feio e o mais covarde de todos os que combateram na Guerra de Tróia. De aspecto físico confrangedor (vesgo, coxo, de peito encovado, corcunda e de cabelo ralo), a sua covardia torna-se manifesta ao ser o primeiro a aceitar a proposta, feita por Agamémnon, de levantarem o cerco à cidade (proposta que visava pôr os soldados à prova). Encontra-se, além disso, entre os cabecilhas da sedição que está prestes a verificar-se, dirigindo palavras muito injuriosas a Agamémnon (*Iliada*, 2, 225-242). Tersites veio a morrer às mãos de Aquiles, por ter escarnecido da paixão surgida entre este e Pentésiléia, a rainha das Amazonas, e arrancado os olhos da jovem com a ponta da sua lança.

#### Página 319

1- A respeito de Aires Gomes, antigo aluno do Lamecense que, depois de deixar a sua escola, prosseguiu estudos em Coimbra e, mais tarde, em Paris, conservando no entanto bem viva a lembrança e amizade do seu velho mestre, bem como a respeito dos textos subsistentes a ele dirigidos por Cardoso, v. *supra*, Ep. 20, p. 115, n. 1.

2- Ou seja, pelos ventos em geral (cf. Virgílio: «tendant uela Noti», *Aen.*, 3, 268). Sobre o Noto (em lat. *Auster*), vento procedente do quadrante Sul, e para as diversas ocorrências do seu nome nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Lib. 2, 326, p. 21, n. 1.

3- Costumavam os Romanos datar os anos pela sequência dos consulados, sendo cada colheita de vinho designada pelo nome dos cônsules eleitos para esse ano. Assim, em Petrónio (*Sat.*, 34, § 6), menciona-se um vinho *Falernum Opimianum* de excelente qualidade, que datava do tempo de *Lucius Opimius*, cônsul em 121 a. C; em Horácio, por outro lado, lê-se o seguinte: «tu uina Torquato moue consule pressa meo» (*Epod.*, 13, 6).

Pertencendo tal sistema de datação a um passado remoto, teve Cardoso de recorrer a uma fórmula que, de resto, já se encontra atestada no seguinte passo de Lucano: «non erigit aegros/ nobilis ignoto diffusus consule Bacchus,/ non auro murraque bibunt, sed gurgite puro/ uita redit» (4, 378-381).

4- Alusão ao Parnaso, montanha em cujas encostas se erguia o célebre Santuário de Delfos, consagrado ao deus Apolo. A respeito de tal montanha, v. *supra*, Mon. 2, 3, p. 220, n. 2.

#### Página 320

1- Segundo um antigo costume referido por Plínio-o-Antigo (*N. H.*, 7, § 131), os Trácios guardavam o registo dos eventos felizes assinalando-os com uma pedrinha branca e dos infelizes com uma preta. Tal prática deixou rasto na expressão utilizada por Cardoso neste verso, a qual, com variantes, se encontra atestada em autores antigos, como Plínio-o-Novo: «o diem (repetam enim) laetum, notandumque mihi candidissimo calculo!» (*Ep.*, 6, 11, § 3) e Marcial: «Triginta mihi quattuorque messes/ tecum, si memini, fuere, Iuli,/ quarum dulcia mixta sunt amaris,/ sed iucunda tamen fuere plura;/ et si calculus omnis huc et illuc/ diuersus bicolorque digeratur,/ uincet candida turba nigriorem» (12, 34, 1-7).

Para a expressão de sentido diverso «Album calculum addere» e as suas abonações nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Ep. 25, p. 125, n. 2.

### Página 321

1- Relativamente a Jorge Coelho, secretário particular do Cardeal Infante D. Henrique e correspondente de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos que documentam o relacionamento estabelecido entre um e outro, v. *supra*, Ep. 7, p. 89, n. 1.

2- Trata-se de uma das Erínias. A respeito destas antigas divindades, cuja função consistia essencialmente em vingar os crimes atormentando e enlouquecendo as suas vítimas, v. *infra*, El. 2, 5, 37, p. 322, n. 9.

3- Referência a Saturno, divindade que surge por vezes designada pelo epíteto de *falcifer* pela circunstância de, nas suas representações, aparecer armado com uma pequena foice ou uma serpe (facto que o relacionava com a invenção ou divulgação do cultivo e da poda da vinha). Tal sucede no seguinte passo de Ovídio, que parece ter influenciado o presente hexâmetro: «te fera nec quicquam placidum spondentia Martis/ sidera presserunt falciferique senis;/ lux quoque natalis, ne quid nisi triste uideres,/ turpis et inductis nubibus atra fuit» (*Ib.*, 215-218).

### Página 322

1- Refere-se Jerónimo Cardoso às Meras, três divindades que personificavam o destino de cada mortal, regulando a duração da sua vida do nascimento até à morte. De entre elas, Láquesis (em gr. Λάχεσις) tinha a função específica de cortar o «fio da vida», que Jerónimo Cardoso estende aqui a todo o grupo. Com elas se vieram a identificar as Parcas (a tal respeito, v. *supra*, Mon. 7, 87, p. 229, n. 3).

2- Habitavam os Getas a área situada entre os Balcãs, o Danúbio Inferior e o Mar Negro, uma região inóspita, de invernos gelados, para onde seguiu exilado, por ordem de Augusto, o poeta Ovídio (cf. *supra*, El. 1, 28, p. 308, n. 3). Sobre os Getas, povo particularmente aguerrido, v. *supra*, Ep. 35, p. 147, n. 1.

3- Ou seja, logo que o Sol (a que Cardoso chama «o Titã», cf. *supra*, Lib. 2, 70, p. 12, n. 4) entrar na casa do signo Leão (constelação em que acabou transformado o Leão de Némea, cf. *supra*, El. 1, 21, 16, p. 291, n. 5). Como quinto signo do Zodíaco, o Leão ocupava, na época de Jerónimo Cardoso, o espaço de tempo compreendido entre meados de Julho e meados de Agosto, período que corresponde, no Hemisfério Norte, ao tempo mais quente. Este passo de Cardoso evoca de um modo muito claro os seguintes versos de Séneca: «Non aura gelido lenis afflatu fouet/ anhela flammis corda, non zephyri leues/ spirant, sed ignes auget aestiferi canis/ titan, leonis terga Nemeaei premens» (*Oedip.*, 37-40).

Sobre este género de perífrase (uma expressão cronotópica) e para outros exemplos análogos presentes na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, El. 1, 21, 16, p. 291 e n. 5.

4- Designa o nome de Méroe uma grande e célebre ilha do rio Nilo, situada já na Etiópia e identificada com a moderna província de Atbar. Este verso de Cardoso, pela sua dupla referência a Méroe e ao território ocupado pelos Garamantes (cf. nota seguinte), encerra uma reminiscência do seguinte passo de Lucano: «quoque magis miseros undae ieiunia soluant/ non super arentem Meroen Cancrique sub axe,/ qua nudí Garamantes arant, sedere, sed inter/ stagnantem Sicorim et rapidum deprensus Hiberum/ spectat uicinos sitiens exercitus amnes» (4, 332-336).

5- Ou seja, para as regiões tórridas de África. Etnia poderosa, os Garamantes, a quem Lucano chama *Perusti* e Arnóbio *Furui*, estavam estabelecidos no interior de África, para lá do território ocupado pelos Gétulos (cf. *supra*, Ap. 1, 46, p. 4, n. 6), na região do oásis de Fezzan, segundo Heródoto, uma importante tribo guerreira, parecendo, no entanto, que sob tal designação se incluíam outros povos do Ocidente de África (como os chamados *Trassili* e os habitantes do Sudão). Considera-se que os actuais *Tibu* (o «Povo da Rocha»), que ocupam a região do maciço do Tibesti, descendem directamente deste antigo grupo.

Para uma outra referência a esta etnia nos escritos de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Namque Eburæ natale solum quo degis amice/ (Nota loquor) flammis coeli flagrantibus Indos/ Aestiferam et Libyem pariter Garamantas et acri/ Battiadas aestu nimiumque calente perustos,/ Exsuperare ferunt» (Sil. 11, 51-55, p. 399).

6- Sísifo, filho de Éolo e fundador de Corinto, viu-se condenado a um suplício terrível por ter denunciado Zeus, revelando a Asopo que tinha sido aquele deus a raptar Egina, sua filha: deveria, para todo o sempre, fazer rolar encosta acima um enorme rochedo que, invariavelmente, ao chegar ao topo, tornava de novo a descer, por causa do seu próprio peso.

Suplício diverso foi reservado a Tântalo, filho de Zeus e de Pluto, rei da Frígia. Rico e amado pelos deuses, que o deixavam até tomar parte nos seus banquetes, Tântalo teria revelado aos outros homens os segredos divinos que escutara nos convívios dos imortais (ou roubado néctar e ambrósia para dar aos outros homens). Foi condenado a uma sede e fome eternas: embora estivesse mergulhado até ao queixo na água de um rio, jamais conseguia beber, porque, sempre que o tentava, a água fugia; diante de si via pender um ramo de árvore carregado de frutos que, no entanto, se esquivavam sempre que estendia o braço para os alcançar.

7- Trata-se do célebre suplício de Prometeu, filho do Titã Jápeto e de Ásia. Prometeu passa por ter sido o criador dos primeiros homens, que teria moldado em barro e por amor de quem terá enganado Zeus, iludindo-o com os despojos de um sacrifício, em que o deus foi levado a escolher um esqueleto coberto de banha em lugar da carne, que ficou para os homens. Como punição, Zeus deixou de lhes enviar o fogo, pelo que Prometeu roubou o fogo do céu. Zeus, então, castigou os homens enviando-lhes Pandora e Prometeu amarrando-o com grilhões de aço ao Cáucaso, onde uma águia monstruosa, filha de Tífon e Equidna, lhe devorava o fígado, que renascia sem cessar. Prometeu veio a ser salvo deste suplício por Hércules e alcançou até a imortalidade, cedendo ao centauro Quíron a sua condição de mortal.

8- Alusão provável ao suplício do tessálio Ixíon, filho de Flígias e de Perimele e rei dos Lápitais. Após o casamento com Dia, filha de Dioneu, Ixíon recusou ao sogro os presentes acordados e o atirou para um fosso cheio de brasas, matando-o. Culpado de perjúrio e de assassinio de um membro da sua família (sendo este um duplo sacrilégio), não encontrou ninguém que aceitasse purificá-lo. Apenas Zeus, compadecido da sua desgraça, aceitou fazê-lo, libertando-o da loucura. Ixíon, porém, tornou-se culpado de ingratidão para com o deus, ao apaixonar-se por Hera e tentar violentá-la. Ixíon acabou por unir-se a uma nuvem, a que Zeus dera previamente a imagem de sua esposa e irmã, assim gerando Centauro, pai dos Centauros. Foi, por castigo, amarrado a uma roda em chamas que rodava incessantemente pelos ares.

As palavras de Cardoso podem, no entanto, referir-se simplesmente à roda, antigo instrumento de tortura, que consistia numa roda fixa no topo de um poste, sobre a qual eram amarrados os supliciados para que lhes fossem quebrados os ossos e deixados a morrer.

9- Cf. *supra*: «Quæue ortus laesit torua Megaera meos» (El. 2, 5, 12, p. 321). Nascidas dos gotas de sangue de Úrano que caíram sobre a terra aquando da sua mutilação por Cronos, as Eriníais (ou Euménides, as «Benevolentes», nome que, lisonjeando-as, procura evitar a sua cólera) integram o grupo das mais antigas divindades helénicas, o qual não reconhece a autoridade dos deuses mais recentes. O seu número, inicialmente variável, acabou por se fixar em três: Alecto, Tisífone e Megera, figuradas como génios alados, com as cabeleiras parcialmente constituídas por serpentes e archotes ou chicotes nas mãos. Estas irmãs, análogas às Parcas ou aos Destinos, habitam o Érebo (as trevas infernais), e têm por função essencial vingar os crimes, em particular os que dizem respeito à família, objectivo que cumprem enlouquecendo e torturando as suas vítimas de todos os modos possíveis. Punem igualmente os actos de *hybris*, ou seja, os excessos em que o homem parece ignorar a sua condição de mortal.

10- Alusão a um poema de Jorge Coelho, dedicado muito provavelmente a Jerónimo Cardoso, que não foi incluído em nenhuma das publicações deste e que, para além da presente elegia, escrita em sua resposta, não deixou qualquer outro vestígio. Sobre os textos que subsistem trocados entre Cardoso e Jorge Coelho, v. *supra*, Ep. 7, p. 89, n. 1.

11- Ou seja, «a tua Musa». Sobre Talia, uma das nove Musas, a quem veio a ser atribuída a Comédia e a Poesia Ligeira, e para as demais ocorrências do seu nome, v. *supra*, El. 1, 18, 1, p. 286, n. 2.

**Página 323**

1- Trata-se do grupo das Musas: sobre a fixação do número de nove para estas divindades, v. *supra*, *Mon.* 1, 10, p. 219, n. 2; sobre Hélicon, monte da Beócia, considerado pelos Antigos como a sua morada, v. *supra*, *Lib.* 2, 35, p. 11, n. 9.

2- A respeito das três Cárites, Eufrosina, Talia e Aglaia, divindades da beleza, v. *supra*, *Lib.* 6, 2, p. 24, n. 3.

3- Sobre o Himeto, montanha da Ática, célebre pela sua produção de mel, v. *supra*, *Lib.* 16, 56, p. 38, n. 4.

4- Relativamente ao Hibla, monte da Sicília, famoso pelo mel que nele se produzia, v. *supra*, *El.* 1, 24, 44, p. 300, n. 4. Para uma outra referência conjunta a estas duas montanhas (o Himeto e o Hibla), v. *infra*: «ut non mihi quicquid Hymetti,/ Incola Trinacriae uel quicquid carpserit Hyblae./ Dulcescat» (*Sil.* 14, 2-4, p. 405).

5- Sobre o néctar, bebida dos deuses, considerado o melhor de entre todos os alimentos v. *supra*, *Ep.* 33, p. 143, n. 3.

6- Referência a Ganimedes, jovem frígio raptado por Zeus, que fez dele copeiro dos deuses. A seu respeito, v. *supra*, *El.* 2, 3, 2, p. 317, n. 4.

7- Ou seja, as pérolas de excelente qualidade que se extraíam das águas do Golfo Pérsico. Sobre elas, v. *supra*, *Ap.* 1, 40, p. 4, n. 3.

8- Refere-se Jerónimo Cardoso a Átalo II Filadelfo, rei de Pérgamo entre 159 e 138 a. C., filho de Átalo I e irmão de Eúmenes II, a quem sucedeu no trono. Átalo II deu continuidade à política e mecenato cultural inaugurados e desenvolvidos pelos seus predecessores, que, empregando riquezas fabulosas e aproveitando a recente invenção do pergaminho, fundaram e engrandeceram a célebre Biblioteca de Pérgamo, cujo espólio seria mais tarde transferido por Marco António para Alexandria, como oferta a Cleópatra, e edificaram numerosos monumentos, tendo em vista alcançar, para a sua capital, ascendente moral sobre as restantes cidades gregas. Com este soberano atingiu Pérgamo o ponto máximo do seu poderio e prosperidade.

Para uma outra alusão a esta figura, cujo nome se tornou sinónimo de uma opulenta riqueza, v. *infra*: «Quamuis Attalicas Lydasque Arabumque superbas/ Polliceatur opes» (*Sil.* 10, 19, p. 392).

9- Nomes de rios famosos: sobre o Pactolo, um afluente do Hermo, v. *supra*, *Lib.* 16, 17, p. 37, n. 1; sobre o Hermo, rio da Eólia que arrastava partículas de ouro no seu caudal, v. *supra*, *El.* 1, 29, 44, p. 311, n. 8.

10- Trata-se de Midas, rei da Frígia, da qual uma região dava pelo nome de Migdónia. A respeito desta figura e do poder que tinha de transformar tudo quanto tocava em ouro, v. *supra*, *Ep.* 28, p. 132, n. 2.

**Página 324**

1- Referidos, entre outros, por Virgílio («uocat ingenti clamore Cithaeron/ Taugetique canes domitrixque Epidaurus equorum», *Geor.* 3, 43-44; «omnia secum/ armentarius Afer agit, tectumque laremque/ armaque Amyclaeumque canem Cressamque pharetram», *ibidem*, 3, 343-345 e «Nec tibi cura canum fuerit postrema, sed una/ uelocis Spartae catulos acremque Molossum/ pasce sero pingui», *ibidem*, 3, 404-406) e por Petrónio («et ecce canes Laonici etiam circa mensam discurrere coeperunt», *Sat.* 40, § 2), os chamados cães espartanos caracterizavam-se pelos flancos e ventre magros, a compleição delicada e a cabeça ponteaguda, sendo portanto comparáveis aos galgos. Muito velozes, eram considerados cães de caça por excelência.

2- Normalmente utilizado como símbolo de uma ferocidade exacerbada (cf. *supra*, **Lib. 2**, 234, p. 18, n. 1), o tigre indiano surge, neste passo, como termo de comparação para a máxima rapidez, uma imagem que pode ter sido sugerida a Cardoso pelo seguinte passo de Sêneca: «Quis credat exulem?/ flagrant genae rubentes,/ pallor fugat ruborem,/ nullum/ uagante forma seruat diu colorem/ huc fert pedes et illuc,/ ut tigris orba natis/ cursu furente lustrat/ gangeticum nemus» (*Med.*, 857-865) ou pela descrição de Plínio-o-Antigo: «Tigrim Hyrcani et Indi ferunt, animal uelocitatis tremendae et maxime cognitae, dum capitur totus eius fetus, qui semper numerosus est» (*N. H.*, 8, § 66).

### Página 325

1- Ou seja, a deusa Hera (ou Juno), irmã e esposa de Zeus (ou Júpiter), que surge iconograficamente representada com um pavão. Sobre o sentido de *Tonans*, antigo epíteto de Júpiter que, no latim dos humanistas, designa frequentemente o Deus cristão, v. *supra*, **Ap. 3**, 21, p. 10, n. 4.

Para uma outra referência a esta divindade, feita em termos muito semelhantes, v. *infra*: «Cederet huic magni coniuxque sororque Tonantis» (*El. 2*, 7, 47, p. 328).

2- Trata-se de Ártemis (ou Diana), filha de Zeus e de Leto, irmã gêmea de Apolo e meia-irmã de Atena, que, nas suas representações iconográficas, surge figurada com um arco e uma aljava, seus atributos como deusa virgem, que se compraz apenas com a caça e a quem se prestava culto nas regiões montanhosas e selvagens da Grécia.

3- Alusão a Prosérpina (a Perséfone dos Gregos), deusa romana dos Infernos. Sua mãe, Ceres (Deméter), surge neste passo qualificada como «loura» pela circunstância de ser essa a cor assumida pelas searas maduras, a cujo cultivo preside. Sobre o rapto de Prosérpina, v. *supra*, **Lib. 2**, 26, p. 10, n. 3.

4- Linguagem de carácter marcadamente forense. Embora não se encontre, expressa nos mesmos termos, entre os autores do Classicismo, esta exclamação de Cardoso evoca passos como o seguinte, tomado de um discurso de Cícero: «ubi igitur crimen est, quoniam quidem furtum nusquam reprehendis, edictum probas, iudicatum fateris, quaesitum et prolatum palam non negas, actum esse per uiros primarios res ipsa declarat?» (*Flac.*, § 68).

5- Ou seja, igual a Atena. O epíteto *Itonia* explica-se pela circunstância de esta divindade ter sido outrora cultuada em *Itone* (ou *Itonus*) cidade e montanha na Beócia (ou na Tessália) conhecida precisamente pelo seu santuário dedicado a Atena Itônia. Tal culto teria sido criado por Itono (em gr. Ἴτωνος), filho de Anfíction, um dos descendentes de Deucalião.

6- Trata-se de Argos, a quem Ovídio chama *Arestorides Argus*, ou seja, «Argos, filho de Arestor» (*Met.*, 1, 624). Tendo sido encarregado por Hera de vigiar, com os cem olhos que lhe cobriam todo o corpo, a vaca em que Zeus transformara Io, Argos levou-a para um bosque em Micenas e cumpriu zelosamente a sua função, dado que, ainda que dormisse, conservava sempre metade dos seus olhos vigilantes. Zeus, porém, ordena a Hermes que liberte Io matando o seu guardião (*ibidem*, 1, 670). Assim, o mensageiro dos deuses, tendo encontrado Argos, procura adormecê-lo ao som da flauta de Pã, depois conta-lhe a história de Siringe e finalmente, quando aquele cede ao sono, confirma o seu torpor com um toque da sua varinha mágica. Uma vez adormecido, Argos é finalmente decapitado por Hermes (*ibidem*, 1, 713-719). Hera, compadecida, transferiu os olhos do seu fiel servidor para a cauda do pavão, a sua ave favorita.

7- Atamante, rei beócio, filho de Éolo, foi induzido a matar Learco, seu filho, lançando-o num caldeirão de água fervente. Para além deste episódio, a sua vida consiste numa verdadeira sucessão de tragédias.

Atamante casou-se por três vezes, da primeira com Nefele, de quem gerou Frixo e Hele. Tendo repudiado esta mulher, contrai novo matrimónio com Ino, filha de Cadmo, gerando Melicerta e Learco. Ino, movida de inveja dos filhos da sua rival, projecta matá-los, impondo o seu sacrifício por meio de um falso oráculo. As duas crianças são salvas por um carneiro com o velo de ouro, dádiva de Hermes enviada por Nefele. Levado pelos ares, Frixo consegue atingir a Cólquida, mas Hele cai e afoga-se. Ao saber os ardis da

mulher, Atamante ordena que a sacrifiquem, juntamente com Melicerta, mas Dioniso, compadecido, salvou-os, atingindo Atamante de loucura e levando-o a matar Learco.

Celebra-se um terceiro casamento, desta feita com Temisto, filha de Hipseu, na suposição de que Ino tivesse morrido. Desta nova união nasceram Orcómeno e Esfíngio. Ino, contudo, regressa, introduzindo-se no palácio como escrava. Temisto, sabendo que Ino está viva, mas desconhecendo o seu paradeiro, resolve livrar-se dos filhos da sua rival. Ordena então à nova escrava, sua confidente, que vista de negro os filhos de Ino e os seus de branco, para os distinguir na escuridão. Ino inverte o vestuário, levando Temisto a matar os próprios filhos. Esta, ao conhecer o seu erro, suicida-se, levando a que o seu marido fosse banido da terra onde reinava e iniciasse uma vida errante.

### Página 326

1- Referência ao crime de Orestes, filho de Agamémnon e de Clitemnestra, que, segundo a tradição consagrada na trilogia de Ésquilo, a *Oresteia*, tendo chegado à idade adulta e para vingar o assassinio de seu pai (morto por Egisto e Clitemnestra como punição pelo sacrifício da pequena Ífigénia), comete o matricídio. Não obstante ter sido purificado, em Delfos, por Apolo, cujos desígnios cumprira assassinando a sua mãe, Orestes vê-se atormentado pelas Erínias, que o acometem de sucessivos ataques de loucura, até que o voto decisivo de Atena, pronunciado no tribunal do Arcópagos, lhe veio a conceder a absolvição.

### Página 327

1- Único poema de amor em que Jerónimo Cardoso encarna uma paixão amorosa cujos efeitos enumera e descreve, a presente elegia centra-se numa Sílvia, nome enigmático que deverá corresponder a um pseudónimo, processo literário corrente na elegia clássica latina (lembramos apenas, como exemplo, o nome de Lésbia, pseudónimo sob o qual se esconde Clódia, irmã de P. Clódio Pulcher e objecto da inflamada paixão de Catulo). Quem se ocultará sob o nome de Sílvia? Acaso Filipa, que viria a ser a sua esposa e a mãe das suas filhas e cujo nome não surge jamais em nenhum dos seus escritos?

A fazer fé nas palavras que o Mestre de Gramática viria a dirigir a um seu amigo, ao tempo em que este partia para Salamanca, estaremos perante um dos seus mais antigos poemas. Com efeito, na silva que dedicou «Ad Marcacum», Cardoso escreve: «Ast ego qui trepidas tremor hic inuaserit urbes/ Quotque neci incautos dederit, puerique furentes/ Insolitos ignes pingui tibi carmine dicam./ Quin etiam imparibus ueteres recitabimus ignes/ Versibus, in teneris quos olim lusimus annis» (v. *infra*, Sil. 9, 71-75, p. 391). O poema de amor a que Jerónimo Cardoso faz alusão deverá muito provavelmente identificar-se com a presente composição, que poderá, deste modo, ter surgido em inícios da década de 1520.

Quanto à sinceridade dos sentimentos descritos ao longo destes dísticos, por outro lado, dispomos do que sobre tal Cardoso escreveu, mais tarde, numa carta dirigida a Pedro Gomes de Abreu, seu antigo aluno, em que trata da difícil situação emocional de Jorge Lopes. Na dita missiva, Cardoso escreve: «Nec poteram satis machinari quodnam huic rei consilium praestitissent, praesertim cum in amore parum me semper exercitatum athletam gesserim, adeo ut me ne minima quidem illius scintilla unquam attigerit, quamuis quas amor fallacias habeat, quasque misérias et calamitates qui illius castris militant patientur magis sane ex litterarum monumentis quam re ipsa didicerim» (cf. *supra*, Ep. 49, p. 177). Que significarão estas palavras? Que Cardoso fingiu os sentimentos que aqui descreve ou que, a bem da sua reputação como professor de Gramática, respeitável e pouco dado a desvarios amorosos, lhe pareceu melhor apresentá-los como fingidos?

Ao longo destes versos, Jerónimo Cardoso declara a sua paixão por Sílvia (vv. 1-22), situa cronologicamente o início da mesma (vv. 23-30), descreve a beleza, tanto externa como interna, da sua amada (vv. 31-56), lembra a intensidade e os efeitos dos sentimentos que o abalam (vv. 57-100) e termina dirigindo um desesperado pedido de auxílio à sua amada para que esta não permita que, pela sua indiferença, a vida do infeliz apaixonado chegue a um sombrio e prematuro fim (vv. 101-104).

2- No presente dístico, os motivos já antes definidos como «milícia do amor» e «milícia do saber» surgem novamente associados, tal como em *El.* 1, 12, 19-20, p. 273. Sobre as fontes prováveis de tais motivos e para outros exemplos constantes nos escritos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

3-

4- Cf. Luís de Camões: «Era no tempo alegre quando entrava/ No roubador de Europa a luz Febeia,/ Quando um e outro corno lhe aquentava,/ E Flora derramava o de Amalteia» (*Os Lusíadas*, 2, 72, 1-4). Anteriormente à reforma do calendário ordenada pelo Papa Gregório XII em 1582, o Sol (que Cardoso chama pelo nome de «Titã», cf. *supra*, *Lib.* 2, 70, p. 12, n. 4) entrava no Touro (constelação em que foi transformado o touro que transportou Europa, filha de Agenor e Telfaasa, das praias de Sídon ou de Tiro para a ilha de Creta) a 11 de Abril. Como este signo do Zodíaco aparece representado com a cabeça virada para Este, o Sol, na sua revolução anual, aproxima-se primeiro das estrelas dos seus chifres. Os versos de Camões indicam a data da chegada de Vasco da Gama a Melinde, ocorrida num Sábado de Aleluia, no dia 14 de Abril ao anoitecer; os de Cardoso indicam, de forma aproximativa, o início da estação da Primavera (modernamente, tal estação tem o seu início no momento da passagem do Sol pelo ponto Vernal, a c. 21 de Março, e termina no solstício de Verão, a c. 22 de Junho).

Sobre este género de perífrase (uma expressão cronométrica) e para outros exemplos presentes na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *El.* 1, 21, 16, p. 291 e n. 5.

### Página 328

1- Precedentes clássicos da presente comparação encontram-se em Horácio: «urit me Glyceræ nitor/ splendentis Pario marmore purius;/ urit grata proteruitas/ et uultus nimium lubricus aspici» (*C.*, 1, 19, 5-8) e em Petrónio, na descrição que Encólpio, então sob o pseudónimo de Polieno, apresenta da bela Circe: «iam mentum, iam ceruix, iam manus, iam pedum candor intra auri gracile uinculum positus: Parium marmor extinxerat» (*Sat.*, 126, § 17). O mármore de Paros, uma das ilhas Cíclades, de excelente qualidade, caracterizava-se pela sua extrema brancura, sendo muito utilizado pelos antigos estatuários.

Da brancura da pele como atributo da beleza feminina falam ainda os vv. 37-38 da presente composição.

2- Semelhante comparação encontra-se novamente em Petrónio, nas palavras com que Encólpio-Polieno descreve os lindos olhos de Circe: «oculi clariores stellis extra lunam fulgentibus» (*Sat.*, 126, § 16).

3- Com recurso a termos muito próximos, que claramente denunciam ser esta a fonte de Cardoso, descreve Ovídio a branca pelagem do touro em que Zeus se transformou para raptar a jovem Europa, filha de Agenor e Telefaassa: «quippe color niuis est, quam nec uestigia duri/ calcauere pedis nec soluit aquaticus auster» (*Met.*, 2, 852-853). Sobre o Austro, vento procedente do quadrante Sul, v. *supra*, *Lib.* 2, 326, p. 21, n. 1.

4- Sobre Dédalo, pai de Ícaro, e a sua fuga do Labirinto de Creta, bem como para outras referências a esta figura presentes na obra de Cardoso, v. *supra*, *Lib.* 16, 3-4, p. 36, n. 1.

5- Relativamente ao motivo sobre o qual se desenvolvem estes versos (a rara associação entre beleza física e dotes de espírito) e para as suas fontes clássicas, v. *supra*, *Mon.* 8, 14, p. 230 e n. 2.

6- Trata-se de Hera (ou Juno), irmã e esposa de Zeus (ou Júpiter), cf. *supra*, *El.* 2, 6, 35, p. 325, n. 1. Sobre o sentido de *Tonans*, antigo epíteto de Júpiter que, no latim dos humanistas, surge frequentemente aplicado ao Deus cristão, v. *supra*, *Ap.* 3, 21, p. 10, n. 4.

7- Alusão a Ártemis (ou Diana), filha de Zeus e de Latona (ou Leto). Para uma outra referência a esta divindade, feita em termos análogos, v. *supra*, *El.* 2, 3, 3, p. 317, n. 3.

8- Referência a Leucótoe, rival de Clítia nos amores do Sol. Como vingança por ter denunciado os seus amores adúlteros, Afrodite suscitou no Sol uma violenta paixão por Leucótoe, levando-o a repudiar a sua antiga amante. Assumindo a forma de Eurínome, mãe da jovem, o Sol consegue chegar à sua presença e, tendo mandado sair as servas, reassume a sua esplendorosa figura e consegue consumir o seu amor. Clítia, tomada de ciúmes, delata ao pai de Leucótoe o encontro secreto e este, para punir a filha, enterra-a num fosso profundo, onde a jovem morre. Abandonada pelo seu antigo amante, que deixou de suportar a

sua presença, Clítia deixa de comer e de beber, acabando por transformar-se em heliotrópio, uma flor que, como se buscasse um rosto amado, está sempre voltada para o Sol.

Cardoso conhecia esta história através do relato de Ovídio (*Met.*, 4, 167-270), podendo detectar-se, no presente verso, um eco do seguinte passo: «diligis hanc unam, [...] Leucothoe multarum obliuia fecit,/ gentis odoriferae quam formosissima partu/ edidit Eurynome; sed postquam filia creuit,/ quam mater cunctas, tam matrem filia uicit» (vv. 204- 211).

9- Trata-se de Briseida, filha de Briseu, um irmão de Crises e sacerdote da cidade de Lirnesso, que Aquiles conquistou e pilhou. Atribuída a este herói, Briseida, de seu verdadeiro nome Hipodamia, acabou por se tornar a sua escrava favorita, sendo ternamente amada. Quando a Assembleia dos Gregos obrigou Agamémnon a restituir Criseida a seu pai, este exigiu como compensação que Aquiles lhe desse Briseida, originando assim a célebre cólera do herói, assunto da *Ilíada*.

10- Alusão ao rapto de Prosérpina (a Perséfone dos Gregos), deusa romana dos Infernos. Sobre este episódio, v. *supra*, *Lib.* 2, 26, p. 10, n. 3.

11- Trata-se de uma pedra preciosa, identificável com o carbúnculo ou com a granada-da-Boémia. A este respeito, v. *supra*, *El.* 1, 24, 11, p. 299, n. 5.

#### Página 329

1- Ou seja, o vinho. Sobre o sentido do nome «Lieu», epíteto de Baco (ou Dioniso), v. *supra*, *Lib.* 15, 11, p. 36, n. 3.

2- Cf. *infra*: «Ergo ne peream fer opem mea Syluia quaeso,/ Auxilium possis cum mihi sola dare» (*El.* 2, 7, 101-102, p. 330 e n. 1).

3- Sobre Medeia, princesa da Cólquida, v. *supra*, *El.* 1, 14, 12, p. 277, n. 7. Relativamente a Jasão, o «filho de Éson» e à sua expedição em busca do Velo de Ouro, v. *supra*, *Inst.* 1, 14, p. 243, n. 7.

4- Alusão à paixão não correspondida de Circe por Glauco, a qual está na origem da transformação de Cila em monstro.

Segundo a versão do mito divulgada por Ovídio (*Met.*, 13, 898- 14, 74), Glauco, um ser híbrido (ombros demasiado largos, uma poderosa cauda de peixe em lugar dos membros inferiores e o rosto coberto por uma barba de reflexos esverdeados, como se fosse de bronze), ter-se-ia enamorado por Cila, jovem que logo lhe fugiu, assustada com o seu aspecto. Então, para conquistar os favores da jovem, Glauco recorre aos serviços de Circe, que logo se apaixona por aquela divindade marinha e lhe oferece o seu amor: «Neu dubites adsitque tuae fiducia formae,/ en ego, cum dea sim, nitidi cum filia Solis,/ gramine cum tantum, tantum quoque carmine possim,/ ut tua sim, uoueo» (*ibidem*, 14, 32-35). Glauco, porém, fiel aos seus sentimentos, recusa-a ostensivamente, pelo que a feiticeira preterida procura um meio de se vingar: mistura ervas mágicas na água de uma pequena gruta onde a sua rival costumava ir banhar-se e, quando Cila entrou na água, logo das suas virilhas nasceram seis cães monstruosos.

5- Para um outro aproveitamento desta mesma comparação na poesia de Jerónimo Cardoso, utilizada igualmente para descrever os padecimentos de amor, desta feita do pastor Mopso, que vê os seus sentimentos desprezados pela jovem Silénide, v. *supra*: «inde/ Mox abeo tristis, perque auia lustra uagabar,/ Ceruus ut occulta quem pastor arundine fixit» (*Lib.* 11, 48-50, p. 30).

6- Ou seja, das montanhas situadas nos arredores de Tebas, na Beócia, onde Dioniso era objecto da frenética adoração das bacantes. Segundo as antigas tradições, Ógiges (em gr. Ὀγγυγος), filho de Beoto (o herói que deu o nome à Beócia), teria reinado sobre os Ecténios, os primeiros habitantes daquela região, numa época muito remota, anterior ao dilúvio de Deucalião. Este dístico de Cardoso evoca as palavras com que Ariadne descreve a Teseu o sofrimento que a sua partida lhe causou: «Aut ego diffusus erraui sola capillis,/ Qualis ab Ogygio concita Baccha deo,/ Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi» (Ovídio, *Her.*, 10, 47-49).

### Página 330

1- Cf. *supra*: «Vna meis poterit curis solacia ferre,/ Vna potest tantum tollere uirgo malum» (El. 2, 7, 71-72, p. 329). Sintetizada numa sentença de Publílio Siro («Amoris uulnus idem sanat, qui facit», A, 31), a noção de que a única pessoa que pode curar as feridas do amor é aquele que as infligiu encontra larga difusão na literatura latina, estando representada em vários passos de Ovídio («Tu quoque pro nobis, si non mentiris amorem/ Tura feras: prosint, quae nocuere, manus!», *Her.*, 21, 183-184 e ainda *Trist.*, 1, 1, 97-100; 2, 19-22 e «Vna manus uobis uulnus opemque feret», *Rem. Am.*, 44), Propércio («Mysus et Haemonia iuuenis qua cuspidē uulnus/ senserat, hac ipsa cuspidē sensit opem», 2, 1, 63-64) e de Apuleio («nam si te uel modice meus igniculus afflauerit, ureris intīme nec ullus extinguet ardorem tuum nisi ego, quae dulce condiens et ollam et lectulum suaue quaterere noui», *Met.*, 2, 7 e ainda 10, 3). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1404, pp. 639-640.

### Página 331

1- Nascido na Vidigueira, a 12 de Junho de 1524, e filho de Paulo Nunes Estaço, que serviu D. João III na Índia, em África e no Brasil, vindo a receber deste rei o hábito da Ordem de Cristo, uma tença e o cargo de governador do castelo de Outão, Aquiles Estaço cedo foi desde cedo destinado às lides da guerra. Assim, com apenas oito anos, o jovem Estaço partiu para a África Ocidental e depois para o Brasil, onde chegou a 30 de Outubro de 1532. De lá regressou, porém, pouco tempo mais tarde, tendo a sua educação sido então confiada a João de Barros, que se ocupou pessoalmente da sua educação no que diz respeito à gramática portuguesa. Pelo ano de 1540, quando contava cerca de 15 anos de idade, Aquiles Estaço seria aluno de Jerónimo Cardoso. Antes de sair de Portugal, o jovem Estaço escutou ainda as lições de André de Resende, em Évora, e as de Martim Azpilcueta Navarro, em Coimbra, cidade onde manteve contacto com Inácio de Moraes.

Depois de Coimbra, Aquiles Estaço frequentou a Universidade de Lovaina, onde ouviu Pieter Nannik, orador brilhante, junto de quem desenvolveu os conhecimentos de Oratória, Poética e Teologia e aprofundou o seu domínio do Latim, do Grego e do Hebraico. Em Lovaina fez publicar o seu primeiro trabalho poético, no ano de 1547. Nos dois anos seguintes, Aquiles Estaço frequentou informalmente a Universidade de Paris, prosseguindo os seus estudos de Teologia, de Grego e Hebraico. Aí, em 1549, publicou as *Syluae aliquot*, que dedicou ao infante D. Luís. Em 1550, porém, voltou novamente à Flandres.

Alguns anos mais tarde, em 1555, encontrava-se já em Itália e em 1557 estava em Pádua, cidade onde o Humanismo de feição ciceroniana florescia. Aquiles Estaço chegou a Roma antes de 23 de Julho de 1559, data de uma missiva em que o embaixador português junto da Santa Sé, Lourenço Pires de Távora, o dá como presente na Urbe. Supõe-se que lhe tenha sido atribuída uma cadeira de Retórica na Sapienza, suposição que carece de bases documentais. O cardeal Guido Ascanio Sforza nomeou-o seu secretário e bibliotecário, ficando assim Aquiles Estaço com livre acesso a uma vasta e importante colecção de manuscritos.

Alcançou então uma fama tal que não passou despercebido aos papas. Assim, Pio IV chamou-o para secretário do Concílio de Trento, Pio V fez dele seu familiar e secretário das cartas latinas e Gregório XIII admitiu-o entre os seus familiares, embora Aquiles Estaço pouco tempo tivesse mantido esse privilégio, acabando por se retirar da corte pontifícia.

Pronunciou Orações de Obediência a estes três pontífices: duas vezes em nome de D. Sebastião, a 20 de Maio de 1560 (na embaixada de Lourenço Pires de Távora, perante Pio IV) e a 28 de Setembro de 1574 (na embaixada de João Gomes da Silva, perante Gregório XIII). Pronunciou uma terceira Oração, em 1566, em nome do grão-mestre da ordem de São João de Jerusalém (Malta), Frei Jean de La Valette. Pronunciou ainda, em nome de Filipe I, em 1581, uma quarta Oração de Obediência. Celebrou, com uma oração fúnebre, a morte de D. Sebastião, nos solenes officios fúnebres promovidos em Roma, a 11 de Dezembro de 1578, pela Companhia de Jesus.

As tentativas de D. Sebastião e, depois, de D. Henrique de trazer Aquiles Estaço novamente para Portugal saíram frustradas, posto que o tivessem aliciado com os mais altos cargos a que poderia aspirar: o lugar de guarda-mor do arquivo real (Torre do Tombo); o posto honorífico de cronista latino e, no caso de D. Henrique, o lugar de seu secretário particular. Aquiles Estaço teria mostrado, de início, certo desejo de regressar. Em 1565 preparava-se para deixar Itália, mas a intervenção de S. Carlos Borromeu retém-no. No início da década seguinte terá pensado ainda em regressar, intento de que Inácio de Moraes o procurou

demover, por carta, alegando a penúria em que viviam os letrados em Portugal. Por essa época Aquiles Estaço, vivia em Roma numa situação financeira desafogada.

O ambiente culto da Roma de então e a sua atmosfera espiritual, o convívio de uma multidão de sábios, por um lado, e os próprios serviços que Aquiles Estaço podia prestar ao monarca português permanecendo em Roma, por outro, obstaram a um eventual regresso a Portugal. Aquiles Estaço veio a morrer em Roma, a 17 de Setembro de 1581, quando contava 57 anos de idade. Por disposição testamentária, a sua valiosa biblioteca foi legada à Congregação do Oratório, na pessoa do P.<sup>o</sup> Filipe Neri.

A imensa obra produzida ao longo da sua vida inclui as orações já referidas, as inúmeras cartas que redigiu como secretário latino de Pio V, edições e comentários de obras de Cícero, Virgílio, Catulo, Suetónio, Tibulo e Horácio. Verteu para latim trechos da patrística grega e metrificou textos de salmos. De tal forma se especializou em crítica textual que os seus comentários a autores antigos ainda hoje se revelam úteis. As suas obras conservam-se, na sua maior parte, na Biblioteca Vallicelliana de Roma. Barbosa Machado refere ainda quatro volumes manuscritos que, ao seu tempo, se guardavam na biblioteca dos Padres Agostinhos, em Roma.

Um bom elenco da sua produção literária encontra-se em Belmiro Fernandes Pereira, *As Orações de Obediência de Aquiles Estaço*, Coimbra, 1991, pp. 34-46. Nesta listagem, os títulos, divididos entre *impressos* e *manuscritos*, registam, entre os primeiros, edições de autores clássicos (12 títulos), edições de Padres da Igreja (8 títulos), poesia (8 títulos) e oratória (4 títulos), nos *manuscritos* incluem-se 26 títulos.

Nas obras de Jerónimo Cardoso conservam-se apenas dois textos dirigidos a Aquiles Estaço: a presente elegia (El. 2, 8) e uma silva (Sil. 14, v. *infra* pp. 405-406). A elegia será o texto mais antigo, devendo datar dos tempos em que Aquiles Estaço frequentava as lições de Jerónimo Cardoso, pelos anos de 1534-1536. Na silva, Jerónimo Cardoso dirige-se a Aquiles Estaço com manifesta deferência, exortando-o a aperfeiçoar-se ainda mais. Percebe-se que, então, o seu aluno tinha já criado larga fama.

2- Referência a uma pequena composição poética enviada por Aquiles Estaço a Jerónimo Cardoso, ao tempo seu professor (uma das duas sobre cuja existência restam informações seguras) e que não consta em nenhuma das suas obras, não tendo deixado qualquer outro rasto para além da presente elegia, escrita em sua resposta.

3- Amiclás, cidade da Lacónia, de origem micénica (serviu de túmulo a Cassandra e Agamémnon), estava situada na margem direita do rio Eurotas. A taciturnidade dos seus habitantes tornou-se proverbial pela lenda, difundida por Sérvio (*lib.* 10, *comm. ad uersum* 564), de que, aquando da invasão dos Espartanos, os seus habitantes, cansados de relatórios falsos sobre a aproximação das tropas inimigas, proibiram que de tal se falasse. Quando os inimigos se aproximaram realmente, ninguém se atreveu a dar o alarme e, assim, a cidade foi tomada e todos os seus habitantes pereceram pelo silêncio, daí o verso de Lucílio «mihi necesse loqui; nam scio Amyclas tacendo perisse» (*Saturarum Fragmenta (in aliis scriptis seruat)*, 957-958) e o provérbio «Amyclis ipsis taciturnior».

#### Página 332

1-

2- Refere-se Jerónimo Cardoso aos *Argonautica*, poema épico em oito livros (o último incompleto), em que se reelabora a matéria anteriormente tratada na obra homónima de Apolónio de Rodas (e já traduzida para lat. por Varrão Atacino): a expedição, chefiada por Jasão, da nau Argo à Cólquida, em busca do Velo de Ouro. Esta epopeia mitológica desenvolve-se sob a constante influência do estilo Virgiliano e da técnica versificatória de Ovídio, fazendo suceder os episódios épicos e os incidentes maravilhosos.

Gaio Valério Flaco (também chamado *Gaius Valerius Flaccus Setinus Balbus* ou simplesmente *Balbus Setinus*) terá falecido cerca do ano 90 d. C., dado que Quintiliano, na *Institutio Oratoria* (10, 1, § 9), lamenta a sua morte recente. Pelo testemunho dos seus versos, sabe-se que Valério Flaco desempenhou funções de *quindecemuir sacris faciundis*, que iniciou a composição do seu poema sob Vespasiano, a quem a obra vai dedicada, por alturas da destruição de Jerusalém no ano 70, e que nele trabalhava ainda depois da desastrosa erupção do Vesúvio, ocorrida em Agosto de 79.

3- Cf. *infra*: «Munificus non est qui grandia munera donat./ Sed potius puro qui dat amore libens» (El. 2, 9, 11-12, p. 332 e n. 5).

4- Sobre o Hermo, rio da Eólia, famoso pelas partículas de ouro que o seu caudal arrastava, v. *supra*: El. 1, 29, 44, p. 311, n. 8.

5- Cf. *supra*: «Non tamen infitior gratissima dona fuisse/ Sed magis obstrinxit me tibi dantis amor» (El. 2, 9, 7-8, p. 332). Sobre as fontes clássicas do motivo presente nestes versos, segundo o qual os presentes contam pela intenção com que são oferecidos e não tanto pelo seu valor material, bem como para passos paralelos, v. *supra*, El. A, p. 251, n. 3.

6- Trata-se de Alexandre Magno, nascido em Pela, cidade da Macedónia (cf. *supra*: Ap. 1, 10, p. 3, n. 4).

### Página 333

1- A respeito do humanista André de Resende, polígrafo e antiquário, correspondente de Cardoso, v. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 1. Sobre os textos trocados entre ambos e a sua provável sequência cronológica v. *supra*, Ep. 5, p. 86, n. 2.

2- Sobre a serpente Píton, monstro que Apolo matou três dias após o seu nascimento e enterrou sob o *omphalos* do Templo de Delfos, v. *supra*, El. 1, 24, 53, p. 301, n. 3.

3- Ou seja, dos coros das Musas, deusas que habitavam a Aónia, região da Beócia que compreendia os montes Aónios e o Hélicon, onde brotavam as fontes de Hipocrene e Aganipe. Para outras referências a esta região, v. *supra*, Ap. 2, 16, p. 8, n. 9. Sobre Mnemósine, personificação da Memória, uma das Titânides (filha de Úrano e de Geia), com quem Zeus concebeu as Musas, cf. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11, n. 9.

4- Acerca de Crisipo, dialéctico notável, que sucedeu a Cleantes na direcção da Escola Estóica, v. *supra*, Lib. 18, p. 49, n. 6.

5- Refere-se Jerónimo Cardoso aos diálogos de Platão em que Sócrates toma parte, dado que, como se sabe, o grande filósofo não deixou obras escritas (cf. *supra*, Mon. 8, 75, p. 232, n. 6).

6- Sobre Empédocles de Agrigento, o mais eclético dos filósofos gregos anteriores a Sócrates, autor de uma obra intitulada *Da Natureza*, de que restam fragmentos e a que Cardoso parece aludir no dístico presente, v. *supra*, Lib. 18, p. 56, n. 4.

7- Ou, por outras palavras, «à maneira das Musas». Da Piéria, uma região da Trácia, eram oriundas as Piérides, nove jovens que vieram a identificar-se com as Musas do Hélicon (cf. *supra*, Lib. 9, 12, p. 26, n. 3).

### Página 334

1- Refere-se Jerónimo Cardoso ao facto de residir em Lisboa, ao passo que André de Resende vivia em Évora, cidade de onde era natural e onde permaneceu grande parte do tempo que esteve em Portugal (cf. *supra*, Ep. 4, p. 83, n. 1).

2- Sendo apenas um pobre pastor, cujo único filho fora morto pelo leão que devastava toda a região de Némea, Molorco acolheu Hércules (aqui designado pelo patronímico «Alcides», do gr. Ἀλκείδης, pela circunstância de ser descendente — concretamente um neto — de Alceu) quando este veio a Némea para tentar eliminar o monstro.

Desejando honrar o seu hóspede, Molorco quis matar o único carneiro que possuía, intento de que Hércules o demoveu, propondo-lhe que, em vez disso, esperasse trinta dias. Se findo esse tempo, Hércules não regressasse, Molorco podia considerá-lo morto e sacrificar o animal em sua homenagem; se, antes de

findo esse tempo, ele regressasse, ambos fariam o sacrifício em honra de Zeus Salvador. Tendo chegado o dia aprazado sem que o herói se apresentasse, Molorco supô-lo morto e preparava-se para officiar o sacrifício, mas, antes que pudesse consumá-lo, Héacles voltou e o carneiro foi assim oferecido a Zeus Salvador. No local onde tal sacrifício teve lugar, Héacles instituiu os Jogos Nemeus, celebrados de dois em dois anos, em honra de Zeus.

Estes versos de Cardoso foram provavelmente decalcados sobre o seguinte passo atribuído a Tibulo: «Quin etiam Alcides deus accessurus Olympo/ Laeta Molorcheis posuit uestigia tectis» (*Panegyricus in Messalam Coruinum Tibullo suppositus*, 12-13).

Para uma outra alusão ao monstruoso animal, v. *infra*: «Aut Nemees premerere fero frondentis alumno» (*Sil.* 2, 72, p. 370).

3- Alusão a um episódio relatado por Ovídio (*Met.*, 8, 618-724), no qual dois pobres anciãos, Filémon e Báucis, deram guarida a Júpiter e a Mercúrio, ignorando que se tratava de duas divindades. A seu respeito, v. *supra*, *Lib.* 11, 107, p. 32, n. 12.

4- Designa o nome de Salmácide um lago da Cária, famoso pela limpidez das suas águas, cuja pureza foi a causa indirecta da transformação de Hermafrodito, jovem de grande beleza por quem a Ninfa do lago se apaixonara, num ser de dupla natureza sexual, conforme relata Ovídio (*Met.*, 4, 285-388). Hermafrodito, ofendido, rogou aos deuses que sofresse a sua sorte quem quer que se banhasse nesse lago e a crença em tal efeito ainda subsistia no tempo de Estrabão. No espelho dessas águas cristalinas costumava mirar-se a Ninfa do lago enquanto se penteava: «saepe Cytoriaco deducit pectine crines/ et, quid se deceat, spectatas consulit undas» (*ibidem*, 4, 311-312).

Para uma outra alusão a este lago, v. *infra*: «His Arethusa tuae cedant his fontibus undae/ Atque lacus Cyanes, Salmacidisque palus» (*El.* 2, 12, 19-20, p. 336, elegia de Pedro Sanches).

#### Página 335

1- Nascido na cidade do Funchal, segundo notícia divulgada por Luís de Matos (*op. cit.*, p. 165) e J. Veríssimo Serrão (*op. cit.*, p. 272) ou na cidade de Braga, segundo escreve Barbosa Machado (*op. cit.*, Tomo I, p. 457), autor que acrescenta terem sido seus pais Diogo de Teive e Catarina Rodrigues Cardoso, Baltasar de Teive frequentou, em Paris, o Colégio de S. Bárbara, juntamente com dois irmãos, Manuel e Gaspar de Teive.

Baltasar de Teive deverá ter chegado a Paris antes de 1527, provavelmente ainda no ano de 1520. Aí permaneceria até 1532, ano em que se transferiu para Salamanca, daí escrevendo a Rodrigo Sanches uma carta datada de 28 de Setembro. Na Universidade de Salamanca vem a formar-se doutor em Direito Civil e Direito Canónico, partindo depois, talvez em Janeiro de 1534, com destino a Paris ou a Toulouse.

Definitivamente estabelecido em Portugal em 1542, Baltasar de Teive alcança, pelo favor de D. Catarina, em 1545, o lugar de promotor da Inquisição em Braga (cf. Luís de Matos, *op. cit.*, pp. 59-60), cargo que ocupava ainda em 1551.

Sobre os seus últimos anos nada se pode afirmar. Uma notícia, transmitida por Luís de Matos (*op. cit.*, p. 60), deixa entrever um destino pouco risonho: «Baltasar de Teive fue a estudiar a Paris; allí se hizo doctor en derechos; fue grandísimo letrado y hombre de grande esperanza. Viniendo de Francia se enamoró en Braga de Ana de Teive su parente, hija de Isavel Fernandez de Teive que caso con un ciudadano honrrado de Braga; por el qual casamiento el Rey D. Juan no se quiso servir del, ni sus hermanos mas le trataron ni estimaron; y se desso arrinconar en Braga y allí vivio y murio pobre i sin poder servir en nada».

Segundo Barbosa Machado, Baltasar de Teive terá escrito muitos epigramas e por outras obras poéticas latinas, que ficaram manuscritas. Apenas um epigrama seu veio a lume nos *Elegiarum Libri II* de Jerónimo Cardoso (cf. *infra*, *El.* 2, 15, p. 344). Barbosa Machado não refere a carta que Baltasar dirigiu a Rodrigo Sanches e que se conserva no epistolário de Pedro Sanches (Ms. F. G. 6368 da B. N. L.). O dito epigrama, em quatro dísticos, constitui a resposta do Jurista ao pedido de revisão formulado na presente elegia. O texto cuja revisão Cardoso solicita com estes versos veio a ser publicado em Coimbra, em 1550, por João da Barreira e João Alvares, no *Libellus de Terrae Motu*, sob o título «De uario amore ecloga, quae Silenis inscribitur, deque uini inuentione».

Não se conhecem, para além dos dois poemas que se conservam nos *Elegiarum Libri II*, quaisquer outros textos trocados entre Jerónimo Cardoso e Baltasar de Teive e o conteúdo dos vv. 11-12 da presente elegia (bem como o próprio tom desta composição) permitem verificar que o Lamecense não estava

directamente em contacto com Baltasar de Teive. O seu relacionamento, extemporâneo e episódico, deve ter ficado a dever-se, pois, à iniciativa dos irmãos Sanches.

Para um comentário destas duas composições, bem como para uma abordagem mais detalhada da biografia de Baltasar de Teive, veja-se o capítulo que lhe dedicámos na nossa dissertação de mestrado, *op. cit.*, pp. 130-140.

2- Trata-se, sem qualquer dúvida, do poema publicado no *Libellus de Terraemotu*, vindo a lume em Coimbra, no ano de 1550, sob o título «De Vario Amore Ecloga, Quae Silenis Inscribitur» (*Lib.* 11, v. *supra*, pp. 28-33) e dedicado, por meio de uma carta nuncupatória própria (*Lib.* 10, v. *supra*, p. 27), a Jerónimo de Castro, aluno de Cardoso. Este mesmo poema conheceria uma reedição, saída igualmente em Coimbra, em 1553, sob o título *Egloga, Quae Sylenis Inscribitur de Vario Amore Aliaque Simul Poemata*, da qual não se conhece presentemente nenhum exemplar e à qual se refere A. J. Anselmo (*op. cit.*, p. 34), com o título n.º 122.

3- Cf. *infra*: «Balthasar Tebius ad Auctorem de Doryla et Mopso» e «Sic Dorylas Mopsusque tui rapuere meique/ Dulcia dum mecum carmina uterque canit/ Vt Dorylas cuperem fieri uel Mopsus» (*El.* 2, 15, título e vv. 1-3, p. 344). Nome dos dois interlocutores da écloga de Cardoso (cf. *supra*, *Lib.* 11, título, p. 28). Sobre estes dois nomes, Dórilas e Mopso, v. *supra*, *Lib.* 11, título, p. 28, respectivamente, n. 2 e n. 3.

4- Encerra esta alusão um testemunho da proximidade existente entre Baltasar de Teive e Pedro Sanches (já vimos como no Ms. F. G. 6368 da B. N. L. se conserva uma carta dirigida por Teive não a este mas a seu irmão, o sacerdote Rodrigo Sanches, cf. *supra*, *El.* 2, 11, título, p. 335, n. 1). Por outro lado, numa carta dirigida a Jerónimo Cardoso, o médico Luís Pires queixa-se de ter sido objecto de uma partida deste, partida essa que já antes Pedro Sanches e um Teive (provavelmente Baltasar de Teive) tinham levado a cabo com sucesso (cf. *supra*, *Ep.* 38, p. 154 e n. 2).

5- Jerónimo Cardoso refere-se aos interlocutores da sua écloga chamando-lhes «rapazes» (em lat. *pueri*) por ser tal a forma de tratamento dada pelos Romanos aos escravos, independentemente da sua idade. Os dois interlocutores da écloga já não são propriamente «meninos», segundo se depreende de uma fala de Dórilas: «Narremus ueteres pariter, quos sensimus, ignes» (v. *supra*, *Lib.* 11, 2, p. 28). Em todo o caso, Mopso seria ainda bastante jovem (cf. *supra*, *Lib.* 11, 77-78, p. 31) e Dórilas algo mais velho (cf. *supra*, *Lib.* 11, 18-19, p. 29).

6- De falta de clareza e mau latim, acusações possíveis para um poema mal composto, falava já Marcial, dirigindo-se a um leitor imaginário: «Si qua uidebuntur chartis tibi, lector, in istis/ siue obscura nimis siue Latina parum/ non meus est error» (2, 8, 1-3).

Note-se que Cardoso, ao falar de falta de clareza num poema, remete para um preceito retórico aristotélico que deve ter conhecido pela via indirecta do *De Arte Poetica (Epistula ad Pisones)* de Horácio, poeta segundo o qual, a *obscuritas* decorre de uma exagerada concisão (em lat. *brevitas*) na narração das matérias (em lat. *res*). A *brevitas*, na sua justa medida, constitui uma qualidade de estilo e, como tal, deve ser observada, sem que nunca se perca de vista a *aurea mediocritas*. Horácio adverte claramente para este perigo ao dizer: «breuis esse laboro,/ obscurus fio» (*ibidem*, vv. 25-26).

### Página 336

1- Sobre o autor da presente elegia, o humanista Pedro Sanches, bem como sobre os textos remanescentes trocados entre ele e Jerónimo Cardoso e sua sequência cronológica, v. *supra*, *Ep.* 32, p. 141, n. 1.

2- Para iniciar a presente composição, Pedro Sanches recorre a um motivo célebre que Horácio sintetizou no famoso verso «odi profanum uulgus ert arceo» (*C.*, 3, 1, 1). Com tal expressão, de tom e linguagem próprios de um sacerdote que vai comunicar os mistérios aos iniciados e começa por excluir os profanos (os não iniciados), o Venusino introduzia uma série de seis composições em que se exalta, em metro alcaico, a figura de Octávio Augusto e a restauração da *res publica* por ele operada.

Já na Antiguidade este verso servia para exprimir o desprezo pelas opiniões e pelos gostos populares, como se pode constatar pelas seguintes palavras, que Petrónio coloca na boca de Eumolpo, poeta que se propõe realizar as palavras de Horácio: «refugiendum est ab omni uerborum, ut ita dicam, uilitate et sumendae uoces a plebe semotae, ut fiat "odi profanum uulgus et arceo"» (*Sat.*, 118, § 4). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1027, pp. 480-481.

3- Sobre as Driades, Ninfas dos bosques cuja vida estava ligada à de uma árvore, v. *supra*, *Lib.* 11, 32, p. 30, n. 3.

4- O nome «Febo» (em gr. Φοῖβος, «o brilhante»), epíteto de Apolo que muitas vezes, sobretudo em latim, substitui o nome próprio, surge várias vezes no decurso desta composição, umas vezes como divindade solar, outras como deus da Poesia e da Eloquência.

5- Para a descrição deste lago, provavelmente imaginário, Pedro Sanches inspirou-se na imagem ovidiana do lago de Salmácide, que de resto está prestes a nomear (v. *infra*, p. 336, v. 20 e n. 8), decalcando as suas palavras sobre os seguintes versos do Sulmonense: «non illic canna palustris/ nec steriles uluae nec acuta cuspide iunci;/ perspicuus liquor est: stagni tamen ultima uiuo/ caespite cinguntur semperque uirentibus herbis» (*Met.*, 4, 298-301).

6- Designa o nome de Aretusa uma fonte, célebre desde a Antiguidade, que brota do solo perto de Siracusa, na Sicília. Aretusa, uma Náíade da Acaia, costumava acompanhar Ártemis na caça e, certo dia, desejou banhar-se num rio de águas cristalinas. Alfeu, o deus desse rio, avistou-a e, tomado de desejo, começou a persegui-la, até que a Náíade, exausta, pediu a Ártemis que a salvasse. A deusa, então, envolveu-a numa nuvem e transformou-a numa fonte e, para que Alfeu não pudesse misturar as suas águas com as da fonte, consumando deste modo a união, o solo entrecabriu-se e as águas de Aretusa foram conduzidas por canais subterrâneos até Siracusa.

7- Ciane, uma Ninfa da Sicília, transformou-se em lago pelo desgosto de não ter conseguido evitar o rapto de Prosérpina, de quem era companheira. O seu nome (em gr. Κυανή, «de cor azul-escura») evoca a cor das águas do dito lago, que se situava, tal como a fonte anterior, em Siracusa.

Ao compor este dístico, Pedro Sanches devia ter em mente a descrição ovidiana do rapto de Prosérpina, na qual se encontra integrado o relato da transformação de Ciane em lago (*Met.*, 5, 409-437) e onde, num só verso, se nomeia Aretusa a par de Ciane («Est medium Cyanes et Pisaeae Arethusae,/ quod coit angustis inclusum cornibus aequor», *ibidem*, 5, 409-410).

8- Sobre este lago da Cária, em cujas águas cristalinas Hermafrodito se transformou num ser de natureza sexual híbrida, v. *supra*, *El.* 2, 10, 148, p. 334, n. 4.

### Página 337

1- O fogo, como metáfora do amor, encontra larga representação entre os autores do Classicismo, como Safo (fr. 31 Lobel-Page, 9-10), Catulo (51, 8-9) e muitos outros.

No caso presente, porém, as palavras de Pedro Sanches, repetindo parcialmente as que Ovídio coloca na boca de Fedra, na carta dirigida a Hipólito («Adsit et, ut nostras auido fouet igne medullas,/ Figat sic animos in mea uota tuos! [...] Venit amor grauius, quo serius: urimur intus;/ Urimur, et caecum pectora uulnus habent», *Her.*, 4, 15-20), inspiram-se, contudo, na súplica com que Céfalo procurava atrair a misteriosa «Brisa»: «'aura' (recordor enim) 'uenias' cantare solebam,/ 'meque iuues intresque sinus, gratissima, nostros,/ utque facis, releuare uelis, quibus urimur, aestus.'» (*Met.*, 7, 813-815).

2- Sobre o mito de Endimião, o belo pastor por quem a Lua nutria um profundo amor, v. *supra*, *Lib.* 18, p. 55, n. 3. A Lua, Ártemis por sincretismo, surge aqui designada pelo nome de Cíntia por ser objecto de veneração no monte Cíntio, situado na Ilha de Delos, onde a deusa teria nascido (para outras referências paralelas na poesia de Cardoso v. *infra*: «Et tibi praecipue cuius sapientia, uirtus/ Fulget ut in nitido Cynthia clara Polo», *El.* 2, 23, 21-22, p. 354; «Cernitur interdum coniuncta minoribus astris/ Cynthia», *Sil.* 2, 93-94, pp. 370-371; «Jam nouies nitidos patefecerat aurea uultus/ Cynthia, roriferis

referens noua lumina bigis», *Sil.* 15, 35-36, p. 408; «ceu Cynthia saepe/ Virgineum assumit Borea impellente ruborem», *Sil.* 16, 59-60, p. 413).

A fonte de todo este passo (vv. 31-36), como a sucessão de fábulas indica, encontra-se no seguinte passo de Ovídio: «latmius Endymion non est tibi, Luna, rubori,/ Nec Cephalus roseae praeda pudenda deae;/ Vt Veneri, quem luget adhuc, donetur Adonis,/ Vnde habet Aenean Harmoniamque suos?» (*A. A.*, 3, 83-86).

Os versos de Pedro Sanches demonstram, em todo o caso, um conhecimento mais aprofundado dos mitos em questão. Assim, no presente dístico, o tom lembra a prece que Leandro dirige à Lua: «faueas, dea candida [...] Et subeant animo Latmia saxa tuo!/ Non sinit Endymion te pectoris esse seueri;/ Flecte, precor, uultus ad mea furta tuos!/ Tu, dea, mortalem caelo delapsa petebas:/ (Vera loqui liceat!) quam sequor ipse, deast» (*Her.*, 18, 61-66).

3- Trata-se de Céfalos, filho de Díon e de Diomedes e descendente de Deucalião, raptado pela deusa Aurora, que por ele se tinha apaixonado. Para além do já citado passo da *Ars Amatoria* (3, 83-86, v. *supra*, *El.* 2, 12, 32, p. 337, n. 2), a presente alusão revela a influência do seguinte passo de Ovídio: «alter agebatur post sacra iugalia mensis,/ cum me cornigeris tendentem retia ceruis/ uertice de summo semper florentis Hymetti/ lutea mane uidet pulsus Aurora tenebris/ inuitumque rapit» (*Met.*, 7, 700-704).

Sobre o Himeto, montanha da Ática, célebre pelo mel que nele se produzia, v. *supra*, *Lib.* 16, 56, p. 38 e n. 4.

4- Alusão ao mito de Adónis, filho que Cíniras, o primeiro rei de Chipre, gerou de Esmirna, sua filha. Chegado à idade adulta, Adónis despertou a paixão de Vénus pela sua extrema formosura e a ela se uniu várias vezes, até que, ignorando as palavras da deusa, que o aconselhava a não perseguir animais que não fugissem, acaba por ser morto por um javali. As gotas de sangue vertidas por Adónis converteram-se em anémonas.

Este dístico de Pedro Sanches, para além dos já apontados versos da *Ars Amatoria* (3, 83-86, v. *supra*, *El.* 2, 12, 32, p. 337, n. 2), baseia-se ainda na descrição ovidiana da história de Adónis. Com efeito, o Sulmonense refere-se quer à súbita paixão de Afrodite (*Met.*, 10, 529-532) quer ao momento em que, por sugestão da deusa, ambos se estenderam na relva: «et, ecce,/ opportuna sua blanditur populus umbra/ datque torum caespes: libet hac requiescere tecum!/ (et requieuit) 'humo' pressitque et gramen et ipsum/ inque sinu iuuenis posita ceruice reclinis/ sic ait ac mediis interserit oscula uerbis» (*ibidem*, 10, 552-559).

5- Cf. *infra*, «Iam Phoebus disiungit equos suadetque reueriti/ Flammigeros currus iam leuat unda Tagi», *El.* 2, 12, 75-76, p. 339 e n. 2.

6- Verso decalcado sobre as palavras com que Tíro, pastor virgiliano, lembra a Melibeu o adiantado da hora, pondo deste modo termo ao seu canto: «et iam summa procul uillarum culmina fumant,/ maioresque cadunt altis de montibus umbrae» (*Ecl.*, 1, 82-83).

### Página 338

1- Como lembram os versos entoados por Córion, pastor virgiliano, o mirto e o louro são as plantas favoritas, respectivamente, de Afrodite, deusa do amor, e de Apolo, deus da Poesia e da Eloquência: «Populus Alcidae gratissima, uitis Iaccho,/ Formonsae myrtus Veneri, sua laurea Phoebos;/ Phyllis amat corylos: illas dum Phyllis amabit,/ nec myrtus uincet corylos nec laurea Phoebi» (*Ecl.*, 7, 61-64).

2- Este pormenor da figura que Pedro Sanches vê aproximar-se parece ter sido decalcado sobre o seguinte verso de M. Manílio: «et pedibus niueis fulserunt aurea uincla» (*Astron.*, 5, 519).

3- Como deusa da caça, Diana (ou Ártemis), aqui referida pelo sobrenome Dictina (do gr. Δικτυννα, de δίκτυον, «rede para caçar»), tem como atributos um arco e uma aljava.

4- O elmo, juntamente com a lança e o escudo, constituíam os atributos de Atena, que nascera da cabeça de seu pai, Zeus, já armada com estes objectos. A deusa da sabedoria e da guerra surge aqui

designada pelo sobrenome «Tritónia», numa alusão a Palas, a jovem filha do deus Tritão, com quem Atena teria sido criada e a quem teria acidentalmente causado a morte (cf. nota seguinte).

Para uma alusão idêntica a esta divindade, desta feita num poema de Jerónimo Cardoso, v. *infra*, *Sil.* 12, 15, p. 401.

5- Sobre o nome «Palas», epíteto ritual da deusa Atena, que, em latim, substitui o seu nome próprio, v. *supra*, *Lib.* 2, 36, p. 11, n. 10.

6- Constitui este verso de Pedro Sanches uma hipérbole, pelo facto de Calíope ser, de entre as nove Musas, a primeira em dignidade, dado que, desde a Época Alexandrina, lhe foi atribuída como domínio a Épica e a Eloquência (cf. *supra*, *Mon.* 8, 108, n. 6).

#### Página 339

1- Ou, por outras palavras, «E prepara-se para alcançar a imortalidade». Para uma variante desta expressão, com o sentido próximo de «escapar à destruição», veja-se Ovídio: «Defugiunt auidos carmina sola rogos:/ Durat, opus uatum, Troiani fama laboris/ Tarda que nocturno tela retexta dolo» (*Am.*, 3, 9, 28-30).

2- Cf. *supra*, «Igneus occiduas Pyrois properabat ad undas», *El.* 2, 12, 39, p. 337. Acerca do carro do Sol, dos seus quatro cavalos e do trajecto por ele percorrido diariamente, v. *supra*, *Ap.* 1, 16, p. 3, n. 7.

3- Nestor, rei de Pilos, terá vivido, pelo favor de Apolo, mais de três gerações. Sobre esta personagem homérica, v. *supra*, *Lib.* 17, p. 40, n. 4.

4- Sobre este género de expressão, recorrentemente utilizada por Cardoso e pelos seus correspondentes (caso presente) para indicar uma grande glória, v. *supra*, *Ep.* 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109, n. 2.

#### Página 340

1- Acerca de Jorge Coelho, secretário particular do Cardeal Infante D. Henrique e correspondente de Jerónimo Cardoso, e sobre os textos que documentam o relacionamento existente entre um e outro, v. *supra*, *Ep.* 7, p. 89, n. 1.

2- Cf. *infra*: «De tuis tandem numeris quid ipse/ Senserim dicam: mihi nempe uisus/ Dum tuos legi numeros Horatii/ Voluere docti» (*El.* 2, 13, 17-20, p. 340). Sobre o motivo horaciano do *labor limae* e as suas ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, *Ep.* 6, p. 88, n. 2.

3- Abordam estes versos o motivo da cegueira do amor (ou, no caso presente, da amizade), sobre o qual se desenvolve inteiramente a estrofe seguinte (vv. 13-16). A respeito de tal motivo, que se encontra já difundido entre os autores do classicismo, v. *supra*, *Ep.* 18, p. 113, n. 3.

4- Cf. *supra*: «Quod meam Coeli petis o diserte/ Vt tui uersus patiantur atque/ Sentiant limam» (*El.* 2, 13, 1-3, p. 340). Encerram estes versos alusões a um poema que Jorge Coelho terá enviado a Cardoso para que este exercesse sobre ele o seu julgamento e censura. Desconhece-se que poema fosse e, pelo tom da presente composição, apenas se pode depreender que não seria um canto dedicado a Jerónimo Cardoso, mas antes uma composição lírica a lembrar os *Carmina* de Horácio (v. 20) e a poesia de Alceu e de Safo (vv. 21 e 24).

#### Página 341

1- Poeta lírico grego, contemporâneo de Safo, Alceu terá vivido em fins do séc. VII e séc. VI a. C. Natural de Lesbos e oriundo de família aristocrática, levou uma vida de aventura e de combate, na ilha onde nasceu e no exílio, lutando em favor da sua família e do seu partido. A poesia de Alceu reflecte a sua experiência de vida, sendo, por consequência, dotada de um carácter forte e varonil. Ocupou-se igualmente

do amor, segundo informações veiculadas por Cícero (*Tusc.*, 4), Quintiliano (*Inst.*, 10, § 1) e Horácio (*C.*, 1, 32), do vinho como antídoto contra a tristeza e do culto dos deuses, havendo notícia de vários hinos por si compostos. Da sua obra, ordenada por Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia em dez livros, subsistem apenas fragmentos. A Alceu deve-se a criação da medida que toma o seu nome: o metro alcaico.

2- Sobre Safo, famosa poetisa grega, natural de Mitilene, em Lesbos, v. *supra*, **Mon.** 8, 74, p. 232, n. 5.

#### Página 342

1- Deverá tratar-se de D. Afonso de Portugal, segundo Conde de Vimioso, que Barbosa Machado (*op. cit.*, Tomo II, p. 802) afirma ter sido discípulo, no estudo da Língua Latina, do humanista Jorge Coelho, circunstância que poderia explicar a inclusão do presente poema logo depois de uma composição endereçada a este.

Segundo o mesmo autor, D. Afonso de Portugal «sahio taõ consumado neste magestoso idioma que recebeu muitas cartas de Ieronimo Osorio Cicero Portuguez às quais respondia com igual pureza, e gravidade». Seu pai, D. Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso, chamado, por antonomásia, «Catão Portuguez» (*op. cit.*, Tomo II, p. 226) escreveu várias poesias que foram incluídas no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, impresso em 1516.

2- Alusão às Musas, cujo número, embora variável, a tradição acabou por fixar em nove. Sobre este assunto e para outras referências paralelas, v. *supra*, **Mon.** 1, 10, p. 219, n. 2.

3- Cf. *infra*: «Almerina meus tecta teneret amor» (**El.** 2, 14, 30, p. 343). Não sendo um vocábulo de origem clássica (José Pedro Machado, *op. cit.*, D. L. 1991, p. 65, atribui-lhe uma origem híbrida: de *al-* e um obscuro vocábulo românico), Jerónimo Cardoso regista o presente topónimo no *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* de 1562 (fl. 12- v.º): «Almeirim vila. Almerinum, i», entrada que se repete *ipsis uerbis* no *Dictionarium Lusitanicolatinum* (fl. 8- r.º). Sobre a presente forma latina decalcou-se o adj. *Almerinus, a, um*, «de Almeirim», cuja forma de acus. pl. n. surge neste passo e, de novo, no v. 30.

4- Iniciado em 1411 por D. João I, que assim fundou a povoação de Almeirim, o Paço Real da dita vila conheceu obras de ampliação sob D. Manuel e D. João III, tendo nele trabalhado artistas de mérito como João de Castilho.

Convertido numa mansão luxuosa, este palácio servia de residência régia durante o Inverno, sobretudo desde que a trágica morte do príncipe D. Afonso, filho de D. João II e de D. Leonor, ocorrida em Alfange, tornara o velho paço gótico de Santarém um lugar de infausta memória. Assim, D. Manuel ali permaneceu todo o ano de 1510, parte do de 1513, os Natais de 1514 e 1515 e o espaço de tempo que medeia entre Outubro desse ano e Maio de 1516. D. João III seguiu esta prática, tendo sido ali convocadas as cortes de 1544, para juramento do príncipe D. João como herdeiro da coroa, bem como as de 1580, que visavam solucionar o problema da sucessão de D. Henrique, que ali veio a falecer.

Saqueado e incendiado durante a Guerra Civil, do grande complexo nada resta actualmente, para além da toponímia de certas ruas (Rua dos Arreios, Rua das Cavalariças), dado que as suas derradeiras ruínas foram demolidas no Verão de 1889. No Palácio da Vila de Sintra, na Sala das Pêgas, mostra-se uma magnífica boca de lareira renascentista, em mármore, que foi salva daquele lugar.

5- Revela este pentâmetro a influência da poesia de Horácio («Maecenas atavis edite regibus,/ o et praesidium et dulce decus meum, *Od.* 1, 1, 1-2). Sobre este assunto e para outro aproveitamento do mesmo passo na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*: «Te saluere iubet quam cernis epistula, Petre,/ Petre, meumque decus praesidiumque meum», **El.** 1, 21, 1-2, p. 291 e n. 7.

#### Página 343

1- Cf. *supra*: «Moenia cum nuper circum Almerina uagarer,/ Lustraremque oculis regia tecta meis» (**El.** 2, 14, 9-10, p. 342 e n. 3).

**Página 344**

1- Sobre o jurista Baltasar de Teive, a quem, por sugestão de Pedro Sanches, Jerónimo Cardoso enviou a sua écloga (*Lib.* 11, v. *supra*, pp. 28-33), para que sobre ela exercesse a sua revisão, motivo que esteve na origem do presente epigrama, v. *supra*, *El.* 2, 11, p. 335 e n. 1.

2- Cf. *supra*: «Si trepidat noster Tebi doctissime Mopsus/ Et Dorylas uultus forte subire tuos» (*El.* 2, 11, 1-2, p. 335). Nome dos dois interlocutores da écloga de Cardoso (cf. *supra*, *Lib.* 11, título, p. 28). Acerca destes dois nomes, Dórilas e Mopso, v. *supra*, *Lib.* 11, título, p. 28, respectivamente, n. 2 e n. 3.

**Página 345**

1-

2- Ao expediente literário utilizado na presente composição, o fazer de Talia (a sua Musa) a mensageira a quem confia as palavras que dirige ao destinatário, recorre Jerónimo Cardoso em dois outros casos ainda: um poema em estrofe sáfica (cf. *infra*: «Ad Antonium Piper Alloquitur Musam», *El.* 2, 19, pp. 350-352) e uma silva (cf. *infra*: «Ad Sanctium», *Sil.* 3, pp. 372-373). Numa outra silva, dirigida a um dos seus irmãos (cf. *infra*: «Ad Fratrem», *Sil.* 7, pp. 384-387), tal recurso surge mais uma vez, desta feita perto do fim do poema.

3- Nome de uma das nove Musas, a Talia veio a ser atribuída, na Época Alexandrina, a Comédia e a Poesia Ligeira. A seu respeito e para as demais ocorrências do seu nome, v. *supra*, *El.* 1, 18, 1, p. 286, n. 2.

4- Ou, por outras palavras, «à casa». Divindades romanas de origem etrusca, os Lares tinham por função proteger as encruzilhadas e os recintos domésticos, não estando associados a uma mitologia própria. Ovídio apresenta-os como filhos de Mercúrio (*Fasti*, 2, 583 e segg.), o que significa apenas que os Lares têm as mesmas funções que este deus. Contrariamente aos Penates, considerados forças invisíveis ou abstrações (cf. *supra*, *Mon.* 7, 13, p. 226, n. 7), os Lares eram representados como jovens adolescentes a rodopiar sobre a ponta de um pé, vestindo com uma túnica curta e segurando uma cornucópia. Ao chamado *Lar Familiaris*, que tinha por função proteger todos os habitantes de uma casa, atribua-se a paternidade do rei Sérvio Túlio.

Para outras referências a estas divindades, presentes unicamente na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Si Lares huius rogitas domumque/ Certior fies breuiter docebo» (*El.* 2, 19, 13-14, p. 350).

5- Um dos «Velhos do Mar», filho de Ponto (a «Onda Marinha») e de Geia (a «Terra»), Nereu casou com Dóris, filha do Oceano, dela gerando as Nereides. Sendo uma das forças elementares do mundo, mais antigo, portanto, que Posidon, Nereu apresenta-se como um homem de barbas normalmente brancas, montado num tritão e armado de um tridente. Como muitas divindades marinhas, Nereu podia transformar-se em todo o tipo de criatura ou animal.

Sobre o Oceano, personificação da água que rodeava toda a terra, v. *supra*, *Lib.* 2, 74, p. 12, n. 6.

6- Grupo de ilhas do Mar Egeu, situadas a Este do Peloponeso e dispostas em anel em redor de Delos, as Cíclades (em gr. Κυκλάδες) serviram de berço a uma antiga cultura, dita «Cicládica», que floresceu entre 3200 e 1100 a. C. e ficou famosa pelas suas esculturas em mármore. A seu respeito, escreve Higino Mitógrafo que: «Cyclades insulae sunt nouem, id est Andros, Myconos, Delos, Tenos, Naxos, Seriphus, Gyarus, Paros, Rhenia» (*F.*, 276, 5). Presentemente, de todo o grupo de ilhas, destacam-se as seguintes: Andros, Paros, Tenos, Naxos, Melos, Ios, Amorgos, Mikonos e Sira.

7- Trata-se de Neptuno, a quem Jerónimo Cardoso chama *aequoreus Iuppiter* seguindo o exemplo de Virgílio, que, aludindo a Plutão, se lhe refere como *Iuppiter Stygius* (cf. *Aen.*, 4, 638). De entre os autores do Classicismo, apenas em Cláudio Claudiano se encontra uma referência a Neptuno feita nos mesmos termos: «tu Iouis aequorei submersam fluctibus aulam/ oratum uolucres, Erato, iam perge quadrigas/ a quibus haud umquam palmam rapturus Arion» (*Cons. Mall. Theod.*, 17, 282-284).

Página 346

1- Ou seja, pelo coro das Musas, deusas que a tradição considerava serem virgens. No entanto, a sua posterior identificação com as Piérides, suas homónimas (cf. *supra*, Lib. 9, 12, p. 26, n. 3), levou a que lhes fossem atribuídos os filhos destas últimas (caso de Orfeu, filho de Calíope).

Para outras referências às Musas, feitas em termos comparáveis, v. *supra*: «Atque tuos potius (uelut es consuetus) amores/ Praestiteris Phoebos, uirginibusque nouem» (El. 1, 18, 43-44, p. 287); e *infra*: «Nec si uirgineas Helicon mihi pandat alumnas» (Sil. 2, 97, p. 371).

2- Nesta referência explícita à Ilha da Madeira (a única presente tanto na sua poesia como na sua prosa), Jerónimo Cardoso alude à manufactura açucareira, que, desenvolvida durante os primeiros tempos da colonização, viria a conhecer um grande sucesso, ficando-se-lhe a dever a época de ouro dos sécs. XV e XVI.

Originária possivelmente da Indochina, a cana de açúcar, ou «cana da terra» (*sacchaum officinarum genuinum*), foi cultivada no Extremo-Oriente, donde passou à Pérsia, estendendo-se, com a conquista muçulmana, por toda a margem Sul do Mediterrâneo, até alcançar a Península Ibérica. Havendo embora referências ao seu cultivo no Algarve (na Quarteira, em 1504) e na região de Coimbra (em 1541), as primeiras canas introduzidas na Ilha provinham, no entanto, da Sicília, de onde foram mandadas levar para a Madeira pelo infante D. Henrique (cf. João de Barros, «1.<sup>a</sup> Década da Ásia», 1552). Uma primeira referência à cultura da cana do açúcar na Madeira, feita já com intenções de produção exportadora, data de 1433.

Depois de passar pelos complexos processos de limpeza, moagem, cozimento e purga, obtinha-se o chamado «pão de açúcar», que era por sua vez separado e quebrado, originando o açúcar branco, o mascavado e o mascavo, e finalmente embalado em caixas de cedro, vinhático ou til. Seguiu, depois, para exportação, com destino a Inglaterra, Ruão, Rochella, Bretanha, Águas Mortas, Génova, Livorne, Roma, Veneza e até Constantinopla. Esta produção ter-se-á desenvolvido de um modo muito acelerado entre 1450 e 1506, cedo, porém, entrou em declínio, por causa do empobrecimento dos solos, confirmando-se uma tendência descendente a partir de 1521 e consumando-se em pleno a crise da economia açucareira na década de 1530. No entanto, fama do açúcar da Madeira atingiu um ponto tal que o do Brasil foi durante largo tempo exportado para a Europa em caixas de madeira regional e como se tivesse sido produzido na Ilha.

Para uma abordagem detalhada deste assunto, v. Rui Carita, *História da Madeira (1420-1566), Povoamento e Produção Açucareira*, Funchal, 1989, pp. 187-213.

3- Informação relevante no que diz respeito à biografia de António Vargueiro. Este contar-se-á, por conseguinte, entre os alunos que escutaram as lições de Jerónimo Cardoso.

4- A respeito do néctar, bebida dos deuses, considerado por antonomásia o melhor de todos os alimentos v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 3.

5- Refere-se Jerónimo Cardoso a uma carta de António Vargueiro recentemente recebida, a qual não se encontra entre as várias missivas a ele endereçadas que vieram a ser incluídas no *Epistularum Familiarium Libellus*, publicado em Lisboa, no ano de 1556. A presente elegia constitui, de resto, o único testemunho conservado do relacionamento mantido entre Cardoso e este seu antigo aluno.

6- Cf. *infra*: «Cum cecini calamo carmen agreste rudi» (El. 2, 16, 40, p. 346). O «grande número de estudos» ou, por outras palavras, o «trabalho volumoso» que Jerónimo Cardoso diz ter intenção de tornar público deverá identificar-se, em função do conteúdo do verso citado, com o *Dictionarium Inuentuti Studiosae Admodum Frugiferum*, impresso em Coimbra, em 1551, por João da Barreira e João Álvares e dedicado ao filho de Damião de Góis, edição de que não se conhece presentemente nenhum exemplar.

7- Cf. *supra*: «Si qua tamen studiis de nostris mentio fiet,/ Edere me in lucem plurima uelle refer» (El. 2, 16, 38-39, p. 346). Jerónimo Cardoso refere ter publicado muito recentemente um *carmen agreste*, ou seja, uma égloga, que deve sem dúvida identificar-se com o texto vindo a lume, pela primeira vez, sob o título «De Vario Amore Ecloga, Quae Silenis Inscritur» (Lib. 11, v. *supra*, pp. 28-33), publicado no *Libellus de Terrae Motu*, em Coimbra, por João da Barreira e João Álvares, no ano de 1550.

Esta mesma égloga conheceria uma reimpressão três anos mais tarde, em Coimbra, por João da Barreira, desta feita sob o título *Egloga, Quae Sylenis Inscibitur de Vario Amore Aliaque Simul Poemata* (edição a que se refere A. J. Anselmo (*op. cit.*, p. 34), com o título n.º 122, e de que se não conhece presentemente nenhum exemplar). As palavras de Cardoso permitem, no entanto, concluir que se trata da primeira edição, dado que acaba de afirmar ter a intenção de tornar público um «grande número de estudos» ou, melhor, um «trabalho volumoso», que deverá identificar-se com o *Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum*, impresso em Coimbra, em 1551.

Estas duas referências cronológicas permitem datar a presente elegia do período que medeia entre os últimos meses de 1550 (Cardoso escreve este poema em resposta a uma carta recebida em Agosto, cf. *supra*: «Deinde refer quanto me sparsit epistula succo/ Nectaris: Augusti reddita mense mihi», *El.* 2, 16, 29-30, p. 346) e princípios de 1551.

#### Página 347

1- Ou, por outras palavras, o culto da poesia. Sobre as Piérides, figuras inicialmente independentes das Musas, mas que com estas acabaram por se identificar, v. *supra*, *Lib.* 9, 12, p. 26, n. 3; sobre a fixação do seu número em nove, v. *supra*, *Mon.* 1, 10, p. 219, n. 2.

#### Página 348

1-

2-

3-Cf. *infra*: «Sed licet ipse nihil possim praestare merenti», *El.* 2, 17, 13, p. 348 e n. 4.

4- Cf. *supra*: «Laus est magna quidem de me bene uelle mereri/ Qui nequeam meritis reddere digna tuis» (*El.* 2, 17, 9-10, p. 348). Sobre o valor autobiográfico destes versos, que evidenciam as dificuldades económicas por que Jerónimo Cardoso passava (o qual, nesta composição, se mostra ainda dependente da generosidade de um Mecenas), bem como para outros passos paralelos, v. *supra*, *El.* 1, 29, 104, p. 313, n. 9.

#### Página 349

1-

2- Alusão a uma carta, recebida de Jerónimo da Conceição, que não consta entre as várias missivas endereçadas a Jerónimo Cardoso que vieram a ser incluídas no seu *Epistularum Familiarium Libellus*, publicado na cidade de Lisboa, em 1556. A presente composição constitui, de resto, o único testemunho ainda conservado da amizade existente entre Cardoso e este seu antigo aluno.

3- Com estas palavras, Cardoso pretende apenas significar que Jerónimo da Conceição foi um dia seu aluno (como o próprio afirma no título da presente composição). Sobre esta expressão metafórica, muito recorrente nos textos de Jerónimo Cardoso e já antes definida como «milícia do saber», v. *supra*, *Ep.* 49, p. 177, n. 6.

4- Ou seja, com o mais mortífero dos venenos. Sobre Lerna, nome de um pântano onde vivia a temível Hidra, v. *supra*, *Inst.* 2, 1, p. 244, n. 2.

5- Ou, por outras palavras, «cobrias o meu nome de glória». Sobre a expressão de tom acentuadamente hiperbólico utilizada por Jerónimo Cardoso neste verso, as suas fontes prováveis e para outros passos paralelos, v. *supra*, *Ep.* 17, p. 109, n. 2.

#### Página 350

1- A respeito de António Pimenta, professor de humanidades na então vila de Santarém, bem como sobre os vários textos a ele enviados por Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 41, p. 161, n. 1.

2- Sobre o expediente literário a que Jerónimo Cardoso recorre na presente composição: o enviar Talia, a sua Musa, como mensageira a quem confia as suas palavras, ao destinatário desta poesia, v. *supra*, El. 2, 16, p. 345, n. 2.

3- Sendo uma das nove Musas, a Talia veio a ser atribuída como domínio a Comédia e a Poesia Ligeira. Acerca desta Musa e para as demais ocorrências do seu nome, v. *supra*, El. 1, 18, 1, p. 286, n. 2.

4- Esta montanha da Fócida, em cujas vertentes se situava o Oráculo de Delfos, estava consagrada a Apolo e às Musas, sendo, por conseguinte, uma morada possível para Talia, a musa a quem Cardoso se dirige. A respeito do Parnaso, v. *supra*, Mon. 2, 3, p. 220, n. 2.

5- A respeito do Hélicon, monte da Beócia, outrora densamente arborizado, que se considerava ser a morada das Musas desde que Hesíodo nele recebera a inspiração poética, enquanto apascentava um rebanho nas suas vertentes, v. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11, n. 9.

6- Sobre Dirce, esposa de Lico, rei de Tebas na Beócia, que, depois de morta por Anfião e Zeto, veio a ser transformada numa fonte que recebeu o seu nome e se situava a Noroeste de Tebas, v. *supra*, El. 1, 24, 61, p. 301, n. 7.

7- Trata-se certamente de jacintos e narcisos, flores que tomaram os nomes de dois jovens famosos pela sua beleza física. Jacinto, filho de Amiclas e Diómede, foi amado por Apolo, deus que o matou acidentalmente enquanto lançava o disco, transformando depois o sangue que escorreu da ferida numa nova flor. O «jacinto» deverá identificar-se com o lírio martagão, cujas pétalas apresentam um desenho que lembra o grito de lamento de Apolo (AI) ou a inicial do nome do jovem (Y).

Narciso, filho de Céfiso e de Liriope, o jovem por quem a ninfa Eco se enamorou, desdenhava o amor de uma forma tal que as preteridas clamaram aos céus por vingança, conseguindo que Némesis levasse o jovem a contemplar a sua imagem reflectida numa fonte. Perdidamente apaixonado pelo seu reflexo, Narciso tornou-se insensível a tudo o que o rodeava e deixou-se morrer. No lugar da sua morte nasceu uma nova flor: o narciso.

8- Ou, dito de outro modo, «pela sua casa». Sobre os Lares, divindades romanas encarregadas de velar pelas encruzilhadas e pelos recintos domésticos, v. *supra*, El. 2, 16, 2, p. 345, n. 4.

#### Página 351

1- Ou seja, as restantes oito Musas (lembramos que Cardoso dirige estas palavras a Talia, a sua Musa preferida, cf. *supra*: «Ad Antónium Piper Alloquitur Musam», El. 2, 19, título, p. 350).

2- Uma enumeração semelhante, feita em ritmo de gradação decrescente e realçada por um assíndeto, encontra-se na elegia que abre o presente livro, dedicada ao juriconsulto Álvaro Vaz, cf. *supra*: «Muneribus tibi plena domus, te consulit omnis/ Turba, senator, eques, aduena, ciuis, inops» (El. 2, 1, 13-14, p. 314).

3- Ou, por outras palavras, «na sua douta morada». Sobre os Penates, antigas divindades cuja protecção se estendia do larário a toda uma casa e até ao próprio Estado Romano, v. *supra*, Mon. 7, 13, p. 226, n. 7.

4- Constituem estas palavras uma nova adaptação da expressão latina «Sibyllae folium», tomada por Jerónimo Cardoso de um passo de Juvenal (8, 126) e por ele registada no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*. Sobre este assunto, v. *supra*, El. 1, 11, 35, p. 272, n. 3.

Acerca da Sibila de Cumas, a cujos oráculos Cardoso compara os ensinamentos de António Pimenta, v. *supra*, Lib. 18, p. 44, n. 7.

#### Página 353

1- Ou seja, um crítico literário da mais elevada competência. Sobre Aristarco de Samotrácia, v. *supra*, Ep. 3, p. 81, n. 6.

2- Constitui este hexâmetro uma elaboração de um versículo da *Vulgata* que, na sua versão latina, se apresenta sob a seguinte forma: «Qui autem inuenit illum [sc. amicum] inuenit thesaurum» (*Ecl.*, 6, 14). Tais palavras, citadas com valor proverbial, têm paralelo num verso de Menandro: «φίλους ἔχων νόμιζε θησαυροῦς ἔχειν», ou seja, «se tens amigos acredita que tens tesouros» (*Mon.*, 810 Jäkel), o qual, por sua vez, se repete num dístico elegíaco anónimo da *Antologia Palatina* (10, 39). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1318, p. 596.

3- As palavras finais deste poema encerram muito provavelmente uma alusão a uma conhecida fábula, à luz da qual o seu sentido se torna claro (cf. Esopo, 185, e, para a versão latina, Fedro, 1, 4). Efectivamente, Jerónimo Cardoso poderia ter em mente a história do cão que atravessava um rio com um naco de carne na boca e que, vendo a sua imagem reflectida nas águas, julgou tratar-se de um outro cão com outro pedaço de carne. Então, ao procurar apoderar-se da carne que via na boca do que julgou ser um seu semelhante, não só não conseguiu apanhá-la como ainda perdeu a que levava.

#### Página 354

1- Sobre Gaspar Lopes de Leão, professor de Gramática natural de Vila Nova de Portimão e autor de uma *Ars Grammaticae* publicada na Flandres, bem como sobre os textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 61, p. 203 e n. 1.

2- Reportam-se estas palavras a uma carta de Gaspar Lopes de Leão que não se conserva na colectânea epistolar de Jerónimo Cardoso, na qual apenas existe uma outra carta endereçada a este mesmo destinatário (cf. *infra*, Ep. 61, pp. 203-204).

Relativamente a uma outra missiva de Gaspar Lopes de Leão, certamente a primeira trocada entre ambos, que também não se conserva, v. *supra*: «Quanta me uoluptate litterae tuae pefuderint uir doctissime, nullius sane nec uerbis nec litteris exprimi posse arbitror», Ep. 61, p. 203 e n. 2.

3- Sobre a falta de segurança dos correios do tempo de Jerónimo Cardoso, os quais ora se atrasavam ora perdiam a correspondência, dando assim azo a queixas frequentes por parte dos lesados, v. *supra*, Ep. 48, p. 176 e n. 3.

4- Dando fé a estas palavras, poder-se-á concluir que Gaspar Lopes de Leão, depois de ensinar, durante muito tempo, no lugar de onde era natural (cf. *infra*: «Na desiderio patriae tenere prioris,/ Quae pel longa fuit tempora culta tibi», vv. 33-34) veio a estabelecer-se, por motivos que não é possível apurar, em Portalegre, aí continuando o seu magistério.

5- Ou seja, como a Lua, identificada com Ártemis por sincretismo. Esta divindade surge aqui designada pelo nome de Cíntia pela circunstância de ter sido outrora venerada no monte Cíntio, em Delos, ilha onde a deusa teria nascido (cf. *supra*, El. 2, 12, 32, p. 337, n. 2).

#### Página 355

1- Cf. *infra*: «Nunquid sit Mysis studiisque addicta iuuentus/ Prospera militiae signa secuta tuae» (El. 2, 23, 31-32, p. 355).

2- Cf. *supra*: «Quandocumque igitur placida statione quiescis» (El. 2, 23, 25, p. 355). Sobre a metáfora presente nestes versos, pela qual se aproxima a vida académica da vida militar e que se pode definir como «milícia do saber», v. *supra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

3- Gaspar Lopes de Leão seria natural de Vila Nova de Portimão (cf. *supra*, Ep. 61, p. 203, n. 1 e n. 3).

#### Página 356

1- Acerca do autor deste epigrama, Inácio de Morais, mestre de Humanidades então a residir no Mosteiro da Penhalonga, e sobre os textos remanescentes trocados entre ele e Jerónimo Cardoso e sua sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 33, p. 143, n. 1.

A presente composição deve corresponder ao epigrama antes referido por Inácio de Morais, sobre o qual o autor expressamente diz ter sido escrito em recomendação da *Oratio pro Rostris* de Cardoso (cf. *supra*: «hoc porro subscriptum epigramma uelim praemitas in commendationem orationis tuae, et ut nostri etiam amoris aliquod saltem tametsi exiguum exstet monumentum», Ep. 52, p. 184). Que este poema a tal se destinava, assegura, por um lado, o conteúdo dos vv. 3-11, o verso final, por outro lado, sugere que Morais estava a par das intenções de Cardoso relativas à publicação da sua écloga, vinda a lume, pela primeira vez, juntamente com a *Oratio*.

2- Sugestão do motivo sintetizado por Horácio na famosa expressão «ut pictura poesis» (*A. P.*, v. 361), realçada pelo uso do verbo latino *depingo*, que significa, literalmente, «representar pela pintura». Tal aproximação decorre do carácter mimético de ambas as artes, dado que tanto a Pintura como a Poesia procuram imitar a realidade.

3- A comparação entre, por um lado, Cardoso e Cícero e, por outro, Cardoso e Virgílio constitui um motivo já antes esboçado por Inácio de Morais numa carta dirigida a Jerónimo Cardoso e plenamente elaborado no pequeno epigrama que a acompanha (cf. *supra*: «omnino elaborata atque exculpta carmina quidem tumorem illum Virgilianum epistula Ciceronianam ostentat facundiam, ad sublimitatemque dicendi forenses assurgit») e «Seu cupis orator prosam, seu scribere carmen/ Tullius es prosa, carmine Virgilius,/ Carmina componas seu scribas uerba soluta/ Alter Virgilius, Tullius alter ades», Ep. 34, p. 145).

#### Página 357

1- Trata-se evidentemente do célebre Colégio de Santo Antão, o primeiro estabelecimento de educação e ensino aberto em Portugal pela Companhia de Jesus e que viria a tornar-se o mais importante colégio da Capital até à expulsão dos Jesuítas.

Fundado pelo cardeal-infante D. Henrique, o primeiro edifício onde, em Fevereiro de 1553, tiveram início as aulas situava-se no sopé da encosta do Castelo de S. Jorge, no bairro da Mouraria. Fora já mesquita, casa religiosa feminina da Ordem Terceira de S. Francisco, convento de dominicanas e mosteiro de religiosos da Ordem de Santo Antão.

Ocupado esse lugar pelos Jesuítas em 1542, manteve-se o nome do santo titular, chamando-se-lhe *Casa de Santo Antão*, nome pelo qual ficou também conhecido o Colégio. Perante o crescente número de alunos, tiveram os Jesuítas que procurar outro lugar, vindo a encontrá-lo perto dos muros da cidade e junto de Santa Ana. Do novo edifício, riscado pelo P.<sup>o</sup> Silvestre Jorge (com alterações de Filipe Terzi), uma terça parte estava concluída em 1593, pelo quas as aulas foram transferidas das apertadas instalações da Mouraria logo em Novembro desse ano. O Colégio conservou o nome do antigo santo titular, chamando-se, no entanto, Colégio de Santo Antão-o-Novo.

Com a expulsão dos Jesuítas em 1759, encerrou-se este prestigiado estabelecimento de ensino, reabrindo, pouco tempo depois, em 1770, para acolher doentes, função que ainda presentemente desempenha, sob o nome de *Hospital de São José*.

Quanto ao poema de Cardoso, um convite em verso dirigido ao Reitor do Colégio de Santo Antão, poderá eventualmente datar dos primeiros anos de funcionamento desta instituição, quando presidia aos seus destinos o seu primeiro reitor P.<sup>o</sup> Inácio de Azevedo.

2- Ou seja, logo depois do meio-dia. Jerónimo Cardoso refere-se concretamente ao Sol, filho de Hiperion, um dos Titãs, e irmão da Lua e de Aurora. Para outras referências paralelas, v. *supra*, Lib. 2, 70, p. 12, n. 4.

3- Ou seja, o culto da poesia. Sobre Aganipe, fonte da Beócia consagrada às Musas, que nascia no Hélicon e a cujas águas se atribuía o poder de induzir a inspiração poética, v. *supra*, **El. 1, 25, 20**, p. 302, n. 10.

4- Ou, por outras palavras, a poesia e as letras mais humanas, que Cardoso designa pelo nome do Hélicon, monte da Beócia que os Antigos acreditavam ter sido a morada das Musas. A seu respeito, v. *supra*, **Lib. 2, 35**, p. 11, n. 9.

5- Ou, dito de outra forma, o culto da poesia. Sobre as Piérides, figuras inicialmente independentes das Musas, mas que com estas se vieram a identificar, v. *supra*, **Lib. 9, 12**, p. 26, n. 3.

6- Trata-se da «Persuasão» divinizada (chamada, em lat., *Suada* e, em gr., Πειθώ), figura que surge normalmente entre as divindades secundárias que acompanham Afrodite. Certas versões do mito consideram-na filha de Ate (o Engano), outras de Prometeu e irmã de Tique e de Eunómia (a Fortuna e a Ordem).

7- A respeito do juriconsulto António Martins, um antigo aluno de Jerónimo Cardoso oriundo de Vila nova de Portimão que, ao tempo da redacção deste epigrama, se encontrava em Roma como agente de negócios do cardeal D. Henrique, e acerca dos demais textos trocados entre ambos, v. *supra*, **El. 1, 13**, p. 275, n. 1.

#### Página 358

1- Acerca de António Martins, jurisperito, antigo aluno de Jerónimo Cardoso que, por alturas da composição desta elegia, desempenhava em Roma o importante papel de agente de negócios do Cardeal Infante, bem como sobre os textos trocados entre um e outro, v. *supra*, **El. 1, 13**, p. 275, n. 1.

2- Trata-se indubitavelmente do epigrama anterior, breve de quatro versos, que se destinava tão só a acompanhar o envio de um queijo, o *donum* a que Jerónimo Cardoso se refere (cf. *supra*: «Caseus ecce tibi mea lux, mea uita magister», **El. 2, 26, 1**, p. 257).

3- Sobre as fontes clássicas do motivo elaborado neste dístico, segundo o qual o verdadeiro significado dos presentes reside na intenção de quem os oferece mais do que no seu próprio valor material, bem como para outros passos paralelos, v. *supra*, **El. A, p. 251**, n. 3.

4- Versão portuguesa do provérbio latino de que estas palavras de Cardoso constituem uma variante. Na sua forma clássica, a expressão «stans pede in uno» ocorre em Horácio, num passo em que o Poeta critica o que considera ser o maior defeito de Lucílio: «nam fuit hoc uitiosus: in hora saepe ducentos, / ut magnum, uersus dictabat stans pede in uno» (*Sat.*, 1, 4, 9-10). O Venusino representa, pois, de um modo bastante sarcástico, a extrema facilidade com que Lucílio compunha. Nesta mesma acepção encontra-se em Santo Agostinho, ironicamente aplicado àqueles que acreditam que «in uia Dei posse se uno pede ambulare» (*Serm.*, 2, 2, 2).

Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 924, p. 434.

5- Trata-se de Niccolò de' Tedeschi, canonista italiano nascido em Catânea no ano de 1386 que ficou conhecido pelo nome de «Abade Panormita» (*Abbas Panormitanus* ou, simplesmente, *Abbas*). Viria a morrer na cidade de Palermo em 1445. Tendo enveredado pela vida religiosa, o «Abade Panormita» professou na Ordem Beneditina, chegando a ser abade de Miniaci, arcebispo de Palermo e cardeal. Ensinou, além disso, Direito Canónico em várias universidades italianas e alcançou grande fama pelos seus magistrais comentários às *Decretais* e às *Clementinas* bem como a outros documentos de teor jurídico.

6- Sobre Quinto Múcio Cévola, o *Augure*, o mais brilhante jurista do seu tempo, a quem foi, por conseguinte, confiada a formação jurídica do jovem Cícero, v. *supra*, **El. 1, A, p. 250**, n. 2.

7- Informação relevante pelo facto de permitir situar a composição desta elegia no espaço de tempo compreendido entre 23 de Dezembro de 1562, data correspondente ao início da regência do Cardeal-

Infante D. Henrique durante a menoridade de D. Sebastião, e 30 de Agosto de 1563, data da redacção da carta nuncupatória da presente colectânea, que por essa altura estaria concluída. A regência do Cardeal-Infante estender-se-ia até à subida ao trono de D. Sebastião, ocorrida a 20 de Janeiro de 1568.

Para outros dados relativos à biografia de D. Henrique, v. *supra*, **Ep.** 7, p. 89, n. 2.

8- António Martins esteve em Roma como agente de negócios do Cardeal Infante pelo menos desde 16 de Maio de 1560, data em que é referido numa carta de Lourenço Pires de Távora, embaixador de Portugal junto da Santa Sé, até c. 23 de Março de 1563, data do Breve «Dilectus hic» do Papa Pio IV, que elogia explicitamente a sua acção na corte Pontifícia e mostra que, por essa altura, António Martins estava de partida para Portugal. Para uma abordagem mais detalhada deste assunto, v. *supra*, **El.** 1, 13, p. 275, n. 1.

#### **Página 359**

1- Informação relevante sob o ponto de vista da biografia de António Martins, que deste modo se sabe ter frequentado um dia o estudo de Jerónimo Cardoso (para os demais testemunhos relativos a esta circunstância, v. *supra*, **El.** 1, 13, p. 275 e n. 3).

2- Uma outra versão deste mesmo *simile* encontra-se, em contexto análogo, num poema escrito em dísticos elegíacos e dedicado a Gonçalo Fernando que, tal como António Martins, frequentou um dia as aulas de Jerónimo Cardoso (cf. *supra*: «Nec tu ceu nascens equulus, qui calce parentem/ Pulsat, in ingrati lapsus es ipse notam./ Sed memor, et gratus benefacta reponis abunde», **Ap.** 2, 27-29, pp. 8-9).

3- Sobre Letes («o Esquecimento»), nome de uma fonte e rio dos Infernos, de cuja água os mortos bebiam para se esquecerem do seu passado terreno (ou, no caso dos que iam voltar à vida, do que tinham visto no outro mundo), v. *supra*, **El.** 1, 29, 87, p. 313, n. 3.

4- Nestor, rei de Pilos, terá vivido por um espaço de tempo superior a três gerações. Sobre esta personagem homérica, v. *supra*, **Lib.** 17, p. 40 e n. 4.

Notas ao  
Silvarum Liber Vnus

**Página 364**

1-

2- Acerca da expressão «ansam praebere» (literalmente «estender um cabo/asa»), suas fontes e outras ocorrências na prosa de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 55, n. 21.

3- Palavras dotadas de valor documental no que se refere à biografia de Jerónimo Cardoso. Sobre esta e outras circunstâncias relacionadas com a sua actividade profissional, v. *supra*, **Ep. 9**, p. 94, n. 1.

4- Seguiu deste modo Pedro Álvaro Mancelo um conselho formulado por Fábio Quintiliano (*Inst.*, 2, 9, § 1) a que Jerónimo Cardoso explicitamente alude numa carta dirigida a Gonçalo Fernando (cf. *supra*, **Ep. 28**, p. 133 e n. 3).

5- Cf. *infra*: «ut ad Indos proficiscens ea sola tecum tanquam longinqui itineris et nauigationis taedium lenitura asportaueris», **Sil. A**, p. 364 e n. 7.

6- Não obstante esta alusão de Cardoso a uma assídua troca de correspondência entre ele e Pedro Álvaro Mancelo, a presente carta constitui o único texto trocado entre ambos a ser incluído numa das suas colectâneas. O nome de Pedro Álvaro Mancelo, de resto, não se encontra referido em nenhum outro texto.

7- Cf. *supra*: «quod ab Indis quos aliquandiu cum summa laude uersatus es», **Sil. A**, p. 364. Estas afirmações revestem-se de singular interesse no que respeita ao perfil biográfico deste antigo aluno de Jerónimo Cardoso, que deste modo se sabe ter vivido na Índia.

8- Ou seja, no dia 5 de Fevereiro de 1564.

**Página 365**

1-

2- Designa o nome de Cleonas uma pequena localidade da Argólida, situada nas proximidades de Némea, na qual Héacles terá morto o célebre Leão, filho de Ortro e de Equidna, e que modernamente se chama Clénia.

Encerram estes versos uma expressão cronométrica por meio da qual se delimita, de forma algo vaga e aproximativa, um período de dois anos e quatro meses. Pretendendo indicar o espaço de tempo decorrido desde que António de Meneses Saldanha abandonou a sua escola, Jerónimo Cardoso recorre a uma fórmula perifrástica por meio da qual refere que o Sol (que o Humanista chama pelo nome de «Titã», cf. *supra*, **Lib. 2**, 70, p. 12, n. 4), tendo partido da casa de Peixes (ou seja, do período situado, ao tempo de Cardoso, entre 10 de Fevereiro e 12 de Março), percorreu por duas vezes o círculo do Zodíaco, entrando em conjunção com as constelações representativas de cada um dos doze signos (os «doze astros») e se encontrava agora na casa do signo de Leão (situado, antes da reforma gregoriana do calendário, entre meados de Julho e meados de Agosto).

Acerca deste género de perífrase e para outras expressões análogas presentes na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **El. 1**, 21, 16, p. 291 e n. 5.

3-

4- Ou, dito de outra forma, «depois que, por longo tempo, te entregaste ao estudo das letras mais humanas». Acerca das Piérides, nove jovens oriundas da Piéria que, por terem os mesmos nomes das Musas, vieram a identificar-se com estas, v. *supra*, **Lib. 9**, 3, p. 26, n. 3.

5- Ou, por outras palavras, «iniciaste os estudos das belas-letras». Acerca da Castália, fonte do Santuário de Delfos, cujo manancial se acreditava ter a faculdade de instilar dotes poéticos em quem dela provasse, v. *supra*, **Lib. 9**, 1, p. 26, n. 1.

6- Cf. *infra*: «Tu puer aequabis pernici celsa uolatu/ Sidera», *Sil.* 1, 17-18, p. 365.

7- Cf. *supra*: «Sumpsistique alas tibi quas mea cura laborque/ Finxit, ut aethereas leuis euehere per auras», *Sil.* 1, 7-8, p. 365. Sobre o género de expressão presente nestes dois passos, normalmente utilizada para indicar um grande renome, v. *supra*, *Ep.* 17, p. 109 e n. 2.

8- Sobre as Parcas, três irmãs fiandeiras que se ocupavam do «fio da vida» dos mortais, presidindo ao seu nascimento, casamento e morte, e que acabaram por se identificar com as Meras: Átropo, Cloto e Láquesis, v. *supra*, *Mon.* 7, 87, p. 229, n. 3.

#### Página 366

1- Nome da Musa que preside à poesia ligeira e à Comédia, normalmente considerada por Cardoso como a sua Musa pessoal. A seu respeito e para as demais ocorrências do seu nome, v. *supra*, *El.* 1, 18, 1, p. 286, n. 2.

2- O carácter funesto do teixo (*Taxus baccata*, L.), planta arbustiva ou arbórea da família das taxáceas, considerado, por causa das suas bagas venenosas, como uma árvore das regiões infernais, encontra-se já enunciado na seguinte descrição de Ovídio: «Est uia decliuís, funesta nubila taxo:/ ducit ad infernas per muta silentia sedes;/ Styx nebulas exhalat iners, umbraeque recentes/ descendunt illac simulacraque functa sepulcris;/ pallor hiemsque tenent late loca senta, nouique,/ qua sit iter, manes, Stygiam qua ducat ad urbem,/ ignorant, ubi sit nigri fera regia Ditis» (*Met.*, 4, 432-438), bem como em Lucano (3, 419; 6, 645).

3- Aludem estas palavras à Universidade (aqui mencionada como o «bando das irmãs»), ou seja, o grupo das nove Musas, divindades que presidem ao Pensamento em todas as suas formas: eloquência, persuasão, sabedoria, história, matemáticas e astronomia) e à sua transferência de Lisboa, cidade que banham as águas do «rio aurífero» (o Tejo), para Coimbra, a cidade do rio Mondego. Tal transferência teve o seu início no ano de 1537, pelo que esta silva terá sido composta ainda nesse ano, ou nos imediatamente subseqüentes.

#### Página 367

1-

2- Estas palavras, de sabor proverbial, constituem uma elaboração de um passo de Ovídio (*Trist.*, 5, 14, 43-44) já anteriormente citado por Jerónimo Cardoso numa carta dirigida a Gonçalo Fernando (v. *supra*, *Ep.* 28, p. 134 e n. 1).

3- A noção, sobre a qual Jerónimo Cardoso elabora este conselho e a que recorre com frequência sobretudo na sua poesia, de que a nobreza genuína resulta não somente de um nascimento ilustre mas também da prática daquilo que os Romanos definiam como *uirtus* encontra a sua formulação lapidar num passo de Juvenal já antes citado (8, 19-20). Sobre este assunto, v. *supra*, *Ep.* A, p. 75, n. 1.

4- Sobre Quíron, o mais famoso e sábio de entre os Centauros, que, para além de Aquiles, teve como alunos a Jasão, Asclépio e Apolo, a quem transmitiu conhecimentos variados, v. *supra*, *Lib.* 18, p. 62 e n. 3.

5- Ou seja, as Musas, dado que as Camenas, antigas ninfas das fontes, cedo lhes foram assimiladas (cf. *supra*, *El.* 1, 2, 14, p. 255, n. 7).

#### Página 368

1- Sobre André de Resende, polígrafo e antiquário, correspondente de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Ep.* 4, p. 83, n. 1. Relativamente aos textos trocados entre ambos e sua provável sequência cronológica v. *supra*, *Ep.* 5, p. 86, n. 2.

Em função dos dados contidos numa das cartas de Cardoso a André de Resende (v. *supra*, Ep. 4, p. 83), a composição da presente silva deve situar-se em 1534 ou inícios de 1535, data da Oração de Sapiência pronunciada por Resende na Universidade de Lisboa.

2- O Estrimão, rio da Macedónia, modernamente chamado Struma ou Kara-su, corria junto às fronteiras da Trácia. O símile com que Cardoso abre a presente silva ocorre, em termos muito próximos, numa composição de P. Papínio Estácio, sua fonte manifesta: «exhaustis Martem non altius armis/ Bistonius portat sonipes magnoque superbis/ pondere, nec tardo raptus prope flumina cursu/ fumat et ingenti propellit Strymona flatu» (*Silu.*, 1, 1, 18-21).

3- Ou seja, pela ignorância, indissolúvelmente associada à barbárie. Sobre os Getas, povo guerreiro pertencente ao ramo setentrional das tribos trácias e que se encontrava estabelecido no território situado entre os Balcãs, o Danúbio Inferior e o Mar Negro, e para as demais referências ao seu nome nos textos de Cardoso, v. *supra*, Ep. 35, p. 147 e n. 1.

4- Ou, dito por outras palavras, «cujo ilustre nome se rodeia de uma fama imorredoura». Sobre este género de expressão, alguns exemplos tomados de autores clássicos e seu aproveitamento nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Ep. 17, p. 109 e n. 2.

5- Refere-se Jerónimo Cardoso às Meras: Átropo, Cloto e Láquesis, três irmãs fiandeiras que se ocupavam do «fio da vida» dos mortais, presidindo uma ao seu nascimento, outra ao casamento e a terceira à morte. A seu respeito e para outras referências aos seus nomes nos textos de Cardoso, v. *supra*, Mon. 7, 87, p. 229, n. 3.

6- Alusão à Sibila de Cumas (tal como em Marcial, 9, 29, 3-4: «Euboicae nondum numerabas longa Sibyllae/ tempora: maior erat mensibus illa tribus»), dado que esta cidade do território itálico começou por ser uma colónia de Eubeia, ilha do Mar Egeu situada muito perto da Beócia, de que está separada pelo Euripo, e modernamente chamada Negroponte. Sobre a famosa Sibila de Cumas, v. *supra*, Lib. 18, p. 44, n. 7.

7- Trata-se de Titono, considerado filho de Laomedonte e de Estrimo, filha do deus-rio Escamandro (circunstância que faz daquele o irmão mais velho de Príamo). Dotado de grande beleza física, Titono inspirou em Aurora uma paixão tal que levou a deusa a raptá-lo. Da sua união, nasceram Emátion e Mémnon. A deusa teria suplicado a Zeus que concedesse a imortalidade a este seu amante, mas esqueceu-se de pedir que tal fosse acompanhado de juventude eterna, pelo que Titono foi envelhecendo, atormentado por várias moléstias e encarquilhando-se de tal maneira que teve que ser colocado, como uma criança, num cesto de vime. Não se ficando por aí a sua degradação física, acabou por se converter numa cigarra descarnada.

8- Ou seja, para Nestor, rei de Pilos, que terá vivido, por mercê de Apolo, mais de três gerações. Sobre esta personagem homérica, modelo acabado de um sábio ancião, v. *supra*, Lib. 17, p. 40 e n. 4.

9- Alusão ao Parnaso, montanha da Fócida em cujo sopé existia o famoso Oráculo de Delfos e que estava consagrada a Apolo e às Musas (a que Cardoso se refere, no verso precedente, pela palavra «turba»). A seu respeito, v. *supra*, Mon. 2, 3, p. 220 e n. 2.

10- Num caso único, Cardoso emprega o nome *Pallas*, epíteto ritual de Atena (cf. *supra*, Lib. 2, 36, p. 11 e n. 10), como sinónimo de *Musa*, para aludir a Safo, a quem os Antigos chamavam «a Décima Musa». Sobre esta famosa poetisa de Lesbos, v. *supra*, Mon. 8, 73, p. 232 e n. 5.

11- Ascra, povoação da Beócia situada nas faldas do monte Hélicon, orgulhava-se de ter sido o berço do poeta Hesíodo, motivo pelo qual o seu nome surge frequentemente na poesia de Cardoso (cf. *supra*, El. 1, 9, 20, p. 267 e n. 9).

12- Sobre este monte da Beócia, tradicionalmente considerado a morada das Musas ditas «Helicónias», v. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11 e n. 9.

13- Alusão ao grupo das nove Musas, aqui designadas como «filhas da Castália», embora na realidade tivessem outra filiação (a tal respeito, v. *supra*, **Lib. 2**, 35, p. 11 e n. 9) e a quem era consagrada esta célebre fonte do Santuário de Delfos (cf. *supra*, **Lib. 9**, 1, p. 26 e n. 1).

14- Por antonomásia, o cimo do monte Hélicon, dado que o nome «Aónia» designa, como já vimos, uma região da Beócia que incluía um bosque, os montes Aónios e o célebre Hélicon com as suas duas fontes: Hipocrene e Aganipe. Relativamente a este assunto e para outras referências à região, v. *supra*, **Ap. 2**, 16, p. 8, n. 9. Sobre o Hélicon, v. *supra*, **Lib. 2**, 35, p. 11 e n. 9.

15- Ou seja, Apolo, divindade que, nos cultos da época clássica, recebe o epíteto ritual de Péane, «o deus que cura» (em gr. Παιάν), ainda que nos Poemas Homéricos intervenha um deus curandeiro diferente, chamado Péane, que pratica a sua arte recorrendo aos poderes curativos de certas plantas medicinais. Esta figura, no entanto, foi-se assimilando progressivamente a Apolo e, por fim, acabou por ser suplantado por Asclépio.

Para uma outra ocorrência deste nome na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «frustra conatus amicis/ Solari dictis et amoeno carmine Pacan» (**Sil. 9**, 4-5, p. 389).

16- Alusão a Hades, divindade que, após a derrota dos Titãs, obteve a soberania sobre o mundo subterrâneo (a seu respeito, v. *supra*, **Lib. 2**, 129, p. 14 e n. 3). Apenas Orfeu, com os melodiosos acordes da sua lira, logrou comover esta inflexível divindade, conforme relata Ovídio (*Met.*, 10, 18-48), num episódio que parece ter exercido a sua influência nestes versos de Cardoso.

17- Trata-se de Cérbero, o monstruoso cão de três cabeças que tinha por função guardar a entrada dos Infernos para impedir que os vivos lá entrassem e, principalmente, que os mortos de lá saíssem. Na sua descida aos Infernos em busca de Eurídice, Orfeu conseguiu encantar este monstro, que já antes Hércules dominara pela força. Sobre a sua forma física e para uma outra alusão presente na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Lib. 2**, 29, p. 11 e n. 3.

18- Principal rio da Lacónia, nas margens do Eurotas (em gr. Εὐρώτας), modernamente designado pelo nome de Basilipotamo, erguia-se a cidade de Esparta. Estas palavras de Cardoso aludem aos Dioscuros, Castor e Pólux, filhos de Leda e de Zeus, que assumira previamente a forma de um cisne, e irmãos gémeros de Helena e de Clitemnestra. Na noite em que se uniu a Zeus, Leda manteve igualmente relações com Tíndaro, seu marido, pelo que, na realidade, apenas Pólux e Helena seriam verdadeiramente filhos do deus. Heróis dórios por excelência, os Dioscuros lutaram contra Teseu e participaram na expedição dos Argonautas e na caçada de Cálidon. Castor ter-se-ia distinguido como guerreiro, ao passo que Pólux praticava a arte do boxe.

Esta alusão de Cardoso explicar-se-á, talvez, em função dos seguintes versos de Propércio: «qualis et Eurotae Pollux et Castor harenis,/ hic uictor pugnans, ille futurus equis,/ inter quos Helene nudis capere arma papillis/ fertur nec fratres erubuisse deos» (3, 14, 17-20).

Por outro lado, em Jerónimo Cardoso, aludem a estes filhos de Zeus as seguintes palavras, *infra*: «Hoc tantum dic diua precor, me excedere fama/ Aemonium Pyladem natosque ab olore gemellos» (**Sil. 3**, 28-29, p. 372) e «Nil igitur mirum si quanto Castora Pollux/ Dilexit studio, tanto a me semper ameris/ Ac maiore etiam» (**Sil. 7**, 74-76, p. 386).

19- Ou, por outras palavras, no Oráculo de Delfos, na Fócida, a que Apolo presidia e perto do qual se situava a antiga cidade de Cirra. A tal respeito, v. *supra*, **Mon. 1**, 14, p. 219, n. 3.

20- Celebrado monte da ilha de Delos, hoje chamado Montecintio, no Cinto (em gr. Κύνθος) teriam nascido, segundo a tradição, os filhos de Latona: Apolo e Ártemis. Por esta circunstância, estas divindades surgem frequentemente designadas pelos epítetos de *Cynthius* (Apolo, cf. Propércio, 2 (3), 34; 80; Ovídio, *Fast.*, 3, 346, etc.) e *Cynthia* (Ártemis, cf. Horácio, *C.*, 3, 28, 12; Ovídio, *Met.*, 2, 465; 7, 755, etc.; cf. ainda, *supra*, **El. 2**, 12, 32, p. 337 e n. 2).

Para uma outra referência a este monte, presente neste mesmo poema, v. *infra*: «Vlterius rimosa ratis dare uela parabat/ Ni me de celsi deridens uertice Cynthi/ Delius audacem blanda sub uoce notaret» (Sil. 2, 105-107, p. 371).

#### Página 369

1- Alusão ao deus Mercúrio. Consiste o Ménalo (em gr. Μαίναλον) numa cordilheira montanhosa que se estende de Megalópolis até Tegeia, na Arcádia, e que estava consagrada ao deus Pã. No caso presente, porém, tal como sucede em P. Papínio Estácio («quaerere templorum regem uix coeperat ales/ Maenalius», *Theb.*, 7, 64-65), o adjetivo *Maenalius* refere-se ao mensageiro dos deuses, que teria nascido na Arcádia.

2- Trata-se de Dioniso, deus nascido da união entre Zeus e Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia e irmã de Polidoro, Ino, Autónoe e Agave. Uma alusão a este deus, feita em termos comparáveis, encontra-se numa tragédia de Séneca (*Herc. Oet.*, 595), onde as palavras *Cadmeae cistae* (em versão literal, «as cestas de Cadmo») se lhe referem.

3- Nome dos ventos que sopram respectivamente dos quadrantes Oeste e Norte, o primeiro como uma suave viração de Primavera, o segundo como tempestade invernososa. A seu respeito, v. *supra*, respectivamente, Ap. 1, 11, p. 3 e n. 5 e Ap. 1, 11, p. 3 e n. 6.

4- Ou seja, «as Musas». O nome de Libetra (do gr. Λείβητρα) designa uma gruta e uma fonte situadas perto de Magnésia, na Macedónia, que estavam consagradas a estas divindades. O patronímico *Libethrides* encontra-se atestado, com idêntico valor, no seguinte passo de Virgílio: «Nymphae, noster amor, Libethrides, aut mihi carmen/ Quale meo Codro concedite» (*Ecl.*, 7, 21-22).

5- Cf. *infra*: «Nec si uirgineas Helicon mihi pandat alumnas/ Et sedare sitim tribuat leuis ungula nostram» (Sil. 2, 97-98, p. 371 e n. 2).

6- Ou seja, frequentar as tribunas (*rostra*) de onde os oradores pronunciavam os seus discursos. Os Rostros, de início esporões de navios de guerra, foram utilizados na ornamentação das tribunas parlamentares do Fórum Romano, passando depois o seu nome a designar a própria tribuna (cf. *supra*, Lib. 18, p. 66, n. 9).

7- Relativamente ao Pactolo, rio de auríferas areias, e à sua comparação com o Tejo, v. *supra*, Lib. 16, 17, p. 37 e n. 1.

8- Sobre Cila e Caríbdis, dois monstros marinhos que viviam no estreito de Messina (respectivamente no lado da costa de Itália e no lado de Messina) e devoravam tudo quanto passava ao seu alcance, v. *supra*, Inst. 1, 5, p. 243 e n. 2.

9- Um dos Titãs, filho de Úrano e de Geia, Hipérion (do gr. Ὑπερίων, «o que está por cima») estava casado com Tia, de quem gerou o Sol (Hélio), a Lua (Selene) e a Aurora (Eos). Por vezes o seu nome designa o próprio Sol (que na realidade era seu filho), tal como acontece em Ovídio (*Met.*, 8, 565; *Fast.*, 1, 385) e em P. Papínio Estácio (*Silu.*, 4, 4, 27).

#### Página 370

1- Refere-se Cardoso ao monstruoso javali enviado por Ártemis (a *triplex diua* do v. precedente) como punição pelo facto de, após as colheitas, Eneu, rei dos Etólios de Cálidon e pai de Meleagro, ter oferecido um sacrifício a todas as divindades, com a única excepção da deusa da caça. Para uma outra alusão a Cálidon, v. *supra*, Lib. 16, 31, p. 37 e n. 7.

2- Aludem estas palavras ao Leão de Némea, monstro prodigioso que assolava toda aquela região e que apenas Hércules conseguiu vencer, revestido-se depois com os seus despojos. Relativamente a este

monstro, v. *supra*, **El. 2, 5, 23**, p. 322 e n. 3; sobre a sua caçada e a instituição dos Jogos Nemeus, v. *supra*, **El. 2, 10, 41**, p. 334 e n. 2.

3-

4- Ou seja, Baco (ou Dioniso). Sobre o sentido deste epíteto e para outras ocorrências do mesmo na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Lib. 15, 11**, p. 36 e n. 3.

5- Nome da Musa a quem, na época alexandrina, foi atribuída como domínio a comédia e a poesia ligeira. Para as demais ocorrências do seu nome na poesia de Cardoso e sobre o seu significado, v. *supra*, **El. 1, 18, 1**, p. 286 e n. 2.

6- Alusão à Lua, que por sincretismo se identifica com Ártemis, divindade que recebe o epíteto de Cíntia pela circunstância de ter sido cultuada no monte Cíntio, em Delos, ilha onde teria nascido (cf. *supra*, **El. 2, 12, 32**, p. 337, n. 2).

### Página 371

1- Sobre o Hélicon, montanha da Beócia consagrada as Musas, que os Antigos acreditavam habitarem as suas encostas, v. *supra*, **Lib. 2, 35**, p. 11 e n. 9; sobre o facto de estas divindades serem consideradas virgens e para outras referências paralelas, v. *supra*, **El. 2, 16, 18**, p. 346 e n. 1.

2- Cf. *supra*: «At uos qui doctos colitis Libetrides, haustus/ Et bibitis puros, quos pendens ungula rupit» (**Sil. 2, 45-46**, p. 369). Aludem estas palavras à água da fonte de Hipocréne (a «Fonte do Cavalos»), que teria jorrado do solo no lugar onde Pégaso, cavalo alado nascido do sangue da Medusa, deu com o casco na rocha. Estava consagrada às Musas e acreditava-se que a sua água induzia a inspiração poética. A seu respeito, v. *supra*, **Ap. 2, 16**, p. 8, n. 9.

3- Alusão à água da Castália, fonte do santuário de Delfos que se considerava ter o poder de inspirar poeticamente quem dela bebesse (a seu respeito, v. *supra*, **Lib. 9, 1**, p. 26, n. 1). Uma filha de Apolo, Femónioe (em gr. Φημιονόη) teria sido a primeira Pítia desta divindade em Delfos. Atribui-se-lhe a invenção do hexâmetro dactílico, medida criada para exprimir os oráculos do deus.

4- Sobre este monte da ilha de Delos, famoso por nele terem nascido, segundo a tradição, Apolo e Ártemis, v. *supra*, **Sil. 2, 29**, p. 368 e n. 20.

5- Ou seja, o deus Apolo, chamado Délio por ter nascido na ilha de Delos. A respeito deste epíteto e para as suas ocorrências em autores do classicismo e na poesia de Cardoso (e ainda de António da Costa), v. *supra*, **Lib. 9, 10**, p. 26 e n. 2.

6- Referência ao poeta Homero, de que Esmirna, cidade marítima da Iónia, era apontada como lugar de nascimento. Para uma outra alusão ao autor da *Iliada* feita em termos semelhantes, v. *infra*: «cum Smyrna tuas uel Mantua laudes/ Aptior aut caneret, uerum placare Tonantem/ Victima parua solet, thurisque minutus aceruus» (**Sil. 10, 88-90**, p. 394).

7- Aludem estas palavras à *Iliada* de Homero. O Simoente (em gr. Σιμόεις), um pequeno rio da planície troiana, modernamente designado pelo nome de Mendere Tchai, nasce no monte Ida e desagua no Escamandro (o actual Bunar-bashi Tchai).

8- Trata-se de Anfião, filho de Zeus e Antiope que, tendo recebido de Hermes uma lira, alcançou na arte da música uma excelência tal que fazia mover ao som dos seus acordes as pedras das muralhas de Tebas que então se construíam. Sobre esta figura, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 45 e n. 4.

Relativamente a Dirce, fonte em que foi transformada a mulher de Lico e que se situava a Noroeste de Tebas na Beócia, v. *supra*, **El. 1, 24, 61**, p. 301, n. 7.

9- Ou seja, pela poesia de P. Virgílio Marão, poeta latino nascido em Andes (a moderna Pietola), localidade situada nos arredores de Mântua, a 15 de Outubro do ano 70 a. C. Para uma outra alusão à poesia deste autor, feita em termos semelhantes, v. *infra*: «nimirum regibus ipsis/ Dignum opus Andinisque etiam aequiparabile chartis» (Sil. 5, 27-28, p. 377).

Sobre o plectro, vareta de marfim usada para tanger as cordas dos instrumentos musicais, cujo nome, por metalepse, significa «poesia», v. *supra*, Lib. 2, p. 10 e n. 2.

### Página 372

1- Sobre o destinatário da presente silva, o humanista Pedro Sanches, irmão de Rodrigo Sanches, e sobre os demais textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso e sua eventual sequência cronológica, v. *supra*, Ep. 32, p. 141, n. 1.

2- Constituem estas palavras uma variante das expressões latinas usadas por Horácio para aludir quer a Mecenas quer a Virgílio. A este respeito e para outras ocorrências de expressões do mesmo tipo na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, El. 1, 21, 36, p. 292 e n. 3.

3- A este mesmo expediente literário, o enviar a sua Musa como mensageira a quem confia as palavras que dirige ao destinatário do poema, recorreu já Cardoso em duas outras composições (cf. *supra*, El. 2, 16, p. 345, n. 2).

4- Refere-se Cardoso às três Parcas, divindades romanas que velavam pelo «fio da vida» dos mortais, presidindo ao seu nascimento, matrimónio e falecimento, e que vieram a identificar-se com as Meras regas. A seu respeito, v. *supra*, Mon. 7, 87, p. 229, n. 3.

5- Cf. *infra*: «Ille sed ambrosia quamuis dulcique fruatur/ Colloquio comitum», Sil. 3, 22-23, p. 372, n. 9.

6- Ou seja, o sublime canto das Sereias (cf. Juvenal: «quando ego pauper ero? uotum miserabile, nec spes/ his saltem; nam cum pro me Fortuna rogatur,/ affigit ceras illa de naue petitas/ quae Siculos cantus effugit remige surdo», 9, 147-150). Sobre o mítico episódio das Sereias, v. *supra*, Lib. 18, p. 45, n. 2. Em todo o caso, estas palavras de Cardoso podem igualmente aludir aos *Idlios* de Teócrito, poeta grego natural de Siracusa, que serviram de modelo a Virgílio (cf. *supra*, El. 1, 28, 43, p. 308, n. 8).

7- Ou, por outras palavras, a poesia de Orfeu. O nome de Ismara (em gr. Ἰσμαρος) designa uma montanha situada na costa meridional da Trácia e, por metonímia, toda aquela região, de onde era natural o mítico cantor. A seu respeito, v. *supra*, Lib. 11, 22, p. 29, n. 4.

8- Em linguagem poética, o nome «ambrosia», que designa o alimento dos deuses imortais, aplica-se a qualquer coisa especialmente doce, no caso presente, os gratos ócios literários de Pedro Sanches. Para outras referências a tal alimento, v. *supra*, El. 1, 14, 7, p. 277, n. 5.

9- Cf. *supra*: «Hunc doctas inter comites [...]/ Inuenies», Sil. 3, 11-14, p. 372. Alusão ao grupo das nove Musas, divindades que presidem ao Pensamento em todas as suas formas e que Cardoso considera serem uma assídua companhia de Pedro Sanches.

10- Sobre Pílates, filho de Estrófio e de Anaxíbia e primo-irmão de Orestes, com quem cresceu e de quem se tornou um amigo muito caro, v. *supra*, El. 1, 21, 26, p. 292 e n. 2.

11- Alusão aos Dioscuros, Castor e Pólux, nascidos da união entre Leda e Zeus, divindade que, para ocultar os seus amores à deusa Hera, sua irmã e esposa, assumira previamente a forma de um cisne. A seu respeito v. *supra*, Sil. 2, 26, p. 368, n. 18.

12- Trata-se de Teseu, filho de Egeu e Etra, herói ateniense cujos feitos, de uma bravura extraordinária, apenas têm paralelo nos de Héacles. Sobre esta personagem, v. *supra*, Ep. 21 (carta de Bartolomeu Filipe), p. 117 e n. 4.

### Página 373

1- Ou seja, ao encontro de Rodrigo Sanches, humanista e sacerdote vindo para Portugal no séquito da rainha D. Catarina e destinatário de uma carta de Cardoso (v. *supra*, Ep. 16, pp. 106-108). Para uma mais detalhada informação a seu respeito, v. *supra*, Ep. 16, p. 106 e n. 1.

2- A respeito de M. Pórcio Catão, homem de Estado e orador latino, um austero defensor dos antigos valores morais dos Romanos, e para outras referências a esta figura na obra de Cardoso, v. *supra*, Ep. 9, p. 93, n. 6.

3- Ou seja, a prolecta idade de Príamo, venerando rei de Tróia, em cujo tempo se travou a célebre guerra. Esta figura piedosa, cuja vontade já nem sempre prevalecia, embora presidisse aos conselhos dos Troianos, veio a ser morta pelo jovem Neoptólemo, não obstante o facto de, confiante nos deuses, ter buscado a sua protecção junto a um altar.

4- Isto é, as três gerações que Apolo concedeu a Nestor, rei de Pilos, como forma de reparar o massacre dos seus irmãos, perpetrado por Hércules. Sobre esta figura, modelo de sensatez e de uma feliz longevidade, v. *supra*, Lib. 17, p. 40, n. 4.

5- Ou, dito de outro modo, «a minha casa». A respeito dos Penates, antigas divindades encarregues de velar pelo larário e cuja protecção se estendia a toda uma casa e até ao próprio Estado Romano, v. *supra*, Mon. 7, 13, p. 226, n. 7.

### Página 374

1-

2- Ou, por outras palavras, de uma vida extremamente longa, dado que Nestor, rei de Pilos, terá vivido por um espaço de tempo superior a três gerações. Relativamente a esta personagem homérica, modelo de ancião sensato e de uma feliz longevidade, v. *supra*, Lib. 17, p. 40, n. 4.

3- Acerca da mítica Idade do Ouro, um período em que, sob o reinado de Saturno, a Humanidade terá conhecido uma felicidade sem limites; sobre as principais fontes clássicas deste motivo e para as suas demais ocorrências nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Lib. 2, 279, p. 19, n. 3.

4- Ou seja, estudou a fundo as Humanidades. Rio da Beócia consagrado a Apolo e às Musas, o Permesseo (em gr. Περμηθησός) nasce no monte Hélicon e desagua no lago Copaide, modernamente chamado lago de Topolias.

5- Expressão de sentido equivalente ao do verso anterior. A respeito da Castália, fonte do antigo Santuário de Delfos, cuja água se acreditava ter o poder de inspirar poeticamente aquele que dela bebesse, v. *supra*, Lib. 9, 1, p. 26, n. 1.

### Página 375

1- Terceira expressão metafórica de sentido análogo ao dos versos precedentes (cf. *supra*, vv. 29-31). Relativamente ao Hélicon, montanha da Beócia consagrada às Musas que se acreditava habitarem as suas vertentes arborizadas, v. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11 e n. 9.

2- Ou, por outras palavras, se as Parcas não tivessem apressado a sua morte. Sobre estas divindades, três irmãs fiandeiras que se ocupavam do «fio da vida» dos mortais, presidindo a três momentos cruciais da sua existência, e que acabaram por identificar-se com as Meras, v. *supra*, Mon. 7, 87, p. 229, n. 3.

3-Divindade romana encarregue de velar pelo culto dos mortos, Libitina acabou por identificar-se com Vénus. A seu respeito e para as demais ocorrências do seu nome nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Ap. 1, 69, p. 5 e n. 3.

#### Página 376

1-

2- Variante da conhecida expressão latina «alter ego». Sobre as suas fontes clássicas, as suas ocorrências e variantes nos escritos de Jerónimo Cardoso e seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 26, p. 128, n. 4.

3- Alusão à Lua e às suas diferentes fases. Acerca do nome «Febe», um epíteto de Ártemis correspondente ao de Apolo, seu irmão (Febo), v. *supra*, El. 1, 24, 57, p. 301, n. 4.

4- Sobre o Elísio, uma aprazível região dos Infernos, bem como para outras referências à mesma presentes nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Ep. 55, p. 191 e n. 3.

5- Acerca do Letes, célebre fonte dos Infernos de cuja água os mortos bebiam para se esquecerem da sua vida terrena, e sobre o valor que Jerónimo Cardoso atribui ao seu nome, v. *supra*, El. 1, 29, 87, p. 313, n. 3.

6- Trata-se de Homero, correntemente designado como *Maeonius senex* pelos clássicos latinos, caso de Ovídio («Praelata Ascraeo Maconioque seni», *A. A.*, 2, 4) e de P. Papínio Estácio («Maeonium siue ille senem Troiaecque labores/ diceret» e «Maeonium Ascraeumque senem non signior umbra/ accolis» *Silu.*, 2, 1, 117 e 5, 3, 5). Sobre a Meónia, região da Ásia Menor que se considerava ter sido o berço do grande autor, bem como para passos paralelos, v. *supra*, Lib. 4, 14, p. 23 e n. 3.

7- Alusão a P. Virgílio Marão, poeta latino natural de Andes, povoação situada nos arredores da cidade de Mântua, a 15 de Outubro de 70 a. C. (cf. *supra*, El. 1, 29, 2, p. 310 e n. 2).

8- Refere-se Jerónimo Cardoso às Musas, que embora tivessem por pais a Zeus e Mnemósine, surgem recorrentemente designadas como «filhas do Hélicon». Sobre este assunto, v. *supra*, Lib. 2, 35, p. 11 e n. 9.

9- Em lat. «macte puer». Sobre o valor desta locução exclamativa, suas variantes e demais ocorrências nos poemas de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ap. 2, 53, p. 9, n. 2.

#### Página 377

1- Nascido em Lisboa no ano de 1512, Manuel da Costa, *o Subtil*, professor de Direito e poeta áulico novilatino, teve as suas obras poéticas editadas primeiramente em Coimbra, em 1552. As suas *Obras Completas* conheceram depois uma reimpressão, promovida pelos seus filhos, em Salamanca, no ano de 1584, e alguns dos seus versos vieram ainda a integrar o primeiro volume do *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum qui Latine Scripserunt*, do P.<sup>o</sup> António dos Reis, publicado em 1747 (Tomo I, pp. 283-320).

Tendo-se jubilado em Coimbra, onde ensinara Direito desde Outubro de 1537 (segundo Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo 3, p. 234), Manuel da Costa seguiu para Salamanca, em 1561, para a Universidade onde primeiramente estudara, a fim de disputar, com um outro português, Aires Pinhel, a Cátedra de Direito Civil. Posto que tivesse alcançado a dita Cátedra, veio a falecer pouco tempo depois, deixando a sua mulher e dois filhos em sérias dificuldades económicas. Estes viriam a ser juristas notáveis e reimprimiram os tratados de Direito, os versos e os discursos do seu pai. Para um elenco da sua obra, veja-se *HISLAMPÁ*, pp. 257-259.

Em toda a obra de Jerónimo Cardoso, apenas a presente composição testemunha o seu relacionamento com Manuel da Costa, mostrando assim ter este sido extemporâneo.

2- Ou seja, das nove Musas. Relativamente à fixação de tal número para estas divindades, bem como para referências paralelas, v. *supra*, **Mon.** 1, 10, p. 219, n. 2.

3- Ou, por outras palavras, a Manuel da Costa não bastou o ter alcançado a excelência no culto da Poesia. A coroa de loureiro, árvore consagrada a Apolo, deus da poesia, e que crescia em abundância nas encostas do Parnaso (dita, por conseguinte, *Parnasia laurus*, cf. Virgílio: «pullulat ab radice aliis densissima silua,/ ut cerasis ulmisque; etiam Parnasia laurus/ parua sub ingenti matris se subicit umbra», *Geor.*, 2, 17-19), costumava distinguir os poetas, como testemunham os seguintes versos de Horácio: «monte decurrens uelut annis, imbres/ quem super notas aluere ripas,/ feruet immensusque ruit profundo/ Pindarus ore,/ laurea donandus Apollinari,/ seu per audacis noua dithyrambos/ uerba deuoluit numerisque fertur/ lege solutis» (*C.*, 4, 2, 5-12).

Sobre o Parnaso, montanha da Fócida em cujas vertentes se erguia o Santuário de Delfos, v. *supra*, **Mon.** 2, 3, p. 220 e n. 2.

4- Com a honra da coroa de oliveira, árvore consagrada a Atena, deusa da guerra e da sabedoria, pelo que estas palavras de Cardoso aludem certamente aos estudos desenvolvidos por Manuel da Costa nas Universidades de Salamanca e de Coimbra. Uma referência à *Palladia corona*, com sentido análogo ao do presente passo, encontra-se já em Ovídio: «Candidus in nauta turpis color: aequoris unda/ Debet et a radiis sideris esse niger;/ [...] Et tua, Palladiae petitur cui palma coronae,/ Candida si fuerint corpora, turpis eris:/ Palleat omnis amans!» (*A. A.*, 1, 723-729).

Sobre o nome «Palas», um epíteto ritual da deusa Atena, v. *supra*, **Lib.** 2, 36, p. 11 e n. 10.

5- Constituem estes dois hexâmetros uma paráfrase de um passo de Juvenal (8, 47-50) que Jerónimo Cardoso já antes citou e a que recorre por mais do que uma vez (cf. *supra*, **El.** A, p. 250, n. 3).

6- Aludindo metaforicamente à criação poética, Jerónimo Cardoso menciona os bosques que cobriam a parte da Beócia designada pelo nome de «Aónia», na qual estavam situados os montes Aónios e o Hélicon com as suas fontes (Hipocrene e Aganipe). Para uma abordagem mais pormenorizada deste assunto e para outras referências a esta região, v. *supra*, **Ap.** 2, 16, p. 8, n. 9.

7- Estas palavras de Jerónimo Cardoso referem-se muito provavelmente ao poema intitulado «Ad Ioannem et Ioannam principes Lusitaniae serenissimos “Protheus” carmen», publicado em Lisboa, no ano de 1553. Segundo informação veiculada por Barbosa Machado (*op. cit.*, Tomo III, p. 236) esta composição veio a ser reimpressa pelo Padre António dos Reis, no seu *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum Qui Latine Scripserunt* (Tomo I, pp. 283-320), saído em Lisboa, no ano de 1745, sob o título: «De foelici in Vlyssiponem aduentu serenissimae Ioannae Caroli imperatoris filiae in solemnibus die nuptiarum eius cum Ioannes Lusitaniae principe».

O assunto desta composição veio a ser tratado por Jerónimo Cardoso no extenso poema com que encerra a presente colectânea (v. *infra*: «Epithalamion Serenissimae D[ominiae] Ioannae Caesaris Caroli Quinti Filiae 1552», **Sil.** 16, pp. 411-417).

8- Ou seja, comparável às grandes criações de P. Virgílio Marão, poeta latino natural de Andes, povoação situada nas imediações de Mântua (cf. *supra*, **Sil.** 2, 115, p. 371 e n. 9).

### Página 378

1- Fonte da Beócia consagrada às Musas (aqui referidas como «ipsae [...] sorores»), a cujas águas se atribuíam o poder de induzir a inspiração poética. A respeito da fonte de Aganipe e para as outras ocorrências do seu nome nos poemas de Cardoso, v. *supra*, **El.** 1, 25, 20, p. 302, n. 10.

2- Sobre as Cárites, Eufrosina, Talia e Aglaia, três divindades que personificavam a beleza, v. *supra*, **Lib.** 6, 2, p. 24, n. 3.

3- Retoma Jerónimo Cardoso neste passo um motivo que lhe era particularmente grato e que ele aborda em vários outros lugares: o facto de o conhecimento das Letras permitir o acesso a estudos mais elevados. Assim, na sua *Oratio pro Rostris*, falando a respeito da ciência da Gramática, escreve: «Quo

magis uos magnopere hortor ac obtestor, candidissimi huius Academiae moderatores, ne patiamini hanc egregiam disciplinam, quae uos a paruis eduxit, ac ad maiora usque prouexit, per incuriam et ignauiam tabescere. Istorum imperitorum tam inania ac futilia deblaterantium inscitiam refellite: enitimini, ut humanitatis studia ab his nasutis hominibus neglecta industria ac opera uestra efflorescant» (v. *supra*, **Lib.** 18, p. 48). Esta mesma ideia ressurge no seu *Dictionarium Latīnolusitanicum* (fl. 147 r.<sup>o</sup>), no comentário ao seguinte adágio: «Nouos parans amicos, ne obliuiscere ueterum. Se tomares amigos nouos, nam te esqueças dos velhos. Dá a entender, que se fores a outras sciências, não te esqueças das letraas humanas».

4- Ou, por outras palavras, a partilhar com as Musas a sua morada. Sobre o Hélicon, célebre monte da Beócia, v. *supra*, **Lib.** 2, 35, p. 11 e n. 9.

5- Ou seja, «conversaríamos regularmente acerca da poesia», metonimicamente referida pelo nome do Parnaso, dado que nessa montanha se situava o célebre Oráculo de Apolo, deus que presidia à criação poética. A respeito desta montanha, v. *supra*, **Mon.** 2, 3, p. 220, n. 2.

Sobre o nome *tempe* («vale»), que de início designava um agradabilíssimo vale da Tessália, v. *supra*, **El.** 1, 29, 91, p. 313 e n. 4.

6- Alusão ao grupo das nove Musas, divindades que presidiam ao Pensamento em todas as suas formas.

7- Ou seja, o sagrado Hélicon, tradicionalmente considerado como a morada das Musas. Ascra, povoação da Beócia, estava situada nas suas proximidades deste monte e ufanava-se de ter sido a pátria Hesíodo (cf. *supra*, **El.** 1, 9, 20, p. 267 e n. 9).

8- Fonte antiga de Corinto, Pirene brotara no lugar onde Pégaso tinha batido com um casco no solo e estava consagrada às Musas, acreditando-se portanto que quem bebesse das suas águas ficaria poeticamente inspirado. A seu respeito, v. *supra*, **Mon.** 7, 1, p. 226, n. 3.

9-

10- Sobre Gomes Cordeiro, um antigo aluno a quem Jerónimo Cardoso dedicou uma das suas elegias, v. *supra*, **El.** 1, 25, p. 302 e n. 1.

11- Referência a Pedro Gomes de Abreu, antigo aluno de Jerónimo Cardoso e um dos seus amigos mais caros. A seu respeito, bem como sobre os textos que Jerónimo Cardoso lhe dirige, v. *supra*, **Ep.** 18, p. 111, n. 1.

12- Bebida e comida dos deuses, o néctar e a ambrósia servem de termo de comparação para qualquer coisa doce, neste caso, um amigo especialmente caro. A seu respeito, v. *supra*, respectivamente, **Ep.** 33, p. 143, n. 3 e **El.** 1, 14, 7, p. 277, n. 5.

### **Página 380**

1- Sobre o médico Salvador Rodrigues, um antigo aluno de Jerónimo Cardoso, bem como sobre os textos trocados entre ambos, v. *supra*, **Mon.** A, p. 218, n. 1.

2- Isto é, aos escritos poéticos, visto o nome «Piéria» designar a região da Macedónia de onde eram oriundas as Piérides (cf. *infra*, **Sil.** 6, 11-12, p. 380, n. 5). A respeito destas personagens, v. *supra*: **Lib.** 9, 3, p. 26, n. 3.

3- Trata-se de Apolo, deus nascido, segundo a tradição, na ilha de Delos. Sobre tal epíteto e para as suas abonações em autores clássicos e na poesia de Jerónimo Cardoso (e ainda de António da Costa), v. *supra*, **Lib.** 9, 10, p. 26 e n. 2. Sobre Cirra, antiga cidade da Fócida situada nas proximidades do Santuário de Delfos, onde Apolo presidia ao célebre Oráculo, v. *supra*, **Mon.** 1, 14, p. 219, n. 3.

4- Alusão metafórica ao acto de criação poética, feita através de uma referência aos bosques que cobriam a parte da Beócia chamada «Aónia», na qual se encontravam os montes Aónios e o Hélicon com as suas fontes de Hipocrene e Aganipe. Para um tratamento mais detalhado deste assunto e para as demais referências a esta região, v. *supra*, **Ap.** 2, 16, p. 8, n. 9.

5- Ou seja, aos coros das Musas. Sobre as Piérides, jovens oriundas da Piéria, na Macedónia, inicialmente diversas das Musas, mas que vieram a identificar-se com elas, v. *supra*: **Lib.** 9, 3, p. 26, n. 3.

6- Variante da expressão latina «inuita Minerua», que Cardoso regista e comenta no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 100 r.º, e que surge, com variações, num outro poema da sua autoria e em duas cartas de Pedro Sanches (cf. *supra*, **Ep.** 42, p. 163 e n. 4).

Relativamente às Camenas, antigas ninfas das fontes que cedo se assimilaram às Musas, v. *supra*, **El.** 1, 2, 14, p. 255, n. 7.

7- Ou seja, destinados a enfrentar a morte. Este verso encerra uma alusão às três Parcas (cf. *infra*: «At uos dum uideam exoptata haec gaudia tandem/ Tendite nostra precor ne frangite fila sorores», **Sil.** 6, 104-105, p. 383), divindades romanas que velavam pelo «fio da vida» dos mortais, presidindo aos momentos do seu nascimento, casamento e morte. A seu respeito, v. *supra*, **Mon.** 7, 87, p. 229, n. 3.

8- Ou, por outras palavras, destinados a ir para o reino dos Infernos. Relativamente ao Estige, rio que rodeia o dito reino e sobre cujas águas os deuses pronunciavam os juramentos solenes, v. *supra*, **Lib.** 2, 294, p. 20 e n. 2.

9- Alusão ao esquecimento, que a água do Letes, fonte dos Infernos, tinha a virtude de provocar. Dela bebiam, portanto, todos os mortos, para esquecerem os factos relacionados com a sua vida terrena. Sobre o valor que Jerónimo Cardoso atribui ao seu nome e para outras referências paralelas, v. *supra*, **El.** 1, 29, 87, p. 313 e n. 3.

10- Em lat. «notamque accingier artem», palavras que denunciam a influência do seguinte passo de Virgílio, no qual a desafortunada Dido se dirige a sua irmã: «Testor, cara, deos et te, germana, tuumque/ Dulce caput, magicas inuitam accingier artes» (*Aeneis*, 4, 492-493). A forma *accingier*, arcaica e coloquial, corresponde a um infinitivo presente passivo.

#### Página 381

1- Ou seja, no mundo do Além. Relativamente aos Manes (as «almas dos mortos»), v. *supra*, **Lib.** 2, 69, p. 12 e n. 3.

2- Dois exemplos de amizades famosas: Pílades e Orestes, seu primo-irmão, que com ele cresceu e Pirítoos e Teseu, que se tornaram amigos durante a luta dos Lápitás contra os Centauros. A seu respeito, v. *supra*, **El.** 1, 21, 26, p. 292 e n. 2.

3- Situada na extremidade Sul do Alto Egipto, perto da primeira catarata do Nilo, Siene (em gr. Συήνη), que corresponde à moderna Assuão, encontrava-se muito perto da linha do Equador, sendo particularmente conhecida pelo seu clima tórrido (como testemunham os seguintes versos de Lucano «nam quis ad exustam Cancro torrente Syenen/ ibit et imbrifera siccis sub Pliade Thebas/ spectator Nili», 8, 851-853) e pelo belo granito vermelho que se extraía das suas pedreiras.

#### Página 382

1- Trata-se do arco-íris, fenómeno atmosférico visível, quando chove, do lado oposto ao Sol. Constituído por dois arcos de volta perfeita, apresenta as cores do espectro solar, devido aos fenómenos de refração e reflexão dos raios solares nas gotas de água. Íris, filha de Taumante e de Electra e irmã das Harpias, simboliza o dito arco, bem como a união entre o Céu e a Terra, os deuses e os mortais. Mensageira

dos deuses, Íris apresenta-se normalmente como uma figura alada, vestindo uma túnica leve que, ao Sol, se torna irisada.

Para uma outra alusão a esta figura, feita em termos semelhantes, v. *infra*: «Sole quot aduerso Thaumantide nata colores/ Concipit» (Sil. 12, 1-2, p. 401). Embora já sem a alusão a Íris, Jerónimo Cardoso refere-se ainda a este fenómeno atmosférico, ao escrever: «Nec te uel gelidus Boreas Austerque teneret,/ Auquoreas uel qui peribit arcus aquas» (v. *supra*, El. 1, 21, 13-14, p. 291).

2- Alusão ao episódio homérico de Éolo e dos ventos enclausurados (não num odre, mas, segundo a teoria aristotélica do vento subterrâneo, em cavernas profundas). Sobre este assunto, v. *supra*, Lib. 2, 206, p. 17 e n. 1.

3- Ou, por outras palavras, «sempre cobrirá de glória o teu renome». Relativamente a este género de expressão, as suas fontes, e para as suas demais ocorrências nos escritos de Jerónimo Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 17 (carta de Álvaro Gomes), p. 109 e n. 2.

4- Ou, simplesmente, «o Sol». Embora o nome «Titãs» designe especificamente os seis filhos de Urano e de Geia, no caso presente refere-se ao Sol, filho de Hipérion, um dos Titãs, e irmão da Lua e de Aurora (cf. *supra*, Lib. 2, 70, p. 12 e n. 4).

5- Refere-se Jerónimo Cardoso à ponte que une, em Salamanca, as duas margens do rio Tormes. Erguida em tempos romanos, estava integrada na via que ligava Mérida a Astorga. Embora se desconheça a data exacta da sua construção, sabe-se que no tempo de Trajano e Adriano se efectuaram nela vários trabalhos de reparação. Tendo subsistido incólume à passagem dos séculos, constitui presentemente um dos mais antigos monumentos daquela cidade.

Para uma outra referência a esta ponte na poesia de Cardoso, v. *infra*: «An pons bis deno amplexus ab arcu/ Pertulit hibernos austris agitantibus imbres» (Sil. 9, 69-70, p. 391).

6- Nome de dois ventos, o primeiro procedente do quadrante Sul e o segundo do quadrante Norte. A seu respeito e para outras ocorrências dos seus nomes nos textos de Cardoso, v. *supra*, respectivamente, Lib. 2, 326, p. 21 e n. 1 e Ap. 1, 11, p. 3 e n. 6.

7- Variante das expressões latinas com que Horácio alude quer a Mecenas quer a Virgílio, a quem estava ligado por uma sólida relação de amizade. Sobre este assunto e para outras ocorrências deste tipo de expressão na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, El. 1, 21, 36, p. 292 e n. 3.

8- Encerram estes dois versos uma imagem manifestamente colhida do seguinte passo de Horácio: «ubicumque locorum/ uiuitis, indigni fraternum rumpere foedus,/ pascitur in uestrum reditum uotiuua iuuenca» (Ep., 1, 3, 34-36).

### Página 383

1- Acerca da expressão latina «pendere ab ore», sobre as suas fontes e ocorrências nos textos de Jerónimo Cardoso e seus correspondentes (Inácio de Morais), v. *supra*, Ep. 52, p. 183 e n. 2.

2- Trata-se de Nestor, célebre personagem homérica, modelo de sensatez e de uma velhice afortunada. A seu respeito e para outras alusões a esta figura nos escritos de Cardoso, v. *supra*, Lib. 17, p. 40 e n. 4.

3- Sobre M. Pórcio Catão, homem de Estado e orador latino, um severo defensor do conjunto de valores constitutivos do *mos maiorum*, e para outras referências a esta figura em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ep. 9, p. 93, n. 6.

4- Sendo o principal rio da Síria, o nome do Orontes (em gr. Ὀρόντης), modernamente chamado Nahr El-Ashy, designa poeticamente toda aquela região, onde se produzia a melhor mirra (cf. Propércio, «Quid iuuat ornato procedere, uita, capillo/ et tenuis Coa ueste mouere sinus,/ aut quid Orontea crinis

perfundere murra,/ teque peregrinis uendere muneribus,/ naturaeque decus mercato perdere cultu,/ nec sinere in propriis membra nitere bonis?», 1, 2, 1-6).

5- As flores da Cilícia (província situada no Sul da Ásia Menor, entre a Síria e a Panfília, e actualmente chamada Ejalet Itschil), especificamente o açafão, em lat. *crocum*, gozavam de grande renome pela sua delicada fragância, como testemunham os seguintes passos de Lucrecio: «neu simili penetrare putes primordia forma/ in nares hominum, cum taetra cadauera torrent,/ et cum scena croco Cilici perfusa recens est/ araque Panchaeos exhalat propter odores» (2, 414-417) e de P. Papínio Estácio: «quod tibi purpureo tristis rogos aggere creuit,/ quod Cilicum flores, quod munera graminis Indi,/ quodque Arabes Phariique Palaestini que liquores/ arsuram lauere comam?» (*Silu.*, 2, 1, 159-162).

6- Sobre os roseirais de Pesto, célebres por florirem duas vezes ao ano, para referências presentes em autores da Antiguidade e uma outra alusão na poesia de Cardoso, v. *supra*, **El.** 1, 9, 7, p. 267 e n. 4.

7- Jerónimo Cardoso dirige este seu pedido às Parcas, aqui referidas simplesmente como «sorores» (cf. *supra*: «quare ocuis edam/ [...] Carmina lanificas quamuis passura sorores», **Sil.** 6, 16-18, p. 380). Sobre estas divindades, três irmãs fiandeiras que cuidavam do «fio da vida» dos mortais e que vieram a identificar-se com as Meras gregas, v. *supra*, **Mon.** 7, 87, p. 229, n. 3.

8- Sobre os campos elísios, uma agradável região dos Infernos, e para outras referências à mesma nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ep.** 55, p. 191 e n. 3.

#### **Página 384**

1-

2- Filho de Dánae e de Zeus, que se transformara previamente numa chuva de ouro, Perseu, herói de origem argiva e antepassado directo de Hércules, viu-se obrigado a trazer a Polidectes, tirano da ilha de Sefiro, a cabeça da Górgona. Nessa quase impossível missão, o herói contou com o auxílio de Hermes e Atena, obtendo das filhas de Fórcis, por conselho daquelas divindades, o elmo de Hades, que tornava invisível quem o usasse, um alforge e um par de sandálias aladas. Munido destes objectos, bem como de uma foice de aço, sólida e afiada, presente de Hermes, Perseu pôde, enfim, decapitar Medusa, a única das três Górgonas que era mortal.

3- Trata-se de Minos, rei de Creta que encerrou Dédalo no célebre Labirinto. A tal respeito, bem como sobre a fuga deste para Cumas, v. *supra*, **Lib.** 16, 3, p. 36 e n. 3.

4- Acerca da Hidra de Lerna e do modo como Hércules a eliminou, v. *supra*, **Lib.** 3, 7, p. 22 e n. 1.

#### **Página 385**

1- Estas palavras parecem revelar, da parte do pai de Jerónimo Cardoso, ou uma mudança de atitude no que respeita ao estudo das Humanidades ou, com maior probabilidade, um tratamento diferenciado dos seus vários filhos. Com efeito, Jerónimo Cardoso, o primogénito da casa e o mais velho de quatro irmãos e quatro irmãs (cf. *supra*, **El.** 1, 29, 99-100, p. 313), contou com a viva oposição do pai por se entregar apaixonadamente ao estudo da poesia, sendo até esse um motivo de discórdia entre os seus progenitores (cf. *supra*, **El.** 1, 29, 89-96, p. 313), ao passo que este seu irmão foi acarinhado num tal estudo.

2- Aserção particularmente trágica (se atendermos às origens judaicas de Jerónimo Cardoso e às dificuldades económicas por que a sua família parece ter passado), este passo constitui uma elaboração de um motivo antigo, que persiste no lapidar aforismo latino «omnia mea mecum porto». Segundo Cícero (*Parad.*, 1, 1, § 8) e Valério Máximo (7, 2, ext. 3), teria sido essa a orgulhosa exclamação de Bias, um dos Sete Sábios da Grécia, que fugia de Priena, invadida pelos inimigos, sem nada levar, enquanto os outros seus concidadãos procuravam salvar os mais preciosos dos seus haveres. Para outras elaborações clássicas deste motivo, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 1839, p. 830.

**Página 386**

1- Cf. *infra*: «Nec me fraterno deceptum credet amore,/ Quo minus haec de te quae sensi uera referrem», *Sil.* 7, 72-73, p. 386.

2- Cf. *infra*: «Vrbs est Louani Belgarum in finibus ingens,/ Leucadioque deo doctisque dicata Camenis», *Sil.* 7, 88-89, p. 386.

3- Ou seja, em Lisboa, cidade cujo nome latino era etimologicamente interpretado pelos humanistas como «cidade de Ulisses» (cf. *supra*, *El.* 1, 17, 18, p. 284 e n. 6).

4- Cf. *supra*: «quod amor soleat praestinguere mentes,/ Fallere iudicium, pro falsis uera putare», *Sil.* 7, 61-62, p. 386. Relativamente à cegueira do amor, um motivo representado já entre os autores do classicismo, v. *supra*, *Ep.* 18, p. 113 e n. 3.

5- Sobre estes heróis dórios, Castor e Pólux, ditos «Dioscuros» (ou seja, «filhos de Zeus», embora apenas Pólux fosse seu filho), dois irmãos que uma acesa afeição uniu, v. *supra*, *Sil.* 2, 26, p. 368 e n. 18.

6- Acerca do aproveitamento deste expediente literário na poesia de Jerónimo Cardoso (o enviar, como mensageira, a sua Musa), presente em algumas das suas composições, v. *supra*, *El.* 2, 16, p. 345, n. 2. Ao passo que em todos os casos precedentes as composições principiam com a exortação à Musa, neste caso tal exortação apenas surge no último terço do poema.

7- Ou seja, para o Norte da Europa, por ser dessa fria região que soprava o vento Bóreas (os antigos Gregos, porém, consideravam que Bóreas tinha as suas moradas na Trácia, para eles a região fria por excelência). Para outras referências a este vento nos escritos de Cardoso, v. *supra*, *Ap.* 1, 11, p. 3 e n. 6.

8- Trata-se de Calisto, filha de Licáon, rei da Arcádia, que, tendo jurado manter-se virgem, ocupava o seu tempo a caçar pelos bosques, juntamente com Ártemis e as suas companheiras. Zeus, porém, viu-a e desejou possuí-la, tomando para tal a aparência de Ártemis (dado que Calisto fugia de todos os homens) ou então de Apolo. Certo dia em que a deusa e as companheiras resolveram banhar-se numa fonte, a jovem teve de se despir e, como estava grávida de Árcade, não pôde ocultar por mais tempo a sua falta. Ártemis, irada, expulsou-a do grupo, transformou-a em urso e acabou por matá-la (talvez a pedido de Hera, que conseguira descobrir mais esta traição do marido). Zeus, compadecido da sorte desta sua amante, transformou-a na Ursa Maior, constelação a partir de cujas estrelas se determina a posição da Estrela Polar, que indica o Norte.

9- Ou, dito por outras palavras, «a morada do meu querido irmão». Relativamente aos Penates, antigas divindades encarregues de velar pelo larário, mas cuja protecção se estendia a toda a casa, v. *supra*, *Mon.* 7, 13, p. 226, n. 7.

10- Trata-se de Apolo, designado pelo epíteto de *Leucadius* por lhe ter sido consagrado um templo famoso em Leucádia (em gr. Λευκαδία, actualmente S. Maura), ilha (outrora península) situada no mar Iónico, do lado oposto de Acarnânia (cf. Ovídio: «num quia perpetuos meruit domus ista triumphos,/ an quia Leucadio semper amata deo est?», *Trist.*, 3, 1, 41-42).

11- Cf. *supra*: «Vel quibus a doctis mens est aliena Camenis», *Sil.* 7, 64, p. 386. Sobre as Camenas, primitivamente ninfas das fontes, que foram desde cedo assimiladas às Musas, v. *supra*, *El.* 1, 2, 14, p. 255, n. 7.

**Página 387**

1- Trata-se de Atenas, cuja cidadela tinha em lat. o nome de *Cecropia*, por ter sido fundada pelo mítico Cécrops (cf. *supra*, *Lib.* 16, 56, p. 38 e n. 4).

2- Constituem estas palavras uma paráfrase do célebre conselho formulado por Horácio na sua *Ars Poetica* (*Epistula ad Pisones*), 268-269 (cf. *supra*, **Lib.** 18, p. 69 e n. 2).

#### **Página 388**

1-

2- Sobre o Hélicon, montanha da Beócia cujo nome se tornou sinónimo de «poesia», v. *supra*, **Lib.** 2, 35, p. 11 e n. 9.

3- Alusão a um poema de Diogo Estêvão, escrito em louvor de Jerónimo Cardoso (cf. vv. 17-25), que não se conserva incluído em nenhuma das suas compilações. A presente poesia constitui, de resto, o único testemunho do seu relacionamento.

4- Ou seja, «do coro das Musas», expressão metafórica que significa, neste caso, «ocupar a vanguarda no estudo das Humanidades». Relativamente às Piérides, nove jovens que acabaram por se identificar com as Musas, embora fossem inicialmente figuras distintas, v. *supra*, **Lib.** 9, 3, p. 26, n. 3.

5- Deste modo, Jerónimo Cardoso põe em prática um conselho formulado por Horácio (*Ep.*, 1, 7, 98), de que estas palavras constituem uma adaptação e segundo o qual cada um deve aplicar-se nos trabalhos que sabe poder levar a bom termo. Sobre este assunto e para duas outras variantes do passo horaciano presentes numa carta de Fernando de Arche e numa elegia de Cardoso, v. *supra*, **Ep.** 62, p. 205 e n. 5.

6- Encerram estas palavras uma alusão a uma fábula de Esopo, na qual uma gralha, para se tornar mais bonita, cobriu o corpo com penas roubadas a outros pássaros, assumindo deste modo uma aparência opulenta, mas falsa. Sobre este assunto, v. *supra*, **Ep.** 62, p. 203, n. 7.

#### **Página 389**

1-

2- Cf. *infra*: «Cum mihi discedens dixti uale dulcis amice,/ Cogor abire, uale patriaque excedere tandem», **Sil.** 9, 35-36, p. 390 e n. 2.

3- Sobre o nome «Péane» («o deus que cura»), na época clássica um epíteto ritual de Apolo, v. *supra*, **Sil.** 2, 23, p. 368 e n. 15.

4- A primeira de entre todas as Musas, Calíope recebeu como domínio, na época Alexandrina, a poesia épica. A seu respeito e para outras ocorrências do seu nome na poesia de Cardoso, v. *supra*, **Mon.** 8, 108, p. 233, n. 6.

5- Cf. *infra*: «Tu tamen interea retine inuiolabile nostrae/ Munus amicitiae, [...] quam non absumere dira/ Parca manu ualet, aut Lethaei fluminis haustus», **Sil.** 9, 76-79, p. 391 e n. 8.

6- Cf. *infra*: «Cum mihi discedens dixti uale dulcis amice,/ Cogor abire, uale patriaque excedere tandem», **Sil.** 9, 35-36, p. 390 e n. 2.

#### **Página 390**

1- Cf. *infra*: «Depositum te grande meae carissime mentis», **Sil.** 9, 56, p. 391 e n. 6.

2- Cf. *supra*: «et aegra/ Mente animoque tuos nimium dilecte ferentem/ Marcaeu discessus» e «Nec sine Lethaeae faciant obliuia ripae/ Immemorem cari procul hinc abeuntis amici», **Sil.** 9, 2-4 e 19-20, p. 389. A partida deste jovem, um amigo muito chegado, para Salamanca (cf. *infra*, vv. 63-69, p. 391 e n.

1) constitui o motivo de fundo da presente silva, que no entanto se reveste de singular interesse pelas informações contidas na sua parte final e relativas a vários outros textos de Jerónimo Cardoso.

3- Idênticos sintomas descreve Jerónimo Cardoso, em termos bem mais expressivos, numa outra composição, a propósito do facto de não mais ter recebido qualquer poema da parte de Pedro Sanches (cf. *supra*: «Tantus et inde meos defluxit torpor in artus,/ Tantus et obsedit uiscera nostra rigor/ Vt me saxificam credam adspexisse Medusam/ Atque ueneficiis deriguisse nouis», *El.* 1, 14, 17-20, p. 277).

4- As fitas sagradas, insígnia sacerdotal, distinguíam igualmente os poetas, na sua categoria de intérpretes da vontade de Apolo, deus da poesia. A tal respeito e para outras referências presentes na poesia de Cardoso, v. *supra*, *El.* 1, 17, 23, p. 284 e n. 7.

5- Ou seja, ao génio de Homero, poeta de que a Meónia, região da Ásia Menor, se vangloriava de ter sido o berço (cf. *supra*, *Lib.* 4, 14, p. 23 e n. 3). Sobre as Camenas, ninfas das fontes, desde cedo assimiladas às Musas, v. *supra*, *El.* 1, 2, 14, p. 255, n. 7.

6- Cf. *supra*: «At nunc pars animi Marcae carissime nostri», *Sil.* 9, 33, p. 390. Estes dois passos constituem variantes das palavras usadas por Horácio para aludir tanto a Virgílio como a Mecenas, seus íntimos amigos. A este respeito e para outras ocorrências de expressões deste tipo na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *El.* 1, 21, 36, p. 292 e n. 3.

#### Página 391

1- Trata-se de Salamanca, como o conteúdo dos versos seguintes (vv. 65-70) permite constatar, bem como a anterior referência aos «Iberi» (v. 63).

2- Sobre a ponte que, em Salamanca, une as duas margens do rio Tormes, v. *supra*: *Sil.* 6, 81, p. 382 e n. 5.

3- Vento húmido e quente, o Austro sopra do quadrante Sul, identificando-se com o Noto grego. Para outras referências a este vento nos escritos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Lib.* 2, 326, p. 21, n. 1.

4- Refere-se Jerónimo Cardoso ao grande poema, composto por mais de três centenas de hexâmetros, em que descreve o terrível abalo sísmico ocorrido na madrugada do dia 26 de Janeiro de 1531 e que viria a publicar, muitos anos depois, em 1550, sob o título «De Terraemotu Libellus» (v. *supra*, *Lib.* 2, pp. 10-21). Este poema, que terá tido a sua primeira redacção ainda nesse ano (cf. *supra*, *Lib.* 2, 303, p. 20 e n. 3), pelo que será possível datar a presente silva, com bastante segurança, desse mesmo ano de 1531.

5- Aludem estas palavras a um poema em dísticos elegíacos, publicado sob o título «Ad Georgium Lopesium Consulentem, Ultram Amicam Eligeret» (v. *supra*, *El.* 1, 18, pp. 286-288) no qual Jerónimo Cardoso aconselha Jorge Lopes, seu antigo aluno, a respeito do que ele próprio define como «occultum [...] uulnus amoris» (*El.* 1, 18, 17, p. 286): uma dupla e avassaladora paixão por duas belas raparigas, Joana e Márcia. Tal poema terá igualmente sido composto ao redor desse ano lectivo de 1530-1531, bem como todos aqueles outros textos que com ele directamente se relacionam (v. *supra*: *Lib.* 13 e *Lib.* 14, p. 35; *El.* 1, 26, p. 304 e ainda *Ep.* 49, p. 177, carta dirigida a Pedro Gomes de Abreu).

6- Trata-se, ao que tudo indica, da composição intitulada «Ad Syluiam Amicam de Amore Suo», que veio a ser impressa apenas em 1563, nos *Elegiarum Libri II* (v. *supra*, *El.* 2, 7, pp. 327-330). Pelos dados constantes no verso subsequente poder-se-á concluir que tal poema terá sido composto muito tempo antes (Cardoso alude explicitamente à sua juventude, ao situá-lo «in teneris [...] annis», v. 75), pelo que o poema em questão poderá ter surgido em inícios da década de 1520. Quanto à veracidade dos sentimentos descritos nessa composição, cf. *supra*, *Ep.* 49, p. 177 e n. 5.

7- Trata-se concretamente de Láquesis, uma das três Meras, deusas com quem as Parcas latinas vieram a identificar-se. Tendo estas divindades por função ocupar-se do «fio da vida» dos mortais, a

Láquesis competia cortá-lo, pelo que presidia ao momento da morte. A seu respeito, v. *supra*, **Mon.** 7, 87, p. 229, n. 3.

8- Cf. *supra*: «Nec sine Lethaeae faciant obliuia ripae/ Immemorem cari procul hinc abeuntis amici» (**Sil.** 9, 19-20, p. 389). Sobre o Letes, fonte dos Infernos cuja água, se bebida, provocava o esquecimento e para outras referências presentes na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **El.** 1, 29, 87, p. 313, n. 3.

### Página 392

1- Esta composição, de um tamanho e importância apreciáveis (note-se que Cardoso a colocou em décimo lugar, por assim dizer, numa posição de destaque no seio desta colectânea), surge intimamente ligada à *Oratio pro Rostris* de Jerónimo Cardoso, parecendo destinar-se a completar o que nela foi omitido. Com efeito, na *Oratio*, Jerónimo Cardoso limitou-se a fazer o elogio das ciências leccionadas no seu tempo (Gramática, Retórica, Dialéctica, Geometria, Aritmética, Música, Astrologia, Filosofia, Direito Civil, Direito Canónico e Teologia), ilustrando-o com abundantes exemplos tomados da História Antiga. Porém, sobre aqueles que no seu tempo ensinavam estas ciências na Universidade, Cardoso, sem referir nome algum (à semelhança do que, dois anos antes fizera André de Resende), diz apenas: «Habetis enim in hac nobilissima Academis viros omni disciplinarum genere cum primis eruditos, quibus ducibus ad fastigia cuiuscumque disciplinae facile ascendetis» (**Lib.** 18, p. 70), passando, de seguida, ao elogio do reitor Jorge Fernandes (v. *supra*, **Lib.** 18, pp. 70-71) para logo depois concluir a sua *Oratio*.

Tal omissão, certamente intencional, prende-se, segundo A. Moreira de Sá, com o difícil momento que o Estudo Geral então atravessava: D. João III pretendia a sua transferência para Coimbra «com oposição da Universidade, da Igreja, e da edilidade lisboeta. Daqui os dois oradores, de 1534 e 1536, não terem querido referir-se, mais desenvolvidamente, aos então professores da Universidade, em luta com D. João III» (*op. cit.*, p. 255).

Assim, quando, por carta nuncupatória, Jerónimo Cardoso dedicou o discurso inaugural ao então reitor da Universidade (v. *supra*, **Lib.** 17, p. 40), deve ter sido informado do desapontamento sentido pelos vários professores, que não viram elogiadas nem a sua competência nem a sua acção na difusão das várias disciplinas. Esperavam estes professores que a dita *Oratio* fizesse D. João III reconsiderar a sua tomada de posição, porém, ao invés da sua defesa, Cardoso limitou-se a uma referência vaga. Por isso, continua A. Moreira de Sá, «Jerónimo Cardoso procurou corrigir esta omissão escrevendo uns versos “Aos Doutores da Universidade de Lisboa”, em que fazia o seu elogio. [...] E seguidamente refere-se a Jorge Fernandes, Gonçalo Vaz pinto, Gabriel Dinis, Mestre Diogo Franco, Francisco Gentil, Mestre Francisco de Monçon e Gonçalo de Santa Cruz» (*op. cit.* pp. 255-256).

Estes versos, para cuja importância Justino Mendes de Almeida chamou pela primeira vez a atenção (vertendo alguns excertos na sua «Introdução» à *Oração de Sapiência* de Jerónimo Cardoso, pp. 24-25), conheceram uma primeira tradução integral por Miguel Pinto de Meneses, a qual foi publicada juntamente com o texto latino (em reprodução fac-similada e transcrição) e com um prefácio de A. Moreira de Sá.

2- Acerca deste género de expressão utilizado para indicar uma grande glória, sobre as suas fontes, outras ocorrências e variantes nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, **Ep.** 17, p. 109 e n. 2.

3- Sobre o peculiar modo como a deusa Atena nasceu, emergindo, já armada, da cabeça paterna, v. *supra*, **Lib.** 2, 36, p. 11 e n. 11.

4- Ou seja, uma brisa suave e benfazeja (cf. *infra*: «hic grata tepenti/ Est Zephyro sedes, regnat non mollius usquam», **Sil.** 10, 151-152, p. 396). Sobre o Zéfiro, vento procedente de Oeste, e para as demais ocorrências do seu nome nos poemas de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ap.** 1, 11, p. 3 e n. 5.

5- Sobre o percurso biográfico de Jorge Fernandes, reitor da Universidade de Lisboa na altura em que Jerónimo Cardoso proferiu a sua *Oratio pro Rostris*, v. *supra*, **Lib.** 17, p. 40, n. 1.

6- Trata-se de Átalo II Filadelfo, rei de Pérgamo entre 159 e 138 a. C., anos que correspondem ao período de maior esplendor desta cidade. A seu respeito, v. *supra*, El. 2, 5, 57, p. 323 e n. 8.

7- De origem sabina, Numa Pompílio, o segundo rei de Roma, terá governado, segundo a lenda, entre 715 e 673 a. C. Figura profundamente piedosa, agia sob a orientação da ninfa Egéria, que consultava numa gruta. Atribui-se-lhe, entre outros, a construção do templo de Jano (a seu respeito, v. *supra*, Lib. 18, p. 42 e n. 2) cujas portas se conservaram sempre fechadas durante o seu reinado (daí a referência de Cardoso à «pacífera [...] oliua»). Numa terá estruturado a religião romana e a sua liturgia, organizando os colégios dos pontífices, dos feciais, dos sálios, das vestais, dos áugures e a instituição dos três flâmines maiores. No âmbito da sua reforma do calendário, teria acrescentado aos dez primeiros meses, os de Janeiro e Fevereiro, fixando ainda as datas das festividades e dos dias fastos e nefastos, bem como as leis religiosas. De sua filha Pompília terá nascido Anco Márcio, o quarto rei da Urbe.

8- Ou seja, dos Romanos, considerados descendentes de Rómulo, mítico fundador da cidade de Roma. O patronímico *Romulidae*, que ocorre esta única vez nos escritos de Cardoso, encontra-se atestado em Lucrécio (4, 683), Virgílio (*Aen.*, 8, 638) e Pérsio (1, 31), entre outros.

### Página 393

1- Neste passo, o nome de Magno designa, com toda a probabilidade, Gneu Pompeu (as várias figuras a que Cardoso alude, ao longo dos vv. 29-36, pertencem todas à história de Roma). Nascido em 106 a. C. de origem plebeia, Pompeu, filho de Gneu Pompeu Estrabão, distinguiu-se desde cedo pelo seu génio militar, recebendo de Sila, no ano 80, o título de *Magnus*, pela sua participação na luta contra os seguidores de Mário. Conduziu, depois, campanhas contra Sertório, na Hispânia, e contra o que restava do exército de Espártaco, no Norte de Itália. Cônsul em 70, vem, em 67 a pôr fim à pirataria no Mar Tirreno e, em lutas travadas entre 66 e 62, consegue derrotar Mitridates, rei do Ponto, e sujeitar a Arménia, ficando a Judeia sob a influência de Roma. De regresso a Itália em 60, constitui, com César e Crasso, o primeiro triunvirato, casando então, em quartas núpcias, com Júlia, filha de César, vínculo familiar que se quebra, em 54, com a morte prematura desta. Acentuando-se a rivalidade entre os antigos sogro e genro depois da morte de Crasso, em 53, os dois chefes recebem ordem do Senado para desmobilizar as suas tropas, ordem essa que ignoram. O inevitável confronto dá-se no Oriente, junto ao rio Farsalo, em Agosto de 48. Derrotado, Pompeu foge para Lesbos, para Chipre e, finalmente, para o Egipto, onde Ptolomeu o manda assassinar, em Setembro desse ano.

Para uma referência ao quarto casamento de Pompeu na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Quo generosa suum dilexit Iulia Magnum» (*Sil.* 13, 39, p. 404).

2- Trata-se de Lucrécia, esposa de Lúcio Tarquínio Colatino, neto do rei Tarquínio Prisco, uma figura romana lendária associada à queda da monarquia. Bela e moralmente irrepreensível, Lucrécia teria inspirado uma violenta paixão em Sexto Tarquínio, filho de Tarquínio, o Soberbo, que tratou de consumir os seus desejos. Violentada, Lucrécia relatou a seu marido o ultraje sofrido, suicidando-se de seguida. Este, juntamente com Lúcio Júnio Bruto, promoveu uma revolta contra o governo dos Tarquínios, que culminou na sua expulsão e no estabelecimento da República Romana, que teve nos dois revoltosos os primeiros cônsules, em 509 a. C.

Para uma outra referência ao amor que uniu Lucrécia a seu esposo na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «Hoc autem illa uirum te semper amore sequatur/ [...] Andromache quoque Hectorsa fortem/ Eudne Capaneum, et Lucretia casta maritum» (*Sil.* 13, 32-36, p. 404).

3- Alusão a Tarquínio, o Soberbo, filho de Tarquínio, o Antigo, e último rei de Roma. O seu governo, que se estende de 534 a 510 a. C., caracterizou-se pelo uso da força e pela aplicação de medidas impopulares, como a redução do número de membros do Senado. O ultraje perpetrado por seu filho Sexto contra a bela e virtuosa Lucrécia, esposa de Lúcio Tarquínio Colatino (cf. nota precedente), terá conduzido à revolta que culminou na expulsão deste rei e no estabelecimento da República Romana. As obras atribuídas pela tradição a Tarquínio, o Soberbo, (a construção do *Circus Maximus*, da *Cloaca Maxima* e do templo de Júpiter) são igualmente adscritas ao reinado de seu pai, Tarquínio, o Antigo (cf. *supra*, Lib. 18, p. 66 e n. 7).

4- Sobre a palavra *Lusiadae* («os Lusíadas», ou seja, «os Portugueses») e as suas ocorrências na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Mon.** 7, 51, p. 227 e n. 6.

5- Cf. *infra*: «Rex superum assensit, celsaque emisit ab arce/ Te Gunsalle iubar legum iurisque lucerna», **Sil.** 10, 76-77, p. 394. Trata-se, segundo apurou A. Moreira de Sá (*op. cit.*, p. 257) de Gonçalo Vaz Pinto, cujo nome figura no *Auctarium Chartularium Universitatis Portugalensis* como lente da Universidade a 18 de Outubro de 1506 e, em Novembro seguinte, como lente deputado. A 10 de Abril do ano seguinte opôs-se à cadeira de prima de Leis, ocupando o lugar de lente da dita disciplina por vontade do Rei a 29 de Maio, categoria confirmada a 18 de Outubro. Prevenido, a 20 de Maio de 1508 de que não podia advogar, assina um termo, a 3 de Novembro de 1509, como «Licenciado Vaz Pinto». Já a 6 de Abril de 1510 aparece como «doctor gonçalo vaz», sendo nomeado para conceder graus de bacharel de Leis a 28 de Junho do ano seguinte. Novo aviso de que não podia advogar surge a 31 de Julho de 1512. Poucos dias depois, foi condenado a pagar dez cruzados de multa pelas palavras que dissera contra o Vice-Reitor, sendo reembolsado dessa quantia a 24 de Outubro, «Porém, o assunto não ficou sanado, visto a 18 de Junho de 1513 ter sido publicado um alvará mandando ouvir o Doutor Gonçalo Vaz sobre os dez cruzados» (*ibidem*, p. 257). Em 23 de maio de 1517 novo registo refere-o como lente de Leis de prima e como lente deputado a partir de 18 de Outubro de 1519. Chanceler do Estudo a 18 de Janeiro de 1526, foi nessa qualidade encarregado, a 21 de Março desse ano, de ir ao Rei tratar de assuntos da Universidade. Gonçalo Vaz Pinto conta-se entre os professores que assinaram a petição de 14 de Dezembro de 1536, dirigida a D. João III, para que a Universidade não saísse de Lisboa. No entanto, este enviou-o para Coimbra, a 11 de Janeiro de 1537, para ler a cadeira de prima de Leis.

Barbosa Machado, por sua vez, refere que Gonçalo Vaz Pinto, filho de Pedro Pinto e Isabel Bocarra, era natural da cidade de Évora, mencionando depois alguns dados relativos ao seu percurso académico e acrescentando ainda que Gonçalo Vaz foi desembargador da Casa da Suplicação e da Mesa dos Agravos e que «Ordenado de presbítero pelo Bispo de Salê D. Nuno a 8 de Outubro de 1546. obteve hum Canoncato na Cathedral de Evora de que tomou posse a 31 de Outubro de 1554» (*op. cit.*, Tomo II, p. 409). O mesmo autor regista duas obras de teor jurídico da autoria de Gonçalo Vaz (igualmente referidas em *HISLAMPA*, p. 312), que ficaram manuscritas.

6- Relativamente a Quinto Múcio Cévola, o *Augure*, que, sendo um dos mais ilustres juristas de Roma, teve a seu cargo a formação jurídica de Cícero, v. *supra*, **El.** 1, A, p. 250, n. 2.

7- Nome de um célebre jurista do tempo de Vespasiano, imperador entre os anos 69 e 79, sobre Pégaso escreve Juvenal o seguinte: «uocantur/ ergo in consilium proceres, quos oderat ille [...] primus clamante Liburno/ 'currite iam sedit', rapta properabat abolla/ Pegasus, attonitae positus modo uilicus urbi/ anne aliud tum praefecti? quorum optimus atque/ interpres legum sanctissimus omnia, quanquam/ temporibus diris, tractanda putabat inermi/ iustitia» (4, 72-81). Sobre esta figura, veja-se ainda *Dig.*, 1, 2, 2, § 47.

8- Outro jurista romano famoso, Papiniano desenvolveu a sua actividade durante o reinado de Septímio Severo, imperador entre 193 e 211, tendo sido decapitado por ordem de Caracala. A seu respeito, escreve Élio Espartiano que terá sido um «iuris asylum et doctrinae legalis thesaurum» (21, § 7).

9- Ou seja, «a tua alma». A respeito dos Manes, as «almas dos mortos» ou simplesmente «os mortos», v. *supra*, **Lib.** 2, 69, p. 12 e n. 3.

10- Sendo filha de Zeus e de Témis (a Justiça) e irmã do Pudor (*Pudicitia*), Astreia (em gr. Ἄστραία) teria reinado sobre a Terra numa época recuada, durante o período que ficou conhecido como a Idade do Ouro. Teria então difundido entre os homens sentimentos de justiça e de virtude. Mais tarde, quando estes degeneraram e a sua inclinação para o mal se acentuou, Astreia subiu para o céu, onde se transformou na constelação da Virgem, não sem antes se ter demorado, ainda algum tempo, entre os camponeses.

Para uma diferente tradição relativa à constelação da Virgem, v. *supra*, **El.** 1, 21, 24, p. 292 e n. 1.

1- Sobre as Parcas, divindades romanas que tinham por função velar pelo «fio da vida» dos mortais, presidindo aos três momentos fundamentais da sua existência (nascimento, casamento e morte), e que vieram a identificar-se com as Meras gregas, v. *supra*, **Mon.** 7, 87, p. 229, n. 3.

2- Cf. *supra*: «Proximus exoritur cithara haud leuiore canendus/ Gonsallus nostri fax fulgentissima regni», **Sil.** 10, 37-38, p. 393 e n. 5.

3- Sobre Licurgo, legislador mítico que muito terá contribuído para a afirmação política e militar da Cidade-Estado de Esparta, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 52, n. 17.

4- A respeito de Drácon, legislador ateniense, célebre pela extrema severidade das suas leis, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 66, n. 3.

5- Por metonímia, o génio de Homero e de Virgílio, poetas célebres de que Esmirna e Mântua, respectivamente, se vangloriavam de ter sido o berço (cf. *supra*, respectivamente, **Sil.** 2, 110, p. 371 e n. 6 e **El.** 1, 29, 2, p. 310 e n. 2).

6- Sobre o nome *Tonans*, «Senhor do Raio», antigo epíteto de Júpiter que, no latim dos humanitas surge frequentemente aplicado ao Deus cristão, v. *supra*, **Ap.** 3, 21, p. 10, n. 4. Para um outro aproveitamento desta expressão, igualmente na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *infra*: «placant quoque parua potentes/ Thura deos» (**Sil.** 15, 113-114, p. 410).

7- Sobre Gabriel Dinis pouca informação se pode encontrar. A. Moreira de Sá (*op. cit.*, p. 258), citando o *Auctarium Chartularium Universitatis Portugalensis*, refere que Gabriel Dinis, estudante de Cânones, tomou parte em reuniões do conselho (constituído pelo reitor, lentes e conselheiros deputados) a partir de 27 de Janeiro de 1532, sendo designado como conselheiro num alvará de D. João III datado de 24 de Fevereiro desse ano. Eleito conselheiro a 10 de Novembro de 1534, prestou juramento desse cargo a 1 de Dezembro. Gabriel Dinis assinou igualmente a petição de 14 de Dezembro de 1536 destinada a solicitar de D. João III que não concretizasse a transferência da Universidade para Coimbra. Causa certa estranheza o pouco que Jerónimo Cardoso escreve sobre este Gabriel Dinis, facto que se deve, provavelmente, aos poucos elementos de informação que tinha ao seu dispor. Barbosa Machado nada escreve a seu respeito e *HISLAMP*A não regista obra alguma da sua autoria.

#### Página 395

1- Sobre as Cárites, Eufrosina, Talia e Aglaia, divindades da beleza cuja função consistia em espalhar alegria nos corações dos mortais e dos deuses, v. *supra*, **Lib.** 6, 2, p. 24 e n. 3.

2- Trata-se de Mestre Diogo Franco, lente de Medicina. Este, segundo A. Moreira de Sá (*op. cit.*, p. 258), figura pela primeira vez no *Auctarium* no termo de 2 de Dezembro de 1517, no qual se refere que Diogo Franco participou na eleição do bacharel Francisco Valentim. Eleito para a substituição de Medicina de véspera a 5 de Outubro de 1524, principiou Diogo Franco a ler a dita substituição a 7 de Novembro seguinte. Tendo desistido da oposição à cadeira de prima de Medicina a 31 de Janeiro de 1526, opõe-se à de véspera, sendo para esta eleito a 3 de Março. Eleito lente deputado a 18 de Outubro desse ano, vem a ser designado a 18 de Outubro de 1528 para esse cargo e eleito para esta mesma função poucos dias depois (a 24). Na sessão de 27 de Novembro de 1529, o Conselho da Universidade manda Mestre Diogo, então lente de véspera de Medicina, tomar o seu grau. Consequentemente, um novo termo, lançado a 1 de Outubro de 1530, refere-o como licenciado, designando-o para lente deputado. Tendo feito o exame privado em Medicina a 20 desse mês e ano, toma, a 28, o grau de Doutor. Designado lente deputado por alvará de D. João III de 24 de Fevereiro de 1532, torna a figurar nesse cargo a 1 de Outubro de 1533, sendo para tal eleito a 9 desse mês. E, concluindo, A. Moreira de Sá refere que «de 21 de Janeiro de 1534 em diante o seu nome figura na lista dos médicos, da *tabula legentium*» (*ibidem*, p. 259). Barbosa Machado nada diz acerca desta figura e *HISLAMP*A não regista obra alguma da sua autoria.

3- Trata-se de Apolo, chamado *Delius* por ter nascido, segundo a tradição, na ilha de Delos. Sobre este epíteto e para as suas abonações em autores da Antiguidade e na poesia de Jerónimo Cardoso (bem como de António da Costa), v. *supra*, **Lib.** 9, 10, p. 26 e n. 2.

4- A uma expressão em tudo semelhante à presente recorre Jerónimo Cardoso num outro poema, desta feita para exaltar as excelentes qualidades de Luísa Sigeia (cf. *supra*: «*Quam si prisca actas, et tempora prisca tulissent, Praemia qua uirtuti, et laudi, digna dabantur, Dixissent facile esse deam, caeloque locassent*», **Mon.** 8, 24-26, p. 230).

5- Sobre Macáon e Podalírio, filhos de Esculápio e de Epíone que, durante a Guerra de Tróia, se teriam ocupado do tratamento dos guerreiros gregos feridos em combate, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 61 e n. 3.

6- Ou, dito de outro modo, «versos», dado que o nome «péon» (do gr. *παίων*) designa um pé métrico constituído por uma sílaba longa e três breves, o qual, segundo a posição ocupada por essa sílaba longa, se chama «primus», «secundus», «tertius» ou «quartus» (a seu respeito, v. Quintiliano, *Inst.*, 9, 4, § 47; § 87 e § 110).

7- Ou seja, do reino dos Infernos. Sobre o Estige, rio que circunda o dito reino e cujas águas Zeus fez garante dos juramentos solenes pronunciados pelos deuses, v. *supra*, **Lib.** 2, 294, p. 20 e n. 2.

8- Francisco Gentil, segundo A. Moreira de Sá (*op. cit.*, p. 259) surge pela primeira vez no *Auctarium* a 18 de Outubro de 1516, sendo já então lente da Universidade. Registado como bacharel a 29 de Maio de 1518, opôs-se, nessa mesma data, à cadeira de véspera de Cânones, sendo para ela eleito a 17 de Julho desse ano. A 18 de Outubro do ano seguinte, surge como lente deputado. Aparecendo pela primeira vez como licenciado a 29 de Abril de 1521, opôs-se como tal à cadeira de prima de Leis, lugar para o qual não foi, contudo, eleito. Surgindo como lente deputado a 18 de Outubro de 1524, o termo regista-o, pela primeira vez, com o grau de Doutor «E de 18 de Outubro de 1525 em diante figura o seu nome na *tabula legentium* [...], como lente ordinário [...] e como lente deputado» (*idem, ibidem*, p. 259). Integrou Francisco Gentil, a 23 de Outubro de 1535 a comissão encarregada de pedir a D. João III que suspendesse a mudança da Universidade para Coimbra. Barbosa Machado nada diz a seu respeito e o *HISLAMP*A não aponta nenhuma obra da sua autoria.

9- De acordo com as informações coligidas do *Auctarium* por A. Moreira de Sá (*op. cit.*, p. 260), Mestre Francisco de Monçon, uma figura de grande nomeada, espanhol de origem, foi designado para a cadeira de prima de Teologia por alvará de D. João III de 13 de Setembro de 1535, sendo ordenado, a 26 de Outubro seguinte, que, enquanto fosse lente, Mestre Monçon tivesse assento na Universidade. A partir de 10 de Novembro de 1535, Mestre Francisco de Monçon surge na *tabula legentium* como teólogo, passando a tomar parte nos conselhos da Universidade de Lisboa a 20 de Novembro desse ano. Barbosa Machado nada diz a seu respeito e o *HISLAMP*A não refere obra alguma da sua autoria.

#### **Página 396**

1- Na poesia de Jerónimo Cardoso, o nome *Tonans*, «Senhor do Raio», tanto designa o antigo senhor do Olimpo (cf. *supra*: «*uerum placare Tonantem/ Victima parua solet, thurisque minutus aceruus*», vv. 89-90, p. 394) como, no caso presente, o Deus cristão. Sobre o uso deste epíteto em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ap.** 3, 21, p. 10, n. 4.

2- Trata-se, segundo informações apuradas do *Auctarium* por A. Moreira de Sá (*op. cit.*, p. 260), de Gonçalo de Santa Cruz. Surgindo como bacharel num termo de 27 de Janeiro de 1530, figura como licenciado a 27 de Janeiro de 1532. Um termo de 24 de Fevereiro desse ano regista um alvará régio que o nomeia lente deputado. Eleito para a cadeira de véspera de Leis a 18 de Outubro de 1532, pede licença para tomar o grau de licenciado a 4 de Outubro de 1533, a fim de aceder ao exame privado, e, doutorando-se em Leis a 9 de Novembro desse ano, fez o dito exame privado em Direito Civil poucos dias depois, a 25 e 26 desse mês. De acordo com a mesma fonte, o nome de Gonçalo de Santa Cruz figura como legista na *tabula legentium* de 21 de Janeiro de 1534. Barbosa Machado nada escreve acerca desta figura e o *HISLAMP*A não lhe atribui obra nenhuma.

3- A uma expressão comparável recorre Jerónimo Cardoso, perto do termo da sua oração de sapiência, nas palavras com que exalta a figura de Jorge Fernandes, Reitor da Universidade de Lisboa (cf. *supra*: «Nec Athenarum Areopagum, aut Senensem Academiam admirari nos sinit», *Lib.* 18, p. 71).

4- Ou seja, no período de tempo em que o Sol se encontra na casa do signo de Câncer (ou Caranguejo). Este signo do Zodíaco define o espaço de tempo compreendido entre meados de Junho e meados do mês de Julho (dado que se reporta à antiga distribuição dos signos do Zodíaco, anterior à reforma do calendário ordenada pelo Papa Gregório XIII em 1582). Durante esses dias, o Sol, no seu movimento anual aparente, atinge um dos pontos da eclíptica mais afastados do equador celeste (o ponto solsticial de Junho), parecendo demorar-se aí por alguns dias e marcando assim, para o Hemisfério Norte, o início do Verão, a estação quente por excelência. Com esta expressão cronométrica, Jerónimo Cardoso pretende apenas enaltecer a brandura do clima de que desfrutava toda a região de Lisboa, onde estava então sediada a Universidade.

Relativamente ao género de perífrase presente neste passo e para outros exemplos paralelos tomados da poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *El.* 1, 21, 16, p. 291 e n. 5.

5- Sobre o Bóreas, vento gélido que sopra do Norte, muitas vezes sob a forma de uma tempestuosa invernia, e para as demais ocorrências do seu nome nos textos de Cardoso, v. *supra*, *Ap.* 1, 11, p. 3 e n. 6.

6- Cf. *supra*: «sed si mihi diua fecundos/ Aspices Zephyros, portu potietur amico/ Puppis», *Sil.* 10, 6-8, p. 392 e n. 4.

7- Designa o nome de Maroneia (em gr. Μαρόνεια) uma cidade da Trácia (a actual *Marona*), situada na margem setentrional do lago Ismaro, famosa, na Antiguidade, pela excelente qualidade dos seus vinhos (cf. Plínio-o-Antigo: «Vino antiquissimo claritas Maroneo in Thraciae maritima parte genito, ut auctor est Homerus. Neque enim fabulosa aut de origine eius uarie prodita consecramur, praeterquam Aristaeum primum omnium in eadem gente mel miscuisse uino, suauitate praecipua utriusque naturae sponte prouenientis», *N. H.*, 14, § 53, e ainda Tibulo, 4, 1, 57).

8- Cidade muito antiga, situada no território dos Samnitas, Venafró devia o seu renome ao excelente azeite que os seus olivais produziam. A tal azeite se referem, entre outros, Horácio: «hoc ubi confusum sectis inferbuit herbis/ Corycioque croco sparsum stetit, insuper addes/ pressa Venafranae quod baca remisit oliuae» (*Sat.*, 2, 4, 67-69); Plínio-o-Antigo: «principatum in hoc quoque bono obtinuit Italia e toto orbe, maxime agro Venafrano eiusque parte quae Licinianum fundit oleum, unde et Licinia gloria praecipua oliuae» (*N. H.*, 15, § 8) e Juvenal: «ipse Venafrano piscem perfundit» (5, 86).

9- Actualmente designado pelo nome de Cinifo ou Wady Khahan, o rio Cinife (em gr. Κίνυψ ou Κίνυφος) corria entre as duas Sirtes, região da Líbia a cuja fertilidade aludem explicitamente Ovídio («Cinyphiae segetis citius numerabis aristas», *Pont.*, 2, 7, 25) e Pompónio Mela («ultra est Oea oppidum et Cinyps fluuius per uberrima arua decidens», 1, § 37), entre outros.

#### Página 397

1- Designando originariamente os habitantes da cidade sabina de Cures, o nome «Quirites» aplica-se aos Sabinos que se fundiram com a população de Roma, pelo que o termo se aplica, de um modo genérico, aos Romanos (cf. Sérvio: «PRISCIQVE QVIRITES id est Sabini. prisci autem ideo, quia post foedus Titi et Romuli placuit ut quasi unus de duobus fieret populus: unde et Romani Quirites dicti sunt, quod nomen Sabinorum fuerat a civitate Curibus, et Sabini a Romulo Romani dicti sunt», *lib.* 7, *comm. ad uersum* 710).

Para uma outra alusão aos Romanos feita com recurso a este termo, v. *infra*: «Quo uel Plaute tibi uel quo ingeniose Terenti/ Perfusi salibus quondam plausere Quirites» (*Sil.* 16, 155-156, p. 416).

2- Relativamente ao mítico jardim das Hespérides, que se situava no Extremo Ocidente e onde se produziam maçãs de ouro que concediam a imortalidade a quem delas provasse, v. *supra*, *El.* 1, 29, 50, p. 311 e n. 10.

3- Sobre os jardins de Alcínoo, rei dos Feácios que governava sobre Esquéria (identificada, em tempos antigos, com Corcira, a actual Corfu), ilha de uma fertilidade proverbial, v. *supra*, **El. 1**, 29, 49, p. 311 e n. 9.

#### Página 398

1- Acerca do médico Luís Pires, irmão de Manuel Pires e amigo chegado dos irmãos Sanches, bem como sobre os restantes textos trocados entre ele e Jerónimo Cardoso e a sua possível sequência cronológica, v. *supra*, **Ep. 30**, p. 137, n. 1.

2- Variante das expressões latinas que Horácio utiliza para aludir tanto a Mecenas como a Virgílio, a quem estava ligado por uma sólida relação de amizade. Sobre este assunto e para as demais ocorrências de tal género de expressão na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **El. 1**, 21, 36, p. 292 e n. 3.

3- Trata-se do grupo das nove Musas, entidades a quem esta célebre fonte do Santuário de Delfos estava consagrada. A tal respeito, v. *supra*, **Lib. 9**, 1, p. 26 e n. 1.

4- Ou seja, a poesia antiga, aqui designada metaforicamente pelo nome de «néctar», bebida dos deuses que, por antonomásia, constituía o mais doce dos alimentos. A este respeito v. *supra*, **Ep. 33**, p. 143, n. 3.

5- Sobre os Sármatas, aguerridos povos nómadas de raça indo-iraniana que se estabeleceram na região das estepes e de que uma tribo (os Alanos) havia de invadir a Península Ibérica, mergulhando no caos o que antes fora uma próspera região do Império Romano, v. *supra*, **El. 1**, 6, 34, p. 263, n. 2.

6- Cf. *infra*: «tunc nobis solitam reuocare palaestram/ Fas erit, atque oleo penitus labente perungi», **Sil. 11**, 29-30, p. 398 e n. 8.

7- Literalmente, «o que é elevado até ao céu». Acerca deste tipo de expressão, suas fontes clássicas, ocorrências e variantes nos escritos de Jerónimo Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, **Ep. 17**, p. 109 e n. 2.

8- Isto é, quando, por alturas do equinócio do Outono, se retomarem as actividades lectivas. Servindo-se de uma expressão cronométrica de referente astronómico, Jerónimo Cardoso alude ao momento em que o Sol, no seu movimento anual aparente, atinge um dos pontos equinociais em que a eclíptica corta o Equador, originando assim os dois dias dos equinócios, que, por o círculo de iluminação da Terra passar então pelos pólos, têm duração igual às noites. Nessa altura o Sol encontra-se na casa da Balança, signo que, anteriormente a 1582, data da reforma do calendário ordenada pelo Papa Gregório XIII, se situava entre meados de Setembro e meados de Outubro.

Este signo, que não constava na lista primitiva, constituída por apenas onze constelações, todas elas representativas de uma forma animada (daí a etimologia do nome *Zodiaco*), deve ter sido introduzido por Hiparco para simbolizar a igualdade dos dias e das noites no equinócio de Outono (a mesma imagem a que Jerónimo Cardoso recorre neste passo), possivelmente por tal astrónomo reconhecer a superioridade do número duodecimal relativamente ao undecimal. As estrelas constitutivas da constelação de Balança integravam anteriormente a do Escorpião, correspondendo às suas pinças.

Sobre a este género de perífrase e para outros exemplos presentes na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **El. 1**, 21, 16, p. 291 e n. 5.

9- Cf. *supra*: «scito abstinuisse diurna/ Qua premor et crucior (puto nosti Pyrrhe) palaestra» (**Sil. 11**, 26-27, p. 398). Sobre a metáfora presente nestes passos, um motivo, recorrente nos escritos de Cardoso, que se pode definir como «milícia do saber», v. *supra*, **Ep. 49**, p. 177 e n. 6.

#### Página 399

1- Ou seja, a Zeus, senhor do Olimpo, deus aqui designado pelo epíteto latino *Tonans*, «Senhor do Raio», o qual, no latim dos humanistas, designa frequentemente o Deus cristão. Sobre o uso deste epíteto em Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Ap. 3, 21, p. 10, n. 4.

2- Alusão aos célebres Jogos Olímpicos, celebrados de quatro em quatro anos em honra de Zeus e que, segundo cálculos gregos, datariam de 776 c. C. Proclamadas tréguas sagradas por arautos enviados desde Olímpia, quando se aproximava o mês de Agosto, os Jogos, que contavam com a participação de representantes vindos de todos os pontos do Mundo Grego (ditos, por isso, Pan-Helénicos), tinham uma duração de cinco dias, pelo menos desde 472 a. C., e neles eram disputadas catorze provas (equestres, de corrida, de luta, de pugilato, de pancrácio e o pentatlo). Aos atletas vencedores cabia como prémio uma coroa de oliveira brava ou azambujeiro e o reconhecimento por parte da sua cidade. Sobre este assunto, v. M. H. Rocha Pereira, *op. cit.*, 1988<sup>6</sup>, pp. 324-333.

3- Ou seja, na época do ano que, no Hemisfério Norte, regista as temperaturas mais elevadas. Tal época surge aqui designada com recurso a uma expressão cronométrica que alude ao período em que Sirius (a Canícula, estrela da constelação do Cão) está em conjunção com o Sol, período esse que coincide com o espaço de tempo ocupado pelo signo de Leão (fixado, no tempo de Jerónimo Cardoso, entre meados de Julho e meados de Agosto). Acerca deste género de fórmula perifrástica e para outros exemplos análogos constantes nos versos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, El. 1, 21, 16, p. 291 e n. 5.

4- Sobre os Garamantes, uma etnia guerreira que se encontrava estabelecida no interior de África, para além do território ocupado pelos Gétulos, v. *supra*, El. 2, 5, 24, p. 322 e n. 5.

5- Mítico fundador da colónia de Cirene, na Líbia, Bato integra o grupo dos «Mínias», dado ser filho de Polimnesto, descendente de Eufemo, um dos Argonautas. Com os seus companheiros, emigrou de Lemnos para a Lacedemónia e, seguindo o lacedemónio Teras, veio a instalar-se na ilha de Tera. A tradição mais difundida a seu respeito afirma que Bato seria apenas o cognome dado a este herói por ele ser gago (chamar-se-ia, na realidade, Aristóteles ou Aristeu). Heródoto afirma que o nome «Bato» significa «rei» em língua líbia e Pausânias conta que o herói, depois de ter fundado Cirene, terá recuperado o pleno uso da fala.

6- Ao longo de todo este passo (vv. 60-62), Jerónimo Cardoso alude explicitamente às dificuldades económicas por que passava, na sua precária situação de mestre-escola, ele que fora, em tempos, o primogénito de uma casa abastada. Para outros passos da sua obra contendo idênticas alusões, v. *supra*, El. 1, 29, 104, p. 313, n. 9.

#### Página 400

1- Constituem estas palavras uma elaboração cardosiana do princípio definido no célebre adágio latino «mens sana in corpore sano», segundo o qual uma boa educação visa um completo desenvolvimento tanto intelectual como físico, sendo este uma condição indispensável para aquele. Embora tais palavras se possam interpretar como uma exortação a que se evite a fadiga excessiva nos estudos em detrimento da saúde física, Cardoso, neste passo, segue de perto o pensamento de Juvenal, autor que formula o seguinte conselho: «orandum est ut sit mens sana in corpore sano. fortem posce animum mortis terrore carentem,/ qui spatium uitae extremum inter munera ponat/ naturae, qui ferre queat quoscunque dolores,/ nesciat irasci, cupiat nihil, et potiores/ Herculis aerumnas credat saeuosque labores/ et uenere et cenis et pluma Sardanapalli» (10, 356-362). Sobre este assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 357, p. 167.

2- Modernamente designado pelo nome de Jeloum, o Hidaspes (em gr. Ὑδάσπησ), um afluente do rio Indo, era conhecido pelas riquezas que as suas águas arrastavam. A elas se referem autores como Séneca («has aluít altum gurgitem tigris premens,/ danuuius illas, has per arentes plagas/ tepidis hydaspes gemmifer currens aquis,/ nomenque terris qui dedit baetis suis/ hesperia pulsans maria languenti uado», *Med.*, 723-727), P. Papínio Estácio («ceu modo gemmiferum thyrsu populatus Hydaspem/ Eoasque domos nigri uexilla triumpho/ Liber et ignotos populis ostenderet Indos», *Theb.*, 8, 237-239) e Cláudio Claudiano («te uel Hyperboreo damnatam sidere Thylen,/ te uel ad incensas Libyae comitabor harenas/ Indorum si

stagna petas rubrique recessus/ litoris, auriferum ueniam poturus Hydaspen», *In Rufin.*, 2, 240-243), entre outros.

3- A noção da transitoriedade dos bens materiais, indissociavelmente ligada a uma valorização do património intelectual e espiritual do indivíduo, constitui um motivo abordado por Cardoso em vários pontos da sua obra. Para outros passos paralelos, v. *supra*: «Nam aurum, argentum, ebur, gemmae, et reliquae id genus diuitiae post nos, alios atque alios dominos sortiuntur: nec unquam norunt diu apud quemquam immorari, sed huc atque illuc tamquam in talari ludo uagantur. Sapientia uero uestra nunquam esse desinet, si semel coeperit, eamque ne mors quidem adimet» (*Lib.* 18, p. 70); «Vt mores tenera imbiberes aetate pudicos,/ Meque duce Aonidum sacraria nota subires,/ Formaremque animum tenerum os linguamque polirem,/ Exemploque meo studiorum ferre labores/ Scires, ille quidem has stabiles uerasque putabat/ Diuitias, quae cum domino pereunte natarent» (*Sil.* 7, 40-45, p. 385) e «pereunt nam cetera praeter/ Ingenii florentis opes, quas qui tenet, ille/ Fortuna spernet ludibria plena doloris,/ Diuitiasque Midae uel Croesi despuet aurum,/ Viuet et aeternum felix» (*Sil.* 14, 50-54, p. 406) e ainda *Lib.* 2, 125-135, p. 14.

#### Página 401

1- Sobre o destinatário da presente silva, Inácio de Morais, mestre de Humanidades que desenvolveu a sua actividade em Lisboa, Sintra, Guimarães e Coimbra, e sobre os demais textos que, trocados entre ele e Jerónimo Cardoso, dão testemunho de uma sólida relação de amizade, v. *supra*, *Ep.* 33, p. 143, n. 1.

2- Alusão ao arco-íris, fenómeno atmosférico que toma o nome de Íris, filha de Taumante e de Electra e mensageira dos deuses, que se apresenta como figura alada vestindo uma túnica que, ao Sol, se torna irisada. A seu respeito, v. *supra*, *Sil.* 6, 63, p. 382 e n. 1.

3- Brisa primaveril, procedente do quadrante Oeste e igualmente chamada pelo nome gr. de Zéfiro. Acerca do Favónio e para outras referências a este vento nos escritos de Cardoso, v. *supra*, *Ap.* 1, 11, p. 3 e n. 5.

4- Vento procedente de Setentrião, o Bóreas, também conhecido pelo nome latino de *Aquilo*, sopra com particular ímpeto na estação fria, sendo-lhe, portanto, atribuída a queda das folhas das árvores. A seu respeito v. *supra*, *Ap.* 1, 11, p. 3 e n. 6.

5- Cf. *infra*: «Quid mirum triplici decorati numine uersus/ Si laudem uatum possint abolere priorum », *Sil.* 12, 18-19, p. 401 e n. 9.

6- Nome de uma das três Cárites (a que Cardoso alude chamando-lhes «nudas [...] sorores»), Pasíteia era igualmente conhecida pelo nome de Eufrosina. Sobre estas três irmãs, divindades que tinham por função espalhar alegria nos corações de deuses e de mortais, v. *supra*, *Lib.* 6, 2, p. 24 e n. 3.

7- Ou seja, com todo o encanto próprio desta divindade. Nome de um monte e cidade na ilha de Chipre, Idálio devia a sua celebridade ao culto aí prestado à deusa do amor (cf. *supra*, *Lib.* 12, 1, p. 34 e n. 2).

8- Trata-se de Atena, deusa da sabedoria e da guerra, aqui designada como «Tritónia», sobrenome de Palas, a jovem filha do deus Tritão, com a qual Atena teria sido criada e de cuja morte accidental teria sido a causadora (cf. *supra*, *Lib.* 2, 36, p. 11, n. 10). Para uma outra alusão a esta divindade, feita com recurso ao mesmo termo, v. *supra*, *El.* 2, 12, 55, p. 338 (poema de Pedro Sanches).

9- Cf. *supra*: «Tot peterere tui Ignati doctissime uersus/ Gaudia» (*Sil.* 12, 7-8, p. 401). Aludem estas palavras de Cardoso a uma composição poética recebida de Inácio de Morais que, em função dos dados disponíveis, não se pode identificar com nenhum dos textos subsistentes. Para os demais textos trocados entre estes dois autores e para uma reconstituição possível da sua sequência cronológica, v. *supra*, *Ep.* 33, p. 143 e n. 1.

10- Alusão a Diana, dita *triplex numen* por se revestir de uma tripla forma, ao identificar-se, por sincretismo, com a Lua e com Hécate (cf. Ovídio: «Per triplicis uultus arcanaque sacra Dianae», *Her.*, 12, 79), razão pela qual é por vezes qualificada, pelos autores antigos, com os adjectivos *triceps* (cf. Ovídio: «Tuque triceps Hecate», *Met.*, 7, 194) e *triformis* (cf. *idem*: «per sacra triformis/ ille deae» *ibidem*, 7, 94-95 e Horácio: «Montium custos nemorumque, Virgo,/ quae laborantis utero puellas/ ter uocata audis adimisque leto,/ diua triformis», *C.*, 3, 22, 1-4).

11- Sobre Tâmiras, figura mítica a quem se atribuíam diversas inovações na arte da Música e vários poemas e que teria até entrado em competição com as Musas (daí que Cardoso lhe chame *demodicus*, ou seja, «imoderado»), v. *supra*, *Lib.* 18, p. 53 e n. 7.

12- Aludem estas palavras, por metalepse, à poesia de Orfeu, poeta mítico de origem trácia (dado que os Getas, povo bárbaro particularmente aguerrido, pertenciam ao grupo das tribos trácias). Sobre Orfeu, v. *supra*, *Lib.* 11, 22, p. 29, n. 4; a respeito dos Getas, v. *supra*, *Ep.* 35, p. 147, n. 1. O plectro, como acima se referiu (cf. *supra*, *Lib.* 2, 16, p. 10, n. 2), consistia numa varinha de marfim ou tartaruga, usada para fazer vibrar as cordas da lira.

Para uma alusão paralela, v. *supra*: «Quis quaeso imposuit male grata silentia plectro/ Quo Geticam poteras aequiparare chelyn» (*El.* 1, 14, 5-6, p. 277).

13- Ou seja, fazer sair Apolo do Santuário de Delfos, ao qual esta divindade presidia e que se localizava perto da antiga cidade de Cirra. A tal respeito, v. *supra*, *Mon.* 1, 14, p. 219, n. 3.

14- Alusão a Pã, deus que, tal como Júpiter, era objecto de veneração no Liceu (em gr. Λυκαῖος, montanha da Arcádia, modernamente designada pelo nome de Dhiaforti) e que, por essa razão, surge por vezes qualificado com o epíteto de *Lycaeus* (cf. Calpúrnio Sículo: «Numine Caesareo securior ipse Lycaeus/ Pan recolit siluas», *Ecl.*, 4, 132-133). Para uma referência ao Liceu como uma montanha gelada, v. Virgílio: «illum etiam lauri, etiam fleuere myricae,/ pinifer illum etiam sola sub rupe iacentem/ Maenalus et gelidi fleuerunt saxa Lycaei» (*Ecl.*, 10, 13-15), entre outros.

15- Designa o epíteto de Brómio (do gr. Βρόμιος, «o barulhento») o deus Dioniso, pelo facto de os festivais consagrados a esta divindade serem particularmente ruidosos.

Nisa (em gr. Νῆσα), uma das ninfas que terão cuidado de Dioniso durante a sua infância e que por vezes era considerada filha de Aristeu, deu o seu nome a uma cidade da Índia situada no monte Meros, onde os Antigos acreditavam que esta divindade tinha nascido (cf. Lucano: «si tota est Herculis Oete/ et iuga tota uacant Bromio Nyseia, quare/ unus in Aegypto Magni lapis?», 8, 800-802). Como as restantes amas do deus, Nisa, a pedido deste, terá sido rejuvenescida por Medeia.

Para uma alusão a Dioniso, feita através de uma referência à cidade (e monte) de Nisa, v. *infra*, «At deus excelso residens in uertice Nysae» (*Sil.* 15, 57, p. 408).

#### Página 402

1- Variante da expressão latina *humi serpere*, que Cardoso regista e comenta no seu *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 84-v.º. Sobre as fontes clássicas desta expressão (atestada, com a presente forma, em Plínio-o-Antigo, *Naturalis Historia*, 16, § 152) e para as suas demais ocorrências nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, *Ep.* 29, p. 135, n. 3.

#### Página 403

1- Escasseiam os dados que permitam identificar de um modo conclusivo o destinatário da presente silva, pelo que, na sua abordagem, apenas se poderão salientar as informações veiculadas pela presente composição. Este Gameiro, de quem se desconhece o primeiro nome, seria, como refere Cardoso, um companheiro de velha data (cf. *infra*: «ueterem [...]sodalem», v. 15) que, vivendo embora não muito longe do Humanista (cf. *infra*: «Vrbs eadem tenuit, quorum utraque tecta uolante/ Contingi poterant nec cursum implente sagitta», vv. 10-11), não teve o cuidado de lhe dirigir um convite para que assistisse aos seus esponsais, fornecendo assim um pretexto para as queixas que constituem o assunto deste poema.

Não obstante a falta de cortesia de que deu mostras, Jerónimo Cardoso termina a composição expressando os melhores votos de felicidade.

2- Cadeia montanhosa onde nasce o rio Tanais, os montes Rifeus situavam-se no extremo Norte do território ocupado pelos Citas, sendo conhecidos pelo seu clima particularmente inóspito (cf. Virgílio: «solus hyperboreas glacies Tanaimque niuaem/ aruaque Riphaeis numquam uiduata pruinis/ lustrabat raptam Eurydicen atque inrita Ditis/ dona querens», *Geor.*, 4, 519-520 e Séneca: «scandite colles/ semper canos niue riphaea», *Phaedr.*, 8-9, entre outros).

3- Ou, dito por outras palavras, não o impedindo a inclemência do calor estival. A presente alusão de Jerónimo Cardoso, feita por meio de uma expressão cronométrica, refere-se explicitamente ao período em que a Canícula (ou seja, Sírius, uma estrela da constelação do Cão) se encontra em conjunção com o Sol, período que corresponde ao espaço de tempo ocupado pelo signo de Leão (fixado, antes da reforma do calendário ordenada por Gregório XIII, entre meados de Julho e meados de Agosto).

Relativamente a este género de perífrase e para outros exemplos similares constantes na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *EL*, 1, 21, 16, p. 291 e n. 5.

4- Nome de um banco de areia situado ao largo da província Cirenaica, na costa Norte de África, a Sirte (em lat. *Syrtis Maior*) constituía um perigoso obstáculo à navegação marítima. A seu respeito, v. *supra*, *Inst.*, 1, 10, p. 243 e n. 4.

5- A respeito destes dois povos bárbaros, os Getas e os Dácios (este tão estreitamente aparentado com aquele que não se pode estabelecer entre ambos uma divisão segura: um e outro integravam o grupo das tribos trácias; falavam a mesma língua e partilhavam das mesmas crenças religiosas), e para as demais referências ao primeiro nos escritos de Cardoso, v. *supra*, *Ep.*, 35, p. 147 e n. 1.

6- Denota o presente hexâmetro a influência do seguinte passo de Ovídio: «hoc ego si patiar, tum me de tigride natam./ tum ferrum et scopulos gestare in corde fatebor» (*Metamorphoses*, 7, 32-33). Nos textos de Jerónimo Cardoso, os tigres surgem normalmente como símbolo da máxima ferocidade (cf. *supra*, *Lib.*, 2, 234, p. 18 e n. 1).

#### Página 404

1- Filho de Feres e de Periclímene e rei de Feras, na Tessália, Admeto teria conseguido a mão de Alceste, filha de Pélias, rei de Iolco, ao apresentar a seu sogro, por mercê de Apolo (a quem servira como boieiro), um carro tirado simultaneamente por um leão e um javali. Depois, o mesmo deus pediu aos Destinos um favor para Admeto: que este não morresse no dia fixado pela sorte se acaso encontrasse alguém disposto a morrer em seu lugar. Chegado o dia da morte de Admeto, apenas Alceste, que amava ternamente o marido, aceitou sacrificar-se por ele, resignando-se a morrer.

Hércules, que por acaso estava de passagem por Feras na altura da morte da rainha, procurou saber qual a causa dos lamentos que enchiam o palácio. Uma vez inteirado, desceu aos Infernos e lutou com a própria Morte, conseguindo recuperar Alceste, que voltou à vida mais jovem e bela do que nunca.

2- Mulher de uma coragem exemplar, Pórcia, filha de Marco Pórcio Catão (dito «de Utica» por causa da sua celebrada morte) e mulher de Marco Júnio Bruto (filho de Servília, meia-irmã de Catão de Utica e mulher de Marco Bruto), amigo íntimo de Cícero e um dos assassinos de Júlio César, ao ser informada da morte do seu amado marido em Filipos e não podendo encontrar uma arma com que o seguisse, terá perguntado: «Nondum scitis [...] mortem non posse negari?! credideram fati hoc docuisse patrem» (Marcial, 1, 42, 3-4). Tomou então alguns carvões em brasa e devorou-os (episódio igualmente relatado por Valério Máximo, 4, 6, § 5). Num outro passo da sua obra, este mesmo autor relata um outro episódio que dá mostras do carácter muito pouco feminino desta personagem (*ibidem*, 3, 2, § 15).

3- Exemplo de uma fidelidade conjugal que a tudo resiste, até à desgastante passagem do tempo, Penélope, esposa de Ulisses, filho de Laertes, ter-se-á conservado fiel ao seu marido durante os longos vinte anos da sua ausência de Ítaca (os dez que durou a Guerra de Tróia e os outros dez em que Ulisses andou errante), recusando os instantes pedidos dos seus numerosos pretendentes. Inventou para tal o

célebre estratagemas da teia: aceitaria casar com um dos pretendentes logo que acabasse de tecer a mortalha de Laertes, na qual trabalhava com afinco durante o dia. Durante a noite, porém, à luz das tochas, desfazia o trabalho que antes fizera. Penélope conseguiu manter o embuste durante três anos, até ser traída por uma escrava. Quando Ulisses regressou, Penélope somente o reconheceu no estranho que via diante de si, quando este conseguiu vencer os demais pretendentes numa prova de perícia: fazer passar uma seta pelo orifício de vários machados perfeitamente alinhados, desafio que Ulisses venceu, e quando este lhe revelou o segredo da fabricação do leito conjugal, que ele próprio, muitos anos antes, tinha construído.

4- Filha de Acasto, Laodamia, esposa de Protesilau, nutria pelo seu marido um profundo amor. Tinham pronunciado os votos matrimoniais havia pouco e nem todos os sacrifícios rituais tinham sido realizados quando Protesilau partiu para a Guerra de Tróia. Como punição por um casamento não completamente celebrado, Protesilau foi o primeiro herói grego a tombar. Ao ser informada da sua morte, Laodamia pediu aos deuses que lhe restituíssem o marido pelo espaço de três horas (este, por seu turno, antes de morrer, formulara uma prece semelhante). Realizados os seus desejos e quando o breve tempo se escoou, Protesilau teve de baixar novamente ao Hades, mas Laodamia acompanhou-o no Além, suicidando-se nos seus braços.

Outra versão do mito conta que Laodamia fabricara em cera a efígie do marido e costumava abraçá-la em segredo. Seu pai, porém, apercebendo-se disso, resolveu atirar a figura para uma fogueira: Laodamia seguiu-a, morrendo queimada.

5- Filha de Eécion, rei de Tebas na Mísia, cidade que foi destruída por Aquiles, Andrômaca contraíra matrimônio com Heitor, filho de Príamo, o mais valoroso dos príncipes de Tróia, a quem dera um único filho, Astianax. Esposa dedicada, Andrômaca preparava todos os dias um banho para que, ao regressar do combate, o seu marido se pudesse restabelecer. Certo dia, porém, estando Heitor na frente de batalha, Andrômaca sentiu que tal cuidado não seria já necessário. Correu então, com o filho e uma ama, para o cimo das muralhas, onde tem lugar a pungente despedida dos dois esposos, episódio dramático relatado por Homero (*Od.*, 6, 482-493). De regresso ao combate, Heitor encontra a morte às mãos de Aquiles, guerreiro que, no assalto à cidade de Tebas, tinha já morto o pai e os sete irmãos de Andrômaca.

6- Filho de Hipónomo, Capaneu integra o grupo dos príncipes de Argos que tomaram parte na expedição dos Sete contra Tebas. Dotado de um carácter violento e de proporções agigantadas, não mostrando qualquer temor pelos deuses, Capaneu lançou-se contra a cidade no primeiro assalto, com a intenção de escalar as suas muralhas e de a incendiar, apenas um raio enviado por Zeus o detém e mata. Evadne, filha de Ífis e sua esposa, que por ele nutria uma singular afeição, ter-se-á lançado sobre a pira funerária em que o cadáver do marido era incinerado.

7- A respeito de Lucrecia, a bela e virtuosa mulher de Lúcio Tarquínio Colatino que, ultrajada por Sexto Tarquínio, filho de Tarquínio, o Soberbo, preferiu suicidar-se, originando assim a revolta que culminou no estabelecimento da República Romana, v. *supra*, *Sil.* 10, 33, p. 304 e n. 2.

8- Árria, mulher de Cecina Peto, distinguiu-se pela extrema fortaleza do seu temperamento. Plínio-o-Moço consagra uma carta inteira à exaltação desta personagem (*Ep.*, 3, 16), sendo a sua figura ainda lembrada por Marcial (1, 14) e por Tácito (*Ann.*, 16, 34). Estando doentes o seu marido e o seu filho e falecendo este, Árria ocultou ao primeiro a morte do segundo. Depois, condenado Cecina Peto à morte, pela sua implicação na conjura de Escriboniano contra Cláudio, acompanhou-o desde a Ilíria até Roma, seguindo num pequeno barco o grande navio onde o marido era transportado. Condenado este ao suicídio, Árria tomou um punhal, feriu o seu próprio peito, estendeu a arma ao marido e exortou-o, dizendo-lhe: «Paete, non dolet».

9-

10- Sobre a união entre Júlia, filha de Júlio César, e Pompeu (aqui referido pelo seu título de Magno), v. *supra*, *Sil.* 10, 31, p. 393 e n. 1.

Página 405

1- A respeito de Aquiles Estaço, o aluno de Jerónimo Cardoso com maior projecção internacional no campo da Filologia Clássica, v. *supra*, **El. 2, 8**, p. 331, n. 1.

2- Acerca do Himeto, montanha da Ática, célebre desde tempos antigos, pelo mel que as suas abelhas produziam, v. *supra*, **Lib. 16, 56**, p. 38 e n. 4.

3- Sobre o Hibla, monte da Sicília, famoso entre os Antigos pelas suas flores e pela sua produção de mel, v. *supra*, **El. 1, 24, 44**, p. 300, n. 4. Para uma primeira referência conjunta a estas duas montanhas (o Himeto e o Hibla), v. *supra*: «Et quod Hymettos olet, quidquid et Hybla sapit» (**El. 2, 5, 52**, p. 323).

4- As ervas da Sardenha tinham um sabor tão amargo que provocava, em quem delas provasse, um ricto semelhante ao riso, sendo tal a origem da conhecida expressão «riso sardónico» (cf. Virgílio: «Immo ego Sardoniis uidear tibi amarior herbis», *Ecl.*, 7, 41).

5- Alusão a uma composição em dísticos elegíacos, dedicada por Aquiles Estaço a Cardoso, seu antigo professor, que não consta em nenhuma das colectâneas deste, não havendo sequer, a seu respeito, quaisquer outras informações, para além das que presente silva proporciona. Nesta, Cardoso dirige-se a Aquiles Estaço com manifesta deferência, percebendo-se que este seu antigo aluno já tinha criado fama, ao passo que, num poema anteriormente dirigido a Aquiles Estaço (cf. *supra*, **El. 2, 8**, p. 331) uma abordagem inocente deixa entrever um mestre a repreender, com brandura, um defeito de um aluno. Nos versos a que a presente composição responde já todo talento poético de Aquiles Estaço brilhava e o antigo mestre, orgulhoso da sua obra, exorta-o a aperfeiçoar-se ainda mais.

6- Cf. *infra*: «cum semina primus/ Ipse tibi dederim, seges unde opulenta uenirat», **Sil. 14, 44-45**, p. 406 e n. 6.

7- Relativamente aos jardins de Alcínoo, mítico rei dos Feácios, habitantes da ilha de Esquéria (que os Antigos identificavam com Corcira, a actual Corfu), famosos por produzirem duas vezes ao ano, v. *supra*, **El. 1, 29, 49**, p. 311 e n. 9.

8- Sobre o mítico jardim das Hespérides, que estava situado no Extremo Ocidente e no qual se produziam maçãs de ouro que concediam a imortalidade a quem delas provasse, v. *supra*, **El. 1, 29, 50**, p. 311 e n. 10.

9- Recorrendo a uma metáfora, Jerónimo Cardoso compara a doçura dos versos recebidos com o néctar, que os Antigos acreditavam ser a bebida dos imortais e o melhor dos alimentos. A seu respeito, v. *supra*, **Ep. 33**, p. 143, n. 3.

10- Uma das nove Musas, Talia recebeu como domínio, na época alexandrina, a poesia ligeira e a comédia, razão pela qual o seu nome ocorre com frequência nos versos de Cardoso. A seu respeito e para outras referências a esta figura, v. *supra*, **El. 1, 18, 1**, p. 286, n. 2.

11- Ou seja, ao Deus criador de todo o Universo, referido neste passo por meio do nome *Tonans*, «Senhor do Raio», antigo epíteto de algumas divindades pagãs que, no latim dos humanistas designa frequentemente o Deus cristão. Sobre este assunto, v. *supra*, **Ap. 3, 21**, p. 10, n. 4.

12- Designação poética do Sol, astro que, na poesia de Jerónimo Cardoso, surge normalmente referido pelo nome de «Titã». A tal respeito, v. *supra*, **Lib. 2, 70**, p. 12 e n. 4.

13- Trata-se da Lua, aqui designada pelo nome de «Febe», um antigo epíteto de Ártemis correspondente ao do deus Apolo, seu irmão (Febo). Sobre este epíteto e o seu uso na poesia de Cardoso, v. *supra*, **El. 1, 24, 57**, p. 301, n. 4.

14- Ou, dito de outro modo, «assim tu me cobres de glória». Acerca deste tipo de expressão, alguns exemplos colhidos em autores clássicos e o seu aproveitamento nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ep. 17**, p. 109 e n. 2.

15- Encerra este verso uma variante de uma expressão antiga documentada em alguns autores clássicos (casos de Cícero e de Amiano Marcelino) bem como nos escritos de Jerónimo Cardoso. A seu respeito, v. *supra*, Ep. 28, p. 132, n. 6.

Por outro lado, todo o desenvolvimento dos vv. 20-25 da presente silva lembra um passo de uma carta dirigida por Cardoso a André Taveira, seu antigo aluno (cf. *supra*: «Nam quemadmodum earum rerum fructus nobis iucundiores suauioresque uideri solent: quae Marte nostro laboreque assiduo partae quaesitaeque sunt ita me miris modis recreauit refecitque dulcis epistulae tuae lectio, cum ab isto felici perspicuoque ingenio emanasset, in quo fingendo poliendoque aliquantum a me elaboratum est» Ep. 45, p. 169).

### Página 406

1- Constituem estas palavras uma variante da expressão virgílica «Si parua licet componere magnis» (*Geor.*, 4, 176), por meio da qual se estabelece um paralelo entre as actividades das abelhas de Cécrops e as dos Ciclopes, quando estes se ocupam da preparação dos raios. Tendo adquirido valor proverbial, tal expressão usa-se quando, numa argumentação, se menciona um termo de comparação de nível superior (como é o caso) ou assim considerado por quem fala. Este motivo encontra larga difusão entre os autores antigos, como Cícero (*Or.*, 4, § 14; *Brut.*, 59, § 213; etc.), Virgílio (*Ecl.*, 1, 23) e Ovídio (*Met.*, 5, 416), para referir apenas três dos latinos. Para uma abordagem mais completa deste assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 87, p. 37.

2-Nascido a 15 de Dezembro de 37, filho de Agripina, a Menor, irmã de Calígula, Nero (Lúcio Domicio Enobarbo) sucedeu a Cláudio, subindo ao trono imperial com dezassete anos de idade. Tendo por preceptores o filósofo Séneca e Burro, prefeito do Pretório, Nero parece ter aproveitado inicialmente da esmerada educação recebida, assegurando uma governação estável durante os primeiros cinco anos do seu reinado. Durante esses anos, Séneca esteve ao seu lado como conselheiro, exercendo sobre ele a sua influência. Acabaria, no entanto, por se afastar, ao ver que lhe era impossível dominar os ímpetos do jovem imperador, e três anos volvidos, implicado na conjura dos Pisões, foi obrigado a suicidar-se, tal como Tácito descreve (*Ann.*, 15, §§ 60-64).

Para além da morte do mestre, o carácter sanguinário de Nero, que dava mostras de uma vaidade, luxúria, prepotência e grosseria sem limites, levou à morte de sua mãe, de Britânico, de Octávia e Popeia Sabina, de centenas de patrícios, cavaleiros e senadores. Moveu igualmente a primeira grande perseguição aos cristãos, que acusou de terem sido os causadores do incêndio de Roma de Julho de 64, sendo então executada uma inumerável multidão.

Em 68, perante a rebelião de vários chefes militares e a proscricção declarada pelo senado, Nero foge para os arredores de Roma, onde, vendo tudo perdido, se suicidou com a ajuda de um escravo, pronunciando as palavras: «Qualis artifex pereo!».

3- Trata-se obviamente de Sócrates, figura incontornável da Filosofia Grega. Ateniense de nascimento, filho do escultor Sofronisco e da parteira Fenareta, casou com Xantipa, de quem teve vários filhos. Viveu sempre na cidade onde nasceu, dela saindo apenas em serviço militar e numa única ocasião para ir ao Istmo. Julgado em tribunal, sob a acusação de introduzir novos deuses na cidade e de corromper a juventude (na realidade frequentava os lugares onde aparecia mais gente, interrogando as pessoas, sobretudo os jovens, numa busca conjunta da verdade), Sócrates foi sentenciado a morrer pela cicuta. Sendo-lhe oferecida a possibilidade de fuga da prisão por Críton (segundo o diálogo platónico homónimo), teria recusado, pois, defendendo sempre a unidade entre pensamento e acção (para ele, a verdadeira virtude), as leis da cidade, que lhe tinham servido toda a vida, não podiam ser agora desprezadas.

4- Alusão provável a Alcibiades, encarnação viva do egoísmo, sedução, sede de poder e ausência de escrúpulos. Nascido cerca de 451 a. C. de duas das mais nobres e abastadas famílias da Ática, ficou órfão aos quatro anos, sendo confiado à tutela de Péricles. Durante a sua juventude conviveu com Sócrates, ao lado de quem combateu em Politeia (em 432) e em Délio (424), sem que a influência moral do mestre conseguisse modificar o seu carácter. Depois de uma carreira política e militar particularmente turbulenta, em que mudou várias vezes de partido, associando-se aos seus adversários e lutando ora a favor, ora contra

a cidade de Atenas, acaba por ser condenado pelos trinta tiranos, vindo a ser liquidado na Ásia, em 404, pela acção conjunta de Persas e Espartanos.

5- Trata-se de Atenas, cidade fundada pelo mítico Cécrops (cf. *supra*, Lib. 16, 56, p. 38 e n. 4) onde o famoso Sócrates viveu e morreu.

6- Muitas vezes sintetizado em poucas palavras, o motivo já antes encontrado da «milícia do saber» (por meio do qual se estabelece um paralelo entre as actividades docente e militar) elabora-se ao longo destes cinco versos (vv. 38-42) pelo recurso a um símile plenamente desenvolvido. Para os restantes aproveitamentos deste motivo nos escritos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, Ep. 49, p. 177, n. 6.

7- Cf. *supra*: «Arboris agnoui fructum certe illius, olim/ Quam propria memini auriferi prope fluminis undas/ Inseuisse manu», Sil. 14, 11-13, p. 405. Através das presentes metáforas, Cardoso alude ao facto de ter sido o mestre de Latim do jovem Aquiles Estaço, algo que afirmara já no poema com que respondeu a um epigrama anteriormente recebido, ao dedicá-lo «Ad Achillem Statium Auditorem Suum» (cf. *supra*, El. 2, 8, título, p. 331).

O período em que Aquiles Estaço escutou as lições de Jerónimo Cardoso deve ser cronologicamente bastante recuado e, como tal, estar muito próximo da *Oratio pro Rostris* de Cardoso, pronunciada em 1536, dado que o jovem Aquiles Estaço, antes de sair de Portugal (em 1547 encontrava-se em Lovaina), ainda viria a escutar as lições de André de Resende, em Évora, e as de Martim Azpilcueta Navarro, em Coimbra.

8- Idêntica exortação ao estudo dirige Jerónimo Cardoso aos alunos da Universidade de Lisboa perto já do final da sua *Oratio pro Rostris* (cf. *supra*: «Nullum non diem modo, sed ne horam quidem praetermitti patiamini, in qua non de studiis, quae quisque sectabitur, diligenter disputetis» Lib. 18, p. 69).

9- Sobre o motivo subjacente a estes versos: a noção da transitoriedade dos bens materiais, e o seu aproveitamento na obra de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, Sil. 11, 70, p. 400, n. 3.

10- Rei da Frígia, Midas tinha o poder de transformar em ouro tudo quanto tocasse. A respeito desta figura bem como da fonte clássica da locução «Midae diuitiae», v. *supra*, Ep. 28, p. 132, n. 2.

11- Cresos, rei da Lídia entre 560 e 547 a. C., participou, durante o reinado de seu pai, Aliates, na expedição enviada por este contra os Cários. Durante o seu reinado tomou Éfeso, conquistando toda a Ásia Menor até ao Hális, com excepção da Lícia e da Cilícia. Confiante num ambíguo oráculo de Apolo, fez guerra contra os Persas, foi, porém, derrotado e feito prisioneiro. Sentenciado por Ciro a morrer queimado sobre uma pira ardente, teria, segundo Heródoto, invocado Sólon, que Ciro sabia estar associado à reflexão sobre a instabilidade da condição humana, pelo que o vencedor ordenou que as chamas fossem apagadas, operação que apenas se concluiu com a intervenção miraculosa de Apolo. Segundo Baquilides (*Odes*, 3), o seu sacrifício terá sido voluntário e a sua salvação resultado unicamente da intervenção do deus, que teria arrebatado Cresos para a região dos Hiperbóreos como prova de reconhecimento pelas muitas dádivas que este ofereceu ao Santuário de Delfos, dádivas essas de uma opulência tal que o nome de Cresos se tornou sinónimo de riquezas infundas. Segundo Heródoto, Cresos terá vivido os seus últimos anos nas cortes de Ciro e de Cambises, rodeado de grande estima.

#### Página 407

1- Figura enigmática cujo nome não surge em nenhum outro ponto da obra de Jerónimo Cardoso, sendo a presente silva o único texto que lhe é dedicado, deste *Theodorus poeta* apenas se pode dizer que era suficientemente importante para que Jerónimo Cardoso lhe dedicasse uma das suas mais extensas composições (totalizando cento e quinze versos, incluídos, além disso, no *Siluarum Liber Vnus* em lugar de destaque) e que era certamente muito jovem. Efectivamente, Cardoso refere-se-lhe chamando-o *iuuenis* quatro vezes (vv. 24, 33, 96, 110) e ainda «Lusiatae non ultima gloria pubis» (v. 19) e gasta a maior parte da composição a celebrar o seu nascimento (vv. 35-95), como se de um verdadeiro genétiaco se tratasse. Exalta ainda as suas qualidades como poeta (vv. 18-24 e 106-109) e até como orador (v. 105).

Nenhuma outra referência se descobre a um poeta de nome Teodoro e mesmo Pedro Sanches, ao enumerar sessenta poetas portugueses, seus contemporâneos, que escreveram em latim (na sua *Epistula ad Ignatium de Moraes*, também chamada *Carmen de Poetis Lusitanis*), nada diz a seu respeito. Tratar-se-á então, muito provavelmente, de um aluno de Jerónimo Cardoso (ou de um outro mestre seu conhecido) que terá alcançado invulgar distinção nos estudos, originando assim as melhores esperanças.

2- Ou seja, o grupo das Musas, divindades cujo número a tradição acabou por fixar em nove (cf. *supra*, **Mon.** 1, 10, p. 219, n. 2). Acerca do Hélicon, monte da Beócia que os Antigos acreditavam ser a morada destas divindades, v. *supra*, **Lib.** 2, 35, p. 11, n. 9.

3- Trata-se de Apolo, deus a quem estava consagrada esta célebre fonte do Santuário de Delfos (cf. *supra*, **Lib.** 9, 1, p. 26 e n. 1.)

4- O nome de Mopsópia (em gr. Μοψοπία), de que deriva equivalente gr. do adj. *Mopsopijs* (Μοψόπιος, «de Mopsópia») constitui uma antiga designação da Ática que, em linguagem poética substitui, em lat., o nome daquela região grega bem como o da cidade de Atenas, sua capital (cf. Ovídio, *Met.*, 5, 661; 6, 423; *Her.*, 8, 72 e Séneca, *Phaedr.*, 121; 1276). Tal nome deve a sua origem a um certo Mópso, que se supõe ter sido um antigo rei de Atenas, embora já na Antiguidade não se soubesse a seu respeito absolutamente nada.

5-

6- Trata-se de Mercúrio (Hermes), neto de Atlas por ser filho de Maia, uma ninfa do monte Cilene, na Arcádia, que integra o grupo das Plêiades, assim chamadas por terem nascido da união entre Atlas e Plêione. Pelos dotes extraordinários de que deu mostras desde a mais tenra infância, este deus foi feito mensageiro dos deuses, em particular de Zeus e dos deuses infernais, Hades e Perséfone, sendo o intérprete da vontade divina. Apresentava-se, como tal, calçado com sandálias aladas, a cabeça coberta por um chapéu de abas largas e segurando nas mãos uma varinha de ouro, o caduceu, símbolo das suas funções de arauto dos deuses.

Sobre o modo como Cardoso se refere a esta divindade (chamando-lhe «neto de Atlas»), cf. Ovídio: «Clare nepos Atlantis, ades, quem montibus olim/ edidit Arcadiis Pleias una Ioui» (*Fast.*, 5, 663-664); «Constitit ante oculos actus uelocibus alis/ Atlantis magni Pleionesque nepos» (*Her.*, 16, 61-62) e Horácio: «Mercuri, facunde nepos Atlantis» (*C.*, 1, 10, 1), entre outros.

A respeito de Atlas, o Gigante condenado a sustentar aos ombros o peso de todo o céu (cf. *infra*, «grauem quid enim conaris Atlanta/ Excepisse humeris», **Sil.** 15, 28-29, pp. 407-408), v. *supra*, **Lib.** 18, p. 54 e n. 8.

7- Ou seja, de Júpiter (ou Zeus) senhor do panteão olímpico, deus aqui designado pelo epíteto latino *Tonans*, «Senhor do Raio» (o qual, no latim dos humanistas, designa muitas vezes o Deus cristão). Sobre o uso de tal epíteto na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ap.** 3, 21, p. 10, n. 4.

8- Sobre Prometeu, filho de Jápeto, criador e benfeitor da Humanidade, por amor à qual teria roubado o fogo do céu, suscitando assim a cólera de Zeus, origem do célebre suplício, v. *supra*, **Lib.** 18, p. 56 e n. 1.

9- Jerónimo Cardoso compara a doçura dos poemas de Teodoro com o néctar, bebida dos deuses imortais que, para os Antigos, constituía o melhor dos alimentos. Para outras referências ao néctar nos escritos de Cardoso, v. *supra*, **Ep.** 33, p. 143, n. 3.

10- A respeito do Letes, fonte dos Infernos de cuja água os mortos bebiam para esquecerem os factos relativos à sua vida terrena, e sobre o uso do seu nome na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **El.** 1, 29, 87, p. 313, n. 3.

1- Cf. *supra*: «Nec non facundi libet implorare nepotis/ Numen Atla sublime tui», *Sil.* 15, 8-9, p. 407.

2- Ou seja, cumpriram-se os nove meses lunares da sua gestação. Identificada com Ártemis por sincretismo, a Lua surge aqui designada pelo nome de Cíntia, epíteto daquela divindade decorrente do facto de ter sido cultuada no monte Cíntio, situado na ilha de Delos, onde a deusa teria nascido (cf. *supra*, *El.* 2, 12, 32, p. 337, n. 2).

3- Sobre esta antiga divindade, Lucina, a quem cabia presidir aos nascimentos e trazer os recém-nascidos à luz, v. *supra*, *Mon.* 7, 15, p. 226 e n. 9.

4- Acerca dos Penates, antigas divindades cuja função consistia em velar pelo larário, estendendo-se, porém, a sua protecção a toda a casa e até ao próprio Estado Romano, v. *supra*, *Mon.* 7, 13, p. 226, n. 7.

5- Ou seja, os raios da Lua, dado que o nome «Febe», um epíteto de Ártemis correspondente ao deus Apolo, seu irmão (Febo), designa este corpo celeste, identificado com a deusa da caça por sincretismo. Sobre o uso deste epíteto na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *El.* 1, 24, 57, p. 301, n. 4.

6- Sobre o carro do Sol (Febo, «o brilhante», epíteto de Apolo, deus identificado com Hélios, filho dos Titãs Hipérion e Tia, que surge, nos escritos de Cardoso, frequentemente designado como «Titã», cf. *supra*, *Lib.* 2, 70, p. 12, n. 4), os seus quatro cavalos e o trajecto por ele percorrido diariamente, v. *supra*, *Ap.* 1, 16, p. 3, n. 7.

7- Personificação da fecundidade do mar, Tétis nasceu da união entre Úrano e Geia, sendo a mais jovem das Titânides. Tendo casado com Oceano, seu irmão, dele gerou todos os rios do mundo, uma quase inumerável multidão de filhos. A sua morada situava-se no Extremo Ocidente, para lá do país das Hespérides, por onde, no fim de cada dia, o carro do Sol termina o seu percurso.

8- A respeito dos Faunos, génios dos campos, equivalentes latinos dos Sátiros, e da sua forma bizarra, v. *supra*, *Lib.* 2, 75, p. 12, n. 7.

9- Sobre as Dríades, Ninfas protectoras dos bosques e da vegetação, cuja vida estava ligada à de uma árvore, e para outras referências a estas divindades, v. *supra*, *Lib.* 11, 32, p. 30, n. 3.

10- Aludem estas palavras a Dioniso, deus do vinho, que teria sido criado por uma ninfa chamada Nisa, cujo nome passou a designar uma cidade localizada no monte Meros, na Índia, onde se acreditava que o deus tinha nascido (cf. *supra*, *Sil.* 12, 26, p. 401 e n. 15).

#### Página 409

1- Acerca o Parnaso, célebre montanha da Fócida consagrada a Apolo às Musas e em cujas vertentes se situava o Oráculo de Delfos, v. *supra*, *Mon.* 2, 3, p. 220 e n. 2.

2- Refere a tradição que, desejando saber qual o centro do mundo, Zeus enviou duas águias (ave consagrada a este deus e que lhe servia de escudeiro, transportando a Égide, razão pela qual Cardoso lhe chama *Jouis armiger*) e estas acabaram por se encontrar em Delfos, que ficou sendo o centro do Mundo, geográfico para os Antigos, religioso e moral no entender dos modernos. Assinalava-o o *omphalos*, uma pedra cónica situada perto da trípole profética, no interior do Templo de Apolo, e que se pensa ter sido uma pedra divina adorada pelos antepassados.

3- Ou seja, ainda Témis não presidia ao Oráculo de Delfos. Filha de Úrano e de Geia, Témis integra o grupo das Titânides, sendo a personificação da Justiça e da Lei Eterna. Teria sido a segunda esposa de Zeus, logo depois de Métis, dele gerando as três «Horas», as três Moiras (identificadas com as Parcas), Astreia, as Ninfas do Eridano e, segundo algumas tradições, as próprias Hespérides. Como conselheira de Zeus, mandou-lhe que se revestisse com a pele da cabra Amalteia (a Égide) e a usasse como couraça. Inventora dos oráculos, dos ritos e das leis, teria ensinado a Apolo os processos de adivinhação,

sendo ela a possuir, ainda antes deste deus, o santuário pítico em Delfos, onde teria pronunciado alguns oráculos.

4- Trata-se de Deucalião, filho de Prometeu e de Clímene, que, juntamente com Pirra, sua mulher, se salvou das águas do dilúvio mandado por Zeus, construindo, a conselho de seu pai, uma «arca», na qual se refugiaram durante o tempo que durou a inundação. A seu respeito, v. *supra*, Lib. 2, 291, p. 20 e n. 1.

5- Sobre Sileno, filho de Pã (ou de Hermes) e de uma Ninfa e antigo preceptor de Dioniso, personagem que, sob a aparência grosseira de um velho, ocultava uma grande sabedoria, v. *infra*, Lib. 11, 87, p. 32 e n. 1.

6- Cf. *infra*: «Nec contentus eo, tríplex monet ordine diuus/ Vt tibi pensa neant tereti longissima fuso» (Sil. 15, 94-95, p. 410).

7- Trata-se de Proteu, dito em lat. *uates Carpathius* (cf. Ovidio: «donec Carpathius medio de gurgite uates/ 'Aeacide,' dixit 'thalamis potiere petitis,/ tu modo, cum rigido sopita quiescit in antro,/ ignaram laqueis uin cloque innecte tenaci», *Met.*, 11, 249-252, e P. Papínio Estácio: «hos abolere metus magici iubet ordine sacri/ Carpathius uates puerumque sub axe peracto/ secretis lustrare fretis, ubi litora summa/ Oceani et genitor tepet inlabentibus astris/ Pontus», *Achil.*, 1, 135-139), por ter em Cárpatos (do gr. Κάρπαθος), ilha do Mar Egeu situada entre Creta e Rodas e modernamente chamada Scarpanto, a sua morada. Na *Odisseia*, Proteu apresenta-se como um deus do mar a quem foi atribuída a função de apascentar as focas e outros animais marinhos pertencentes a Posídon. Possuidor do dom da metamorfose, Proteu podia transformar-se em tudo aquilo que desejasse, assumindo a forma de um animal ou até de um elemento (a água ou o fogo). Esta faculdade revelava-se extremamente útil porque Proteu, possuindo igualmente o dom da profecia, se esquivava sempre a informar os mortais que o interrogavam. Assim, quando Menelau, a conselho da deusa marinha Idótea, o foi consultar, Proteu transformou-se sucessivamente num leão e numa serpente (cf. *infra*, vv. 80-81), numa pantera e num grande javali, em água e numa árvore, até que, dando-se por vencido, consentiu em falar.

8- Sendo um antigo deus itálico, Liber desde cedo se identificou com Dioniso, visto o seu nome apresentar sentido equivalente ao de um epíteto habitual desta divindade: Lieu, «o libertador» (cf. *supra*, Ep. 11, p. 97, n. 4).

9- Como designação poética, o nome *Hesperia* (sc. *Terra*) aplicava-se aos territórios situados a Oeste, designando, por conseguinte, para os Gregos, a Península Itálica (cf. Horácio: «di multa neglecti dederunt/ Hesperiae mala luctuosae», *C.*, 3, 6, 7-8) e, para os Romanos, a Península Ibérica (cf. idem: «qui nunc Hesperia sospes ab ultima/ caris multa sodalibus», *ibidem*, 1, 36, 4-5). Assim, no caso presente, tal nome parece aplicar-se ao território de Itália, porém, os «Hesperios [...] amnes» (literalmente, os «rios de Hespéria»), referidos no v. 91, deverão identificar-se com os rios do Extremo Ocidente da Península Ibérica (com os rios de Portugal, portanto) dado que apenas assim se compreende a menção do Bétis, nome antigo do Guadalquivir, rio da província espanhola da Andaluzia. No entanto, para desfazer o equívoco resultante do uso da palavra «Hespéria» com dois sentidos diferentes, será preferível adoptar a presente tradução, vertendo «Hesperios» por «do Ocidente».

10- Rio da Iónia, as águas do Melete (em gr. Μέλης) corriam perto de Esmirna. Tradições antigas faziam das suas margens o lugar de nascimento de Homero, razão pela qual Tibulo se refere à sua poesia como «Meleteae chartae» (4, 1, 200). Este passo de Cardoso, por outro lado, com a sua referência aos rios Melete e Bétis, evoca os seguintes versos de P. Papínio Estácio: «attollat refluos in astra fontes/ Graio nobilior Melete Baetis;/ Baetim, Mantua, provocare noli» (*Silu.*, 2, 7, 33-35). Sobre Esmirna, cidade da Ásia Menor que se vangloriava de ter sido o berço do grande poeta, v. *supra*, Sil. 2, 110, p. 371, n. 6.

#### Página 410

1- Ou seja, pronunciou o que, para os deuses, constituía o mais solene dos juramentos. Quando uma divindade se queria comprometer, Íris trazia, por ordem de Zeus, um jarro de água do Estige, para que servisse de testemunha. Um grave castigo recaía, depois, sobre o deus que cometesse perjúrio: ficava um

ano inteiro sem respirar e sem saborear néctar nem ambrósia e tinha ainda que passar nove anos afastado das demais divindades, não podendo participar nas suas assembleias ou banquetes. O pleno uso dos seus privilégios apenas era retomado ao fim de dez longos anos.

Sobre o Estige, rio dos Infernos (cf. *infra*: «Seu Mitylenaeae modulos imittere puellae./ Quos si fata darent Stygiis remearet ab umbris/ Ipsa suis inuita licet praeponecret», *Sil.* 15, 107-109, p. 410), e para as demais referências ao seu nome na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Lib.* 2, 294, p. 20 e n. 2.

2- Cf. *supra*: «Donec longaeuo nouit didicitque Sileno/ Aduenisse diem, candenti uellere textum/ Parcarum, optati pueri quae proferat ora» (*Sil.* 15, 73-75, p. 409 e n. 6). Estas três irmãs fiandeiras, as Parcas, ocupavam-se do «fio da vida» de cada um dos mortais, presidindo aos três momentos mais importantes das suas vidas (o nascimento, o casamento e a morte) e vieram a identificar-se com as Meras gregas: Átropo, Cloto e Láquesis. A seu respeito, v. *supra*, *Mon.* 7, 87, p. 229, n. 3.

3- Ou, por outras palavras, esforça-se por ultrapassar a doçura da poesia antiga. Acerca do Hibla, monte da Sicília que, na Antiguidade, alcançou grande fama pelas suas flores e pela qualidade da sua produção de mel, v. *supra*, *El.* 1, 24, 44, p. 300, n. 4.

4- Ou, dito de outro modo, «quer te exerçites na arte da Oratória». Sobre os rostros, inicialmente os esporões de navios de guerra utilizados na ornamentação das tribunas parlamentares do Forum Romano e, mais tarde, nome dado à própria tribuna, v. *supra*, *Lib.* 18, p. 66, n. 9.

5- Cantos que procuram igualar a poesia de P. Virgílio Marão, poeta latino nascido em Andes (a moderna Pietola), povoação situada nos arredores de Mântua, a 15 de Outubro de 70 a. C. (cf. *supra*, *El.* 1, 29, 2, p. 310 e n. 1).

Sobre o plectro, uma varinha de marfim ou tartaruga usada para fazer vibrar as cordas dos instrumentos musicais, cujo nome significa, por metalepse, «poesia», v. *supra*, *Lib.* 2, p. 10 e n. 2.

6- Aludem estas palavras a Safo, famosa poetisa grega natural de Mitilene, cidade da ilha de Lesbos, e que terá vivido entre os sécs. VII-VI a. C. A seu respeito, v. *supra*, *Mon.* 8, 73, p. 232, n. 5.

7- Cf. *supra*: «genitor tum fronte serena/ Annuit et Stygia firmavit dicta palude», *Sil.* 15, 92-93, p. 410 e n. 1.

8- Sobre o valor da locução exclamativa «Macte animo», as suas variantes e demais ocorrências nos textos de Cardoso, v. *supra*, *Ap.* 2, 53, p. 9, n. 2.

9- Ou seja, embora estejam apartadas de qualquer verdadeira inspiração poética. Com estas palavras, Cardoso refere-se à fonte de Hipocrene, a qual jorrou do solo onde Pégaso, o cavalo que nasceu do pescoço decapitado da Medusa, bateu com um casco na rocha e que, por ser consagrada às Musas, se considerava ter a faculdade de inspirar quem dela bebesse. Sobre a dita fonte, v. *supra*, *Ap.* 2, 16, p. 8, n. 9; acerca da terrível Medusa, v. *supra*, *El.* 1, 14, 19, p. 277, n. 7.

10- Para uma variante desta mesma expressão presente de igual modo na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*: «uerum placare Tonantem/ Victima parua solet, thurisque minutus aceruus» (*Sil.* 10, 89-90, p. 394).

11- Com estas palavras, Jerónimo Cardoso deseja a Teodoro uma vida longa e feliz, dado que Nestor, rei de Pilos, estendeu a sua existência por um espaço de tempo superior a três gerações (cf. *supra*, *Lib.* 17, p. 40, n. 4).

#### Página 411

1- Nascida em Madrid, a 24 de Junho de 1535, D. Joana de Áustria, filha de Carlos V e de Isabel de Portugal, casou, a 11 de Janeiro de 1552, com o príncipe D. João Manuel, herdeiro da coroa portuguesa, o qual viria, no entanto, a falecer dezoito dias antes do nascimento, verificado a 20 de Janeiro de 1554, do

seu primeiro e único filho: D. Sebastião. Tendo partido, pouco tempo depois, para Espanha, D. Joana de Áustria fez voto de renunciar ao mundo e de professar a regra de S. Francisco. Regente de Espanha por vontade de seu irmão, Filipe II, a 12 de Julho de 1554, pretende, por essa mesma altura, ingressar na ordem jesuítica, sendo tal assunto objecto de acesos debates em Roma, em Outubro desse ano. A resposta, emanada por carta de 3 de Janeiro de 1555, viria a admitir D. Joana, sob sigilo absoluto, que esta guardaria por toda a vida, na Companhia de Jesus, ficando obrigada aos votos religiosos em segredo e no foro da consciência. Concluída a sua regência em 1559, mudou-se para o convento franciscano das Deslazas Reales, que ela mesma fundara. Faleceu em Madrid, a 7 de Setembro de 1573.

2- Em Dezembro, as Nonas caem a 5, pelo que Jerónimo Cardoso se refere ao dia 5 de Dezembro de 1552.

3- Divindades encarregues de velar pelo destino dos mortais, as Parcas que acabaram por se identificar com as Meras gregas, apresentavam-se como três irmãs fiandeiras que se ocupavam do «fio da vida» dos mortais, presidindo uma ao seu nascimento, outra ao casamento e a última à morte. No caso presente, Cardoso refere ter o dia dos esponsais dos príncipes sido fiado com um «niueo [...] uellere», associando explicitamente a cor branca a um augúrio de felicidade, que o devir histórico não viria a confirmar. Para outras referências às Parcas nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Mon.** 7, 87, p. 229, n. 3.

4- Ou seja, a cidade de Lisboa, cujo nome latino os humanistas interpretavam etimologicamente como «cidade de Ulisses» (cf. *supra*, **El.** 1, 17, 18, p. 284 e n. 6). Sobre os Penates, divindades romanas encarregues de velar pelo larário das casas e cuja protecção se podia estender a toda uma moradia e até ao próprio Estado Romano, v. *supra*, **Mon.** 7, 13, p. 226, n. 7.

5- Filho de D. João III e de D. Catarina de Áustria, D. João Manuel, nascido em 1537, seria, juntamente com a sua irmã D. Maria, o único dos nove filhos do casal a atingir a idade adulta. Casado com D. Joana de Áustria em 1552, morre, porém, de diabetes, em 1554, dias antes de esta dar à luz D. Sebastião, o primeiro e único filho do casal. Príncipe do Renascimento, recebeu D. João Manuel uma esmerada educação e o seu amor às Letras seria cantado, após a sua morte, por vários poetas, como António Ferreira e o próprio Jerónimo Cardoso, que lhe consagrou uma colectânea, que veio a lume em Lisboa, na tipografia de João da Barreira, em 1556, sob o título *De Obitu Serenissimi Principis D. Ludouici Portugalliae Infantis Dialogus cum Aliis Epigrammati[bus]* e de que não se conhece presentemente nenhum exemplar.

6- Sobre o Parnaso, célebre montanha da Fócida em cujas encostas se erguia o santuário de Delfos, consagrado desde tempos imemoriais a Apolo, deus que presidia à criação poética, v. *supra*, **Mon.** 2, 3, p. 220 e n. 2.

#### Página 412

1- O infante D. Luís, irmão de D. João III, distinguiu-se no auxílio prestado a Carlos V na Campanha de África. Este monarca havia ocupado Tremecém em 1530 e viria a fazer o mesmo a Tunes, em 1535, com a colaboração dos Portugueses, chefiados pelo infante D. Luís, num episódio bélico célebre, que ficou conhecido como *Botafogo*.

2- Trata-se do quinto Duque de Bragança, D. Teodósio, que sucedeu a seu pai em 1532. Teve por mestre Diogo Sigeu, pai de Luísa Sigeia. Casando D. Isabel, sua irmã, com o infante D. Duarte, irmão de D. João III, D. Teodósio dotou-a com o ducado de guimarães, com a cláusula de reversão deste título para a Casa de Bragança se esta morresse sem deixar sucessão. Todos os bens patrimoniais de D. Teodósio de juntaram, a 25 de Setembro de 1540, num morgado, que se uniu, por sua vez a um outro já existente na Casa de Bragança. Nesse mesmo ano foi D. Teodósio nomeado fronteiro-mor de entre Douro e Minho e Trás-os-Montes. Pessoa cultivada, nutriu particular interesse pelas artes da pintura e da escultura, ao mesmo tempo que, por meio de agentes que conservava noutras cortes, se mantinha informado sobre os principais acontecimentos do seu tempo. A D. Teodósio se deve a fundação do Convento da Graça e a conclusão do Paço Ducal de Vila Viçosa, onde veio a falecer a 20 de Setembro de 1563.

3- Designação poética dos ventos em geral, o nome do Noto, que se identifica com o Austro latino, corresponde ao vento, muitas vezes húmido e quente, que sopra do quadrante Sul. Para outras referências a este vento nos textos de Cardoso, v. *supra*, **Lib. 2**, 326, p. 21, n. 1.

4- Nova alusão a Éolo e aos ventos, que este rei, numa curiosa combinação da tradição homérica com a teoria aristotélica do vento subterrâneo, conservaria encerrados não num odre, mas em cavernas profundas. Para uma abordagem mais detalhada deste assunto, v. *supra*, **Lib. 2**, 206, p. 17 e n. 1.

5- Trata-se de D. João de Lencastre, primeiro duque de Aveiro. Nascido em 1501, filho primogenito do infante D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, mestre das ordens de Santiago e de Aviz, filho legitimado de D. João II, e da duquesa D. Brites de Vilhena, irmã do duque de Bragança D. Fernando III, este fidalgo entrou aos doze anos ao serviço do príncipe D. João (depois D. João III) e recebeu de D. Manuel, por Carta de Évora de 27 de Março de 1520, o título de marquês de Torres Novas.

Quando se ajustava o casamento do infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho, filha dos condes de Marialva e de Loulé, D. João de Lencastre opôs-se-lhe alegando que, havia muito, casara clandestinamente com D. Guiomar. Em consequência do escândalo daí resultante, ficou D. João de Lencastre preso, pelo espaço de nove anos, no castelo de S. Jorge. Quando o Rei mandou rever o processo, em 1529, a questão foi resolvida contra o marquês, realizando-se o casamento no ano seguinte.

Afastou-se então D. João de Lencastre da corte, retirando-se para Setúbal, e apenas regressou quando recebeu de D. João III o título de duque de Aveiro, em Janeiro de 1547. Já antes, em 1537, fora a Madrid apresentar condolências a Carlos V pela morte da imperatriz D. Isabel. Ao regressar pretendeu casar-se com uma filha de D. Jaime, duque de Bragança, casamento de que desistiu pela oposição do rei. Viria a contrair matrimónio, em 1547, com D. Juliana de Lara, filha dos marqueses de Vila Real.

No ano de 1552 recebeu, por uma alta distinção, a incumbência de ir à fronteira do Reino para receber a princesa D. Joana de Áustria, filha de Carlos V, destinada a casar com o príncipe D. João. Ficaram célebres a pompa e magnificência com que então se apresentou. Viria a falecer em Coimbra, a 22 de Agosto de 1571. Sobre esta figura, v. D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo III, pp. 326-331.

#### Página 413

1- Ou seja, a Lua, designada neste passo pelo nome de Cíntia, antigo epíteto de Ártemis. Esta divindade, que se identifica, por sincretismo, com a Lua, recebe tal nome pelo facto de lhe ter sido prestado culto no monte Cíntio, em Delos, ilha onde a deusa teria nascido (cf. *supra*, **El. 2**, 12, 32, p. 337, n. 2).

2- Sobre o Bóreas, o frio vento procedente do Norte, e para as outras ocorrências do seu nome nos textos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Ap. 1**, 11, p. 3 e n. 6.

3- Cf. *infra*: «Gaudia sunt uera haec, an uanae somnia mentis,/ Fratris ut Augusti iungatur filia nato/ Pulchra meo, et modo quae fueram matertera, socrus/ Fiam eadem, et duplici firmentur foedera uinclo» (**Sil. 16**, 127-130, p. 415). Filha de Carlos V e de D. Isabel de Portugal, D. Joana de Áustria era simultaneamente sobrinha de D. João III (irmão de D. Isabel de Portugal) e da rainha D. Catarina (irmã de Carlos V), seus sogros.

4- Cf. *infra*: «O spes Lusiadum nostraeque o gloria gentis», **Sil. 16**, 116, p. 414; «Nubere me magno regi [...] Lusiadum», **Sil. 16**, 124, p. 415, e «uisuntur in auro/ Lusidae reges», **Sil. 16**, 189, p. 417. Acerca da génese da palavra *Lusidae* («ou Lusíadas»), ou seja, «os Portugueses») e as suas restantes ocorrências na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Mon. 7**, 51, p. 227 e n. 6.

5- A associação entre Sereias e divindades marinhas na decoração das embarcações sugere que, na sua representação plástica, os artistas seguiram a tradição nórdica, que apresenta estas criaturas como seres híbridos, metade mulher e metade peixe, ao passo que, na tradição clássica, fundada no célebre episódio homérico (*Od.*, 12, 165-200), estes seres eram metade mulheres e metade pássaros. Para as outras referências a estes génios marinhos nos escritos de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, **Lib. 18**, p. 45, n. 2.

6- Uma águia, ave consagrada a esta divindade (cf. *supra*, **El.** 1, 28, 55, p. 309 e n. 2) e símbolo do poder imperial.

7-

8- Trata-se de Fernando II, o Católico, rei de Aragão e da Sicília entre os anos de 1479 e 1516, rei de Castela pelo seu casamento com Isabel, a Católica, entre 1474 e 1504, e de Nápoles entre 1504 e 1516. Nascido em 1452, Fernando de Aragão empenhou-se, ao lado de Isabel de Castela, no estabelecimento da unidade política e religiosa de Espanha. Para alcançar tal objectivo, estes dois monarcas submeteram a grande nobreza, transferiram para a coroa os mestrados das ordens militares, organizaram o tribunal da Inquisição (concedido pelo Papa Sisto V em 1481), expulsaram dos seus reinos os Judeus e conquistaram, em 1492, o reino de Granada, concluindo deste modo a Reconquista, iniciada séculos antes por Pelágio. Como corolário dos seus esforços, recebem estes monarcas, do Papa Alexandre VI, em 1494, o título de Reis Católicos. Sob o seu impulso, Cristóvão Colombo chegou às Antilhas em 1492. A disputa de França e Aragão à coroa do reino de Nápoles culmina na vitória de Fernando e na incorporação desse reino na coroa de Espanha em 1504, ano em que morre Isabel de Castela, ficando Fernando por regente durante a menoridade de seu neto Carlos. Com a anexação do reino de Navarra, em 1512, concluiu-se a união política do território de Espanha. Veio Fernando de Aragão a falecer em 1516, sendo sepultado na *Capilla Real* da Catedral de Granada, ao lado de Isabel.

9- Alusão à conquista do reino muçulmano de Granada, árdua empresa militar para a qual a malograda tentativa da tomada de Lucena, em 1483, pelas tropas mouras fiéis a Boabdil ou Maomé V, forneceu um pretexto e que culminou na entrega das chaves da Alhambra e da cidade por este monarca aos Reis Católicos, na manhã do dia 2 de Janeiro de 1492. Chegava deste modo ao fim o domínio do Islão em terras peninsulares. Boabdil, que partiu das Alpujarras em 1493, deverá ter morrido no Norte de África em 1527.

10- Aludem estas palavras às conquistas alcançadas sobre o Islão, em territórios do Norte de África, sob o governo de Fernando de Aragão, em concreto: a tomada dos presídios africanos de Orão, em 1509; de Bugie, em 1510, e de Trípoli, em 1511.

#### **Página 414**

1- Alusão ao aprisionamento de Francisco I, rei de França entre os anos de 1515 e 1547, após a sua derrota na Batalha de Pavia, ferida em 1521. As pretensões deste rei aos domínios de Carlos, o Temerário, seu bisavô, levaram-no a declarar guerra a Carlos V, com quem se tinha já defrontado antes, em 1519, por causa da sucessão ao trono imperial, saindo então derrotado. Desta feita, vencido na Batalha de Pavia, Francisco I é feito prisioneiro e levado para Espanha, sendo apenas libertado na sequência da assinatura do Tratado de Madrid de 1526, por cujos termos se comprometeu a renunciar às suas pretensões sobre a Itália e à restituição da Borgonha. No entanto, logo após a sua libertação, Francisco I faltou à palavra dada, aliando-se a Henrique VIII de Inglaterra, aos príncipes protestantes da Alemanha, ao Império Otomano e ao Papa Clemente VII, com o conseqüente reacendimento do conflito.

2- No rescaldo do Saque de Roma de 1527, Carlos V tentara conciliar os Luteranos, convocando a Dieta de Augsburg (15 de Junho de 1530). Os príncipes protestantes, que interpretaram tais esforços como um sinal de fraqueza, julgaram ser chegado o momento de se libertarem do poder imperial e uniram-se, em 1531, na Liga de Smalkalde. Anos mais tarde, quando Carlos V tentou impor a autoridade cesária, na tentativa de solucionar o problema religioso da Alemanha, os confederados de Smalkalde opuseram-se-lhe, recorrendo às armas. Seriam, no entanto, completamente esmagados em Mühlberg, a 24 de Abril de 1547, ficando como prisioneiro o eleitor de Saxe. Com esta vitória, Carlos V conseguiu que a Boémia, que se revoltara, se submetesse ao arquiduque da Áustria, Fernando, seu irmão, entrando, deste modo na esfera do poder dos Habsburgos.

3- As palavras com que Jerónimo Cardoso anuncia o findar deste dia inspiram-se provavelmente num verso de Virgílio (*Ecl.*, 6, 86) já antes aproveitado pelo autor num contexto mais próximo do original

(cf. *supra*: «pecudes age Tityre pastas/ In stabula, en prono lucet iam Vesper Olympo», *Lib.* 11, 117-118, p. 33 e n. 3).

4- Filha póstuma de Filipe, o Belo, falecido a 25 de Setembro de 1506, e de Joana, a Louca, nascida em Torquemada, a 13 de Janeiro de 1507, D. Catarina de Áustria cresceu junto de sua mãe, no Castelo de Tordesilhas. Rainha de Portugal pelo seu casamento com D. João III, celebrado no Crato, a 10 de Fevereiro de 1525, exerceu junto deste rei uma profunda influência, tomando parte, por decisão do marido, em todos os Conselhos de Estado, circunstância que favoreceu sobremaneira os elementos espanhóis na corte e na vida portuguesa em geral. Dos nove filhos do casal, apenas dois, D. João Manuel e D. Maria, atingiram a idade adulta, precedendo contudo os seus pais na morte. Regente do Reino pela morte de D. João III, ocorrida a 11 de Julho de 1557, cedo surgiram as desinteligências com o Cardeal-Infante, seu cunhado, pelo apoio dado pela rainha viúva a uma política que, ante a saúde enfermiça de D. Sebastião, visava a união dos dois reinos peninsulares. Estas levaram-na a renunciar à regência, entregando o governo ao cunhado e consagrando-se inteiramente à educação do jovem rei. Desalentada pelo rumo tomado por este, emocionalmente desequilibrado, autoritário, misógino e doente, pensou D. Catarina em retirar-se para Espanha, confinou-se porém ao Paço de Xabregas, onde vem a morrer, desalentada pelos desígnios do seu neto, de 11 para 12 de Fevereiro de 1578, ao tomar conhecimento da resolução da segunda campanha de África.

5- Acerca da infanta D. Maria, última filha do *Venturoso*, destacada figura do Renascimento Português, v. *supra*, *Mon.* 8, 80, p. 232, n. 7.

6- Cf. *infra*: «Tum sacer accessit princeps Henricus, et idem/ Cardineus, cui purpureo texisse galero/ Ora caputque datum quem fulgens purpura uestit/ Atque ornat» (*Sil.* 16, 161-164, p. 416). Para algumas informações relativas à biografia do Cardeal-Infante D. Henrique, v. *supra*, *Ep.* 7, p. 89, n. 2.

7- A fórmula com que Jerónimo Cardoso introduz o discurso da rainha D. Catarina resulta de uma adaptação de um hemístiquio utilizado por Virgílio para introduzir primeiramente as palavras que Eneias dirige a Evandro («Tum regem Aeneas dictis adfatur amicis», *Aen.s.* 8, 126) e, mais adiante, a fala com que Júpiter anuncia ser chegado o fim da existência de Turno («tum genitor natum dictis adfatur amicis», *ibidem*, 10, 466).

8- Cf. *supra*: «Lusiadae repetunt lembos nauesque paratu/ Regifico instructas», *Sil.* 16, 73-74, p. 413 e n. 4.

#### Página 415

1- Cf. *supra*, *Sil.* 16, 73-74, p. 413 e n. 4.

2- Cf. *supra*: «At Rex accedens proprius, dextraqueprehendens,/ Amplexusque suae prolem pignusque sororis,/ Ingredere o coniux inquit carissima nati/ Atque eadem nostrae de stirpe creata sororis» (*Sil.* 16, 62-65, p. 413).

3- Denotam estes versos a influência do seguinte passo de Virgílio, chegando ao ponto de repetir um hemístiquio inteiro: «nec non Thraecius longa cum ueste sacerdos/ obloquitur numeris septem discrimina uocum,/ iamque eadem digitis, iam pectine pulsat eburno» (*Aen.*, 6, 645-647).

#### Página 416

1- Ou seja, do teatro dos Romanos. Com estas palavras, num tom de exagerada hipérbole, Jerónimo Cardoso alude provavelmente ao sumptuoso Anfiteatro Flávio, mais conhecido como Coliseu, iniciado durante o reinado de Vespasiano (69-79), no ano de 75, e concluído por seu filho, Tito (imperador de 79 a 81), em 80. Erguido no sítio do lago da *Domus Aurea* de Nero, o fabuloso edifício, prodígio de arquitectura e engenharia, podia albergar uma multidão de cerca de cinquenta mil pessoas, que deleitava com espectáculos que consistiam principalmente em lutas de gladiadores, caçadas a animais selvagens e batalhas navais (e não na representação de peças dramáticas, como Cardoso refere). A sua inauguração,

cujos festejos se prolongaram por cem dias, serviu de motivo a uma colecção de epigramas de Marcial, o *Spectaculorum Liber (siue Epigrammaton Liber)*.

2- Sobre o nome «Quirites», designação que se aplica genericamente ao povo romano, v. *supra*, *Sil.* 10, 159, p. 397 e n. 1.

3- Cf. *supra*: «Nec non Henricus princeps flamenque Dialis,/ Cuius et integritas uitae, pietasque, fidesque, Numina si tangunt, Petri ille in sede sedebit/ Regificumque caput triplici diademate cinget», *Sil.* 16, 110-113, p. 414 e n. 6.

4- Ou seja, o conjunto dos reinos peninsulares sobre os quais imperava Carlos V (todos, com excepção única de Portugal). Designa o nome «Ibero» (do gr. Ἰβηρος) um rio da Hispânia Tarraconense a que modernamente se chama Ebro (cf. Sebastião Stockhamer: «Iberus, est fluuium Hispaniae, quae ab illo uocatur Iberia: uulgo Ebro. Et Iberi dicuntur Hispani», *Dictionarium Aliud de Propriis Nominibus*, fl. C v-r.<sup>o</sup>).

#### **Página 417**

1- Cf. *supra*: «Lusiadae repetunt lembos nauesque paratu/ Regifico instructas», *Sil.* 16, 73-74, p. 413 e n. 4.

2- Nome do vento que sopra de Este (ou Sudeste), dito, em lat., *Vulturnus*. Para outras ocorrências do nome deste vento na poesia de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Ap.* 1, 9, p. 3, n. 2.

3- Ao abeirar-se do termo deste canto, Jerónimo Cardoso dirige-se, pela primeira vez, à sua Musa, chamando-lhe Calíope. O facto de esta ser, do grupo das nove irmãs, aquela que, desde a época alexandrina, preside à eloquência e à poesia épica e que detém a mais alta dignidade parece adequar-se ao tom elevado da presente composição. Para outras referências a esta Musa na obra de Jerónimo Cardoso, v. *supra*, *Mon.* 8, 108, p. 233 e n. 6.

4- Alusão ao grupo das Musas, divindades a quem as Camenas, antigas ninfas das fontes, foram desde muito cedo assimiladas (cf. *supra*, *El.* 1, 2, 14, p. 255, n. 7).

Notas ao

Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa  
Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta  
Seriem Alphabeticam Perutili Expositione

**Página 419**

1- Ou seja, no dia 20 de Junho de 1570.

**Página 420**

1- Humanista alemão natural possivelmente de Ingolstadt, Sebastião Stochamer terá vindo para Portugal por volta de 1547, juntamente com o italiano Fábio Arcas, que, a convite de D. João III, trocou a universidade daquela cidade alemã pela de Coimbra, onde desempenhou as funções de Lente de Prima de Leis. Tendo-o servido como secretário particular e ecónomo, frequentando, em simultâneo, a Universidade, Sebastião Stochamer viu-se em dificuldades económicas aquando da morte do seu mestre, ocorrida em 1554, mas, com o auxílio das autoridades universitárias, acabou por ser feito, por D. João III, cavaleiro fidalgo da sua casa. A 3 de Março de 1557 viria a ser nomeado corrector da Imprensa da Universidade, auferindo um rendimento anual de 20000 reais que, pouco depois, seria aumentado para 30000. Na Universidade, Sebastião Stochamer ocupou ainda o cargo de bedel de Cânones e de Leis.

Com a morte de Jerónimo Cardoso, ocorrida algures entre os anos de 1564 e 1569 (cf. *infra*, *Dic. Lat. A*, p. 421, n. 3 ), viria Sebastião Stochamer a ser incumbido de rever e completar o seu *Dictionarium Latinolusitanicum*. Servia este trabalho um duplo propósito, por um lado auxiliar a viúva Filipa Cardoso que, pela morte do marido, se via na mais penosa escassez de recursos, e por outro proporcionar aos seus contemporâneos um valioso instrumento de trabalho, que Sebastião Stochamer enriqueceu ainda, ao acrescentar à obra do Lamecense um outro léxico da sua autoria (o *Dictionarium Aliud de Propriis Nominibus Celebriorum Virorum, Populorum, Regionum, Locorum, Insularum, Urbium, Oppidorum, Montium, Fluiorum et Fontium nec non Aliorum Complurium Scitu Dignorum Nominum ac Rerum*).

Pela presente carta, que serve de prefácio a todo o volume, Sebastião Stochamer dedica o conjunto ao jovem rei D. Sebastião, ao mesmo tempo que proporciona importantes informações sobre a sua intervenção na grande obra lexicográfica de Jerónimo Cardoso.

2- Titular da cadeira de Retórica Grega em Atenas, Júlio Pólux, natural de Náucratis e que terá vivido pelo séc. II, redigiu, entre outras obras que se perderam, um *Onomasticon*, hoje conhecido através de um resumo feito, cerca do ano 900, por Aretas de Cesareia. Tal obra, a que Sebastião Stochamer alude neste passo, constitui ainda hoje, sob o porto de vista linguístico, uma importante fonte de informações, revestindo-se de particular interesse os dados que encerra sobre os aspectos materiais do teatro grego.

3- Imperador romano entre os anos de 180 e 192, Lúcio Élio Aurélio Cómodo, nascido em 161 e associado ao poder desde os quinze anos, sucedeu no trono a Marco Aurélio, seu pai, a quem acompanhara na Segunda Guerra Germano-Sarmática. Morto este e concluída apressadamente a paz, regressou Cómodo a Roma, celebrando o triunfo como imperador único. Retirando autoridade ao Senado, fez substituir os ministros de seu pai por favoritos em experiência, o que originou a conspiração de Umídio Quadrato, abortada em 182, que teve o efeito de colocar Roma sob o governo dos Prefeitos do Pretório. Influenciado pela concubina Márcia e pelo favorito Leto, Prefeito do Pretório desde 191, Cómodo, que se considerava a reencarnação de Hércules, chamando-se a si próprio *Hercules Romanus*, refundou Roma, baptizando-a de *Colonia Commodiana*. Exacerbando-se as suas perseguições contra o Senado, veio este imperador a ser envenenado, com a conivência de Márcia e Leto (cujos nomes figuravam nas listas dos condenados à morte), a 1 de Janeiro de 193, dia em que Cómodo decidira pisar a arena sob a dupla aparência de cônsul e de gladiador. Mostrando-se lenta a acção do veneno, coube ao atleta Narciso estrangulá-lo, mediante o pagamento de um suborno.

4- Relativamente ao motivo horaciano do «labor limae» e para as demais ocorrências do mesmo nos textos de Cardoso e dos seus correspondentes, v. *supra*, *Ep.* 6, p. 88 e n. 2.

5- Literalmente «meter o pé em coro alheio». Embora este adágio latino não se encontre registado entre os autores do Classicismo, Jerónimo Cardoso regista-o no seu *Dictionarium Latinolusitanicum* (fl. 35-v.º), nos seguintes termos: «Choro alieno pedem figere. Meter-se no officio alheio, ou que nam he seu».

6- Em lat. «ut ipse sub incudem [...] opus hoc reuocarem». Constituem estas palavras uma variante de uma expressão latina utilizada por Horácio para aludir ao meticoloso trabalho de aperfeiçoamento formal de uma obra literária (*A. P.*, 441) e registada, com semelhante valor, por Jerónimo Cardoso, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, fl. 90-r.º. A seu respeito, v. *supra*, Ep. 54 (carta de Inácio de Morais), p. 187, n. 7.

7- Em lat. «extremam manum [...] imponerem», ou seja, «dar a última mão». Esta expressão latina, que Erasmo trata nos seus *Adagia* (1236 [2, 83 b]), refere-se ao uso metafórico, comum entre os poetas latinos, de *summa* (ou *extrema* ou ainda *ultima*) *manus*, ou seja, da «última mão» com que um artista polia e acabava a sua criação, algo que indica o último esforço tendo em vista o aperfeiçoamento de uma obra literária. Tal expressão apresenta, portanto, um sentido próximo ao do «Labor limae», no entanto, ao passo que esta se reporta a um meticoloso trabalho de refinamento, aquela refere-se unicamente à conclusão de uma obra anteriormente iniciada. Em todo o caso, a expressão utilizada por Sebastião Stochamer surge aplicada à actividade literária em Petrónio (*Sat.*, 188, § 6); Aulo Gélío (7, 10, § 5) e Ovídio (*Trist.*, 1, 7, 27; 2, 555; 3, 14, 22), entre outros. Para uma abordagem detalhada deste assunto, v. Renzo Tosi, *op. cit.*, § 196, p. 89.

8- Em lat. «Paroemia» (do gr. παροιμία, «provérbio» ou «comparação»). Refere-se Sebastião Stochamer ao grande número de adágios latinos com que o *Dictionarium Latinolusitanicum* de Jerónimo Cardoso ilustra o uso de muitos dos vocábulos registados.

Como Paul Teyssier demonstrou (*op. cit.* 1992, p. 129), tais adágios procedem, na sua totalidade, da grande recolha compilada por Erasmo de Roterdão e publicada pela primeira vez em 1500 sob o título *Adagiorum Collectanea* (cf. *supra*, Ep. 67, p. 215 e n. 4). Quanto ao seu uso no dicionário de Cardoso, explica aquele investigador como um dos principais problemas com que os primeiros lexicógrafos se defrontaram consistiu em encontrar exemplos que ilustrassem, tanto em latim como nas várias línguas vernáculas, as formas e o sentido dos vocábulos em questão. Tornava-se, pois, necessário encontrar exemplos (as chamadas *abonações*) tomados de «bons autores», mas tal empresa, morosa e difícil, não estava ao alcance de todos e a sua plena concretização demorou ainda um certo tempo. Como tal, continua o mesmo investigador, «Les Adages d’Erasme ont constitué une solution intermédiaire. Leur «latinité» parfaite pouvait servir de modèle. Leur nombre et leur présentation rendait leur utilisation facile. Voilà pourquoi notre dictionnaire, à défaut de citations de Cicéron, d’Horace et de Virgile, fait appel à eux» (*ibidem*, p. 133).

#### Página 421

1- Trata-se do *Dictionarium Aliud de Propriis Nominibus Celebriorum Virorum, Populorum, Regionum, Locorum, Insularum, Urbium, Oppidorum, Montium, Fluiorum et Fontium nec non Aliorum Complurium Scitu Dignorum Nominum ac Rerum* (cf. *supra*, Dic. Lat. A, título, p. 420, n. 1).

2- A metáfora a que Sebastião Stochamer recorre neste passo, por meio da qual se estabelece um paralelo entre a condução de um navio e a gestão dos assuntos de Estado, tem a sua origem na Antiguidade Clássica, atestada pelo duplo sentido do verbo gr. κυβερνάω (lit. «pilotar um navio» e, em sentido figurado, «governar»). Tal aproximação, documentada ainda pelo fr. 326 Lobel-Page de Alceu, poeta lírico grego do séc. VII-VI a. C., natural de Lesbos e contemporâneo de Safo, encontra-se, por outro lado, expressa em termos muito semelhantes aos presentes, no seguinte passo de Cícero: «quis enim clauum tantí imperi tenere et gubernacula rei publicae tractare in maximo cursu ac fluctibus posse arbitraretur hominem emersum subito ex diuturnis tenebris lustrorum ac stuprorum, uino, ganeis, lenociniis adulteriisque confectum, cum is praeter spem in altissimo gradu alienis opibus positus esset, qui non modo tempestatem independentem intueri temulentus, sed ne lucem quidem insolitam aspicere posset?» (*Sest.*, § 20).

3- Ou seja, a 20 de Junho de 1569.

Terá Jerónimo Cardoso falecido em 1569, como unanimemente asseveram todos os biógrafos? Do presente documento apenas se infere que ele já não vivia na referida data, mas nada se pode extrair de concreto sobre a data da sua morte. Com efeito, Sebastião Stochamer afirma que teve de rever e completar toda a obra, trabalho moroso a que só se entregou depois da viúva e herdeiros de Jerónimo Cardoso lhe

terem dirigido insistentes pedidos. O Lamecense, por outro lado, estava ainda vivo no dia 5 de Fevereiro de 1564, data que figura na carta com que dedica o *Siluarum Liber Vnus* a Pedro Álvaro Mancelo (v. *supra*, Sil. A, p. 364 e n. 8), pelo que o seu falecimento se deverá situar algures entre estas duas datas.

Exarada a presente carta, o dicionário teve ainda que passar pelo demorado processo de composição tipográfica, apenas vindo a lume em Junho de 1570 (conforme consta no rosto da mesma obra).

## Anexo

## Fontes Cardosianas

Edições conhecidas das obras de Jerónimo Cardoso  
e lugares onde se encontram

*Libellus De Terraemotu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio.* Conimbricae. Apud Ioannem Barrerium & Ioannem Aluarum Typographos Regios. M.D.L.<sup>[1]</sup>

Lisboa, BN, Res. 4702 P; Évora, BP, séc. XVI 6098; Porto, BP, N. 5. 59; Madrid, BN, R 22818 (2); ms (só a *Oratio*) Coimbra, BU, 455; ms (com o *De Terraemotu* e a *Oratio*) -, 527; ms Braga, BM, [falta cota].

*Epistolarum Familiarium Libellus,* Olissipone Apud Ioannem Barrerium Typographum Regium 1556.<sup>[2]</sup>

Madrid, BN, R. 22818 (1); Roma, B Vallicelliana, S. Borr. Q. I. 241.

*De Monetis tam Graecis quam Latinis. Item de Ponderibus et Mensuris ad Praesentem Vsum Redactis, Anacephalaeosis,* Conimbricae. Apud Ioannem Aluarum Typographum Regium. M.D.LXI.<sup>[3]</sup>

Évora, BP, Res. 259 D; -, séc. XVI 6096.

*Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum.* Conimbricae, apud Ioannem Barreirium & Ioannem Aluarum Typographos Regios. M.D.LI.<sup>[4]</sup>

Nenhum exemplar conhecido.

---

<sup>1</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 75, com o título n.º 272, dizendo haver um exemplar na B. N. de Lisboa.

<sup>2</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 38, com o título n.º 140, não indicando a existência de nenhum exemplar.

<sup>3</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 23, com o título n.º 84, dizendo haver um exemplar na B. Évora.

<sup>4</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 77, com o título n.º 278, não indicando a existência de nenhum exemplar.

*Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum. Nunc Diligentiori Emmendatione Impressum.* Conimbricae, apud Ioannem Aluarum Typographum Regium. M.D.LXII.<sup>[5]</sup> (segunda impressão, a primeira é de 1551).

Évora, BP, Res. 8-A; -, Res. 259-C.

*Dictionarium Iuuentuti Studiosae, Admodum Frugiferum. Nunc Diligentiori Emendatione Impressum* Conimbricae. Cum Facultate Inquisitorum. Ex Officina Ioannis Barrerii Architypographi Vniuersitatis. 1587.<sup>[6]</sup> (terceira impressão, a primeira é de 1551).

Porto, BP, X<sup>1</sup>. 3. 44.

*Grammaticae Introductiones Breuiores et Lucidiores, quam Ante hac Aliae in Lucem Editae Sunt Ad Clarissimum Puerum D. Ioannem Menesium Praestantissimi Viri .D. Alphonsi Menesii Vasconcelii Filium, Commitisque Penelae Nepotem.*<sup>[7]</sup>

Porto, BP, X<sup>1</sup>. 3. 43.

*Institutiones in Latinam Linguam Breuiores, et Lucidiores, quam Antehac Aliae in Lucem Editae Sunt.* Olissipone Apud Ioannem Barrerium Typographum Regium. M.D.LVII.<sup>[8]</sup>

Nenhum exemplar conhecido.

---

<sup>5</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 24, com o título n.º 87, dizendo haver dois exemplares na B. Évora.

<sup>6</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 63, com o título n.º 236, dizendo haver um exemplar na B. Porto.

<sup>7</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 40, com o título n.º 146, e acrescenta: «O ex. que temos presente, único que conhecemos, da B. do Pôrto, tem falta de fl. No fim e não tem data nem nome de impressor. Refere-se a êle Viterbo, *Barr.* p. 388, que atribuí a sua impressão a João de Barreira. Por haver diferença nos títulos e não-concordância nas datas, não podemos dizer que seja a mesma edição que a seguir descrevemos».

<sup>8</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 40, com o título n.º 147. Este autor não noticia a existência de nenhum exemplar, dizendo unicamente que a presente edição tem: «Ded. a D. João de Menezes e Vasconcelos. No fim traz uma poesia lat., ao leitor, que termina com o verso: Mollibus in pratis Daedala libat avis. Leitão Ferr. P. 564; Barbosa, II, p. 490; Lacerda, p. 80; Viterbo, *Hesp.* p. VII.» . A obra que A. J. Anselmo descreve sob o título anterior, (n.º 146), segundo Justino Mendes de Almeida, *op. cit.*, 1965, pp. 9-10, corresponde a esta mesma obra: «Portanto, as *Grammaticae introductiones* (assim chamadas) e as *Institutiones in Latinam linguam* são a mesma obra».

*Institutiones in Linguam Latinam Breuiores, et Lucidiores quam Antehac Aliae in Lucem Editae Sunt.* Ad inuictissimum D. Sebastianum Lusitaniae Regem. Impressum Olysiptone in officina Ioannis Blauui, de Agrippina Colonia, Anno Domini 1562.<sup>[9]</sup> (segunda impressão, a primeira é de 1557).

Lisboa, B Acad. Ciências, Res. 1, 6; Évora, BP, Res. 8.

*Institutiones in Linguam Latinam Breuiores, et Lucidiores quam Antehac Aliae in Lucem Editae Sunt.* Ad inuictissimum D. Sebastianum Lusitaniae Regem. Conimbricae Apud Ioannem Barrerium. 1566.<sup>[10]</sup> (terceira impressão, a primeira é de 1557).

[Falta o lugar], Beinecke Library, Gk 4- 547 Cc.

*Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem.* Vlissyptone. Ex officina Ioannis Aluari Typographi Regii. M.D.LXII.<sup>[11]</sup>

Lisboa, BN, Res. 276 V; Roma, B Vallicelliana, S. Borr. Q. II. 124; Braga, BP, [falta cota<sup>12</sup>].

*Elegiarum Liber (sic) II. Ad Doctorem Aluarum Vaz Iurisconsultum Peritissimum,* Vlysiptone. Apud Ioannem Barrerium Typographum Regium M.D.LXIII.<sup>[13]</sup>

Évora, BP, Res. 303 C; Madrid, BN, R. 22818 (3).

*Siluarum Liber Vnus. Ad Petrum Aluarum Mancelum Patritium Adolescentem.* Accessit Praeterea Epithalamion Serenissimae D. Ioannae Reginae Designatae Quinti Caroli Caesaris Filiae, et Serenissimi Principis D. Ioannis, Sebastiani Regis Nostri Inuictissimi Patris, Vlyssiptone. Apud Ioannem Barrerium. M.D.LXIII.<sup>[14]</sup>

Madrid, BN, R. 22818 (4), Évora, BP, séc. XVI 6095.

---

<sup>9</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 94, com o título n.º 348, dizendo haver um exemplar na B. Acad. das Sc. de Lisboa e outro em Évora.

<sup>10</sup> Edição não referida por A. J. Anselmo.

<sup>11</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 25, com o título n.º 88, dizendo haver um exemplar na B. N. de Lisboa.

<sup>12</sup> A notícia da existência deste exemplar foi recolhida em Lisboa, na Biblioteca Nacional da Ajuda.

<sup>13</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 48, com o título n.º 173, dizendo haver um exemplar na B. Évora.

<sup>14</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 51, com o título n.º 186, não indicando a existência de nenhum exemplar.

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.* Excussit Ioan. Barrerius Conimbricae, 1570.<sup>[15]</sup>

Lisboa, BN, Res. 1618 P; -, Res. 2950 V; Porto, BP, I. 3. 114; Évora, BP, Res. 164; PBN X. 2204; Coimbra, BU, R-12-13; -, R-12-13-A; -, R-12-13-B; -, UCLHU-X-C-2; Paris, BN, X 2204.

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.* Conimbricae, Ioannes Barrerius, 1588. (segunda impressão, a primeira é de 1570).

Lisboa, BN, Res. 1617 P; -, 1618 P; -, 2950 V; Madrid, BN, R. 26258.

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis [...] Adhuc Noui Huic Vltimae Impressioni Adiuncti Sunt Varii Loquendi Modi ex Praecipuis Auctoribus Decerpti Praesertim ex Marco Tulio Cicerone.* Olyssipone. Excussit Alexander de Syqueira Typographus, 1592.<sup>[16]</sup> (terceira impressão, a primeira é de 1570).

Lisboa, BN, Res. 4514 P; LBL 1568/3465; PBN X. 2205; Évora, BP, Res. 180; Porto, BP, I. 3. 116.

<sup>15</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 56, com o título n.º 208 e 208 (a), dizendo existirem exemplares na B. N. de Lisboa (2 ex., um deles incompleto), no Porto, em Évora e na Univ. de Coimbra.

<sup>16</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 307, com o título n.º 1058 e 1058 (a), dizendo haver um exemplar na B. N. de Lisboa (ex. a que falta o fim) e outro em Évora.

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.[...] Adhuc Noui Huic Vltimae Impressioni Adiuncti Sunt Varii Loquendi Modi ex Praecipuis Auctoribus Decerpti, Praesertim ex Marco Tulio Cicerone. Olyssipone. Excussit Antonius Alvares. 1601. (quarta impressão, a primeira é de 1570).*

Li sboa, BN, Res. 5599 P (Cota ant. L. 4270 V); Porto, BP, I. 3. 117.

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.[...] Adhuc Noui Huic Vltimae Impressioni Adiuncti Sunt Varii Loquendi Modi ex Praecipuis Auctoribus Decerpti, Praesertim ex Marco Tulio Cicerone. Nunc Denuo, Emendarum Colluue, Qua Scatebat Diligenti Lucubratione Defaecatum. Vlyssipone. Ex Officina Petri Craesbeeck, 1613. (quinta impressão, a primeira é de 1570).*

Lisboa, BN, Res. 5600 P (Cota ant. L. 4271 V.); -, B Central da Marinha, R. Ca. 3-07; Porto, BP, I, 3. 118.<sup>[17]</sup>

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione, et Ecclesiasticorum Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.[...] Cui Hac Vltima Editione Praeter Cetera Hactenus Aliis Contenta in Singulis Nominibus, et Verbis Suae Inflexiones Appositae Sunt [...] Addita cum Variis Loquendi Modis ex Praecipuis Auctoribus Collectis. Vlyssipone. Ex Officina Petri Craesbeeck. 1619. (sexta impressão, a primeira é de 1570).*

Lisboa, BN, Res. 5601 P (Cota ant. L. 4272 V.); Rio de Janeiro, BN, [falta cota]; Washington, US Library of Congress, 7242. 1; Porto, BP, I. 3. 119.

<sup>17</sup> Em Lisboa, na Biblioteca das Necessidades, existiu um exemplar desta edição, com a cota 219. 1, cujo rasto se perdeu (informação recolhida na BN da Ajuda).

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium iuxta Seriem Alphanumericam Perutili Expositione et Ecclesiasticorum Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.[...] Cui Hac Vltima Editione Praeter Cetera Hactenus Aliis Contenta in Singulis Nominibus, et Verbis Suae Inflexiones Appositae Sunt [...] Addita cum Variis Loquendi Modis ex Praecipuis Auctoribus Collectis.* Vlyssipone. Ex Officina Petri Craesbeeck. 1630. (sétima impressão, a primeira é de 1570).

Lisboa, BN, Res. 5602 P (Cota ant. L. 4273 V.); Porto, BP, I. 3. 120<sup>[18]</sup>.

*Dictionarium Latinolusitanicum et Lusitanicolatinum, cum Aliquorum Adagiorum, et Humaniorum Historiarum, et Fabularum Perutili Expositione. Item de Vocibus Ecclesiasticis, de Ponderibus, et Mensuris, et Aliquibus Loquendi Modis Pueris Accommodatis. [...] Quod in Hac Vltima Editione Multis Nominibus Auctum, et a Pluribus Erroribus, Iisque Turpissimis, Quibus [...] Expurgatum in Lucem Damus.* Vlyssipone. Ex Officina, Laurentii de Anveres. A Custa de Domingos Carneiro Mercador de Livros, 1643. (oitava impressão, a primeira é de 1570).

Lisboa, BN, Res. 5603 P (Cota ant. L. 4274 V.); Rio de Janeiro, BN, [falta cota].

*Dictionarium Latinolusitanicum et Lusitanicolatinum, cum Aliquorum Adagiorum, et Humaniorum Historiarum, et Fabularum Perutili Expositione. Item de Vocibus Ecclesiasticis, de Ponderibus, et Mensuris, et Aliquibus Loquendi Modis pueris Accommodatis. [...] Quod in Hac Vltima Editione Multis Nominibus Auctum, et a Pluribus Erroribus, Iisque Turpissimis, Quibus [...] Expurgatum in Lucem Damus.* Vlyssipone. Ex Officina et Sumptibus Antonii Craesbeeck a Mello, 1677. (nona impressão, a primeira é de 1570).

Lisboa, BN, Res. 5604 P (Cota ant. L. 4275 V.); -, B Central da Marinha, R. Ca. 3-06; Rio de Janeiro, BN, [falta cota].

*Dictionarium Latinolusitanicum et Lusitanicolatinum, Quanta Maxima Fide, ac Diligentia Accuratissime Expurgatum [...] Adiectis Dictionariolis de Vocibus*

<sup>18</sup> Este exemplar tem falta de folhas no meio.

*Ecclesiasticis, de Ponderibus, Numismatis, et Mensuris Cunctis. Accesserunt etiam Concinni Loquendi Modi, Phrases et Adagia ex Optimis Auctoribus Decerpta. Item Magna Sylua Nominum propriorum et Appellatiuorum, Humaniorum Historiarum, Populorum, Marium, Fluiuorum, Montium, Vrbium, Ventorum, Syderum, Deorum, et c. Editio Nouissima, in Qua Est Itidem Appositus Catalogus Dictionariorum, Auctorumque Plurimorum.* Vlyssipone. Typis, et Sumptibus Dominici Carneiro, 1694.<sup>[19]</sup> (décima impressão, a primeira é de 1570).

Lisboa, BN, L. 39 A; -, L. 1015 A; -, L. 2336 A (Outra cota L. 663 A); -, L. 2337 A.; -, L. 13360 V, -, BN da Ajuda, 58- VI- 1<sup>[20]</sup>; -, 43- XV- 11; -, B Central da Marinha, R. Ca. 9-09; Roma, BN, C. 25. M. 33; Cambridge, HU-MH, [falta cota]; Porto, BP, I. 14. 34.

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.* Lisboa, Domingos Carneiro, 1695. (décima primeira impressão, a primeira é de 1570).

Nenhum exemplar conhecido.

*Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis.* Coimbra, João Antunes, 1695. (décima segunda impressão, a primeira é de 1570).

Nenhum exemplar conhecido.

<sup>19</sup> «D'esta ultima cuidou o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, como elle proprio declara nas *Notícias Chron. da Univ. de Coimbra*, pag. 570». Innocência Francisco da Silva, *op. cit.*, Tomo III, p. 259.

<sup>20</sup> Este exemplar procede da extinta Biblioteca das Necessidades.

*Egloga, Quae Sylenis Inscibitur de Vario Amore Aliaque Simul Poemata.*  
Conimbricae, apud Ioan. Barrerium, 1553.<sup>[21]</sup>

Nenhum exemplar conhecido.

*De Obitu Serenissimi Principis D. Ludouici Portugalliae Infantis Dialogus cum*  
*Aliis Epigrammatif[bu]s.* Olysiptone, apud Ioan. Barrer. Typ. Reg., 1556.<sup>[22]</sup>

Nenhum exemplar conhecido.

*Apologus de Morte, et de Pastore cum Aliis Elegiacis.* Olysiptone, apud eundem  
Typog. [João Blávio], 1558.<sup>[23]</sup>

Porto, BP, N. 5. 59.

*De Praeteritorum et Supinorum Ratione.*<sup>[24]</sup>

Nenhum exemplar conhecido.

---

<sup>21</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 34, com o título n.º 122, não indicando a existência de nenhum exemplar.

<sup>22</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 37, com o título n.º 139, não indicando a existência de nenhum exemplar.

<sup>23</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 89, com o título n.º 324, não indicando a existência de nenhum exemplar. Barbosa Machado, *op. cit.*, Vol. II, p. 490, acrescenta apenas: «No fim tem huns enigmas traduzidos de Castelhana em Verso latino lyrico».

<sup>24</sup> Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 346, com o título n.º 25 do «Suplemento», não indicando a existência de nenhum exemplar e acrescentando: «O único indício que há da impressão desta obra, a que se refere Barbosa, II, p. 491, é uma carta do A. a António Pimentel, [concretamente a Ep. 41,] com a data de Olysiptone octauo Calend. Nouemb., em que diz: «Superioribus diebus excudendum tradidimus libellum de Praeteritorum et supinorum ratione», etc.»

## Índices Remissivos

Índice Remissivo do  
Libellus de Terraemotu  
De Vario Amore Ecloga  
De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio

**A**

Academia, 40, 48, 70, 71  
 Academia de Lisboa, 40  
 Academia de Sena, 71  
*Acerca do Orador*, 47  
 África, 57  
 Agamémnon, 61  
 Agenor, 43  
 Alexandre, 5, 69  
 Ália, 11  
 Anaxágoras, 49, 55  
 Anaximandro de Mileto, 50, 54  
 Anfião, 45, 52  
 Anfimedonte, 32  
 Anúbis, 43  
 Aónia (aónio, -a, -os, -as), 10  
 Apeles de Cós, 35, 69  
 Ápio, 47, 67  
 Apolo (apolíneo, -a, -os, -as), 11, 23, 26, 32, 34, 52, 58, 62  
 Aquiles, 52  
 Árabo, 62  
 Arato da Cilícia, 56  
 Areópago, 66, 71  
 Aríon de Metimna, 53  
 Aristarco (-os), 27  
 Aristeu, 55  
 Aristófanes, 53  
 Aristóteles, 48, 49, 51, 57, 59, 61  
 Aritmética, 50, 51  
 Arquígenes, 64  
 Arquimedes de Siracusa, 50  
 Asclepiades, 63  
 Ásia, 13  
 Assírios, 43, 54, 56  
 Astronomia, 53, 54, 56  
 Atenas, 71  
 Atenienses, Os, 40, 45, 49, 55, 56, 66, 68  
 Ática (ático, -a, -os, -as), 36  
 Atlas, 54, 55, 57  
 Ausónio, 64  
 Austro (-os), 17

**B**

Babilónia, 13  
 Babilónios, Os, 56  
 Baco, 11, 37, 38  
 Barreira, João da, 4  
 Beroso, 44, 56  
 Boieiro, Constelação, 11  
 Bóreas (boreal, -ais), 12  
*Bucólicas*, 27

**C**

Cadmo, 43  
 Caldeus, 54, 56  
 Cálidon, 37  
 Campânia, 37  
 Cárites, 24  
 Carmenta da Arcádia, 44  
 Carnéades, 49  
 Carneiro, 54  
 Castália, 26  
 Castro, Jerónimo de, 27  
 Catão, Marco Pórcio, 69  
 Catilina, 47  
*Cato Maior*, 58  
 Cáucaso, 56  
 Celso, 62  
 Cíbaris, 32  
 Cícero, Marco Túlio, 47, 48, 52, 58, 59, 62, 64, 65  
 Cíneas, 46  
 Cínicos, 49  
 Cirúrgica, 64  
 Citereia, 34  
 Cláudio, Ápio, 67  
 Cleantes, 53  
 Colégio dos Pontífices, 67  
 Crisipo, 49  
 Cristo, 67  
 Critodemo, 44

**D**

*De Legibus*, 64  
*De Oratore*, 60

*De Republica*, 49  
 Dédalo, 36  
 Delos (délio, -a, -os, -as), 26, 58  
 Demóstenes, 41  
 Deucalião, 20  
 Deus, 8, 9, 18, 19, 20, 21, 22, 41, 59, 66, 67, 68  
 deus (-a, -es, -as), 5, 10, 14, 34, 36, 37, 38, 45, 51, 52, 60, 63, 68  
 Dialéctica, 48, 49  
 Dietética, 64  
*Digesta*, 66  
 Diógenes, 49  
 Direito, 40, 47, 60, 64, 66, 67, 68, 71  
 Direito Canónico, 40  
 Direito Civil, 40, 64, 67  
 Direito Flaviano, 67  
 Direito Papiriano, 66  
 Direito Pontifício, 67, 68  
 Direito Romano, 66  
 Dogmático, 64  
 Dórilas, 28, 29, 32  
 Douro, 12  
 Drácon, 66  
 Dríades, 30  
 Druidas, 57

## E

Economia, 61  
 Egeu, Mar, 19, 34, 46  
 Egípcios, Os, 43, 50, 54, 62  
 Egipto, 23, 57  
 Egle, 32  
 Égon, 29  
 Eloquência, 46, 47, 48, 58  
*Em Defesa de Ctesifonte*, 41  
 Emílio, Paulo, 55  
 Empédocles, 56, 58  
 Empédocles de Agrigento, 56  
 Empírica, 64  
 Empíricos, 63, 64  
 Endimião, 55  
 Eneu, 37  
 Éolo, 17  
 Epaminondas, 52

Epicuro, 49, 70  
 Epirotas, 46  
 Esculápio, 61  
 Espartanos, 45  
 Espartiatas, 43  
 Espírito Santo, 10  
 Ésquines, 41, 56  
 Estáfilo, 37, 39  
 Estáquio, 54  
 Estêntor, 50  
 Estige, 20  
 Estóicos, 49  
 Estrela da Manhã, 11  
 Estrela da Tarde, 33  
 Ética, 56  
 Etólia, 37  
 Euclides de Mégara, 50  
 Eudoxo de Cnido, 56  
 Eurípides, 61  
 Europa, 21  
 Evandro, 44

## F

Facúndia, 46  
 Farmacêutica, 64  
 Faros, 36  
 Faunos, 12, 30  
 Feácios, Os, 68  
 Febo, 17, 23, 24, 26, 33  
 Fedro, 52  
 Fémio, 53  
 Fenícios, Os, 43, 44, 54  
 Fernandes, Jorge, 40, 70  
 Fesceninas, 36  
 Filemo, 32  
 Filipe de Cós, 64  
 Filomela, 36  
 Filosofia, 52, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65  
 Filosofia Moral, 58  
 Filosofia Natural, 58  
*Física*, 51, 56  
 Físicos, 62  
 Flaco, Quinto Horácio, 23, 61  
 Flegetonte, 14  
 Flegra, 11

foro romano, 66  
Frígios, Os, 43, 52

### G

Galateia, 32  
Galeno, 63, 64  
Gauleses, Os, 11, 57  
Geometria, 50  
Getas, Os, (gético, -a, -os, -as), 11  
Gimnosofistas, 57  
Gneu Flávio, 67  
Gnídia, 34  
Górgias de Leôncio, 49  
Górgona, 11  
Gramática, 44, 46, 48, 49, 68  
Grécia (grego, -a, -os, -as), 44, 52, 54, 57, 62, 63, 67  
Gregos, Os, 40, 55, 57, 58, 61, 63  
Guerra de Tróia, 43, 61  
Guerra Macedónica, 55

### H

Hélicon, 11  
Hércules, 36, 43, 63  
Heródoto, 43, 53  
Hidra, 65  
Hidras, 22  
Himeto, 38  
Hiparco, 55  
Hipócrates, 62, 63, 64  
Hircânia, 18  
Homero (homérico, -a, -os, -as), 45, 50, 52, 61  
Horácio Flaco, Quinto, 45  
Hortênsio, Quinto, 69  
Humanidades, 48

### I

Iaco, 32  
Ícaro, 53  
Idálio, 34  
Idumeia, 10  
Ilírico, 63  
Índia (índico, -a, -os, -as), 38  
Indianos, 57  
Inverno (-os), 13

Iolco, 31  
Iónio, Mar, 46  
Istmo de Corinto, 46  
Itália, 44, 51

### J

Jano, 42  
Júpiter (Jove), 11, 23, 34, 35

### L

Lacedemónios, Os, 46, 52, 55, 66  
Lácio (latino, -a, -os, -as), 13, 44  
Lactânccio, 58  
latim, 44, 64  
Latinos, Os, 58  
Lei das Doze Tábuas, 67  
Líbia, 13, 16, 18, 36  
Lícidas, 31  
Licorbas, 29  
Licurgo, 52, 66  
Lieu, 36  
Lino, 53, 57  
Lisboa (lisboeta, -as), 6, 7, 20  
Lívio, Tito, 44, 66  
Lógica, 64  
Lua, 55  
Lucílio, 59  
Lucrecio Caro, Tito, 58  
Lusitânia (lusitano, -a, -os, -as), 20  
Lusitanos, Os, 40

### M

Manes (deuses), 12, 52  
Márcia, 35  
Maria, Santa, 8  
Mársias, 52  
Mássico, 37  
Matemática (matemático, -a, -os, -as), 50, 51  
Medicina, 61, 62, 63, 64  
Medicina Clínica, 64  
Medicina Racional, 64  
Melisso, 49  
Mémnon, 43  
Meónia, 23  
Mercúrio, 57

Méris, 50  
Metódica, 64  
Metódicos, 64  
Missénios, Os, 46  
Mopso, 28, 29, 30, 31  
Musa (-as), 23, 24, 25, 26, 33, 49  
Museu de Atenas, 57  
Música, 50, 51, 52, 53

## N

Náiadas, 32, 35  
Napeias, 30  
Nasão, Públio Ovídio, 23  
Natal, 27  
Nestor, 40  
Nilo, 50, 57  
Nísias, 55  
Noto, 21

## O

Oceano, 12, 17, 18  
Olimpo (olímpico, -a, -os, -as), 54  
Oráculo de Apolo, 69  
Oráculo de Delfos, 66  
Orfeu, 29, 45, 52, 53, 57  
Ossa, 54  
Ovídio Nasão, Públio, 54

## P

Pã, 52  
Palamedes, 43  
Palas, 11, 26, 42  
Papírio, Sexto, 66  
Parménides, 49  
Pasífae, 36  
Pélio, 54  
Péricles, 55  
Perístera, 34  
Persas, Os, 55, 56  
Perspectiva, 50  
Piérides, 26  
Pirro, 46, 47  
Pitágoras de Samos, 50, 51, 52, 55  
Platão, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 60, 62  
Plínio, 54, 69  
Plínio-o-Antigo, 69

Plutão, 10, 14  
Plutarco, 43, 51, 55, 60  
Poética, 48, 49  
Política, 61  
Pompónio, 66  
Procne, 36  
Prometeu, 56  
Providência, 58

## Q

*Questões Tuscianas*, 59  
Quintiliano, Marco Fábio, 48, 52  
Quíron, 62

## R

Racionais, 64  
Radamanto, 43  
Retórica, 46, 48, 49  
Rodes, 41  
Roma (romano, -a, -os, -as), 19  
Romanos, Os, 11, 13, 47, 55, 68  
Rómulo, 66

## S

Sagitário, Signo do, 54  
Samos, 43  
Sanches, Pedro, 23  
São Miguel, Ilha de, 5  
Sátiros, 30  
Saturno, 19, 34  
Sé Apostólica, 67  
Séneca, Marco Aneu, 59  
Serapião de Alexandria, 64  
Sereia (-as), 45, 69  
Sibila, 44  
Sicília (sículo, -a, -os, -as), 45  
Sídon, 54  
Silenide, 30, 31  
Sileno (-os), 28, 32  
Silvano, 30  
Simónides, 43  
Síria, 19  
Sócrates, 51, 52, 58, 62  
Sol, 14, 15, 28, 55  
Sólón de Salamina, 40, 66  
Sumos Pontífices, 67

**T**

Tales de Mileto, 55, 57  
Tâmiras, 53  
Tarquínio Prisco, 66  
Tártaro, 22, 52  
Tebanos, Os, 52  
Tebas (tebano, -a, -os, -as), 45  
Tejo, 12  
Temisião, 64  
Temístocles, 53  
*Teogonia*, 57  
Terpandro, 53  
Tibério César, 13  
Timbreu, 23  
Tirteu, 45  
Titã, 12, 13, 19  
Títiro, 33  
Tmolo, 37  
Tonante, 11, 20  
Trácios, Os, 53, 57  
Tróia, 26, 45, 61

**U**

Ulisses, 26, 45  
Universidade de Lisboa, 41  
Urânia, 57

**V**

Vénus, 34, 54, 55  
Virgílio Marão, Públio, 23, 27, 45  
Vulcano, 57

**Z**

Zamolxis, 57  
Zéfiro (-os), 13  
Zoilo, 24, 25

Índice Remissivo do  
Epistularum Familiarium Libellus

**A**

Abreu, 117, 195  
 Abreu, Pedro de, 117, 119, 166  
 Abreu, Pedro Gomes de, 111  
 Academia, 78, 141  
 Academia de Paris, 78  
 Acerca da Filosofia, 93  
 Acerca da Nobreza Cristã, 93  
 Adónis, 211  
 Aguiar, Manuel de, 97  
 Aires, 115  
 Alcibíades, 127  
 alemão, 183  
 Alexandre, 75, 125  
 Algarves, 77  
 Álvaro, 104, 109, 110  
 Amores, 151  
 André, 83, 86, 87, 129, 169, 179, 185, 186  
 Aníbal, 93  
 Antiguidade, 77, 93, 113, 130, 183, 191, 206, 208, 213  
 António, 74, 79, 81, 122, 125, 127, 129, 133, 134, 161, 165, 174, 181, 203, 207, 210  
 Apeles, 74, 130  
 Apolo (apolíneo, -a, -os, -as), 86, 89, 121, 149  
 Árabe, 77  
 Arche, Afonso de, 211  
 Arche, Fernando de, 205  
 Argos, 206  
 Aristarco, 81, 129, 172, 187, 206  
 Aristóteles, 75  
 Atenas, 127  
 Ática (ático, -a, -os, -as), 125, 199  
 Ático, 130  
 Atlas, 126  
 Atlântico, 77

**B**

Barreira, João da, 73  
 Beócia, 212  
 Brandão, Fernando, 121

**C**

Calhandro, Jorge, 150

Camerino, 173  
 Cárites, 151  
 Cardoso, Jerónimo, 73, 74, 77, 79, 81, 83, 86, 87, 89, 91, 93, 95, 97, 99, 100, 102, 104, 106, 109, 111, 114, 115, 117, 119, 121, 122, 125, 127, 129, 132, 135, 137, 139, 141, 143, 145, 146, 148, 150, 153, 156, 158, 161, 163, 165, 167, 169, 172, 174, 176, 177, 179, 181, 183, 185, 187, 188, 190, 192, 195, 196, 199, 201, 203, 205, 207, 209, 211, 212, 213, 215  
 Catão, Marco Pórcio, 93, 197  
 Catulo, Gaio Valério, 194  
 Ceres, 97  
 Cetegos, 188  
 céus, 104, 139, 140, 194, 209, 215  
 Ciâneas, 185  
 Cícero, Marco Túlio, 145  
 Cícero, Marco Túlio (ciceroniano, -a, -os, -as), 81, 93, 99, 109, 127, 145, 148, 154, 158, 169, 188  
 Cleante, 119  
 Coelho, 89, 196, 201, 202  
 Coelho, Jorge, 89, 91, 102, 196  
 Coelho, Martinho, 99, 201  
 Coimbra, 197, 199  
 Conselho, 171  
 Costa, Jorge da, 100, 102  
 Cotrim, André, 129  
 Crético, 173  
 Cristo, 172  
 Cúria, 159

**D**

D. João, 77, 105  
 D. João III, 77  
 D. Pedro, 190, 191  
 Demóstenes, 77  
 Deus, 94, 111, 117, 122, 143, 151, 154, 167, 172, 207  
 deus (-a, -es, -as), 78, 97, 111, 133, 158, 163, 175  
 Diogo, 167, 168  
 Diomedes, 194  
*Do Sistema dos Perfeitos e dos Supinos*, 161

Donato, 184

### E

Élide, 129, 130

Elísio, 191

encantos, 172

Énio, 74

Erasmus de Roterdão, 184, 215

Érito, 172

Esopo, 207

Estoicismo (estóico, -a, -os, -as), 135, 165

Estrela da Manhã, 126

*Eunuco*, 184

Évora, 83, 106, 164, 168, 173, 176, 180, 196, 198

Estremoz, 74

### F

Fábio, 133, 135, 136, 154

Fedro, 127

Fernandes, Cristóvão, 158

Fernando, 121, 135, 139, 205, 206

Fernando, Gonçalo, 132

Fernando, João, 113

Fídias, 130

Figueiredo, 199

Figueiredo, Marcos Pedro de, 199

Filipe, 119

Filipe, Bartolomeu, 117, 119

Floro, João, 133

Francisco, Diogo, 167

Freitas, António de, 122

### G

Gália, 207

Getas, Os, (gético, -a, -os, -as), 147, 154

Gigantes, 113

Góis, Damião de, 213, 215

Gomes, Aires, 115

Gomes, Álvaro, 104, 109

Gomes, Duarte, 167

Gomes, Pedro, 111, 122, 177

Gonçalo, 132, 190

górdio, 161

Gramática, 160

Grécia (grego, -a, -os, -as), 188, 193

Gregos, Os, 74, 98, 149, 175, 193

Guiné, 77

Guterres, 139, 168

Guterres, Fernando, 139

### H

Hélicon, 167

Henrique, Cardeal D., 89, 196

Hércules, 128, 148, 153

hermafrodita, 146

Heródoto, 77

Himeto, 82

Homero (homérico, -a, -os, -as), 194

Horácio Flaco, Quinto, 79

Humanidades, 78, 197

### I

Igreja, 197

Índia, 130

Índico, 77

Isócrates, 75

### J

Jano, 206

Jerónimo, 73, 74, 77, 79, 81, 83, 86, 87, 89, 91, 93, 95, 97, 99, 100, 102, 104, 106, 109, 111, 114, 115, 117, 119, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 135, 137, 139, 141, 143, 145, 146, 148, 150, 153, 154, 156, 158, 161, 163, 165, 167, 169, 172, 174, 176, 177, 179, 181, 183, 185, 187, 188, 190, 192, 195, 196, 199, 201, 203, 205, 206, 207, 209, 211, 212, 213, 215

Joana, 177

João, 73, 111, 113, 133, 134, 171

Jorge, 89, 91, 100, 102, 150, 151, 177, 196

Juno, 172

Júpiter, 117, 130

Júpiter, Templo de, 130

### L

Labirinto, 107

Lácio (latino, -a, -os, -as), 98, 111,  
129, 159, 181, 188, 195  
Lacónia (lacónico, -a, -os, -as), 84, 128  
Latim, 79, 98  
Latinos, Os, 98, 105, 115  
Leão, Gaspar Lobo de, 203  
Líber, 97  
Lisboa, 73, 76, 78, 86, 110, 134, 160,  
162, 166, 171, 182, 186, 198, 213  
Lísias, 77, 127  
Luciano, 81  
Luís, 125, 126, 137, 148, 153, 167,  
168, 195  
Luís, António, 125, 127  
Luís, Príncipe D., 93  
Lusitânia (lusitano, -a, -os, -as), 73, 75,  
90, 94, 118, 206, 207, 213, 215  
Lutécia, 159, 160

### M

Manto, 130  
Manuel, 97, 137, 141, 156, 163, 169,  
179, 181  
Márcia, 177  
Marcial, Marco Valério, 194, 211  
Martins, António, 203  
Mecenas, 198  
Medicina, 125, 149  
Meneses, D. Pedro de, 190  
Midas, 132  
Minerva, 99, 125, 157, 163, 188, 199  
Mira, 74  
Momo, 81, 129, 206  
Morais, Inácio de, 143, 145, 183, 187,  
188, 192  
Musa (-as), 86, 96, 109, 115, 127, 137,  
148, 149, 151, 156, 159, 163, 167,  
172, 188, 189, 192, 205, 212

### N

Nebrija, 161  
Neoptólemo, 99  
Noronha, D. Afonso de, 74, 82  
Noronha, D. Sancho de, 74  
Nunes, Cristóvão, 209  
Nunes, Pedro, 114

### O

Olímpia, 130  
Olimpo (olímpico, -a, -os, -as), 130  
Oliveira, 172  
Oliveira, Fernando, 135  
Oratória, 167  
Oriente (oriental, -ais), 129, 130  
Osório, Jerónimo, 93, 95  
Ovídio Nasão, Públio, 137, 148, 187,  
193, 206, 212

### P

Pacheco, Francisco, 100, 102  
Paço, 75, 86, 88, 91, 153, 163, 172,  
196  
Palas, 97, 188  
Papínio, 130  
Parasita de comédia, 152, 174, 204  
Paris (parisiense, -es), 115  
Parisienses, Os, 160  
Parísios, Os, 159  
Pátria, 104, 118, 133  
Paulo, 172  
Pedro, 106, 111, 113, 114, 117, 119,  
122, 137, 141, 154, 156, 163, 166,  
172, 176, 177  
Péricles, 77, 127  
Persas, 133  
Pérsico, 77  
Pérsio Flaco, Aulo, 151, 188  
Piérides, 172  
Pimenta, António, 161, 174, 181  
Pinheiro, António, 207  
Pires, 125, 126, 128, 137, 146  
Pires, Luís, 137, 148, 153, 167, 195  
Pires, Manuel, 169, 181  
Plínio, 81, 130, 197  
Plutarco, 75  
Poliziano, Ângelo, 81, 130, 187  
Portugal, 77  
Prometeu, 193

### Q

Quilão, 205  
Quintiliano, Marco Fábio, 135  
Quintílio, 187

**R**

Rei, 73, 75, 77, 105, 181, 213  
Religião, 99  
Resende, Lúcio André de, 83, 86, 87  
Retórica, 136  
retóricos, 98, 205  
Rodrigo, 106, 137  
Rodrigues, Francisco, 197  
Rodrigues, Gonçalo, 190  
Roma (romano, -a, -os, -as), 115, 148,  
188  
Romanos, Os, 77

**S**

Salamanca, 120, 205, 206  
Salgueiro, 81  
Salgueiro, António, 74, 79, 81, 210  
Salvador, 168  
Samnita, 139  
Sanches, 106, 141, 148, 156, 168  
Sanches, Pedro, 106, 137, 141, 154,  
156, 163, 172, 176  
Sanches, Rodrigo, 106, 137  
Sátiros, 189  
Sebastião, 176  
Silenide, 204  
Silvanos, 189  
silvas, 130  
Simão, 206  
Sócrates, 127  
Sol, 209, 211  
Sólon de Salamina, 213  
Subura, 115

**T**

Tales, 89  
Taveira, 169  
Taveira, André, 169, 179, 185  
Teive, 154  
Teive, Gaspar de, 194  
Teologia, 104, 109  
Terêncio Africano, Públio, 184  
Teseu, 117  
Tróia, 117, 170  
Tucídides, 77

**U**

Ulisses, 152  
Universidade de Lisboa, 129

**V**

Vaz, António, 165  
Veiânio, 146  
Vénus, 81  
Virgem, 110  
Virgílio Marão, Públio, 99, 145, 193

**X**

Xenofonte, 133

Índice Remissivo do  
Apologus De Morte et De Pastore  
Cum Aliis Elegiacis

	<b>A</b>	Lisboa, 2	
África, 11			<b>M</b>
Aníbal, 8		Marão, Públio Virgílio, 8	
Aónia, 8		Mercúrio, 7	
Ásia, 3		Minho, 9	
	<b>B</b>	Morte, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10	
Bética (bético, -a, -os, -as), 8		Mouros, Os, 11	
Blávio, João, 2			<b>N</b>
Bóreas, 3		Nilo, 3	
	<b>C</b>	Nómadas, Os, 4	
Canas, 11		Noto, 5	
Cardoso, Jerónimo, 2, 3			<b>P</b>
Cristo, 9		Palas, 8	
	<b>D</b>	Pastor, 2, 3, 5, 7	
Deus, 3, 6, 7, 11		Pela, 3	
Douro, 9		Plutão, 7	
	<b>E</b>	Ponto Euxino, 8	
Eneias, 8		Porsena, 11	
Éritras, 4			<b>R</b>
Euro, 3, 4		Roma, 11	
	<b>F</b>		<b>S</b>
Fásis, 8		Sílio, 8	
Febo, 3, 8		Silva, Paulo da, 10, 11	
Fernando, Gonçalo, 8		Sousa, Aires de, 10	
	<b>G</b>	Sousas, 11	
Ganges, 3			<b>T</b>
Gétulos, Os, 4		Teles, 11	
	<b>I</b>	Tigre, 3	
Ílion (ilíaco, -a, -os, -as), 8		Tonante, 10	
Indianos, Os, 4			<b>V</b>
	<b>L</b>	Verbo Divino, 3	
Líbia, 3, 5			<b>Z</b>
Libitina, 5		Zéfiro, 3	

Índice Remissivo do  
De Monetis tam Graecis quam Latinis,  
Item De Ponderibus et Mensuris ad Praesentem Vsum  
Redactis,  
Anacephalaeosis

- A**  
*Acerca do Asse*, 218  
Álvares, João, 217, 234  
Amor, 221, 222  
Apolo, 223  
Árabes, Os, 227  
Arpino, 229  
Aspásia, 232  
Assíria, 223, 231
- B**  
Budé, 218
- C**  
Cabo da Boa Esperança, 218  
Calíope, 233  
Capricórnio, Signo do, 227  
Cardoso, Jerónimo, 217, 218  
Castália, 227  
Ciâneas, 185  
Cipião, 232  
Cirra, 219  
Coimbra, 217, 218, 234  
Corina (-as), 232  
Creta, 218  
Cupido, 221
- D**  
D. Manuel I, Rei de Portugal, 226, 232  
D. Maria, filha de D. Manuel I, 232  
Deus, 222, 225, 227  
deus (-a, -es, -as), 219, 222, 226, 228, 229, 230, 231, 233  
Diotima, 232
- E**  
Espanha, 230
- F**  
Febo, 219, 226, 228  
Fevereiro, 218
- G**  
Galeno, 229  
Grécia (grego, -a, -os, -as), 217, 229, 232
- H**  
Hélicon, 226, 228, 231  
Hortênsio, 232
- I**  
Ibéria, 233  
Idade de Ouro, 229  
Índia, 218  
Indianos, Os, 227
- L**  
Lácio (latino, -a, -os, -as), 217, 218, 229, 232  
Latinos, Os, 232  
Lélio, 232  
Lisboa, 218  
Lucina, 226  
Luso, 227
- M**  
Mântua, 232  
Medicina, 218, 219, 226  
Mercúrio, 228, 229  
Minerva, 231, 233  
Musa (-as), 222, 225, 231, 232
- O**  
Ocidente (ocidental, -ais), 219  
Oriente (oriental, -ais), 219

P

Paço, 232  
Palácios, Pedro de, 226  
Parcas, 229  
Parnaso, 220  
Pedro, 223, 226  
Pelasgos, Os, 232  
Penates, 226  
Perez, Fernando, 223  
Pérnix, 221  
Persuasão, 229  
Piéríde (-es), 219, 225, 226  
Pilos, 229  
Pirene, 226  
Pitágoras, 232

V

Virgem, 227

R

Rodrigues, Salvador, 218, 219, 220, 221,  
224, 225  
Roma, 231  
Rómulo, 231  
Róscio, 231

S

Safo, 232  
Salvador, 218, 219, 220, 221, 224, 225  
Salviato, 224, 225  
Sambico, 221  
Santa Luzia, 227  
Sigeia, Luísa, 230  
Sócrates (socrático, -a, -os, -as), 232  
Sófocles, 228  
Sol, 219, 227, 233  
Sólíma, 232  
Sumo Pontífice, 233

T

Talia, 220, 221  
Tejo, 219, 223  
Telesilas, 232  
Terra, 226, 233  
Tiro, 231  
Trácia, 228

Índice Remissivo do  
Dictionarium  
Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum

**A**

Álvares, João, 236

**C**

Cardoso, Jerónimo, 236

Ciência Cirúrgica, 237

Coimbra, 236

**J**

Juventude, 238

**L**

Lácio (latino, -a, -os, -as), 237, 238

Lusitânia, 238

**M**

Medicina, 237

Mocidade, 236

Índice Remissivo das  
Institutiones in Linguam Latinam

- A**
- Algarve (-es), 241  
 Aquilão, 243  
 Árábico, O (título dos Reis de Portugal), 241  
 Atlântico, O (título dos Reis de Portugal), 241  
 Austro, 243
- B**
- Blávio, João, 240, 245  
 Bóreas, 243, 246
- C**
- Camena, 247  
 Cardoso, Jerónimo, 240, 241  
 Caríbdis, 243  
 Cícero, Marco Túlio, 245  
 Cila, 243  
 Cloto, 247  
 Colónia, 240  
 Companhia de Jesus, 242
- D**
- D. Henrique, Cardeal, 242  
 D. Sebastião, Rei de Portugal, 240, 241  
 Deus, 242
- E**
- Éson, 243, 246  
 Estige (estígio, -a, -os, -as), 244  
 Etiópico, O (título dos Reis de Portugal), 241  
 Etrúria (etrusco, -a, -os, -as), 246
- F**
- Faetonte, 246  
 Febo, 245
- G**
- Gramática, 241, 245
- Guiné, 241
- H**
- Hélicon, 245
- I**
- Ícaro, 246  
 Índico, O (título dos Reis de Portugal), 241
- J**
- Janeiro, 242
- L**
- Lácio (latino, -a, -os, -as), 240  
 Láquesis, 247  
 Lerna, 244  
 Líbia, 243  
 Lisboa, 240, 241, 242, 245  
 Lusitânia, 240, 242  
 Lusitanos, Os, 242
- M**
- Mar Iónio, 243  
 Marte, 247  
 Mecenas, 242  
 Meónia, 247  
 Musa (-as), 241, 242
- N**
- Nebrissa, 245  
 Nictímene, 244  
 Ninivita, 245  
 Noto, 243, 246
- O**
- Oceano, 243, 246
- P**
- Paço, 241  
 Palinuro, 246  
 Páris, 246

Parnaso, 245  
Pérsico, O (título dos Reis de Portugal),  
241  
Piéride (-es), 245  
Portugal, 241  
Príamo, 246

**R**

Roma, 242

**S**

Simplégades, 243  
Sirtes, 243  
Sol, 244

**T**

Tífis, 243

**V**

Vasconcelos, D. João de Meneses de,  
246

Índice Remissivo dos  
Elegiarum Libri II

- A**
- Academia, 250, 273  
Academia de Coimbra, 250, 273  
África, 310  
Aganipe, 285, 302, 308  
Água de Prata, 294  
Amor, 290  
Amores, 258, 262, 286  
Anteu, 293  
Antiguidade, 296  
António, 275  
Aónia, 267, 271  
Aónios (Os), 299  
Apeles, 294  
Apolo (apolíneo, -a, -os, -as), 258, 276, 277, 285, 286, 302  
Aquiles, 305  
Argólida, 267  
Arpino, 272, 301  
Arquíloco (-os), 262, 290  
Ascra (ascreio, -a, -os, -as), 267, 302, 307  
Assíria (assírio, -a, -os, -as), 256  
Atenas, 258, 273, 282, 302  
Ática, 258  
Atlas, 299  
Átropo, 266, 281  
Aurora, 285  
Ausónia, 273  
Austro (-os), 278, 291
- B**
- Barreira, João da, 249  
Belerofonte, 278  
Bética, 308  
Bóreas, 269, 291, 309  
Brandão, Fernando, 271  
Bráz, 273  
Bucanam, George, 256
- C**
- Calíope, 258, 275, 310, 313  
Camena (-as), 255, 271, 286, 290, 305  
Camilo (-os), 261, 274  
Canícula, 291  
Caónio, 300  
Cardoso, Jerónimo, 249, 250, 255, 258, 262, 265, 272, 275, 277, 278, 281, 282, 283, 291, 296, 297, 302, 307, 308  
Caríbdis, 287  
Cárites, 258  
Castália (castálio, -a, -os, -as), 276, 277  
Catão, 257, 273  
Catulo, Gaio Valério, 310  
Cáucaso, 307  
centauros, 278  
Ceres, 311, 312  
Cévola, 250  
Chineses, Os, 299  
Cícero, Marco Túlio, 250, 251, 256  
Cila, 278  
Cilícia, 302  
Cimérios, Os, 273  
Cíntia, 306  
Cípria, 273  
Cirra, 286, 302, 313  
Clio, 281  
Coimbra, 250, 255, 275  
Cólquida, 277, 278, 287  
Cordeiro, Gomes, 302  
Córdova, 308, 310  
Corina, 306  
Cotrim, André, 294, 306  
Cristo, 252  
Cupido, 288  
Cúrio (-os), 257
- D**
- Dánaos, Os, 288  
Délia, 306  
Demócrito, 302  
Deus, 252, 253, 254, 273, 311  
deus (-a, -es, -as), 251, 255, 256, 258, 267, 268, 275, 276, 280, 284, 286, 287, 288, 294, 298, 299, 301, 303, 307, 308, 309, 310, 312  
Diogo, 260

Dirce, 301  
Direito, 250, 313  
Direito Civil, 250  
Douro, 311  
Druso (-os), 261  
Dulíquio, 284

**E**

Egeu, Mar, 296, 301  
Élide, 294  
Eloquência, 256, 271, 289, 296  
Encélado de Céos, 299  
Equidna, 278  
Erigone, 291  
Éson, 269  
Estio, 289, 312  
Estrela da Manhã, 298, 301, 302  
Etrúria (etrusco, -a, -os, -as), 269

**F**

Fábios, 255, 261  
Fabrício, 257  
Faetonte, 269  
Faros, 302  
Feácios, Os, 311  
Febe, 301  
Febo, 258, 268, 273, 276, 287, 296, 303, 305, 306, 308  
Fernando, 255, 257, 271, 299, 300, 302  
Filelfo, Francisco, 289  
Fortuna, 272, 284, 285, 313  
Frígia, 299

**G**

Gália, 273  
Getas, Os, (gético, -a, -os, -as), 263, 273, 277, 308  
gigantes, 278  
Gomes, Pedro, 291  
Grécia (grego, -a, -os, -as), 250, 251, 258, 259, 262, 267, 294, 310

**H**

Helena, 259, 282, 288  
Heliades, 299

Hélicon, 267, 272, 284, 285, 286, 300, 307  
Heraclito, 302  
Hermo, 311  
Herodes, 254, 258  
Hespérides, 278, 311  
Híade, 302  
Hibla, 300, 302  
Himeto, 282  
homens de triplo corpo, 278  
Homero, 259, 278, 305

**I**

Ibéria (ibero, -a, -os, -as), 275, 308  
Ícaro, 269  
Ida, 300  
Índia, (índico, -a, -os, -as), 256  
Indianos, Os, 299  
Inverno, 289, 301, 311, 312  
Íonio, Mar, 284, 301  
Isabel, Santa, 252  
Istro, 308  
Itália, 255, 267  
Italo, Vicente, 252, 290

**J**

Joana, 286  
João Baptista, São, 252  
Jordão, 253  
Jorge, 286  
Júpiter (Jove), 287, 301, 308, 309  
Jurisprudência, 250  
Juventude, 296

**L**

Lácio (latino, -a, -os, -as), 250, 258, 268, 272, 273, 274, 281, 299, 300  
Lamego, 310  
Latinos, Os, 250  
Leandro, 287, 288  
Leão, Signo do, 278, 291  
Leda, 291  
Leiria, 273  
Lesbos, 265, 290  
Letes, 313  
Líbia (líbico, -a, -os, -as), 256, 285

Libitina, 303, 305  
Lisboa, 249, 251, 275, 284  
Lopes, Jorge, 286, 304  
Lua, 285, 286  
Lucano, 310  
Luís, 266, 270  
Lusitânia, 251, 294

**M**

Maia, 296  
Mântua, 296, 301, 308, 310  
Márcia, 286, 304, 306  
Marte, 269  
Martins, António, 275  
Mausolo, 294  
Média, 277  
Medicina, 267, 289  
Medusa, 275, 277, 278, 285, 286  
Meneses, D. Luís de, 269  
Meónia, 270, 301  
Minerva, 256, 266, 273, 290  
Miranda, 260  
Mnemósine, 258, 267, 308  
Momo, 282  
Mondego, 275  
Morais, Inácio de, 280, 282, 283, 284,  
285, 296, 307  
Musa (-as), 250, 255, 257, 258, 260,  
261, 266, 273, 276, 277, 280, 281,  
284, 285, 290, 291, 307, 313

**N**

Neptuno, 311  
Nero, 308  
Nilo (nilíaco, -a, -os, -as), 256, 300  
Ninfas, 308  
Norte, 300  
Noto (-os), 269, 297  
númen (-es), 286, 287, 289, 299, 308,  
310

**O**

Oceano, 269, 276, 296  
Orfeu, 299  
Oriente (oriental, -ais), 255, 299, 302  
Outono (-os), 289, 311

Ovídio Nasão, Públio, 308

**P**

Paço, 280  
Pactolo, 311  
Palas, 256, 261, 273, 289, 296, 308  
Palinuro, 269  
Parca (-as), 281  
Páris, 259, 269, 288  
Parnaso, 308, 313  
Paros, 262, 299  
Parrásio, 256, 294  
Pedro, 262, 265, 277, 291, 292, 293  
Penates (deuses), 280, 284, 313  
Pesto, 267  
Piéria, 307, 313  
Piérides, 272, 307, 313  
Pílades, 292  
Pimpleia, 302  
Pirâmides, 294  
Pirene, 312  
Pirítoos, 292  
Pítio, 286  
Pítion, 301  
Plínio, 251, 299  
Pomona, 312  
Precursor, 252  
Príamo, 269, 288  
Primavera, 289  
Procne, 267

**Q**

Químera, 278

**R**

Rodrigues, Salvador, 267, 268  
Roma (romano, -a, -os, -as), 255, 257,  
258, 260, 261, 280, 282, 294, 308  
rostros, 301

**S**

Sanches, 262, 265, 272, 277  
Sanches, Pedro, 262, 265, 277  
Sarmatas, Os, 263  
Sarzedas, 255  
Senado, 250, 255

Sertório, 294  
Sibila, 272  
Sicília (sículo, -a, -os, -as), 256, 259,  
268, 278, 300, 308, 311  
Sigeu, 305  
Silva, 260  
Silva, Diogo da, 260  
Silveira, Fernando da, 255, 257  
Sol, 287, 299, 309  
Sorte, 266, 300, 305, 313  
Souto Maior, Luís de, 266  
Soutos, 266  
Sulmo, 296, 301, 310

**T**

Talia, 258, 286, 289  
Tejo, 300  
Tessália, 287  
Tício, 286  
Timolo, 296, 300  
Tiro, 299  
Titã, 291  
Tomos, 308  
Tonante, 293, 311  
Tormes, 275

**V**

Vaz, Doutor Álvaro, 249, 250  
Ventos, 278, 309  
Vénus, 290, 296  
Verão, 291, 301  
Verona, 310

**Z**

Zéfiro (-os), 267, 289  
Zêuxis, 294

Índice Remissivo do  
Elegiarum Liber II

**A**

Abante, 358  
Afonso, 342  
África, 355, 361  
Agamémnon, 326, 331  
Aganipe, 357  
Agosto, 321, 345, 346  
Alceu, 341  
Alcides, 334  
Almeirim, 342, 343  
Amiclas, 331  
Antiguidade, 344  
António, 316, 345, 346, 347, 350, 351, 352, 353, 358  
Aónia (aónio, -a, -os, -as), 323  
Apolo (apolíneo, -a, -os, -as), 314, 335, 336, 338, 339, 354  
Aquiles, 328, 331  
Árabes, Os 323  
Aretusa, 336  
Aristarco, 353  
Aristor, 325  
Aristóteles, 356  
Átalo, 323  
Atamante, 325  
Atenas (ateniense, -es), 328  
Austro (-os), 328

**B**

Báucis, 334

**C**

Calíope, 338  
Camena, 338  
Canas, 361  
Cardoso, Jerónimo, 314, 316, 319, 321, 335, 338, 344, 345, 346, 349, 350, 353, 356  
Cárites, 323  
Ceres, 317, 325

César, Gaio Júlio, 355  
Ceuta, 342  
Cévola, 358  
Cíane, 336  
Cícero, Marco Túlio, 356  
Cíclades, 345  
Cinara, 337  
Cíntia, 337, 354  
Circe, 329  
Coelho, 321, 322, 323, 340  
Coelho, Jorge, 321, 340  
Colégio de Santo António, 357  
Conceição, Jerónimo da, 349  
Crisipo, 333  
Cupido, 327, 330, 349

**D**

Dardânio, 327  
Dédalo, 328  
Deus, 343, 361  
deus (-a, -es, -as), 317, 322, 325, 334, 336, 337, 338, 342, 346, 357  
Dictina, 338  
Dirce, 350  
Direito, 316, 321, 335, 356, 358  
Direito Canónico, 316, 335  
Direito Civil, 316, 335  
Dórilas, 335, 344  
Dríades, 336

**E**

Empédocles, 333  
Endimião, 337  
Eólio, 325  
Erínia, 322  
Éritras, 323  
Escola Cardosiana, 357  
Éson, 329  
Esparta (espartano, a, os, as), 324  
Espartanos, Os, 331  
Estaço, Aquiles, 331

Eurínome, 328

**F**

Febo, 314, 317, 319, 333, 336, 337, 339,  
342, 346, 347, 349, 351

Filémon, 334

Flavénio, 332

**G**

Galos, Os, 355

Ganges, 324

Garamantes, Os, 322

Getas, Os, (gético, -a, -os, -as), 322

Glauco, 329

Gomes, Aires, 319

Gramática, 356

Grécia (grego, -a, -os, -as), 356

**H**

Hélicon, 314, 316, 323, 350, 357

Henrique, Cardeal D., 321, 358

Hermo, 323, 332

Hibla, 323

Himeto, 323, 337

Homero, 316, 323

Horácio Flaco, Quinto, 335, 340, 356

**I**

Iberos, 355

Ílion, 323

Índianos, Os, 323, 355

**J**

Júpiter (Jove), 317, 323, 327, 334, 345,  
350, 351

Juventude, 352

**L**

Lácio (latino, -a, -os, -as), 335, 339, 345

lacónico, 331

Lares (deuses), 345, 350

latim, 317, 335, 336

Latona, 328

Leão, Gaspar Lopes de, 354

Lerna, 349

Lesbos (lésbio, -a, -os, -as), 341

Letes, 359

Líbia, 345, 349

Lídia, 323

Lieu, 329

Lília, 337

Lusitânia (lusitano, -a, -os, -as), 331

**M**

Madeira, Ilha da, 345, 346

Martins, António, 316, 358

Martins, Doutor António, 357

Mecenas, 348

Medeia, 329

Megera, 321

Méroe, 322

Migdónia, 323

Minerva, 325, 339, 359

Mnemósine, 333

Molorco, 334

Mopso, 335, 344

Morais, Inácio de, 356

Mouros, Os, (mouro, -a, -os, -as), 343,  
355, 361

Musa (-as), 314, 316, 319, 327, 341,  
342, 345, 346, 349, 350, 355, 356

**N**

Némea, 322

Nereu, 345

Nérito, 316

Nestor de Pilos, 317, 339, 359

númen (-es), 315, 319, 322

**O**

Oceano, 339, 345

Ocidente (ocidental, -ais), 334, 337, 342

Ógiges, 329

Orestes, 326

Oriade, 317

Oriente (oriental, -ais), 321, 323, 334

Ovídio Nasão, Públio, 316, 323

**P**

Pactolo, 323

Palas, 325, 328, 338, 351, 352, 357

Paris, 319  
Parnaso, 314, 350  
Paros, 328  
Paulo, 360, 361  
Pela, 321, 332  
Penates (deuses), 351  
persuasão, 357  
Piéria (Piério, -a, -os, -as), 333  
Piérides, 347, 357  
Pimenta, António, 350, 351, 352, 353  
Pírois, 337, 339  
Pítón, 333  
Platão, 356  
Ponto, 321, 355  
Porsena, 361  
Portalegre, 354  
Portugal, Afonso de, 342

### R

Resende, André de, 333  
Ribeiro, Francisco, 348  
Roma (romano, -a, -os, -as), 314, 319,  
353, 358, 361

### S

Safo, 337, 341, 351  
Sálmacide, 334, 336  
Sanches, 339  
Sanches, Pedro, 335, 336  
Santarém, 350  
São Miguel, Ilha de, 345  
Sardenha, 345  
Sereias, 316  
Setentrião (setentrional, -ais), 319  
Sibila de Cumas, 314, 351  
Silva, Paulo da, 360  
Sílvia, 327, 328, 330  
Sísifo, 322  
Sócrates (socrático, -a, -os, -as), 333  
Sol, 328, 339  
Sousa, Aires de, 360  
Sousas, 361

### T

Tália, 322, 345, 350  
Tântalo, 322

Teive, Baltasar de, 317, 335, 344  
Teive, Gaspar de, 317  
Tejo, 323, 339  
Teles, 361  
Tersita, 317  
Titã, 322, 327, 357  
Tonante, 325, 328, 360  
Touro, Signo do, 327  
Trácia (trácio, -a, -os, -as), 322  
Tritónia, 338

### V

Valério Flaco, 332  
Vargueiro, António, 345  
Vaz, Álvaro, 314  
Vénus, 323, 325, 328, 337, 338  
Virgílio Marão, Públio, 316, 356

Índice Remissivo do  
Silvarum Liber Vnus

**A**

Abreu, 378  
 Academia de Lisboa, 392  
 Admeto, 404  
 África, 412  
 Africanos, Os, 413  
 Aganipe, 378  
 Águias (insígnia), 413  
 Alceste, 404  
 Alcino, 397, 405  
 Alpes, 381, 403  
 Andes, 371, 377  
 André, 368  
 Andrómaca, 404  
 Antigos, Os, 417  
 Antiguidade, 370, 397  
 António, 365, 366, 374  
 Aónia, 368, 377, 380  
 Apolo, (apolíneo, -a, -os, -as), 370, 371, 377, 380, 385, 388, 395, 411  
 Apúlia, 397  
 Aquiles, 367, 405  
 Árabes, Os, 392  
 Arpinate, 373  
 Ária, 404  
 Asera, 368, 378  
 Astreia, 393  
 Átalo, 392  
 Atenas, 372, 386, 396  
 Atlante, 407, 408  
 Aurora, 368

**B**

Baco, 396  
 Balança, Signo da, 398  
 Barreira, João da, 363  
 Bato, 399  
 Belgas, Os, 386  
 Bétis, 398, 409  
 Bóreas, 369, 382, 386, 396, 401, 413  
 Bragança, 412  
 Brómio, 401  
 Bruto, 404

**C**

Cadmo, 369

Cálidon, 370  
 Calfope, 389, 417  
 Camena (-as), 367, 380, 386, 390, 417  
 Canapeu, 404  
 Câncer, 396  
 Canícula, 399, 403  
*Canto Real*, 377  
 Cão, Pedro, 376  
 Cardoso, Jerónimo, 363, 364, 378, 411  
 Caríbdis, 369  
 Cárites, 378, 395  
 Carlos V, 363, 411  
 Cárpatos, 409  
 Castália, 365, 368, 374, 398, 407  
 Castor, 386  
 Catão, 373, 383  
 Cáucaso, 407  
 Cécrops, 387, 406  
 Ceres, 370, 397  
 César, 363, 377, 394, 396, 411, 412, 414, 416  
 Cévola, 393  
 Cícero, Marco Túlio, 385  
 Cila, 369  
 Cilícia, 383  
 Cinife, 396  
 Cíntia, 370, 408, 413  
 Cinto, 368, 371  
 Cirra, 368, 380, 401  
 Cítia, 405  
 Cleonas, 365  
 Coimbra, 378  
 Cordeiro, Gomes, 378  
 Costa, Manuel da, 377  
 Couto, 378  
 Cresos, 406  
 Creta, 384

**D**

D. Henrique, Cardeal, 414, 416  
 D. Joana, filha de Carlos V, 363, 411, 416  
 D. João, 363, 411, 415  
 D. Luís, irmão de D. João III, 412  
 D. Manuel I, Rei de Portugal, 414  
 D. Maria, filha de D. Manuel I, 414  
 D. Sebastião, Rei de Portugal, 363  
 D. Teodósio, 412

Dácios, Os, 403  
 Danúbio, 403  
 Dédalo, 384  
 Delos (délío, -a, -os, -as), 371, 380, 395  
 Deus, 375, 414  
 deus (-a, -es, -as), 365, 367, 368, 369, 370, 374, 375, 379, 381, 392, 393, 394, 395, 407, 408, 410, 413, 414, 415, 416  
 Dezembro, 411  
 Direito, 377, 378, 392, 393, 394, 395, 396, 416

**E**

Éolo, 382, 412  
 Elísio, 383  
 Esmirna, 371, 394  
 Estação, Aquiles, 405  
 Estêvão, Diogo, 388  
 Estige, 380, 395, 410  
 Estrela da Tarde, 414  
 Etíopes, Os, 416  
 Euro, 417

**F**

Febo, 366, 368, 378, 381, 388, 390, 391, 401, 407, 408, 414, 417  
 Fernando, 413  
 Freitas, António de, 374

**G**

Ganges, 414, 416, 417  
 Garamantes, Os, 399  
 Gauleses, Os, 413, 414  
 Germânia, 413, 416  
 Germanos, Os, 414  
 Getas (gético, -a, -os, -as), 368  
 Gonçalo, 393, 394  
 Grécia (grego, -a, -os, -as), 376, 387, 401, 409  
 Gregos, Os, 387, 396

**H**

Heitor, 404  
 Hélicon, 368, 371, 375, 376, 378, 388, 407

Hespéria, 409  
 Hespérides, 397, 405  
 Hibla, 405, 410  
 Hidaspes, 400  
 hidra, 384  
 Himeto, 405  
 Hipérion, 369  
 Hispanos, Os, 380  
 História, 417  
 Homero, 396, 416

**I**

Ibéria (ibero, -a, -os, -as), 416  
 Iberos, Os, 381, 391, 413  
 Idade de Ouro, 374  
 Idálio, 401  
 Ílion, 373  
 Inácio, 401  
 Indianos, Os, 364, 399  
 Índias, 400  
 Infernos (infernai, -ais), 368, 396, 407  
 Inverno (-os), 381, 391, 396, 399  
 Ismara, 372  
 Itália, 397, 414

**J**

João, 363, 416  
 Jorge, 392  
 Júlia, 404  
 Júpiter, 372, 389, 392, 393, 394, 398, 409, 413, 414

**L**

Lácio (latino, -a, -os, -as), 370, 376, 387, 400, 410  
 Laertes, 404  
 Laodamia, 404  
 Latim, 385  
 Lealdade, 375  
 Leão, 365, 399, 403, 413  
 Letes, 376, 380, 389, 391, 407  
 Leucádio, 386  
 Líber, 409  
 Libetra, 369  
 Líbia, 370, 392, 399, 412, 413  
 Libitina, 375  
 Licáon, 386

Liceu, 401  
Licurgo, 394  
Lieu, 370  
Lisboa, 363, 364, 392, 412  
Lovaina, 386  
Lucina, 408  
Lucrécia, 404  
Lusitânia (lusitano, -a, -os, -as), 415, 416, 417  
Luso, 393, 409, 412, 413, 414, 415

### M

Macáon, 395  
Magno, 393, 404  
Mancelo, 363, 364  
Manes (deuses), 381, 393  
Mântua, 376, 394, 410  
Manuel, 377  
Marceu, 389, 390  
Maroneia, 396  
Marte, 368, 370, 393, 413  
Medicina, 395  
Medusa, 410  
Melete, 409  
Menálio, 369  
Meónia, 376, 390  
Midas, 406  
Minerva, 367, 384, 385, 387  
Mitilene, 410  
Mondego, 366  
Mopsópia, 407  
Morais, Inácio de, 401  
Musa (-as), 365, 367, 372, 375, 378, 385, 386, 387, 388, 389, 394, 396, 405, 407

### N

Neleu, 373  
Nemea, 370  
Neptuno, 412  
Nero, 406  
Nestor, 374  
ninfas, 381  
Nisa, 401, 408  
Noto, 382  
Noto (-os), 365, 369, 412  
Numa, 392  
númen, 393, 407

### O

Oceano, 386, 408, 411  
Ocidente (ocidental, -ais), 414, 416  
Olimpo, 375, 376, 381, 384, 390, 396, 405, 412, 414  
Olimpo (olímpico, -a, -os, -as), 393, 409  
Orestes, 381  
Oriente (oriental, -ais), 400, 417  
Orontes, 383  
Outono, 401

### P

paço (-os), 411, 414, 415, 416  
Pactolo, 369  
Palas, 368, 377, 386, 391, 392, 397, 407  
Papiniano, 393  
Parca (-as), 365, 372, 375, 391, 394, 409, 411  
Parnaso, 377, 378, 409, 411  
Pasíteia, 401  
Péane, 368, 389  
Pedro, 363, 364, 372, 376, 414  
Pégaso, 393  
Peixes, Signo de, 365  
Penélope, 404  
Permessos, 374  
Perseu, 384  
Pérsia, 370  
Pesto, 383  
Peto, 404  
Piéria, 380  
Piérides, 365, 380, 388  
Pílades, 372, 381  
Pilos, 368, 383, 410  
Pirene, 378  
Pires, 398, 400  
Pires, Luís, 398  
Pirítoo, 381  
Plauto, Tito Mácio, 416  
Podalírio, 395  
Pólux, 386  
pontífices, 394  
Pórcia, 404  
Primavera, 396  
Príncipe, 363, 416, 417

Probidade, 375  
Prometeu, 407, 409  
Protesilau, 404

**Q**

Quirites, 397, 416  
Quíron, 367

**R**

Rainha, 414, 416, 417  
Rei, 363, 411, 412, 413, 414, 416, 417  
Reino, 412  
Reno, 381  
Resende, Lúcio André de, 368, 370  
Rifeus, 403  
Rodrigues, Salvador, 380  
Roma (romano, -a, -os, -as), 370, 385,  
397  
Rómulo, 392, 416  
Rostros, 369, 410

**S**

Salamanca, 380, 382  
Saldanha, António de Meneses, 365  
Salvador, 380  
Sanches, 372  
Santa Cruz, 396  
São Pedro, 416  
Sardenha, 405  
Sarmácia, 398  
Saturno, 374  
Séneca, Lúcio Aneu, 406  
Sereias, 413  
Setentrião (setentrional, -ais), 396  
Sibilas da Eubeia, 368  
Sicília (sículo, -a, -os, -as), 370, 372,  
397, 403, 405, 413  
Siene, 381  
Sileno, 409  
Simoente, 371  
Sirte, 403  
Sol, 414, 416

**T**

Talia, 366, 370, 405  
Tâmiras, 401  
Taumante, 382, 401

Tejo, 369, 381, 398, 408, 411, 414  
Témis, 409  
Teodoro, 407  
Terêncio Africano, Públio, 416  
Terra, 369  
Teseu, 381  
Tessália, 372, 381  
Tétis, 408  
Titã, 365, 382, 405  
Tonante, 394, 396, 399, 405, 407  
Tormes, 380, 382, 391  
Trácia (trácio, -a, -os, -as), 368  
Tritónia, 401  
Tróia, 367, 371

**U**

Ulisses, 371, 386, 411

**V**

Venafro, 396  
Vénus, 401  
Virtude, 375

**Z**

Zéfiro (-os), 369, 392, 396

Índice Remissivo do  
Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa  
Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta  
Seriem Alphabeticam Perutili Expositione

**A**

Alemão, 419, 420

**B**

Barreira, João da, 419

**C**

Cardoso, Jerónimo, 420

Coimbra, 419, 421

Cómodo, 420

**D**

D. Sebastião, Rei de Portugal, 420

Deus, 421

**I**

Inquisição, 419

**J**

Julho, 419, 421

**L**

Lácio (latino, -a, -os, -as), 421

Lusitânia (lusitano, -a, -os, -as), 419, 421

Lusitanos, Os, 420

**P**

Pólux, Júlio, 420

**S**

Sebastião, 419, 420

Stockhamer, Sebastião, 419, 420

## Bibliografia

## 1. Bibliografia Cardosiana

CARDOSO, Jerónimo, *Apologus de Morte, et de Pastore cum Aliis Elegiacis*. Olysipone, apud eundem Typog. [João Blávio], 1558.

\_\_\_\_\_, *De Monetis tam Graecis quam Latinis. Item de Ponderibus et Mensuris ad Praesentem Vsum Redactis, Anacephalaeosis, Conimbricae*. Apud Ioannem Aluarum Typographum Regium. M.D.LXI.

\_\_\_\_\_, *Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum. Nunc Diligentiori Emmendatione Impressum*. Conimbricae, apud Ioannem Aluarum Typographum Regium. M.D.LXII.

\_\_\_\_\_, *Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum, cum Adagiorum fere Omnium Iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione. Ecclesiasticorum etiam Vocabulorum Interpretatione. Item de Monetis, Ponderibus, et Mensuris, ad Praesentem Vsum Accommodatis*. Excussit Ioan. Barrerius Conimbricae, 1570.

\_\_\_\_\_, *Elegiarum Liber (sic) II. Ad Doctorem Aluarum Vaz Iurisconsultum Peritissimum*, Vlisipone. Apud Ioannem Barrerium Typographum Regium M.D.LXIII.

\_\_\_\_\_, *Epistolarum Familiarium Libellus*, Olysipone, apud Ioannem Barrerium Typographum Regium, 1556.

\_\_\_\_\_, *Grammaticae Introductiones Breuiores et Lucidiores, quam Ante hac Aliae in Lucem Editae Sunt Ad Clarissimum Puerum D. Ioannem Menesium Praestantissimi Viri .D. Alphonsi Menesii Vasconcelii Filium, Commitisque Penelae Nepotem*.

\_\_\_\_\_, *Institutiones in Linguam Latinam Breuiores, et Lucidiores quam Antehac Aliae in Lucem Editae Sunt*. Ad inuictissimum D. Sebastianum

Lusitaniae Regem. Impressum Olyssipone in officina Ioannis Blauui, de Agrippina Colonia, Anno Domini 1562.

\_\_\_\_\_, «Jerónimo Cardoso envia saudações a Jerónimo Osório, escrivão da puridade do Príncipe D. Luís» in *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, D. Jerónimo Osório, trad., introd. e anotações de A. Guimarães Pinto, Lisboa, Col. Pensamento Português, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, pp. 244-246.

\_\_\_\_\_, *Libellus de Terrae Motu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*, Conimbricae, apud Ioannem Barrerium, et Ioannem Aluarum Typographos Regios, M.D.L.

\_\_\_\_\_, *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas*, reprodução fac-similada da edição de 1550, trad. de Miguel Pinto de Meneses e introd. de Justino Mendes de Almeida, Lisboa, Instituto de Alta Cultura-Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1965.

\_\_\_\_\_, *Siluarum Liber Vnus. Ad Petrum Aluarum Mancelum Patritium Adolescentem. Accessit Praeterea Epithalamion Serenissimae D. Ioannae Reginae Designatae Quinti Caroli Caesaris Filiae, et Serenissimi Principis D. Ioannis, Sebastiani Regis Nostri Inuictissimi Patris*, Vlyssipone. Apud Ioannem Barrerium. M.D.LXIII.

\_\_\_\_\_, *O Humanista Lamecense Jerónimo Cardoso*, Introdução, selecção, versão e notas de J. Mendes de Castro, Lamego, Edição da Câmara Municipal de Lamego, 2002.

## 2. Bibliografia Geral

### 2.1. Edições e Traduções

*A Bíblia de Jerusalém*, trad. do texto em língua portuguesa directamente dos originais, tradução das introduções e notas de *La Sainte Bible*, edição de 1973, publicada sob a direcção da «École Biblique de Jérusalem», nova edição revista, S. Paulo, Edições Paulinas, 1993<sup>6</sup>.

AMMIANVS MARCELLINVS, *Rerum gestarum libri qui supersunt*, edidit W. Seyfarth, L. Jacob-Karau, I. Ulmann, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1978.

AMPELIVS (Lucius Ampelius), *Liber memorialis*, edidit E. Assmann, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1935.

APVLEIVS, *Florida*, edidit R. Helm, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1959.

\_\_\_\_\_, *Metamorphoses*, edidit R. Helm, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1955.

AUTOR DESCONHECIDO, *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, História íntima do século XVI anotada e comentada por José Hermano Saraiva, Lisboa, Col. Biblioteca Universitária-13, Publicações Europa-América, 2ª edição, s.d.

AVSONIVS (Decimus Magnus Ausonius), *Epistulae*, edidit S. Prete, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1978, pp. 233-284.

\_\_\_\_\_, *Ludus septem sapientium*, edidit S. Prete, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1978, pp. 138-149.

BARROS, João de, *Gramática da Língua Portuguesa*, organizada por José Pedro Machado, Lisboa, 1957<sup>3</sup>.

- Bíblia Sagrada-a Boa Nova*, trad. interconfessional do hebraico, do aramaico e do grego em português corrente, Difusora Bíblica (Franciscanos Capuchinhos), 1995<sup>3</sup>.
- CAESAR (Caius Iulius Caesar), *Commentarii belli Gallici*, edidit W. Hering, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1997, pp. 1-147.
- CALPVRNIVS SICVLVS (Titus Calpurnius Siculus), *Eclogae siue Bucolica*, edidit E. Baehrens, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1881, [Poetae Latini Minores, vol. III], pp. 69-102.
- \_\_\_\_\_, *Eclogae siue Bucolica*, edidit E. Baehrens, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1881, [Poetae Latini Minores, vol. III], pp. 69-102.
- CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, Lisboa, Impresna Nacional, 1971.
- CAMPOS, Fernando, *A Casa do Pó*, Lisboa, DIFEL, Difusão Editorial, 2.<sup>a</sup> edição, s.d.
- CATVLLVS (C. Valerii Catulli), *Carmina*, recognouit breuique adnotatione critica instruxit R. A. B. Mynors, Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, 1958.
- CATVLLVS (Caius Valerius Catullus), *Carmina*, edidit H. Bardon, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1973.
- CENSORINVS (pseudo), *Epitoma Disciplinarum (fragmentum Censorini quod uocatur)*, edidit N. Sallmann, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1983, pp. 61-86.
- CELSVS (Aulus Cornelius Celsus), *De medicina*, edidit C. Daremberg, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1891.

CÍCERO, A Amizade, (Introdução, versão do latim e notas de Sebastião Tavares de Pinho), Coimbra, INIC, 1993.

\_\_\_\_\_, *Em Defesa do Poeta Árquias*, introd., trad. e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Lisboa, Col. Clássicos Inquérito-15, Editorial Inquérito, 1986.

CICERO (Marcus Tullius Cicero), *Academica priora siue Lucullus*, edidit O. Plasberg, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1922, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 42], pp. 26-102.

\_\_\_\_\_, *Brutus*, edidit E. Malcovati, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1970, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 4].

\_\_\_\_\_, *De diuinatione*, edidit R. Giomini, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1975, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 46], pp. 1-148.

\_\_\_\_\_, *De finibus bonorum et malorum*, edidit Th. Schiche, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1915, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 43].

\_\_\_\_\_, *De legibus*, edidit C.F.W. Müller, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1905, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, IV, 2], pp. 381-449.

\_\_\_\_\_, *De oratore*, edidit K. Kumaniecki, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 3].

\_\_\_\_\_, *Epistulae ad Atticum*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1987 [2vol.].

- \_\_\_\_\_, *In L. Sergium Catilinam orationes*, edidit ed. P. Reis, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1938, [editio minor].
- \_\_\_\_\_, *Laelius de amicitia*, edidit K. Simbek, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1917, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 47], pp. 46-86.
- \_\_\_\_\_, *Pro L. Murena oratio*, edidit H. Kasten, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1972, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 18].
- \_\_\_\_\_, *Pro P. Sestio oratio*, edidit T. Maslowski, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1986, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 22], p. 4-78.
- \_\_\_\_\_, *Rhetorici libri duo qui uocantur De inuentione*, edidit E. Stroebel, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1915, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 2].
- \_\_\_\_\_, *Tusculanae disputationes*, edidit M. Pohlenz, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1918, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 44].
- \_\_\_\_\_, *Academica posteriora (fragmenta in aliis scriptis seruata)*, edidit O. Plasberg, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1922, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 42], pp. 20-25.
- \_\_\_\_\_, *De Fato*, edidit R. Giomini, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1975, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 46], pp. 149-174.
- \_\_\_\_\_, *De Natura Deorum*, edidit W. Ax, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1933, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 45].

- \_\_\_\_\_, *De Officiis*, edidit C. Atzert, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1963, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 48].
- \_\_\_\_\_, *Cato maior de senectute*, edidit K. Simbeck, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1917, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 47] pp. 3-43.
- \_\_\_\_\_, *Epistulae ad Familiares*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1988.
- \_\_\_\_\_, *In L. Calpurnium Pisonem oratio*, edidit A. Klotz, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1919, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, vol. VII], pp. 406-470.
- \_\_\_\_\_, *In M. Antonium orationes Philippicae*, edidit P. Fedeli, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1986, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 28], pp. 1-183.
- \_\_\_\_\_, *In C. Verrem orationes sex*, edidit A. Klotz, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1923, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, V], pp. 34-350; 2b-172b.
- \_\_\_\_\_, *In M. Antonium orationes Philippicae*, edidit P. Fedeli, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1986, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 28], pp. 1-183.
- \_\_\_\_\_, *Orator*, edidit P. Reis, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1932, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 5].
- \_\_\_\_\_, *Paradoxa Stoicorum ad M. Brutum*, edidit C.F.W. Müller, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1890, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, pars IV, vol. III], pp. 197-213.

\_\_\_\_\_, *Pro L. Valerio Flacco oratio*, edidit L. Fruechtel, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1932, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 20], pp. 182-243.

\_\_\_\_\_, *Pro M. Caelio oratio*, edidit T. Maslowski, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 23], pp. 51-149.

\_\_\_\_\_, *Pro M. Claudio Marcello oratio*, edidit A. Klotz, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1918, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, vol. VIII], pp. 69-81.

\_\_\_\_\_, *Rhetorica ad Herennium (De ratione dicendi ad C. Herennium libri IV)*, edidit F. Marx, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1923.

CICERO (pseudo) (infimae antiquitatis - aetatis patrum) (Marcus Tullius Cicero [pseudo]), *Epistula ad Octavianum*, edidit C.F.W. Müller, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1908, [M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, III, 2], pp. 561-565.

CLAVDIVS CLAVDIANVS, *Panegyricus dictus Honorio Augusto quartum consuli (Carmina maiora, VIII)*, edidit J. B. Hall, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1985, pp. 61-85.

\_\_\_\_\_, *De raptu Proserpinae*, edidit J. B. Hall, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1985, pp. 289-341.

\_\_\_\_\_, *In Rufinum (Carmina Maiora, 2-5)*, edidit J. B. Hall, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1985, pp. 12-51.

- \_\_\_\_\_, *Panegyricus dictus Mallio Theodoro consuli* (*Carmina Maiora*, 16-17), edidit J. B. Hall, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1985, pp. 128-142.
- COLVMELLA (Lucius Iunius Moderatus Columella), *Res rustica*, edidit V. Lundström, A. Josephson, S. Hedberg, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1897-1968.
- CVRTIVS RVFVS (Quintus Curtius Rufus), *Historia Alexandri Magni*, edidit E. Hedicke, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1912.
- De uiris illustribus liber incerti auctoris*, edidit F. Pichlmayr, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1911, pp. 25-74.
- ENNIVS (Quintus Ennius) [fragmenta in aliis scriptis seruata], *Scaenica fragmenta incerta (in aliis scriptis seruata)*, edidit J. Vahlen, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1903, [Ennianae poesis reliquiae], pp. 191-203.
- ERASMO DE ROTERDÃO, *Elogio da Loucura*, tradução, prefácio e notas de Maria Isabel Gonçalves Tomás, Lisboa, Col. Livros de Bolso Europa-América-61, Europa América, s.d.
- FESTVS (Sextus Pompeius Festus), *Epitoma operis de uerborum significatu Verrii Flacci (fragmenta quae exstant)*, edidit W.M. Lindsay, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1913, pp. 114-518.
- GELLIVS (Aulus Gellius), *Noctes Atticae*, edidit C. Hosius, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1903.
- HÉRODOTE, *Histoires-livre II- Euterpe*, texte établi et traduit par Ph. -E. Legrand, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1982<sup>6</sup>.

- \_\_\_\_\_, *Histoires- livre V- Therpsichore*, texte établi et traduit par Ph.-E. Legrand, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1989<sup>4</sup>.
- HORÁCIO, *Arte Poética*, introd., trad. e comentário de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Col. Clássicos Inquérito-11, Editorial Inquérito, 1990<sup>2</sup>.
- HORATIVVS (Q. Horatii Flacci), *Opera*, recognouit breuique adnotatione critica instruxit Eduardus C. Wickham, editio altera curante H. W. Garrod, Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, 1901.
- \_\_\_\_\_, *Carmina*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995<sup>3</sup>, pp. 1-134.
- \_\_\_\_\_, *De arte poetica (epistula ad Pisones)*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995<sup>3</sup>, pp. 310-329.
- \_\_\_\_\_, *Epistulae*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995<sup>3</sup>, pp. 251-309.
- \_\_\_\_\_, *Epodi (Iambi)*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995<sup>3</sup>, pp. 139-164.
- \_\_\_\_\_, *Sermones (Saturnae)*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995<sup>3</sup>, pp. 165-250.
- HYGINVS MYTHOGRAPHVS, *Fabulae*, edidit P.K. Marshall, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1993, pp. 15-200.
- IVSTINVS (Marcus Iunian[i]us Iustinus), *Epitoma historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, edidit O. Seel, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1985, pp. 1-302.

IVVENALIS (Decimus Iunius Iuuenalis), *Saturae*, edidit J. Willis, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1997.

*Liuiani operis periochae*, edidit O. Rossbach, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1910, pp. 1-121.

LIVIVS (Titus Liuius), *Ab urbe condita*, editores uarii (Libri I-X: ed. W. Weissenborn et M. Müller, 1932; Libri XXI-XXII: ed. T.A. Dorey 1971; Libri XXIII-XXV: ed. T.A. Dorey 1976; Libri XXVI-XXVII: ed. P.G. Walsh, 1989; Libri XXVIII-XXX: ed. P.G. Walsh, 1986; Libri XXXI-XL: ed. J. Briscoe, 1991; Libri XLI-XLV: ed. J. Briscoe, 1986), Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1932-1991.

LVCANVS (Marcus Annaeus Lucanus), *Bellum ciuile (Pharsalia)*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1988.

LVCILIVS (Caius Lucilius) [fragmenta in aliis scriptis seruata], *Saturarum fragmenta (in aliis scriptis seruata)*, edidit F. Marx, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1904.

LVCRETIVS (Titus Lucretius Carus), *De rerum natura*, edidit J. Martin, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1969, pp. 2-281.

MACROBIVS AMBROSIVS THEODOSIVS, *Commentarii in Somnium Scipionis*, edidit J. Willis, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1970, pp. 1-154.

---

\_\_\_\_\_, *Saturnalia*, edidit J. Willis, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1970.

MANILIVS (Marcus Manilius), *Astronomica*, edidit G.P. Goold, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1985.

- MARTIALIS (Marcus Ualerius Martialis), *Epigrammata*, edidit D.R. Shackleton Bailey, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1990, pp. 14-431.
- MELA (Pomponius Mela), *De chorographia*, edidit C. Frick, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1880.
- MORAIS, Inácio de, *Conimbricae encomium ab Ignatio Morali editum*, versão em linguagem por A. da Rocha Brito, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1935.
- NEPOS (Cornelius Nepos), *De uiris illustribus*, edidit P.K. Marshall, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1991, pp. 1-101.
- Novo Testamento*, introd. e notas actualizadas de Frei Alcindo da Costa, Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 1992<sup>17</sup>.
- Novum Testamentum Graece et Latine*, Gianfranco Nollí curante, textus graecus, cum apparatu critico-exegetico, Vulgata Clementina et Neovulgata, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1981.
- OVIDE, *Héröides*, Paris, Sociéte D'Édition «Les Belles Lettres», 1991.
- OVIDIVS (Publius Ouidius Naso), *Amores*, edidit R. Ehwald, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1907, [P. Ovidius Naso, vol. I], pp. 1-69.
- \_\_\_\_\_, *Ars Amatoria*, edidit R. Ehwald, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1907, [P. Ovidius Naso, vol. I], pp. 183-246.
- \_\_\_\_\_, *Epistulae ex Ponto*, edidit J.A. Richmond, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1990.
- \_\_\_\_\_, *Fasti*, edidit E.H. Alton, D.E. Wormell, E. Courtney, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1997<sup>4</sup>.

- \_\_\_\_\_, *Heroides (Epistulae Heroidum)*, edidit R. Ehwald, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1907, [P. Ovidius Naso, vol. I], pp. 70-179.
- \_\_\_\_\_, *Ibis*, edidit R. Ehwald - F. W. Levy, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1922, [P. Ovidius Naso, vol. III, fasc. 1], pp. 147-170.
- \_\_\_\_\_, *Metamorphoses*, edidit W.S. Anderson, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1981.
- \_\_\_\_\_, *Remedia Amoris*, edidit R. Ehwald, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1907, [P. Ovidius Naso, vol. I], pp. 247-269.
- \_\_\_\_\_, *Tristia*, edidit J.B. Hall, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995.
- PERSIVS (Aulus Persius Flaccus), *Saturae*, edidit C.F. Hermann, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1881.
- PETRONIVS [Arbiter], *Satyrica*, edidit K. Müller, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1995, pp. 1-175.
- PHAEDRVS, *Fabulae*, edidit L. Müller, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1879, pp. 1-50.
- PIRES, Diogo, *Antologia Poética*, introd., trad., comentário e notas de Carlos Ascenso André, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-1, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1983.
- PLATÃO, *A Alegoria da Caverna- Livro VII da República*, tradução original e notas de Pinharanda Gomes, comentário filosófico de Paulo Loução, Lisboa, Ésquilo- Edições e Multimédia, 2002.

- PLAVTVS (Titus Macc[i]us Plautus), *Poenulus*, edidit Goetz G.-Schoell Fr., Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1896, [T. Macci Plauti Comoediae, fasc. V], pp. 128-207.
- \_\_\_\_\_, *Pseudolus*, edidit Goetz G.-Schoell Fr., Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1896, [T. Macci Plauti Comoediae, fasc. VI], pp. 2-83.
- \_\_\_\_\_, *Asinaria*, edidit G. Goetz et F. Schoell, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1922, [T. Macci Plauti Comoediae, fasc. I], pp. 62-112.
- \_\_\_\_\_, *Bacchides*, edidit G. Goetz et F. Schoell, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1904, [T. Macci Plauti Comoediae, fasc. II], pp. 2-57.
- \_\_\_\_\_, *Captivi*, edidit G. Goetz et F. Schoell, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1904, [T. Macci Plauti Comoediae, fasc. II], pp. 60-109.
- \_\_\_\_\_, *Casina*, edidit G. Goetz et F. Schoell, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1904, [T. Macci Plauti Comoediae, fasc. II], pp. 112-161.
- \_\_\_\_\_, *Curculio*, edidit Goetz G.-Schoell Fr., Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1901, [T. Macci Plauti Comoediae, fasc. III], pp. 44-83.
- \_\_\_\_\_, *Miles Gloriosus*, edidit Goetz G.-Schoell Fr., Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1895, [T. Macci Plauti Comoediae, IV], pp. 128-222.
- \_\_\_\_\_, *Mostellaria*, edidit G. Goetz et Fr. Schoell, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1927.
- \_\_\_\_\_, *Stichus*, edidit Goetz G.-Schoell Fr., Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1896) [T. Macci Plauti Comoediae, fasc. VI], pp. 166-212.

PLINE L' ANCIEN, *Histoire Naturelle- livre I*, texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu, introduction de Alfred Ernout, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1950.

\_\_\_\_\_, *Histoire Naturelle- livre VII*, texte établi, traduit et commenté par Robert Schilling, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1977.

PLINIVS MAIOR (Caius Plinius Secundus), *Naturalis historia*, edidit L. Ian / C. Mayhoff, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1892-1909.

PLINIVS MINOR (Caius Plinius Caecilius Secundus), *Epistulae*, edidit M. Schuster, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1958<sup>3</sup>, pp. 4-366.

PLUTARQUE, *Oeuvres Morales-Tome V-2<sup>e</sup> Partie- Isis et Osiris*, texte établi et traduit par Christian Froidefond, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1988.

\_\_\_\_\_, *Vies-Tome IX, Alexandre-César*, texte établi et traduit par Robert Flacelière et Émile Chambry, Paris, Société d'Éditions «Les Belles Lettres», 1975.

PRISCIANVS, *Institutiones grammaticae*, edidit M. Hertz / H. Keil, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1855-1859, [Grammatici Latini, II-III], vol. II: pp. 1-597; vol. III: pp. 1-377.

PROBVS (pseudo) [Marcus Ualerius Probus (pseudo) - Scripta Probiana], *Commentarius in Vergilii Bucolica et Georgica*, edidit G. Thilo / H. Hagen, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1902, [Servii grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii, vol. III, 2], p. 323, l. 1-2; p. 324, l. 8 - p. 387.

PROPERTIVS (Sextus Propertius), *Elegiae*, edidit P. Fedeli, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1994 [ed. correctior].

*Publilii Syri Sententiae*, edidit W. Meyer, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1880, pp. 17-59.

QVINTILIANVS (Marcus Fabius Quintilianus), *Institutio oratoria*, edidit L. Radermacher et V. Buchheit, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1971.

*Rhetorica ad Herennium (De ratione dicendi ad C. Herennium libri IV)*, edidit F. Marx, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1923.

RESENDE, André de, *Obras Portuguesas*, prefácio e notas do Prof. José Pereira Tavares, Lisboa, Col. Clássicos Sá da Costa, Livraria Sá da Costa, 1963.

RESENDE, Garcia de, *Livro das Obras de Garcia de Resende*, edição crítica, estudo textológico e linguístico por Evelina Verdelho, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

SALLVSTIVS (Caius Sallustius Crispus), *De coniuratione Catilinae*, edidit A. Kurfess, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1957, pp. 2-52.

SENECA [philosophus] (dubium) [Lucius Annaeus Seneca (dubium)], *Hercules Oetaeus*, edidit R. Peiper / G. Richter, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1902, [L. Annaei Senecae tragoediae], pp. 321-394.

SENECA [philosophus] (Lucius Annaeus Seneca), *Epistulae morales ad Lucilium*, edidit O. Hense, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1938, pp. 1-613.

\_\_\_\_\_, *Hercules furens*, edidit R. Peiper / G. Richter, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1902, [L. Annaei Senecae tragoediae], pp. 3-48.

\_\_\_\_\_, *De clementia*, edidit E. Hosius, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1914, pp. 210-251.

\_\_\_\_\_, *Dialogorum liber X: De breuitate uitae*, edidit E. Hermes, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1923, pp. 279-309.

\_\_\_\_\_, *Medea*, edidit R. Peiper / G. Richter, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1902, [L. Annaei Senecae tragoediae], pp. 119-154.

\_\_\_\_\_, *Naturales quaestiones*, edidit H. M. Hine, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1996.

\_\_\_\_\_, *Phoenissae*, edidit R. Peiper / G. Richter, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1902, [L. Annaei Senecae tragoediae], pp. 93-115.

\_\_\_\_\_, *De beneficiis*, edidit E. Hosius, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1914, pp. 1-209.

\_\_\_\_\_, *Dialogorum libri III-V: De ira*, edidit E. Hermes, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1923, pp. 46-150.

\_\_\_\_\_, *Dialogorum liber IX: De tranquillitate animi*, edidit E. Hermes, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1923, pp. 242-278.

\_\_\_\_\_, *Diui Claudii apocolocyntosis (Ludus de morte Claudii)*, edidit R. Roncali, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1990.

\_\_\_\_\_, *Medea*, edidit R. Peiper / G. Richter, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1902, [L. Annaei Senecae tragoediae], pp. 119-154.

\_\_\_\_\_, *Oedipus*, edidit R. Peiper / G. Richter, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1902, [L. Annaei Senecae tragoediae], pp. 203-240.

\_\_\_\_\_, *Phaedra*, edidit R. Peiper / G. Richter, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1902, [L. Annaei Senecae tragoediae], pp. 157-200.

- SENECA [rhetor] (Lucius Annaeus Seneca [rhetor]), *Controversiae (Oratorum et rhetorum sententiae diuisiones colores)*, edidit L. Hakanson, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1989, pp. 1-59; 65-125; 131-135; 142-144; 166-222; 234-276; 283-326.
- \_\_\_\_\_, *Suasoriae (Oratorum et rhetorum sententiae diuisiones colores)*, edidit L. Hakanson, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1989, pp. 331-373.
- SERVIVS GRAMMATICVS (Maurus Seruius Honoratus) ['Seruius auctus'], *Commentarius in Uergilii Aeneidos libros* ['Seruius auctus'], edidit G. Thilo / H. Hagen, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1881-1884. [Servii grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii, vol. I - II].
- SILIVS ITALICVS (Tiberius Catius Asconius Silius Italicus), *Punica*, edidit J. Delz, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1987.
- STATIVS (Publius Papinius Statius), *Achilleis*, edidit A. Marastoni, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1974.
- \_\_\_\_\_, *Siluae*, edidit A. Marastoni, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1970.
- \_\_\_\_\_, *Thebais*, edidit A. Klotz - Th. C. Klinnert, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1973.
- SVETONIVS (Caius Suetonius Tranquillus), *De uita Caesarum*, edidit M. Ihm, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1908.
- TACITE, *Annales- livres XI-XII*, texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1976.

TACITVS (Cornelius Tacitus), *Annales (Ab excessu diui Augusti)*, edidit H. Heubner, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1994 [editio correctior] [P. Cornelius Tacitus, Tom. I].

\_\_\_\_\_, *Dialogus de oratoribus*, edidit H. Heubner, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1983, [P. Cornelius Tacitus, Tom. II, fasc.4].

TERENTIUS (Publius Terentius Afer), *Phormio*, edidit C. Dziatzko, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1874, pp. 33-96.

\_\_\_\_\_, *Adelphoe*, edidit A. Fleckeisen, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1898, pp. 260-304.

\_\_\_\_\_, *Eunuchus*, edidit A. Fleckeisen, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1898, pp. 106-157.

*Panegyricus in Messalam Coruinum Tibullo suppositus* (= Tibullus 3,7), edidit G. Luck, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1988, [Albii Tibulli aliorumque carmina], pp. 84-96.

TIBVLLVS (Albius Tibullus), *Elegiae*, edidit G. Luck, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1988, [Albii Tibulli aliorumque carmina], pp. 1-67.

VALERIUS FLACCVS (Caius Ualerius Flaccus Setinus Balbus), *Argonautica*, edidit W.-W. Ehlers, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1980.

VALERIUS MAXIMVS, *Facta et Dicta Memorabilia*, edidit C. Kempf, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1888, pp. 1-472.

VARRO (Marcus Terentius Varro), *De lingua latina*, edidit G. Goetz et F. Schoell, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1910.

\_\_\_\_\_, *Res rusticae*, edidit G. Goetz, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1929.

\_\_\_\_\_, [fragmenta in aliis scriptis seruata], *Saturarum Menippearum fragmenta (in aliis scriptis seruata)*, edidit R. Astbury, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1985.

VERGILIUS (Publius Vergilius Maro), *Aeneis*, edidit O. Ribbeck, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1895, pp. 211-835.

\_\_\_\_\_, *Eclogae siue Bucolica*, edidit O. Ribbeck, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1894, pp. 1-58.

\_\_\_\_\_, *Georgica*, edidit O. Ribbeck, Lipsiae, Sumptibus et Typis B. G. Teubneri, 1894, pp. 61-208.

## 2.2. Estudos e Artigos

AAVV., *Chartularium Vniuersitatis Portugalensis (1288-1537)*, (coord. António Domingues de Sousa Costa e Miguel Pinto de Meneses), vol. 14 (1530-1532), Lisboa, 2001.

AAVV, «VALASCO (Genealogia)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 18, 1976, pp. 615-616.

AAVV, «VAZ (Genealogia)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 18, 1976, pp. 789-790.

AAVV, *Guia de Portugal*, Vol. 5- Trás-os Montes e Alto-Douro, Tomo II- Lamego, Bragança e Miranda, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995<sup>3</sup>.

- AFFONSO, Domingos, «Teodósio de Bragança (D.) 2)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, p. 1342.
- ALARCÃO, Jorge, *Portugal Romano*, Lisboa, Editorial Verbo, Col. Historia Mundi-33, edição revista, 1987<sup>4</sup>.
- ALMEIDA, J. A. Ferreira de, et alii, *Tesouros Artísticos de Portugal*, Porto, Selecções do Reader's Digest, 1980<sup>2</sup>.
- ALMEIDA, Guilherme de, *Roteiro do Céu- Como identificar facilmente as estrelas e as constelações sem se perder no céu*, Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 1999<sup>3</sup>.
- ALMEIDA, Justino Mendes de, «A Obra Pedagógica de Jerónimo Cardoso (Lamego, c. 1508- Lisboa, 1569)» in *Humanismo para o Nosso Tempo, Homenagem a Luís de Sousa Rebelo*, Lisboa, 2004, pp. 159-169.
- \_\_\_\_\_, «Uma carta latina do humanista Jerónimo Cardoso» in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, 3, 1957, pp. 207-213.
- \_\_\_\_\_, «O primeiro lexicógrafo português de língua latina: Jerónimo Cardoso» in *Euphrosyne*, Lisboa, 2, 1959, pp. 139-152.
- \_\_\_\_\_, «Introdução» in *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas* (V.), 1965.
- ANDRADE, Banha de, «Brás de Barros (D.)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 3, 1965, pp. 1815-1816.
- ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Publicações da Biblioteca Nacional, reedição, 1977.

- ANTÓNIO, Nicolau, «HIERONYMVS CARDOSUS» in *Bibliotheca Hispana*, Tomo I, Romae, ex Officina Nicolai Angeli Tinassii. MDCLXXII, col. 1, p. 437.
- ANTUNES, M., «ALCEU» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 1, 1963 p. 945.
- \_\_\_\_\_, «ALCIBÍADES» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 1, 1963 p. 945-947.
- \_\_\_\_\_, «ANAXÁGORAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 2, 1964, pp. 148-149.
- \_\_\_\_\_, «ANAXIMANDRO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol.2, 1964, pp. 149-150.
- \_\_\_\_\_, «EMPÉDOCLES» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 421-422.
- \_\_\_\_\_, «EPICURO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 651-653.
- \_\_\_\_\_, «MELISSO DE SAMOS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 13, 1972, pp. 249-250.
- \_\_\_\_\_, «PARMÉNIDES» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 14, 1973, pp. 1354-1355.
- \_\_\_\_\_, «QUÍLON» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, p. 1562.
- ASSUMPÇÃO, Fr. José da, *Hymnologia Sacra em seis partes igualmente dividida*, Tomo II, Lisboa Occidental, M.DCC.XXXVIII.

- ASSUNÇÃO, M.<sup>a</sup> E Simões, «João» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 11, 1971, p. 614.
- ATTWATER, Donald, *Dicionário de Santos*, trad. de Jorge Pinheiro, Lisboa, Publicações Europa-América, 1992.
- AUTOR ANÓNIMO, «AVEIRO (Duques de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, AAVV, Vol. 3, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d., p. 808.
- \_\_\_\_\_, «CALHANDRO (Jorge)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 5, p. 496.
- \_\_\_\_\_, «CARDOSO (Jerónimo)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 5, p. 906.
- \_\_\_\_\_, «COTRIM (André)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 7, p. 927.
- \_\_\_\_\_, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 10, pp. 360- 361.
- \_\_\_\_\_, «GOMES (Duarte)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), vol. 12, p. 518.
- \_\_\_\_\_, «LOPES (Gaspar)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 15, p. 429.
- \_\_\_\_\_, «LUÍS (António)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), vol. 15, p. 597.
- \_\_\_\_\_, «MORAIS, (Inácio de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 17, p. 808.

\_\_\_\_\_, «NUNES (Cristóvão)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), vol. 19, p. 41.

\_\_\_\_\_, «ODEMIRA (Condes de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), vol. 19, pp. 195-197.

\_\_\_\_\_, «OLIVEIRA (Fernão ou Fernando de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), vol. 19, pp. 363-365.

\_\_\_\_\_, «PALÁCIO (Pedro)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), vol. 20, p. 35.

\_\_\_\_\_, «SANCHES, (Pedro)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 26, p. 912.

\_\_\_\_\_, «SILVEIRA, (Fernão da)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 28, p. 907.

\_\_\_\_\_, «TEIVE, (Baltasar de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 31, p. 21.

\_\_\_\_\_, «TEIVE (D. Gaspar de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), vol. 31 p. 23.

\_\_\_\_\_, «VAZ, (Álvaro)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 34, pp. 365-366.

AZEVEDO, José Correia de, *Inventário Artístico Ilustrado de Portugal*, Vol. 2- Trás-os-Montes e Alto Douro, Lisboa, Edições Nova Gesta, 1991.

- BELCHIOR, Maria de Lourdes, «*Bíblia, Influência na Literatura Portuguesa*» in *Dicionário de Literatura*, Vol.2, direcção de Jacinto do Prado Coelho, Porto, Livraria Figueirinhas, 1989<sup>4</sup>, pp. 99-101.
- BOLEÓ, Manuel de Paiva, «Recensão» a J. Mendes de Almeida e Miguel Pinto de Meneses, *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas de Jerónimo Cardoso* (V.) in *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 15, 1969-1971, p. 494.
- BRANDÃO, Mário, *Inácio de Moraes-Conimbricæ encomium*, revisão e prefácio, Coimbra, 1938.
- BUESCU, Victor, «EPAMINONDAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, p. 633.
- \_\_\_\_\_, «CAMILO (Marco Fúrio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, p. 764.
- \_\_\_\_\_, «Canas» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, p. 764.
- \_\_\_\_\_, «CATILINA (Lúcio Sérgio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, pp. 1541-1542.
- \_\_\_\_\_, «CÉVOLA (Gaio Múcio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 5, 1967, pp. 87-88.
- \_\_\_\_\_, «CÓMODO (Lúcio Élio Aurélio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 5, 1967, pp. 1101-1102.
- \_\_\_\_\_, «EMÍLIO PAULO (Lúcio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 406-407.

\_\_\_\_\_, «Hélicon» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 9, 1969, pp. 1704-1705.

\_\_\_\_\_, «Lucrécia» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 12, 1971, p. 633.

CAEIRO, F. da Gama, «Gomes (Álvaro)» in *Verbo- Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura* (V.), Vol. 9, 1969, p. 719.

\_\_\_\_\_, «Luís (António)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), vol. 12, pp. 704-705.

CARITA, Rui, *História da Madeira (1420-1566), Povoamento e Produção Açucareira*, Funchal, Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional da Educação, Juventude e Emprego, 1989.

CARVALHO, J. G. Herculano de, «Oliveira (Fernão ou Fernando de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), vol. 14, p. 576.

CASTRO, Maria Cecília, «Garamantes» in *Verbo- Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura* (V.), Vol. 9, 1969, p. 168.

CASTRO, P. José de, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. 5, Lisboa, Tip. União Gráfica, 1946.

*Catálogo dos Impressos de Tipografia Portuguesa do Século XVI, A colecção da Biblioteca Nacional*, introdução, organização e índices por Maria Alzira Proença Simões, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1990.

CIDADE, Hernâni «*Rimas de Luís de Camões*» in *Dicionário de Literatura* (V.), Vol. 5, 1990<sup>4</sup>, pp. 943-946.

COELHO, Jacinto do Prado, «Deus na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura* (V.), Vol. 2, pp. 256-257.

*Corpo Diplomatico Portuguez contendo os Actos e Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal com as Diversas Potencias do Mundo desde o seculo XVI até os nossos dias*, publicado de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa por José da Silva Mendes Leal, Tomo IX, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1886.

COSTA, Mário Júlio de Almeida, «Adopção» in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. 6, direcção de Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 363.

COUTO, Aires Pereira do, *Inácio de Moraes-Vida e Obra*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1995, (tese de licenciatura dactilografada).

DÍAZ y DÍAZ, M. C., NASCIMENTO, Aires Augusto, et alii, *HISLAMPA (Hispanorum Index Scriptorum Latinorum Medii Posteriorisque Aevi), Autores Latinos Peninsulares da Época dos Descobrimentos (1350-1560)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993.

EMMANUELIS PINII CABRALII, *Magnum Lexicon Latinum, et Lusitanum, ex Diuturnis Celeberrimorum, Eruditissimorumque Philologorum Observationibus Depromptum, ad Plenissimam Scriptorum Latinorum Interpretationem Accomodatum*, Olyssipone, Typis Simonis Thaddaei Ferreira, Editio Altera, MDCCCII.

ESPANCA, Túlio, «Évora» in *Maravilhas de Portugal*, AAVV, Salvat Editora do Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_, *Évora*, Lisboa, Col. Cidades e Vilas de Portugal, Editorial Presença, 1993.

- FERNANDES, Raul Miguel Rosado, «CLÁUDIO CEGO (ÁPIO)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 5, 1967, p. 678.
- FERREIRA, António Gomes, *Dicionário de Latim-Português*, Porto, Porto Editora, 1983.
- FERREIRA, Francisco Leitão, *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra*, 1.<sup>a</sup> parte, 2.<sup>a</sup> edição organizada por Joaquim de Carvalho, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937<sup>2</sup>.
- \_\_\_\_\_, *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra*, 2.<sup>a</sup> parte, Vol. 3, Tomo 1, primeira edição publicada, revista e anotada por Joaquim de Carvalho, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1944.
- FERREIRA, José Ribeiro, «MIDAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 13, 1972, p. 641.
- \_\_\_\_\_, «PIRRO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, pp. 200-201.
- FONSECA, C. A. Louro, «DRUSO (Lívio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 6, 1967, p. 1803.
- \_\_\_\_\_, «Esparta» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 1154- 1160.
- \_\_\_\_\_, «TARQUÍNIOS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, pp. 1070- 1071.
- FREIRE, A., «Arcópago» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 2, 1964, pp. 1037-1038.

FREIRE, J. Geraudes, «Nero» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 13, 1972, pp. 1873-1874..

\_\_\_\_\_, «Numa Pompílio» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 14, 1973, p. 351.

\_\_\_\_\_, «Pompeu» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, pp. 502-504.

GAFFIOT, Félix, *Dictionnaire Latin Français*, Paris, Hachette, 1994.

GARCÍA y GARCÍA, Antonio, «As faculdades de Direito» in *Uma História da Universidade na Europa*, coord. Geral da edição: Walter Rüegg; Vol. I: As Universidades na Idade Média, coordenadora da edição: Hilde de Ridder-Symoens, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1996, pp. 389-410.

GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey, *Mariología*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos- Don Ramón de la Cruz, 1995.

GAYO, Manuel José de Costa Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, vol. 7 (tomos 19, 20 e 21), Braga, Edição de Carvalhos de Basto, 1989, pp. 604-605.

GOMES, J. Pereira, «Antão (Colégio de Santo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), vol. 2, pp. 505-507.

\_\_\_\_\_, «Artes (Colégio das)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 2, 1964, pp. 1412-1415.

\_\_\_\_\_, «Câmara (Luís Gonçalves da)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, pp. 581-582.

GÓMEZ, Luís Martínez, «CARNÉIADES» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, pp. 1127-1128.

\_\_\_\_\_, «CRISIPO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 6, 1967, pp. 361-362.

\_\_\_\_\_, «DIÓGENES DE SINOPE» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 6, 1967, pp. 1431-1432.

GONÇALVES, Patrocínio, «JOÃO BAPTISTA (São)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol.11, 1971, pp. 632-635.

GRIMAL, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, trad. de Victor Jabouille, Lisboa, DIFEL Difusão Editorial, 1992.

JASON, W. H., *História da Arte*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989<sup>4</sup>.

LAMBRINO, Scarlat, «Aníbal» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 2, 1964, pp. 410-411.

LEWIS, T, and SHORT, Charles, *A Latin Dictionary, Founded on Andrews' Edition of Freund's Latin Dictionary*, revised, enlarged, and in great part rewritten by Charlton T. Lewis, Ph. D., Oxford, Clarendon Press, 1996.

*Livros Impressos no Século XVI Existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora- I Tipografia Portuguesa*, Separata do *Boletim da Junta Distrital de Évora*, Évora, 1964.

LUÍS, Mário Helder José Gomes, *Jerónimo Cardoso e os Irmãos Pedro e Rodrigo Sanches (Contributo para a História do Humanismo em Portugal)*, Trabalho de Síntese, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 1995, (dact.).

- MACEDO, Jorge, «CIMÉRIOS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 5, 1967, pp. 479-480.
- MACHADO, Diogo de Barbosa, *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Crítica, Cronológica*, Tomo I (M.CM.LXV), Tomo II e Tomo III (M.CM.LXVI.), Tomo IV (M.CM.LXVII.), Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967.
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Vols. I, II e III, Lisboa, Editorial Confluência e Livros Horizonte, 1993.
- \_\_\_\_\_, *Vocabulário Português de Origem Árabe*, Lisboa, Editorial Notícias, D. L. 1991.
- MARTINS, Isaltina das Dores Figueiredo, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-3, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1986.
- MARTINS, J. V. de Pina, «DESPAUTÉRIO (João)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 6, 1967, pp. 1139-1140.
- \_\_\_\_\_, «POLIZIANO (Ângelo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, pp. 449-450.
- MARTINS, Mário, «Cristo na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura* (V.), Vol. 1, 1989<sup>4</sup>, pp. 230-231.
- MATOS, Luís de, *Les Portugais a l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1950.
- MATTOSO, A. G., «SÁRMATAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 16, 1974, p. 1495.

- \_\_\_\_\_, «Fernando II» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 8, 1969, pp. 607-608.
- \_\_\_\_\_, «Francisco I» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 8, 1969, pp. 1559-1560.
- MAURÍCIO, D., «BUCHANAN (Jorge)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, p. 147.
- \_\_\_\_\_, «Carlos V» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, pp. 1073-1077.
- \_\_\_\_\_, «Catarina de Áustria» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, pp. 1498-1499.
- \_\_\_\_\_, «GÓIS (Damião de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 9, 1969, pp. 696-699.
- \_\_\_\_\_, «Henrique (Cardeal-rei D.)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 9, 1969, pp. 1762-1766.
- \_\_\_\_\_, «Maria, 2, c» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 12, 1971, pp. 1558-1559.
- MEDEIROS, Walter, «PORSENA (Lars)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, pp. 576-577.
- MENDES, J. de Castro, «Doze Tábuas (Lei das)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 6, 1967, pp. 1768-1769.
- MENDONÇA, Henrique Lopes de, *O P.<sup>e</sup> Fernando de Oliveira e a Sua Obra Náutica*, Lisboa, 1898.

- MORAIS, Cristovão Alão de, *Pedatura Lusitana (Nobiliário das Famílias de Portugal)*, Vol. 2, Tomo 1, publicado por Alexandre António Pereira de Miranda Vasconcellos et alii, Porto, Livraria Fernando Machado, 1944.
- MORGAN, Tom, *Saints A Visual Almanac of the Virtuous, Pure, Praiseworthy, and Good*, San Francisco, Chronicle Books, 1994.
- OLIVEIRA, A., «Nunes (Pedro)» in *Verbo- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 14, 1973, pp. 386-387.
- \_\_\_\_\_, «Sete Maravilhas do Mundo (As)» in *Verbo- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 16, 1974, pp. 1880-1881.
- OLIVEIRA, M. Alves de, «Joana de Áustria» in *Verbo- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 11, 1971, pp. 573-574.
- PEREIRA, Belmiro Fernandes, *As Orações de Obediência de Aquiles Estaço*, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-9, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991.
- \_\_\_\_\_, «A Livraria de Aquiles Estaço, *Librorum Venator et Helluo*» in *HVMANITAS*, Vol. 45, 1993, pp.255-305.
- PEREIRA, Cândido Aparício, *Subsídios para a História do Humanismo em Portugal- Pedro e Rodrigo Sanches*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1955, (tese de licenciatura dactilografada).
- PEREIRA, L. Da Silva, «SÁBIOS da Grécia (SETE)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 16, 1974, pp. 1007-1008.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, «ESTESÍCORO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, p. 1506.

\_\_\_\_\_, «ARATO DE SOLI» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 2, 1964, p. 952.

\_\_\_\_\_, «Bucéfala» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, p. 144.

\_\_\_\_\_, «BUDÉ (Guillaume)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, p. 157.

\_\_\_\_\_, «CATÃO (Marco Pórcio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, pp. 1489-1490.

\_\_\_\_\_, «CRESO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 6, 1967, p. 319.

\_\_\_\_\_, «DEMÓSTENES» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 6, 1967, pp. 991-993.

\_\_\_\_\_, «DRÁCON» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 6, 1967, p. 1769.

\_\_\_\_\_, *Estudos de História da Cultura Clássica*, volume I/ Cultura Grega, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988<sup>6</sup>.

\_\_\_\_\_, *Estudos de História da Cultura Clássica*, volume II/ Cultura Romana, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

\_\_\_\_\_, «EUCLIDES DE ALEXANDRIA» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 1751-1752.

- \_\_\_\_\_, «EUDOXO DE CNIDOS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 1759-1760.
- \_\_\_\_\_, «FÍDIAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 8, 1969, pp. 763-765.
- \_\_\_\_\_, «GALENO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 9, 1969, pp. 49-50.
- \_\_\_\_\_, «GÓRGIAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 9, 1969, pp. 788-789.
- \_\_\_\_\_, «HIPARCO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 10, 1970, p. 200.
- \_\_\_\_\_, «HIPÓCRATES DE CÓS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 10, 1970, pp. 228-229.
- \_\_\_\_\_, «MUSEU» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 13, 1972, p. 1581.
- \_\_\_\_\_, «PARRÁSIO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 14, 1973, pp. 1368-1369.
- \_\_\_\_\_, «PITÁGORAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, p. 217.
- \_\_\_\_\_, «PÓLUX» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, pp. 474-475.
- \_\_\_\_\_, «PRAXILA» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, p. 951.

\_\_\_\_\_, «SIBILA» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, p. 38.

\_\_\_\_\_, «SIMÓNIDES» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, p. 181.

\_\_\_\_\_, «SÓCRATES» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, pp. 458-460.

\_\_\_\_\_, «SÓLON» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, pp. 514-515.

\_\_\_\_\_, «TERPANDRO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, p. 1407.

\_\_\_\_\_, «TIRTEU» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, pp. 1594-1595.

PERFEITO, Abílio Alves, «Recensão» a J. Mendes de Almeida, «O primeiro lexicógrafo português da língua latina: Jerónimo Cardoso», *Euphrosyne*, Lisboa, 1959, in *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 11-II, 1961, pp. 219-220.

PINHO, Sebastião Tavares de, *Lopo Serrão e o seu poema «Da Velhice»*, estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, trad. e notas, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-4, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1987.

\_\_\_\_\_, «Rostra» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 16, 1974, p. 903.

- \_\_\_\_\_, «Samnitas» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 16, 1974, p. 1198.
- PIRES, Celestino, «TALES DE MILETO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, pp. 991-992.
- PRIETO, M. H. de Teves Costa Ureña, PRIETO, J. M. de Teves Costa Ureña e PENA, Abel do Nascimento, *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.
- RAMALHO, Américo da Costa, «CARDOSO (Jerónimo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 4, 1966, pp. 1031-1032.
- \_\_\_\_\_, «CARDOSO (Jerónimo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 22, 1991, pp. 182-183.
- \_\_\_\_\_, «CÍCERO (Marco Túlio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 5, 1967, pp. 391-395.
- \_\_\_\_\_, «COELHO (Jorge)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 5, 1967, p. 837.
- \_\_\_\_\_, «ERASMO (Desidério)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 758-761.
- \_\_\_\_\_, «ESTÁCIO (Públio Papínio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, p. 1347.
- \_\_\_\_\_, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 1348-1349.

- \_\_\_\_\_, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 19, (D. L. 1984), p. 1200.
- \_\_\_\_\_, *Estudos Camonianos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980<sup>2</sup>.
- \_\_\_\_\_, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1969.
- \_\_\_\_\_, *Estudos sobre o Século XVI*, Lisboa, Col. Estudos e Temas Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.<sup>a</sup> edição aumentada, 1982.
- \_\_\_\_\_, «Fernandes (João)» in *Verbo- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), vol. 8, 1969, pp. 589-590.
- \_\_\_\_\_, «FLACO (Gaio Valério)» in *Verbo- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), vol. 8, 1969, pp. 994-995.
- \_\_\_\_\_, *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-2, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1985.
- \_\_\_\_\_, «Meneses (D. Pedro de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 13, 1972, pp. 335-336.
- \_\_\_\_\_, «MORAIS (Inácio de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 20, 1980, pp. 575-576.
- \_\_\_\_\_, «MORAIS (Inácio de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 22, 1991, pp. 565-566.

- \_\_\_\_\_, «NEBRIJA (Élio António de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 13, 1972, pp. 1772-1773.
- \_\_\_\_\_, «ORAÇÕES LATINAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 21, 1986, pp. 844-845.
- \_\_\_\_\_, «OSÓRIO DA FONSECA (D. Jerónimo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 14, 1973, pp. 873-874.
- \_\_\_\_\_, *Para a História do Humanismo em Portugal-I*, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-6, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1988.
- \_\_\_\_\_, *Para a História do Humanismo em Portugal-II*, Lisboa, Col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.
- \_\_\_\_\_, «PINHEIRO (António)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira* (V.), Vol. 15, 1973, pp. 114-115.
- \_\_\_\_\_, «PLÍNIO SEGUNDO, chamado O VELHO (Gaio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1973, pp. 310-311.
- \_\_\_\_\_, «RESENDE (André de)» in *Verbo- Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura* (V.), Vol. 16, 1974, pp. 382-384.
- \_\_\_\_\_, «SANCHES (Pedro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 16, 1974, pp. 1224-1225.
- \_\_\_\_\_, «SANCHES (Pedro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 20, 1980, pp. 1121-1122.

- \_\_\_\_\_, «SANCHES (Rodrigo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 20, 1980, p. 1122.
- \_\_\_\_\_, «STOCHAMER (Sebastião)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, p. 671.
- REIS, Telmo Corujo dos, *Contributo para a História do Humanismo em Portugal- Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1997 (tese de mestrado dactilografada).
- RÉVAH, I. S., «Les origines de Jerónimo Cardoso auter du premier dictionnaire portugais imprimé» in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 36, 1964, pp. 277-279.
- RODRIGUES, Martinho Vicente e CÓIAS, Serafim dos Anjos Grasina, *Livros Quinhentistas da Biblioteca Municipal de Santarém*, introd. de José V. de Pina Martins, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1993.
- SÁ, A. Moreira de, «Jerónimo Cardoso e os Mestres da Universidade de Lisboa em 1536» in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. 30, 1983, pp. 253-278.
- SANCEAU, Elaine, «Silveira, António da» in *Dicionário de História de Portugal* (V.), Vol. 5, 1992, pp. 583-584.
- \_\_\_\_\_, «Silveira, Heitor da» in *Dicionário de História de Portugal* (V.), Vol. 5, 1992, p. 584.
- SÉGIER, Jayme de, et alii, *Diccionario Prático Ilustrado, Novo Diccionario Encyclopédico Luso-Brasileiro*, Lisboa, Empresa do Diccionario Prático Ilustrado, 1910.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, «Portugueses no Estudo de Salamanca (1250-1550)» in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Lisboa, III série, 5, 1961.

- SILVA, A., «DRUÍDAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 6, 1967, pp. 1800-1801.
- SILVA, Innocência Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo III, (MDCCCLIX), Tomo VII, (MDCCCLXII), Lisboa, Imprensa Nacional, 1859-1862.
- SILVA, Isidro R. da, «ATÁLIDAS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 2, 1964, pp. 1708-1709.
- \_\_\_\_\_, «AUSÓNIUS (Decimus Magnus)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 2, 1964, pp. 1854-1855.
- SOARES, José Pedro, *Os Sagrados Hymnos da Santa Igreja, Dispostos em Latim por Ordem Alfabética, e Traduzidos em Portuguez, Com a Medição de seus Versos, Explicações, e Notas, Compostos e Dedicados ao Exc.<sup>mo</sup>, e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo de Angra, e das mais Ilhas dos Açores, do Conselho de Sua Alteza Real*, Tomo I., A=L, Lisboa, Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, M. DCCCVI.
- SOTTOMAYOR, A. P. Ferreira, «PELASGOS» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 14, 1973, pp. 1622-1623.
- \_\_\_\_\_, «TEMÍSTOCLES» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, 1975, pp. 1250-1251.
- SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, Atlântida Editora, Tomo III, 1947.
- TEYSSIER, Paul, «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise» in *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, Lisboa, 41, 1980, pp. 7-32.

\_\_\_\_\_, «Les Adages d'Erasmus dans le Dictionnaire Latin-Portugais de Jerónimo Cardoso» in AAVV *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. A. Costa Ramalho*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1992, pp. 127-136.

TOSI, Renzo, *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, trad. de Ivone Castilho Benedetti, São Paulo, Martins Fontes, 1996.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*, prefácio de Américo da Costa Ramalho, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 2.<sup>a</sup> edição fac-similada, 1994<sup>3</sup>.

VASCONCELOS, Flório de, «DÜRER (Albrecht)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (V.)*, Vol. 7, 1968, pp. 44-48.

VAZ, H. Lima, «Dialéctica» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (V.)*, Vol. 6, 1967, p. 1250.

VERDELHO, Telmo, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.

YALURIS, N. y A., *Olímpia, Guía del Museo y del Santuario*, Atenas, Ekdotike Athenon S.A., 1989.

ZANONER, Ângela Maria, *Frases Latinas*, Barcelona, Editorial De Vecchi, 2000.

## Índice do Tomo II

Notas ao Libellus De Terrae Motu.....	3
Notas ao Epistularum Familiarium Libellus.....	59
Notas ao Apologus De Morte et De Pastore cum Aliis Elegiacis.....	145
Notas ao De Monetis tam Graecis quam Latinis.....	155
Notas ao Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum.....	169
Notas às Institutiones in Linguam Latinam.....	173
Notas aos Elegiarum Libri II.....	181
Notas ao Elegiarum Liber II.....	229
Notas ao Siluarum Liber Vnus.....	259
Notas ao Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum.....	303
Anexo.....	309
Índices Remissivos.....	319
Índice Remissivo do Libellus De Terrae Motu.....	321
Índice Remissivo do Epistularum Familiarium Libellus.....	329
Índice Remissivo do Apologus De Morte et De Pastore cum Aliis Elegiacis.....	335
Índice Remissivo do De Monetis tam Graecis quam Latinis.....	339
Índice Remissivo do Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum.....	343
Índice Remissivo do às Institutiones in Linguam Latinam.....	347
Índice Remissivo dos Elegiarum Libri II.....	351
Índice Remissivo do Elegiarum Liber II.....	357
Índice Remissivo do Siluarum Liber.....	363
Índice Remissivo do Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Lusitanicolatinum.....	369
Bibliografia.....	373
1. Bibliografia Cardosiana.....	375
2. Bibliografia Geral.....	377
2.1. Edições e Traduções.....	377
2.2. Estudos e Artigos.....	394
Índice do Tomo II.....	417

Acabou de imprimir-se este Tomo II da obra  
*Poesia, Epistolografia e Oratória de Jerónimo Cardoso*  
no dia 28 de Dezembro de 2005, na Casa da  
Rua Bela de São Tiago, no Funchal,  
Ilha da Madeira